

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**REPRESENTAÇÕES DO REI DA PÉRSIA EM
ÉSQUILO E HERÓDOTO**

SOFIA OLIVEIRA DOS SANTOS

Tese orientada pelo Prof. Doutor Nuno Simões Rodrigues,
especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em
História, na especialidade de História Antiga.

2021

Agradecimentos

Como tudo na vida, esta odisseia foi pontuada por diferentes momentos, altos e baixos. O presente estudo corresponde ao resultado do esforço e da perseverança, de encarar os obstáculos, e de mesmo assim tomar a resolução de continuar em frente e terminar aquilo que se escolheu começar. Porém, a elaboração da Dissertação que aqui se apresenta não teria sido possível, sem o contributo e o apoio de várias pessoas (estejam elas cientes disso ou não). Assim sendo, não poderia deixar de proferir aqui uma palavra de gratidão a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a finalização desta etapa. Embora não se mencione individualmente, cada pessoa; particularizaremos algumas.

Em primeiro lugar, naturalmente, gostaria de expressar a minha gratidão ao meu orientador, o Professor Doutor Nuno Simões Rodrigues, por me ter acompanhado nesta caminhada. Foi graças ao Professor que descobri um interesse em estudar as representações no mundo da literatura e que pude desenvolver as minhas capacidades de análise. O tema escolhido para esta Dissertação, sugerido pelo Professor, permitiu-me corroborar a minha perspectiva de que apesar da realidade ser só uma, cada um a vê com os seus olhos únicos e diferentes. E de que, na busca pela verdade e sabedoria, o diálogo entre todos é chave para o enriquecimento pessoal e coletivo. Os seus comentários e sugestões ajudaram a moldar e a fazer com que o presente trabalho visse a luz do dia. Agradeço sinceramente a sua disponibilidade, a sua paciência e a confiança que depositou em mim, bem como todos os ensinamentos, críticas construtivas e palavras de incentivo e apoio que me deu.

De seguida, gostaria de agradecer, em especial, à Professora Doutora Maria de Fátima Silva, que me apresentou ao mundo do teatro grego, nomeadamente, a Ésquilo com *Sete contra Tebas*, no meu terceiro ano de Licenciatura. O conhecimento que apreendi sobre o pensamento e a cultura gregas nessas aulas foi-me, certamente, proveitoso na hora de escrever o presente trabalho. Agradeço, em particular, as sugestões e dicas dadas pela Professora, que contribuíram para a redação da Dissertação que aqui se apresenta, bem como pela sua atenção e disponibilidade. Deixo ainda uma palavra de reconhecimento à Professora Doutora Carmen Leal Soares, cujos ensinamentos na unidade curricular de História da Grécia Antiga no meu primeiro ano de Licenciatura resultaram no meu primeiro contacto com a obra de Heródoto. Agradeço, em especial, pelo seu tempo e disponibilidade, bem como por todas

as sugestões que ajudaram a construir este trabalho. Gostaria ainda de agradecer a ambas as Professoras pelos materiais de apoio bibliográfico que me forneceram, os quais contribuíram para a composição do presente estudo.

Seguidamente, gostaria de expressar a minha gratidão à Laura, por todas as conversas e telefonemas durante os quais pacientemente me ouviu, por me ajudar a olhar, de um prisma diferente, para as questões e dificuldades que foram surgindo ao longo da elaboração deste trabalho e pelos seus conselhos sinceros e pragmáticos. Obrigada pela tua amizade, apoio e paciência, especialmente nas fases em que me tornei algo “eremita”. Deixo também uma palavra de agradecimento sincero ao Gustavo por várias sugestões que ajudaram a trazer a presente Dissertação à vida. A ambos quero dizer que estou verdadeiramente grata pelas revisões de várias partes do estudo que aqui se apresenta, por todas as sugestões dadas e por se mostrarem sempre disponíveis para os mais variados assuntos relacionados com esta produção.

Não poderia deixar de agradecer à Rita, pela sua amizade, apoio e franqueza. Obrigada pela tua paciência e por me fazeres ver as coisas de forma diferente ou, simplesmente, ajudar-me a pensar de forma mais clara. Obrigada também pelos esclarecimentos pontuais que me auxiliaram na finalização deste trabalho. Gostaria ainda de deixar uma palavra de gratidão à Catarina, que, apesar de algo longe, me deu o seu apoio sincero. Deixo também uma palavra de reconhecimento à Daniela Pereira pelo acesso a alguns materiais bibliográficos relevantes para o presente trabalho.

Por fim, gostaria de expressar a minha gratidão à minha família. Acima de tudo, o meu agradecimento mais sincero e sentido aos meus pais, simplesmente por tudo. Creio que não são precisas muitas palavras para expressar o que vocês já sabem. À minha irmã, Marta, por todos os serões acompanhados a trabalhar e pela dose de paciência que revelou, à sua maneira. Obrigada por acreditarem em mim, mesmo quando eu não o faço.

Agradeço ainda, em especial, à minha Madrinha e ao meu primo João pelo apoio que demonstraram e ao meu tio Rui pelas dicas e sugestões que me deu. À minha tia São pelos pensamentos que sei que me dedicou e por procurar apoiar-me à sua maneira. Aos meus primos, nomeadamente ao Zé e à Sara, por ouvirem e apoiarem-me. Ao meu tio Paulo por algum material que forneceu para a elaboração deste estudo.

A todos vós o meu humilde e sincero obrigada.

Resumo

No século V a.C., assistiu-se a um conflito que opôs Gregos a Persas, que ficaria conhecido como Guerras Pérsicas, e que ajudou a consolidar a formação de uma identidade pan-helénica. Esta identidade foi concebida em simultâneo e por oposição à criação da imagem do “Outro” não-grego/bárbaro. Por sua vez, esta imagem de “Outro” ficaria especialmente associada à Pérsia, a partir de meados daquela centúria, sendo múltiplas vezes alvo de representações na literatura e nas artes plásticas gregas. O soberano da Pérsia, em especial, constituir-se-ia várias vezes como foco de interesse para diferentes escritores gregos, que procuraram traçar o seu retrato. Dois eminentes autores do século V a.C., o dramaturgo Ésquilo e o historiador Heródoto, a quem Cícero viria a chamar de *pater historiae*, incluem-se nesse grupo de escritores. Os seus textos – *Persas* e *Histórias*, respetivamente – e as descrições, referências e alusões neles incluídas, a propósito de monarcas aqueménidas, viriam a exercer a sua quota-parte de influência no perfil do rei persa esboçado pela literatura grega posterior.

Dada a importância destas obras para a representação, criação e adaptação literária do retrato régio persa entre os Gregos, procurou-se ao longo da presente Dissertação examinar a forma como os reis da Pérsia são representados na tragédia *Persas* e no texto de cariz narrativo-historiográfico *Histórias*. O objetivo final dessa análise consiste em estabelecer uma comparação crítica entre essa imagem régia em ambos os autores. Procurou-se, neste sentido, desvendar os principais contornos dos governantes aqueménidas retratados, aos níveis de caracterização: física, psicológica, moral, religiosa, militar e política; tanto a vida pública, como a faceta privada. Consideram-se ainda questões como a existência ou não de uma personagem-tipo régia persa nestas obras e, quem dos dois autores falará de facto a verdade acerca dos monarcas aqueménidas.

Palavras-chave: Historiografia grega; Tragédia grega; Ésquilo; Heródoto; Pérsia Aqueménida.

Abstract

The fifth century BC saw a conflict that opposed Greeks and Persians, which would become known as Persian Wars. This conflict helped to consolidate a pan-Hellenic identity. This was conceived at the same time as and in opposition to the creation of the image of the non-Greek/Barbaric “Other”. From the middle of that century onwards, the latter would become especially associated with Persia, being represented multiple times in Greek literature and art. The sovereign of the Persian Empire, mainly, would several times be the focus of interest for different Greek writers, who sought to portrait his figure. Two eminent authors of the fifth century BC, the playwright Aeschylus and the historian Herodotus, whom Cicero would call *pater historiae*, are included in this group of writers. Their texts – *Persians* and *Histories*, respectively – and the descriptions of the Achaemenid monarchs presented in them would have their share of influence on the profile of the Persian king outlined by later Greek literature.

Given the importance of the contribution of these two major texts to the creation and literary adaptation of the Persian royal portrait in Greek World, an attempt has been made throughout this Dissertation to examine how kings of Persia are represented in *Persians* and *Histories*. The main aim of this analysis is to build a critical comparison between Aeschylus’ portrait of Persian sovereigns and the one described by Herodotus. In this sense, the main features of the Achaemenid rulers portrayed by these writers have been unveiled, considering the following levels of characterization: physical, psychological, moral, religious, military; political; further, we also consider the king’s private sphere. Issues such as the existence or not of a Persian royal character are considered, as well as the question on who is in fact telling the truth about Achaemenid monarchs.

Keywords: Greek Historiography; Greek Tragedy; Aeschylus; Herodotus; Achaemenid Persia.

Lista de siglas, acrónimos e abreviaturas

Aesch., <i>Pers.</i>	Ésquilo, <i>Persas</i>
Cic.	Cícero
Hdt.	Heródoto
Heraclid. Cum.	Heraclides de Cumas
Pl., <i>R.</i>	Platão, <i>República</i>
Plu, <i>Tem.</i>	Plutarco, <i>Temístocles</i>
S., <i>OT</i>	Sófocles, <i>Rei Édipo</i>
X., <i>An.</i>	Xenofonte, <i>Anábase</i>
<i>AJPh</i>	<i>The American Journal of Philology</i>
<i>G & R</i>	<i>Greece & Rome</i>
<i>JHS</i>	<i>The Journal of Hellenic Studies</i>
<i>REA</i>	<i>Revue des Études Anciennes</i>
<i>REG</i>	<i>Revue des Études Grecques</i>

Índice

AGRADECIMENTOS.....	II
RESUMO	IV
ABSTRACT	V
LISTA DE SIGLAS, ACRÓNIMOS E ABREVIATURAS.....	VI
INTRODUÇÃO.....	1
1. RELAÇÕES ENTRE A GRÉCIA E A PÉRSIA.....	15
1.1 CONTACTOS INICIAIS ENTRE A GRÉCIA E O IMPÉRIO PERSA	15
1.2 AS GUERRAS PÉRSICAS E SUAS CONSEQUÊNCIAS NAS RELAÇÕES GRECO-PERSAS	22
1.3 O PANORAMA DAS RELAÇÕES GRECO-PERSAS DESDE O PÓS-GUERRAS PÉRSICAS ATÉ AO FIM DA DINASTIA AQUEMÉNIDA	27
2. NO CORAÇÃO DA ANTIGA PÉRSIA: REALEZA E CORTE AQUEMÉNIDAS	32
3. REPRESENTAÇÕES DO REI DA PÉRSIA EM ÉSQUILO.....	44
3.1 VIDA E OBRA DE ÉSQUILO.....	44
3.2 OS <i>PERSAS</i> DE ÉSQUILO: BREVE INTRODUÇÃO E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS. A VISÃO DO “OUTRO” PERSA.....	47
3.3 CARACTERIZAÇÃO DO REI PERSA EM <i>PERSAS</i> DE ÉSQUILO	59
3.3.1 <i>Ciro e Cambises</i>	59
3.3.2 <i>Dario</i>	60
3.3.3 <i>Xerxes</i>	70
4. REPRESENTAÇÕES DO REI DA PÉRSIA EM HERÓDOTO	87
4.1 VIDA DE HERÓDOTO.....	87
4.2 AS <i>HISTÓRIAS</i> DE HERÓDOTO: BREVE INTRODUÇÃO E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS. A VISÃO DO “OUTRO” PERSA	90
4.3 CARACTERIZAÇÃO DO REI PERSA NAS <i>HISTÓRIAS</i> DE HERÓDOTO	103
4.3.1 <i>Ciro</i>	103
4.3.2 <i>Cambises</i>	117
4.3.3 <i>Dario</i>	130
4.3.4 <i>Xerxes</i>	145
5. OS SOBERANOS PERSAS EM ÉSQUILO E EM HERÓDOTO: COMPARAÇÃO CRÍTICA	163
CONCLUSÃO.....	180
BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS.....	190
FONTES	190
ESTUDOS	192
ANEXOS/APÊNDICES	202
ANEXO 1. MAPAS.....	I

MAPA 1. O IMPÉRIO PERSA AQUEMÊNIDA	I
MAPA 2. MAGNA GRÉCIA, GRÉCIA E ANATÓLIA	II
APÊNDICE 1. TABELAS: REFERÊNCIAS RELATIVAS À CARACTERIZAÇÃO DO REI DA PÉRSIA LOCALIZADAS EM <i>PERSAS</i> DE ÉSQUILO.....	III
TABELA 1.1. CARACTERIZAÇÃO FÍSICA DO REI DA PÉRSIA EM ÉSQUILO.....	III
TABELA 1.2. CARACTERIZAÇÃO PSICOLÓGICA/PERSONALIDADE DO REI DA PÉRSIA EM ÉSQUILO.....	IV
TABELA 1.3. CARÁCTER MORAL DO REI DA PÉRSIA EM ÉSQUILO	VI
TABELA 1.4. CARACTERIZAÇÃO RELIGIOSA/RELAÇÃO DO REI DA PÉRSIA COM A RELIGIÃO PERSA E/OU OUTRAS RELIGIÕES EM ÉSQUILO.....	VIII
TABELA 1.5. FACETA MILITAR DO REI DA PÉRSIA EM ÉSQUILO	X
TABELA 1.6. CARACTERIZAÇÃO POLÍTICA A NÍVEL INTERNO DO REI DA PÉRSIA EM ÉSQUILO.....	XIII
TABELA 1.7. CARACTERIZAÇÃO POLÍTICA A NÍVEL EXTERNO DO REI DA PÉRSIA EM ÉSQUILO.....	XVI
TABELA 1.8. FACETA PRIVADA DO REI DA PÉRSIA EM ÉSQUILO.....	XVII
TABELA 1.9. REFERÊNCIAS GERAIS À FIGURA DO REI DA PÉRSIA EM ÉSQUILO	XVII
APÊNDICE 2. TABELAS: REFERÊNCIAS RELATIVAS À CARACTERIZAÇÃO DO REI DA PÉRSIA LOCALIZADAS NAS <i>HISTÓRIAS</i> DE HERÓDOTO	XVIII
TABELA 2.1. CARACTERIZAÇÃO FÍSICA DO REI DA PÉRSIA EM HERÓDOTO	XVIII
TABELA 2.2. CARACTERIZAÇÃO PSICOLÓGICA/PERSONALIDADE DO REI DA PÉRSIA EM HERÓDOTO ..	XIX
TABELA 2.3. CARÁCTER MORAL DO REI DA PÉRSIA EM HERÓDOTO	XXIX
TABELA 2.4. CARACTERIZAÇÃO RELIGIOSA/RELAÇÃO DO REI DA PÉRSIA COM A RELIGIÃO PERSA E/OU OUTRAS RELIGIÕES EM HERÓDOTO.....	XXXV
TABELA 2.5. FACETA MILITAR DO REI DA PÉRSIA EM HERÓDOTO	XL
TABELA 2.6. CARACTERIZAÇÃO POLÍTICA A NÍVEL INTERNO DO REI DA PÉRSIA EM HERÓDOTO.....	LII
TABELA 2.7. CARACTERIZAÇÃO POLÍTICA A NÍVEL EXTERNO DO REI DA PÉRSIA EM HERÓDOTO.....	LXVI
TABELA 2.8. FACETA PRIVADA DO REI DA PÉRSIA EM HERÓDOTO.....	LXXIII
TABELA 2.9. REFERÊNCIAS GERAIS À FIGURA DO REI DA PÉRSIA EM HERÓDOTO	LXXVI
APÊNDICE 3. A VISÃO DO “OUTRO” PERSA EM <i>PERSAS</i> DE ÉSQUILO.....	LXXVIII
APÊNDICE 4. A VISÃO DO “OUTRO” PERSA EM HERÓDOTO.....	LXXIX
APÊNDICE 5. PRINCIPAIS ATRIBUTOS DOS REIS PERSAS EM <i>PERSAS</i> DE ÉSQUILO.....	LXXXI
APÊNDICE 6. PRINCIPAIS ATRIBUTOS DOS REIS PERSAS EM HERÓDOTO.....	LXXXIX
APÊNDICE 7. PRINCIPAIS ATRIBUTOS COMUNS AOS REIS PERSAS EM <i>PERSAS</i> DE ÉSQUILO E HERÓDOTO.....	CI

Introdução

No século V a. C., observou-se um fenómeno de expansão territorial a partir da região da Pérsia (atual Fars), sob a égide de Ciro II, que deu origem àquele que viria a ser, mais tarde, designado por Império Persa. Este domínio pró-imperial preservar-se-ia e continuaria a crescer sob a iniciativa dos monarcas seguintes da dinastia aqueménida. Entre os territórios sobre os quais a autoridade persa se estendeu, contava-se o da Lídia. Da conquista deste por Ciro II (que viria a ser mais conhecido como Ciro-o-Grande) nasceu aquele que, provavelmente, terá sido o primeiro contacto dos Gregos com o poder persa¹. A submissão da Lídia aos Persas incluiu também a subjugação das cidades-estados gregas ao longo da costa oeste da Anatólia, uma vez que estas se encontravam, nessa época, subordinadas ao rei lídio, Cresos.

No reinado de Dario I, precipitar-se-ia um conflito greco-persa, que continuaria sob o governo de Xerxes, sucessor de Dario, e que se constituiria um marco significativo na História da Europa. Referimo-nos às célebres Guerras Medo-Persas, também chamadas de Guerras Médicas ou Pérsicas. Atualmente, a opinião consensual no meio científico-académico é a de que este conflito moldaria, de forma significativa, a perceção que os Helenos tinham do “Outro” não-grego/bárbaro, bem como a sua própria identidade, enquanto comunidade de aspiração pan-helénica. Esta criar-se-ia, em simultâneo e por oposição à visão que os Helenos tinham dos povos não-gregos. A imagem deste “Outro” ficaria especialmente associada à Pérsia, que, segundo Maria Brosius, se tornaria a epítome, ou se preferirmos, o paradigma do Bárbaro².

Os Persas tornar-se-iam alvo da representação grega, quer no domínio da literatura, quer no das artes plásticas. De entre as várias obras literárias que sobreviveram até aos nossos dias e que nos providenciam uma visão helénica do “Outro” persa, destacamos os trabalhos elaborados no século V a. C. por dois proeminentes autores gregos: a tragédia *Persas* do dramaturgo Ésquilo e as *Histórias* do célebre “pai da História”, assim o designou Cícero no século I a.C. (*Leg.* 1.1.5), Heródoto. Estas duas obras, que correspondem aos textos gregos

¹ MILLER, Margaret C., *Athens and Persia in the fifth century BC: A study in cultural receptivity*, Cambridge, Cambridge University Press, 1997, p. 3.

² BROSIUS, Maria, *The Persians: An Introduction*, New York, Routledge Taylor & Francis Group, 2006, p. 76.

completos mais antigos que nos chegaram sobre a Pérsia, constituir-se-ão fontes centrais do presente estudo, conforme o próprio título da Dissertação sugere. Embora de géneros distintos – a primeira de cariz dramático e a segunda de carácter literário-históriográfico –, ambas as obras fornecem uma imagem do povo persa e daqueles que o governavam, os soberanos aqueménidas. Estes constituem o objeto central de análise do nosso estudo.

Com a presente Dissertação, pretende-se, fundamentalmente, examinar a forma como os reis da Pérsia são representados pelos Gregos e aferir os seus principais atributos nas obras supracitadas, visando tecer uma comparação crítica dos retratos esquilianos e herodotianos³. Com este objetivo no horizonte, estabelecemos um modelo de análise da figura do rei persa nas fontes, composto pelas seguintes categorias de caracterização: física; psicológica; moral; religiosa; militar; ação política interna e externa (faceta pública); e faceta privada. Apoiados neste modelo, procuraremos com o presente estudo, dar resposta às seguintes questões:

- . como são retratados os soberanos persas por Ésquilo e por Heródoto?;
- . quais as principais diferenças e pontos comuns da representação dos monarcas aqueménidas em *Persas* e nas *Histórias*?;
- . podemos delinear uma personagem-tipo nas obras dos dois escritores (fruto do seu contexto de escrita)?;
- . e, por último, verificando-se divergências nas respetivas representações, o que as justifica e, em última análise, quem é mais objetivo na sua análise dos soberanos persas? Ésquilo ou Heródoto? Ou, talvez, ambos?

O estudo da alteridade e da forma como o “Outro” estrangeiro é percecionado por uma determinada sociedade, por comparação com a sua própria identidade, foi já alvo de vários estudos. Antes de mais, deve ser referida a este propósito, a obra *Orientalism* de 1978, da autoria de Edward Saïd, a qual exerceu, e continua a exercer, uma influência determinante nesta área de estudo, até aos dias de hoje⁴. O trabalho de Saïd debruça-se, essencialmente,

³ Focar-nos-emos nos retratos dos quatro reis aqueménidas mencionados nas fontes em estudo: Ciro, Cambises, Dario e Xerxes (embora os primeiros dois sejam apenas referidos brevemente, de passagem, em *Persas*). Exclui-se, portanto, do nosso principal objeto de análise a figura do mago usurpador (chamado de Esmérdis na obra de Heródoto e de Márdis na referida tragédia esquiliana), que se apoderou do trono aqueménida, após a morte de Cambises, e que viria a ser destronado por Dario. Este mago não é considerado por Heródoto como um membro da linhagem aqueménida.

⁴ SAÏD, Edward W., *Orientalismo: representações ocidentais do Oriente*, Lisboa, Livros Cotovia, 2013.

sobre a visão eurocêntrica do Oriente. Desde então, múltiplos estudos surgiram focados na representação do “Outro”, inclusivamente, referentes ao período da Antiguidade Clássica.

Neste campo, ao nível internacional, merece lugar de destaque a obra de François Hartog, publicada em 1980 com o título *Le Miroir d’Hérodote: Essai sur la représentation de l’autre*, que aborda a construção do “Outro” na escrita da história⁵. Edith Hall tratou esta questão temática no domínio da tragédia clássica em *Inventing the Barbarian: Greek Self-Definition through Tragedy*, que foi dada à estampa em 1989⁶. O contributo de Paul Cartledge e de Jonathan Hall, entre outros, para este tipo de estudos é também digno de menção⁷. Mais recente ainda é a obra *Rethinking the Other in Antiquity* (2011) de Erich S. Gruen, a qual, cremos, vale a pena também referir⁸. Gruen examina a representação do “Outro” em vários textos (entre os quais o de Heródoto e os *Persas* d’Ésquilo). Um dos objetivos da sua análise textual consiste na reavaliação das teses, atualmente consensuais em termos académicos, em torno das origens da visão grega depreciativa da Pérsia no período pós-Guerras Pérsicas⁹. Ao nível nacional, entre outros estudos, é digna de menção a obra *Hélade e Helenos: Génese e evolução de um conceito* de José Ribeiro Ferreira¹⁰. Mais concretamente para a visão do “Outro” nos escritos de Heródoto, destaquem-se os artigos dedicados a este tema da autoria de Maria de Fátima Silva e de Carmen Leal Soares¹¹.

Os trabalhos cujo foco incide nas obras em análise abundam no meio académico e tratam as mais variadas questões, desde a natureza dos textos de Ésquilo e Heródoto a temas singulares presentes nestas fontes. O estudo do “Outro” persa e da figura do monarca da

⁵ Para o presente estudo, utilizámos a tradução inglesa de Janet Lloyd, para a qual remetemos: HARTOG, François, *The Mirror of Herodotus: The Representation of the Other in the Writing of History*, Berkeley, University of California Press, 1988.

⁶ Veja-se HALL, Edith, *Inventing the Barbarian: Greek Self-Definition through Tragedy*, New York, Oxford University Press, 1989.

⁷ Consulte-se, respetivamente, CARTLEDGE, Paul, *The Greeks: A Portrait of Self and Others*, Oxford e New York, Oxford University Press, 2002, e HALL, Jonathan M., *Hellenicity: Between Ethnicity and Culture*, Chicago e London, The University of Chicago Press, 2002.

⁸ Vide GRUEN, Erich S., *Rethinking the Other in Antiquity*, Princeton and Oxford, Princeton University Press, 2011.

⁹ Cf. GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, p. 4.

¹⁰ Veja-se FERREIRA, José Ribeiro, *Hélade e Helenos: Génese e evolução de um conceito*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1992.

¹¹ Veja-se, nomeadamente, SILVA, Maria de Fátima, “A visão do outro: configuração coletiva dos Persas em Heródoto”, *Cadmo* 12, 2002, pp. 195-210 e SOARES, Carmen L., “A visão do ‘outro’ em Heródoto” in FIALHO, Maria do Céu; SILVA, Maria de Fátima e PEREIRA, Maria Helena da Rocha (coord.), *Génese e consolidação da ideia de Europa. Vol. I: de Homero ao fim da época clássica*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2005, pp. 95-176.

Pérsia insere-se nesta última categoria. No que toca à investigação da representação grega dos reis aqueménidas, saliente-se desde já a importante tese de doutoramento de Manel García Sánchez, apresentada à Universidade de Barcelona em 2006 e publicada três anos depois, com o título *El Gran Rey de Persia: Formas de representación de la alteridade persa en el imaginario griego*¹². Esta obra examina os retratos dos soberanos aqueménidas, desde os antecessores de Ciro II até Dario III, presentes na literatura grega sobrevivente (sendo a análise do autor complementada, em várias ocasiões, pelo contributo das fontes materiais – como cerâmica, inscrições, etc. – para este tema). Afigura-se, portanto, desde logo como um estudo de grande relevância para qualquer investigador que tenha como objetivo explorar a questão da construção retórica grega do perfil régio aqueménida.

A investigação do retrato literário esquiliano e herodotiano dos soberanos aqueménidas produziu já vários trabalhos, inclusivamente no panorama académico-científico nacional. Refira-se, desde logo, os estudos de Maria de Fátima Silva dedicados a este assunto temático¹³. Embora não incidam especificamente sobre a descrição literária destes monarcas, vários trabalhos de Carmen Leal Soares e de Cristina Abranches Guerreiro fornecem também um contributo significativo para a análise do rei persa em Heródoto¹⁴. Realce-se que, ao longo da pesquisa efetuada sobre esta matéria, verificou-se maior número de estudos de carácter específico, subordinados ao tema da caracterização dos reis aqueménidas nas *Histórias*, quando comparados com a quantidade dos que discorrem sobre esse mesmo tópico em *Persas*¹⁵.

Evidencie-se ainda que, ao longo da leitura de bibliografia sobre este tema, observou-se aquilo que nos parece ser uma tendência mais recente de abordagem: uma perspetiva

¹² Vide GARCÍA SÁNCHEZ, Manel, *El Gran Rey de Persia: Formas de representación de la alteridade persa en el imaginario griego*, Barcelona, Publicacions i edicions de la Universitat de Barcelona, 2009.

¹³ Veja-se, especialmente, SILVA, Maria de Fátima, “Dario, o grande-rei, personagens em Heródoto”, *Máthesis*, n.º 4, 1995, pp. 63-88 e SILVA, Maria de Fátima, “Cambises no Egito. Crónica de um rei louco” in SÁNCHEZ MARÍN, J. A.; LENS TUERO, J. e LÓPEZ RODRÍGUEZ, Concepción, *Historiografía y biografía: Actas del Coloquio internacional sobre historiografía y biografía (de la Antigüedad al Renacimiento) Granada, 21-23 de septiembre de 1992*, Madrid, Ediciones Clásicas, 1997, pp. 1-14.

¹⁴ Refira-se, nomeadamente, SOARES, Carmen L., *A morte em Heródoto. Valores universais e particularismos étnicos*, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia, Lisboa, 2003; SOARES, Carmen L., “Monarcas persas nas *Histórias* de Heródoto: lei e liberdade, fundamentos da ideologia monárquica” in LEÃO, Delfim; RAMOS, José Augusto e RODRIGUES, Nuno Simões (coord.), *Arqueologias de Império*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018, pp. 221-235; e GUERREIRO, Cristina Abranches, *Os sonhos régios da Pérsia nas Histórias de Heródoto*, Tese de Doutoramento em Literatura Grega apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1999.

¹⁵ Isto é, tendo em conta os estudos que encontramos e a que tivemos acesso sobre este tema.

diferente da imagem do soberano Xerxes, na obra de Heródoto. Erich S. Gruen, Emma Bridges e Heleen Sancisi-Weerdenburg, entre outros, defendem e apresentam argumentos para uma caracterização multidimensional da figura herodotiana de Xerxes, particularmente denegrida na literatura grega¹⁶. O trabalho destes estudiosos destaca-se, assim, relativamente ao de vários investigadores anteriores, mais focados nos aspetos negativos desta personagem¹⁷. Acrescente-se ainda que, em termos de análise comparada da abordagem feita por Ésquilo e por Heródoto aos monarcas persas, o artigo de Suzanne Saïd, *Darius et Xerxès dans les Perses d'Eschyle*, reveste-se de especial importância¹⁸.

Embora o tema da presente Dissertação se prenda, essencialmente, com o retrato literário dos soberanos persas nas obras em apreciação, consideramos pertinente fazer ainda uma brevíssima alusão ao panorama historiográfico atual que estuda a Pérsia Aqueménida. Desde a década de 1980, assistiu-se a uma revitalização do estudo da História do chamado Império Aqueménida, o qual se apoia, mais do que outrora, nas fontes não-gregas sobreviventes e numa leitura muito mais crítica das fontes gregas (relativamente à metodologia utilizada em trabalhos anteriores). Vários dos estudos historiográficos que citamos ao longo da presente Dissertação inserem-se nesta nova tendência¹⁹.

O presente trabalho divide-se em cinco capítulos. Os dois primeiros providenciam uma contextualização histórica, essencial, que pretende uma melhor compreensão da análise realizada nos capítulos seguintes. O terceiro, o quarto e o quinto, por sua vez, constituem o centro do estudo que aqui se apresenta e revestem-se de cariz analítico mais profundo.

O primeiro capítulo apresenta um panorama geral das relações greco-persas, desde a fundação do «império» persa (séc. VI a.C.) até ao estabelecimento da denominada Paz de Antálcidas, em 378 a.C., fazendo-se ainda uma breve referência à queda da dinastia

¹⁶ Remetemos, desde já, para os estudos destas autoras: SANCISI-WEERDENBURG, Heleen, “The personality of Xerxes, king of kings”, in BAKKER, E. J.; JONG, I. J. F. de, e WEES, H. van (eds.), *Brill's Companion to Herodotus*, Leiden, Brill, 2002, pp. 579-590 e BRIDGES, Emma, *Imagining Xerxes: Ancient perspectives on a Persian King*, London, Bloomsbury, 2015.

¹⁷ Refira-se, a título de exemplo, os estudos de Pericles Georges e de Henry R. Immerwahr, que enfatizam especialmente as características negativas de Xerxes e para os quais remetemos: GEORGES, Pericles, *Barbarian Asia and the Greek Experience: From the Archaic Period to the Age of Xenophon*, Baltimore/London, Johns Hopkins University Press, 1994, pp. 199-203 e IMMERWAHR, H. R., *Form and Thought in Herodotus*, American Philological Association monograph series nº 23, Atlanta, Scholars Press, 1ª reimp., 1986, pp. 176-188.

¹⁸ Veja-se SAÏD, S., “Darius et Xerxès dans les *Perses* d'Eschyle”, *Ktema*, n.º 6, 1981, pp. 17-38.

¹⁹ Pode referir-se, a título de exemplo, desde logo, a proeminente obra de BRIANT, Pierre, *From Cyrus to Alexander: A History of the Persian Empire*, Winona Lake, Eisenbrauns, 2002.

aqueménida, às mãos de Alexandre-o-Grande. Este capítulo ramifica-se em três subcapítulos. O primeiro foca-se no princípio dos contactos da Grécia com a Pérsia. O segundo, por sua vez, contém uma alusão às Guerras Pérsicas e ao modo como estas afetaram, *grosso modo*, a percepção grega do “Outro” não-grego e a afirmação da identidade pan-helénica. Finalmente, o terceiro debruça-se sobre os acontecimentos do pós-Guerras Medo-Persas, que podem ser considerados significativos no âmbito das relações entre as duas referidas potências (a Grécia e a Pérsia).

O segundo capítulo aborda a realeza e corte aqueménidas, numa perspetiva histórica. Considerou-se relevante providenciar, numa primeira instância, uma contextualização histórica dos monarcas e o meio em que estes habitualmente se encontravam inseridos, uma vez que a figura do rei persa constitui o objeto da nossa análise nos textos de Ésquilo e de Heródoto. Há, no entanto, que salientar que estes apresentam uma visão da realidade, mas não a única. Neste capítulo, evidencia-se, entre outros aspetos, a relação do soberano aqueménida com a religião persa, a ideologia monárquica que o envolvia e os procedimentos referentes às questões de sucessão régias. Explicita-se, em particular, a natureza, a composição e os mecanismos internos da corte real. Como veremos, esta acumulava as funções de um centro político, administrativo e burocrático, além de cultural, artístico e intelectual. Analisa-se ainda, em especial, a presença feminina e, em que medida, a sua influência – a qual, segundo os relatos dos escritores gregos, sobretudo os do séc. IV, seria assinalável, principalmente junto do rei – se faria sentir no seio da corte.

O terceiro capítulo, cujo foco principal incide sobre o retrato dos soberanos aqueménidas na tragédia *Persas* d’Ésquilo, subdivide-se, essencialmente, em três subcapítulos. Os dois primeiros providenciam um enquadramento da análise feita no último subcapítulo. O subcapítulo 3.1 apresenta uma biografia do dramaturgo, bem como uma menção ao conjunto das suas obras. Por sua vez, o 3.2 corresponde a uma breve introdução à peça em estudo, *Persas*, na qual tecemos algumas considerações gerais sobre as problemáticas que tem subjacente. Este subcapítulo engloba ainda uma breve descrição da forma como o “Outro” persa é percecionado e representado nesta obra, a qual, tendo em conta o nosso tema, considerámos pertinente incluir.

Finalmente, o subcapítulo 3.3 inclui o estudo e análise da caracterização das figuras régias persas masculinas em *Persas*. Além de se basear na nossa interpretação do texto da

fonte, esta secção da dissertação apoia-se em trabalhos referentes à tragédia esquiliana da autoria de diferentes estudiosos, a que recorremos para completar a nossa análise. Por questões lógicas e de organização, o ponto 3.3 ramifica-se ainda em outros três subcapítulos, sendo que, à exceção do primeiro, cada um deles corresponde ao estudo do retrato de um dos soberanos persas da referida tragédia. O primeiro (3.3.1) aglomera a caracterização de dois reis, por motivos que explicaremos adiante. Refira-se ainda que os subcapítulos encontram-se dispostos por ordem cronológica dos diferentes reinados de cada monarca (sendo que, no caso de Dario e Xerxes, esta ordem coincide também com a sequência de entrada destas personagens em cena).

Por conseguinte, no 3.3.1, procede-se ao comentário da breve descrição de Ciro e do seu filho, Cambises, incluída numa intervenção da personagem Dario e que constitui a única menção feita a estes reis, em toda a obra. Embora estes dois monarcas não integrem o elenco de personagens da referida tragédia, optámos por incluir uma alusão à sua caracterização com um triplo propósito. O primeiro, de carácter mais imediato, consiste em realçar o contraste existente entre a atuação de Xerxes e a dos seus antecessores aqueménidas (Ciro, Cambises e Dario) em *Persas*. Segue-se, em segundo lugar, o estabelecimento de uma breve comparação entre os retratos de Dario e de Ciro neste drama, apontando as suas semelhanças. Por fim, o outro objetivo prende-se com o confronto, mais tarde, dos sucintos retratos esquilianos de Ciro e de Cambises com as suas versões correspondentes nas *Histórias* de Heródoto. Acrescente-se ainda que, por motivos relacionados com o tamanho reduzido da descrição de Ciro e de Cambises patente no texto dramático, optámos por condensar a análise referente a estes dois monarcas num só subcapítulo.

Nos subcapítulos 3.3.2 e 3.3.3, por sua vez, examinamos o modo como Dario e Xerxes são representados. Como foi dito, podem ser encontrados nestes subcapítulos algumas observações de carácter comparativo.

Segue-se o capítulo 4, cuja estrutura reflete o esquema de organização do capítulo anterior, praticamente na íntegra. À semelhança desse, esta parte da Dissertação subdivide-se também em três subcapítulos. Os dois primeiros são de contextualização da análise feita no último subcapítulo: um versa sobre a vida de Heródoto (4.1); e o outro (4.2) consiste numa introdução às *Histórias*, incluindo um esboço da perceção do “Outro” persa. O subcapítulo 4.3 ramifica-se em quatro subcapítulos, correspondendo cada um à análise da caracterização

de cada um dos monarcas persas das *Histórias*. Esta divisão segue ainda o mesmo critério da disposição dos subcapítulos do 3.3., organizada por ordem cronológica dos reinados aqueménidas. O subcapítulo 4.3.1 trata a figura do fundador do império persa, Ciro. O 4.3.2. examina o retrato do seu filho e herdeiro, Cambises. O 4.3.3 aborda a personagem de Dario, que destrona o mago que havia usurpado o poder após a morte de Cambises. Por último, o 4.3.4 foca-se no perfil atribuído a Xerxes, filho e sucessor de Dario e de Atossa, descendente de Ciro.

Por razões relacionadas com o volume e a riqueza da informação referente aos soberanos aqueménidas contida na obra de Heródoto, o nosso estudo assenta, essencialmente, na interpretação dos episódios que considerámos significativos para o estudo da figura régia persa. Os critérios de seleção prenderam-se com a relevância e pertinência dos episódios para aferir e ilustrar os principais traços dos reis persas, levando em conta os diferentes níveis de caracterização, estipulados pelo modelo de análise que estabelecemos previamente. Procurámos examinar, em traços gerais, a forma como cada personagem régia persa é retratada ao longo de toda a obra. À semelhança do ponto 3.3, o subcapítulo 4.3, além de se basear na nossa interpretação da fonte, apoia-se em estudos, de diferentes autorias, relacionados com este tema.

Finalmente, o capítulo 5 consiste numa análise crítica e comparada do retrato dos diferentes monarcas aqueménidas nas duas obras. Neste último ponto, confrontamos a caracterização de cada um dos quatro reis persas esquilianos²⁰ com a dos da versão herodotiana. Por outras palavras, compara-se o Ciro de Ésquilo com o de Heródoto; o Cambises de Ésquilo com o de Heródoto; o Dario de Ésquilo com o de Heródoto; e o Xerxes de Ésquilo com o de Heródoto. Esta apreciação baseia-se, fundamentalmente, nos principais atributos de cada soberano, aos diferentes níveis de caracterização estabelecidos. Procurou-se também examinar, em traços gerais, a visão de conjunto dos monarcas aqueménidas nas duas obras. Pretendeu-se, principalmente, com este balanço final, averiguar a existência ou não existência de atributos comuns aos retratos esquiliano e herodotiano dos vários reis persas. Por último, lança-se um breve olhar sobre o modo como os retratos dos quatro monarcas aqueménidas evoluíram no domínio da literatura grega, nos escritos gregos

²⁰ Com o objetivo de obter uma visão de conjunto mais clara dos retratos dos vários reis aqueménidas nas mencionadas obras de Ésquilo e de Heródoto, escolhemos incluir no nosso estudo analítico-comparativo os soberanos que são apenas referidos de passagem em *Persas* (Ciro e Cambises).

posteriores aos *Persas* de Ésquilo e às *Histórias* de Heródoto. Considerou-se relevante abordar, de passagem, este tema (embora pertença a uma cronologia posterior à da presente Dissertação, que se centra em textos do séc. V a.C.) para evidenciar a importância e influência que, em determinada medida, os retratos esquiliano e herodotiano dos reis persas exerceram sobre as descrições gregas posteriores dos monarcas aqueménidas.

No que diz respeito às fontes consultadas, elas consistem principalmente nos *Persas* de Ésquilo e nas *Histórias* de Heródoto. Relativamente à tragédia esquiliana, recorreremos sobretudo à tradução portuguesa de *Persas* de Manuel de Oliveira Pulquério²¹. A tradução inglesa da Aris & Phillips, pela mão de Edith Hall, *Aeschylus. Persians*, também revelou ser particularmente útil e foi várias vezes alvo da nossa consulta²². Tivemos ainda a oportunidade de consultar, paralelamente, outras traduções – uma inglesa, da Loeb Classical Library, e outra espanhola, da Editorial Gredos²³.

Para a obra de Heródoto, recorreremos principalmente, à tradução portuguesa existente, nomeadamente os livros I, III-VI e VIII²⁴. Por outro, servimo-nos da tradução inglesa da Oxford, nomeadamente, para o estudo dos restantes livros, em falta na tradução portuguesa²⁵. Estas duas traduções são aquelas em que, regra geral, nos apoiamos ao longo da presente

²¹ ÉSQUILO, *Persas*. Introdução, tradução do grego e notas de Manuel de Oliveira Pulquério, *Ésquilo. Persas*, Lisboa, Edições 70, 1998.

²² HALL, Edith (introdução, tradução e comentário), *Aeschylus. Persians*, Warminster, Aris & Phillips, 1997.

²³ Remetemos, respetivamente para estas duas edições: Aeschylus, *Persians*. Tradução inglesa de SOMMERSTEIN, Alan H., *Aeschylus. Persians. Seven against Thebes. Suppliants. Prometheus Bound*, Loeb Classical Library 145, Cambridge (Massachusetts), Harvard University Press, 2009, pp. 14-137; e FERNANDÉZ-GALIANO, Manuel (introdução geral) e PEREA MORALES, Bernardo (tradução e notas), *Esquilo: Tragedias*, Madrid, Editorial Gredos, 1993, pp. 214-263.

²⁴ HERÓDOTO, *Histórias. Livro 1*. Versão do grego, notas e introdução ao Livro I de José Ribeiro Ferreira e Maria de Fátima Silva, com introdução geral de Maria Helena da Rocha Pereira, *Heródoto. Histórias – Livro 1.º*, Lisboa, Edições 70, 1994; HERÓDOTO, *Histórias. Livro 3*. Versão do grego, notas e introduções de Maria de Fátima Silva e de Cristina Abranches Guerreiro, *Heródoto. Histórias – Livro 3.º*, Lisboa, Edições 70, 1997; HERÓDOTO, *Histórias. Livro 4*. Versão do grego, introdução e notas de Maria de Fátima Silva e de Cristina Abranches Guerreiro, *Heródoto. Histórias – Livro 4.º*, Lisboa, Edições 70, 2000; HERÓDOTO, *Histórias. Livro 5*. Tradução do grego, introdução e notas de Maria de Fátima Silva e de Carmen Leal Soares, *Heródoto. Histórias – Livro V*, Lisboa, Edições 70, 2007; HERÓDOTO, *Histórias. Livro 6*. Versão do grego, introdução e notas de José Ribeiro Ferreira e Delfim Ferreira Leão, *Histórias – Livro 6.º*, Lisboa, Edições 70, 2000; e HERÓDOTO, *Histórias. Livro 8*. Versão do grego e notas de José Ribeiro Ferreira e Carmen Leal Soares com introdução de Carmen Leal Soares, *Heródoto. Histórias – Livro 8.º*, Lisboa, Edições 70, 2002.

²⁵ HERODOTUS, *Histories. Book 2*. Tradução inglesa de Robin Waterfield com introdução e notas de Carolyn Dewald, *Herodotus. The Histories*, New York, Oxford University Press, 2.ª reimp., 2008, pp. 95-168; HERODOTUS, *Histories. Book 7*. Tradução inglesa de Robin Waterfield com introdução e notas de Carolyn Dewald, *Herodotus. The Histories*, New York, Oxford University Press, 2.ª reimp., 2008, pp. 404-488; e HERODOTUS, *Histories. Book 9*. Tradução inglesa de Robin Waterfield com introdução e notas de Carolyn Dewald, *Herodotus. The Histories*, New York, Oxford University Press, 2.ª reimp., 2008, pp. 541-590.

Dissertação²⁶. Os casos excepcionais em que recorremos a outra tradução encontram-se devidamente assinalados. Consultámos ainda a edição bilingue da Loeb Classical Library, inclusive para observar o texto original grego da obra herodotiana²⁷.

Por fim, consideramos útil que a leitura da presente Dissertação seja acompanhada pela consulta paralela do corpo de anexos e apêndices. O primeiro anexo corresponde a um conjunto de dois mapas: um do império persa aqueménida, no tempo do reinado de Dario I, e outro do mundo grego antigo, que se estendia pela Magna Grécia, pela Grécia e pela Anatólia. Segue-se o primeiro apêndice, que abrange um conjunto de nove tabelas, que contém as referências às personagens régias aqueménidas que encontramos em *Persas* d'Ésquilo. A maior parte destas (à exceção de uma) segue o modelo de análise da figura régia persa, sendo que a cada uma das tabelas corresponde uma categoria de caracterização. A última tabela inclui algumas referências, que observámos na tragédia em análise, de cariz mais geral (e menos individualizante) da figura do rei da Pérsia. O segundo apêndice apresenta um esquema organizativo que, de certo modo, espelha o do primeiro. Trata-se de um conjunto de nove tabelas, que aglomera as várias referências aos reis persas que encontrámos nas *Histórias* de Heródoto. Cada uma das tabelas, à exceção da última, equivale a uma categoria de caracterização dos monarcas aqueménidas, definida pelo modelo de análise. A última tabela contém as referências de carácter mais geral, com que deparamos no texto herodotiano.

Os terceiro e quarto apêndices, por sua vez, reúnem, numa forma tabelar, as principais referências relativas à perceção e representação do “Outro” persa, que recolhemos a partir das fontes. Cada um destes dois apêndices consiste numa única tabela, sendo que o primeiro

²⁶ Embora reconheçamos o valor de outras traduções (como a tradução italiana da Fondazione Lorenzo Valla/Arnoldo Mondadori Editore e a tradução francesa da Société d'Édition “Les Belles Lettres”), não se pretende no presente trabalho proceder-se a um estudo exaustivo filológico, pelo que optámos por basear a nossa análise, essencialmente, nas referidas traduções portuguesa e inglesa.

²⁷ HERODOTUS, *Histories*. Tradução inglesa de A. D. Godley, *Herodotus. The Persian Wars. Books 1-2*, vol. I, Loeb Classical Library 117, Cambridge (Massachusetts), Harvard University Press/London, William Heinemann Ltd., 1975; HERODOTUS, *Histories*. Tradução inglesa de A. D. Godley, *Herodotus. The Persian Wars. Books 3-4*, vol. II, Loeb Classical Library 118, London, William Heinemann Ltd./ New York, G. P. Putnam's Sons, 1928; HERODOTUS, *Histories*. Tradução inglesa de A. D. Godley, *Herodotus. The Persian Wars. Books 5-7*, vol. III, Loeb Classical Library 119, Cambridge (Massachusetts), Harvard University Press/London, William Heinemann Ltd., 1938; HERODOTUS, *Histories*. Tradução inglesa de A. D. Godley, *Herodotus. The Persian Wars. Books 8-9*, vol. IV, Loeb Classical Library 120, Cambridge (Massachusetts), Harvard University Press/London, William Heinemann Ltd., 1969.

se foca na visão do “Outro” persa em *Persas* e o seguinte aborda este tema na obra de Heródoto.

Segue-se, num outro apêndice, uma tabela que contém aqueles que consideramos ser os principais atributos dos monarcas persas do drama esquiliano (quer das personagens régias, quer dos reis a quem apenas é feita uma breve alusão na obra). Estes atributos encontram-se distribuídos pelas categorias de caracterização. A tabela que compõe o sexto apêndice assenta num formato idêntico ao anterior. Ao invés de exhibir os traços do soberano persa na obra esquiliana, este apêndice evidencia os principais atributos dos monarcas aqueménidas patentes no texto herodotiano.

Ambas as tabelas dos apêndices 5 e 6 foram elaboradas com base na nossa interpretação das fontes e nos trabalhos de vários investigadores. De certa forma, elas constituem uma síntese das linhas gerais caracterizadoras do retrato de cada monarca (aos vários níveis, desde o aspeto físico à faceta privada do rei), expostas nos subcapítulos 3.3 e 4.3. Estas tabelas foram elaboradas com o objetivo de se obter uma visão de conjunto da representação dos soberanos persas nas duas obras, de modo a permitir tecer comparações de forma mais clara e objetiva, tanto quanto possível, no âmbito de um tema de carácter literário que tem, inevitavelmente, associado um certo grau de subjetividade, sendo, por isso, variável consoante a interpretação do leitor/auditor. Apoiando-nos nas características comuns que registámos nestas tabelas, elaborámos ainda uma outra tabela, que pode ser encontrada no último apêndice. Este apresenta aqueles que nos parecem ser, *grosso modo*, os principais atributos comuns a vários dos monarcas aqueménidas nos *Persas* e nas *Histórias*.

Gostaríamos ainda de fazer uma breve alusão a algumas das obras consultadas. No âmbito das relações greco-persas, sobressai *Athens and Persia in the fifth century BC: A study in cultural receptivity* de Margaret C. Miller, cujo foco incide sobre os pontos de contacto entre os universos helénico e persa²⁸. A obra *Greeks and Barbarians* de Kostas Vlassopoulos foi-nos também particularmente útil para observar a comunidade pan-helénica, no contexto mais amplo do mundo mediterrâneo e da sua inserção nas periferias do Império Persa²⁹. Mencione-se ainda a magna obra, publicada em 1996, intitulada *Histoire de l'Empire perse*

²⁸ Cf. MILLER, Margaret C. (1997), *op. cit.*

²⁹ Vide VLASSOPOULOS, Kostas, *Greeks and Barbarians*, New York, Cambridge University Press, 2013.

de Pierre Briant, imprescindível para qualquer estudo referente à Pérsia Aqueménida³⁰. Além desta, no respeitante à descrição, de uma perspetiva histórica, da realeza e corte aqueménidas, destaque-se o recente e interessante estudo da autoria de Lloyd Llewellyn-Jones, intitulado *King and court in Ancient Persia 559 to 331 BCE*³¹.

No que diz respeito ao domínio literário, devem ser referidas desde logo as entradas dedicadas aos dois autores gregos, Ésquilo e Heródoto, na *Brill's New Pauly: Encyclopaedia of the Ancient World: Antiquity*³². Duas obras de Albin Lesky são também dignas de menção: uma de 1983, *Greek Tragic Poetry*, e outra traduzida para português no ano de 1995, sob o título de *História da Literatura Grega*³³. Entre os múltiplos estudos referentes às obras de Ésquilo e Heródoto citados, destaque-se *Form and Thought in Herodotus* de Henry R. Immerwahr e *Ésquilo: o primeiro dramaturgo europeu* de Maria de Fátima Silva³⁴. Neste âmbito, são vários os estudos da prolifera produção académica sobre este tema que poderiam ser mencionados. Porém, para não nos alongarmos demasiado neste tópico, referimos apenas estes dois trabalhos pela sua importância e por considerarmos que constituem excelentes pontos de partida para a análise das obras dos dois autores gregos.

Relativamente à percepção do “Outro” persa nas fontes, salientamos *Inventing the Barbarian: Greek Self-Definition through Tragedy* de Hall e *Rethinking the Other in Antiquity* de Gruen, bem como os também já aludidos estudos portugueses subordinados a esse tema da autoria de Maria de Fátima Silva e de Carmen Leal Soares. No que diz respeito ao principal objeto do nosso estudo analítico, a tese de doutoramento de García Sánchez ocupa um lugar proeminente³⁵. O livro *Imagining Xerxes: Ancient perspectives on a Persian King* de Emma Bridges mostrou-se particularmente valoroso para a nossa análise da

³⁰ Para o presente trabalho, utilizámos a tradução inglesa de Peter T. Daniels, para a qual remetemos: BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*

³¹ Veja-se LLEWELLYN-JONES, Lloyd, *King and Court in Ancient Persia 559 to 331 BCE*, Edinburgh, Edinburgh University Press, 2013.

³² Cf. CANKIK, Hubert e SCHNEIDER, Helmut (eds.), *Brill's New Pauly: Encyclopaedia of the Ancient World: Antiquity*, vol. I, Leiden, Brill, 2002.

³³ Vide, respetivamente: LESKY, Albin, *Greek Tragic Poetry*, New York, Yale University Press, 1983 e LESKY, Albin, *História da Literatura Grega*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

³⁴ IMMERWAHR, H. R. (1986), *op. cit.* e SILVA, Maria de Fátima, *Ésquilo: o primeiro dramaturgo europeu*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2005.

³⁵ GARCÍA SÁNCHEZ, Manel (2009), *op. cit.*

personagem de Xerxes³⁶. Acrescente-se ainda o artigo de Suzanne Saïd, que faz a comparação das abordagens feitas pelos dois escritores gregos³⁷.

Entre os trabalhos sobre os monarcas persas na tragédia esquiliana, destaque-se, ainda, a obra *Ésquilo: o primeiro dramaturgo europeu* de Maria de Fátima Silva, assim como os comentários que Hall providencia na edição de *Aeschylus. Persians*. Salientem-se ainda dois artigos mais recentes de carácter específico: “A Tale of Two Kings: Competing Aspects of Power in Aeschylus’ *Persians*” de Rebecca Futo Kennedy, publicado em 2013; e “‘Il Re è nudo, ma resta Re’: il personaggio di Serse nei *Persiani* di Eschilo” de 2019, da autoria de Stefano Jedrkiewicz³⁸.

Para o estudo dos soberanos aqueménidas nos escritos herodotianos, os trabalhos de Maria de Fátima Silva revestiram-se de especial importância para a elaboração da nossa análise. Salientamos dois artigos da mesma investigadora, cujo foco incide sobre Cambises e Dario, e as páginas consagradas a Ciro, incluídas na introdução da tradução portuguesa do livro I das *Histórias*³⁹. Refira-se também, entre outros, o conhecido trabalho de Kenneth H. Waters, intitulado *Herodotos on Tyrants and Despots. A Study in Objectivity*⁴⁰. Outros estudos poderiam ainda ser mencionados, contudo não pretendemos fazer aqui uma enumeração bibliográfica exaustiva.

Por fim, esclareça-se, em jeito de nota prévia, alguns aspetos formais da nossa Dissertação. Em primeiro lugar, deve ser referido que o presente estudo segue o Novo Acordo Ortográfico. Em segundo lugar, esclareça-se que, salvo indicação contrária, todas as datas apresentadas que não se encontrem devidamente assinaladas correspondem à era antes de Jesus Cristo (a.C.).

Assim, cremos ter reunido as ferramentas necessárias para explorar e analisar a criação literária grega da figura régia persa masculina, concebida no séc. V, pela mão do

³⁶ BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*

³⁷ SAÏD, S. (1981), *op. cit.*, pp. 17-38.

³⁸ Respetivamente, KENNEDY, Rebecca Futo, “A Tale of Two Kings: Competing Aspects of Power in Aeschylus’ *Persians*”, *Ramus*, vol. 42, 2013, pp. 64-88 e JEDRKIEWICZ, Stefano, “‘Il Re è nudo, ma resta Re’: il personaggio di Serse nei *Persiani* di Eschilo”, *Dionysus ex machina X*, 2019, pp. 1-31.

³⁹ Respetivamente, SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, pp. 63-88; SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, pp. 1-14 e FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (versão do grego, notas e introdução), *Heródoto. Histórias – Livro 1.º*, Lisboa, Edições 70, 1994, pp. 32-49.

⁴⁰ Consulte-se WATERS, K. H., *Herodotos on Tyrants and Despots. A Study in Objectivity*, *Historia Einzelschriften 15*, Wiesbaden, Franz Steiner-Verlag, 1971.

“primeiro dramaturgo europeu” e pela do *pater historiae*⁴¹. Esta imagem virá a exercer a sua quota de influência nos escritos vindouros sobre o soberano aqueménida, *tout court*. É, apenas, portanto, através da desconstrução do retrato pintado por Ésquilo e por Heródoto, que podemos apreender a essência original da visão helénica do Grande Rei⁴² e compreender a forma como ela se transformou ao longo do tempo.

⁴¹ No título da sua obra, Maria de Fátima Silva, refere-se a Ésquilo como “o primeiro dramaturgo europeu”. Cf. SILVA, Maria de Fátima (2005), *op. cit.*

⁴² As fontes gregas várias vezes referem-se ao monarca aqueménida como o “Grande Rei”.

1. Relações entre a Grécia e a Pérsia

1.1 Contactos iniciais entre a Grécia e o Império Persa

A tentativa de reconstituição histórica dos contactos estabelecidos entre a Grécia e a Pérsia Antigas tem subjacente a problemática de ser baseada maioritariamente em escritos greco-romanos⁴³, uma vez que não chegaram até nós manuscritos de origem persa. Por este motivo, considera-se que, ao contrário de outras civilizações da Mesopotâmia e da Ásia Menor (as quais já tinham desenvolvido uma prática literária), na sociedade persa prevalecia ainda o domínio da tradição oral⁴⁴. Assim sendo, devemos sempre ter em mente que os textos gregos, que nos foram legados, transmitem uma visão unilateral dos acontecimentos, imbuída de embelezamentos literários, próprios da cultura que os produziu, que dificultam o trabalho do historiador.

A história da Civilização Persa começou na antiga *Parsa* (atual Fars), a que os Gregos denominaram *Persis*⁴⁵. Esta região, situada no Sudoeste do que é hoje o Irão, constituiu o berço do que viria a ser o Império Persa, cuja fundação é datada para o século VI a.C., sob a égide de Ciro II, herdeiro da casa real de *Parsa*⁴⁶ e filho de Cambises I. Quando Ciro-Grande, como ficou posteriormente conhecido, assumiu o governo em 559 a.C., o mundo que o rodeava encontrava-se dividido entre quatro potências: os Medos; o reino do Egito; a Babilónia; e a Lídia⁴⁷.

⁴³ Saliente-se que os Romanos herdaram e adaptaram a cultura grega, pelo que a influência da visão grega sobre a Pérsia acaba por também se manifestar, de certo modo, nas fontes romanas. Com efeito, podemos desde logo referir, que o próprio nome do fundador do Império Persa (Ciro II) e do seu avô (Ciro I), “Ciro”, equivale à versão latina da fórmula grega “*Kouros*”, a qual, por sua vez, pode ser identificada com aquele que seria, originalmente, o nome do monarca em Persa Antigo: “*Kurush*” (Cf. BURGAN, Michael, *Great Empires of the Past: Empires of Ancient Persia*, New York, Chelsea House Publishers, 2010, p. 11).

⁴⁴ Cf. BROSIUS, Maria, *The Persians: An Introduction*, New York, Routledge Taylor & Francis Group, 2006, p. 50.

⁴⁵ Etimologicamente, o nome “Pérsia” advém precisamente da designação grega *Persis*, que começou por ser usada apenas para referir a província de *Parsa*, mas posteriormente passou a abranger todo o território sob hegemonia persa. Vide WATERS, Matt, *Ancient Persia: A concise history of the Achaemenid Empire, 550-330 BCE*, New York, Cambridge University Press, 2014, p. 6.

⁴⁶ As origens da casa real de *Parsa* remontam à segunda metade do século VII a.C., quando Ciro I, o avô de Ciro II e pai de Cambises I, herdou do pai, Tispes, o título de “Rei de Ansam”. Tispes tinha conseguido ascender politicamente, aproveitando o vazio de poder que se formou em *Parsa* (província elamita), originado pela subjugação do reino do Elão ao Império Assírio, para assumir o governo desta região. Tispes e os seus herdeiros procuraram afirmar-se como sucessores dos reis elamitas, adaptando o título real elamita “Rei de Susa e de Ansam” para apenas “Rei de Ansam”. Consulte-se BROSIUS, Maria (2006), *op. cit.*, pp. 6-8.

⁴⁷ Cf. VLASSOPOULOS, Kostas, *Greeks and Barbarians*, New York, Cambridge University Press, 2013, p. 42.

Em cerca de duas décadas este panorama geopolítico alterar-se-ia radicalmente com as campanhas militares realizadas por Ciro, que começou por submeter a si mesmo os Medos⁴⁸. Seguidamente, Ciro voltou-se para as terras ao norte dos seus domínios, nomeadamente para o reino da Lídia, governado pelo rei Creso. Este acabaria também por sucumbir às forças de Ciro, em meados de 540 a.C., e com ele, as cidades-estados gregas ao longo da costa oeste da Anatólia, as quais Creso tinha dominado previamente⁴⁹. Não obstante, esta submissão não foi conseguida sem resistência, uma vez que se espoletou uma revolta na Lídia; na ocasião, as cidades gregas da Iónia aproveitaram para se insurgirem também⁵⁰. A rebelião acabou por ser esmagada de forma severa pelos oficiais enviados pelo rei da Pérsia, que, entretanto, já tinha em vista a conquista da Babilónia e de outros territórios⁵¹.

Saliente-se que, como menciona Kostas Vlassopoulos, a esfera de influência político-militar persa só não absorveu também as comunidades gregas das ilhas e do continente, apenas porque, à altura, a Pérsia não dispunha de uma marinha de guerra⁵². Podemos afirmar que, como Margaret C. Miller refere, a incorporação da Lídia e, conseqüentemente, das cidades-estados gregas no chamado Império Persa assinalou o princípio dos contactos entre Gregos e Persas ou, pelo menos, da interação entre os primeiros com povos de diferentes etnias e súbditos da Pérsia⁵³.

No ano de 530, Ciro II perde a vida numa batalha contra os Masságetas, deixando como herança um império com uma área aproximadamente equivalente à do moderno Médio Oriente⁵⁴. Cabia agora aos sucessores consolidar o seu legado e expandi-lo. O seu filho, Cambises II, tomaria posse do Egipto, morrendo durante o regresso dessa expedição, por volta do ano 522⁵⁵. O período de crise política que se seguiu a estes eventos revela-se confuso, sendo a informação dada pelas fontes a que temos acesso várias vezes contraditória⁵⁶. Através da inscrição de Bisitun, chegou-nos a versão dos acontecimentos difundida pelo próprio

⁴⁸ VLASSOPOULOS, Kostas (2013), *op. cit.*, p. 45.

⁴⁹ Vide MARTIN, Thomas R., *Ancient Greece. From Pre-historic to Hellenistic Times*, New Haven, Yale University, 2013, p. 124 e VLASSOPOULOS, Kostas (2013), *op. cit.*, pp. 42 e 45.

⁵⁰ WATERS, Matt (2014), *op. cit.*, p. 41.

⁵¹ Cf. idem, *ibidem*, p. 41.

⁵² VLASSOPOULOS, Kostas (2013), *op. cit.*, p. 46.

⁵³ MILLER, Margaret C., *Athens and Persia in the fifth century BC: A study in cultural receptivity*, Cambridge, Cambridge University Press, 1997, p. 3.

⁵⁴ WATERS, Matt (2014), *op. cit.*, pp. 52-53

⁵⁵ Pelo menos, esta é a data que é indicada por várias fontes, para a morte de Cambises II. Vide idem, *ibidem*, p. 58.

⁵⁶ Cf. idem, *ibidem*, p. 59.

Dario I, que se apoderou do trono após a morte de Cambises⁵⁷. Na referida inscrição, Dario reclama a sua vitória sobre o impostor Gaumata, que assumiu o governo durante seis meses, fazendo-se passar pelo irmão de Cambises, Bardia, que havia sido assassinado a mando de Cambises, antes de este morrer de forma enigmática⁵⁸. A inscrição de Bisitun – que serviu de instrumento da propaganda política de Dario para afirmar e consolidar o seu recém-adquirido poder –, apresentava o novo soberano persa como o legítimo sucessor de Cambises II, afirmando descender da linhagem de Aquêmenes, sendo assim o primeiro a batizar a dinastia como “Aqueménida”⁵⁹.

Foi durante o reinado de Dario que o Império Aqueménida atingiu o auge da sua extensão em termos territoriais, cobrindo o espaço geográfico que ia do Indo ao Danúbio, e da fronteira ocidental dos Himalaias até ao deserto do Saara⁶⁰. Caracterizado pela multiculturalidade e pluralidade étnica⁶¹, o Império Persa era um “vasto mosaico de estados, comunidades e governantes”⁶², cujos alicerces dependiam de uma organização administrativa complexa sem precedentes⁶³. Note-se ainda que os Persas permitiam aos povos que subjugavam manter a sua identidade e herança culturais e não lhes impunham a sua cultura, língua e religião⁶⁴.

O sistema imperial persa procurou aproveitar e manter algumas das estruturas já existentes nas regiões que anexou⁶⁵. Em grandes reinos, como, por exemplo, o Egito ou a Babilónia – áreas que encontravam-se unificadas como reinos “nacionais” antes da conquista persa –, os antigos soberanos desses domínios eram substituídos pelos chamados “sátrapas”⁶⁶. Estes últimos representavam a autoridade do rei da Pérsia a uma escala local. Por sua vez, os territórios que antes da anexação persa não se encontravam unificados como

⁵⁷ Sobre a inscrição de Bisitun veja-se, entre outras obras, WATERS, Matt (2014), *op. cit.*, pp. 59-65.

⁵⁸ Vide BROSIUS, Maria (2006), *op. cit.*, pp. 15-16. De acordo com Matt Waters, as causas da morte de Cambises II são enigmáticas. Na descrição deste evento patente na inscrição de Bisitun, é afirmado de forma ambígua que “ele morreu a sua própria morte” (tradução nossa de “he died his own death”). Pelo menos, esta é à tradução literal defendida por Waters, que contesta a tradução que alguns estudiosos fazem desta expressão, segundo a qual Cambises terá cometido suicídio. Cf. WATERS, Matt (2014), *op. cit.*, p. 63.

⁵⁹ WATERS, Matt (2014), *op. cit.*, p. 64.

⁶⁰ Cf. *idem*, *ibidem*, p. 5. Veja-se o Mapa 1, p. I.

⁶¹ WIESEHÖFER, Josef, *La Persia antica*, Bologna, Società editrice il Mulino, 2003, p. 13.

⁶² Tradução nossa de “vast mosaic of states, communities and rulers”. Cf. VLASSOPOULOS, Kostas (2013), *op. cit.*, p. 47.

⁶³ Vide BROSIUS, Maria (2006), *op. cit.*, p. 47.

⁶⁴ Cf. *idem*, *ibidem*, p. 50.

⁶⁵ Veja-se VLASSOPOULOS, Kostas (2013), *op. cit.*, p. 47.

⁶⁶ Cf. *idem*, *ibidem*, p. 47.

no caso anterior, continuavam a ser governados por chefes locais, que coexistiam com os sátrapas⁶⁷.

O sátrapa era o “protetor do reino”⁶⁸, que tinha a seu cargo uma província do império, a chamada “satrapia”⁶⁹. A sua função era supervisionar e zelar pela zona que lhe era designada, sendo um dos seus deveres o de coletar o tributo devido ao rei. Para tal, usufruía de privilégios e possuía poderes ao nível económico, administrativo, militar e político, de carácter regional, mas continuava a ter de consultar o soberano, no que tocava a assuntos de maior relevância⁷⁰.

Este ofício foi implantado por Ciro II e, inicialmente, eram nomeados por ele indivíduos naturais das terras conquistadas para desempenhar esta função. Mas, a função passou a ser outorgada a membros da família real, no tempo de Dario I⁷¹. Destaque-se, desde já, que os laços que uniam o Grande Rei⁷² aos aristocratas que se encontravam ao seu serviço, quer na corte e nas satrapias, quer no exército, constituíam uma peça fundamental no sistema administrativo persa, sendo um fator responsável pela coesão dessa “manta de retalhos” de diferentes estados⁷³. Realce-se ainda que este universo imperial assentava também na recompensação da lealdade para com o rei⁷⁴. Importa também referir que a autoridade persa nas províncias, além de ser representada pelos sátrapas, era mantida por guardas e guarnições militares colocadas em pontos estratégicos do território⁷⁵.

Conforme referimos, os sátrapas, em vários casos, coexistiam com os governantes das terras conquistadas, os quais eram mantidos pelos Persas⁷⁶. Este sistema aplicou-se, inclusive, às cidades-estados gregas da Ásia Menor, que conservaram o seu modelo de soberania tradicional. Contudo, o controlo e a influência política persas faziam-se certamente sentir mesmo nestas províncias mais a oeste: o monarca persa detinha o poder de escolher apoiar a ascensão de um cidadão a tirano ou de atribuir o governo da terra ou os seus

⁶⁷ Vide idem, *ibidem*, p. 47.

⁶⁸ O significado de “sátrapa” em persa antigo equivale a “protetor do reino”. Veja-se BROSIUS, Maria (2006), *op. cit.*, p. 47.

⁶⁹ Durante o governo de Dario I, o império encontrava-se dividido em cerca de trinta satrapias, de acordo com o que o próprio afirma numa inscrição de Susa. Vide BROSIUS, Maria (2006), *op. cit.*, p. 49.

⁷⁰ Cf. idem, *ibidem*, p. 48.

⁷¹ Idem, *ibidem*, pp. 47-48.

⁷² O monarca da Pérsia era assim denominado pelos Gregos. Vide MARTIN, Thomas R. (2013), *op. cit.*, p. 126.

⁷³ VLASSOPOULOS, Kostas (2013), *op. cit.*, p. 47.

⁷⁴ Cf. idem, *ibidem*, pp. 47-48.

⁷⁵ Cf. idem, *ibidem*, p. 47.

⁷⁶ Cf. idem, *ibidem*, p. 47.

rendimentos, como recompensa, a certo indivíduo, pelos seus feitos⁷⁷. A intervenção persa podia também ocorrer em caso de querelas entre as comunidades gregas, no sentido de as arbitrar e resolver⁷⁸.

Como já aludimos, estavam assim criadas as condições para a existência de contactos entre Gregos e Persas, ou entre Gregos e súbditos daqueles. A interação podia ser feita a vários níveis, indo do simples intercâmbio comercial até ao confronto travado em campo de batalha. Devemos começar, antes de mais, por esclarecer que, como salienta Miller, ao contrário do que geralmente se pensa no meio académico atual, os Persas não eram para os Gregos um “inimigo distante de cultura desconhecida”⁷⁹. De acordo com esta autora, os contactos greco-persas eram possíveis – pelo menos, as circunstâncias a isso eram favoráveis⁸⁰, sendo que possuímos evidências literárias que nos relatam mesmo alguns casos de interação entre ambos –, podendo ocorrer em diferentes contextos geográficos: por um lado, podiam ter lugar nas satrapias ocidentais; por outro, no seio do império.

No primeiro caso, podemos desde logo indicar a presença dos sátrapas que, tal como o rei, residiam num palácio, tinham a sua própria corte e séquito e, inclusive praticavam atividades características da realeza persa, como a caça e os banquetes⁸¹. Recordemos que estes oficiais representavam e personificavam a soberania real a uma escala regional, pelo que não é de admirar que usufruíssem de prerrogativas semelhantes, mas ao nível local. A interação grega com este “microuniverso persa” podia ocorrer, talvez, pela ocasião de embaixadas diplomáticas⁸². Seria, portanto, esta a imagem, possivelmente, mais próxima do verdadeiro poder imperial persa que os Gregos podiam obter nas satrapias mais a ocidente. Saliente-se, desde já, que esta particularidade de observar os Persas não nas zonas centrais do império mais ao oriente, mas sim no enquadramento das satrapias ocidentais terá muito provavelmente condicionado (e mesmo influenciado) a perceção que os Gregos detinham deste povo e a compreensão que faziam da sua cultura⁸³. Além dos sátrapas, a presença persa

⁷⁷ Veja-se *idem, ibidem*, p. 46.

⁷⁸ Cf. *idem, ibidem*, p. 47.

⁷⁹ MILLER, Margaret C. (1997), *op. cit.*, p. 3. Embora os Gregos tivessem mais oportunidades de contacto com outros povos iranianos, vassallos do império. *Vide* MILLER, Margaret C. (1997), *op. cit.*, p. 94.

⁸⁰ Cf. *idem, ibidem*, p. 89.

⁸¹ BROSIUS, Maria (2006), *op. cit.*, p. 48.

⁸² Sobre a potencialidade dos contactos entre os mundos gregos e persas através de embaixadas diplomáticas, sugere-se a consulta do capítulo “Diplomatic exchange: visions of splendour” de Margaret Miller: veja-se MILLER, Margaret C. (1997), *op. cit.*, pp. 109-133.

⁸³ Cf. *idem, ibidem*, p. 89.

podia manifestar-se através das concessões de terras nesta zona a indivíduos cujos feitos tinham sido considerados valorosos e que poderão ter aí permanecido após a conquista dos territórios ao ocidente da Ásia Menor⁸⁴. Miller refere ainda que existem várias provas de que haveria uma população persa algo significativa dispersa, não só pela Anatólia, mas também pelas restantes satrapias ocidentais⁸⁵.

Relativamente ao segundo caso, como afirmámos, a interação greco-persa verificou-se também mais ao oriente, inclusive no cenário da corte real persa. Possuímos um número considerável de testemunhos literários sobre a presença de outros Gregos no coração da Pérsia, entre os quais: refugiados políticos que eram acolhidos na corte, como foi o caso, por exemplo, de Temístocles, após a invasão de Xerxes, e de Alcibíades; bem como artistas e artífices de múltiplos talentos, nomeadamente médicos, dos quais podemos destacar Ctésias de Cnido e Democedes de Crotona⁸⁶. Note-se que a presença deste tipo de personagens verificava-se não só na corte real, mas também nas satrapias. Entre outros Gregos que poderiam ser encontrados nas zonas mais centrais do império, contavam-se os mercenários, contratados muitas vezes pelos sátrapas e pelo próprio monarca, bem como os trabalhadores e artesãos, que trabalhavam nas terras estatais e em obras públicas, sendo recrutados e deportados para essas zonas⁸⁷.

Retomando a narrativa historiográfica, em 499 a.C., teve início a chamada revolta iónica: uma onda de insurreição que percorreu as cidades-estados da Iónia contra os tiranos, que ao serviço de Dario I, as governavam⁸⁸. As suas causas originais são difíceis de discernir⁸⁹, sendo que, segundo Heródoto, a causa imediata teria residido numa fracassada expedição

⁸⁴ Cf. *idem, ibidem*, p. 89.

⁸⁵ Cf. *idem, ibidem*, p. 91.

⁸⁶ Cf. Plutarco, Temístocles, 29.7. Heródoto dá-nos conta de vários refugiados políticos que terão sido acolhidos na corte persa, nomeadamente durante o reinado de Dario. Entre os quais, pode referir-se a título de exemplo o antigo rei dos Lacedemónios, Demarato, que, segundo o historiador, além de ter sido bem acolhido na corte de Dario, recebeu do monarca a concessão de várias terras (Cf. Hdt. 6. 70). Este autor também relata a presença de Democedes de Crotona na corte de Dario, que, de acordo com este autor, terá curado o próprio rei e, em segredo, a esposa deste e rainha-mãe, Atossa (seria da união de Dario com Atossa que nasceria Xerxes, o sucessor de Dario). Cf. Hdt. 3.140-141. Relativamente a Ctésias de Cnido, que esteve presente na corte de Artaxerxes II, chegou-nos o testemunho das suas vivências pela sua própria mão, na sua obra *Persiká*. Veja-se VLASSOPOULOS, Kostas (2013), *op. cit.*, p. 46.

⁸⁷ *Vide* MILLER, Margaret C. (1997), *op. cit.*, pp. 100-103.

⁸⁸ Veja-se MARTIN, Thomas R. (2013), *op. cit.*, p. 127.

⁸⁹ Sobre esta questão, *vide* BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, pp. 149-152.

persa à ilha de Naxos, em resposta ao pedido de auxílio do tirano de Mileto, Aristágoras⁹⁰. O desaire do ataque conduziu à rebelião deste último, que se viu numa posição vulnerável relativamente aos Persas e acabou por abdicar da sua posição de tirano, declarando *isonomia* (isto é, igualdade de direitos) em Mileto⁹¹. Após estes eventos, a expulsão dos tiranos alastrou-se nesta zona, verificando-se uma enorme adesão popular a este movimento. De acordo com Oswyn Murray, o ideal político que se começava a formar nestas cidades (a *isonomia*) terá estado na origem deste fenómeno⁹².

A procura de apoio militar levou Aristágoras a viajar até à Grécia continental. Esparta negou-lhe ajuda; mas Atenas e Erétria mandaram tropas em seu auxílio. Sucedeu-se o ataque a Sárdis, antiga capital da Lídia e sede dos Persas na Iónia, o qual terminou com a retirada dos Iónios e dos seus aliados, não sem antes incendiarem a cidade⁹³. A revolta prosseguiu já sem o apoio de Atenas e Erétria. A tomada do Helesponto e a contribuição dos Iónios para instigar o Chipre a também insurgir-se, levou Dario a intervir de forma drástica, uma vez que estava em jogo o controlo das terras na região noroeste do império aqueménida: realizou-se uma série de campanhas lideradas por oficiais persas para dominar a revolta, o que só aconteceu por completo ao fim de cerca de cinco anos⁹⁴. Dario terá então ordenado ao seu general Mardónio que reorganizasse a Iónia, substituindo as tiranias aí existentes e implantando regimes democráticos⁹⁵.

Antes do despertar da revolta, por volta de 507 a.C., segundo relata Heródoto, uma embaixada ateniense submeteu-se oficialmente ao Grande Rei⁹⁶. Vários historiadores encontram nesta premissa a explicação para a reação de Dario ao tomar conhecimento da participação de Atenas na rebelião: o monarca interpretou esta atitude de Atenas como uma ofensa, uma quebra do juramento de lealdade efetuado na sequência da referida embaixada e viu-se, por esse motivo, obrigado a responder a essa insubordinação, que não podia ser

⁹⁰ MURRAY, Oswyn, “8. The Ionian Revolt” in BOARDMAN, John et al (ed.), *The Cambridge Ancient History. Persia, Greece and the Western Mediterranean c. 525 to 479 B.C.*, Cambridge, Cambridge University Press, 2.^a ed., 6.^a reimpressão, vol. IV, 2006, p. 473.

⁹¹ Vide MURRAY, Oswyn (2006), *op. cit.*, pp. 473-474.

⁹² Cf. idem, *ibidem*, pp. 474-475.

⁹³ Veja-se MARTIN, Thomas R. (2013), *op. cit.*, p. 127.

⁹⁴ Matt Waters aponta que o Helesponto e a ilha de Chipre detinham valor estratégico em termos de controlo da região noroeste do império persa. A monopolização destes dois locais pelos Iónios colocava em risco esses domínios territoriais do rei da Pérsia. Vide WATERS, Matt (2014), *op. cit.*, pp. 86-87.

⁹⁵ MARTIN, Thomas R. (2013), *op. cit.*, p. 127.

⁹⁶ WATERS, Matt (2014), *op. cit.*, p. 84.

tolerada⁹⁷. Assim, no ano de 490 a.C., Dario enviou uma frota naval para castigar Atenas e Erétria, sendo que a última foi completamente arrasada⁹⁸. O confronto entre os Persas e os Atenienses (auxiliados por Plateias) teve lugar num planalto, perto da cidade de Maratona⁹⁹. Dessa batalha surpreendentemente saíram vencedores os segundos, que, pelo menos segundo o relato das fontes que nos chegaram, estariam claramente em desvantagem numérica¹⁰⁰. O significado simbólico da vitória nesta batalha foi mais relevante do que o militar, uma vez que representava para os Gregos a primeira resistência, bem-sucedida acrescente-se, contra o poderoso Império Persa¹⁰¹.

A retaliação de Dario era expectável, mas antes de esta se poder concretizar, o soberano faleceu inesperadamente em 486 a.C., por motivo de doença, segundo Ctésias¹⁰². De acordo com Heródoto, caberia ao seu filho e sucessor, Xerxes, levar a guerra aos Gregos¹⁰³.

1.2 As Guerras Pérsicas e suas consequências nas relações greco-persas

Antes de mais, refira-se que as fontes de que dispomos para a reconstituição do conflito militar que opôs Persas a Gregos entre 490 e 479 a.C. apresentam limitações: a perspetiva de que partem é a destes últimos, que saíram vencedores, pelo que requerem um manuseamento crítico da informação nela contida, devendo ter-se sempre em conta este fator¹⁰⁴.

Quando Xerxes subiu ao trono, viu-se a braços com uma revolta no Egito, que tinha despontado ainda durante o reinado do seu pai¹⁰⁵. Este território rico e também importante do ponto de vista estratégico requeria a atenção imediata de Xerxes¹⁰⁶, para não mencionar o

⁹⁷ Cf. idem, *ibidem*, p. 84.

⁹⁸ Cf. Hdt. 6.101.2-3. Veja-se VLASSOPOULOS, Kostas (2013), *op. cit.*, pp. 54-55.

⁹⁹ Vide MARTIN, Thomas R. (2013), *op. cit.*, pp. 128-129 e WATERS, Matt (2014), *op. cit.*, pp. 89-90.

¹⁰⁰ Cf. MARTIN, Thomas R. (2013), *op. cit.*, pp. 128-129.

¹⁰¹ Veja-se idem, *ibidem*, p. 129 e WATERS, Matt (2014), *op. cit.*, p. 91. Com efeito, Maratona pode ser considerada como uma das grandes batalhas que ajudaram a moldar e afirmar a identidade grega face ao inimigo persa. Assim sendo, de certa forma, Maratona pode ser percebida como uma das batalhas fundacionais da Hélade no contexto do conflito medo-persa. Outros confrontos que viriam a revestir-se de particular importância neste conflito são: Termópilas, Salamina, Plateias e Mícale, que enunciaremos a seguir. Estes confrontos poderão também, de certo modo, ser consideradas batalhas fundacionais da Hélade. Veja-se RODRIGUES, Nuno Simões, “A goddess for the Greeks. Demeter as identity factor in Herodotus” in FIGUEIRA, Thomas e SOARES, Carmen (2020), *op. cit.*, p. 185.

¹⁰² Cf. WATERS, Matt (2014), *op. cit.*, p. 114.

¹⁰³ Xerxes nasceu do segundo casamento de Dario com Atossa. Cf. idem, *ibidem*, p. 115.

¹⁰⁴ Cf. VLASSOPOULOS, Kostas (2013), *op. cit.*, p. 53.

¹⁰⁵ Veja-se BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, p. 525.

¹⁰⁶ WATERS, Matt (2014), *op. cit.*, p. 115.

facto de lhe proporcionar a oportunidade de inaugurar o seu mandato com uma expedição militar¹⁰⁷. Estes acontecimentos, juntamente com uma insurreição que se levantou na Babilónia em 484 a.C.¹⁰⁸, atrasaram a campanha que visava a Grécia: além de ter sido necessário refrear estes focos de rebelião, foram precisos quatro anos de preparativos logísticos¹⁰⁹, que inclusive envolveram a construção de uma grande ponte sobre o Helesponto, ligando a Ásia e a Europa¹¹⁰. Entretanto, face à iminência do ataque persa, 31 das cidades-estados gregas resolveram unir-se sob o comando de Esparta para enfrentar este inimigo “bárbaro” comum¹¹¹.

Antes de descrevermos, em traços gerais, as manobras e contramanobras greco-persas que então se desenrolaram, teçamos algumas, breves, considerações sobre o estado militar das principais potências envolvidas nas chamadas “Guerras Pérsicas”. De um lado, estavam os exércitos das cidades gregas, cujo núcleo duro consistia numa formação cerrada de infantaria pesada, designada de “falange hoplítica”; a principal característica desta unidade de combate era o facto de proporcionar um confronto com o inimigo em linha e em conjunto, e não individualmente, como acontecia com outras fórmulas estratégicas¹¹². Do outro lado, estava a hoste persa, constituída por infantaria ligeira, os *sparabara* que agiam em combinação com arqueiros, e ainda pela força da cavalaria¹¹³. No que toca à marinha de guerra, os Persas serviam-se da habilidade naval dos Fenícios, que era superior à grega¹¹⁴. Refira-se ainda que, embora não conheçamos com exatidão a composição numérica dos contingentes de ambos os oponentes¹¹⁵, sabemos que o exército e a armada persa seriam superiores aos dos Gregos¹¹⁶. No entanto, podemos supor que não teriam tanta vantagem numérica, caso atuassem separadamente, ou seja, a sua superioridade advinha do conjunto de

¹⁰⁷ Vide BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, p. 525.

¹⁰⁸ Esta proposta de data é atualmente aceite pela maioria dos historiadores. Veja-se WATERS, Matt (2014), *op. cit.*, p. 116.

¹⁰⁹ Vide BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, p. 525.

¹¹⁰ Cf. BURGAN, Michael (2010), *op. cit.*, p. 40.

¹¹¹ Consulte-se VLASSOPOULOS, Kostas (2013), *op. cit.*, p. 55. Esta coligação grega ficou conhecida como “Liga Pan-helénica”.

¹¹² Vide MONTEIRO, João Gouveia, *Grandes conflitos da história da Europa: De Alexandre Magno a Guilherme “O conquistador”*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 20.

¹¹³ Cf. idem, *ibidem*, p. 29.

¹¹⁴ Cf. idem, *ibidem*, p. 29.

¹¹⁵ Veja-se VLASSOPOULOS, Kostas (2013), *op. cit.*, p. 56.

¹¹⁶ Isto devido aos números claramente exagerados que nos são fornecidos pelas fontes. Cf. idem, *ibidem*, p. 56.

¹¹⁷ Cf. idem, *ibidem*, p. 56.

marinha e tropas terrestres, não tendo o mesmo impacto se estes corpos operassem isoladamente¹¹⁷.

Regressando à invasão de Xerxes, tendo em conta os fatores que expusemos, esta apenas principiaria por volta de 479 a.C. Para fazer frente aos Persas, a coligação de cidades-estados liderada por Esparta dedicou-se à tarefa de selecionar um território para travar a batalha que fosse favorável aos Gregos: estrategicamente, as condições desse território deveriam passar por ser um espaço confinado, visando impedir o ataque combinado das forças terrestres e marítimas persas¹¹⁸. Após uma tentativa fracassada de encontrar uma posição defensiva ao norte da entrada para a Tessália, a escolha acabou por recair sobre a estreita passagem das Termópilas¹¹⁹. Foi neste local que se deu um confronto entre as tropas adversárias, ainda hoje célebre pela resistência determinada da coligação helénica¹²⁰. A liderança desta esteve a cargo do rei Leónidas de Esparta, tendo combatido pela pátria, a Hélade, contra os invasores bárbaros até ao último suspiro¹²¹. Segundo Vlassopoulos, na ocasião do conflito, a derrota helénica terá constituído uma calamidade para a facção grega: o seu plano inicial tinha caído por terra, deixando aberto o caminho para Xerxes avançar para o sul e marchar sobre Atenas¹²². O sacrifício dos Espartanos, no entanto, tinha conseguido atrasar o exército persa, dando tempo à cidade de Atenas para ser evacuada, antes do saque e da sua implacável destruição¹²³.

Terá sido no decurso da evacuação, que o general ateniense Temístocles percebeu que podiam usar a posição estratégica de Salamina, uma das ilhas na qual a população se tinha refugiado, na luta contra os Persas¹²⁴. Foi junto a esta ilha, que os Gregos conseguiram reverter a maré da guerra, com uma importante vitória num confronto naval¹²⁵. Em virtude desta derrota, Xerxes decidiu regressar à Ásia, incumbindo o seu general Mardónio de continuar as operações militares¹²⁶. Em 479, teria lugar a batalha de Plateias entre Mardónio

¹¹⁷ Cf. idem, *ibidem*, pp. 56-57.

¹¹⁸ Cf. idem, *ibidem*, p. 57.

¹¹⁹ Cf. idem, *ibidem*, p. 57.

¹²⁰ Cf. idem, *ibidem*, p. 58.

¹²¹ Cf. idem, *ibidem*, p. 58.

¹²² Cf. idem, *ibidem*, p. 58.

¹²³ Cf. idem, *ibidem*, p. 58.

¹²⁴ Cf. idem, *ibidem*, pp. 58-59.

¹²⁵ Cf. idem, *ibidem*, pp. 58-59.

¹²⁶ Cf. idem, *ibidem*, p. 59.

e uma coligação de cidades-estados gregas, a qual redundou numa vitória decisiva grega¹²⁷. Este êxito militar foi complementado pela vitória naval de Mícale, no mesmo ano, que assinalou o fim das Guerras Pérsicas¹²⁸. Encerrava-se também assim o período de contacto greco-persa mais intenso, segundo Miller¹²⁹.

Podemos afirmar que as Guerras Pérsicas constituíram um importante marco histórico e tiveram consequências significativas ao nível das relações greco-persas¹³⁰. Antes de mais, tiveram um impacto profundo na imagem que os Gregos criaram dos Persas, o que se reflete nas fontes escritas que nos deixaram. A influência considerável que essa representação teve no relato da História perdurou além da Antiguidade. De facto, pode ainda ser sentida na produção historiográfica dos últimos dois séculos, devido ao facto de esta depender maioritariamente das fontes gregas (as quais foram escritas pelos vencedores do conflito), bem como de uma leitura não crítica das mesmas para reconstituirmos os eventos passados nesta época¹³¹.

Esta visão ou representação grega dos Persas foi concebida em simultâneo com outro fenómeno, também relevante: a afirmação do conceito de “pan-helenismo”, que segundo José Ribeiro Ferreira, principiaria a insinuar-se mais nitidamente nos escritos gregos, após as Guerras Pérsicas (desde logo com os *Persas* d’Ésquilo)¹³². Por outras palavras, podemos dizer que, então, uma identidade helénica partilhada pelas várias cidades-estados gregas começou a cimentar-se de forma mais vigorosa. Foi no contexto das Guerras Pérsicas que, no combate contra um inimigo “bárbaro” comum, as cidades-estados gregas se uniram por aclamada liberdade. Esta esforçada unidade seria favorecida também pela coexistência de fatores comuns às diferentes comunidades gregas, designadamente, ascendência étnica,

¹²⁷ Cf. idem, *ibidem*, pp. 59-60.

¹²⁸ Segundo a tradição, a batalha de Mícale teria ocorrido até no mesmo dia do que a de Plateias. Cf. idem, *ibidem*, p. 60.

¹²⁹ Veja-se MILLER, Margaret C. (1997), *op. cit.*, p. 3.

¹³⁰ Para Maria Brosius, as Guerras Pérsicas viriam a transformar-se num símbolo histórico para a luta da democracia contra a monarquia, da liberdade contra o despotismo, e da Europa contra a Ásia e, em última análise, do Ocidente contra o Oriente. Esta autora percorre, em traços muito gerais, a utilização da oposição entre estes ideais e regimes como instrumento de propaganda e de conquista de novos territórios, das Guerras Pérsicas em diante (inclusive, no período da Roma Antiga). Vide BROSIOUS, Maria (2006), *op. cit.*, pp. 76-78.

¹³¹ Vide BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, p. 515.

¹³² Sobre este tema, veja-se FERREIRA, José Ribeiro, “Hélade, pan-helenismo e identidade helénica” in FIALHO, Maria do Céu; SILVA, Maria de Fátima e PEREIRA, Maria Helena da Rocha (coord.), *Génesis e consolidação da ideia de Europa. Vol. I: de Homero ao fim da época clássica*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2005, pp. 15-42.

religião e mitologia, língua, leis e costumes, sobretudo quando comparadas com outros povos, que não falavam a língua grega, e a quem os Helenos chamavam “Bárbaros”¹³³.

Segundo Maria Brosius, a partir de meados do século V, para os Gregos, o “Outro bárbaro” passaria a ser especialmente associado à Pérsia¹³⁴. Os Persas seriam múltiplas vezes alvo da representação grega, quer no domínio da literatura, quer no das artes plásticas. No que diz respeito à literatura, pode-se referir desde logo a imagem dos Persas criada por Ésquilo na sua tragédia *Persas*, que foi representada em palco apenas alguns anos depois da vitória helénica na batalha de Salamina (a qual corresponde ao episódio central da referida peça)¹³⁵. Considera-se atualmente que o retrato dos Persas patente nos textos dos autores gregos apresenta várias vezes uma tendência pejorativa, de denegrir o “outro” persa (designadamente de vários dos monarcas aqueménidas). Como veremos, no entanto, Heródoto constitui-se como um caso algo particular: comparativamente com outros escritores gregos, a sua obra não deixa transparecer uma clara hostilidade para com os Persas¹³⁶. Há quem considere até que pode ser observado nos escritos do historiador uma tentativa de fornecer um retrato do povo persa isento de juízos de valor¹³⁷.

No campo da iconografia, é interessante referir, de passagem, por exemplo, a associação que se verifica, a partir de dada altura, entre os Persas e as figuras mitológicas das Amazonas¹³⁸. Joana Abranches Portela realça que o traje persa começa a ser envergado pelas Amazonas na arte da primeira metade do séc. V a.C.¹³⁹. De acordo com esta investigadora, nalgumas ilustrações destas mulheres guerreiras, as Amazonas tornar-se-iam metáforas do invasor persa derrotado (nomeadamente as ilustrações que revestem alguns dos edifícios

¹³³ Consulte-se FERREIRA, José Ribeiro (1992), *op. cit.*, pp. 108-109.

¹³⁴ Como já aludimos na Introdução do presente estudo, segundo Maria Brosius, a Pérsia tornar-se-ia a epítome, ou se preferirmos, o paradigma do Bárbaro para os Gregos. Vide BROSIUS, Maria (2006), *op. cit.*, p. 76.

¹³⁵ Vide KITTO, H. D. F., *A tragédia grega: estudo literário*, vol. 1, Coimbra, Arménio Amado, 1972, p. 71. Abordaremos este tema da representação do “outro” persa em Ésquilo no subcapítulo 3.2 da presente Dissertação.

¹³⁶ Cf. BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, p. 7. Abordaremos o tema da representação do “outro” persa em Heródoto no subcapítulo 4.2 do presente estudo.

¹³⁷ Veja-se MARINCOLA, John, *Greek Historians, G & R: New Surveys in the Classics* n.º 31, New York, Cambridge University Press, 2001, p. 52.

¹³⁸ Sobre este assunto, veja-se: PORTELA, Joana Abranches, *As amazonas no mundo grego*, Dissertação de Mestrado em Literatura Clássica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2002, pp. 102-104.

¹³⁹ Cf. *idem*, *ibidem*, p. 102.

públicos atenienses, na década de 470-460 a.C.)¹⁴⁰. Como a autora salienta, pode ser observada a existência de vários paralelismos entre as Amazonas e os Persas: ambos tinham por contexto geográfico o mundo oriental da Ásia e ambos obedeciam a um único governante (o que implicava que o regime monárquico instalado nestas regiões poderia se transformar numa tirania), afigurando-se, dum ponto de vista grego, como escravos desse soberano¹⁴¹. Saliente-se também que a imagem das Amazonas, envergando vestes orientais e pintadas de modo a realçar a sua fisionomia feminina, pode, segundo Portela, remeter para a natureza efeminada dos Persas¹⁴².

Pode ser, assim, observado através deste exemplo a caracterização depreciativa que o retrato helénico dos Persas podia assumir ao representá-los como escravos submetidos ao poder de um tirano e efeminados. Porém, apesar do exposto acima, refira-se que, segundo Miller, verifica-se uma contradição de natureza ideológica entre a retórica anti-Persa e a receção, que de facto terá ocorrido na realidade, da cultura persa pela grega¹⁴³. De acordo com esta autora, um determinado retrato dos Persas encontra-se patente na retórica do teatro e dos discursos da assembleia; mas outras fontes, como a arqueologia, a iconografia, a epigrafia e a literatura, evidenciam uma representação contrária¹⁴⁴.

1.3 O panorama das relações greco-persas desde o pós-Guerras Pérsicas até ao fim da dinastia Aqueménida

Consideremos agora os acontecimentos que se desenrolaram na sequência desta guerra. Após o êxito verificado em Plateias, assiste-se à união de várias cidades-estados gregas que decidem lançar campanhas para libertar do domínio persa as comunidades gregas da Ásia Menor e da costa da Trácia¹⁴⁵. No ano de 478, foi fundada uma aliança entre Atenas, que assumiria a direção da mesma, e centenas de comunidades gregas, sendo que cada um dos membros devia contribuir anualmente para o financiamento das expedições contra os

¹⁴⁰ Cf. idem, *ibidem*, p. 102. Como Portela afirma: “No espírito dos Gregos do séc. V a.C., e particularmente no dos Atenienses, combater as Amazonas era, pois, equivalente a combater os Persas e a barbárie que ambos representam.” Cf. idem, *ibidem*, p. 103.

¹⁴¹ Cf. idem, *ibidem*, pp. 103-104.

¹⁴² Cf. idem, *ibidem*, p. 104.

¹⁴³ Veja-se MILLER, Margaret C. (1997), *op. cit.*, p. 1.

¹⁴⁴ Cf. idem, *ibidem*, p. 1.

¹⁴⁵ Vide VLASSOPOULOS, Kostas (2013), *op. cit.*, p. 62.

Persas¹⁴⁶. Nascia assim a Simaquia de Delos, a qual viria, no espaço de algumas décadas, a ser dominada pela hegemonia dos Atenenses, cuja *pólis* se encontrava em ascensão no Egeu¹⁴⁷. Assim, esta “liga” transformou-se num autêntico “império ateniense”¹⁴⁸. Podemos considerar que a emergência deste “imperialismo ateniense” adveio do contacto com o Império Persa, do qual terá em parte sido apreendido o modelo de governo¹⁴⁹. Com efeito, como evidencia Kostas Vlassopoulos, até à data os Gregos apenas tinham conhecimento de outros modos de administrar o poder, nomeadamente através: da conquista e anexação de território estrangeiro; do comando de uma aliança hegemónica de estados que antes eram autónomos; e do domínio exercido por uma metrópole relativamente às suas colónias¹⁵⁰.

Em 465, Xerxes foi assassinado e a coroa foi tomada por Artaxerxes I¹⁵¹. Entretanto, a “Liga de Delos”, na sua primeira década de existência, obteria vários êxitos militares contra os Persas, destacando-se especialmente os que decorreram na zona do rio Eurimedonte, que constituíram uma grande vitória para a aliança¹⁵². No entanto, refira-se que, apesar da possível ambição de Atenas relativa à conquista de territórios mais ao leste, a simaquia não podia competir com os recursos de que a Pérsia dispunha, nem tinha coesão suficiente para tal¹⁵³. Apesar destas circunstâncias, no final dos anos 460, Atenas auxiliou uma revolta que eclodira no Egito, mas que, não obstante, acabaria por ser controlada pela Pérsia¹⁵⁴.

As expedições prolongaram-se pelos anos 450, após as quais o conflito direto entre as duas potências cessou¹⁵⁵. Alguns investigadores apresentam como justificação para esse facto a assinatura da chamada “Paz de Cálias”¹⁵⁶. Todavia, os dados que as fontes nos revelam sobre este acordo de paz têm levantado inúmeras questões no seio académico relacionadas com a sua datação, os seus termos e a sua autenticidade histórica¹⁵⁷. Na verdade,

¹⁴⁶ Cf. idem, *ibidem*, p. 62.

¹⁴⁷ Cf. idem, *ibidem*, pp. 61-62.

¹⁴⁸ Cf. idem, *ibidem*, p. 62.

¹⁴⁹ Cf. idem, *ibidem*, p. 62.

¹⁵⁰ Cf. idem, *ibidem*, p. 62.

¹⁵¹ Vide WATERS, Matt (2014), *op. cit.*, pp 157-158.

¹⁵² Veja-se VLASSOPOULOS, Kostas (2013), *op. cit.*, p. 63.

¹⁵³ Vide WATERS, Matt (2014), *op. cit.*, p. 133.

¹⁵⁴ Cf. VLASSOPOULOS, Kostas (2013), *op. cit.*, p. 63.

¹⁵⁵ Cf. idem, *ibidem*, pp. 63-64.

¹⁵⁶ Cf. idem, *ibidem*, p. 64. Esta foi assim designada por causa do nome do embaixador ateniense que foi enviado para a negociar em Susa. Vide WATERS, Matt (2014), *op. cit.*, p. 164.

¹⁵⁷ Consulte-se WATERS, Matt (2014), *op. cit.*, p. 164.

esta terá sido posta em causa logo pelos autores da Antiguidade¹⁵⁸. De qualquer das formas, o confronto direto passou a não se verificar, o que levou alguns estudiosos a considerarem a existência de um cenário de guerra fria nas relações greco-persas durante este período¹⁵⁹.

Entretanto, as tensões entre Atenas e Esparta, que não fazia parte da Simaquia de Delos e comandava a Liga do Peloponeso, tendiam a aumentar e acabariam por desaguar na Guerra do Peloponeso, a qual teria o seu início no ano 431¹⁶⁰. Neste conflito interno grego, que viu as duas prestigiadas cidades-estados e respetivos aliados frente a frente, a Pérsia também deu o seu contributo, desempenhando o seu próprio papel: os Gregos (neste caso, em especial os Espartanos e os Atenenses) necessitavam do apoio da Pérsia, especialmente, do seu financiamento para conseguirem aguentar o esforço de guerra e, assim, obter a hegemonia sobre as cidades que saíssem derrotadas¹⁶¹.

Assim, não é de admirar que tanto Esparta como Atenas tenham procurado obter o apoio do Grande Rei, através do envio de embaixadas diplomáticas¹⁶². Inicialmente, no reinado de Dario II, sucessor de Artaxerxes I, o apoio foi dado a Esparta, tendo o rei enviado o seu próprio filho, Ciro (mais tarde conhecido como Ciro-o-Jovem) em auxílio dessa cidade¹⁶³. O acordo estabelecido entre ambas as partes pressupunha alguma autoridade persa sobre as cidades gregas da Ásia Menor, servindo desta forma para o soberano consolidar o seu domínio nesta parte do império¹⁶⁴. O favorecimento persa por parte de Esparta permitiu a sua vitória sobre Atenas, que acabaria por se render em 404, colocando um fim à guerra¹⁶⁵.

Após a morte de Dario II, o seu filho Arses assumiu a autoridade soberana, sob o nome “Artaxerxes II”¹⁶⁶. O seu irmão, Ciro, que tinha auxiliado Esparta, revoltou-se e tentou destroná-lo, tendo, para esse efeito, reunido um exército de mercenários gregos¹⁶⁷. Os dois irmãos enfrentar-se-iam na batalha de Cunaxa, em que Ciro perderia a vida¹⁶⁸. A viagem de regresso dos mercenários gregos para o Egeu foi contada pelo ateniense Xenofonte, na sua

¹⁵⁸ Vide VLASSOPOULOS, Kostas (2013), *op. cit.*, p. 64.

¹⁵⁹ Cf. idem, *ibidem*, p. 64.

¹⁶⁰ Veja-se WATERS, Matt (2014), *op. cit.*, p. 166.

¹⁶¹ Vide VLASSOPOULOS, Kostas (2013), *op. cit.*, pp. 65-69.

¹⁶² Cf. idem, *ibidem*, pp. 65-69.

¹⁶³ Ciro viria a estabelecer uma relação de amizade duradoura com o general espartano, Lisandro. Vide idem, *ibidem*, p. 66.

¹⁶⁴ Cf. idem, *ibidem*, p. 66.

¹⁶⁵ Cf. idem, *ibidem*, p. 66.

¹⁶⁶ WATERS, Matt (2014), *op. cit.*, p. 177.

¹⁶⁷ VLASSOPOULOS, Kostas (2013), *op. cit.*, p. 66.

¹⁶⁸ Cf. idem, *ibidem*, p. 66.

obra *Anábasis*¹⁶⁹. Saliente-se que os mercenários gregos eram bastante procurados pelo rei da Pérsia, pelo que deteriam um papel relevante no contacto militar entre Gregos e Persas¹⁷⁰. De facto, as comunidades gregas chegavam mesmo a enviar alguns soldados para servirem como mercenários, visando adquirir recursos monetários e boa vontade política¹⁷¹.

Contudo, com a subida de Artaxerxes II ao trono, o panorama das relações da Pérsia com Esparta sofreu alterações radicais, pois o novo monarca marchou sobre a Grécia, com o intuito de submeter as comunidades gregas que, segundo o acordo com os Espartanos, lhe pertenciam¹⁷². Perante estas circunstâncias, as cidades gregas apelaram à proteção de Esparta, que acedeu ao seu pedido, assumindo-se como líder da campanha pan-helénica que tinha por objetivo libertar os Gregos da Ásia Menor do domínio da Pérsia¹⁷³. Aproveitando as divisões internas gregas, os Persas conseguiram que várias cidades-estados gregas passassem para o seu lado, nomeadamente Atenas, Tebas, Corinto e Argos, que declararam guerra a Esparta, obrigando-a retirar as suas forças da Ásia Menor e reconduzi-las para a Grécia¹⁷⁴. Posteriormente, a marinha persa viria a alcançar uma vitória importante contra os Lacedemónios, na batalha naval de Cnido, em 394, garantindo assim a supremacia da Pérsia no mar¹⁷⁵. Todavia, o conflito entre Atenas e Esparta (e consequentemente o dos seus aliados) continuou a arrastar-se durante anos e apenas viria a conhecer o seu fim, graças à intervenção persa, em 387¹⁷⁶. Nesse ano, os Espartanos fizeram um acordo com o Império Persa, a Paz de Antálcidas¹⁷⁷, a qual determinava o controlo da Pérsia sobre as cidades-estados da Ásia Menor e a independência das restantes comunidades gregas.

Em 336, apareceria em cena Alexandre Magno, que subia ao trono da Macedónia com apenas 20 anos¹⁷⁸. O seu pai, Filipe II, conseguira obter o domínio sobre as cidades-estados gregas, entre outros territórios, através de um sistema complexo de alianças e vassalagem e, antes de morrer, planeava invadir a Ásia¹⁷⁹. Segundo a tradição, o seu filho Alexandre terá

¹⁶⁹ Cf. idem, *ibidem*, pp. 66-67.

¹⁷⁰ Cf. idem, *ibidem*, p. 69.

¹⁷¹ Cf. idem, *ibidem*, p. 69.

¹⁷² Cf. idem, *ibidem*, p. 67.

¹⁷³ Cf. idem, *ibidem*, p. 67.

¹⁷⁴ Cf. idem, *ibidem*, p. 67.

¹⁷⁵ Cf. idem, *ibidem*, p. 68.

¹⁷⁶ Este conflito ficaria conhecido como a Guerra de Corinto. Cf. idem, *ibidem*, p. 68.

¹⁷⁷ A designação da Paz de Antálcidas advém do nome do general espartano que a negociou. Sobre a última e os termos da proclamação realizada por Artaxerxes II a propósito deste acordo, vide idem, *ibidem*, p. 68.

¹⁷⁸ Veja-se MONTEIRO, João Gouveia (2014), *op. cit.*, p. 48.

¹⁷⁹ Vide VLASSOPOULOS, Kostas (2013), *op. cit.*, p. 73.

prosseguido esse sonho ambicioso do pai, lançando campanhas militares ao Oriente e também sobre outras regiões, como o Egito¹⁸⁰. A grande expedição de Alexandre resultará, no ano de 331, na célebre batalha de Gaugamelos, onde enfrentaria o rei Dario III, obtendo uma vitória decisiva¹⁸¹. Segundo a tradição, Dario seria não muito depois vítima de uma conspiração congeminada por três sátrapas, que acabaria com a morte do monarca persa¹⁸². Assistia-se assim ao fim da dinastia aquemênida e do seu império, cujo território, na sua maior parte, seria governado depois sob a autoridade e influência do Império Selêucida, um dos estados-sucessores de Alexandre¹⁸³.

¹⁸⁰ Cf. idem, *ibidem*, p. 76.

¹⁸¹ Cf. idem, *ibidem*, p. 76. Dario III foi o sucessor de Artaxerxes IV, que por sua vez havia tomado o poder de Artaxerxes III, o qual havia sucedido a Artaxerxes II.

¹⁸² Vide MONTEIRO, João Gouveia (2014), *op. cit.*, p. 67.

¹⁸³ Alexandre Magno viria a morrer não muito depois, na Babilônia, em 323 a.C. Cf. idem, *ibidem*, p. 71.

2. No coração da Antiga Pérsia: realeza e corte aqueménidas¹⁸⁴

Soberano de um vasto império, o rei aqueménida detinha autoridade absoluta sobre todos os seus domínios, concentrando em si mesmo as prerrogativas supremas dos poderes político, judicial e militar¹⁸⁵. A figura do rei persa pode assim ser identificada com a de um governante absoluto¹⁸⁶, que reinava por “direito divino”, como Wiesehöfer refere¹⁸⁷. Por outras palavras, podemos dizer que a ideologia real persa considerava e procurava transmitir a mensagem de que o monarca era favorecido pelo deus Ahuramazda¹⁸⁸, divindade iraniana, cujo culto religioso, no reinado de Dario I, foi elevado a culto oficial real¹⁸⁹.

Assim sendo, encontramos desde logo uma forte ligação da “coroa” à religião, a qual pode ser vista como uma das mais marcantes ideologias fundacionais da monarquia aqueménida¹⁹⁰. Todavia, deve salientar-se que, ao contrário do que alguns autores gregos indicam nos seus registos, o rei persa não era considerado um deus. Ele era, por assim dizer, um vigário, o substituto, o representante e intercessor do mundo divino na terra¹⁹¹: acreditava-se que ele contava com o apoio de Ahuramazda, pelo que as suas decisões e ações seriam orientadas pelo deus, e, por isso, guiadas pela verdade (*arta*, em persa antigo) e direcionadas contra a mentira (*drauga*, em persa antigo), que devia ser eliminada¹⁹². No pensamento persa, o conceito de *drauga* estava normalmente associado ao caos de uma rebelião ou insurgência contra um governo, que devia ser esmagada pelo rei, com o objetivo de se manter a ordem¹⁹³. Poderá talvez, assim, afirmar-se que, o poder supremo do rei se

¹⁸⁴ Para uma visão geral das fontes relativas a este tema e suas limitações, consulte-se BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, pp. 255-256.

¹⁸⁵ Vide BROSIUS, Maria (2006), *op. cit.*, p. 32.

¹⁸⁶ Brosius refere que o rei aqueménida era o soberano absoluto do império. Cf. idem, *ibidem*, p. 32.

¹⁸⁷ Veja-se WIESEHÖFER, Josef, *Ancient Persia from 550 BC to 650 AD*, London/New York, I.B. Tauris & Co Ltd, 2001, p. 30.

¹⁸⁸ Cf. idem, *ibidem*, p. 30 e BROSIUS, Maria (2006), *op. cit.*, pp. 32-33.

¹⁸⁹ Embora tenhamos conhecimento da existência de outros deuses venerados pelos reis persas, Ahuramazda é referido como o “maior dos deuses” (tradução nossa) nas primeiras inscrições reais aqueménidas de que há registo. (Cf. LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, p. 22). O culto persa de alguns elementos da natureza está também atestado em várias fontes, sendo que o culto do fogo ocupava um lugar central na religião. Sobre o culto de elementos naturais, consulte-se BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, pp. 248-253.

¹⁹⁰ Vide BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, pp. 240-241.

¹⁹¹ Cf. WIESEHÖFER, Josef (2001), *op. cit.*, p. 30 e BROSIUS, Maria (2006), *op. cit.*, p. 32.

¹⁹² Optámos por utilizar a tradução de Llewellyn-Jones (vide LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, p.27). Brosius faz corresponder os conceitos de *arta* e *drauga* a “o Bem e a Verdade” e “o Mal e a Mentira”, respetivamente (tradução nossa). Segundo esta autora, neste dualismo encontramos os princípios da religião monoteísta, mais tarde chamada de Zoroastrismo. Cf. BROSIUS, Maria (2006), *op. cit.*, pp. 32-33.

¹⁹³ Veja-se LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, p. 27.

encontrava, de certo modo, fundamentado na religião, uma vez que todas as proclamações reais, supostamente, teriam subjacente a orientação do “Senhor Sábio”¹⁹⁴. Acrescente-se ainda que os primeiros monarcas persas souberam reconhecer que a liberdade de culto dos vários povos conquistados poderia constituir um trunfo político valoroso para o bom governo e manutenção do seu império¹⁹⁵.

A que critérios obedecia o processo de sucessão ao trono aqueménida? Primeiramente, o sucessor deveria ter “sangue-real”, isto é, ser um verdadeiro Aqueménida, uma vez que o poder monárquico era hereditário¹⁹⁶. Pelo menos, era este o princípio ditado pelo protocolo real¹⁹⁷. Este fator pode ajudar-nos a obter uma melhor compreensão das relações polígamas da realeza persa¹⁹⁸: provavelmente, a recorrência a esta prática visava assegurar a descendência aqueménida¹⁹⁹.

Sabemos que o rei, ainda em vida, podia escolher e nomear o seu herdeiro entre os seus descendentes²⁰⁰. Tendo em conta que não existiam leis de primogenitura na Antiga Pérsia²⁰¹, o eleito não tinha de ser o filho mais velho²⁰². Antes pelo contrário, seguindo a mesma tradição das cortes reais egípcia, assíria e israelita, a escolha do soberano recaía várias vezes sobre os filhos mais jovens, caso estes apresentassem mais capacidades para governar

¹⁹⁴ Ahuramazda é chamado de “o Senhor Sábio”. Vide LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, p. 21. e BROSIUS, Maria (2006), *op. cit.*, p. 3.

¹⁹⁵ Cf. BROSIUS, Maria (2006), *op. cit.*, p. 33.

¹⁹⁶ Vide LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, p. 15.

¹⁹⁷ Veja-se WIESEHÖFER, Josef (2001), *op. cit.*, pp. 29-30.

¹⁹⁸ LLEWELLYN-JONES refere que embora a natureza das relações do monarca fosse polígama, eles apenas tomavam como esposas mulheres de ascendência persa (Cf. LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, p. 114).

¹⁹⁹ Veja-se LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, p. 114. Acrescente-se que, de acordo com Pierre Briant, a ocorrência de casos de endogamia entre os Aqueménidas, cuja prática terá tido início com Cambises II, a crer nos escritos gregos (Cf. SILVA, Maria de Fátima, “Ser rainha na Pérsia Antiga” in LEÃO, Delfim; RAMOS, José Augusto e RODRIGUES, Nuno Simões (coord.), *Arqueologias de Império*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018, p. 241), teria como finalidade erradicar quaisquer ambições de poder às quais outras famílias preponderantes da nobreza pudessem aspirar. Vide BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, p. 93.

²⁰⁰ Alguns reis optavam por nomear o seu herdeiro, como foi o caso de Dario II que nomeou o príncipe Arsés, que viria a tornar-se o futuro rei Artaxerxes II. No entanto, a possibilidade da tomada desta decisão não significa necessariamente que todos os monarcas a tivessem de realizar ou que a realizassem: alguns optavam por o fazer, outros não. Refira-se o exemplo de Xerxes que atravessou o Helesponto para comandar o seu exército contra os Gregos e não tinha definido nenhum sucessor (apenas deixou o seu tio Artabano encarregado da corte), o que poderia ter resultado num conflito de sucessão, como aponta Briant, se tivesse ocorrido a morte do soberano em combate (cf. BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, p. 567). Sobre este assunto, veja-se ainda LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, p. 16.

²⁰¹ Vide LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, pp. 15-16.

²⁰² Embora Wiesehöfer refira que geralmente a escolha do rei recaía sobre o seu primeiro filho. Veja-se WIESEHÖFER, Josef (2001), *op. cit.*, p. 30.

do que os seus irmãos²⁰³. Consequentemente, consideramos que, de certa forma, a aptidão para reinar poderia ser tomada como um possível critério²⁰⁴ de seleção do herdeiro, ou, pelo menos, podemos afirmar que esta constituiria um fator passível de influenciar a decisão do rei.

Xenofonte relata que, juntamente com os seus irmãos e filhos de cortesãos, o príncipe escolhido era educado nas artes de bem governar²⁰⁵. A instrução dos outros filhos do rei poderá ser mais bem compreendida, como aponta Pierre Briant, à luz da existência de um elevado risco de mortalidade infantil na época²⁰⁶. Este fator fazia com que a restante prole continuasse a ser vista como potencial sucessora e, como tal, devesse receber a mesma educação do designado herdeiro²⁰⁷. Contudo, devemos frisar que, apesar do estabelecido pelo protocolo real, muitas vezes o desejo do rei defunto (relativamente ao legatário que havia determinado) não se concretizava na prática. Na realidade, o mais frequente era, na sequência de uma conjuntura de conspirações e querelas sucessórias, o trono ser usurpado por determinado indivíduo, que embora afirmasse ser de ascendência aqueménida, poderia, na verdade não ter sangue-real²⁰⁸.

Segundo a ideologia real aqueménida, o rei deveria apresentar como principais virtudes: ser bom guerreiro; monarca justo, que seguia a *arta* e combatia a *drauga*; e protetor da terra e dos camponeses²⁰⁹. Sublinhe-se que, embora a importância dos feitos militares dos reis persas seja inegável, Maria Brosius refere que, em termos visuais, o retrato do rei como governante pacífico produziria um impacto mais significativo²¹⁰. Este pressuposto é verificável, segundo nos indica a autora, através da observação dos relevos dos palácios aqueménidas que, a partir de Dario I, mostram o soberano em audiência, sentado no trono e

²⁰³ Briant recorda que, segundo Heródoto, apenas os filhos nascidos das relações do rei com as suas esposas, seriam tidos como legítimos e potenciais sucessores do trono aqueménida. Aqueles que eram fruto das relações do monarca com as concubinas seriam considerados filhos ilegítimos, e por isso privados do direito de aceder ao trono. Consulte-se BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, p. 278.

²⁰⁴ Maria Brosius sugere ainda a existência de outro critério: o sucessor da casa real deveria ser um descendente do monarca, se possível, concebido posteriormente à ascensão do último ao trono e a sua mãe deveria pertencer a uma linhagem nobre persa (*vide* BROSIUS, Maria (2006), *op. cit.*, p. 32). No entanto, Wiesehöfer defende que tal provavelmente só se verificaria em casos excecionais (Cf. WIESEHÖFER, Josef (2001), *op. cit.*, p. 30).

²⁰⁵ X., *An.*, 1.9.2.

²⁰⁶ Cf. BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, p. 522.

²⁰⁷ Veja-se LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, p. 17.

²⁰⁸ *Vide* BROSIUS, Maria (2006), *op. cit.*, p. 32.

²⁰⁹ Cf. BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, p. 241.

²¹⁰ Veja-se BROSIUS, Maria (2006), *op. cit.*, p. 35.

rodeado pelos seus súbditos, ao passo que nos palácios da Assíria e da Babilónia são as representações de cenas como vitórias em batalhas ou de caça real que predominam²¹¹. Provavelmente, seria esta imagem do monarca persa em audiência, que seria difundida por todo o império, servindo de propaganda da autoridade régia²¹².

Relativamente à corte pela qual o monarca se fazia rodear, refira-se, antes de mais, que uma das suas características era a itinerância. Com efeito, esta sua natureza é nos mencionada por fontes gregas, a partir das quais podemos aferir a residência do monarca em diferentes locais (em Ecbátana, Babilónia, Susa e nas capitais de outros reinos conquistados²¹³) ao longo do ano²¹⁴. Saliente-se que a digressão do soberano pelo império, acompanhado pelo seu grande séquito, não era apenas um espetáculo de ostentação régia, mas também uma forma de o rei se fazer mostrar aos seus súbditos como governante dos seus domínios²¹⁵, afirmando-se junto destes e consolidando assim o seu poder. Llewellyn-Jones, na sua obra *King and court in Ancient Persia 559 to 331 BCE*²¹⁶, estabelece para a corte persa uma estrutura hierárquica do tipo piramidal, na qual o rei estaria no topo, a nobreza hereditária persa num dos pontos mais altos e o grupo dos “trabalhadores”²¹⁷ (assim designado pelo autor), o qual seria constituído por indivíduos como servos e escravos, estaria na base²¹⁸.

De acordo com este autor, a nobreza hereditária²¹⁹, como o próprio nome indica, era obrigada a servir o rei devido à sua condição de nascimento e ao seu estatuto²²⁰. Neste esquema-pirâmide, no espaço existente entre o estatuto de nobre e o de servo ou escravo (ou

²¹¹ Cf. idem, *ibidem*, p. 35.

²¹² Brosius indica que a representação da cena da audiência com o rei em várias fontes, tais como selos, reforça a hipótese de esta ser utilizada como imagem de propaganda da monarquia aqueménida. Cf. BROSIUS, Maria (2006), *op. cit.*, p. 36.

²¹³ Vide BROSIUS, Maria (2006), *op. cit.*, p. 37.

²¹⁴ Contudo, atente-se que os locais atribuídos pelas fontes como pontos da rota de migração da corte real, bem como as estações ou o período em que o rei permanecia com o seu séquito nesses diferentes pontos, varia de autor para autor. A este propósito, consulte-se a tabela “Greek sources on the migrations of the Persian Court”, na obra de Llewellyn-Jones, cuja referência é a seguinte: LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, p. 81, tabela 1.

²¹⁵ Cf. BROSIUS, Maria (2006), *op. cit.*, p. 37.

²¹⁶ Remetemos para a referência desta obra, que já foi sendo citada ao longo deste capítulo: LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*

²¹⁷ Tradução nossa do termo “workers”. Cf. LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, p. 31.

²¹⁸ Cf. idem, *ibidem*, p. 31.

²¹⁹ A nobreza hereditária, segundo Pierre Briant, corresponderia àqueles a quem os Gregos chamavam de “Pessoas do portão” (tradução nossa), chegando-nos este termo através dos escritos de Plutarco (Cf. Plutarco, *Temístocles* 26.6). Vide BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, pp. 326-327.

²²⁰ Consulte-se LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, pp. 31-32.

se preferirmos, “trabalhador”), haveria ainda uma grande variedade de posições de estatuto intermédio²²¹. Os indivíduos detentores desses “estatutos intermédios” podiam comunicar com os outros níveis da hierarquia²²². Devemos destacar que sobressaíam junto do monarca, por um lado, os chamados “benfeitores”²²³ e, por outro, os “amigos do rei”²²⁴ e “próximos ou familiares do rei”²²⁵. O primeiro grupo era constituído por aqueles a quem aprazia ao rei engrandecer por algum serviço importante prestado²²⁶. O segundo era formado pelos indivíduos que possuíam privilégios altamente cobiçados, designadamente: jantar à mesa do soberano ou pertencer ao corpo servente do rei²²⁷. Importa clarificar desde já que o círculo de indivíduos convidados a jantar com o rei era bastante restrito²²⁸. Sentar-se à mesa do soberano²²⁹ evidenciava uma relação especial com os membros da corte convidados, sendo, por esse motivo, considerado uma grande honra. Realce-se ainda, para concluir a exposição relativa aos estatutos sociais acima mencionados (os de benfeitores e de amigos do rei), que

²²¹ Cf. *idem, ibidem*, p. 32.

²²² Cf. *idem, ibidem*, p. 32.

²²³ Segundo Heródoto, os benfeitores (denominados por Heródoto de “evergetas reais”) seriam chamados pelos Persas de “orosanges”. Veja-se Hdt. 8. 85. Briant indica que era mantido um registo na corte aqueménida daqueles a quem era conferido o título de benfeitor. Veja-se BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, p. 303.

²²⁴ Segundo Briant, o grupo dos “amigos do rei” (*philoí*, em grego) teria ainda uma hierarquia interna estabelecida de acordo com o grau de favorecimento do monarca. Consulte-se BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, p. 522.

²²⁵ Tradução nossa. LLEWELLYN-JONES refere-se ao indivíduo “benfeitor” pela designação “benefactor”, aos “amigos do rei” como “friends of the king” e aos “próximos/familiares do rei” como “relatives of the king”. Cf. LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, p. 32.

²²⁶ *Vide* LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, p. 32.

²²⁷ Cf. *idem, ibidem*, p. 32.

²²⁸ Brosius indica que, normalmente, entre os que recebiam esta honra extraordinária, encontrar-se-iam a mulher e os filhos do monarca e, pelo que pudemos aferir da sua obra, também alguns nobres (veja-se BROSIUS, Maria (2006), *op. cit.*, p. 45). Confronte-se com a informação que nos chegou através de Plutarco, referida por Maria de Fátima Silva no seu estudo “Ser rainha na Pérsia Antiga”, que assinala também a presença da rainha-mãe à mesa real (*vide* SILVA, Maria de Fátima (2018), *op. cit.*, p. 243). Consideramos que ambas as informações se podem, em certa medida, complementar. Por conseguinte, pensamos que poderiam sentar-se à mesa do monarca alguns membros da família real e da nobreza, selecionados pelo rei.

²²⁹ Este privilégio aparece usualmente nas obras que consultámos para o presente capítulo através das designações de “sentar-se à mesa do rei” e “jantar com o monarca”, podendo também assumir a forma de outras expressões equivalentes. Contudo, parece-nos oportuno assinalar que o modo como é denominada esta honra não tem necessariamente de implicar que os convidados se sentariam à mesma mesa que o soberano, nem que tomariam a refeição na sua companhia. De facto, chegou-nos uma descrição bastante pormenorizada daquilo que seria o chamado “jantar do rei” (o fragmento que a narra é intitulado por Dominique Lenfant de “le dîner du roi”. *Vide* LENFANT, Dominique, *Les Histoires perses de Dinon et d’Héraclide*, Paris, De Boccard, 2009, pp. 277-282), cuja autoria é atribuída a Heraclides de Cumas, na qual é referido que o monarca degustava a sua refeição num salão à parte dos seus convidados. Os convivas estariam repartidos por duas divisões diferentes, sendo que uns “estariam à vista de todos”, enquanto os outros, mais honrados ainda do que os anteriores, jantavam perto do salão real (Cf. BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, p. 308). Apesar de mesmo os últimos (isto é, aqueles que jantavam perto do salão real) não conseguirem contemplar o rei, ele podia vê-los através da cortina que separava a sua sala da deles. Veja-se Heraclides de Cumas, Athenaeus IV. 145-146.

ambos podiam ser atribuídos quer a Persas, quer a não-Persas²³⁰. Aliás, sublinhe-se que uma percentagem significativa da corte régia era composta por estrangeiros²³¹.

Uma prática recorrente da monarquia aqueménida era recompensar aqueles que prestavam algum serviço ao rei. Além do mais, como Pierre Briant aponta, o favorecimento daqueles que o auxiliavam (ou poderiam vir a auxiliar) era uma qualidade expectável no perfil de um bom monarca persa²³². Este processo de atribuição de oferendas constituía um relevante instrumento de controlo e poder político, que criava uma relação de dívida e dependência dos cortesãos, nomeadamente dos nobres, para com o soberano²³³. Os presentes reais podiam assumir as mais variadas formas, desde a oferta de bens materiais de valor à concessão de títulos²³⁴ ou de privilégios, como ser convidado a sentar-se à mesa do rei e receber a mão de uma filha do soberano em casamento²³⁵. Estas honras teriam, provavelmente, uma certa hierarquização implícita, o que significa que os presenteados ocupariam posições distintas na corte consoante o tipo de oferenda que lhes era outorgada²³⁶. Este princípio seria, como referimos, inclusivamente aplicado à nobreza persa, estando a sua organização interna alicerçada, como Brosius afirma, num sistema de meritocracia²³⁷.

A presença feminina também se fazia sentir no seio da corte, em que se encontravam as concubinas reais²³⁸, as senhoras da nobreza e as da realeza, com especial destaque para a rainha-mãe, que detinha uma posição eminente entre as demais²³⁹. Tendo como referência os testemunhos gregos de Ésquilo, Heródoto e Plutarco, Maria de Fátima Silva procurou reconstituir a imagem e o poder de intervenção da rainha na Pérsia Antiga²⁴⁰. A investigadora

²³⁰ Veja-se BROSIUS, Maria (2006), *op. cit.*, p. 40.

²³¹ Cf. LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, p. 35.

²³² Cf. BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, p. 302.

²³³ Veja-se LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, p. 32.

²³⁴ Já fizemos menção ao título de “amigo do rei”, acrescente-se ainda outro considerado por Pierre Briant, o de “companheiro de mesa” (*homotrapezos*, em grego). Cf. BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, p. 308.

²³⁵ *Vide* BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, p. 309.

²³⁶ Veja-se BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, p. 305.

²³⁷ Cf. BROSIUS, Maria (2006), *op. cit.*, p. 40.

²³⁸ Maria de Fátima Silva explicita que esta posição da corte era vista com “algum desprestígio para uma mulher de distinção” e, baseando-se na narrativa de Heródoto, aponta que as concubinas podiam ser adquiridas através da compra, do saque de guerra, ou da reivindicação do rei de filhas de ascendência nobre persa. *Vide* SILVA, Maria de Fátima (2018), *op. cit.*, p. 249.

²³⁹ Llewellyn-Jones considera que, embora a esposa do soberano ocupasse uma das posições mais prestigiantes da corte aqueménida, entre as mulheres do séquito régio, aquela que era detentora da maior autoridade era a rainha-mãe. Realçando que o rei podia ter muitas esposas, mas só podia ter uma mãe biológica. Veja-se LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, p. 111.

²⁴⁰ Consulte-se o estudo dedicado a este tema da autoria de Maria de Fátima Silva, cuja referência já indicámos: SILVA, Maria de Fátima (2018), *op. cit.*, pp. 237-255.

considera que seriam duas as mulheres com acesso privilegiado ao monarca, no contexto do quotidiano da corte: a rainha-mãe e a consorte real²⁴¹. As últimas, segundo a perspectiva grega, poderiam exercer influência junto do soberano e até mesmo sobre ele, especialmente se o seu carácter fosse débil e fraco²⁴². A autora denota que no esboço da figura da rainha da Pérsia, desenhado pela literatura grega, são evidentes características como a perspicácia e a sagacidade, além de “uma crueldade verdadeiramente bárbara”²⁴³. Estes atributos seriam considerados pela visão grega da época (pelo menos, a que nos foi transmitida, no geral, pelos textos que nos chegaram) como traços típicos da sua figura²⁴⁴. Para complementar o retrato paradigmático, os escritos gregos adicionaram ainda à personagem régia feminina a aptidão de exercer uma enorme influência e autoridade sobre o monarca persa²⁴⁵, que chega mesmo, por vezes, a parecer uma marioneta nas suas mãos. Assim sendo, pensamos poder também incluir como aspeto distintivo do seu perfil nos textos gregos, um determinado grau de manipulação, o que seria muito mal recebido e interpretado pelos Gregos.

Além das narrativas de intrigas da corte, nas quais se vê bem vincado o lado cruel e vingativo das soberanas persas²⁴⁶, encontra-se patente nos manuscritos gregos, a existência de um número elevado de concubinas no séquito real²⁴⁷, marcando mais uma vez, a presença de uma forte componente feminina da qual o rei se fazia cercar. Subentende-se a partir dos textos gregos do século IV, uma clara intenção dos autores de deturpar a imagem do rei da Pérsia, acentuando o seu carácter efeminado e fraco (esta retórica teria como objetivo diminuir o criticado)²⁴⁸. Consideramos, assim, que deve ser tido em conta o possível exagero das fontes gregas – no que diz respeito ao poder da rainha sobre o rei e, talvez mesmo no que toca à quantidade de concubinas reais –, pois estas fazem apenas uma representação

²⁴¹ Cf. idem, *ibidem*, p. 243. Brosius refere que o facto destas duas personagens femininas pertencerem ao círculo mais próximo do rei encontra-se bem atestada não só em fontes gregas, como também nas do Próximo Oriente. Veja-se BROSIUS, Maria, *Women in Ancient Persia 559-331 BC*, New York, Oxford University Press, 1996, p. 33.

²⁴² Mencione-se a representação de Artaxerxes II como débil e fraco na obra de Plutarco, que acaba por revelar uma grande dependência da mãe, Parisátide, ao ponto de precisar dela, mesmo após ordenar o seu exílio por ter envenenado Estatira, sua esposa. Maria de Fátima Silva faz notar que o soberano carecia da presença da rainha-mãe, pois esta apresentava qualidades, como a determinação e a perspicácia, que compensavam as fraquezas inerentes do rei. Veja-se SILVA, Maria de Fátima (2018), *op. cit.*, p. 248.

²⁴³ Cf. idem, *ibidem*, p. 246.

²⁴⁴ Cf. idem, *ibidem*, p. 246.

²⁴⁵ Cf. idem, *ibidem*, p. 253.

²⁴⁶ Vide BROSIUS, Maria (1996), *op. cit.*, p. 105.

²⁴⁷ Cf. idem, *ibidem*, p. 31.

²⁴⁸ Cf. idem, *ibidem*, p. 31.

intencional da realidade e, ainda mais, temos conhecimento de que uma das suas finalidades seria denegrir o déspota persa.

Embora se deva ter sempre presente estas limitações que afetam as fontes gregas, não devemos excluir a hipótese de as mulheres deterem, de certo modo, algum poder na corte aqueménida.

Maria Brosius, na sua obra de estudo *Women in Ancient Persia 559-331 BC*²⁴⁹, admite a hipótese de as senhoras de ascendência nobre e régia poderem desempenhar, em certa medida, um papel ativo na vida política da corte²⁵⁰. Conquanto, a autora faz notar que a sua atuação estaria condicionada por limites bem definidos: variava consoante a posição da mulher na corte e estava sempre dependente do consentimento do monarca, sobre pena de reprimenda²⁵¹. Dito por outras palavras, regra geral, à mulher, quer fosse de linhagem nobre ou da real, podia ser concedida a oportunidade de se fazer ouvir junto do rei sobre determinados assuntos, mas apenas se o último o permitisse. Normalmente, a intervenção feminina, nobre ou régia, prendia-se com questões relativas ao bem-estar da sua família, visando a preservação da mesma, podendo agir em nome de salvar a vida de um membro familiar²⁵², por exemplo. Saliente-se ainda que, embora a mulher usufruísse do direito de interceder junto do rei, dentro dos limites estabelecidos, a sua atuação, aos níveis político e militar, não era direta²⁵³.

Retomando a exposição relativa à organização e constituição da corte, sabe-se que para servir o Grande Rei, haveria um elevado número de cortesãos, os quais desempenhariam as mais variadas funções, incluindo cargos de natureza bastante específica²⁵⁴. Grande parte dos servos reais seria recrutada entre os povos do império²⁵⁵, no entanto, dependendo do tipo e da importância do cargo, este podia mesmo ser atribuído a um familiar do rei²⁵⁶.

²⁴⁹ Para aprofundar o estudo da temática da mulher na Antiga Pérsia, nomeadamente da presença feminina na corte persa, consulte-se, entre outras, a relevante obra de Brosius já citada e para a qual fazemos nova remissão: BROSIUS, Maria (1996), *op. cit.*

²⁵⁰ Veja-se BROSIUS, Maria (1996), *op. cit.*, p. 119.

²⁵¹ Cf. *idem, ibidem*, pp. 119-120.

²⁵² Veja-se *idem, ibidem*, pp. 119-120.

²⁵³ Cf. *idem, ibidem*, p. 121.

²⁵⁴ Referira-se a mero título de exemplo desta especificidade, a existência de cargos como copeiro e portador de cartas. Consulte-se LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, pp. 30-31.

²⁵⁵ *Vide idem, ibidem*, p. 35.

²⁵⁶ Estes cargos passíveis de ser atribuídos aos membros da família real, podiam, inclusive, ter sido desempenhados pelos próprios futuros monarcas, no seu período de juventude. Terá sido o caso de, refira-se a título de exemplo: Ciro II, que acumulou diferentes funções na corte; do seu sucessor, Cambises, que terá sido

Acrescenta-se que poderíamos ainda encontrar neste esquema hierárquico piramidal, três grupos que Llewellyn-Jones considera algo díspares, mas que deteriam a capacidade de contactar com os meios das outras categorias hierárquicas: são estes os eunucos, os chamados “Imortais” e os físicos²⁵⁷.

Geralmente, no imaginário ocidental, os primeiros encontram-se associados à ideia de homens castrados, que serviriam na corte régia, tendo como principal, senão única, função guardar o “harém”²⁵⁸ real²⁵⁹. O estudo destas personagens encontra-se envolto em várias problemáticas, sendo atualmente alvo de um debate acalorado no meio académico: da forma como o termo “eunuco” é apropriado e o significado que se lhe deve atribuir, à presença destes indivíduos na corte aqueménida, são vários os aspetos que têm vindo a ser postos em causa por vários especialistas²⁶⁰. Se, por um lado, os testemunhos que os Helenos nos legaram, transparecem uma nítida tendência para se servir da figura do eunuco como meio de desacreditar os valores e costumes persas²⁶¹, por outro, é interessante reparar que também tentam encontrar justificação para esta prática, que provavelmente lhes pareceria estranha ou mesmo algo insólita. Neste sentido, consideravam que, no pensamento persa, os eunucos seriam prezados pela sua sinceridade e lealdade, dado que o recurso ao método de castração tornaria os homens mais dóceis e maleáveis, como acontecia com os cavalos e os cães castrados²⁶².

Por sua vez, os Imortais correspondiam ao corpo de guarda pessoal do monarca. Os *athánatoi*²⁶³, assim designados pelas fontes gregas, eram constituídos por dez mil soldados

portador de lanças; e de Dario III, que terá assumido a posição de portador de cartas. Veja-se LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, pp. 30-32.

²⁵⁷ Cf. idem, *ibidem*, p. 35.

²⁵⁸ O termo “harém” tem gerado uma grande controvérsia no meio académico, tendo sido discutido e posto em causa várias vezes em estudos sobre a corte aqueménida (dos diferentes aspetos subjacentes a esta temática, Llewellyn-Jones aponta que o “harém” talvez seja o que tem originado maior polémica dentro deste campo de investigação). Acerca desta problemática, consulte-se LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, pp. 96-102.

²⁵⁹ Vide BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, p. 268 e LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, p. 38.

²⁶⁰ Veja-se LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, p. 40. Mencione-se apenas, entre outras, a opinião do eminente investigador da história do Império Persa Aqueménida, Pierre Briant, que já foi sendo citado ao longo da presente dissertação: admite a existência de homens castrados na corte persa, mas defende que nem todos os indivíduos perfilhados como “eunucos” nas fontes, nomeadamente os conselheiros e aqueles que seriam mais próximos do rei, seriam castrados. Briant propõe a hipótese de, no caso destes últimos, o termo “eunuco” ser o resultado do modo como os Gregos transmitiram aquilo que no seio da corte aqueménida seria apenas considerado um título da corte. Vide BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, pp. 276-277.

²⁶¹ Cf. idem, *ibidem*, p. 40.

²⁶² Cf. idem, *ibidem*, p. 39.

²⁶³ O termo *athánatoi* significa “sem morte”. Cf. LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, p. 36.

de infantaria persa, incumbidos de proteger o soberano²⁶⁴. O seu nome derivaria, segundo Heródoto²⁶⁵, da permanente atualização do seu número, o que faria com que eles, de certo modo, jamais desaparecessem²⁶⁶. Temos conhecimento de que no seu interior, existia ainda uma elite de “lanceiros do rei”, formada apenas por nobres²⁶⁷. Todavia, devido à escassez de fontes escritas aqueménidas sobre esta hoste, têm se levantado múltiplas questões sobre ela, para as quais os investigadores ainda não encontraram resposta²⁶⁸.

Por último, temos os físicos, mandados vir de vários cantos do império, sendo os médicos gregos os mais procurados para tratar dos cuidados da família real²⁶⁹. Desde logo podemos referir o já mencionado Democedes de Crotona, que terá sido compelido a servir na corte de Dario I, após a sua captura em consequência da guerra. Graças aos seus talentos medicinais, segundo conta Heródoto, Democedes terá adquirido uma importante posição na corte persa, chegando a obter a honra de se sentar à mesa do rei²⁷⁰. Outro médico grego conhecido foi Apolónides de Cós, que exerceu as suas funções na corte de Artaxerxes I, mas que acabou sendo executado devido ao seu envolvimento com a irmã do rei²⁷¹. Por sua vez, Ctésias, já mencionado, terá sido incumbido de dar assistência médica à família de Artaxerxes II²⁷².

Quanto às atividades da corte, mencione-se a importância da caça e do banquete. A primeira, além de permitir a prática da técnica de caça, proporcionava à nobreza e à realeza a oportunidade de exercitar as suas competências militares através do uso de diferentes tipos de armas²⁷³. Mostrava-se também como ocasião perfeita para o rei exibir a sua destreza na caça, as suas habilidades militares, a sua aptidão física e a sua bravura²⁷⁴: tudo atributos que se esperava que o soberano exibisse. A atividade da caça poderia ainda beneficiar os nobres, os quais podiam aproveitar o momento para se distinguirem junto do monarca, numa tentativa

²⁶⁴ Cf. idem, *ibidem*, p. 36.

²⁶⁵ As *Histórias* de Heródoto constituem a principal fonte grega para o estudo dos Imortais. Veja-se Hdt., 7.82-3 e LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, p. 36.

²⁶⁶ Veja-se MONTEIRO, João Gouveia (2014), *op. cit.*, p. 30.

²⁶⁷ Cf. idem, *ibidem*, p. 30.

²⁶⁸ Veja-se LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, p. 37.

²⁶⁹ Cf. idem, *ibidem*, p. 35.

²⁷⁰ Cf. idem, *ibidem*, p. 35.

²⁷¹ Cf. idem, *ibidem*, p. 36.

²⁷² Cf. idem, *ibidem*, p. 36.

²⁷³ Vide BROSIUS, Maria (2006), *op. cit.*, p. 44.

²⁷⁴ Cf. idem, *ibidem*, p. 44.

de caírem nas suas boas graças, e de assim consolidarem ou melhorarem o seu estatuto no seio da elite²⁷⁵.

O banquete, por sua vez, também era mais do que uma simples refeição: tratava-se de um evento social e político, realizado com toda a pompa e circunstância, em que a diversidade dos pratos servidos, o número de convidados, o aparato e a duração do repasto constituíam uma manifestação do poder do rei²⁷⁶. De igual modo, pode aplicar-se este princípio ao cenário provincial: a opulência dos festins organizados pelo sátrapa demonstrava o seu prestígio e autoridade²⁷⁷. Mencione-se ainda a classificação dos banquetes reais, segundo Brosius, em privados, nos quais apenas aqueles que detinham a honra de se sentar à mesa do rei podiam participar²⁷⁸, e oficiais, que teriam lugar em ocasiões festivas²⁷⁹.

Evidencie-se agora outro aspeto proeminente na vida quotidiana da corte: o acesso dos cortesãos ao monarca. Temos conhecimento de que esse seria difícil e muito restrito, sendo que a maior parte da corte não poderia ver nem falar diretamente com o rei; apenas uma ínfima parte usufruía dessa prerrogativa²⁸⁰. Ao transformar o acesso à sua pessoa num privilégio que apenas ele outorgava e manipulava, o rei mantinha à sua disposição um precioso instrumento de controlo dos cortesãos²⁸¹. Através deste o soberano poderia produzir mesmo alterações na hierarquia interna da nobreza e, desse modo, como Llewellyn-Jones sugere, desencadear rivalidades e disputas no seio dela, mantendo os nobres ocupados e preocupados com as suas próprias posições na corte²⁸².

Para finalizar, acrescentamos que a corte aqueménida reunia em si mesma várias dimensões, podendo ser considerada um centro:

²⁷⁵ Cf. *idem, ibidem*, p. 44.

²⁷⁶ Cf. *idem, ibidem*, p. 45.

²⁷⁷ Cf. *idem, ibidem*, p. 45.

²⁷⁸ No entanto, saliente-se que, de acordo com Heraclides de Cumas, a maior parte das vezes o soberano almoçava e jantava sozinho, como aludimos já. *Vide* Heraclid. Cum., *FGrHist* 689 F2.

²⁷⁹ Cf. *idem, ibidem*, p. 45. É curioso notar que, no seu relato, Heraclides de Cumas afirma que o rei só tomava a sua refeição na mesma divisão que os cortesãos na altura das festividades. Cf. Heraclid. Cum., *FGrHist* 689 F2.

²⁸⁰ Consulte-se LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, pp. 44-45.

²⁸¹ Este princípio pode ser observado, por exemplo, no caso já mencionado da atribuição da honra de sentar à mesa do Grande Rei, sendo que Llewellyn-Jones comenta o facto de tanto Xenofonte como Plutarco aludirem à manipulação deste privilégio por parte do monarca, visando distinguir certos membros da corte dos demais. Veja-se LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, p. 44.

²⁸² Cf. *idem, ibidem*, p. 73.

- 1) político, uma vez que era a partir desta que o império era gerido, através das decisões do rei e do contributo da elite nobre, que prontamente lhe oferecia os seus conselhos²⁸³;
- 2) administrativo e burocrático, pois aí se concentravam desde escribas e tradutores ao tesoureiro real²⁸⁴;
- 3) e cultural, artístico e intelectual, sendo o local de destino por excelência de todo o tipo de artesãos que pretendiam obter o patrocínio do soberano²⁸⁵.

Nas províncias, as estruturas e os costumes das cortes dos sátrapas muito provavelmente refletiriam os da corte régia, a uma escala regional, funcionando assim como um símbolo e uma extensão territorial do poder centralizado do monarca²⁸⁶.

²⁸³ Cf. idem, *ibidem*, p. 33.

²⁸⁴ Cf. idem, *ibidem*, p. 35.

²⁸⁵ Cf. idem, *ibidem*, pp. 10-11.

²⁸⁶ Cf. idem, *ibidem*, p. 6.

3. Representações do rei da Pérsia em Ésquilo

3.1 Vida e obra de Ésquilo²⁸⁷

Em meados do século VI a.C., mais concretamente por volta de 525/524, Elêusis viu nascer aquele que viria a ser um dos maiores poetas trágicos do Período Clássico: Ésquilo²⁸⁸. Apesar de a terra em que nasceu ser especialmente conhecida pelos mistérios que a ela devem o seu nome, não nos chegaram quaisquer indícios de estes terem exercido qualquer espécie de influência na personalidade espiritual e religiosa do poeta²⁸⁹. Segundo Edith Hall, pode-se considerar que Ésquilo terá crescido no seio de uma família Eupátrida²⁹⁰. Durante a sua juventude, Ésquilo assistiu em Atenas à queda de um regime político – a tirania de Hípias, filho de Pisístrato – e à emergência de outro, que começava já a apresentar alguns traços de carácter democrático, e que foi regido pela constituição de Clístenes²⁹¹. Quando as Guerras Medo-Persas eclodiram, Ésquilo participou na batalha de Maratona, em 490, contra o exército de Dario. Nela, perdeu o irmão, Cinegiro, em combate²⁹². Dez anos depois, Ésquilo participou também no confronto naval de Salamina, contra as forças de Xerxes, no qual é possível que o seu irmão Amínias tenha lutado também, a seu lado²⁹³.

É possível que Ésquilo tenha enfrentado mais vezes os invasores persas, uma vez que nos chegaram testemunhos do seu envolvimento noutros conflitos armados que decorreram neste período²⁹⁴. Aliás, temos conhecimento, com base no relato de vários autores gregos

²⁸⁷ Deve ser tido em conta, como Lesky salienta, que provavelmente a informação que temos à nossa disposição para tentarmos reconstituir a biografia de Ésquilo foi transmitida por várias fontes ao longo do tempo. Veja-se LESKY, Albin (1983), *op. cit.*, p. 37. De acordo com o que pode ser lido na *Brill's Encyclopaedia of the Ancient World*, na entrada que diz respeito a Ésquilo, as fontes mais relevantes para o estudo da vida do poeta são: *Vita*, o *Marmor Parium* e a *Suda* (vide CANCIK, Hubert e SCHNEIDER, Helmuth (2002), *op. cit.*, p. 244). Acrescente-se ainda outra fonte que nos fornece um esboço da figura de Ésquilo: a comédia *Rãs* de Aristófanes. Para uma análise do retrato feito por este autor, veja-se a introdução de SILVA, Maria de Fátima (2005), *op. cit.*, pp. 7-13.

²⁸⁸ Cf. LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, p. 272. Para uma contextualização geográfica do local de nascimento de Ésquilo, veja-se o Mapa 2, p. II.

²⁸⁹ *Idem*, *ibidem*, p. 271.

²⁹⁰ Vide HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p. 3. Veja-se também IRELAND, S., “Aeschylus”, *G&R* 18, 1986, p. 4.

²⁹¹ Cf. HERINGTON, John, *Aeschylus*, New Haven & London, Yale University Press, 1986, p. 18.

²⁹² Vide LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, p. 271 e HERINGTON, John (1986), *op. cit.*, p. 22.

²⁹³ As fontes não permitem retirar conclusões claras sobre esta questão. Vide LESKY, Albin (1983), *op. cit.*, pp. 38-39.

²⁹⁴ Contudo, Lesky aponta para a existência de uma forte suspeita de que vários desses cenários de guerra poderão ter vindo a ser acrescentados pela tradição ao longo do tempo. Veja-se LESKY, Albin (1983), *op. cit.*, p. 38.

tardios, de que o epitáfio²⁹⁵ gravado no seu túmulo aludiria apenas à sua bravura na luta contra os Persas, não fazendo sequer menção à sua bem-sucedida carreira como poeta e dramaturgo.

Provavelmente, Ésquilo terá iniciado esta última em princípios do século V²⁹⁶, alcançando o seu primeiro triunfo nas Grandes Dionísias²⁹⁷ em 484, ao qual se terão seguido doze êxitos²⁹⁸. Terá sido no ponto alto da sua vida, de acordo com Lesky, que provavelmente Ésquilo foi chamado à corte de Hierão, em Siracusa, devido à fama da sua arte²⁹⁹. Aí, possivelmente terá encenado pela segunda vez, admite Lesky, os *Persas* e terá composto o drama *As Etneias*, inspirado pela situação vivida na Sicília na época em que se vivia a fundação da nova cidade do Etna pelo monarca e a ascensão ao trono do filho dele³⁰⁰.

Segundo a tradição, não muito tempo depois, o poeta terá regressado a Atenas, onde viria a ser derrotado pelo então jovem Sófocles, em 468³⁰¹. Mas logo terá regressado ao primeiro lugar do pódio, mais concretamente no ano seguinte, com a apresentação da chamada Trilogia Tebana³⁰². Sabemos que, após ter conseguido mais uma vez a vitória, uma década depois, desta feita com a trilogia *Oresteia*, voltou à Sicília, onde viria a morrer no ano de 456/455, com cerca de 70 anos (em Géla)³⁰³. Na fase final da sua vida, deu-se a criação da

²⁹⁵ Citamos a tradução inglesa deste epitáfio dada por Herington: “This monument in wheatbearing Gela hides an Athenian dead: Aeschylus, son of Euphorion. Of his noble courage the sacred field of Marathon could tell, and the long-haired Mede, who had good cause to know.” (cf. HERINGTON, John (1986), *op. cit.*, p. 30). A tradição atribui a autoria da inscrição ao próprio Ésquilo (vide LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, p. 271).

²⁹⁶ Cf. SILVA, Maria de Fátima (2005), *op. cit.*, p. 7. Sabe-se que Ésquilo participou no *agon* da 70ª Olimpíada, em 499 ou 496 (vide LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, p. 272).

²⁹⁷ As Grandes Dionísias faziam parte dos chamados Festivais Dionísíacos, realizados em honra de Diónisos, que decorriam durante o período da estação do inverno e do início da Primavera. As Grandes Dionísias constituíam-se, portanto, como um festival urbano, decorrido em Atenas, no qual teriam lugar concursos dramáticos. Veja-se CASTIAJO, Isabel, *O teatro grego em contexto de representação*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, p. 13 e 20. Para aprofundar o tema das Grandes Dionísias, sugere-se a consulta de CASTIAJO, Isabel (2012), *op. cit.*, pp. 20-30.

²⁹⁸ Perfazendo assim um total de 13 sucessos (contando com a primeira vitória obtida), número que nos é indicado pela *Vita*. Por sua vez, a *Suda* atribui-lhe 28 triunfos. Esta discrepância pode ser explicada, em parte, segundo S. Ireland, pelo facto de, após a morte de Ésquilo, ter passado a ser permitido, a qualquer um que o desejasse, representar as peças da autoria do falecido Ésquilo em palco. A encenação, perante um público, de dramas esquilianos continuou assim a verificar-se, a um nível póstumo, como sinal de homenagem a Ésquilo (veja-se IRELAND, S. (1986), *op. cit.*, p. 4). Lesky propõe que o número 28 enunciado na *Suda* possa advir da inclusão dessas mesmas reposições posteriores ao tempo de vida do dramaturgo (vide LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, p. 272).

²⁹⁹ Veja-se LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, p. 272.

³⁰⁰ Idem, *ibidem*, p. 272.

³⁰¹ Vide CANCIK, Hubert e SCHNEIDER, Helmuth (2002), *op. cit.*, p. 245, e LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, p. 273.

³⁰² LESKY, Albin, p. 273.

³⁰³ Idem, *ibidem*, p. 273 e SOMMERSTEIN, Alan, *Greek Drama and Dramatists*, London/New York, Routledge, 2002, p. 33.

Simaquia de Delos, em 477, e as primeiras formas daquilo que viria a ser o “imperialismo” ateniense começavam a definir-se³⁰⁴.

Lesky informa-nos de que a sepultura do poeta se tornou um santuário aos olhos dos servidores da Musa da tragédia, que tinham o cuidado de lhe prestar visitas³⁰⁵. Em sua honra, os Atenienses responsáveis pela realização das Grandes Dionísias promulgaram uma lei que autorizava os participantes nos festivais dramáticos a poderem competir com obras de Ésquilo³⁰⁶. Como era costume na época, o ingresso no universo teatral veio também a estender-se a alguns dos seus descendentes: tanto os seus dois filhos, Evéon e Eufórion³⁰⁷, como o seu sobrinho, Filocles, se tornaram poetas trágicos (e durante um certo período de tempo, a descendência de Filocles também continuou esta tradição)³⁰⁸. Acrescente-se ainda que são atribuídas a Ésquilo várias inovações técnicas no mundo do teatro, entre as quais, podemos nomear as descritas por Aristóteles: a introdução de um segundo ator, a diminuição das partes do coro e o enfoque no discurso entendido como elemento central da peça³⁰⁹. Refira-se ainda que Ésquilo também pode ser considerado o criador das trilogias ou tetralogias temáticas³¹⁰.

Durante a sua vida, Ésquilo dedicou-se a escrever e encenar as suas peças, produzindo um total que varia entre os números de 70 e 90, consoante a fonte que consultarmos: de acordo com a *Vita*, Ésquilo terá composto 70 tragédias e cinco dramas satíricos; por sua vez, a *Suda* atribui-lhe a autoria de 90 obras, incluindo tragédias e elegias³¹¹. Desta atividade tão prolífera, apenas sobreviveram até aos nossos dias sete das suas composições³¹²: o *Prometeu agrilhado*, cuja data de composição nos é desconhecida³¹³; a já mencionada tragédia *Persas*,

³⁰⁴ LOCKWOOD, Thornton, “The political theorizing of Aeschylus’s Persians”, *Interpretation: A journal of political philosophy*, vol.43, 2017, p. 384.

³⁰⁵ LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, p. 273.

³⁰⁶ Veja-se idem, *ibidem*, p. 273; BECK, Robert H., *Aeschylus: Playwright Educator*, The Hague, 1975, p. 8, e SOMMERSTEIN, Alan (2002), *op. cit.*, p. 33.

³⁰⁷ Herington refere a existência de um testemunho de um autor grego tardio, que relata quatro triunfos que Eufórion teria alcançado. Eufórion teria concorrido com peças inéditas do pai. Considerando esta informação, Herington coloca a hipótese de Ésquilo as ter composto antes da sua morte, com o intuito de serem exibidas em Atenas, quando retornasse à cidade. Veja-se HERINGTON, John (1986), *op. cit.*, p. 31.

³⁰⁸ Cf. LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, p. 273.

³⁰⁹ Vide CANKIK, Hubert e SCHNEIDER, Helmuth (2002), *op. cit.*, p. 245.

³¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 245.

³¹¹ Cf. SOMMERSTEIN, Alan, (2002), *op. cit.*, p. 33 e BECK, Robert H. (1975), *op. cit.*, p. 7.

³¹² Maria de Fátima Silva indica que o poeta produziu 60 tragédias e 20 dramas satíricos. Cf. SILVA, Maria de Fátima (2005), *op. cit.*, p. 7.

³¹³ Cf. LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, p. 283. Confronte-se com a informação da Brill, que põe em causa a autoria da obra, referindo com base em questões métricas, de estilo, de técnica de apresentação teatral e do seu

que, como tivemos oportunidade de referir, concedeu a vitória a Ésquilo, em 472; os *Sete contra Tebas* permitiram ao poeta levar o grande prémio para casa, em 467; as *Suplicantes* triunfaram por volta de 463; e, por último, as peças *Agamémnon*, *Coéforas* e *Euménides*, que compõem a já referida trilogia da *Oresteia*, saíram vitoriosas, em 458³¹⁴.

3.2 Os *Persas* de Ésquilo: breve introdução e algumas considerações gerais. A visão do “Outro” persa

Estamos em 472 a.C. e é a vez da tragédia *Persas* ser representada no festival das Grandes Dionísias, em Atenas, e de o seu criador, que por esta altura estava na casa dos 50 anos de idade, arrecadar o primeiro prémio. A recente luta contra a invasão persa encontra-se bem presente na memória de todos, inclusive do próprio público que assiste à encenação³¹⁵. Ainda se podem avistar os vestígios das ruínas dos templos da acrópole, que recordam a destruição sofrida por Atenas às mãos do exército persa. O facto de terem conseguido afastar um inimigo tão poderoso e a emergência da identidade pan-helénica relativamente ao “Outro” persa, que se começava então a solidificar, não seriam facilmente esquecidos... Pelo menos, os autores gregos não o permitiriam de ânimo leve. Tinham decorrido cinco anos desde a fundação da Simaquia de Delos e começavam a vislumbrar-se tenuemente as tendências hegemónicas de Atenas.

Persas faria parte integrante de uma tetralogia que valeu ao dramaturgo a vitória. O conjunto de peças incluía mais duas tragédias: *Fineu* e *Glauco de Pótnias*. A trilogia trágica era complementada ainda com uma peça satírica, intitulada *Prometeu portador do fogo*³¹⁶. Na ocasião, o seu corego foi nem mais nem menos que Péricles, que viria a tornar-se uma

conteúdo, que é pouco provável que esta seja de Ésquilo. Vide CANCIK, Hubert e SCHNEIDER, Helmut (2002), *op. cit.*, p. 248.

³¹⁴ BECK, Robert H. (1975), *op. cit.*, p. 7.

³¹⁵ Kitto salienta que a batalha de Salamina, que corresponde ao episódio central dos *Persas*, teria tido lugar há menos de uma década e não muito longe do teatro. Uma porção de peso do público seria, portanto, constituída por indivíduos que teriam enfrentado os *Persas*, face a face, nesse confronto. Vide KITTO, H. D. F. (1972), *op. cit.*, p. 71.

³¹⁶ Tentativas de encontrar uma ligação temática comum entre as três tragédias foram feitas por vários estudiosos, contudo sem resultados. Como Lesky refere, não lograram constatar mais que a sua ausência. No entanto, as outras peças que sobreviveram até ao presente integram trilogias e contém aspetos temáticos que se relacionam entre si, o que levou Lesky a admitir que em 472 esta estrutura ainda não se tinha afirmado por completo, explicando assim o isolamento temático das obras desse ano. Veja-se LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, pp. 274-275.

das figuras mais conhecidas e marcantes deste período³¹⁷. Embora seja a obra mais antiga que possuímos de Ésquilo, a sua composição ocorreu numa fase já avançada da carreira teatral do dramaturgo³¹⁸. Além disso, *Persas* é atualmente tida como a peça grega mais antiga conservada na íntegra³¹⁹ e constitui o único exemplar completo existente até à data do género da chamada tragédia histórica³²⁰. Com efeito, em vez de ter por base um tema mítico, o que era comum à maioria dos dramas, *Persas* aborda um tema histórico. Neste caso, a escolha do poeta recaiu sobre as Guerras Pérsicas, especialmente na batalha de Salamina³²¹. Este tipo de tragédia retratava acontecimentos históricos contemporâneos, procurando elevá-los à categoria de mito. Embora, como referimos, seja o único exemplar sobrevivente deste tipo de tragédia, não terá sido um caso excepcional, uma vez que nos chegaram testemunhos de outros dramas do mesmo cariz³²².

Antes de os *Persas* de Ésquilo, temos notícia de uma tragédia de Frínico, as *Fenícias*, apresentada em 476, cujo foco principal seria o mesmo conflito³²³. Podem ser observados reflexos de algumas influências desta obra na composição de os *Persas*, como por exemplo, o facto de ambas terem a capital da Pérsia como pano de fundo e de assumirem a perspetiva persa para o relato da ação. Contudo, apresentam também diferenças substanciais. Enquanto Frínico revela a derrota sofrida pelos Persas à audiência logo no prólogo³²⁴, Ésquilo opta por não o fazer. Tendo em conta que, no primeiro caso, o desastre persa é descortinado desde o primeiro momento, pode considerar-se que, provavelmente, uma grande parte da peça seria

³¹⁷ De facto, o século V a.C. é também conhecido por “o século de Péricles”.

³¹⁸ LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, p. 274. Recorde-se que, como salienta Maria do Céu Fialho, Ésquilo tinha obtido a sua primeira vitória doze anos antes, pelo que não se deve julgar a peça como se se tratasse do trabalho de um principiante nas artes dramáticas. Vide FIALHO, Maria do Céu, “Os *Persas* de Ésquilo: história e mito”, *Boletim de Estudos Clássicos*, vol. 24, Coimbra, 1995, p. 24.

³¹⁹ Cf. IRELAND, S. (1986), *op. cit.*, p. 14.

³²⁰ Sobre tragédia histórica, vide GARVIE, A. F. (introdução e comentário), *Persae*, New York, Oxford University Press, 2009, pp. ix-xvi.

³²¹ Kitto chega mesmo a considerar o confronto de Salamina como episódio central da peça. Consulte-se KITTO, H. D. F. (1972), *op. cit.*, p. 71.

³²² GARVIE, A. F. (2009), *op. cit.*, pp. x-xi.

³²³ Do pouco que sabemos de *Fenícias*, temos conhecimento de que o coro era composto por mulheres fenícias. Veja-se KITTO, H. D. F. (1972), *op. cit.*, p. 72. Também é da sua autoria a *Tomada de Mileto*, exibida publicamente em 493 a.C. Esta tragédia, que retratava o tema histórico da queda de Mileto (evento que teve lugar no contexto da revolta iónica), infelizmente, não foi bem recebida pelo público. Segundo Heródoto, os Atenienses, que ainda não se haviam recomposto do desastre sofrido pelos Iónios (que consideravam seus irmãos), obrigaram Frínico a pagar uma multa de 1000 dracmas por lhes recordar essa mágoa. Além disso, foi proibida nova adaptação em palco da *Tomada de Mileto*. Cf. Hdt. 6. 21. 2. Veja-se ainda GARVIE, A.F. (2009), *op. cit.*, p. ix.

³²⁴ Sabemos que, em *Fenícias*, a desventura dos Persas era exposta por um eunuco. Cf. KITTO, H. D. F. (1972), *op. cit.*, p. 72.

marcada pela lamentação lírica³²⁵. Por sua vez, no segundo caso, denota-se uma crescente tensão no desenrolar dos acontecimentos, que se deve precisamente à opção do poeta de desvendar, gradualmente, ao longo da peça, o infortúnio ocorrido³²⁶. Esse processo principia com a abertura do drama e percorre toda a peça, partindo da inquietação inicial manifestada pelo Coro e culminando no aparecimento de Xerxes, com as suas vestes rasgadas, personificando a desgraça que se abateu sobre o império³²⁷. Assim, consideramos que deve ser salientado que, embora este tipo de influências seja visível na sua obra, isso não retira qualquer mérito ao cunho original do método adotado por Ésquilo para explorar este tema em palco.

Pode, portanto, concluir-se que *Fenícias* terá, numa determinada medida que nos é desconhecida, fornecido material para Ésquilo compor os seus *Persas*. Porém, é sabido que a principal fonte em que o poeta se terá apoiado para a sua criação terá sido o seu próprio testemunho, direto, do confronto militar com o invasor persa. Como já tivemos oportunidade de referir no subcapítulo anterior, o dramaturgo combateu, pelo menos, nas batalhas de Maratona e Salamina.

De acordo com Hall, por vezes são feitas alegações da existência de uma outra fonte sobre a Pérsia: um tratado geográfico da autoria de Hecateu de Mileto. Todavia os fragmentos sobreviventes deste autor não permitem retirar conclusões indubitáveis sobre a sua possível influência na tragédia mencionada³²⁸.

Essencialmente, o drama em análise reproduz a reação, imaginada e concebida por Ésquilo, da corte persa ao tomar conhecimento das notícias do desastre de Salamina³²⁹. Susa, a capital da Pérsia, corresponde ao espaço em que decorre a ação da peça, como aludimos. O poeta transferiu habilmente a ação dramática para o coração do império inimigo, adotando a perspetiva persa para a narrativa dos eventos, pois apenas deste modo eles se podiam assumir, verdadeiramente, como trágicos³³⁰.

³²⁵ IRELAND, S. (1986), *op. cit.*, pp. 14-15 e KITTO, H. D. F. (1972), *op. cit.*, p. 72.

³²⁶ Veja-se IRELAND, S. (1986), *op. cit.*, pp. 14-15.

³²⁷ Cf. *idem, ibidem*, pp. 14-15.

³²⁸ Sobre as fontes usadas por Ésquilo para a sua produção de *Persas*, veja-se HALL, Edith (1997), *op. cit.*, pp. 14-15.

³²⁹ BRIDGES, Emma, *Imagining Xerxes: Ancient perspectives on a Persian King*, London, Bloomsbury, 2015, p. 3.

³³⁰ Kitto demonstra bem a necessidade de ser este o cenário escolhido, explicitando, entre outras razões, que “Só do ponto de vista persa é que o acontecimento era trágico, e autenticamente trágico não no campo Persa, mas no centro do império ameaçado.” *Vide* KITTO, H. D. F. (1972), *op. cit.*, p. 73.

Saliente-se ainda a questão do tempo da ação na peça. De acordo com Edith Hall, a ação começa algures no final da narrativa do impacte que a batalha de Salamina produz no império persa³³¹. Segundo a autora, durante a peça, somos remetidos ainda para: os antecedentes dessa ação, no momento em que Dario recorda as origens da monarquia persa; e para os seus consequentes, que vão até à batalha de Plateias e até à “terceira geração” seguinte, e dos quais tomamos conhecimento através das profecias anunciadas por Dario³³².

Fazendo uma breve incursão sobre o desenvolvimento da ação, começamos por referir que a peça abre com o Coro de anciãos nobres persas, em Susa, que partilha com o público a sua inquietação relativamente ao destino do rei, o jovem Xerxes, e do imenso exército, que partirá para o combate. Simultaneamente, o Coro aparenta procurar tranquilizar-se, descrevendo para o efeito a opulência e o número das forças que compõe o exército que partiu para a Grécia³³³. No momento em que o Coro se propõe a fazer uma reflexão sobre as circunstâncias, a Rainha entra em cena e dirige-lhe a palavra, pedindo-lhe conselho sobre os sonhos que a têm apoquentado. O Coro, entre outras sugestões, recomenda-lhe que proceda à invocação do seu falecido esposo, o soberano Dario.

Entretanto, o Mensageiro faz a sua entrada e relata o infortúnio que se abateu sobre os Persas, numa série de discursos. A Rainha e o Coro procuram então o parecer de Dario, que acaba por lhes predizer o futuro desaire na batalha de Plateias. Finalmente, chega o próprio Xerxes³³⁴, que regressa com as vestes esfarrapadas e um contingente reduzido de homens, simbolizando a desgraça que se abateu sobre o império³³⁵. A tragédia termina com o *kommos* entre Xerxes e o Coro, enquanto se dirigem para o palácio, sendo neste momento atingido o clímax dramático da peça³³⁶.

³³¹ Cf. HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p. 18.

³³² Cf. *idem*, *ibidem*, p. 18. Ireland denota que é através da personagem de Dario que nos são fornecidos os meios de observar o presente da ação da peça, integrado num contexto de eventos passados e futuros. Veja-se IRELAND, S. (1986), *op. cit.*, p. 15. Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 816-820.

³³³ Vide ADAMS, S. M., “Salamis symphony: The *Persae* of Aeschylus” in SEGAL, Erich (ed.), *Oxford readings in Greek Tragedy*, New York, Oxford University Press, 1991, p. 35.

³³⁴ Taplin observa que o enredo de *Persas* contém um padrão daquilo que pode ser chamado de “νόστος-play”, uma vez que é esperado o regresso a casa de um “herói”, que neste caso é Xerxes, de uma expedição e/ou de um desastre. Sobre este assunto, vide TAPLIN, Oliver, *The Stagecraft of Aeschylus: The dramatic use of exits and entrances in greek tragedy*, Oxford, Oxford University Press, 1977, pp.124-126.

³³⁵ Vide HALL, Edith, *Greek tragedy: suffering under the sun*, New York, Oxford University Press, 2010, p. 201.

³³⁶ Cf. GARVIE, A.F. (2009), *op. cit.*, p. xxxv.

Pode, portanto, observar-se que a peça abre com a exposição da abundância e riqueza do império persa, descritas pelo Coro, e vai progredindo até terminar com a sua ruína³³⁷, como acabámos de ver nesta breve síntese do enredo.

Vários autores reconhecem como tema dominante na obra em análise um princípio ético-filosófico e teológico grego muito presente na época de Ésquilo: a punição da ὕβρις humana³³⁸, que se configura, neste caso, na personagem de Xerxes e, acrescenta Fisher, no exército liderado por este rei na campanha contra a Grécia³³⁹. Tendo em conta que o uso deste termo (ὕβρις) era bastante usado pelos Gregos para descrever as ofensivas dos Persas contra estes, não é de estranhar que a sua presença seja tão relevante nesta tragédia esquiliana³⁴⁰. Encontra-se subjacente em vários passos e é essencial para se entender o verdadeiro sentido da peça. A ὕβρις está patente nas ofensas cometidas contra os deuses pelo jovem rei que, com um orgulho desmedido no número e força do seu poderio militar, se atreve a atravessar a fronteira natural do Helesponto, com o objetivo de alargar ainda mais o imenso território do seu império. Fisher considera ainda que o exército de Xerxes também é acusado de ὕβρις por ter pilhado os templos gregos³⁴¹. Estes comportamentos conduzem ao desastre que atinge a Pérsia, dando um duro golpe no poder de Xerxes.

Persas é a única tragédia que nos chegou com um elenco constituído exclusivamente por personagens bárbaras, às quais aludimos de passagem³⁴²: por ordem de entrada em cena, primeiramente deparamos com o Coro, composto por nobres anciãos persas; seguidamente, entra a Rainha, que, embora não seja nomeada na peça, sabemos ser uma representação de Atossa, esposa de Dario; depois, aparece o Mensageiro, que relata aos presentes os acontecimentos devastadores que tiveram lugar no território da Hélade; surge também, sobre o seu túmulo, o espectro de Dario, invocado das profundezas do Hades, para oferecer as suas palavras sábias neste momento de aflição e dor; e, finalmente, é a vez do próprio Xerxes, filho de Dario e de Atossa, que parece estar quase sempre presente na peça (através das falas

³³⁷ GARVIE, A.F. (2009), *op. cit.*, p. xxxiii-xxxv.

³³⁸ Veja-se, a título de exemplo, KITTO, H. D. F. (1972), *op. cit.*, pp. 75-76 e IRELAND, S. (1986), *op. cit.*, p. 15.

³³⁹ FISHER, N. R. E., *Hybris: A study in the values of Honour and Shame in Ancient Greece*, Warminster, Aris & Phillips, 1992, p. 260.

³⁴⁰ FISHER, N. R. E. (1992), *op. cit.*, p. 258.

³⁴¹ Idem, *ibidem*, p. 258.

³⁴² HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p.19.

das outras personagens), ficar exposto com as suas vestes rasgadas, perante os olhos do público.

Destaque-se o papel do Coro³⁴³ que, independentemente de ser ou não visto como o protagonista³⁴⁴, encontra-se revestido de uma importância, atrevemo-nos a dizer, quase solene, tendo em conta o estatuto que lhe é conferido pelo poeta. Além de anciãos, os coreutas são membros da aristocracia persa e conselheiros do poder régio, para não mencionar que é a eles que é incumbida a prestigiosa missão de zelar pelo país, enquanto o rei está em campanha³⁴⁵. Segundo Maria de Fátima Silva, o Coro observa, comenta e interpreta o desenrolar dos acontecimentos, sendo simultaneamente testemunha e participante ativo³⁴⁶. Aliás, é ele, como afirma esta autora, que “coloca, por trás da ação, os grandes princípios que regulam o episódio central na peça”, atribuindo o valor subjacente às ações descritas e qualificando-as de acordo com esses mesmos fundamentos³⁴⁷. Refira-se ainda que o Coro é considerado por vários autores como representante da Pérsia enquanto povo³⁴⁸.

Como tivemos oportunidade de referir, esta tragédia de Ésquilo está repleta de características algo peculiares (desde logo o seu foco num tema histórico ao invés de um mítico), pelo menos, quando comparadas com as restantes peças preservadas da sua autoria. Talvez seja devido à sua singularidade em certos aspetos, que se tenha suscitado a discussão no meio académico sobre a medida em que pode ser denominada ou considerada tragédia ou, em vez disso, interpretada como um hino de celebração patriótica. Como Hall tão bem coloca, de certa forma, a questão do estatuto trágico da peça é algo insignificante, pois os Atenienses do século V ficariam perplexos se este fosse sequer posto em causa³⁴⁹. Contudo, o debate

³⁴³ A relevância do papel desempenhado pelo Coro é salientada por Maria de Fátima Silva e por Maria do Céu Fialho. Para uma análise mais aprofundada dessa personagem, sugerimos a consulta dos trabalhos destas autoras, para os quais remetemos, respetivamente: SILVA, Maria de Fátima (2005), *op. cit.*, pp. 28-34, e FIALHO, Maria do Céu (1995), *op. cit.*, pp. 24-32.

³⁴⁴ A questão relativa a qual das personagens da obra pode ser atribuída a posição de personagem principal é alvo de diferentes interpretações e propostas. Adams e Gagarin, por exemplo, defendem o Coro, como figura central do drama (cf. ADAMS, S. M. (1991), *op. cit.*, p. 35, e GAGARIN, Michael, *Aeschylean Drama*, Berkeley, University of California Press, 1976, p. 43). Meier reparte o protagonismo pelos dois reis, Dario e Xerxes (vide MEIER, Christian, *The Political art of Greek tragedy*, Cambridge, Polity Press, 1993, p. 71). Ao passo que Garvie equipara os papéis de Xerxes e do Coro em termos de importância (cf. GARVIE, A. F. (2009), *op. cit.*, p. xxxiv).

³⁴⁵ Vide SILVA, Maria de Fátima (2005), *op. cit.*, pp. 29-30.

³⁴⁶ Cf. idem, *ibidem*, p. 30.

³⁴⁷ Cf. idem, *ibidem*, pp. 30-31.

³⁴⁸ Veja-se, por exemplo, ADAMS, S. M. (1991), *op. cit.*, p. 35 e GARVIE, A.F. (2009), *op. cit.*, p. xxxiv.

³⁴⁹ Cf. HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p. 16.

sobre qual das componentes – trágica ou hínico-laudatória – detém a primazia na natureza da obra aparenta continuar.

Alguns autores veem na sua essência a primeira hipótese. Esse é, por exemplo, o caso de Kitto, que considera *Persas* fundamentalmente um drama religioso e defende que os elementos de celebração patriótica patentes na obra vêm a respeito do seu tema: o castigo inevitável daquele que comete a ὕβρις³⁵⁰. Há autores que, por sua vez, valorizam a vertente patriótica, como Thomas Harrison. Este autor considera o foco de atenção da peça em Susa e nos *Persas*, como um meio de realçar as qualidades gregas³⁵¹. Além disso, Harrison vê na estrutura deste drama um plano paralelo: à medida que vai ocorrendo a progressiva revelação do desastre persa, vão-se manifestando, paralelamente e gradualmente, as virtudes e a vitória atenienses³⁵². Outros admitem a coexistência de ambos os elementos na peça. Esse é o caso de Michael Gagarin e de Thornton Lockwood. O primeiro observa que as duas leituras – a grega, que celebra o êxito militar, e a persa, que incide sobre a tragédia da derrota persa – da peça (as quais interagem e se misturam uma com a outra, sendo ambas indispensáveis, na perspectiva de Gagarin) visavam criar uma tensão ou ironia que percorreria toda a obra³⁵³. O segundo autor vai mais além, admitindo a existência de uma tensão entre as componentes patrióticas e trágicas, mas propõe que o objetivo final de Ésquilo ao escrever esta peça (que este autor considera “profundamente política³⁵⁴”) seria levar a audiência ateniense a refletir sobre as tendências hegemônicas das quais a Simaquia de Delos teria começado a dar sinais na época em que os *Persas* foram produzidos e encenados³⁵⁵.

No que diz respeito à estrutura da ação da peça, as opiniões dos estudiosos da obra divergem³⁵⁶. Depois de ter sido decretada a falta da unidade de ação da tragédia por dois eminentes filólogos alemães³⁵⁷, nos começos do século XIX, verificou-se uma abundância de

³⁵⁰ KITTO, H.D.F. (1972), *op. cit.*, pp. 75-76.

³⁵¹ Vide HARRISON, Thomas, *The emptiness of Asia: Aeschylus' Persians and the history of the fifth century*, London, Duckworth, 2000, pp. 114-115.

³⁵² Cf. idem, *ibidem*, pp. 114-115.

³⁵³ Veja-se GAGARIN, Michael (1976), *op. cit.*, p. 30 e pp. 50-51.

³⁵⁴ Sobre a visão de *Persas* como “tragédia política” e a discussão que suscita, consulte-se o capítulo “Political Tragedy?” na obra de Garvie, para o qual remetemos: GARVIE, A. F. (2009), *op. cit.*, pp. xvi-xxii.

³⁵⁵ LOCKWOOD, Thornton (2017), *op. cit.*, p. 384, 398 e pp. 400-401.

³⁵⁶ Não pretendemos realizar aqui um estudo exaustivo da estrutura da obra, uma vez que não se trata do foco principal desta Dissertação. Procuramos, no entanto, dar um vislumbre ao leitor desta questão e do debate que suscita no meio acadêmico.

³⁵⁷ Os dois filólogos a que fazemos referência são Wilamowitz-Möellendorff e Snell. Citado por: HALL, Edith (1997), *op. cit.*, pp. 17-18.

trabalhos seguidores desta linha de pensamento por parte de outros autores³⁵⁸. Todavia, têm surgido estudos com propostas de possíveis estruturas para a peça. De entre estes, destacamos alguns exemplos, começando por Adams, que procurou demonstrar a sua unidade, sugerindo que *Persas* podia equivaler a uma tetralogia em miniatura, composta por quatro “movimentos” (em que os três primeiros corresponderiam a uma trilogia trágica e o último a uma peça satírica), que estariam interligados por vários temas recorrentes ao longo do drama. Winnington-Ingram, por sua vez, considera que a ação e a forma do drama se caracterizam pela simplicidade³⁵⁹, podendo a peça ser dividida em três painéis: o primeiro e o último aludem a convenções religiosas tradicionais, ao passo que o painel central invoca o pensamento religioso de Dario – e, conseqüentemente, o do poeta³⁶⁰ –, detendo por isso uma posição de destaque na estrutura³⁶¹.

Outra proposta é feita por Martin L. West, que expõe a identificação de dois tipos de estrutura numa peça: a formal e a dinâmica³⁶². Do ponto de vista formal, a tragédia de que trata este subcapítulo é composta por um párodo, três episódios intercalados com três estásimos e o êxodo final³⁶³. West estabelece um esquema representativo de uma estrutura comum às peças sobreviventes de Ésquilo, segundo o qual, na perspetiva dinâmica, podemos dividir a obra em análise em duas fases, que ele designa de “carregadora” e “descarregadora”, respetivamente (num processo idêntico ao de uma bateria)³⁶⁴. Cada uma dessas duas fases apresenta, por sua vez, duas subdivisões: a “carregadora” é constituída por uma primeira divisão marcada pela ansiedade e pela dúvida (no caso dos *Persas*, corresponde à parte em

³⁵⁸ Refira-se, a título de exemplo, os trabalhos de Broadhead e de Michelini, para os quais remetemos, respetivamente: BROADHEAD, H. D. (introdução, notas críticas e comentário), *The Persae of Aeschylus*, Cambridge, Cambridge University Press, 1960, pp. xxxii-xxxv e MICHELINI, Ann. N., *Tradition and dramatic form in the Persians of Aeschylus*, Leiden, Brill, 1982, p. 72.

³⁵⁹ WINNINGTON-INGRAM, R. P., “Zeus in *Persae*”, *The Journal of Hellenic Studies*, vol. 93, 1973, p. 210.

³⁶⁰ Winnington-Ingram considera que a personagem de Dario funciona como o porta-voz de Ésquilo na sua obra. Vide WINNINGTON-INGRAM, R. P. (1973), *op. cit.*, p. 218.

³⁶¹ Consulte-se WINNINGTON-INGRAM, R. P. (1973), *op. cit.*, pp.210-219.

³⁶² Para as definições destes conceitos, consulte-se WEST, Martin L., *Studies in Aeschylus*, Stuttgart, Teubner, 1990, p. 4.

³⁶³ Um breve olhar no índice da tradução de Manuel de Oliveira Pulquério permite-nos observar esta divisão estrutural (cf. PULQUÉRIO, Manuel de Oliveira (introdução, tradução do grego e notas), *Ésquilo. Persas*, Lisboa, Edições 70, 1998, p. 71. Note-se que neste drama se verifica a ausência de prólogo. Esta opção do poeta provavelmente será o motivo pelo qual o párodo, nas palavras de Ann. N. Michelini, adquire contornos fortes e de grande profundidade, antecipando o desenvolvimento da ação e apresentando os temas preponderantes desta tragédia (vide MICHELINI, Ann. N. (1982), *op. cit.*, p. 77). Deste modo, Ésquilo privilegia o Coro, que entra imediatamente em cena mal a peça abre (cf. SILVA, Maria de Fátima (2005), *op. cit.*, p. 29).

³⁶⁴ WEST, Martin L. (1990), *op. cit.*, pp. 4-5.

que são expostas as preocupações do Coro e da Rainha) e a outra pela clarificação progressiva do problema (o relato das más notícias pelo Mensageiro); a “descarregadora” é formada por uma parte que contém o completamento da história (em que vemos a invocação de Dario e a receção das suas profecias) e outra com as atividades consequentes (lamentos, recriminações e partida em procissão para o palácio)³⁶⁵. Acrescentamos ainda a hipótese colocada por Garvie, que observa que *Persas* tem subjacente uma dupla tragédia: a da Pérsia como um todo (representada pelo Coro) e a de Xerxes como indivíduo, constituindo esta uma característica essencial para se compreender a sua unidade estrutural dramática³⁶⁶. Garvie sugere ainda que a peça deve ser encarada como uma unidade única e contínua, em vez de se lhe tentar impor uma divisão artificial ao nível da estrutura³⁶⁷.

Gostaríamos ainda de chamar brevemente a atenção para a importância da dimensão teatral do texto. Queremos com isto dizer que para se obter uma melhor perceção do sentido da peça e do impacte que ela terá tido junto da audiência, o texto deve ser lido tendo em conta a sua finalidade original: a representação de um drama perante um público³⁶⁸.

Aquando da exibição de *Persas* nas Grandes Dionísias, a experiência que era oferecida ao indivíduo ateniense jogava com as componentes visuais e auditivas. A forma como o texto ganhava vida em palco, através das vestes esplendorosas e exóticas envergadas por alguns dos atores, a entrada imponente da Rainha numa carruagem ostensiva e cenas como as da aparição e do desaparecimento do espectro de Dario saído do mundo dos infernos, são apenas alguns exemplos dos efeitos cénicos que a peça teria³⁶⁹. Este estímulo visual também se manifestaria através dos movimentos e dança do coro, que também cantava, sendo este um dos modos de proporcionar à assistência a experiência auditiva que referimos³⁷⁰. Apesar de não podermos saber como seria o acompanhamento musical, Hall presume que este deveria enfatizar o estilo oriental que os outros componentes, quer verbais quer visuais,

³⁶⁵ Cf. WEST, Martin L. (1990), *op. cit.*, 1990, pp. 4-6. Atente-se especialmente nas tabelas e no esquema apresentados nestas páginas.

³⁶⁶ GARVIE, A.F. (2009), *op. cit.*, p. xxxiv.

³⁶⁷ Idem, *ibidem*, p. xxxvi.

³⁶⁸ Consulte-se HALL, Edith (1997), *op. cit.*, pp. 19-20. Para um estudo mais aprofundado da forma como a tragédia *Persas* seria encenada e apresentada aos espetadores, consulte-se o capítulo que Oliver Taplin dedica a esta tragédia na sua obra pioneira na investigação destas matérias. *Vide* TAPLIN, Oliver (1977), *op. cit.*, pp. 61-128.

³⁶⁹ Veja-se HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p. 20.

³⁷⁰ Cf. idem, *ibidem*, p.20.

também procuravam evidenciar³⁷¹. Em suma, seriam vários os elementos que visavam criar, nas palavras de Maria do Céu Fialho, uma “atmosfera orientalizante”³⁷², envolvendo e transportando a audiência para o cenário persa.

Por fim, esboce-se, em traços gerais, a forma como o “Outro” persa é percebido e retratado em *Persas*³⁷³. Desde a abertura da peça, que se pode verificar a opulência e a riqueza – características normalmente associados ao Oriente – como aspetos ligados à monarquia persa³⁷⁴. Também sobressai a imensidão do poderio militar persa, aquando da enumeração das hostes lideradas por Xerxes contra a Hélade e do enaltecimento dos guerreiros e dos chefes dos contingentes que as compõem³⁷⁵. Acrescente-se ainda desde já a ideia de luxo, que também parece estar presente nas descrições feitas pelo poeta³⁷⁶. Hall considera mesmo que o luxo persa referido nesta tragédia é caracterizado pela imoderação³⁷⁷.

Um dos episódios discursivos da peça que nos permite atestar e melhor ilustra um certo grau de distinção entre Gregos e Persas é aquele em que Atossa questiona o corifeu sobre Atenas³⁷⁸. Entre as perguntas que coloca, a rainha inquire sobre se o exército ateniense é grande, ao que recebe como resposta: “Um exército tão poderoso que já causou muito mal aos Medos.”³⁷⁹. Neste passo, como noutros da peça, pode ser encontrada uma referência à dimensão colossal das forças persas: por exemplo, o exército de Xerxes é, a dada altura, descrito como o dos “gloriosos e inumeráveis Persas” (Περσῶν τῶν μεγαλαύχων καὶ

³⁷¹ Vide idem, *ibidem*, p. 20.

³⁷² Veja-se FIALHO, Maria do Céu (1995), *op. cit.*, p.28.

³⁷³ Para traçarmos os contornos gerais do “Outro” persa na tragédia esquiliana em análise, baseámo-nos especialmente na informação que recolhemos a partir da fonte e reunimos na tabela do Apêndice 3. Veja-se Apêndice 3, p. LXXVIII. Refira-se desde já que vários estudiosos, entre os quais conta-se Edith Hall, consideram a existência do “Outro” persa na obra esquiliana em análise, assim como a existência de uma antítese entre Gregos e Persas no drama. Confronte-se com o estudo de Gruen, que, embora admita a existência de uma distinção entre os dois povos, defende que Ésquilo não categoriza os Persas como o “Outro” barbárico. Consulte-se GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, pp. 9-21.

³⁷⁴ Estes dois aspetos estão presentes desde o início da peça, na descrição do exército e da residência real. Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 1-11.

³⁷⁵ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 16-60.

³⁷⁶ Pelo menos, pode ser encontrada na breve alusão que é feita de passagem aos “leitos de colchas luxuosas” de um jovem casal persa. Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 541-545.

³⁷⁷ De acordo com Hall, podem ser observados três atributos principais dos Persas que são particularmente repetidos e enfatizados ao longo da peça. São eles: o luxo desmesurado, o hierarquismo e o descontrolo das emoções; por oposição, segundo a autora, aos valores da igualdade, austeridade e autodisciplina gregas³⁷⁷. Esta estudiosa chega ao ponto de considerar que estas três características persas correspondem a defeitos, falhas da “psicologia barbárica”. Veja-se HALL, Edith (1989), *op. cit.*, p. 80.

³⁷⁸ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 230-244.

³⁷⁹ Cf. Aesch., *Pers.*, v. 236.

πολυάνδρων στρατιάν)³⁸⁰. Talvez possa-se relacionar este elemento descritivo com o que Heródoto afirma ser a valorização persa da quantidade. Segundo o *pater historiae*, para os Persas “o número faz a força”³⁸¹. Seguidamente, Atossa questiona sobre a riqueza dos Atenenses, ao que o corifeu responde que possuem minas de prata³⁸². Poderá talvez ser visto neste excerto uma oposição da prata dos Gregos ao ouro, que aparenta ser normalmente usado na peça como símbolo da riqueza dos Persas³⁸³.

A rainha deseja ainda informar-se sobre o armamento que utilizam, se é o arco e a flecha, mas é esclarecida que esse não é o caso e de que os Gregos se servem da lança e do escudo³⁸⁴. Pode-se observar, deste modo, o contraste entre a forma de combate dos Persas e a dos Gregos que, segundo Manuel O. Pulquério, é várias vezes realçado ao longo da peça: enquanto os primeiros utilizam o arco e lutam de longe, os segundos empunham a lança (a arma do hoplita grego), lutando corpo a corpo³⁸⁵. A última técnica de combate era para os Helenos a mais heroica³⁸⁶. Finalmente, a rainha pergunta sobre o líder do exército inimigo ao que o corifeu replica: “Eles não são escravos nem súbditos de ninguém.”³⁸⁷. Pode-se reconhecer aqui uma clara distinção entre o exército persa e o grego: o primeiro obedece e é comandado por um único homem, representado pelo monarca persa; o segundo não acata ordens de um único chefe militar.

Entre outros traços dignos de menção, refira-se a falta de liberdade de expressão do povo persa, à qual o coro parece aludir em determinado momento, após saber as notícias desastrosas de Salamina³⁸⁸. Outro aspeto a destacar é o luto persa, caracterizado no drama por clamores, gritos agudos, o rasgar de vestes, o bater no peito e o arrancar de pelo da barba³⁸⁹.

³⁸⁰ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 532-534.

³⁸¹ Cf. Hdt. 1.136.1. No entanto, deve ser tida em conta que a obra de Heródoto é posterior à de Ésquilo, tendo um intervalo de tempo de décadas entre a elaboração de *Persas* e das *Histórias*.

³⁸² Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 237-238.

³⁸³ Vide HALL, Edith (1989), *op. cit.*, pp. 80-81.

³⁸⁴ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 239-240.

³⁸⁵ Veja-se PULQUÉRIO, Manuel de Oliveira, *Ésquilo. Persas*, Lisboa, Edições 70, 1998, p. 22, nota 11. Consulte-se também HALL, Edith (1989), *op. cit.*, pp. 85-86.

³⁸⁶ Veja-se idem, *ibidem*, p. 22, nota 11. Hall afirma ainda que os Gregos parecem estar mais ligados à guerra naval, ao passo que os Persas aparecem por natureza associados mais à batalha terrestre em *Persas*. Vide HALL, Edith (1989), *op. cit.*, p. 85.

³⁸⁷ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 241-242.

³⁸⁸ Ao verificar o duro golpe que o poder do rei sofreu, o coro declara: “A língua dos súbditos não estará mais dominada pelo freio. O povo liberto poderá falar livremente, uma vez solto do jugo da força.” Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 591-594.

³⁸⁹ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 1038-1076.

Um dos exemplos mais ilustrativos deste procedimento persa corresponde ao comportamento demonstrado pelo coro e por Xerxes, enquanto entoam o canto fúnebre, que encerra a peça³⁹⁰. A este propósito, Hall nota que esse tipo de canto era proferido usualmente por mulheres e não por homens, como se verifica no drama em análise³⁹¹. A autora acrescenta ainda que práticas de luto excessivo, como as observadas neste passo (que incluem, segundo Hall, um abandono emocional invulgar por parte dos participantes), eram consideradas “barbáricas” e desencorajadas em Atenas³⁹².

Saliente-se ainda que, segundo Gruen, podem ser encontradas na tragédia esquiliana referências a uma ligação genealógica entre Gregos e Persas, através de uma linhagem ascendente comum³⁹³. De acordo com este autor, o exemplo dessa relação entre ambos os povos, mais explícito no texto, pode ser atestado no sonho de Atossa sobre Xerxes³⁹⁴. Nessa visão onírica, estavam presentes duas irmãs, uma vestida com roupas de estilo persa, a outra com vestes dóricas: cada uma corresponde a uma personificação da Pérsia e da Grécia, respetivamente³⁹⁵. Gruen considera que o retrato de ambos os povos como irmãos, representados por figuras femininas, tem subjacente um laço familiar comum que os une³⁹⁶.

Por último, atente-se, do ponto de vista cénico, no modo como o registo linguístico da corte persa deste drama seria potencialmente representado em palco. Segundo Edith Hall, a própria linguagem usada pelos atores denotaria uma tentativa de reproduzir aquilo que os Gregos julgavam ser a forma de falar da corte persa³⁹⁷. A autora argumenta que o número de epítetos ornamentais contidos em *Persas* é elevado quando comparado com as restantes tragédias de Ésquilo e que o modo de as personagens se dirigirem umas às outras é marcado pela solenidade e pelo uso de títulos honoríficos³⁹⁸.

³⁹⁰ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 1038-1076.

³⁹¹ Veja-se a introdução que esta autora faz aos versos 908-1078. em HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p. 169. Confronte-se com Gruen que afirma que homens gregos também lamentavam os mortos na tragédia ateniense. Veja-se GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, p. 16.

³⁹² HALL, Edith (1989), *op. cit.*, pp. 83-84.

³⁹³ Vide GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, pp. 19-20.

³⁹⁴ Consulte-se GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, pp. 19-20.

³⁹⁵ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 188-189. Veja-se BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 19.

³⁹⁶ Gruen verifica ainda que a ligação genealógica entre Gregos e Persas pode ser aferida do epíteto “filho da chuva de ouro” dado a Xerxes (cf. Aesch., *Pers.*, v. 78). Este título remete para o mito de Perseu, que nasceu da união entre Dánae e Zeus, sendo que o último assumiu a forma de uma chuva de ouro no momento da sua concepção. Os Persas eram considerados descendentes do referido Perseu. Veja-se GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, pp. 19-20.

³⁹⁷ Veja-se HALL, Edith (1997), *op. cit.*, pp. 22-23.

³⁹⁸ Cf. *idem*, *ibidem*, pp. 22-23.

3.3 Caracterização do Rei Persa em *Persas* de Ésquilo

3.3.1 Ciro e Cambises

Antes de partirmos para a análise das duas figuras régias masculinas principais da obra, gostaríamos de atentar por um breve momento nas únicas referências feitas a Ciro e a Cambises em *Persas*³⁹⁹. Embora estes dois soberanos não integrem o elenco de personagens da tragédia, é lhes feita uma alusão durante a curta narração, proferida por Dario, sobre os antecessores de Xerxes e as origens da monarquia persa.

Ésquilo começa por referir, através da fala de Dario, que Ciro terá sido o terceiro a assumir o poder, desde que Zeus outorgou autoridade a um só homem para governar toda a Ásia⁴⁰⁰. Ciro é intitulado, logo em primeira instância, de “herói afortunado”⁴⁰¹. Segue-se a enumeração dos feitos alcançados durante o seu reinado: Ciro procedeu ao estabelecimento da paz entre os “povos amigos”; conquistou a Lídia, a Frígia e subjugou também a Iónia⁴⁰². O poeta salienta ainda que “os deuses não lhe eram hostis, porque ele era cheio de prudência”⁴⁰³. Pensamos, portanto, poder afirmar que Ciro é assim retratado como um bom governante persa, que garantiu a paz aos seus aliados e que tratou de expandir o seu domínio territorial, através de campanhas militares. Tendo em conta que, além do poeta sublinhar que a divindade não era adversa a Ciro, descreve-o como afortunado, talvez se possa ir mais longe e aferir, de um modo implícito, a partir do texto que este monarca seria bem-aventurado e favorecido pelos deuses graças ao seu carácter prudente.

Por sua vez, Cambises, cujo nome não é sequer mencionado por Ésquilo, é somente designado como “o filho de Ciro” e somos apenas informados de que ele foi “o quarto chefe

³⁹⁹ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 768-773.

⁴⁰⁰ Em *Persas*, é atribuída uma origem divina à monarquia persa (cf. Aesch., *Pers.*, vv. 759-764). Para a descrição de Ciro feita por Ésquilo, na qual baseámos a presente análise, vide Aesch., *Pers.*, vv. 768-772.

⁴⁰¹ Cf. Aesch., *Pers.*, v. 768.

⁴⁰² Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 768-771.

⁴⁰³ Cf. Aesch., *Pers.*, v. 772.

do exército⁴⁰⁴. A sua brevíssima descrição (a qual é constituída somente por um verso) apresenta-o deste modo como o herdeiro de Ciro e líder militar⁴⁰⁵.

Apesar de a menção feita a estes dois reis ser muito sucinta, consideramos que não deve ser menosprezada. A mensagem principal que Ésquilo pretende transmitir sobre estes soberanos ao público, e que interessa ao desenvolvimento trágico da peça e, mais concretamente para a caracterização de Xerxes, encontra-se no texto, mesmo que seja formulada em poucas linhas. Pensamos que os atributos seleccionados pelo poeta para desenhar o esboço destes monarcas têm um propósito no todo da peça: servir de termo de comparação à figura do seu sucessor, Xerxes, como iremos observar no subcapítulo 3.3.3, que dedicamos à análise do retrato do último, no drama em questão.

Ciro pode estabelecer o exemplo para todos os soberanos vindouros⁴⁰⁶, porém, consideramos, que é Dario, o antecessor direto de Xerxes, quem se vai impor verdadeiramente como um paradigma de comportamento mais complexo. De facto, ao contrário do que acontece com Ciro e Cambises, a personagem de Dario está configurada de forma muito mais pormenorizada na obra, precisamente para realçar o contraste entre ele e o filho, seu herdeiro, como veremos.

3.3.2 Dario

A primeira menção feita a Dario na peça em análise aparece logo na primeira fala do corifeu e informa-nos do grau de parentesco desse rei com Xerxes: Dario é pai de Xerxes⁴⁰⁷. Portanto, antes de mais, Dario é apresentado como figura paterna e antecessora do jovem rei Xerxes, que partiu em expedição para outro continente, levando consigo um imenso exército, e cujo regresso é tão aguardado em Susa⁴⁰⁸.

⁴⁰⁴ Para o breve retrato de Cambises em *Persas*, veja-se Aesch., *Pers.*, v. 773. Como veremos no capítulo 5, a omissão do nome deste governante pode residir no facto de, só por si, esse nome ter o poder de evocar a imagem de um rei louco e criminoso que lhe estaria associada. Esta visão será, por exemplo, a privilegiada por Heródoto ao construir o retrato de Cambises, como veremos no subcapítulo 4.3.2. Saïd sugere que, talvez por este motivo, Ésquilo tenha optado por fazer uma descrição bastante neutra e sucinta do monarca. Vide SAÏD, S. (1981), *op. cit.*, pp. 37-38.

⁴⁰⁵ Saïd chama a atenção para o facto de, nesta tragédia, os soberanos da casa real persa (mencionados no discurso de Dario, Aesch., *Pers.*, v. 765-781) se afigurarem principalmente como chefes de guerra. Cf. SAÏD, S. (1981), *op. cit.*, p. 37.

⁴⁰⁶ JEDRKIEWICZ, Stefano (2019), *op. cit.*, p. 13.

⁴⁰⁷ Aesch., *Pers.*, vv.5-6.

⁴⁰⁸ Aesch., *Pers.*, vv.7-15.

De seguida, lemos, na saudação que o Coro faz à Rainha, no início do primeiro episódio de *Persas*, a primeira menção que se faz ao carácter divino que a personagem parece ter subjacente a si mesma: o rei Dario é apelidado de “um deus dos Persas”, com quem a monarca havia partilhado o leito⁴⁰⁹. O uso de vários epítetos que remetem para esta faceta do soberano ao longo da peça é recorrente, como repararemos⁴¹⁰. Com base na interpretação deste traço específico, tem sido alegado que o retrato, construído por Ésquilo, do soberano aqueménida subentende que os Persas acreditavam que este era divino⁴¹¹. Porém, como tivemos oportunidade de salientar no segundo capítulo da presente Dissertação, atualmente a opinião mais consensual no meio académico advoga que o monarca não seria considerado um deus nem venerado como um pelos Persas, pelo menos não em vida⁴¹². Ele era sim, de acordo com a religião persa, favorecido e apoiado pelo deus Ahuramazda – que se terá tornado no objeto do culto oficial real, precisamente, no reinado de Dario I –, agindo como um representante e intercessor da divindade no mundo terreno⁴¹³.

Com efeito, se de facto a descrição do rei aqueménida em *Persas* presume que o último era visto como um deus pelos seus súbditos, então podemos verificar o desvirtuamento deste aspeto da imagem régia persa na referida tragédia⁴¹⁴. Esta deturpação pode ter origem numa má interpretação por parte dos Gregos de determinados traços culturais do império

⁴⁰⁹ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 156-157. Segundo Hall, em mais nenhuma tragédia se pode observar o emprego, de forma tão clara e inequívoca, do termo “deus” (θεός) para designar um rei. Veja-se o comentário da autora a estes versos em: HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p. 121.

⁴¹⁰ Para alguns outros epítetos e expressões que nos remetem para o carácter divino (ou quase divino) de Dario ao longo da peça, veja-se a entrada referente a Dario na tabela 1.4 do Apêndice 1. Veja-se Tabela 1.4, p. VIII.

⁴¹¹ Veja-se HALL, Edith, *Inventing the Barbarian: Greek Self-Definition through Tragedy*, New York, Oxford University Press, 1989, pp. 90-91.

⁴¹² *Vide supra*, pp. 32-33. Não existem indícios suficientes que comprovem o culto do monarca aqueménida vivo: caso se admita que pressupõe esta ideia, a tragédia *Persas* de Ésquilo corresponde ao mais importante testemunho dessa hipótese (cf. HALL, Edith (1989), *op. cit.*, p. 91). Embora saibamos que muito provavelmente a veneração do rei enquanto deus em vida não corresponderia a um princípio da religião persa, a possibilidade de os soberanos aqueménidas terem sido alvo de cultos póstumos permanece aberta. Segundo Hall, alguns iranologistas (entre os quais Calmeyer, citado pela autora, como exemplo) defendem esta teoria. Sobre este assunto, *vide* HALL, Edith (1989), *op. cit.*, pp.92-93 e o seu comentário aos versos 156-157 em: HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p. 121.

⁴¹³ Esta mensagem foi divulgada pela propaganda de Dario, recorde-se, para legitimar o seu acesso ao trono persa e, consequentemente, a sua autoridade. Cf. HALL, Edith (1989), *op. cit.*, p. 91.

⁴¹⁴ Cf. *idem*, *ibidem*, p. 91. Note-se que, se assim for (isto é, que os Persas são representados, na peça, como crentes na divindade do seu rei), isso pode talvez implicar e/ou acentuar, de certo modo, a questão dos Persas serem caracterizados de uma forma antinómica à dos Gregos na supracitada tragédia, uma vez que para os Helenos, um monarca era apenas um indivíduo mortal, poderoso sim, mas não equivalente a um deus.

persa, nomeadamente do ritual da proscinense⁴¹⁵. Esta prática era vista pelos autores gregos como um sinal de reverência e submissão ao Grande Rei, que envolvia a prostração do indivíduo perante o último⁴¹⁶. Recorde-se que os Gregos consideravam que só se deviam prostrar perante os deuses, pelo que não veriam com bons olhos o costume de o fazer perante um simples mortal, mesmo que este fosse um rei⁴¹⁷.

Como García Sánchez denota, existem pelo menos alguns passos na obra de Ésquilo passíveis de serem interpretados como uma referência ao alegado culto do rei vivo como ser divino⁴¹⁸. Todavia, realce-se que, segundo Hall, os epítetos divinos referentes aos monarcas na peça de Ésquilo são marcados por uma linguagem ambígua, o que não deixa claro qual seria o estatuto do soberano persa em vida. Apenas sabemos que ele não é mortal nem imortal⁴¹⁹. Por outro lado, esta autora sugere que a divindade póstuma atribuída a Dario na obra é evidente e inequívoca: o falecido rei que aparece sob uma forma espiritual é apresentado por Ésquilo como um Dario deificado⁴²⁰, tendo adquirido o estatuto divino após a sua morte⁴²¹. Se assim for, pode-se considerar que a representação deste monarca nos *Persas*

⁴¹⁵ Embora não tenhamos conhecimento dos pormenores exatos desta prática cerimonial, sabemos que o seu significado global consistia no reconhecimento do estatuto de realeza do soberano, podendo talvez implicar que o indivíduo se curvasse perante o rei e, com a mão, fizesse um gesto de sopro de um beijo (acerca desta prática, veja-se: BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, pp. 222-223). Tanto Garvie como Hall admitem a hipótese da referida deturpação da informação histórica, relativa ao culto do rei, poder ter origem numa má interpretação deste ritual (cf. GARVIE, A.F. (2009), *op. cit.*, pp. 99-100 e HALL, Edith (1989), *op. cit.*, p. 91). Acrescente-se ainda algumas outras sugestões que são dadas para explicar este desvirtuamento dos factos: a circulação de rumores na Grécia, provavelmente incorretos, de que os governantes persas encorajavam o culto do soberano ou a hipótese de Ésquilo ter sabido da existência dos cultos póstumos régios (se é que existiram mesmo) e de se ter baseado nessa informação para criar o retrato do monarca persa (veja-se o comentário de Hall aos versos 156-157 em: HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p. 121). Poderíamos ainda levantar a seguinte hipótese: a construção helénica do retrato do soberano aqueménida como um deus poderá talvez resultar de uma eventual associação estabelecida (equivocadamente) pelos Gregos entre o monarca persa e o rei-deus ou deus-rei egípcio (no país do Nilo, o governante, isto é, o faraó era considerado o deus Hórus vivo na terra)? Embora os Persas e os Egípcios sejam povos distintos entre si, na perspetiva dos Helenos, tanto uns como os outros seriam vistos como bárbaros... Realce-se, no entanto, que, de qualquer modo, as questões acima enunciadas até certo ponto pertencem ao domínio da hipótese.

⁴¹⁶ Na verdade, a ausência de prostração perante o rei na arte oficial persa tem levado vários estudiosos a considerarem que a *proscinense* não envolveria esse gesto. Vide BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 85, nota 30.

⁴¹⁷ BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, p. 223.

⁴¹⁸ GARCÍA SÁNCHEZ, Manel (2009), *op. cit.*, p. 255.

⁴¹⁹ Cf. HALL, Edith (1989), *op. cit.*, p. 92. A. F. Garvie considera que, na tragédia em análise, Dario era respeitado e honrado em vida como se fosse um deus, mas não era considerado um (subentenda-se, enquanto vivesse). Cf. o comentário aos vv. 709-712 em: GARVIE, A.F. (2009), *op. cit.*, p. 283. Para uma discussão mais aprofundada da representação do estatuto divino da figura régia persa na obra de Ésquilo e as questões subjacentes, consulte-se especialmente: HALL, Edith (1989), *op. cit.*, pp. 90-93.

⁴²⁰ Veja-se o comentário de Hall aos versos 156-157 em: HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p. 121.

⁴²¹ Cf. HALL, Edith (1989), *op. cit.*, p.92. Hall concorda com Gow sobre este aspeto. Vide GOW, A. S. F., “Notes on the *Persae* of Aeschylus”, *The Journal of Hellenic Studies*, vol. 48, 1928, p. 136.

subentende o seu carácter divino, pelo menos, ao nível póstumo. Pode ser constatado num tom mais firme que, conforme Pericles Georges assevera, Dario é apresentado como mais do que humano, mas também menos do que divino⁴²².

No primeiro estásimo, após a audiência ter ouvido as notícias trazidas pelo Mensageiro e a Rainha se ter retirado, o Coro, encontrando-se sozinho em palco, lamenta o sucedido e questiona a razão por que Dario seria tão diferente do seu sucessor⁴²³. O Coro declara que Dario nunca causou qualquer espécie de mal aos seus súbditos, chamando-o de “Dario-o-Arqueiro⁴²⁴, chefe amado da Susiana”. Começamos logo por vislumbrar, na fala dos nobres anciãos que acabámos de enunciar, a ideia de que o soberano terá proporcionado tempos de prosperidade ao seu país durante o seu reinado (não sem ajuda divina⁴²⁵), o que fez com que obtivesse a aprovação e estima do seu povo⁴²⁶. Por essa razão, Dario é nostalgicamente recordado como um “chefe amado”.

Regressada do palácio, trazendo consigo as libações que vão ser dirigidas aos mortos, a Rainha instrui o Coro para que se dê início ao ritual de evocação de Dario, visando deste modo obter o seu conselho sobre a situação em que se encontram⁴²⁷. Durante este processo religioso, que requer a realização de vários passos seguindo uma ordem pré-estabelecida⁴²⁸, são enunciados e acentuados determinados aspetos do retrato deste soberano. Aliás, realce-se desde já que, quando Atossa pede aos “Fiéis” a sua colaboração na evocação do seu falecido marido, ela denomina-o “divino Dario” (τόν τε δαίμονα Δαρειῶν⁴²⁹), reconhecendo também ela (além do Coro) esta condição subjacente à personagem.

⁴²² Mais especificamente, Pericles Georges afirma o seguinte sobre Dario: “he is rendered more than human, though less than divine”. *Vide* GEORGES, Pericles (1994), *op. cit.*, p. 82.

⁴²³ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 554-557.

⁴²⁴ Recorde-se que, como já aludimos, o arco, além de ser a arma que representa o modo de combate persa por oposição à lança usada pelos Gregos na luta corpo-a-corpo, simboliza também o poderio bélico persa. Sabe-se que a imagem do arco podia ser encontrada na arte de propaganda imperial de Dario, inclusive em moedas, que Ésquilo poderá ter visto. Sobre este assunto, *vide* o comentário de Hall aos versos 555-556 em: HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p. 148.

⁴²⁵ Anteriormente já tinha sido feita uma breve alusão a esta ideia na primeira fala da rainha, na qual é referida que a prosperidade erguida por Dario não terá sido alcançada sem auxílio divino. Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 161-164.

⁴²⁶ *Vide* SILVA, Maria de Fátima (2005), *op. cit.*, p.78.

⁴²⁷ Aesch., *Pers.*, vv. 598-622.

⁴²⁸ Sobre o protocolo a seguir para a realização do ritual necromântico, veja-se SILVA, Maria de Fátima (2005), *op. cit.*, p. 74 e pp. 76-77.

⁴²⁹ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 620-621.

Começa o ritual necromântico. Enquanto Atossa envia as libações aos mortos, o Coro entoava os hinos e pede aos deuses infernais que concedam uma aparição do espírito de Dario. Só ele, o monarca que outrora lhes proporcionou bem-estar e os salvaguardou de todos os males, lhes pode valer neste momento de grande angústia e apenas ele poderá deter a solução para o que os aflige⁴³⁰. Note-se que não são só os conselheiros régios e a Rainha que procuram o seu parecer. É toda a comunidade persa sobrevivente, pois, recorde-se, o Coro é o representante do povo da Pérsia para vários estudiosos da obra, como já foi aludido⁴³¹.

Nas palavras proferidas pelo Coro no seu chamamento, por um lado, somos mais uma vez remetidos para o carácter quase divino do soberano, acentuado neste passo através de várias e diferentes expressões: entre outras qualidades, ele é “igual aos deuses” (ἰσοδαίμων) e “ser glorioso e divino” (δαίμονα μεγαλοχῆ)⁴³². O Coro informa-nos ainda de que os Persas o denominavam “inspirado dos deuses” (θεομήτωρ⁴³³). Por outro lado, observamos nesta cerimónia o reforço da visão de aprovação e apreço que o Coro tem por Dario⁴³⁴, que inclui o seu retrato como alguém possuidor de grandes virtudes⁴³⁵. É realçada ainda a sua capacidade de liderar um exército em campanha, a qual é descrita como “inspirada”, bem como o facto de nunca ter perdido os seus homens em vão em guerras ruinosas⁴³⁶. Ele é o “pai sem mácula”⁴³⁷, pois fez tudo para garantir a boa fortuna e segurança dos seus súbditos.

Ainda o monarca não apareceu e já o Coro visualiza a sua vinda, concebendo uma imagem na qual o rei surge em toda a sua majestade e esplendor, no cimo do túmulo: calçando sandálias cor de açafraão e coroadado pela tiara, insígnia do seu estatuto régio⁴³⁸. Finalmente, o espectro de Dario acaba por aparecer. Este é um momento de grande clímax da peça, uma

⁴³⁰ O corifeu especifica no pedido aos deuses subterrâneos a razão pela qual solicitam a ascensão momentânea do espectro de Dario ao mundo dos vivos, declarando que “se melhor do que nós, ele sabe qual é o remédio para os nossos males, só ele, entre os mortais, poderá indicar o seu termo”. Aesch., *Pers.*, vv. 627-632. Veja-se ainda SILVA, Maria de Fátima (2005), *op. cit.*, p. 78.

⁴³¹ Entre estes contam-se, como já referimos, S. M. Adams e A. F. Garvie. *Vide supra*, p. 52, nota 348.

⁴³² Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 633-634 e 643-644.

⁴³³ Cf. Aesch., *Pers.*, v. 654. Note-se que, como García Sánchez refere, este termo é o mais próximo que encontramos no texto de Ésquilo daquilo que seria a visão religiosa persa da relação entre o rei e a divindade, pois, como vimos, segundo a crença persa, o monarca era o representante do deus Ahuramazda na terra e as suas decisões eram orientadas, ou se quisermos, neste caso, “inspiradas” pela deidade. *Vide* GARCÍA SÁNCHEZ, Manel (2009), *op. cit.*, p. 255.

⁴³⁴ A estima que o Coro tem pelo velho rei transparece especialmente em: Aesch., *Pers.*, vv. 647-648.

⁴³⁵ Cf. Aesch., *Pers.*, v. 648.

⁴³⁶ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 652-656.

⁴³⁷ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 663 e 671.

⁴³⁸ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 657-663. Veja-se também SILVA, Maria de Fátima (2005), *op. cit.*, p. 78.

vez que, embora o antigo rei tenha já aparecido em sonhos a Atossa⁴³⁹ e o Coro a tenha aconselhado a fazer libações para o falecido marido, com a finalidade de evitar uma possível desgraça, nada faz prever que o próprio Dario apareça sob uma forma fantasmagórica⁴⁴⁰.

Dario dirige-se aos seus fiéis companheiros de outrora, questionando-os sobre a razão que atormenta a cidade de Susa⁴⁴¹. O fantasma do rei declara ainda que teve de recorrer à sua autoridade e prestígio perante os deuses do submundo⁴⁴² para conseguir tornar ao mundo terreno. Esse anúncio feito por Dario parece reforçar a imagem do estatuto poderoso detido pela sua personagem. Paralelamente, o espectro real instiga os conselheiros a apressarem-se na exposição do problema, pois não deseja ser censurado por alguma demora no seu regresso ao Hades⁴⁴³. O rei aparenta revelar, deste modo também, julgamos, prudência e cautela ao ter o cuidado de evitar incorrer na fúria e nas más graças das divindades infernais, reconhecendo assim a autoridade daqueles que estão acima da sua condição. Dario prossegue, retomando a pergunta que fez no início do seu discurso. Com recurso a uma abordagem direta e concisa, o fantasma insiste na tentativa de desvendar o “mal novo” que se abateu sobre os Persas⁴⁴⁴.

Talvez se possa estabelecer uma comparação entre o carácter prudente de Dario⁴⁴⁵ e o de um dos seus predecessores, Ciro, que, como vimos no subcapítulo anterior, é descrito como “cheio de prudência”, motivo pelo qual os deuses não lhe eram adversos⁴⁴⁶. Tendo em conta que Ciro é também apelidado de “herói afortunado”, talvez se possa aferir a partir do texto, de um modo implícito, que este soberano seria favorecido pelo divino. Se assim for, tal como ele, Dario também aparenta ter as divindades do seu lado: o poeta diz, por exemplo, que a prosperidade que o monarca construiu para o seu povo não terá sido feita sem

⁴³⁹ No sonho de Atossa, Dario aparece junto a Xerxes, após o último ter sido projetado do seu carro. O papel de Dario é então lamentar o filho. De certo modo, esta será também a função que irá assumir quando surgir como espectro, pois irá lamentar e até mesmo condenar as ações de Xerxes, como veremos.

⁴⁴⁰ Veja-se SILVA, Maria de Fátima (2005), *op. cit.*, pp. 77-78 e o comentário de Garvie aos versos 681-851 em: GARVIE, A.F. (2009), *op. cit.*, p. 273.

⁴⁴¹ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 681-682.

⁴⁴² Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 691-692. Nas peças teatrais de Ésquilo, os reis falecidos possuem prerrogativas especiais no Hades dado o seu estatuto de autoridade em vida. Por esse mesmo motivo, podem obter permissão para reimmergir no mundo dos vivos, sob a forma de espírito. Acrescente-se que, neste caso, como Maria de Fátima Silva refere, a proximidade de Dario com o divino nos *Persas* poderá igualmente ter contribuído para esta possibilidade. Veja-se SILVA, Maria de Fátima (2005), *op. cit.*, p.78 e o comentário ao verso 691 em HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p. 157.

⁴⁴³ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 690-694.

⁴⁴⁴ Cf. Aesch., *Pers.*, v. 693.

⁴⁴⁵ Cf. SILVA, Maria de Fátima (2005), *op. cit.*, p. 78.

⁴⁴⁶ Cf. Aesch., *Pers.*, v. 772.

intervenção divina, como já foi mencionado⁴⁴⁷; além disso, Dario teve a benesse de ter vivido uma vida verdadeiramente bem-aventurada e feliz, privilégio que muitos mortais não alcançavam, como veremos oportunamente.

O seu tom durante esta fala, e nas restantes vezes em que intervém, diz-nos Maria de Fátima Silva, seria distante e frio, próprio de um fantasma⁴⁴⁸. Perante a visão do espírito do monarca, o Coro é invadido por um temor respeitoso que o impede de encará-lo diretamente, bem como de lhe falar⁴⁴⁹. Não é de todo inusitado imaginarmos que os anciãos se poderiam apresentar nesta cena numa posição de prostração, completamente subjugados pelo medo, conforme as suas palavras revelam⁴⁵⁰. O poeta especifica na fala do Coro que este temor é antigo⁴⁵¹, o que permite concluir que, provavelmente, se trataria do receio que o soberano inspirava nos seus súbditos em vida⁴⁵². Hall sugere mesmo que as relações entre Persas nesta tragédia são caracterizadas pelo medo⁴⁵³. Assim sendo, e com base no que já observámos da relação de Dario com os seus súbditos na obra de Ésquilo, pensamos poder concluir que esta seria marcada por um misto de admiração, veneração, respeito e temor reverente para com o velho monarca.

Ao aperceber-se de que não consegue obter uma explicação dos anciãos, Dario volta-se para a sua esposa em busca de esclarecimento. Na sua resposta⁴⁵⁴, Atossa começa por reconhecer a ventura invejável que o seu marido teve, tanto em vida como na morte⁴⁵⁵.

⁴⁴⁷ . Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 161-164. *Vide supra*, p. 63.

⁴⁴⁸ A falta de recursos técnicos mais desenvolvidos conduziu provavelmente à adoção deste tipo de estratégia para a representação de um espectro em cena. Veja-se Maria de Fátima (2005), *op. cit.*, p. 79 e MICHELINI, Ann. N. (1982), *op. cit.*, p. 143.

⁴⁴⁹ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 694-696 e 700-702.

⁴⁵⁰ Hall defende esta ideia: *vide* comentário aos vv. 694-702 em: HALL, Edith (1997), *op. cit.*, pp. 157-158. Confronte-se com a opinião de Garvie, que considera que o Coro permaneceria de pé junto do túmulo. *Vide* comentário ao verso 683 em: GARVIE, A.F. (2009), *op. cit.*, p. 277.

⁴⁵¹ Aesch., *Pers.*, v. 696.

⁴⁵² O “antigo temor” (ἀρχαῖο τάρβει) constitui o único medo que se encontra claramente explícito no excerto mencionado do texto. Contudo, alguns autores observam a existência de outros medos implícitos neste passo. Maria Fátima de Silva acrescenta ao referido temor o pavor que o Coro deveria sentir ao encontrar-se face a face com um ser proveniente de outro mundo (cf. Maria de Fátima (2005), *op. cit.*, p. 79). Esse fator, possivelmente, acentuaria o *pathos* e a *katharsis* na tragédia em causa. Hall, além do “antigo temor”, fala do assombro e deslumbramento do Coro ao ver finalmente Dario – que fora tratado como uma divindade em vida pelos Persas – surgir como um verdadeiro deus após a sua morte. *Vide* comentário aos versos 694-696 em HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p. 158. Confronte-se com a opinião de Garvie, que contesta a hipótese do pavor causado pelo vislumbre de uma aparição surreal e defende que o medo sentido pelo Coro é identificável apenas com o receio que tinham do rei quando ele era vivo. Veja-se GARVIE, A.F. (2009), *op. cit.*, p. 274.

⁴⁵³ *Vide* comentário aos vv. 694-696 em: HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p. 158.

⁴⁵⁴ Aesch., *Pers.*, vv. 709-714.

⁴⁵⁵ Aesch., *Pers.*, vv. 709-712.

Favorecido pelo destino, o governante viveu “como um deus” e a sua vida foi agraciada pela bem-aventurança⁴⁵⁶. O rei faleceu antes de a desgraça – que o seu filho irá precipitar – atingir o seu império, o seu povo e a sua família⁴⁵⁷. Aqui, estamos na presença de um conceito comum no pensamento grego da época (que também pode ser encontrado na obra de Heródoto⁴⁵⁸): a ideia de que só é possível avaliar o quão feliz foi a vida de um homem após a sua morte⁴⁵⁹. O Dario idealizado por Ésquilo é afortunado ao ponto de alcançar aquilo que muitos não conseguem: poder ser considerado “feliz” mesmo depois da sua vida ter terminado. Assim se compreende, cremos, que a rainha comece por dizer que ele ultrapassou “a ventura de todos os mortais”⁴⁶⁰.

Em resposta ao questionário do marido, Atossa informa-o da calamidade que se abateu sobre a Pérsia – designadamente, a aniquilação do exército persa no confronto naval de Salamina –, bem como dos atos de Xerxes. A partir deste momento, Dario desempenhará o papel de juiz dos acontecimentos que tiveram lugar, nomeadamente das ações do filho⁴⁶¹. Ele tem conhecimento das leis divinas que regem a existência, às quais os mortais não devem ser alheios, pois arriscam-se a incorrer na ira dos deuses e a serem conduzidos à sua própria ruína⁴⁶². Existe um certo equilíbrio natural que deve ser respeitado, não devendo um indivíduo adotar atitudes de excesso e desmesura que o comprometam⁴⁶³. Caso contrário, as consequências podem ser desastrosas, pois a punição daquele que comete a ὕβρις é inevitável. Dario tem consciência disto e esta é uma das razões que lhe confere autoridade para apreciar e interpretar o sucedido⁴⁶⁴. Essa capacidade, evidentemente, é-lhe outorgada pelo dramaturgo. Ele é, portanto, um monarca sábio, que detém as competências necessárias para criticar o

⁴⁵⁶ Aesch., *Pers.*, vv. 710-711.

⁴⁵⁷ Aesch., *Pers.*, v. 712.

⁴⁵⁸ Presente, especialmente, no diálogo entre Cresos e Sólon, em Heródoto. Cf. Hdt. 1.32.8.

⁴⁵⁹ Esta ideia encontra-se patente também, por exemplo, nos versos que fecham a peça *Rei Édipo* de Sófocles. Cf. S., *OT*, vv. 1524-1530.

⁴⁶⁰ Aesch., *Pers.*, vv. 709-710. Nem todos se mostram à altura de ser chamados “felizes”, segundo o critério grego, quando a sua vida chega ao final. De acordo com Garvie, o texto poderá pressupor que ninguém é verdadeiramente merecedor desse título, constituindo Dario uma exceção à regra. Veja-se o comentário deste autor aos versos 706-708: GARVIE, A.F. (2009), *op. cit.*, pp. 282-283.

⁴⁶¹ Vide SILVA, Maria de Fátima (2005), *op. cit.*, p. 79.

⁴⁶² Veja-se SILVA, Maria de Fátima (2005), *op. cit.*, p. 79. De acordo com Hall, Dario é o único entre os Persas que, na peça, conhece e compreende os critérios divinos que estabelecem a ordem universal. Vide introdução aos versos 681-851 em HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p. 157.

⁴⁶³ Cf. SILVA, Maria de Fátima (2005), *op. cit.*, p. 80.

⁴⁶⁴ Sobre a autoridade de Dario para avaliar os acontecimentos e os critérios enunciados que lhe conferem essa capacidade, veja-se SILVA, Maria de Fátima (2005), *op. cit.*, p. 79.

comportamento do seu filho, uma vez ele não provocou nenhuma desgraça ao seu povo⁴⁶⁵. Pelo contrário, Dario apenas lhe proporcionou um período de bonança e riqueza.

Como denota Hall, Dario exerce também a função de um rei-profeta⁴⁶⁶, pois é ele quem transmite as profecias dos oráculos aos presentes, predizendo a punição do exército deixado por Xerxes na Grécia – por ter pilhado e desrespeitado os templos e altares dos deuses –, bem como o desaire persa na batalha contra os Helenos, que viria a ter lugar em Plateias. Saliente-se, contudo, que o seu conhecimento destas previsões não implica a omnisciência da sua personagem: ela não sabe dos acontecimentos que tiveram lugar e dos feitos de Xerxes até Atossa a informar dos mesmos⁴⁶⁷.

Antes de regressar aos infernos, Dario dá instruções ao Coro e à sua esposa, aconselhando a última a consolar o filho de ambos, pois considera que ela é a única que o poderá acalmar e confortar⁴⁶⁸. Se fosse possível observar, em algum momento da peça, um lampejo da faceta privada de Dario enquanto pai de Xerxes, talvez este pudesse ser visto nesta recomendação dada pelo velho soberano a Atossa. Essa recomendação poderia ser interpretada como fruto da preocupação paterna de Dario relativamente ao bem-estar do filho. Contudo, como Maria de Fátima Silva sublinha, as “relações estritamente humanas esbatem-se com a rutura causada pela morte”, motivo pelo qual a censura que o fantasma de Dario profere sobre as decisões de Xerxes é isenta de qualquer vestígio de indulgência, suscetível de ser observado numa relação paternal⁴⁶⁹. Em última análise, consideramos que o retrato de Dario criado por Ésquilo parece focar-se mais na sua caracterização enquanto figura pública. Aspetos passíveis de pertencer à faceta privada da personagem de Dario não parecem encontrar-se patentes no texto, ou pelo menos, se estes existem, não sobressaem⁴⁷⁰.

Com a declaração de que a riqueza não tem utilidade para os mortos, Dario recomenda ao Coro que tente desfrutar de algum prazer no seu quotidiano, mesmo no meio de uma

⁴⁶⁵ Idem, *ibidem*, p. 79.

⁴⁶⁶ Cf. introdução aos versos 681-851 em HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p. 157.

⁴⁶⁷ Veja-se ALEXANDERSON, B., “Darius in the Persians”, *Eranos*, vol. 65, 1967, pp. 2-3 e SILVA, Maria de Fátima (2005), *op. cit.*, p. 79. Confronte-se com Kennedy que defende o carácter omnisciente de Dario nos *Persas*: vide KENNEDY, Rebecca Futo (2013), *op. cit.*, pp. 73-74.

⁴⁶⁸ Aesch., *Pers.*, vv. 829-838.

⁴⁶⁹ Veja-se SILVA, Maria de Fátima (2005), *op. cit.*, p. 79.

⁴⁷⁰ Por este motivo, não incluímos qualquer referência textual na entrada referente a Dario da tabela 1.8 do Apêndice 1. Veja-se Tabela 1.8, p. XVII.

crise⁴⁷¹. Deste modo, Dario despede-se e retorna ao Hades. A rainha parte em direção ao palácio com a intenção de ir buscar roupas para Xerxes.

O Coro fica, por conseguinte, mais uma vez, só em palco. Saudoso, o Coro relembra os tempos dourados que viveu sob o governo benigno do “velho rei, o equânime, o puro e invencível Dario igual aos deuses”⁴⁷². Nessa época, a glória cobria os exércitos da Pérsia, que se mostravam bem-sucedidos em campanha⁴⁷³. Em paralelo, assegurava-se que o regresso dos soldados a casa se realizava sem sofrimento⁴⁷⁴. O poder do rei estendia-se por múltiplos territórios, enumerados pelo Coro, que nos traça um panorama geográfico do domínio imperial persa ao tempo do antigo soberano⁴⁷⁵. Várias novas terras tinham sido conquistadas por Dario “quase sem sair de casa”⁴⁷⁶. Por outro lado, o soberano detinha o apoio de incontáveis aliados⁴⁷⁷.

É com esta apreciação final do reinado de Dario feita por aqueles que lhe eram os seus servidores mais próximos e leais, seus súbditos (representantes da opinião do povo persa), que o dramaturgo nos deixa antes mesmo da personagem Xerxes entrar em palco. O

⁴⁷¹ Poder-se-á talvez denotar neste passo um certo grau de sabedoria demonstrada pelo espectro de Dario. Aesch., *Pers.*, vv. 840-842.

⁴⁷² Aesch., *Pers.*, vv. 852-857. A edição da Gredos considera que esta expressão tem uma mensagem política implícita, argumentando que nesta descrição do governo de Dario se encontram refletidos os ideais da primeira democracia ateniense. *Vide* PEREA MORALES, Bernardo (tradução e notas), *Esquilo: Tragedias*, Madrid, Editorial Gredos, 1993, p. 254, nota 87.

⁴⁷³ Aesch., *Pers.*, vv. 859-860. Manuel Pulquério chama a atenção para o facto destes versos serem tidos como corruptos, tal como foram transmitidos pelos manuscritos, pela maioria dos editores (*vide* PULQUÉRIO, Manuel de Oliveira (1998), *op. cit.*, p. 55, nota 60). Para uma discussão de diferentes propostas de tradução dos mencionados versos e dos problemas subjacentes, veja-se o comentário aos versos 858-860 em GARVIE, A. F. (2009), *op. cit.*, pp. 328-329. Baseando-nos na nossa comparação das traduções destes versos apresentadas pelas edições da Gredos e da Loeb, bem como pelas traduções de Manuel Pulquério e de Edith Hall, parece-nos que, apesar de mostrarem claras diferenças, as hipóteses colocadas por estes estudiosos tendem a convergir num aspeto: o êxito que os exércitos persas tinham no reinado de Dario. Veja-se a tradução dos versos 859-860 nas referidas edições: PULQUÉRIO, Manuel de Oliveira (1998), *op. cit.*, p. 55; HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p. 89; PEREA MORALES, Bernardo (1993), *op. cit.*, p. 254; SOMMERSTEIN, Alan H. (2009), *op. cit.*, p. 111.

⁴⁷⁴ Aesch., *Pers.*, vv. 861-863. Manuel Pulquério nota que, apesar do v. 862 conter uma pequena lacuna, esta não cria problemas em termos de interpretação e de compreensão do texto. Cf. PULQUÉRIO, Manuel de Oliveira (1998), *op. cit.*, p. 55, nota 61.

⁴⁷⁵ Hall denota que vários nomes realçados pelo poeta nestes versos correspondem a cidades com as quais o espectador ateniense estaria familiarizado: mais ainda, tratava-se de terras que, à altura da apresentação da peça, encontrar-se-iam já libertas do domínio persa. Deste modo, a sua nomeação remetia a audiência para estes triunfos alcançados pela Hélade. *Vide* o comentário feito por esta autora ao estésimo dos versos 852-907 em: HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p. 166.

⁴⁷⁶ Aesch., *Pers.*, vv. 864-866. Jedrkiewicz propõe uma interpretação merecedora de destaque. No entender deste teórico, realizaram-se várias expedições militares bem-sucedidas, organizadas por Dario durante o seu reinado, mas o rei não as terá comandado pessoalmente, tendo, em vez disso, permanecido na sede do seu poder no decurso das operações militares. Cf. JEDRKIEWICZ, Stefano (2019), *op. cit.*, p. 15.

⁴⁷⁷ Aesch., *Pers.*, vv. 901-903.

retrato que Ésquilo pintou de Dario como monarca ideal⁴⁷⁸ contrastará fortemente com o do seu sucessor, como analisaremos no subcapítulo seguinte.

3.3.3 Xerxes

A primeira impressão que retiramos relativamente à figura de Xerxes é fornecida pelo Coro logo na abertura da peça, isto é, no párodo. Xerxes é-nos apresentado no contexto de comando de uma campanha militar: o leitor/espectador é informado de que o soberano partiu em expedição para outro continente, para defrontar os Helenos, encabeçando um exército numeroso que reuniu para esse efeito⁴⁷⁹. Tomamos ainda conhecimento de que encarregou os conselheiros anciãos de guardarem o país na sua ausência⁴⁸⁰. O Coro mostra-se apreensivo a respeito do regresso do jovem rei⁴⁸¹ e procura acalmar-se, lembrando a numerosa e temível força terrestre e naval que partiu para a Hélade⁴⁸².

Depois de proceder à enumeração das tropas que seguiram em campanha e que traduzem a ostentação do poder e da riqueza do império persa⁴⁸³, o Coro concebe a ideia de que a travessia do Helesponto conduzida pelo soberano já terá tido lugar e imagina a cena: a ponte contruída pelos homens ao serviço de Xerxes é descrita como um “jugo lançado sobre o pescoço do mar”⁴⁸⁴. O mar aqui é retratado como um elemento animado, que o rei da Pérsia tenta dominar e subjugar para conseguir os seus objetivos⁴⁸⁵. Este episódio singular viria a

⁴⁷⁸ Vários autores consideram que o retrato de Dario em *Persas* de Ésquilo é idealizado, veja-se, por exemplo, GRIFFITH, M., “The King and Eye: The Rule of the Father in Greek Tragedy”, *Proceedings of the Cambridge Philological Society* n.º 44, 1998, p. 57 e TOURRAIX, Alexandre, “L’image de la monarchie achéménide dans les *Perses*”, *REA*, vol. 86, 1984, p. 129.

⁴⁷⁹ BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 14.

⁴⁸⁰ Aesch., *Pers.*, vv. 1-6.

⁴⁸¹ Na realidade, Xerxes estaria na casa dos 40 anos de idade, mas o poeta escolhe ignorar este facto para o propósito da sua obra. Mais tarde na peça, serão evidenciadas a juventude e a inexperiência de Xerxes como fatores explicativos para a sua ausência de consciência e entendimento em matéria de leis universais, como veremos. *Vide* comentário aos v. 13 em: HALL, Edith (1997), *op. cit.*, pp. 107-108.

⁴⁸² BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 21.

⁴⁸³ A enumeração das forças militares que partiram para a Grécia pretende evidenciar a dimensão do poder do rei da Pérsia. *Vide* idem, *ibidem*, p. 21.

⁴⁸⁴ Aesch., *Pers.*, vv. 65-72. O uso do termo ζυγὸν (jugo), neste passo, é significativo. Este constitui um elemento temático recorrente no desenrolar da peça e adquire, por norma, um sentido de subjugação e submissão. Cf. SILVA, Maria de Fátima (2005), *op. cit.*, p. 141. Veja-se também BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 15.

⁴⁸⁵ *Vide* BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 15.

constituir um dos motivos literários mais associado a este rei nas obras dos autores gregos, inclusive nos escritos de Heródoto⁴⁸⁶.

Terminada esta exposição alusiva à invasão persa como um todo⁴⁸⁷, os anciãos concentram a sua atenção especificamente no seu senhor, Xerxes. A imagem que invocam do último é a de um líder impetuoso (θούριος ἄρχων⁴⁸⁸) a conduzir o seu carro sírio, animado pela confiança excessiva que deposita no seu exército praticamente invencível⁴⁸⁹. De acordo com Stefano Jedrkiewicz, é, assim, logo enunciado o traço dominante da personagem: a impulsividade⁴⁹⁰. No entender deste autor, Xerxes não só revela ser impulsivo enquanto chefe militar, como a sua tomada de decisões parece também ser, geralmente, guiada por esse seu atributo⁴⁹¹. Por várias vezes, as suas escolhas afiguram-se como precipitadas e irrefletidas. Refira-se ainda que, neste quadro imaginado e transmitido pelo Coro à audiência, o olhar do rei é sombrio como “o de um dragão ou de uma cobra”⁴⁹², o que contribui, sobretudo, para a visão de um Xerxes aterrorizador⁴⁹³. A descrição de Xerxes como uma cobra pode também remeter para imagem de um indivíduo sagaz, traiçoeiro e cauteloso (características que normalmente se encontram associadas à ideia da serpente)⁴⁹⁴.

⁴⁸⁶ Cf. idem, *ibidem*, p. 15. Como veremos, Heródoto também retrata um episódio em que Xerxes manda aplicar 300 chicotadas ao Helesponto, além de ordenar que sejam lançadas umas algemas para o seu fundo. Cf. Hdt. 7.35.

⁴⁸⁷ BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 16 e SILVA, Maria de Fátima (2005), *op. cit.*, p. 89.

⁴⁸⁸ Aesch., *Pers.*, v. 74.

⁴⁸⁹ Aesch., *Pers.*, vv. 81-86.

⁴⁹⁰ Vide JEDRKIEWICZ, Stefano (2019), *op. cit.*, p. 4.

⁴⁹¹ Cf. idem, *ibidem*, p. 4.

⁴⁹² Pulquério traduz por “dragão sangrento” e Hall traduz por “lethal snake”. Veja-se, respetivamente, a tradução do verso 82 em PULQUÉRIO, Manuel de Oliveira (1998), *op. cit.*, p. 22 e em HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p. 43.

⁴⁹³ Para esta descrição de Xerxes imaginada pelo Coro, vide Aesch., *Pers.*, vv. 81-86.

⁴⁹⁴ Esta representação inicial de Xerxes é, portanto, passível de ser interpretada de várias formas. Se admitirmos todos os aspetos associados à imagem de Xerxes que enunciámos, concluiremos que, no geral, o retrato do monarca imaginado pelo Coro no párodo não corresponderá à realidade que irá ser revelada sobre o carácter de Xerxes no decorrer de *Persas*. Pois, como veremos, o retrato inicial do rei concebido pelo Coro irá desmornar-se, gradualmente, ao longo da peça: o jovem soberano revelar-se-á, em última análise, um covarde, ao invés de aterrorizador; precipitado, impulsivo e imprudente, ao invés de cauteloso; fácil de ludibriar (deixar-se-á facilmente enganar pelo inimigo, caindo diretamente na armadilha engendrada pelo adversário, como veremos), ao invés de sagaz. A única característica das que enunciámos possivelmente subjacentes à descrição inicial de Xerxes que poderá revelar indícios do seu verdadeiro carácter é a ideia de ele ser traiçoeiro, como uma serpente. Com efeito, Xerxes acabará por mostrar, de certo modo, ser traiçoeiro na hora da verdade, ao lançar-se covardemente em fuga após o desastre de Salamina, deixando os seus homens para trás e preocupando-se apenas em salvar a sua própria vida (isto é, duma perspetiva helénica, claro). Para um Grego, não haveria honra nem lealdade nessa conduta.

O governante em apreço é ainda denominado de ἰσόθεος φῶς, o que literalmente significa “luz igual aos deuses”. Segundo a tradução de Manuel de Oliveira Pulquério, ἰσόθεος φῶς pode ser interpretado como “um homem igual aos deuses”⁴⁹⁵. Emma Bridges refere que esta expressão realça a condição mortal de Xerxes e, simultaneamente, suscita uma comparação das suas atitudes e posições com as de um deus⁴⁹⁶. Contudo, como a autora verifica, o estatuto do monarca não se encontra totalmente claro neste momento inicial da peça, sendo a sua mortalidade só mais tarde referida de forma explícita no discurso de Dario⁴⁹⁷. Hall considera também que o jovem soberano é mortal e concorda com Gow, ao considerar a potencialidade que Xerxes tem para se tornar num deus, desde que tenha êxito enquanto governante do império persa e como herdeiro dos seus antecessores⁴⁹⁸. Garvie observa ainda que, embora ele seja descrito como ἰσόθεος no párodo, ao contrário de seu pai (que continua a deter esse estatuto durante o resto da ação dramática), Xerxes não o conserva, devido ao seu insucesso⁴⁹⁹.

O conjunto de todo este cenário criado por Ésquilo serviria, segundo Bridges, dois propósitos dramáticos⁵⁰⁰. O primeiro objetivo passaria por provocar nos espectadores a sensação de terror que teriam sentido aquando da invasão persa⁵⁰¹. Esta tentativa ganha ainda mais relevância se recordarmos que muitos deles estiveram presentes ou participaram na batalha, assistiram ao combate ou, pelo menos, tiveram conhecimento da ofensiva persa. Ao supradito temor soma-se a tentativa de suscitar na audiência, em certa medida, algum fascínio que, na altura, a vinda de um invasor tão poderoso poderia ter causado. Compreenda-se que, à época, o Império Persa configurava o maior domínio “imperial” existente no âmbito euro-mediterrâneo, sendo possuidor de recursos humanos, militares e financeiros praticamente inesgotáveis. Xerxes e o exército que chefiava constituíam, por conseguinte, um adversário imponente e temível.

O segundo propósito dramático prender-se-ia com o facto de Ésquilo construir este retrato inicial de um monarca no auge do seu poder para depois poder desmoroná-lo no

⁴⁹⁵ Aesch., *Pers.*, v. 80.

⁴⁹⁶ BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 16.

⁴⁹⁷ Aesch., *Pers.*, v. 749. Cf. GOW, A. S. F. (1928), *op. cit.*, p. 136.

⁴⁹⁸ Vide GOW, A. S. F. (1928), *op. cit.*, p. 136 e HALL, Edith (1989), *op. cit.*, p. 92.

⁴⁹⁹ Veja-se o comentário aos versos 73-80 em GARVIE, A.F. (2009), *op. cit.*, p. 76. Gow também nota que Xerxes não volta a ser chamado de “ἰσόθεος” até a peça terminar. GOW, A. S. F. (1928), *op. cit.*, p. 136.

⁵⁰⁰ Vide BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 17.

⁵⁰¹ Ou seja, deste modo, suscitava-se o *pathos* para que dele sobreviesse a *katharsis*.

desenrolar trágico da peça. Saliente-se que, a partir deste instante e até ao final do drama, observaremos um processo de evolução gradual da personagem, que transformará por completo este Xerxes altivo, confiante e temível, num Xerxes humilhado, caído em desgraça e despido da solidez da sua autoridade inicial⁵⁰².

Entretanto, a Rainha entra angustiada em palco, sendo saudada pelo Coro, com quem partilha a sua inquietação relativamente à ausência do senhor da casa régia⁵⁰³. Ela relata então o sonho que tivera na noite anterior, na esperança de obter algum parecer dos velhos conselheiros⁵⁰⁴. Atossa conta que viu duas mulheres, irmãs, uma vestida à “moda persa” e a outra à “moda dórica” – e que representam personificações da Pérsia e da Grécia, respetivamente⁵⁰⁵ –, a discutir e Xerxes procurava refreá-las e serená-las e, simultaneamente, “jungia[-as] ao seu carro e punha[-lhes] os arreios no pescoço”⁵⁰⁶. Porém, enquanto a primeira se deixa facilmente dominar, a segunda oferece uma resistência feroz, acabando por conseguir libertar-se, arrasta o carro e quebra o jugo que a unia à irmã.⁵⁰⁷ Nesse momento, o monarca cai e junto dele aparece o pai, lamentando-o. Xerxes, então, desesperado e arruinado, rasga as suas vestes⁵⁰⁸. Como se não bastasse, o sonho é seguido de outro presságio, que parece confirmar a mensagem de que a tentativa do jovem soberano de subjugar e unir os dois continentes conduzirá à desgraça⁵⁰⁹.

A importância do sonho suprarreferido da rainha para a nossa análise da figura do rei prende-se especialmente com o facto de constituir um prenúncio, não só dos eventos que terão lugar, mas sobretudo das atitudes que, em certa medida, os dois reis acabarão por exibir:

⁵⁰² Cf. BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, pp. 11 e 17.

⁵⁰³ Aesch., *Pers.*, vv. 165-169.

⁵⁰⁴ Aesch., *Pers.*, vv. 170-173. A descrição da visão profética que Atossa tem em sonhos é feita em: Aesch., *Pers.*, vv. 176-199.

⁵⁰⁵ Aesch., *Pers.*, vv. 181-187. Veja-se BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 19.

⁵⁰⁶ Aesch., *Pers.*, vv. 188-192. Note-se o emprego de novo do termo ζυγόν (jugo) no verso 196, que, como referimos, implica uma tentativa de submeter outrem. Cf. Aesch., *Pers.*, v. 196. O carro, presente no sonho, por sua vez, pode ser associado à realeza aqueménida (*vide* MICHELINI, Ann. N. (1982), *op. cit.*, pp. 80 e 82). O ato realizado por Xerxes de tentar unir ambas as irmãs ao carro remete, simbolicamente, para a tentativa do monarca de expandir e ligar o seu domínio imperial na Ásia aos territórios do Egeu (o que implica atrever-se a tentar unir duas regiões que se encontram separadas por uma fronteira natural, designadas pelo divino). Consulte-se PEREIRA, Susana Marques, *Sonhos e visões na tragédia grega*, Tese de Doutoramento na área de Estudos Clássicos, especialidade de Literatura Grega, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2006, pp. 111-112. Para uma análise mais aprofundada deste tema, sugere-se o capítulo dedicado a este assunto na Tese de Doutoramento acabada de enunciar: PEREIRA, Susana Marques (2006), *op. cit.*, pp. 108-117.

⁵⁰⁷ Aesch., *Pers.*, vv. 192-196.

⁵⁰⁸ Aesch., *Pers.*, vv. 197-199.

⁵⁰⁹ Aesch., *Pers.*, vv. 200-210. *Vide* BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 20.

Dario lamentará (e julgará) as decisões do filho, como já se referiu⁵¹⁰, e Xerxes chegará ao ponto de esfarrapar a sua veste como resposta ao infortúnio sofrido pelos Persas⁵¹¹.

Apesar de todos os avisos divinos recebidos, Atossa declara que, caso fosse bem-sucedido, o filho tornar-se-ia num homem (ἄνθρωπος) admirado pelo povo à semelhança do seu pai, mas se o contrário ocorresse, manteria a sua posição de legítimo governante, independentemente do falhanço na obtenção da aprovação e estima dos seus súbditos⁵¹². Jedrkiewicz vê em Xerxes um aspirante a ἄνθρωπος, ou seja, alguém que ambiciona tornar-se num adulto e herói guerreiro e que espera atingir esse estatuto de virilidade e maturidade com a conquista militar da Grécia⁵¹³. Todavia, Xerxes não logrará alcançá-lo, pois a expedição resultará num fiasco total.

O Mensageiro chega à corte persa anunciando dramaticamente que a dizimação do exército régio foi total⁵¹⁴. Ao dar a conhecer as más novas, o seu discurso foca-se principalmente nas baixas que ocorreram no seio das tropas persas durante a batalha de Salamina⁵¹⁵. Ao ouvir isto, o Coro comenta as tantas vidas que foram perdidas em vão⁵¹⁶. Apenas quando a Rainha intervém – até ao momento ela permanece silenciosa, assimilando as notícias desastrosas –, somos esclarecidos do que aconteceu a Xerxes, uma vez que ela questiona o Mensageiro, pedindo-lhe concretamente para informar os presentes de quais os chefes sobreviventes e quais os falecidos⁵¹⁷. Em resposta, o Mensageiro, antes de proceder ao inventário dos líderes mortos em combate⁵¹⁸, desvenda de imediato que o rei sobreviveu para

⁵¹⁰ *Vide supra*, pp. 67-68.

⁵¹¹ Veja-se BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 20.

⁵¹² Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 211-214. *Vide* BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 20. Note-se que o significado literal de ἄνθρωπος é “homem”. Com efeito, Hall apresenta essa mesma tradução: “For you are well aware that if my son were to succeed he would be a man to excite great admiration [...]” (cf. HALL, Edith (1997), *op. cit.*, pp. 49-51). No caso da tradução portuguesa de *Persas*, este termo é interpretado como “herói” por Manuel de Oliveira Pulquério: “É que, como sabeis, se o meu filho vencer, será glorificado como um herói [...]” (*vide* PULQUÉRIO, Manuel de Oliveira (1998), *op. cit.*, p. 27).

⁵¹³ Veja-se JEDRKIEWICZ, Stefano (2019), *op. cit.*, p. 4.

⁵¹⁴ Aesch., *Pers.*, vv. 254-255.

⁵¹⁵ Veja-se BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 21.

⁵¹⁶ Aesch., *Pers.*, vv. 268-271.

⁵¹⁷ Aesch., *Pers.*, vv. 296-298.

⁵¹⁸ O mensageiro remata depois esta catalogação, clarificando que apenas se recorda de uma ínfima porção dos chefes que pereceram, ampliando assim ainda mais a desgraça em que a Pérsia incorreu. Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 329-330.

ver a luz do dia⁵¹⁹, pois sabia ser isto verdadeiramente o que Atossa pretendia saber⁵²⁰. A rainha-mãe demonstra alívio por saber que o filho está salvo⁵²¹.

É também Atossa que procura saber quem precipitou o combate naval, indagando se foram os Helenos ou o filho, empolgado pelo orgulho desmesurado que depositava no elevado número de naus que detinha⁵²². O Mensageiro fala-lhe da possibilidade de um “gênio vingador” ou “deus mau” ter causado a catástrofe do país, relatando a armadilha em que Xerxes caiu ao confiar nas falsas informações que um alegado desertor grego lhe providenciara⁵²³. Imediatamente, após ouvi-lo dizer que o exército inimigo ia tentar uma fuga pela calada da noite, e sem suspeitar do ardil, Xerxes ordenara aos seus homens que se dispusessem de modo a impedir a concretização desse plano, sob pena de lhes ser cortada a cabeça, caso o inimigo conseguisse escapar⁵²⁴. Este passo revela vários aspetos da caracterização do soberano, que passaremos a destacar e a analisar.

Antes de mais, Xerxes revela uma atitude precipitada e irrefletida, enquanto líder militar, não equacionando sequer a possibilidade de estar a ser ludibriado. Excessivamente confiante na superioridade numérica do seu exército, o rei persa acredita que a vitória está já garantida, acabando por demonstrar falta de visão estratégica e incapacidade tática⁵²⁵. Na ameaça final de decapitação que faz às tropas, caso os Gregos sejam bem-sucedidos na sua fuga, contemplamos o medo de que Xerxes é capaz de inspirar, se assim o desejar, nos seus súbditos⁵²⁶.

⁵¹⁹ Cf. Aesch., *Pers.*, v. 299.

⁵²⁰ Vide BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 21.

⁵²¹ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 301-302. Recorde-se que o estatuto de rainha-mãe reveste-se de especial importância em contexto próximo-oriental. Atossa detém, portanto, uma posição importante no seio da corte persa. Vide *supra*, p. 37.

⁵²² Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 350-352.

⁵²³ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 353-354. Embora Ésquilo não o mencione, a acreditar em Heródoto, Temístocles terá sido o responsável por este plano de ludibriar os Persas, enviando um homem ao seu serviço com a missão de confidenciar ao rei persa informações falsas sobre a estratégia helénica. Cf. Hdt. 8.75. Saliente-se, no entanto, que a insinuação de Ésquilo confirma a referência feita por Heródoto, sugerindo até alguma intertextualidade. Com efeito, como veremos, os escritos de Heródoto foram especialmente influenciados pela tragédia, inclusive e nomeadamente pelos *Persas* de Ésquilo.

⁵²⁴ Aesch., *Pers.*, vv. 355-373.

⁵²⁵ Cf. BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, pp. 22-23. Jedrkiewicz expõe em maior pormenor os erros cometidos por Xerxes, enquanto líder militar, reveladores da sua inaptidão nesta área. Veja-se JEDRKIEWICZ, Stefano (2019), *op. cit.*, pp. 7-10.

⁵²⁶ A mutilação infligida ao outro tornar-se-ia uma prática associada à visão da tirania bárbara no pensamento grego do séc. V. Este tipo de punição, segundo Hall, seria extremamente perturbador para os Gregos, pois eles consideravam que a mutilação apenas podia ser aplicada aos escravos, não aos cidadãos. (cf. HALL, Edith (1989) *op. cit.*, pp. 158-159). A peça presentemente em análise contém o mais antigo indício da ligação deste procedimento a Xerxes. Vide BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 23.

As ordens imponderadas do rei acabam por ter como consequência o aniquilamento da sua armada. Contudo, a exposição da desgraça que atinge os Persas não termina aqui: o Mensageiro prossegue, narrando o massacre de Psitália⁵²⁷. Xerxes tinha enviado a elite nobre persa⁵²⁸ para esta ilha, a partir da qual poderia chacinar os náufragos inimigos, por um lado, e, por outro, prestar auxílio aos soldados da armada persa salvos das correntes marítimas⁵²⁹. Porém, Xerxes não previra a hipótese de a armada grega sair vitoriosa contra a sua, o que a deixava livre para poder cercar essa ilha e massacrar os homens que aí estavam, resultando num banho de sangue para os Persas⁵³⁰.

Ao testemunhar este espetáculo hediondo do alto de uma colina (onde estava fora de perigo e de onde podia avistar todas as suas forças militares à distância, sem ter de se envolver diretamente na batalha), Xerxes solta gemidos e lamentos agudos e, num gesto claramente dramático que enuncia grande desespero, rasga as suas vestes⁵³¹. Dominado pela emoção e receoso pela própria vida, o jovem rei envia subitamente ordens ao exército em terra e lança-se numa fuga atabalhoada⁵³². Preocupando-se somente em salvar a sua própria pele, Xerxes abandona os soldados da armada à sua sorte⁵³³.

A reação do rei perante o massacre dos seus melhores companheiros e a subsequente fuga em que se precipita manifestam claramente a sua deficiência de ἀνδρεία (coragem) em termos de carácter⁵³⁴. Deste modo, parece-nos, pode ser observada a conversão de um rei inicialmente aterrorizador, capaz de induzir medo nos seus inimigos e nos seus próprios súbditos, num cobarde, que se revela incapaz de dominar o próprio pavor.

⁵²⁷ Tratava-se de uma pequena ilha localizada em frente de Salamina. Para o relato deste massacre em *Persas*, veja-se Aesch., *Pers.*, vv. 447-464.

⁵²⁸ Ésquilo enfatiza que os Persas enviados para a ilha de Psitália, tidos como os mais bravos e mais leais ao rei, pereceram às mãos dos Gregos, de um modo vergonhoso. A “morte inteiramente ignominiosa” da elite persa acresce assim também ao grande infortúnio sofrido, aumentando a tragédia persa. Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 441-444.

⁵²⁹ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 450-454.

⁵³⁰ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 454-464.

⁵³¹ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 465-468. Esta descrição de Xerxes, posicionado de forma a supervisionar os seus soldados em batalha, tornar-se-ia uma imagem recorrente nas narrativas literárias da invasão persa, inclusive na obra de Heródoto, como teremos oportunidade de ver. *Vide* BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 24.

⁵³² Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 469-471. Para uma perspetiva histórica crítica da opção (e não da fuga precipitada e cobarde descrita por Ésquilo) de Xerxes de, após a derrota sofrida em Salamina, regressar a Sárdis, incumbindo um dos seus generais, Mardónio, de continuar a guerra na Grécia, veja-se BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, p. 531.

⁵³³ Cf. JEDRKEWICZ, Stefano (2019), *op. cit.*, p. 9.

⁵³⁴ *Vide* o comentário ao verso 755 em HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p. 161.

Terminada a narração do Mensageiro relativa ao massacre de Psitália, Atossa começa por declarar que o sucedido resultou da obra de um δαίμων⁵³⁵. Porém, a rainha verifica igualmente que foi a sede de vingança do filho que conduziu à campanha contra a Grécia, que teve consequências nefastas para os Persas⁵³⁶. Por sua vez, o Coro, após o Mensageiro e a Rainha terem saído de cena, admitirá a responsabilidade que, em determinada medida, o monarca detém⁵³⁷.

Vendo-se sozinho em palco, o Coro, de luto pelos que pereceram, proclama abertamente que foi Xerxes quem “levou e destruiu”⁵³⁸ os Persas e questiona a razão de ele ser tão diferente de seu pai, que nunca causou nenhum mal aos seus súbditos⁵³⁹. Neste passo localiza-se, pela primeira vez, uma comparação clara entre Xerxes e o seu antecessor. Os anciãos declaram ainda, perentoriamente, que a autoridade do rei chegou ao fim: o povo não se submeterá mais ao seu poder, não se prostrará perante o rei e poderá falar livremente, pois a sua língua já “não estará mais dominada pelo freio”⁵⁴⁰. Além do poderio militar do monarca se encontrar seriamente debilitado, a sua autoridade política também está fragilizada.

A comparação entre pai e filho, que já começara a insinuar-se, torna-se ainda mais nítida nos hinos entoados pelo Coro com o intuito de invocar o espectro de Dario, que deixam transparecer a estima e admiração que lhe tinham, como já tivemos oportunidade de reparar no subcapítulo anterior⁵⁴¹. Durante o ritual, realça-se a já mencionada capacidade de liderança militar do antigo monarca, a qual contrasta notoriamente com a inaptidão de Xerxes neste campo.

O contraponto entre estes dois reis na peça é notório e, Bridges sublinha, essencial para a delineação do carácter de Xerxes que o dramaturgo quer apresentar⁵⁴². É particularmente com base nos padrões definidos pelo seu antecessor direto (e, a dada altura,

⁵³⁵ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 472-473.

⁵³⁶ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 474-477.

⁵³⁷ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 550-557.

⁵³⁸ O Coro proclama: “Xerxes levou-os, ai de nós, Xerxes destruiu-os, ai de nós, Xerxes fez tudo loucamente, ele e as suas barcas marinhas!”. Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 550-553.

⁵³⁹ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 554-557.

⁵⁴⁰ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 584-597. Kennedy verifica o uso de uma terminologia diferente para designar os súbditos da Pérsia consoante a sua relação seja com Dario ou com Xerxes: no caso da relação de Dario com os povos do império persa, os últimos são tidos como “aliados”; no caso da relação com Xerxes, eles são referidos como “súbditos” e “escravos”. *Vide* KENNEDY, Rebecca Futo (2013), *op. cit.*, pp. 79-80.

⁵⁴¹ *Vide supra*, p. 63, por exemplo.

⁵⁴² Cf. BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 26. Alexanderson afirma que “Darius serves as a foil to Xerxes”. Cf. ALEXANDERSON, B. (1967), *op. cit.*, p. 2.

como veremos, também pelos dos seus predecessores), que ele será apreciado⁵⁴³. Acrescenta-se que, durante a cena de aparição fantasmagórica, a própria personagem de Dario emite um juízo sobre as ações do filho e estabelece a comparação entre Xerxes e os antigos governantes da dinastia persa.

É, portanto, o “pai sem mácula”⁵⁴⁴, conhecedor das leis divinas que governam o cosmos, detentor das prerrogativas necessárias para avaliar as circunstâncias, que analisará os eventos recentes, especialmente, as atitudes e atos do seu filho. Encontramos aqui uma manipulação subtil de alguns factos históricos, a qual é requerida para servir os fins do poeta. O objetivo final dessa manipulação de informação prende-se com a criação de uma distinção entre pai e filho e com a credibilização e atribuição de autoridade a Dario para julgar o seu sucessor. Verifica-se a omissão da possibilidade de descobrirmos os precedentes da política adotada por Xerxes na de seu pai⁵⁴⁵.

Dario inicialmente concorda com Atossa de que um δαίμων estará por detrás das ações do filho⁵⁴⁶. No entanto, a sua análise da situação leva-o a concluir que a ruína que se abateu sobre os Persas já havia sido vaticinada pelos oráculos, não podendo esse destino pré-definido pelos deuses ser alterado. Porém, Dario explicita que Xerxes terá precipitado a materialização das profecias através das suas ações exacerbadas e insolentes⁵⁴⁷.

O pai descreve a insensatez do filho, que se atrevera a tentar subjugar e a domar “a corrente dum deus”, ao mandar construir uma ponte sobre o Helesponto⁵⁴⁸. Ao ignorar as leis divinas que regem o universo e as consequências que podem advir das suas ações – note-se que, ao contrário de Dario, Xerxes demonstra uma falta de entendimento desses princípios⁵⁴⁹ –, ele acaba por desafiar os próprios deuses, nomeadamente Posídon. Xerxes tenta impor-lhes a sua vontade ao construir uma ponte com o intuito de estabelecer uma ligação entre os

⁵⁴³ Idem, *ibidem*, p. 26.

⁵⁴⁴ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 663 e 671.

⁵⁴⁵ Recorde-se que temos conhecimento de que, na realidade, a ofensiva contra a Grécia já começara com Dario, destaque-se especialmente a batalha de Maratona (aludida nos *Persas*, mas sem implicar o envolvimento de Dario), que teve lugar no seu reinado e que opôs Gregos e Persas. Com efeito, Heródoto sugere que a expedição contra os Helenos já constava dos planos deste rei (cf. Hdt. 3.133-134) e faz menção a uma ponte mandada construir por Dario (à semelhança de Xerxes), no contexto da sua campanha contra os Cítas, com a finalidade de permitir a passagem das suas tropas para a Europa. Cf. Hdt. 4.87-88.

⁵⁴⁶ Cf. Aesch., *Pers.*, v. 725.

⁵⁴⁷ Dario declara que “quando um mortal se apressa para a ruína, os deuses ajudam”. Cf. Aesch., *Pers.*, v. 742.

⁵⁴⁸ Cf. Aesch., *Pers.*, v. 745-751.

⁵⁴⁹ Veja-se o comentário ao verso 744 em: HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p. 160.

dois continentes⁵⁵⁰. De facto, Bridges nota que não é a expedição contra os Gregos, mas especificamente a transposição desta fronteira natural (designada pelos deuses) que leva Dario a questionar se Xerxes não terá sido possuído pela loucura (νόσος φρενών, cujo significado literal é “doente do espírito”)⁵⁵¹.

Dario refere ainda que o filho se esquecerá dos conselhos que ele lhe havia dado em vida e aponta como explicação para essa negligência a juventude de Xerxes, o que implica uma arrogância (por parte do jovem rei) consonante com a ideia de ὕβρις⁵⁵². Assim, o atributo da juventude, que é delineado logo no início da peça, adquire aqui um significado mais profundo: a tenra idade de Xerxes aparece associada à sua falta de compreensão dos princípios divinos que governam a existência humana⁵⁵³. Como jovem (νέος) que é, o atual soberano comporta-se como tal: é inexperiente e movido pelo ímpeto característico de uma ousadia e de uma arrogância juvenis (intimamente ligadas ao conceito de ὕβρις), que o levam à imprudência (traços que acabarão por conduzir, pelo menos em parte, à sua ruína)⁵⁵⁴.

A Rainha insinua que a decisão do filho de projetar a invasão da Grécia resultou, em parte, da influência de indivíduos de má índole que constantemente lhe lembravam as grandes conquistas de seu pai, acusando-o de cobardia e de falta de virilidade (ἀνανδρία⁵⁵⁵), por optar por apenas “guerrear em casa”, não procurando aumentar o legado que recebera⁵⁵⁶.

⁵⁵⁰ Embora Dario não empregue especificamente o termo ὕβρις para descrever o comportamento de Xerxes, como Loukas Papadimitropoulos refere, ele explicita a ὕβρις do filho ao declarar que este ofendeu os deuses com a sua insolência. Porém, Dario não esclarece exatamente qual foi a ὕβρις de Xerxes. Para uma discussão da natureza da ὕβρις de Xerxes, veja-se PAPADIMITROPOULOS, Loukas, “Xerxes’ *hubris* and Darius in Aeschylus’ *Persae*”, *Mnemosyne*, vol 61, 2008, pp. 451-458.

⁵⁵¹ Veja-se BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 27. Segundo Padel, νόσος φρενών, literalmente, pode assumir o significado de “doença da mente”. De acordo com este autor, a definição de “loucura” no contexto de uma tragédia grega corresponde a um episódio temporário de comportamento perigoso e autodestrutivo. *Vide* PADEL, Ruth, *In and out of the mind: Greek images of the tragic self*, Princeton, Princeton University Press, 1992, p. 23, nota 44.

⁵⁵² Cf. Aesch., *Pers.*, 782-783. Note-se ainda o contraste entre o “jovem” rei, Xerxes, e o “velho” monarca, Dario. Cf. BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 28.

⁵⁵³ Veja-se o comentário ao verso 744 em HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p. 160.

⁵⁵⁴ *Vide* JEDRKIEWICZ, Stefano (2019), *op. cit.*, p. 4. Veja-se também o comentário aos vv. 13 em: HALL, Edith (1997), *op. cit.*, pp. 107-108.

⁵⁵⁵ Este termo pode ser simplesmente traduzido por “cobardia” ou, mais precisamente como propõe Pulquério, por “cobardemente” (cf. a tradução do verso 755 em PULQUÉRIO, Manuel de Oliveira (1998), *op. cit.*, p. 51). Todavia, convém salientar que o seu significado vai além da ausência de coragem face ao perigo: Hall traduz este termo por “lack of manly courage” e indica que a palavra ἀνανδρία pode ser interpretada como “falta de bravura” ou de “coragem”, sendo o seu significado literal, no entanto, “falta de virilidade”. Hall considera que o carácter da personagem de Xerxes carece de ἀνδρεία em ambos os sentidos, o que pode ser observado sobretudo na reação do jovem rei ao ver o massacre de Psitália e a fuga precipitada em que se lança de seguida. *Vide* o comentário ao verso 755 em HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p. 161.

⁵⁵⁶ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 753-758.

Jedrkiewicz sugere que a apresentação de Xerxes como uma personagem vulnerável a maus conselhos encontra-se intimamente ligada ao seu carácter impetuoso⁵⁵⁷. Este autor vai ainda mais longe e sugere que a resolução de Xerxes de empreender uma campanha contra a Grécia ter-se-á baseado numa atitude impulsiva, orientada pelo desejo de igualar e até mesmo de superar o seu pai⁵⁵⁸.

Poder-se-á ainda, possivelmente, observar no discurso de Dario a questão das pressões a que os sucessores da casa dinástica persa poderiam estar sujeitos (nomeadamente no que toca à expansão da herança territorial), visível de forma mais elaborada na obra de Heródoto⁵⁵⁹. Com efeito, a comparação que Dario tece logo de seguida entre Xerxes e os seus antecessores aparenta frisar esta ideia: é enfatizado o facto de o filho ser o primeiro, em toda a linha dinástica, responsável por uma calamidade tão grande ter desabado sobre o país⁵⁶⁰. Dario declara que desde que a monarquia foi instituída na Ásia, por ordem divina, não ocorreu semelhante desgraça, ou seja, em nenhum dos reinados anteriores ao de Xerxes, se verificou tamanho infortúnio⁵⁶¹. Dario assevera inclusive que ele próprio realizara muitas campanhas, mas nunca terá causado um mal desta proporção à sua nação⁵⁶².

Segundo Jedrkiewicz, Xerxes não cumpriu com êxito o seu dever enquanto soberano, o de exercer o seu poder dentro dos limites divinos estabelecidos⁵⁶³. De acordo com este autor, essa responsabilidade terá sido atribuída por Zeus à dinastia aqueménida, quando concedeu ao primeiro predecessor de Xerxes autoridade sobre toda a Ásia⁵⁶⁴. Jedrkiewicz considera ainda que, seguindo o exemplo de Ciro, Dario teria governado de acordo com estes preceitos e terá recomendado ao filho que se guiasse por eles; porém, como já se referiu,

⁵⁵⁷ JEDRKIEWICZ, Stefano (2019), *op. cit.*, p. 4.

⁵⁵⁸ Cf. *idem*, *ibidem*, p. 4. Outro estudioso que também considera a tentativa de Xerxes de superar Dario, é Loukas Papadimitropoulos. Este autor vai mesmo um pouco mais longe, ao sugerir que o jovem rei ambiciona ser o mais glorioso de todos os reis persas. Neste contexto, consulte-se PAPANIMITROPOULOS, Loukas (2008), *op. cit.*, pp. 456-457.

⁵⁵⁹ BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 28. Cf. Hdt. 7.6.

⁵⁶⁰ *Idem*, *ibidem*, p. 28.

⁵⁶¹ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 759-786. Nem mesmo o governo de Mardis (um usurpador que acabou por ser derrubado), o único que é retratado de forma negativa por Dario, causou tantos males quanto o de Xerxes. Note-se ainda que o Dario de Ésquilo autoexclui-se (ou melhor, é excluído pelo dramaturgo) do golpe de estado que derrubou Mardis (algo que, como veremos, não se verifica em Heródoto, com Dario a tentar assumir, desde o primeiro momento, a liderança do grupo dos conjurados). A sua personagem conta que foi Artáfrenes, auxiliado por amigos, quem matou Mardis. Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 775-780.

⁵⁶² Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 779-781.

⁵⁶³ JEDRKIEWICZ, Stefano (2019), *op. cit.*, p. 13.

⁵⁶⁴ *Vide* JEDRKIEWICZ, Stefano (2019), *op. cit.*, p. 13. Veja-se Aesch., *Pers.*, vv. 760-764.

Xerxes esqueceu os conselhos do pai e, por isso, revelou-se incapaz de administrar o seu reino como deveria⁵⁶⁵.

A calamidade sofrida pelos Persas assume uma nova (e ainda maior) dimensão com a revelação do resto das previsões dos oráculos, transmitida pelo espectro do velho governante aos anciãos: o desenrolar dos acontecimentos culminará com o derramamento de sangue dos soldados persas na batalha de Plateias⁵⁶⁶. Assim sendo, Xerxes designa em vão um certo número de contingentes com a missão de permanecerem na Grécia e continuarem a luta contra os Helenos⁵⁶⁷. Este facto, apresentado por Dario, demonstra mais uma vez, conforme advoga Bridges, a ausência de visão estratégica do jovem rei⁵⁶⁸.

Antes de retornar ao submundo, o antigo monarca instrui o Coro para que incuta “algum juízo” no seu filho para que ele não torne a ofender os deuses com a sua insolência e insensatez. Dirigindo-se à esposa, Dario sugere-lhe que vá buscar umas vestes para substituir as roupas esfarrapadas de Xerxes e aconselha-a a consolar o filho de ambos, pois considera que ela é a única que o poderá acalmar e confortar⁵⁶⁹. Mal o espectro do seu marido parte, Atossa declara que aquilo que mais a apoquentava de tudo o que acabou de ouvir é o estado das vestes do filho, pelo que abandona o cenário, dirigindo-se ao palácio com o intento de trazer roupas novas para cobrir o corpo de Xerxes⁵⁷⁰. No entanto, ela não voltará a aparecer em cena até ao final da peça, não sendo, por isso, bem-sucedida na sua tentativa de ocultar a aparência exterior da humilhação sofrida pelo rei⁵⁷¹.

Com a partida do antigo monarca e da soberana, o Coro vê-se novamente sozinho e, nostalgicamente, recorda os “bons velhos tempos”, já retratados no subcapítulo anterior, de quando Dario era vivo e reinava⁵⁷². O poeta aproveita esta ocasião para salientar mais uma vez as qualidades e os feitos do antecessor antes mesmo de fazer entrar em cena Xerxes. Deste modo, o contraste entre o primeiro e o último reis, quando Xerxes aparecer, tornar-se-á ainda mais evidente.

⁵⁶⁵ Idem, *ibidem*, p. 13.

⁵⁶⁶ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 816-820. Vide BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 28.

⁵⁶⁷ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 803-804.

⁵⁶⁸ Veja-se BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 29.

⁵⁶⁹ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 829-838.

⁵⁷⁰ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 845-851.

⁵⁷¹ BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 30.

⁵⁷² Vide *supra*, p. 69.

Finalmente, vemos surgir o jovem soberano em palco, cujo regresso se aguardava desde a abertura da peça⁵⁷³. Ele vem sozinho, sem escolta⁵⁷⁴, traz consigo uma aljava vazia, e o estado lastimável das suas roupas já antecipado nas falas de outras personagens, torna-se agora visível⁵⁷⁵. A sua desgraça está, portanto, completamente exposta aos olhares do Coro e do público⁵⁷⁶. O contraste das suas vestes esfarrapadas com as roupas magníficas envergadas por Dario, patentes na imagem invocada pelos velhos conselheiros, é flagrante⁵⁷⁷. Alguns autores propõem que ele surge a pé, outros que ele chega numa espécie de veículo com cortinas ou numa tenda montada no carro, mencionada a dada altura pelos anciãos⁵⁷⁸. Qualquer destas hipóteses tem em consideração que a sua entrada é muito diferente daquela que seria esperada de alguém da realeza. Revela-se, enfatize-se de igual forma, completamente distinta da visão imaginada de Xerxes, guiando o seu carro sírio, com que somos brindados pelo Coro no párodo.

Segundo Thalmann, o estado das suas vestes reflete mais do que a sua vergonha pessoal, simbolizando a ruína total do império Persa, o fim da supremacia da autoridade desta potência⁵⁷⁹. Por este motivo, tanto Dario como Atossa deixaram transparecer a sua preocupação em garantir que o filho recebia um novo traje: mesmo no meio de um período de crise, a aparência de quem está no poder deve ser mantida de acordo com o seu estatuto⁵⁸⁰. Porém, a nova indumentária não chega a tempo e a desgraça fica assim completamente a descoberto. O facto de Xerxes apenas transportar consigo uma aljava vazia (a única coisa que

⁵⁷³ Apesar de ser alvo de muitos comentários por parte das outras personagens ao longo de toda a peça, Xerxes apenas põe o pé em palco na altura do êxodo dramático: a sua entrada ocorre no verso 908. Cf. Aesch., *Pers.*, v. 908.

⁵⁷⁴ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 1000-1001 e 1036.

⁵⁷⁵ Cf. Aesch., *Pers.*, v. 1030. Sabemos por antecipação o estado das vestes de Xerxes, patente desde logo no sonho de Atossa, no relato do Mensageiro e reforçado ainda nos conselhos finais de Dario à esposa, como foi sendo referido ao longo da nossa exposição. Cf. BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 31.

⁵⁷⁶ Os velhos conselheiros são os únicos que se encontram ainda em cena, além de Xerxes, uma vez que a rainha ainda não retornou e não o fará até ao final da peça.

⁵⁷⁷ De facto, a entrada de Xerxes nestes preparos contrasta vivamente com a imponência da chegada quer de Dario, quer da rainha ao palco, que têm direito a apresentações visualmente muito mais dignas do seu estatuto régio. Vide THALMANN, William G., “Xerxes’ rags: some problems in Aeschylus’ *Persians*”, *The American Journal of Philology*, vol. 101, 1980, pp. 268-269.

⁵⁷⁸ Para a menção feita a esta espécie de tenda com rodas no texto, vide Aesch., *Pers.*, vv. 1000-1001. Taplin defende que Xerxes vem a pé (veja-se TAPLIN, Oliver (1977), *op. cit.*, p. 121). Hall sugere que ele vem no referido veículo, que se mostraria algo desprestigiante em comparação com o seu carro de guerra sírio do párodo (vide a introdução aos versos 999-1001: em HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p. 173).

⁵⁷⁹ THALMANN, William G. (1980), *op. cit.*, p. 270. As roupas rasgadas do soberano constituem-se como símbolo da humilhação imposta pela nudez aos trajes opulentos dos persas.

⁵⁸⁰ THALMANN, William G. (1980), *op. cit.*, pp. 277-278. Veja-se também SILVA, Maria de Fátima (2005), *op. cit.*, pp. 94-95.

consequira salvar) é também relevante e complementa este quadro: não há sinal nem das flechas nem do arco, símbolo da força militar persa, o que representa a aniquilação do poderio militar do país⁵⁸¹. A prosperidade que o rei antecessor erguera com tanta diligência caiu por terra.

A figura exibida perante nós é a de um monarca derrotado e humilhado, totalmente despojado das insígnias régias e de qualquer vestígio do seu estatuto. Até mesmo a reação do Coro ao ver o seu senhor não exhibe a cortesia demonstrada para com os outros membros da família real (isto é, a rainha e Dario) quando estes surgiram em palco: o Coro não se prostra perante Xerxes, nem faz uso de qualquer espécie de saudação formal ou de títulos honoríficos quando lhe dirige a palavra⁵⁸². Além de não ser tratado com a mesma reverência pelo Coro, parece-nos simbólico o facto de não se vislumbrarem sequer sinais de um temor respeitoso semelhante àquele que os anciãos mencionam na cena da aparição fantasmagórica, quando tentam encarar Dario.

Refira-se desde já que, como referimos, a peça termina com um *kommos* entre Xerxes e o Coro, o que implica que o discurso do primeiro seria cantado e não falado⁵⁸³. Bridges nota que talvez se possa observar a feminização da personagem – característica atribuída geralmente à visão do Outro bárbaro na retórica grega e que mais tarde viria a ser associada também ao retrato do monarca persa na literatura grega – na imagem composta pela lamentação aguda e pelo rasgar de vestes do rei⁵⁸⁴.

⁵⁸¹ Tenha-se em conta que o apoio militar desempenhava um papel crucial na manutenção e defesa de um império tão vasto. Acerca da simbologia da aljava vazia, veja-se THALMANN, William G. (1980), *op. cit.*, p. 272 e BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 3.

⁵⁸² *Vide* a introdução aos versos 908-1078: em HALL, Edith (1997), *op. cit.*, pp. 168-169. Consulte-se também BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 31.

⁵⁸³ *Vide supra*, pp. 50-51. Segundo Hall, o ator que desempenhava esta personagem cantaria um treno. *Vide* a introdução que esta autora faz aos versos 908-1078 em: HALL, Edith (1997), *op. cit.*, pp. 168-169.

⁵⁸⁴ Veja-se BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 32. Hall chama a atenção para o facto da lamentação e do canto fúnebre serem entoados por Xerxes e pelo Coro, quando estes procedimentos eram normalmente realizados por mulheres e não por homens, quer na vida real quer na literatura grega (veja-se a introdução que esta autora faz aos versos 908-1078. em HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p. 169). Confronte-se com Garvie, que considera que este facto poderá constituir um sinal de humilhação destas duas personagens, mas não implica necessariamente a feminização das mesmas (*vide* GARVIE, A.F. (2009), *op. cit.*, p. 340). No entanto, outras fontes gregas poderão talvez revelar essa tendência para feminizar os Persas após estes terem sido derrotados pelos Helenos. Referiu-se já no capítulo 1 da presente Dissertação, a associação passível de ser feita entre Amazonas e Persas nalgumas representações iconográficas, a qual, segundo Abranches Portela, pode implicar a feminização dos Persas. *Vide supra*, pp. 26-27. A título de exemplo, pode-se ainda referir o vaso de Eurimedonte, que muitas vezes é considerado como uma fonte que atesta a dicotomia entre Gregos e Persas, retratando os últimos como cobardes efeminizados e fracos. Confronte-se com Gruen, que não concorda com esta visão e parece assinalar um certo grau de ambiguidade subjacente às representações neste vaso. Este autor chega mesmo a afirmar: “The notion that the images signal a triumphant proclamation of Hellenic superiority over the degenerate barbarian

Mal toma a palavra, Xerxes começa a lamuriar-se do seu infortúnio, afirmando ser vítima de um cruel destino absolutamente imprevisível, que os deuses haviam reservado para os Persas⁵⁸⁵. Embora o Coro comece por responder ao seu lamento, de seguida aponta diretamente a Xerxes a parte da responsabilidade que ele teve no desastre a que o país sucumbiu⁵⁸⁶. É apenas após o ouvir da boca do Coro que Xerxes aparenta talvez assumir a sua quota de culpa⁵⁸⁷. Em constante diálogo com os velhos conselheiros, o rei prossegue com a lamentação da sua sorte e dos companheiros que perdeu na guerra, sendo o seu discurso marcado pela autocomiseração.

A partir de determinado momento, verifica-se uma mudança na relação entre as duas personagens em cena⁵⁸⁸. O soberano parece assumir de novo a liderança e coordena o Coro, dando-lhe ordens sobre os gritos e gestos de lamentação que deve realizar, enquanto ambos se encaminham para o palácio, até a peça terminar. A cena assemelha-se em tudo a uma marcha fúnebre e, de facto, todos estão de luto pela desgraça que os atormenta. Embora Xerxes, ao comandar o Coro, aparente recuperar a autoridade régia (que, por momentos, quase parecia ter-se dissipado) que detém sobre os seus súbditos, o seu estatuto já não é aquele que estes lhe atribuem no párodo⁵⁸⁹. Assim, desde a abertura até ao fecho da peça, vemos um jovem rei glorioso e excessivamente confiante ser reduzido a um Xerxes humilhado e vencido, cujo poder, embora se conserve, sofreu um duro golpe graças ao trágico destino em que ele se precipitou⁵⁹⁰.

Tendo em conta que a peça parece focar-se primariamente na faceta pública de Xerxes (como monarca que trouxe o infortúnio para si próprio e para o seu povo), parece-nos que

reads far too much into the imagery, which possesses a decidedly comic flavor, lacking any heavy implications for a clash of Hellenism and barbarism.” Cf. GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, pp. 42-44.

⁵⁸⁵ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 909-917.

⁵⁸⁶ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 918-931.

⁵⁸⁷ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 932-934. Vide BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 33. Confronte-se com Jedrkiewicz que defende a recusa de Xerxes em assumir qualquer responsabilidade pela catástrofe que atingiu o país, bem como a sua não participação no luto do Coro na cena final da peça: veja-se JEDRKIEWICZ, Stefano (2019), *op. cit.*, pp. 17-23.

⁵⁸⁸ Cf. BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 34. Esta alteração na relação entre Xerxes e o Coro com o primeiro a comandar o segundo, pode ser observada especialmente a partir do verso 1038 do drama em análise.

⁵⁸⁹ BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 34.

⁵⁹⁰ As opiniões no meio académico dividem-se no que toca à questão de a personagem de Xerxes poder ou não suscitar alguma reação de comiseração e compaixão na audiência. Há autores, como Lockwood, por exemplo, que defendem a primeira hipótese. Outros consideram a segunda proposta, como é o caso de Jedrkiewicz. Veja-se, respetivamente, LOCKWOOD, Thornton (2017), *op. cit.*, pp. 396-397 e JEDRKIEWICZ, Stefano (2019), *op. cit.*, pp. 23-25.

questões de foro mais íntimo, passíveis de contribuir para a caracterização da faceta privada da personagem, não se manifestam de modo claro ou, pelo menos, não sobressaem⁵⁹¹. Por exemplo, talvez pudéssemos observar que com o seu comportamento condenável, Xerxes desilude o pai; porém, simultaneamente, pode-se levantar a pergunta: em que medida terá ele desapontado o pai enquanto filho ou enquanto seu herdeiro e sucessor. Se, de facto, ele decepcionou Dario como filho, pensamos que esse dado não se encontra exposto de forma totalmente explícita e inequívoca no texto. Assim sendo, com base na nossa análise da obra, julgamos poder afirmar que é difícil discernir ou mesmo vislumbrar este seu lado neste contexto teatral, até porque, como referimos, o drama parece incidir principalmente (duma perspectiva grega, naturalmente) sobre a figura pública do soberano e a sua humilhação enquanto tal perante os seus súbditos.

Como tivemos oportunidade de observar ao longo da análise que fizemos das duas principais figuras régias em *Persas*, o contraponto entre Dario e Xerxes é evidente. O primeiro fora um governante benigno, sábio e prudente, que assegurara riqueza, bem-estar e tempos prósperos ao seu povo, conquistando desta forma a estima e admiração dos seus súbditos. Podemos concluir que, pelo menos em certa medida, ele seguira as pisadas dos seus antecessores: demonstrou ser prudente como Ciro, procurou expandir o território que herdara e não foi responsável por um mal como aquele que teria lugar no reinado do seu filho. Favorecido pelos deuses, Dario teve uma vida feliz, digna de inveja, ao passo que o mesmo não se pode dizer de Xerxes.

O jovem sucessor de Dario revela-se impetuoso, imprudente e imoderado. A sua falta de entendimento dos princípios que regem a existência (ao contrário do seu pai, que conhece os limites do comportamento humano) e a sua conduta exacerbada conduzem-no à sua própria ruína e à do seu povo. Torna-se no primeiro em toda a linha dinástica persa a causar uma grande desgraça sem precedentes ao país. Pode considerar-se que Xerxes, vivendo “na sombra de seu pai”⁵⁹² – idealizado como um monarca ilustre em *Persas* –, procura ir mais longe do que os seus predecessores: foi longe demais. Xerxes ultrapassa as fronteiras naturais

⁵⁹¹ Por esta razão, não incluímos qualquer referência textual na entrada referente a Xerxes da tabela 1.8 do Apêndice 1. Veja-se Tabela 1.8, p. XVII.

⁵⁹² Esta expressão é empregada por Bridges no título de um dos seus subcapítulos dedicados à análise da figura de Xerxes em *Ésquilo*. Veja-se BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 26.

divinas, ofende os deuses com a sua insolência e atos ímpios e, por isso, é castigado pela divindade.

Garvie considera que a única diferença essencial entre Dario e Xerxes consiste em o pai ter sido bem-sucedido e o filho ter-se mostrado um falhado⁵⁹³. Kennedy e Lockwood chegam ao ponto de propor que ambos os reis forneciam à audiência dois modelos distintos em termos de concepção de poder e de liderança – Dario serve como paradigma positivo de chefia hegemónica, ao passo que Xerxes constitui um exemplo negativo do que a hegemonia de pró-“imperialista” poderia ser –, suscetíveis de serem lidos de diferentes formas por parte dos vários indivíduos (de posições sociais e experiências de vida variadas) que compunham o público⁵⁹⁴.

⁵⁹³ Cf. GARVIE, A.F. (2009), *op. cit.*, p. xxxi.

⁵⁹⁴ Veja-se KENNEDY, Rebecca Futo (2013), *op. cit.*, pp. 80-81 e LOCKWOOD, Thornton (2017), *op. cit.*, p. 394.

4. Representações do rei da Pérsia em Heródoto

4.1 Vida de Heródoto⁵⁹⁵

Segundo a tradição, aquele que posteriormente viria a ser intitulado por Cícero de “pai da história” (*pater historiae*, Cic. *De legibus* 1.1.5), nasceu em Halicarnasso, na costa sudoeste da Ásia Menor, por volta de 485 a. C. (cerca de cinco anos antes de a campanha de Xerxes contra a Grécia se iniciar)⁵⁹⁶. A sua família teria, provavelmente, origens cárias. Pelo menos, os nomes dos parentes de que temos notícia apontam para isso⁵⁹⁷. Lixes, seu pai, e Paníasis, seu familiar próximo (seu tio ou primo) e célebre poeta épico, possuíam ambos nomes cários⁵⁹⁸.

Na época da juventude de Heródoto, o sistema de governo instituído em Halicarnasso era a tirania cária⁵⁹⁹. De acordo com a tradição, na sequência de uma tentativa fracassada de destronar o tirano Lígdamis (descendente de Artemísia de Halicarnasso), Heródoto viu-se forçado a exilar-se em Samos durante uns tempos⁶⁰⁰. Mais tarde, regressaria à sua terra natal

⁵⁹⁵ Sabe-se muito pouco da vida de Heródoto. As principais fontes que nos chegaram e que nos permitem reconstituir a sua biografia são: a sua própria obra, *Histórias* (na qual, inclusive, fornece informações breves sobre si próprio), e as entradas na *Suda*, dedicadas a Heródoto e a Paníasis, respetivamente. Veja-se CANCIK, Hubert e SCHNEIDER, Helmuth (2002), *op. cit.*, p. 265 e MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, p. 20 e nota 1. Deve-se ter em conta que, por um lado, a informação relacionada com a vida de Heródoto que podemos aferir a partir da sua própria obra é diminuta (além disso, a credibilidade dessa informação é debatida entre os estudiosos, começando desde logo, por exemplo, pela questão das viagens realizadas por este escritor grego). Por outro lado, a outra principal fonte em que nos apoiamos para tentar recriar a sua biografia – a *Suda* – apresenta também as suas limitações, uma vez que se encontra distante em termos cronológicos e de contexto cultural, da época de Heródoto. Veja-se: ASHERI, David, “General Introduction” in MORENO, Alfonso e MURRAY, Oswyn (eds.), *A Commentary on Herodotus Books I-IV*, New York, Oxford University Press, 2007, pp. 1-2; e, MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, pp. 20-21.

⁵⁹⁶ Vide CANCIK, Hubert e SCHNEIDER, Helmuth (2002), *op. cit.*, p. 265; LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, p. 336. O título de “pai da história” foi atribuído a Heródoto por Cícero (Cf. Cic. *De legibus* 1.1.5). Em que medida este título lhe pode ser conferido é uma questão debatida desde a Antiguidade. Veja-se, por exemplo, MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, p. 19; LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, pp. 347-348. Para uma contextualização geográfica do local de nascimento de Heródoto, veja-se o Mapa 2, p. II.

⁵⁹⁷ Cf. CANCIK, Hubert e SCHNEIDER, Helmuth (2002), *op. cit.*, p. 265 e LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, p. 336. Immerwahr apresenta Heródoto como descendente de uma família aristocrática. Vide IMMERWAHR, H. R., “Herodotus” in EASTERLING, P. E. e KNOX, B. M. W. (eds.), *The Cambridge History of Classical Literature. I. Greek Literature*, Cambridge, Cambridge University Press, 8ª reimp., 2003, p. 426.

⁵⁹⁸ Veja-se LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, p. 336; IMMERWAHR, H. R. (2003), *op. cit.*, p. 426 e MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, p. 21.

⁵⁹⁹ Consulte-se LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, p. 337.

⁶⁰⁰ Vide CANCIK, Hubert e SCHNEIDER, Helmuth (2002), *op. cit.*, p. 265. Lesky indica que é bastante possível que o parente de Heródoto, Paníasis, tenha perdido a vida neste contexto de instabilidade política (vide LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, p. 337). Veja-se também IMMERWAHR, H. R. (2003), *op. cit.*, p. 426.

e, nessa altura, contribuiria para o afastamento definitivo de Lígdamis do poder⁶⁰¹. Algum tempo depois da queda deste tirano, Heródoto empreenderia as viagens que deram, numa medida significativa, vida à sua obra, intitulada *Histórias*⁶⁰².

Não temos conhecimento das datas exatas em que estas viagens foram realizadas⁶⁰³. Os locais que visitou (ou se sequer os visitou) constituem tema de discussão entre os investigadores⁶⁰⁴. Porém, no geral, parece haver um certo consenso em como Heródoto visitou os seguintes territórios: o Egito, a Ásia Menor, a Babilónia, Cirene e algumas terras da Cítia⁶⁰⁵. Além destes sítios, o escritor grego terá tido também contacto com as ilhas do mar Egeu, Creta e, ainda, com a maior parte do continente grego e com a Magna Grécia⁶⁰⁶. Note-se, portanto, que, embora Heródoto tenha visitado o Próximo Oriente, ele não viajou até ao centro do Império Persa.

Possivelmente, num determinado intervalo de tempo durante as suas viagens, Heródoto terá permanecido em Atenas, que se encontraria, naquele tempo, sob a égide do governo de Péricles⁶⁰⁷. Se, de facto, o “pai da história” visitou esta cidade-estado, é possível que tenha aí contactado com alguns círculos intelectuais da época⁶⁰⁸. Lesky sugere que terá

⁶⁰¹ Consulte-se LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, p. 337. De acordo com o que pode ser lido na *Brill's Encyclopaedia of the Ancient World*, na entrada que diz respeito a Heródoto, a queda de Lígdamis terá ocorrido algures antes de 454 a.C. *Vide* CANCIK, Hubert e SCHNEIDER, Helmuth (2002), *op. cit.*, p. 265.

⁶⁰² As viagens empreendidas por Heródoto contribuíram, de forma expressiva, para a formação intelectual de Heródoto, bem como para a composição do seu trabalho. Cf. ASHERI, David (2007), *op. cit.*, p. 6.

⁶⁰³ Veja-se CANCIK, Hubert e SCHNEIDER, Helmuth (2002), *op. cit.*, p. 265. No entanto, Lesky admite a hipótese de estas viagens terem sucedido algures no período entre o destronamento de Lígdamis (que, segundo Lesky, terá ocorrido não muito antes de 454 a.C.) e a naturalização de Heródoto como cidadão de Túrios (fundada em 444/443 a. C.), para onde viria a emigrar. Veja-se LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, p. 337.

⁶⁰⁴ Sobre este tema, consulte-se, entre outros: MILLER, Margaret C. (1997), *op. cit.*, pp. 105-108; WATERS, K. H., *Herodotus the Historian: his problems, methods and originality*, London and Sidney, Croom Helm, 1985, pp. 25-27. A informação sobre as viagens realizadas por Heródoto é aferida a partir do próprio texto do autor. Estas viagens não são mencionadas na *Suda*. Esta última fonte indica apenas que Heródoto terá partido para a colónia de Túrios após o seu exílio em Samos (Cf. ASHERI, David (2007), *op. cit.*, p. 2). Relativamente à discussão sobre a veracidade histórica das viagens de Heródoto, veja-se MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, pp. 21-22.

⁶⁰⁵ *Vide* R. ADRADOS, Francisco, “Introducción” in R. ADRADOS, Francisco (introdução); SCHRADER, Carlos (tradução e notas), *Heródoto: Historia. Libro I. Clío*, Madrid, Editorial Gredos, 2.^a reimp., 1992, p. 17.

⁶⁰⁶ Cf. R. ADRADOS, Francisco (1992), *op. cit.*, p. 17.

⁶⁰⁷ Talvez, nos anos anteriores à fundação de Túrios – a qual sucedeu em 444/443 a. C. – ou mesmo já na época em que a última teve lugar. *Vide* LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, p. 337.

⁶⁰⁸ Veja-se ASHERI, David (2007), *op. cit.*, p. 4. Vários autores defendem que Heródoto teria visitado a cidade de Atenas e que esta teria contribuído significativamente para a produção da sua obra (veja-se, por exemplo, IMMERWAHR, H. R. (2003), *op. cit.*, p. 426 e David Asheri (ASHERI, David (2007), *op. cit.*, pp. 3-4). No entanto, como sucedeu com o debate acerca da veracidade das viagens de Heródoto, também a estadia em Atenas chegou a ser questionada no meio académico. Veja-se MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, pp. 21-22.

sido nesta *pólis* que Heródoto se familiarizou com a corrente sofisticada e com a tragédia⁶⁰⁹. Sabe-se que a última terá exercido uma influência considerável na sua obra, ao passo que a sofisticada, embora viesse a deixar também as suas marcas, não causaria tanto impacto nos seus manuscritos⁶¹⁰. Lesky considera ainda que o conhecimento de Heródoto relativamente à poesia lírica e épica terá sido adquirido na sua terra de origem⁶¹¹. Porém, segundo este autor, terá sido em Atenas que ele terá tido a oportunidade de aprimorar o seu saber nestas áreas⁶¹².

Talvez, Heródoto tenha tido a oportunidade de travar conhecimento com algumas das célebres personagens presentes em Atenas, suas contemporâneas⁶¹³. Como David Asheri aponta, importa referir que a Atenas que Heródoto conheceu era a cidade de figuras proeminentes como Péricles, Sófocles, Eurípides e Protágoras⁶¹⁴. Contudo, até certo ponto, a possibilidade de o “historiador” se ter cruzado com esses indivíduos pertence ao domínio da hipótese⁶¹⁵. Devido às limitações das fontes à nossa disposição, não se pode afirmar com certeza que, de facto, Heródoto se encontrou pessoalmente com algum deles⁶¹⁶. Acrescente-se ainda que é possível que algumas leituras públicas, pelo menos, de partes da sua obra, se tenham realizado em Atenas⁶¹⁷.

Eventualmente, Heródoto ter-se-á estabelecido na colónia ateniense de Túrios – fundada em 444/443 a. C., no sul da Itália –, onde adquiriu a cidadania local⁶¹⁸. Se Heródoto

⁶⁰⁹ Vide LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, p. 337.

⁶¹⁰ Cf. idem, *ibidem*, p. 338.

⁶¹¹ Veja-se idem, *ibidem*, p. 338.

⁶¹² Vide idem, *ibidem*, p. 338.

⁶¹³ Entre outros autores, Lesky sugere que Heródoto poderá ter contactado com Protágoras, figura do mundo da sofisticada, e com Sófocles, distinto poeta da tragédia grega. Costuma considerar-se que uma ode da autoria de Sófocles, que chegou até nós através dos escritos de Plutarco, é dedicada a Heródoto (*vide*, entre outros, IMMERSWAHR, H. R. (2003), *op. cit.*, p. 427; CANCIK, Hubert e SCHNEIDER, Helmut (2002), *op. cit.*, p. 265). Contudo, David Asheri põe em causa esta hipótese: defende que a ode não tem, necessariamente, de visar o Heródoto, autor das *Histórias*, e admite a possibilidade de ser dedicada a outro indivíduo com o mesmo nome (o nome “Heródoto” era bastante comum na zona da Iónia). Asheri denota ainda que a hipótese de Heródoto ter contactado diretamente com Péricles é uma construção moderna: esta suposição não é mencionada nas fontes. Cf. ASHERI, David (2007), *op. cit.*, p. 4.

⁶¹⁴ Vide idem, *ibidem*, p. 4.

⁶¹⁵ Veja-se idem, *ibidem*, p. 4.

⁶¹⁶ Os encontros de Heródoto com indivíduos conhecidos que são referidos nas fontes à nossa disposição, podem ser verdadeiros ou inventados. Veja-se ASHERI, David (2007), *op. cit.*, p. 4.

⁶¹⁷ A tradição clama que Heródoto terá procedido a uma leitura do seu trabalho em Atenas (por volta de 445/444 a. C.), pela qual terá sido remunerado. Contudo, a veracidade deste acontecimento é, normalmente, posta em causa. Cf. LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, p. 338.

⁶¹⁸ Desconhecemos, se Heródoto terá participado na expedição fundadora desta colónia ou se se terá instalado nesta região mais tarde. Cf. LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, p. 337 e IMMERSWAHR, H. R. (2003), *op. cit.*, p. 426. A obtenção da cidadania em Túrios pode ajudar a explicar o facto de haver duas variantes da frase de abertura das *Histórias* nos manuscritos que nos chegaram. Numa versão, o autor começa por se apresentar como

permaneceu aí até ao fim dos seus dias ou, se se terá deslocado novamente e encontrado a morte num outro sítio, não se sabe ao certo⁶¹⁹. De facto, temos pouco conhecimento do que sucedeu no período final da sua vida⁶²⁰. Pensa-se que ele ainda terá assistido aos primeiros anos da Guerra do Peloponeso e que, possivelmente, terá falecido por volta de 425 a. C.⁶²¹.

4.2 As *Histórias* de Heródoto: breve introdução e algumas considerações gerais. A visão do “Outro” persa

Como Maria Helena da Rocha Pereira salienta, as *Histórias* além de ocuparem um lugar de distinção no seio da Literatura Grega, revelaram-se, nos últimos séculos, imprescindíveis para os estudiosos das áreas da História da Grécia e do Próximo Oriente⁶²². A obra de Heródoto combina uma componente de narrativa, que, em certa medida, pode ser considerada historiográfica, com elementos de novela, e ainda relatos etnográficos e geográficos⁶²³. A sua riqueza e complexidade têm originado múltiplos estudos e discussões sobre os mais variados temas. Entre os debates suscitados pela obra em análise, evidencie-se desde já o referente à sua datação.

A data da “publicação”⁶²⁴ das *Histórias* continua a ser, ainda hoje, alvo de discussão entre os estudiosos de Heródoto. A data tradicional proposta por Felix Jacoby defende como balizas cronológicas para este processo os anos 430 e 424 a.C.⁶²⁵ Embora tenha sido várias

“Heródoto de Halicarnasso”. Ao passo que, na outra variante, está escrito “Heródoto de Túrios”. Vide ASHERI, David (2007), *op. cit.*, pp. 2-5.

⁶¹⁹ Cf. ASHERI, David (2007), *op. cit.*, p. 5.

⁶²⁰ Vide LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, p. 338.

⁶²¹ Cf. idem, *ibidem*, p. 338 e CANCIK, Hubert e SCHNEIDER, Helmuth (2002), *op. cit.*, p. 265.

⁶²² Vide ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, “Introdução geral” in FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (versão do grego, notas e introdução), *Heródoto. Histórias – Livro I.*, Lisboa, Edições 70, 1994, p. XXIX.

⁶²³ Veja-se ASHERI, David (2007), *op. cit.*, p. 12 e LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, pp. 346-347 e p. 352.

⁶²⁴ Recentemente, as investigações na área das culturas orais levaram a que fosse questionada a própria conceção ou o que pode ser entendido como “publicação” no tempo de Heródoto. O conceito de “publicação” nessa época podia pressupor uma fase de componente oral, a qual poderia ocorrer antes de ser apresentada a versão final escrita da obra. De facto, atualmente, vários autores admitem a hipótese de partes da obra terem sido dadas a conhecer ao público, através de apresentações orais (isto é, de leituras) de excertos das *Histórias*. Vide, por exemplo, MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, pp. 23-24. Assim sendo, alguns estudiosos consideram que o termo “publicação” assume, neste contexto, um carácter anacrónico e não deve ser tido como referência por esse mesmo motivo. Este é o caso de J. A. S. Evans. Vide EVANS, J. A. S., *Herodotus, Explorer of the Past*, Princeton, Princeton University Press, 1991, pp. 89-90.

⁶²⁵ De acordo com Jacoby, conforme se pode ler em: ROCHA PEREIRA, Maria Helena da (1997), *op. cit.*, p. XXVI.

vezes contestada e debatida por outros autores, esta hipótese de datação parece permanecer como uma das mais credenciadas⁶²⁶.

Outra data, mais tardia, é sugerida por Charles Fornara, que situa a “publicação” da obra entre 420 e 415 a. C.⁶²⁷. A proposta de datação de Jacoby, apesar de referida em vários trabalhos, continua a ser posta em causa por alguns estudiosos. Entre eles, podemos destacar John Marincola, que embora admita o surgimento da obra algures durante a década de 420 – marco temporal geralmente aceite pelos especialistas –, refuta o limite cronológico final, normalmente proposto⁶²⁸. Este autor sugere ainda que, independentemente da data de publicação, o período principal da composição da obra terá ocorrido entre as décadas de 450 e de 420 a.C.⁶²⁹.

Apesar da discussão que envolve a temática da estrutura das *Histórias*, parece ser consensual entre os estudiosos que esta se conservou até aos nossos dias com uma divisão em nove livros⁶³⁰. Cada um destes é intitulado com o nome de uma Musa, seguindo a ordem canónica estabelecida por Hesíodo⁶³¹. Provavelmente, esta divisão terá tido origens alexandrinas⁶³². Realce-se, porém, que esta estrutura da obra não implica uma separação temática de conteúdo por livro⁶³³. Podemos considerar ainda que a obra é composta por vários *logoi*⁶³⁴. Saliente-se, no entanto, que as secções a que Heródoto chama de *logoi* e para as quais remete ao longo da sua narrativa não correspondem aos livros em que a obra se encontra repartida⁶³⁵. Acrescentemos ainda que a questão da obra nos ter chegado completa ou não permanece em aberto⁶³⁶.

⁶²⁶ Veja-se ROCHA PEREIRA, Maria Helena da (1997), *op. cit.*, p. XXVI.

⁶²⁷ Vide FORNARA, Charles W., “Evidence for the date of Herodotus’ publication”, *JHS*, vol. 91, 1971, pp. 25-34; e FORNARA, Charles W., “Herodotus’ knowledge of the Archidamian War”, *Hermes*, n.º 109, 1981, pp. 149-156.

⁶²⁸ Veja-se MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, p. 24.

⁶²⁹ Cf. *idem*, *ibidem*, p. 24.

⁶³⁰ Vide CANCIK, Hubert e SCHNEIDER, Helmuth (2002), *op. cit.*, p. 266 e ROCHA PEREIRA, Maria Helena da (1997), *op. cit.*, pp. XXVI-XXVII. Consulte-se ainda: e ASHERI, David (2007), *op. cit.*, p. 11.

⁶³¹ Cf. ASHERI, David (2007), *op. cit.*, p. 11.

⁶³² Veja-se CANCIK, Hubert e SCHNEIDER, Helmuth (2002), *op. cit.*, p. 266; ROCHA PEREIRA, Maria Helena da (1997), *op. cit.*, pp. XXVI-XXVII e ASHERI, David (2007), *op. cit.*, p. 11.

⁶³³ Vide ROCHA PEREIRA, Maria Helena da (1997), *op. cit.*, pp. XXVI-XXVII.

⁶³⁴ Para Immerwahr, o trabalho de Heródoto consiste num único *logos*, o qual corresponde a uma seqüência de *logoi* mais pequenos (cf. IMMERWAHR, H. R. (1986), *op. cit.*, p. 79).

⁶³⁵ Vide ASHERI, David (2007), *op. cit.*, p. 11.

⁶³⁶ A este propósito, veja-se: LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, p. 345.

A temática central das *Histórias* pode ser encontrada na frase introdutória da obra, na qual Heródoto expõe o assunto que se propõe a tratar⁶³⁷. O historiador apresenta como objetivo para o seu relato a preservação da memória dos feitos humanos, sobretudo dos Gregos e dos Bárbaros, e o conflito entre estes dois oponentes⁶³⁸. Com estas últimas palavras, Heródoto especifica a linha temática principal da sua obra: o confronto entre Helenos e Bárbaros (ou, se quisermos, Europa e Ásia), que se deu nas Guerras Medo-Persas⁶³⁹. Intimamente relacionada com este grande tema da obra, encontra-se a temática da expansão do poderio persa, que viria a colidir com a resistência das cidades-estado gregas⁶⁴⁰. De facto, como salienta Cristina Abranches Guerreiro, a última serve de “fio condutor que confere unidade à diversificada narrativa de Heródoto”⁶⁴¹.

Considere-se ainda a existência de princípios ético-filosóficos subjacentes à obra, essenciais para a sua compreensão. Entre estes, começamos por salientar o da instabilidade da fortuna humana⁶⁴². Esta ideia encontra-se presente desde logo na abertura da obra, como condição subjacente aos indivíduos e cidades: “Das [cidades] que antigamente eram grandes, muitas delas tornaram-se pequenas, enquanto as que no meu tempo são grandes, eram primeiro pequenas. Persuadido de que a felicidade humana nunca permanece firme no mesmo ponto, mencionarei por igual umas e outras.”⁶⁴³. Estas linhas finais do preâmbulo das *Histórias* transmitem a noção da inconstância e mutabilidade da prosperidade vivida pelos homens⁶⁴⁴. Um indivíduo que se encontre na maior das bem-aventuranças, pode ver-se, de repente, na ruína⁶⁴⁵. Este princípio pode ser observado no caso de Cresos, que estava, nas palavras de Heródoto, “no auge da riqueza” e se julgava o mais feliz dos homens, quando

⁶³⁷ Segundo a tradução portuguesa das *Histórias* a que recorremos, a frase introdutória que abre a obra afirma o seguinte: “Esta é a exposição das investigações de Heródoto de Halicarnasso, para que os feitos dos homens se não desvançam com o tempo, nem fiquem sem renome as grandes e maravilhosas empresas, realizadas quer pelos Helenos quer pelos Bárbaros; e sobretudo a razão por que entraram em guerra uns com os outros.”. Veja-se FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (versão do grego, notas e introdução), *Heródoto. Histórias – Livro I.*, Lisboa, Edições 70, 1994, p. 53.

⁶³⁸ Vide LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, pp. 346-347. Consulte-se também ASHERI, David (2007), *op. cit.*, pp. 7-9.

⁶³⁹ Cf. ROCHA PEREIRA, Maria Helena da (1997), *op. cit.*, pp. XXIII-XXIV. Veja-se também LESKY, Albin (1995), *op. cit.*, pp. 346-347 e IMMERWAHR, H. R. (1986), *op. cit.*, pp. 43-44.

⁶⁴⁰ Veja-se IMMERWAHR, H. R. (1986), *op. cit.*, p. 42.

⁶⁴¹ Vide GUERREIRO, Cristina Abranches, “De Ciro a Xerxes – Os reis persas e o sonho de um império nas *Histórias* de Heródoto”, *Classica: boletim de pedagogia e cultura*, n.º 24, Lisboa, Edições Colibri, 2002, p. 59.

⁶⁴² Cf. MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, p. 50. Veja-se IMMERWAHR, H. R. (1986), *op. cit.*, p. 156.

⁶⁴³ Cf. Hdt. 1.5.4.

⁶⁴⁴ Veja-se MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, p. 50.

⁶⁴⁵ Vide idem, *ibidem*, p. 50.

recebeu a visita de Sólon⁶⁴⁶. Após a sua conversa com este sábio ateniense – que se foca precisamente no conceito da felicidade humana –, o rei lídio é assolado pela desgraça⁶⁴⁷.

Neste diálogo entre Creso e Sólon, está patente a noção grega de que só é possível avaliar se um indivíduo foi verdadeiramente feliz em vida, após a sua morte⁶⁴⁸. Deparamos já com esta conceção nos *Persas* d'Ésquilo⁶⁴⁹. Saliente-se ainda que, para Heródoto, quanto maior o êxito e prosperidade de um indivíduo, mais este incorre no perigo de atrair a inveja dos deuses (bem como do seu comportamento sucumbir à ὄβρις) e de sofrer uma mudança de fortuna⁶⁵⁰. Encontramo-nos, deste modo, perante o princípio da vingança ou da justiça retributiva (τίσις), que impregna toda a obra⁶⁵¹. Segundo este último princípio, às ações injustas segue-se, inevitavelmente, a sua punição⁶⁵². Este princípio de retribuição – que surge muitas vezes associado ao da instabilidade da fortuna humana – preserva e restaura a ordem e o equilíbrio existentes no universo⁶⁵³.

Como acabámos de ter oportunidade de confirmar, a presença do divino no mundo das *Histórias* mostra-se evidente, apesar da atitude racionalista apresentada várias vezes pelo autor⁶⁵⁴. O domínio sobrenatural manifesta-se de diferentes formas na obra. Entre as quais, através da predestinação de eventos, da inveja dos deuses e da punição divina daquele que

⁶⁴⁶ Cf. Hdt. 1.29.1.

⁶⁴⁷ Cf. Hdt. 1.34.1. Consulte-se também MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, p. 50.

⁶⁴⁸ Vide IMMERWAHR, H. R. (1986), *op. cit.*, p. 156.

⁶⁴⁹ Como vimos, esta ideia (de que só se pode avaliar se um indivíduo foi feliz em vida, após a sua morte) comum no pensamento grego da época pode ser também encontrada em *Persas* d'Ésquilo (*vide supra*, pp. 66-67; ou veja-se Aesch., *Pers.*, vv. 709-710) e nos versos que fecham a peça *Rei Édipo* de Sófocles (cf. S., *OT*, vv. 1524-1530). Refira-se episódio do diálogo entre Creso e Sólon (cf. Hdt. 1.29-33) é de grande relevância para a apresentação de princípios ético-religiosos e histórico-filosóficos da obra (cf. FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima, “Introdução” in FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (versão do grego, notas e introdução), *Heródoto. Histórias – Livro 1.*, Lisboa, Edições 70, 1994, p. 7.) Para uma análise mais aprofundada deste episódio, consulte-se idem, *ibidem*, pp. 25-28.

⁶⁵⁰ Vide MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, p. 50. Como é referido na Introdução da tradução portuguesa do livro 1 das *Histórias*, os mortais poderosos são aqueles a quem mais é difícil ter um comportamento moderado e não sucumbir aos excessos (cf. FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 49). A propósito da noção de ὄβρις na obra de Heródoto, consulte-se o capítulo 9 dedicado a este assunto em: FISHER, N. R. E. (1992), *op. cit.*, pp. 343-385.

⁶⁵¹ Veja-se MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, pp. 48-49.

⁶⁵² Cf. idem, *ibidem*, pp. 48-49. Sobre este tema, consulte-se também HARRISON, Thomas, *Divinity and History: The religion of Herodotus*, New York, Oxford University Press, 2000, pp. 102-121.

⁶⁵³ Vide idem, *ibidem*, pp. 49-50. Veja-se também IMMERWAHR, H. R. (1986), *op. cit.*, p. 307. Embora a noção de vingança continue a ser alvo de debate no meio académico, não se pode negar o papel de relevo que desempenha nas *Histórias*. Apenas em termos linguísticos, este vocábulo e/ou outros seus semelhantes surgem no texto em número considerável. Veja-se ROMILLY, Jacqueline de, “La vengeance comme explication historique dans l’œuvre d’Hérodote”, *REG*, vol. 84, 1971, p. 315 e SMOLIN, Nathan Israel, “Divine vengeance in Herodotus’ *Histories*”, *Journal of Ancient History*, vol. 6, n.º 1, 2018, p. 3.

⁶⁵⁴ Cf. ROCHA PEREIRA, Maria Helena da (1997), *op. cit.*, p. XXII.

comete a ὕβρις⁶⁵⁵. A intervenção dos deuses faz-se ainda sentir na obra através de sonhos proféticos, presságios e oráculos⁶⁵⁶. Note-se, no entanto, que, apesar do divino e do destino desempenharem um papel proeminente no universo herodotiano, os homens detêm a capacidade de livre-arbítrio⁶⁵⁷. Eles não são meras “marionetas” nas mãos dos deuses. Apesar de lhes ser impossível escapar do destino que a *Moirai* lhes reservou, eles são responsáveis pelas decisões que tomam, bem como pelos seus atos⁶⁵⁸.

Atente-se ainda, por um breve momento, no lugar que o νόμος (“lei” ou “costume”; lat. *nomos*) ocupa na obra e no pensamento de Heródoto⁶⁵⁹. O νόμος corresponde aos costumes e à tradição próprios de cada sociedade⁶⁶⁰. Estes encontram-se enraizados de tal forma no seio da comunidade que impõem um determinado tipo de conduta aos seus cidadãos⁶⁶¹. Para o autor, o νόμος, como tradição, é “a rainha do mundo”⁶⁶². Heródoto reconhece a existência de diferentes tradições culturais e defende que estas devem ser respeitadas⁶⁶³. Inclusive, chega ao ponto de, a propósito do caso de Cambises, afirmar que é sinal de loucura desprezar este facto⁶⁶⁴. Nos relatos etnográficos relativos a sociedades não-gregas, que pontuam o seu trabalho, pode-se observar um esforço do autor em providenciar uma descrição imparcial dos costumes dessas populações⁶⁶⁵. Repare-se ainda que, embora seja esperado que os indivíduos sigam o νόμος do seu povo, nem sempre isso se verifica na prática⁶⁶⁶. Heródoto dá-nos conta, ao longo do seu texto, de vários casos que ilustram esse desvio do padrão de comportamento convencional⁶⁶⁷.

Debrucemo-nos agora sobre as fontes utilizadas por Heródoto para a escrita da sua obra. Considera-se que, provavelmente, grande parte destas podem ser repartidas por duas

⁶⁵⁵ Veja-se CANCIK, Hubert e SCHNEIDER, Helmuth (2002), *op. cit.*, p. 269.

⁶⁵⁶ Cf. idem, *ibidem*, p. 269 e MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, p. 54.

⁶⁵⁷ Veja-se SHEEHAN, Sean, *A Guide to Reading Herodotus' Histories*, London and New York, Bloomsbury Academic, 2018, p. 42. Acerca do papel desempenhado pelo Destino na obra de Heródoto, consulte-se idem, *ibidem*, pp. 41-44.

⁶⁵⁸ A *Moirai* transcende até mesmo as divindades. *Vide* SHEEHAN, Sean (2018), *op. cit.*, p. 42.

⁶⁵⁹ Cf. idem, *ibidem*, p. 47.

⁶⁶⁰ *Vide* idem, *ibidem*, p. 47.

⁶⁶¹ Veja-se idem, *ibidem*, p. 47.

⁶⁶² Cf. Hdt. 3.38.

⁶⁶³ Consulte-se MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, p. 52.

⁶⁶⁴ Cf. Hdt. 3.38. Veja-se também SHEEHAN, Sean (2018), *op. cit.*, p. 47.

⁶⁶⁵ Veja-se MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, p. 52.

⁶⁶⁶ *Vide* GRUEN, Erich S., *Rethinking the other in Antiquity*, Princeton and Oxford, Princeton University Press, 2011, p. 30.

⁶⁶⁷ Idem, *ibidem*, p. 30.

categorias: conhecimento obtido em primeira pela mão pelo autor nas suas viagens; e, testemunhos orais recolhidos por ele durante o percorrer do seu itinerário⁶⁶⁸. Pensa-se que esses testemunhos proveriam de habitantes de várias cidades-estado gregas, bem como de indivíduos de outros povos (pelo menos, é aquilo que o próprio autor dá a entender)⁶⁶⁹. Entre os últimos, de acordo com o que Heródoto nos assevera, incluir-se-iam, entre outros, Lídios, Persas e Egípcios⁶⁷⁰. O autor cita também relatos de funcionários (geralmente, de sacerdotes), embora não os nomeie⁶⁷¹. Sabe-se que ele terá ainda consultado coleções de oráculos, nomeadamente as de Delfos⁶⁷². Provavelmente, ele terá também tido oportunidade de observar inscrições e monumentos, que contribuiram para a criação do seu trabalho⁶⁷³.

Relativamente, ao uso de fontes escritas para a produção das *Histórias*, temos conhecimento de que Heródoto se baseou nos trabalhos dos poetas gregos, desde Homero até Ésquilo⁶⁷⁴. No que toca a fontes em prosa, sabemos apenas, seguramente, que o “pai da história” se terá servido dos textos de Hecateu para escrever vários passos da sua obra (apesar de nem sempre o nomear)⁶⁷⁵. Atualmente, predomina no meio académico a opinião de que as fontes escritas que Heródoto teria ao seu dispor seriam em número reduzido ou, mesmo, nulo⁶⁷⁶.

⁶⁶⁸ Veja-se ASHERI, David (2007), *op. cit.*, p. 15. Tenha-se em conta que, independentemente do género de fontes usadas por Heródoto, a veracidade histórica dos factos que este autor apresenta continua a ser alvo de discussão no meio académico. Consulte-se MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, pp. 31-39. Vários autores admitem que a maior parte das fontes de Heródoto basear-se-ia em informação oral. *Vide* WATERS, K. H. (1985), *op. cit.*, p. 76 e MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, pp. 31-32. Acerca das limitações deste tipo de fontes (isto é, de testemunhos orais) a que, possivelmente, Heródoto teve acesso, veja-se WATERS, K. H. (1985), *op. cit.*, p. 76.

⁶⁶⁹ Veja-se MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, p. 31.

⁶⁷⁰ *Vide* idem, *ibidem*, p. 31.

⁶⁷¹ São poucos os informantes nomeados por Heródoto. Veja-se MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, p. 31.

⁶⁷² Cf. idem, *ibidem*, p. 31 e ASHERI, David (2007), *op. cit.*, p. 19.

⁶⁷³ Consulte-se MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, p. 31.

⁶⁷⁴ Segundo David Asheri, na obra de Heródoto são citados aproximadamente quinze poetas, sendo que dois deles – Frínico e Ésquilo – são tragediógrafos. *Vide* ASHERI, David (2007), *op. cit.*, p. 18. Saliente-se, em particular, o conhecimento que Heródoto tinha dos *Persas* d’Ésquilo, que pode ser atestado em vários passos das *Histórias*. De acordo com Immerwahr, a narrativa de Heródoto assemelha-se a esta tragédia esquiliana, principalmente, na forma de interpretação dos acontecimentos (nomeadamente no que toca ao domínio religioso). Veja-se IMMERWAHR, H. R. (2003), *op. cit.*, p. 432.

⁶⁷⁵ De acordo com David Asheri, Hecateu é o único predecessor de Heródoto que é citado diretamente nas *Histórias*. Segundo este estudioso, a possibilidade de Heródoto ter recorrido às obras de outros dos seus predecessores encontra-se no domínio da hipótese. Consulte-se ASHERI, David (2007), *op. cit.*, pp. 18-19.

⁶⁷⁶ Consulte-se MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, pp. 32-33.

Note-se que, as fontes e testemunhos a que Heródoto recorreu sobre a Pérsia, muito provavelmente, não advieram do seu contacto direto com o coração do império persa⁶⁷⁷. Como já se referiu, é provável que ele não tenha visitado o centro desse império: as suas viagens ter-se-ão circunscrito às zonas marginais (mais a oeste) do domínio persa. Alegadamente, Heródoto ter-se-á baseado em informações que lhe foram fornecidas por Persas (segundo o que o próprio autor assevera)⁶⁷⁸.

Apesar de não ser consensual, Rosaria Vignolo Munson admite a possibilidade de Heródoto ter, talvez, comunicado com Medos e Persas, que à época habitavam na Ásia Menor⁶⁷⁹. Esta autora sugere que o supracitado escritor grego pode ter, inclusivamente, recolhido testemunhos orais entre funcionários das satrapias⁶⁸⁰.

Acrescente-se ainda que, hoje-em-dia, considera-se que, muito por certo, Heródoto terá tido acesso a outro tipo de fontes para o seu relato sobre os Persas, nomeadamente inscrições aqueménidas (ou, decerto, cópias destas)⁶⁸¹. Destaque-se o caso da inscrição de Bisitun. As semelhanças encontradas entre este documento e a narrativa de Heródoto relativa à ascensão de Dario ao trono conduziram à hipótese de o autor grego ter contactado com uma tradição oral, ou com uma tradução escrita da referida inscrição⁶⁸². Michael Flower chega mesmo a indicar que, a avaliar pelas inscrições de origem persa, a descrição literária dos Persas nas *Histórias* baseia-se na própria imagem auto-projetada por esse povo enquanto sociedade de natureza imperialista⁶⁸³.

Este autor verifica ainda que, em termos históricos, a descrição dos costumes persas feita por Heródoto consiste numa mistura: daquilo que era fruto da imaginação grega; com

⁶⁷⁷ Veja-se MILLER, Margaret C. (1997), *op. cit.*, p. 106.

⁶⁷⁸ Cf. idem, *ibidem*, p. 106.

⁶⁷⁹ Veja-se MUNSON, Rosaria Vignolo, “Who are Herodotus’ Persians?”, *The Classical World*, vol. 102, n.º 4, 2009, pp. 457-470.

⁶⁸⁰ Cf. idem, *ibidem*, p. 464.

⁶⁸¹ Acrescente-se ainda que, entre outros casos, alguns documentos persas de Persépolis permitiram confirmar nomes de generais persas fornecidos por Heródoto. Veja-se FLOWER, Michael, “Herodotus and Persia” in DEWALD, Carolyn & MARINCOLA, John (eds.), *The Cambridge Companion to Herodotus*, Cambridge, Cambridge University Press, 2006, p. 278 e MILLER, Margaret C. (1997), *op. cit.*, p. 106.

⁶⁸² Vide FLOWER, Michael (2006), *op. cit.*, p. 278. Veja-se SILVA, Maria de Fátima e de GUERREIRO, Cristina Abranches (1997), *op. cit.*, pp. 95-98. Consulte-se ainda LEWIS, David M., *Selected papers in Greek and Near East History*, Cambridge, Cambridge University Press, 1997, p. 346.

⁶⁸³ Este autor considera ainda que: “Herodotus has brilliantly manipulated his knowledge of Persian culture in order to fashion a literary account of a people and its rulers that is both compelling and profound.”. Cf. idem, *ibidem*, p. 278.

factos históricos; e com o que era mal interpretado⁶⁸⁴. Para rematar, saliente-se ainda que Heródoto procurou tecer um retrato dos Persas isento de juízos de valor⁶⁸⁵. Ao contrário do que se verifica com outros escritores, coevos, não se observa na sua obra um antagonismo constante relativo à cultura persa⁶⁸⁶.

Gostaríamos ainda de salientar a forma como o “Outro” persa é percecionado e representado nas *Histórias*⁶⁸⁷. Antes de mais, deve ser tido em conta que o leitor/auditor visado por Heródoto com a sua obra correspondia, sobretudo, ao indivíduo grego comum⁶⁸⁸. Não é, portanto, de admirar as várias comparações estabelecidas pelo autor ao longo do texto com a realidade grega, nomeadamente no que se refere às tradições culturais de outras sociedades⁶⁸⁹. Como Carmen Soares realça, a descrição dos Persas, bem como de outros povos bárbaros, é feita através de dois processos nas *Histórias*: a identidade, a qual se apoia nas semelhanças existentes entre os costumes de diferentes povos, e a alteridade, que se baseia, essencialmente, no que os distingue⁶⁹⁰. Saliente-se que o retrato dos Persas em Heródoto não é pejorativo⁶⁹¹. Pelo contrário, o autor chega mesmo a enaltecer determinados valores e práticas persas⁶⁹².

Como Carmen Soares denota ainda, embora os Persas sejam representados nas *Histórias* como bárbaros civilizados, é também feita uma alusão às suas origens “primitivas”⁶⁹³. Heródoto refere que, quando Creso se preparava para atacar a Pérsia,

⁶⁸⁴ Veja-se idem, *ibidem*, p. 280.

⁶⁸⁵ Cf. MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, p. 52.

⁶⁸⁶ Consulte-se BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, p. 7.

⁶⁸⁷ Para esboçarmos as linhas gerais do retrato do “Outro” persa nas *Histórias*, baseámo-nos, principalmente, em alguns dos parâmetros definidos por Carmen Soares em “A visão do ‘outro’ em Heródoto” in FIALHO, Maria do Céu; SILVA, Maria de Fátima e PEREIRA, Maria Helena da Rocha (coord.), *Génese e consolidação da ideia de Europa. Vol. I: de Homero ao fim da época clássica*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2005, pp. 95-174; e na informação que recolhemos a partir da fonte e reunimos na tabela do apêndice 4. Veja-se Apêndice 4, p. LXXIX.

⁶⁸⁸ Como Carmen Soares salienta, as *Histórias* foram “escritas por um Grego para outros Gregos”. Vide SOARES, Carmen (2005), *op. cit.*, p. 101.

⁶⁸⁹ Vide idem, *ibidem*, p. 100. Veja-se também MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, pp. 52-53.

⁶⁹⁰ Cf. idem, *ibidem*, p. 100.

⁶⁹¹ Para uma discussão deste assunto, indicamos, entre outros, a leitura do subcapítulo dedicado à representação do “Outro” persa em Heródoto em: GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, pp. 21-39. John Marincola denota que, comparativamente com autores mais tardios, Heródoto mostra, no geral, uma grande reserva no que toca a tecer juízos de valor sobre os costumes dos povos não-Gregos na sua obra. Vide MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, p. 52.

⁶⁹² Vide GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, p.29 e SILVA, Maria de Fátima (2002), *op. cit.*, p. 201.

⁶⁹³ Veja-se SOARES, Carmen (2005), *op. cit.*, pp. 127-128.

Sândanis ofereceu-lhe conselho⁶⁹⁴. Este procurou chamar a atenção do monarca lídio para a natureza do povo que este tencionava dominar⁶⁹⁵. Sândanis descreveu-lhe a indumentária de couro dos Persas⁶⁹⁶ e a sua dieta alimentar simples, o facto de beberem água – e não vinho – e de ignorarem o sabor de delícias, como os figos⁶⁹⁷. Estes traços delineiam aquilo que em Heródoto corresponde ao retrato do “primitivismo” subjacente a este povo nos primeiros tempos, antes de Ciro ter conquistado a Lídia. A anexação deste último território ao domínio persa constituiu, segundo o historiador grego, um marco de mudança para este povo⁶⁹⁸.

Esta imagem acabaria por evoluir para a de uma sociedade em que a riqueza e o luxo predominariam⁶⁹⁹. O pão passaria a constituir a base do seu regime alimentar e o consumo do vinho tornar-se-ia um hábito⁷⁰⁰. Porém, refira-se desde já que este era tomado pelos Persas (entre outros povos bárbaros) no seu estado puro. Isto é, ao contrário do consagrado pela cultura helénica, o vinho não era na Pérsia misturado com água⁷⁰¹. Segundo realça Carmen Soares, o consumo de vinho estreme representaria, de uma perspetiva grega, uma tendência para o excesso⁷⁰². Por sua vez, para os Persas, segundo o relato de Heródoto, esta bebida assumiria um papel de grande relevância na discussão e tomada de decisões⁷⁰³. Estas deviam

⁶⁹⁴ Cf. Hdt. 1.71.2. Sândanis desempenha como outras várias personagens ao longo das *Histórias*, o papel daquele que pode ser designado como o sábio conselheiro, que procura avisar o soberano (neste caso, Creso) dos potenciais perigos e riscos que podem advir do empreendimento que este pretende encetar. Muitas vezes, quando a tragédia é iminente, o rei ignora os avisos e recomendações que lhe são fornecidos por outras personagens, entre as quais, o referido sábio conselheiro. *Vide* FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 104, nota 108. Veja-se também IMMERSWAHR, H. R. (1986), *op. cit.*, pp. 74-75.

⁶⁹⁵ Cf. Hdt. 1.71.3-4.

⁶⁹⁶ Estas calças de couro (*anaxirides*) constituem uma peça de indumentária característica dos Medo-Persas, embora sejam também usadas pelos Citas. *Vide* SOARES, Carmen (2005), *op. cit.*, p. 117.

⁶⁹⁷ Cf. Hdt. 1.71.3-4. Veja-se também SOARES, Carmen (2005), *op. cit.*, p. 128 e SILVA, Maria de Fátima, “Aspetos da formação da noção de Europa na Antiguidade: O desafio das diferenças étnicas em Heródoto. Uma questão de inteligência e de saber (1)”, *Humanitas*, vol. 52, 2000, p. 14. Note-se que a austeridade do seu regime alimentar, desprovido de qualquer espécie de deleite, devia-se à própria natureza agreste do solo do seu país. Acrescente-se que, de acordo com Carmen Soares, o uso de couro como material de vestuário, ao invés de pano, constituiria um sinal de atraso civilizacional, uma vez que o pano exigia um processo e conhecimento tecnológico mais avançado do que a mera curtição do coró (*vide* SOARES, Carmen (2005), *op. cit.*, pp. 116-117). A autora refere também que o consumo de vinho (que mais tarde passaria a deter um lugar de importância no seio da cultura persa) era visto como típico de civilizações mais evoluídas (cf. SOARES, Carmen (2005), *op. cit.*, p. 124).

⁶⁹⁸ Heródoto afirma que os Persas antes de subjugarem os Lídios “não tinham luxo nem bem estar”. Cf. Hdt. 1.71.4.

⁶⁹⁹ Veja-se, por exemplo, a descrição do acampamento persa em: Hdt. 9. 80.

⁷⁰⁰ De acordo com Carmen Soares, estes dois elementos constituíam traços próprios daquela que era considerada a dieta alimentar característica das sociedades civilizadas ou mais evoluídas, por assim dizer. *Vide* SOARES, Carmen (2005), *op. cit.*, p. 124.

⁷⁰¹ Cf. *idem*, *ibidem*, p. 124.

⁷⁰² Veja-se *idem*, *ibidem*, p. 124.

⁷⁰³ Cf. Hdt. 1.133.3-4.

ser determinadas enquanto os indivíduos se encontravam completamente inebriados pelo álcool⁷⁰⁴. As resoluções tomadas nos períodos de sobriedade exigiam a sua confirmação nos momentos de embriaguez⁷⁰⁵.

Refira-se ainda a abundância e sumptuosidade que os banquetes persas adquirem nas *Histórias*, em vários passos. Desde logo, pode-se mencionar a opulência e riqueza patente na descrição do banquete de celebração de aniversário de um indivíduo persa⁷⁰⁶. Esta contrasta vivamente, por exemplo, quando comparada com o regime alimentar simples e austero dos Espartanos⁷⁰⁷. A magnificência dos banquetes persas remetem para o conceito de luxo que os Gregos associavam, várias vezes, a este povo (ou, pelo menos, à corte persa)⁷⁰⁸.

Heródoto identifica algumas ideias e valores profundamente enraizados na cultura persa. Desde crianças, aos Persas seriam ensinadas três lições fundamentais: “montar a cavalo, atirar com o arco e dizer a verdade”⁷⁰⁹. Este povo considerava a mentira o ato mais reprovável de todos e, em além disso, condenava a contração de dívidas, pois muitas vezes estas conduziam à falsidade⁷¹⁰. Os Persas apreciavam e admiravam a valentia em combate, inclusive a do próprio adversário⁷¹¹. Assegurar uma descendência numerosa também era prezado e incentivado por este povo, sendo atribuída uma recompensa anual, outorgada pelo rei, àquele que entre os Persas tivesse mais filhos⁷¹². A valorização da quantidade prendia-se com o facto de, no pensamento persa, existir a concepção de que “o número faz a força”⁷¹³. Heródoto escreve que o ideal persa de mérito conjugava estes dois preceitos: bravura em combate e uma prole numerosa⁷¹⁴.

A propósito do contexto da guerra, podemos salientar ainda, com Maria de Fátima Silva, a tendência conquistadora e expansionista do povo persa⁷¹⁵. Refira-se também o

⁷⁰⁴ Cf. Hdt. 1.133.3-4.

⁷⁰⁵ Cf. Hdt. 1.133.4.

⁷⁰⁶ Cf. Hdt. 1.133.1-3.

⁷⁰⁷ Cf. Hdt. 9.82.

⁷⁰⁸ Sobre as diferenças a nível alimentar entre Gregos e Persas, veja-se SOARES, Carmen (2005), *op. cit.*, pp. 124-129.

⁷⁰⁹ Cf. Hdt. 1.136.2. Veja-se GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, p. 29.

⁷¹⁰ Cf. Hdt. 1.138.1. *Vide* GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, p. 29.

⁷¹¹ Veja-se GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, p. 31. Entre outros, *vide* Hdt. 1.136.1; 7.238. Aliás, de acordo com Heródoto, o maior insulto para os Persas seria a acusação de ser “pior do que uma mulher”. Veja-se WATERFIELD, Robin e DEWALD, Carolyn (2008), *op. cit.*, p. 584. Cf. Hdt. 9.107.

⁷¹² Cf. Hdt. 1.136.1.

⁷¹³ Cf. Hdt. 1.136.1.

⁷¹⁴ Cf. Hdt. 1.136.1.

⁷¹⁵ *Vide* SILVA, Maria de Fátima (2000), *op. cit.*, p. 5.

armamento, normalmente, utilizado pelos Persas: a lança curta, o arco, a adaga e o escudo de vime⁷¹⁶. Segundo Heródoto, a indumentária militar persa era composta por túnicas coloridas com mangas, turbantes e couraças, sendo que adotaram as últimas dos Egípcios⁷¹⁷. Com efeito, de acordo com o historiador, a adoção de costumes estrangeiros, nomeadamente daqueles ligados ao prazer e ao luxo, constituía-se como uma prática usual entre os Persas⁷¹⁸. Esse hábito também se verificava no que dizia respeito às roupas persas, que foram substituídas pelo trajo medo por ser mais “elegante”, segundo o autor⁷¹⁹.

Entre os princípios que governavam a sociedade persa, deve ainda ser destacado o protocolo dos Persas referente à punição de crimes. A pena de morte por uma única transgressão era interdita⁷²⁰. Este princípio devia ser observado não só pela generalidade dos Persas, relativamente aos seus servos, como também pelo próprio monarca⁷²¹. O infrator apenas devia ser castigado após um processo de deliberação, em que eram avaliados os seus delitos relativamente aos serviços que prestara⁷²². Caso os primeiros fossem superiores, em número e gravidade, comparativamente com os últimos, determinar-se-ia uma sentença em concordância com as infrações cometidas⁷²³.

Heródoto dá conta da hierarquia que a sociedade persa tinha subjacente através da sua exposição sobre o modo de os Persas se cumprimentarem entre si e as relações que estabeleciam com os outros⁷²⁴. De acordo com o autor grego, a saudação do outro variava consoante a posição social dos indivíduos que se cumprimentavam⁷²⁵. Entre os vários tipos de cortesia, salienta-se o ato de prostração, a proscinense, que devia ser praticada por alguém de estatuto social muito inferior perante um indivíduo de elevada posição social⁷²⁶. Como

⁷¹⁶ Cf. Hdt. 7.61. *Vide* SOARES, Carmen (2005), *op. cit.*, pp. 118-119.

⁷¹⁷ Cf. Hdt. 5.135.1 e 7.61. Veja-se também SOARES, Carmen (2005), *op. cit.*, p. 118.

⁷¹⁸ Cf. Hdt. 5.135.1. Veja-se também FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 150, nota 57.

⁷¹⁹ Cf. Hdt. 1.135.1.

⁷²⁰ Cf. Hdt. 1.137.1. *Vide* GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, pp. 29-30.

⁷²¹ Cf. Hdt. 1.137.1.

⁷²² Cf. Hdt. 1.137.1. Veja-se GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, p. 29.

⁷²³ Cf. Hdt. 1.137.1.

⁷²⁴ Veja-se FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 150, nota 56.

⁷²⁵ Segundo Heródoto, caso estivessem inseridos na mesma categoria social, os Persas beijavam-se nos lábios; se um deles fosse visto como socialmente inferior, então beijavam-se na face ou, ainda neste caso, se a inferioridade social de um fosse considerável por comparação com a posição social do outro, aquele devia prostrar-se perante este (cf. Hdt. 1.134.1). Note-se ainda que a forma de cumprimentar entre os Persas diferia do modo de saudação grega, a qual consistia numa troca verbal de cumprimentos. *Vide* SOARES, Carmen (2005), *op. cit.*, p. 131.

⁷²⁶ Cf. Hdt. 1.134.1. Veja-se também SOARES, Carmen (2005), *op. cit.*, p. 131.

tivemos oportunidade de referir na presente Dissertação, este ritual era polêmico para os Gregos, pois estes consideravam-no um sinal de respeito e de veneração apenas devido aos deuses (e não a um mero mortal)⁷²⁷.

O autor das *Histórias* declara que os Persas se julgavam superiores aos restantes povos e que as suas relações, em termos de respeito e consideração social, com o Outro dependiam de um fator de proximidade⁷²⁸. A reverência que o povo da Pérsia mantinha em relação aos outros obedecia ao seguinte critério: quanto mais afastados esses estivessem dos Persas, menor seria a consideração que estes tinham por aqueles⁷²⁹. Assim sendo, as populações suas vizinhas eram tidas em grande estima, ao passo que as da periferia do império eram vistas como sendo inferiores⁷³⁰. Acrescente-se ainda que, entre as normas de convivência social enunciadas nas *Histórias*, pode-se destacar a interdição de vomitar ou de urinar em público, bem como de falar sobre o que era apontado como “proibido”⁷³¹.

Relativamente à sexualidade e ao matrimónio dos Persas, tal como evocados na obra de Heródoto, pode-se dizer que, se por um lado contrastavam com a cultura grega, por outro, iam ao encontro das práticas gregas. Ao contrário da monogamia helénica, os Persas praticavam a poligamia: além de se casarem com um grande número de mulheres – consideradas suas “esposas legítimas” –, viviam rodeados por concubinas⁷³². Porém, Heródoto nota que a pederastia, praticada precisamente no mundo grego, também tinha o seu lugar no mundo persa⁷³³.

No que toca à religião persa, esta é, essencialmente, caracterizada pelo naturalismo quase panteísta nas *Histórias*: os Persas adoravam e realizavam sacrifícios ao sol, à lua, à

⁷²⁷ *Vide supra*, pp. 61-62.

⁷²⁸ Cf. Hdt. 1.134.2. Refira-se ainda que, para Heródoto, esta hierarquia nasceu de uma herança médica. Contudo, no caso dos Medos, a organização hierárquica estava associada à governação, enquanto, no caso dos Persas, ela operava-se em termos de respeito e consideração social. *Vide FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), op. cit.*, p. 150, nota 56.

⁷²⁹ Cf. Hdt. 1.134.2.

⁷³⁰ Cf. Hdt. 1.134.2. Como Maria de Fátima Silva nota, a distância era tida pelos Persas como um fator de desprestígio social, sendo os povos remotos ou desconhecidos vistos pelos Persas com indiferença ou desprezo. *Vide SILVA, Maria de Fátima (2002), op. cit.*, p. 199, nota 7.

⁷³¹ Cf. Hdt. 1.133.3 e 1.138.1.

⁷³² Cf. Hdt. 1.135.1. Carmen Soares indica que o número de companheiras de um homem era visto como um fator de prestígio em termos sociais. *Vide SOARES, Carmen (2005), op. cit.*, p. 134.

⁷³³ Cf. Hdt. 1.135.1. Note-se que talvez se possa observar neste passo, uma crítica de Heródoto ao costume grego da pederastia. Veja-se GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, p. 31.

terra, ao fogo, à água e aos ventos⁷³⁴. Também é feita uma menção ao deus Ahura-Mazda (confundido por Heródoto com a curva celeste), designado pelo historiador com o que ele considera ser o seu correspondente grego: “Zeus”⁷³⁵. Heródoto ressalta ainda o facto de o indivíduo que efetua o sacrifício ter o dever de solicitar uma graça para o bem da comunidade persa e do soberano e não apenas para seu benefício⁷³⁶. Carmen Soares evidencia também a alusão, que é feita por Heródoto, à presença de um mago (requerida para a execução de um sacrifício). Segundo esta autora, essa presença sugere a existência de uma “classe” sacerdotal, por oposição à sua ausência na organização religiosa dos Gregos⁷³⁷.

Atentemos brevemente nos rituais funerários persas e nas manifestações de luto. Embora Heródoto refira a prática de os cadáveres serem deixados à mercê de animais bravios, antes de serem enterrados, ele mostra-se reticente quanto à generalidade deste procedimento entre os Persas⁷³⁸. O historiador afirma sim, convictamente, que esse seria um costume comum entre os Magos⁷³⁹. Heródoto refere também o hábito de os Persas, antes de um sepultamento (prática aliás semelhante à dos Gregos), untarem o cadáver com cera (sendo o ritual aqui distinto do helénico)⁷⁴⁰. Este procedimento visava respeitar o carácter sagrado do elemento terra, pois, deste modo, ficava inviabilizado o contacto direto entre o cadáver e a terra e a consequente contaminação do divino⁷⁴¹. Por este motivo, a cremação (a que os Gregos recorriam em determinadas ocasiões⁷⁴²) ia contra os princípios religiosos persas, devido ao facto de entre eles o fogo ser também considerado sagrado⁷⁴³. Acrescente-se ainda que, à semelhança de outros povos nas *Histórias*, a exteriorização do luto entre os Persas era

⁷³⁴ Esta descrição é mais uma vez feita pelo autor, tendo por termo de comparação a religião grega (politeísta e caracterizada pelo antropomorfismo dos seus deuses). Cf. Hdt. 1.131.1-2. Vide SOARES, Carmen (2005), *op. cit.*, pp. 137-138. Heródoto explicita o processo requerido para a realização de um sacrifício às divindades em: Hdt. 1.132.

⁷³⁵ O “dualismo” que opõe Ahura-Mazda a Ariman, a divindade do mal, e que constitui um elemento central da religião persa é omitido por Heródoto. Veja-se FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 148, nota 49.

⁷³⁶ Cf. Hdt. 1.132.2. Veja-se BRIANT, Pierre (2002), *op. cit.*, p. 241.

⁷³⁷ Vide SOARES, Carmen (2005), *op. cit.*, p. 144.

⁷³⁸ Veja-se *idem*, *ibidem*, pp. 150-151.

⁷³⁹ Consulte-se *idem*, *ibidem*, p. 151.

⁷⁴⁰ Cf. *idem*, *ibidem*, p. 151.

⁷⁴¹ Consulte-se *idem*, *ibidem*, pp. 151-152.

⁷⁴² Os dois processos funerários eleitos pelos Gregos eram a inumação e a cremação. Acerca destes métodos, *vide idem*, *ibidem*, pp. 164-165.

⁷⁴³ Veja-se *idem*, *ibidem*, pp. 151-152. Pode-se referir, a título de exemplo, o ultraje do cadáver de Amásis cometido por Cambises, sinal da sua insanidade mental latente. Não só Cambises ordenou o maltrato do corpo do rei egípcio, como o mandou queimar no fogo. Desrespeitando, além do νόμος da cultura dos recém-conquistados Egípcios, os princípios da própria religião persa. Cf. Hdt. 3. 16. 2-3.

marcada pelos clamores e arranque de cabelos, acompanhados por uma particularidade oriental: o rasgamento das vestes⁷⁴⁴.

Por fim, evidencie-se ainda que, segundo Gruen, pode ser observada na obra herodotiana uma alusão a uma ligação genealógica entre Gregos e Persas⁷⁴⁵. À semelhança do que pode ser aferido a partir do texto de *Persas* de Ésquilo, os dois povos partilham também um ancestral comum nas *Histórias*: Perseu⁷⁴⁶. Além disso, nesta obra o povo persa terá também recebido o seu nome desse mesmo herói⁷⁴⁷.

4.3 Caracterização do Rei Persa nas *Histórias* de Heródoto⁷⁴⁸

4.3.1 Ciro

A primeira referência a Ciro nas *Histórias* pode ler-se no *logos* dedicado a Cresos, rei da Lídia⁷⁴⁹. Heródoto conta que o monarca lídio começara a projetar uma ofensiva contra os Persas⁷⁵⁰. Estes, sob o comando de Ciro, haviam conquistado o império mídico e o seu poder parecia aumentar cada vez mais, tornando-se uma potencial ameaça aos olhos de Cresos⁷⁵¹. Movido, sobretudo, pelo desejo mais íntimo de alargar o seu domínio e incentivado pela interpretação que fizera das profecias dos oráculos (Cresos julgava contar com o apoio divino

⁷⁴⁴ Cf. Hdt. 8.99.2. Veja-se também SOARES, Carmen (2005), *op. cit.*, p. 168. Esta prática encontra-se presente também na tragédia *Persas* de Ésquilo, como tivemos oportunidade de observar; nomeadamente, na marcha final do Coro em direção ao palácio, chefiada por Xerxes. Cf. Aesch. *Pers.*, vv. 1038-1076.

⁷⁴⁵ Vide GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, pp. 37-38.

⁷⁴⁶ Cf. Hdt. 7.150.

⁷⁴⁷ Cf. Hdt. 6.54 e 7.61.

⁷⁴⁸ A nossa abordagem ao retrato dos soberanos persas em Heródoto baseia-se no modelo de análise que definimos para o estudo da representação da figura do rei da Pérsia nos *Persas* de Ésquilo e na obra de Heródoto. Foi com base nesse modelo que recolhemos a informação das fontes enunciadas e que elaborámos as tabelas do Apêndice 2 que contribuíram para a presente análise (Veja-se Apêndice 2, pp. XVIII-LXXVII). Para uma perspetiva mais focada nas características autocráticas dos monarcas aqueménidas (e de outros “governos de um só”) nas *Histórias*, sugerimos a consulta da tabela “The characteristics of autocrats and their illustration in the *Histories* of Herodotus” de Donald Lateiner. Veja-se LATEINER, Donald, *The Historical Method of Herodotus*, Toronto, University of Toronto Press, 1989, pp. 172-179. Refira-se ainda o estudo de Vernon Provençal, que defende uma perspetiva que considera a construção de um retrato sofisticado dos Persas e dos reis persas em Heródoto. Consulte-se, mais especificamente, para esta visão dos soberanos aqueménidas nas *Histórias*: PROVENÇAL, Vernon L., *Sophist Kings: Persians as Other in Herodotus*, London e New York, Bloomsbury, 2015, pp. 228-243.

⁷⁴⁹ Cf. Hdt. 1.46.1. Pode-se considerar que o primeiro livro das *Histórias* pode ser dividido em dois *logoi*, se excluirmos os seus primeiros cinco capítulos: o *logos* de Cresos (1.6-94) e o *logos* de Ciro (1.95-216). Veja-se FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 3.

⁷⁵⁰ Cf. Hdt. 1.46.1.

⁷⁵¹ Cf. Hdt. 1.46.1.

para o seu empreendimento), o monarca lídio tomou a iniciativa da ofensiva contra os Persas⁷⁵².

Deste modo, ocorreu, um primeiro confronto entre Creso e Ciro na região de Ptéria, na Capadócia, no qual o exército reunido pelo rei persa mostrou ser numericamente superior ao do lídio⁷⁵³. O resultado desta batalha não deixou claro quem saiu vencedor⁷⁵⁴. Creso decidiu então regressar a Sárdis com o intuito de recrutar mais homens para engrossar as suas hostes, pois o seu oponente revelara-se mais numeroso do que ele previra⁷⁵⁵. Não parando sequer para considerar a hipótese de o seu adversário empreender uma contraofensiva, o rei lídio tratou de desmobilizar as suas tropas⁷⁵⁶. Por seu lado, ao ser informado dos planos inimigos, Ciro, após alguma ponderação, decidiu atacar Sárdis⁷⁵⁷. Seria neste local que viria a ocorrer o derradeiro combate entre os dois inimigos⁷⁵⁸. Sárdis acabaria por ser sitiada e, após catorze dias de cerco, capitularia⁷⁵⁹.

A resposta de Ciro a esta ofensiva deixa transparecer, desde logo, a sua capacidade de liderança e de estratégia militar. Inclusivamente, mostra que ele sabe atuar de forma decidida, rápida e eficaz⁷⁶⁰. Atente-se também na reação de Ciro, ao tomar conhecimento das intenções de Creso, quando este se retirara para a capital da Lídia: o soberano persa não se precipitou na sua decisão de avançar contra Sárdis; pelo contrário, refletiu e meditou antes

⁷⁵² Cf. Hdt. 1.71.1. Creso aproveita a oportunidade de neutralizar uma possível futura ameaça persa à sua autoridade e de vingar o seu genro Astiages, o destronado soberano dos Medos, para alargar as fronteiras do seu território. Cf. Hdt. 1.73.1.

⁷⁵³ Cf. Hdt. 1.76 e 1.77.1. Para atingir esta região, Creso havia transposto o rio Hális. A travessia de fronteiras líquidas – rios ou mares –, as quais são definidas pelo divino, constituem um elemento recorrente nas *Histórias*. Geralmente, quando um indivíduo se atreve a transpor uma destas barreiras naturais, acaba por encontrar a morte ou a ruína. Vide FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p.33, nota 69 e SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, p. 4.

⁷⁵⁴ Cf. Hdt. 1.76.4.

⁷⁵⁵ Cf. Hdt. 1.77.1-3.

⁷⁵⁶ Cf. Hdt. 1.77.4. Como veremos, tal como Creso, também Ciro (e os restantes reis persas) viriam, em determinada ocasião, a menosprezar o adversário que tinham pela frente. Esse menosprezo provar-se-ia, normalmente, um erro na estratégia militar persa, conduzindo à derrota. Consulte-se FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 33.

⁷⁵⁷ Cf. Hdt. 1.79.1-2.

⁷⁵⁸ Cf. Hdt. 1.80. Veja-se FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 34. A vitória persa neste confronto deveu-se, em parte, a um estratagema, que foi sugerido por Hárpago a Ciro e que permitiu inutilizar a cavalaria lídia. Após algum tempo de combate, os Lídios acabaram por se retirar para a cidade, a qual viria a ser sitiada (cf. Hdt. 1. 80.2-6). A recorrência ao dolo corresponde a um traço característico da estratégia militar persa em Heródoto. Veja-se FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 46.

⁷⁵⁹ Cf. Hdt. 1.81-84.

⁷⁶⁰ Vide FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 35.

de agir⁷⁶¹. Esta atitude ponderada, característica da personagem no princípio da narrativa de Heródoto, começará mais tarde a desvanecer.

Creso, que fora capturado, foi trazido à presença de Ciro e, por ordem deste, foi mandado subir para uma pira, juntamente com catorze jovens lídios⁷⁶². Heródoto afirma que o rei persa poderá talvez tê-lo feito para testar os deuses, para aferir se a divindade estaria disposta a salvar o rei da Lídia, por ele ser conhecido como piedoso⁷⁶³. Creso teria então compreendido finalmente as palavras que Sólon havia proferido, quando lhe dissera que só se pode avaliar a felicidade de um homem após a sua morte⁷⁶⁴. Ao recordá-lo, Creso pronunciou o nome de Sólon, o que levou Ciro a questioná-lo, por meio dos intérpretes, sobre o que estava a dizer⁷⁶⁵. Tendo escutado a explicação de Creso sobre o diálogo que tivera com Sólon, Ciro reflete sobre o que ouviu⁷⁶⁶. Revê-se, em determinada medida, no indivíduo que estava a condenar à morte e, temendo a punição divina, ordenou que ele e os outros jovens fossem salvos das chamas⁷⁶⁷. Porém, estas não apagavam e Creso teve de invocar Apolo, que interveio sob a forma de chuva para extinguir o fogo. Ciro obtinha assim a resposta ao teste que fizera⁷⁶⁸.

Robert Rollinger nota que sentenciar jovens inocentes a serem queimados vivos e pôr os deuses à prova seria não só uma conduta condenável, como contra as práticas rituais persas. O ato profanava o carácter sagrado do fogo, elemento sacro para os Persas, como será referido por Heródoto mais tarde no texto⁷⁶⁹. Contudo, como o autor sugere, Ciro parece

⁷⁶¹ Cf. Hdt. 1.79.1.

⁷⁶² Cf. Hdt. 1.86.2.

⁷⁶³ Cf. Hdt. 1.86.2.

⁷⁶⁴ Cf. Hdt. 1.86.3. Para o episódio da discussão entre Creso e Sólon, veja-se: Hdt. 1.30-33. Como já aludimos, a ideia de que só se pode avaliar se um indivíduo foi feliz em vida, após a sua morte pode ser também encontrada em *Persas* d'Ésquilo (cf. Aesch., *Pers.*, vv. 709-710).

⁷⁶⁵ Cf. Hdt. 1.86.3-4.

⁷⁶⁶ Cf. Hdt. 1.86.5-6.

⁷⁶⁷ Ciro apercebe-se de que “ele, também um homem, estava a entregar vivo às chamas um homem, cuja prosperidade não fora inferior à sua.” Decide, por isso e porque “nada é seguro entre os homens”, salvar Creso da pira. Cf. Hdt. 1.86.6.

⁷⁶⁸ Cf. Hdt. 1.86.6 e 1.87.1-2. Vide FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 36.

⁷⁶⁹ Consulte-se ROLLINGER, Robert, “Herodotus. iv. Cyrus according to Herodotus”, *Encyclopædia Iranica*, Vol. XII, Fasc. 3, 2004, pp. 260-262. Veja-se também Hdt. 1.131-132. Note-se que, embora Ciro nalgumas ocasiões manifeste uma tendência para desrespeitar o νόμος persa (como pode ser observado no episódio, a que aludimos, de Creso na pira) ou chegue mesmo ao ponto de a transgredir (como no episódio em que ordena a punição do rio Gindes, indo contra os costumes religiosos persas. Cf. Hdt. 1.189), noutras circunstâncias, mostra tê-la em consideração. Pode-se observar este último caso na resposta de Ciro a Lácrines, o qual lhe havia dito que os Espartanos não permitiriam que os Persas destruíssem as cidades gregas (Cf. Hdt. 1.152.3 e 1.153). Ciro replicou que não receava indivíduos que se ludibriavam uns aos outros no centro da sua cidade (o soberano referia-se às práticas comerciais realizadas pelos Gregos na ágora). Cf. Hdt 1.153. A sua reprovação pela atitude

reconhecer a natureza ímpia da sua conduta, arrependendo-se e mandando libertar todos aqueles que condenara⁷⁷⁰. Acrescente-se ainda que, mais tarde, ficaremos a saber da generosidade demonstrada por Ciro para com o antigo monarca lídio, ao decidir conservá-lo junto de si como seu conselheiro⁷⁷¹.

Foi deste modo que o império lídio conheceu o seu fim, sendo anexado ao domínio persa⁷⁷². A narrativa de Heródoto passa então a debruçar-se sobre a emergência e a expansão do império persa, sob o governo de Ciro⁷⁷³. Neste contexto, inclui-se o relato das origens deste rei persa, o seu processo de acessão ao poder e o declínio em que acabará por se precipitar⁷⁷⁴. Heródoto recua no tempo e remete a sua audiência para as circunstâncias do nascimento de Ciro⁷⁷⁵.

O historiador conta que o rei dos Medos, Astíages, na sequência de dois sonhos que tivera sobre a sua filha, procurou em vão impedir a concretização do destino profetizado por essas visões⁷⁷⁶. Estas haviam sido interpretadas pelos Magos da corte médica como um prenúncio do nascimento de um herdeiro poderoso, que viria a apossar-se do trono de

de enganar o outro aparenta ir ao encontro do νόμος persa de falar sempre a verdade. Como vimos no subcapítulo anterior, os Persas consideravam a mentira como o ato mais reprovável de todos e, em segundo lugar, condenavam a contração de dívidas, pois esta última muitas vezes conduzia à falsidade. *Vide supra*, p. 99.

⁷⁷⁰ Veja-se ROLLINGER, Robert (2004), *op. cit.*, pp. 260-262. Como Avery salienta, Ciro tinha noção da existência de poderes de origem divina, que se encontram acima da condição humana. Ele sabe que as coisas humanas possuem um carácter efêmero e que a fortuna pode mudar a qualquer altura. Por este motivo, ele teme a punição divina (τίσις) que pode advir dos seus atos. *Vide* AVERY, H. C., “Herodotus’ picture of Cyrus”, *The American Journal of Philology*, vol. 93, 1972, p. 537.

⁷⁷¹ Cf. Hdt. 1.88; 1.155-156. Como veremos, ao longo da nossa exposição, os monarcas persas das *Histórias* mostram, em várias ocasiões, magnanimidade para com o inimigo derrotado (como se observa no caso de Ciro para com Cresos).

⁷⁷² Avery define as razões que contribuíram para Ciro ser bem-sucedido na campanha contra a Lídia: consulte-se AVERY, H. C. (1972), *op. cit.*, p. 537.

⁷⁷³ *Vide* FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 38 e WATERS, K. H. (1971), *op. cit.*, p. 50.

⁷⁷⁴ Immerwahr observa a existência de padrões na obra de Heródoto, inclusivamente daquilo a que ele chama de “padrão da ascensão e declínio do governante” (cf. IMMERWAHR, H. R. (1986), *op. cit.*, p. 76). De acordo com este autor, o mencionado padrão é constituído por três componentes: a origem do governante, o princípio do seu reinado até atingir o auge do seu poder, e o resto do seu reinado, bem como os acontecimentos que conduzem ao declínio da personagem (se não mesmo, à sua destruição). Consulte-se IMMERWAHR, H. R. (1986), *op. cit.*, pp. 75-78.

⁷⁷⁵ Cf. Hdt. 1.107-113.

⁷⁷⁶ No seu primeiro sonho, Astíages viu a Ásia ficar completamente alagada pela urina da sua filha, Mandane (cf. Hdt. 1.107.1). Não muito tempo depois de ter dado a mão da filha a um persa de estirpe inferior, o rei medo viu-se acometido por um outro sonho: desta vez, Mandane dava à luz uma vinha, cujos ramos se estendiam por todo o território asiático (cf. Hdt. 1.108.1).

Astíages⁷⁷⁷. Numa tentativa de garantir uma descendência débil e incapaz de desafiar a sua autoridade, o rei medo começou por dar a filha em matrimónio a Cambises, um persa de condição social inferior⁷⁷⁸. Posteriormente, após ter tido o seu segundo sonho, Astíages tentou também livrar-se da criança nascida dessa união⁷⁷⁹. Incumbiu então Hárpago, o seu homem de maior confiança e seu parente, dessa missão⁷⁸⁰. Por sua vez, este encarregou o boieiro real de a cumprir⁷⁸¹. Porém, o boieiro não executou as ordens dadas, acabando por criar o menino, que havia sido condenado à morte (e que, mais tarde, viria a ser chamado de Ciro), como seu filho adotivo⁷⁸².

Dez anos depois, o menino Ciro foi convocado à presença de Astíages por causa de uma desavença numa brincadeira infantil: Ciro tinha sido escolhido para fazer de rei, papel que representara com grande naturalidade, e punira o filho de um aristocrata por não lhe obedecer⁷⁸³. Ao observá-lo, Astíages suspeitou da verdadeira identidade da criança, por causa

⁷⁷⁷ Cf. Hdt. 1.107.2 e 1.108.2. Cristina Abranches Guerreiro refere que, no livro de sonhos assírio da biblioteca de Assurbanipal e num tratado medieval que contém uma exegese onírica da Pérsia, da Babilónia, do Egito e da Índia, a urina encontra-se representada, várias vezes, como um presságio de descendência (veja-se GUERREIRO, Cristina Abranches (2002), *op. cit.*, p. 60, nota 3). A autora alude também à videira, tida, desde tempos antigos, como símbolo de vida, fertilidade e abundância. Para os Persas, a vinha constituía-se como uma imagem associada à realeza (e assumia, especialmente, uma conotação de abundância neste caso. *Vide* GUERREIRO, Cristina Abranches (2002), *op. cit.*, pp. 61-62 e p. 62, nota 8). Ainda como nota Cristina Abranches Guerreiro, tanto a urina como a videira prenunciam o nascimento de Ciro. A autora indica também que a região territorial coberta quer pela urina, quer pelos ramos da vinha provenientes de Mandane, constitui uma referência à expansão do império sob a égide de Ciro. Cf. GUERREIRO, Cristina Abranches (2002), *op. cit.*, pp. 60-62. Para um aprofundamento deste tema, sugerimos a consulta do capítulo I da Tese de Doutoramento da mesma autora: veja-se GUERREIRO, Cristina Abranches (1999), *op. cit.*, pp. 33-84.

⁷⁷⁸ Cf. Hdt. 1.107. 2.

⁷⁷⁹ Cf. Hdt. 1.108. 2-4. *Vide* FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, pp. 38-39 e GUERREIRO, Cristina Abranches (2002), *op. cit.*, pp. 59-60.

⁷⁸⁰ Cf. Hdt. 1.108.3-5.

⁷⁸¹ Cf. Hdt. 1.110.

⁷⁸² Cf. Hdt. 1.111-113.

⁷⁸³ Cf. Hdt. 1.114-115. Maria de Fátima Silva nota que é significativo o facto de a conduta do menino Ciro, na referida brincadeira de crianças, apresentar semelhanças com as medidas políticas tomadas pelo seu antepassado medo, Déjoces, nos alvares do seu reinado (segundo Heródoto, os alicerces da monarquia persa podiam ser encontrados no tempo do reinado do soberano medo, Déjoces. Cf. SILVA, Maria de Fátima (2002), *op. cit.*, pp. 196-198). De modo idêntico ao que foi requerido por Déjoces aos seus compatriotas, Ciro encarregou algumas crianças de lhe construírem uma casa, a outras designou para o seu corpo de guarda, elegendo um dos meninos para ser o “olho do rei”, e incumbindo outro de lhe trazer as mensagens (cf. Hdt. 1.114.2). Maria de Fátima Silva verifica ainda a relevância de um acrescento feito pelo menino Ciro a estas diligências: a punição severa de quem desobedecesse às suas ordens. Como salienta esta investigadora, esta atitude de demonstração de poder e de supremacia encontra-se, normalmente, associada aos soberanos persas (embora possa ser também observada no caso de Astíages, no castigo de extrema dureza que aplica a Hárpago por não ter cumprido as suas ordens. *Vide* SILVA, Maria de Fátima (2002), *op. cit.*, p. 199, nota 6). Evidencie-se ainda que, uma vez que o rei persa detinha uma autoridade absoluta e incontestável, o poder que ele exercia sobre os seus súbditos, quando levado ao extremo, podia significar a condenação à morte de um subalterno. Nas palavras de Maria de Fátima

da sua idade, das parecenças físicas com ele próprio e de o seu comportamento se assemelhar ao de um nobre⁷⁸⁴. Confirmadas as suas suspeitas, o soberano medo castigou severamente Hárpago por desobediência⁷⁸⁵. Astíages julgou então, erradamente, que o presságio dos seus sonhos se concretizara através da eleição de Ciro como rei na referida brincadeira⁷⁸⁶. Como o neto já não se afigurava como uma ameaça ao seu poder, o monarca decidiu enviar o rapaz para a Pérsia para junto dos pais⁷⁸⁷. Os pais rejubilaram e acolheram o filho que pensavam ter perdido⁷⁸⁸.

Entretanto, Ciro cresceu e tornou-se jovem, ostentando qualidades superiores aos demais da sua idade⁷⁸⁹. Distinguiu-se, segundo diz Heródoto, pela sua bravura e delicadeza⁷⁹⁰. Um dia, Ciro recebeu uma proposta de Hárpago (que continuava ressentido com Astíages) para destronar o avô e se vingar do mal que este lhe tentara infligir enquanto criança⁷⁹¹. A sua intervenção devia ser rápida para aproveitar o clima de insatisfação, instigado pelo próprio Hárpago, que rodeava o monarca medo⁷⁹². Hárpago sublinhara na sua carta a Ciro que, tendo em conta as circunstâncias do nascimento deste, a divindade parecia favorecê-lo: em parte, Ciro fora salvo graças à intervenção divina⁷⁹³.

Ciro ponderou então a melhor forma de agir e, depois de ter tomado uma decisão, foi, determinado, ao encontro dos Persas⁷⁹⁴. Astuciosamente, recorreu a um estratagema para lhes mostrar as duas possibilidades de vida que poderiam ter: uma de cansaço e escravidão e outra

Silva, o monarca persa detinha “o poder – levado ao limite da vida ou da morte – sobre os seus súbditos”. Veja-se SILVA, Maria de Fátima (2002), *op. cit.*, pp. 198-199.

⁷⁸⁴ Cf. Hdt. 1.116.1. A natureza e comportamento régios do futuro soberano persa podem ser vistos como uma herança do lado materno de Ciro. *Vide* IMMERWAHR, H. R. (1986), *op. cit.*, p. 164.

⁷⁸⁵ Cf. Hdt. 1.117-119.

⁷⁸⁶ Cf. Hdt. 1.120.

⁷⁸⁷ Cf. Hdt. 1.120. Immerwahr nota que esta história das origens de Ciro apresenta semelhanças com o antigo mito da “criança divina”. Esta parte da narrativa de Heródoto contém, como acabámos de observar, vários elementos que nos remetem para o referido mito: o nascimento miraculoso, exposição, sobrevivência e descoberta do menino que viria, mais tarde, a tornar-se o fundador de um império ou protagonista de uma história régia. Veja-se IMMERWAHR, H. R. (1986), *op. cit.*, pp. 161-162. Este tópico pode ser encontrado no corpus mitológico grego, designadamente, por exemplo, no mito de Édipo. As previsões de que no futuro Édipo acabaria por matar o seu pai (Laio) e casar com a própria mãe (Jocasta) levaram a que o menino fosse abandonado para morrer. No entanto, Édipo miraculosamente sobreviveria e traria consigo a desgraça predestinada e inevitável que assolaria a sua família e a cidade de Tebas.

⁷⁸⁸ Cf. Hdt. 1.122.1.

⁷⁸⁹ Cf. Hdt. 1.123.1.

⁷⁹⁰ Cf. Hdt. 1.123.1.

⁷⁹¹ Cf. Hdt. 1.123.2-4 e 1.124.

⁷⁹² Cf. Hdt. 1.124.1-3. *Vide* FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 41.

⁷⁹³ Cf. Hdt. 1. 124. 1-2. Veja-se idem, *ibidem*, p. 42.

⁷⁹⁴ Observamos novamente, neste passo, o carácter prudente e ponderado de Ciro. Cf. Hdt. 1.125.1-2.

de deleite e liberdade⁷⁹⁵. Ciro disse-lhes que, caso desejassem alcançar a última, deviam insurgir-se contra Astíages⁷⁹⁶, apresentando-se-lhes então como líder capaz de os comandar na guerra contra os Medos e assumindo-se como um “predestinado dos deuses” (θεϊνὴ τύχη) para realizar essa missão⁷⁹⁷. Persuadidos por Ciro, os Persas, que há muito aspiravam à libertação da autoridade médica, revoltaram-se⁷⁹⁸.

Atente-se, por um instante, na caracterização de Ciro neste passo: é introduzido aqui o seu retrato como libertador dos Persas relativamente ao poderio dos Medos, a que estavam subordinados⁷⁹⁹. Esta ideia de que foi Ciro quem conduziu o povo persa à liberdade e à prosperidade, salvando-os da escravidão, será, posteriormente, repetida várias vezes ao longo das *Histórias*⁸⁰⁰. Harry C. Avery indica que será precisamente após a morte da personagem

⁷⁹⁵ Cf. Hdt. 1.125.2 e 1.126.

⁷⁹⁶ Cf. Hdt. 1.126.5.

⁷⁹⁷ Cf. Hdt. 1.126.6. De acordo com Immerwahr, terá sido Hárpago o responsável pela implementação no pensamento de Ciro da crença de que, depois de nascer, este foi salvo da morte certa, graças a uma intervenção divina (veja-se IMMERWAHR, H. R. (1986), *op. cit.*, p. 165). De facto, não muito depois de ter lido a carta de Hárpago, Ciro parece reconhecer, ou pelo menos assume-se como tal, ser um “predestinado dos deuses”, conforme referimos (cf. FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 42). Em certa medida, essa convicção de Ciro de que contava com o apoio divino poderá também ter sido alimentada pelos seus pais. Com efeito, segundo Heródoto, os pais de Ciro, quando reencontraram o filho que julgavam morto, incentivaram a circulação de uma história, entre os Persas, sobre a salvação de Ciro, segundo a qual este teria sido alimentado por uma cadela. Deturparam a verdade para enaltecer o filho aos olhos dos Persas, fazendo-os pensar que Ciro teria, de alguma forma, um carácter divino. Cf. Hdt. 1.122.3. *Vide* FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 46. Segundo Immerwahr, a convicção de Ciro de que era afortunado e favorecido pelo divino acabaria por causar a sua própria ruína, na expedição contra os Masságetas, como veremos. *Vide* IMMERWAHR, H. R. (1986), *op. cit.*, pp. 165-166.

⁷⁹⁸ Cf. Hdt. 1.127.1.

⁷⁹⁹ Consulte-se AVERY, H. C. (1972), *op. cit.*, pp. 530-531.

⁸⁰⁰ Harry C. Avery refere que são feitas várias alusões ao retrato de Ciro como libertador dos Persas ao longo da obra herodotiana, nomeadamente em passos decisivos como: o diálogo entre Histaspes e Ciro, antes de o último se lançar num confronto fatal (cf. Hdt. 1.210.2) e num dos argumentos de Dario, aquando do debate sobre o modo de governo que devia ser instituído no território persa (cf. Hdt. 3.82.5). *Vide* AVERY, H. C. (1972), *op. cit.*, pp. 531-532. Saliente-se ainda que, conforme Avery afirma, a noção de liberdade persa é distinta da de liberdade grega em Heródoto. A liberdade persa, que é conquistada graças a Ciro, implica o governo de outros povos: ou escolhem ser súbditos de outrem e, portanto, são escravos; ou optam por ser senhores livres e reinam sobre outrem. A ideia de Ciro como libertador do povo persa está intimamente ligada a este conceito: foi ele quem conduziu os Persas à liberdade, através da subjugação do império médico. Os Persas tornaram-se os governantes e os Medos passaram a ser seus súbditos. Ao contrário desta noção, a liberdade grega não pressupõe o governo sobre outrem: como Avery refere, a liberdade helénica corresponde àquela que Otanes pretende alcançar ao retirar a sua candidatura a soberano da Pérsia: ele não deseja governar nem ser governado. Cf. AVERY, H. C. (1972), *op. cit.*, p. 532, nota 10. Acrescente-se ainda que talvez se possa ser considerada a existência, de certo modo, desta imagem positiva de Ciro também nos textos bíblicos, designadamente no Livro de Esdras. Neste livro, Ciro é apresentado como o benigno responsável do retorno dos Judeus a Judá (anteriormente estes haviam sido deportados de Judá para a Babilónia, aproximadamente por volta de 586/7 a.C., no seguimento da conquista do reino de Judá por Nabucodonosor II, rei da Babilónia). Além disso, o soberano persa terá autorizado a reconstrução do templo de Jerusalém. Ciro poderá afigurar-se, assim, de certa forma, como uma espécie de libertador dos Judeus (nos textos bíblicos). Pelo menos, pode-se considerar que, segundo consta no Livro de Esdras, as referidas medidas tomadas por Ciro terão trazido prosperidade ao povo

de Ciro na obra que o supracitado retrato deste rei (isto é, como fundador e libertador do povo persa) passará a ser mais visível nas *Histórias*⁸⁰¹. Saliente-se ainda que a representação de Ciro como uma figura paternal, benevolente – assim recordado pelos Persas em 3.89.3 –, encontra-se intimamente ligada à imagem do rei acima descrita⁸⁰².

Retomando a narrativa anterior, foi no contexto da revolta dos Persas contra os Medos que teve lugar a primeira campanha militar de Ciro⁸⁰³. Este travou batalha com Astíages e saiu vitorioso⁸⁰⁴. Mais uma vez, Ciro mostra sinais de benevolência para com o adversário vencido: Heródoto assevera de que o neto manteve o avô junto de si até este morrer, sem lhe infligir qualquer espécie de mal⁸⁰⁵. É deste modo que, subjogado o império medo, Ciro ascende ao trono. Não muito tempo depois, viria a ter lugar a já referida guerra contra a Lídia, desencadeada por Cresos, e à qual Ciro tivera de responder em defesa do seu povo e território⁸⁰⁶. Aos triunfos destas duas campanhas seguir-se-ia uma sequência contínua de êxitos militares até à expedição contra os Masságetas, a qual se revelaria fatal para o soberano persa⁸⁰⁷.

Antes de nos debruçarmos sobre esses êxitos militares, gostaríamos de atentar no episódio em que é narrada, por Ciro, a chamada fábula dos peixes⁸⁰⁸. Após a queda da Lídia, os Iónios e os Eólios apressaram-se a enviar emissários ao soberano persa, prestando-se a

judeu. Cf. KUHRT, Amélie, *The Persian Empire: A corpus of sources from the Achaemenid Period*, London e New York, Routledge, 2010, pp. 10 e 49.

⁸⁰¹ Veja-se AVERY, H. C. (1972), *op. cit.*, p. 531. Consulte-se também WATERS, K. H. (1971), *op. cit.*, p. 52.

⁸⁰² Heródoto informa que os Persas consideravam Ciro um pai (πατήρ), uma vez que ele era “benevolente e lhes proporcionava todos os bens” (ὁ δὲ ὅτι ἡπιός τε καὶ ἀγαθὰ σφι πάντα ἐμηχανήσατο). Cf. Hdt. 3.89.3. Vide AVERY, H. C. (1972), *op. cit.*, p. 536.

⁸⁰³ Veja-se FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 42.

⁸⁰⁴ Cf. Hdt. 1.127-128.

⁸⁰⁵ Cf. Hdt. 1.130.3. Talvez pudesse ser observado neste passo um vislumbre da faceta privada de Ciro, no que diz respeito à sua relação com o seu avô. Porém, como tivemos oportunidade de referir, após a tomada de Sárdis, Ciro também demonstra magnanimidade para com Cresos (*vide supra*, pp. 105-106). Esta atitude parece, assim, ser de carácter político: como veremos, esta conduta é também demonstrada pelos seus sucessores. Se algum motivo pessoal pesou também na decisão de Ciro relativamente a Astíages, o texto de Heródoto não o deixa claro. Assim como, por exemplo, não se encontra explícito se as recomendações dadas por Ciro a Cresos, referentes a Cambises, teriam por detrás, além de razões políticas – preocupação para com destino do seu herdeiro e do seu legado –, alguma preocupação paternal (Cf. Hdt. 3.36.2-3). Na nossa análise da obra, não deparámos com dados suficientes, expostos de forma clara e explícita, que permitam aferir traços inequívocos daquela que poderia ser a faceta privada de Ciro nas *Histórias* (conforme pode ser observado na tabela 2.8 do Apêndice 2, em que não se inclui nenhuma referência relativa a Ciro. Veja-se Tabela 2.8, p. LXXIII). Restamos, por isso, concluir que Heródoto parece ter optado por se focar mais na caracterização do fundador do império persa enquanto figura pública.

⁸⁰⁶ Cf. Hdt. 1.130.3.

⁸⁰⁷ Consulte-se FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 44.

⁸⁰⁸ Cf. Hdt. 1.141.

homenageá-lo⁸⁰⁹. Esperavam obter dele as mesmas condições que possuíam quando estavam sob o domínio de Cresos⁸¹⁰. Ao seu requerimento, o novo rei respondeu com um conto: um tocador de flauta tocara a sua música junto ao mar, na esperança de que os peixes saltassem para terra; porém, os animais não o fizeram, o que levou o músico a pescá-los com uma rede; disse-lhes então, enquanto se debatiam, para acabarem com a sua dança, pois não tinham saltado nem dançado para terra quando ele tocara⁸¹¹. Ciro pretendia com esta história dizer que, se antes os Iónios e os Eólios haviam recusado a sua proposta de se revoltarem contra Cresos, mal tomou Sárdis, esses vieram prestar-lhe vassalagem⁸¹².

Para Brosius esta fábula sintetiza, de certa forma, a atitude do monarca persa no que toca à diplomacia⁸¹³. Se a outra parte interessada se submetesse e aceitasse os termos da proposição do soberano para uma relação pacífica, podia contar com o apoio da Pérsia⁸¹⁴. Na eventualidade de não concordar com as condições da oferta (ou de aceder demasiado tarde a ela, como sucedera no caso em análise), as negociações diplomáticas cessavam e davam lugar a um conflito militar⁸¹⁵. Assim sendo, não é de admirar que Ciro tenha enviado uma expedição contra os Iónios e Eólios⁸¹⁶. Refira-se também que, no caso de as cláusulas do acordo serem quebradas, o infrator seria severamente punido⁸¹⁷.

⁸⁰⁹ Cf. Hdt. 1.141.1.

⁸¹⁰ Cf. Hdt. 1.141.1.

⁸¹¹ Cf. Hdt. 1.141.1-3. Erich Gruen observa e salienta, relativamente a este passo, assim como a outros episódios (cf. Hdt. 1.90; 1.127 e 1.153), sinais da perspicácia e da sagacidade do fundador do Império Persa. *Vide* GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, pp. 33-34. Kenneth Waters vê, neste passo (entre outros: cf. Hdt. 1.90; 1.127 e 1.153), indícios de um sentido de humor inerente ao carácter de Ciro. Esta característica, no entender deste autor, corresponde a um traço peculiar da personagem, não compartilhado pelos seus sucessores. Veja-se WATERS, K. H. (1971), *op. cit.*, p. 51.

⁸¹² Cf. Hdt. 1.141.3.

⁸¹³ *Vide* BROSIUS, Maria, “Persian diplomacy between “Pax Persica” and “Zero-Tolerance”” in WILKER, Julia (ed.), *Maintaining Peace and Interstate Stability in Archaic and Classical Greece*, Mainz, Verlag Antike, 2012, p. 152.

⁸¹⁴ Consulte-se *idem*, *ibidem*, pp. 152-153.

⁸¹⁵ Cf. *idem*, *ibidem*, pp. 152-153.

⁸¹⁶ Ciro, ambicionando já a conquista da Babilónia, delegou a chefia da campanha contra a Iónia a generais da sua confiança: Mazares e Hárpago. O último viria a tomar o lugar de comando do primeiro, após a sua morte. Cf. Hdt. 1.153.3-4 e 1.162. Veja-se FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 44.

⁸¹⁷ Veja-se BROSIUS, Maria (2012), *op. cit.*, p. 152. O modo de proceder, em termos políticos, dos soberanos persas nas *Histórias* parece, de certa forma, ir ao encontro da atuação do rei no que toca à diplomacia. Como veremos ao longo da nossa exposição, geralmente, a atitude política dos monarcas aqueménidas em Heródoto aparenta também (ou, pelo menos, apresenta uma tendência para) oscilar entre dois extremos: a demonstração de generosidade e/ou de magnanimidade ou a punição severa. Para uma perspetiva histórica sobre a diplomacia persa, baseada na análise de fontes gregas e não-gregas, consulte-se o já citado artigo de Brosius: BROSIUS, Maria (2012), *op. cit.*, pp. 150-164.

Acrescente-se ainda que, neste passo, deparamos, pela primeira vez nas *Histórias*, com um Ciro dominado pela cólera (ὄργῃ ἐχόμενος), quando dá a sua resposta aos mensageiros⁸¹⁸. Essa ira, que pode ser vista como uma característica temperamental hereditária, apoderar-se-ia gradualmente do rei⁸¹⁹. De facto, não muito depois no texto, encontramos um Ciro encolerizado por saber da traição do lídio Páctias⁸²⁰. Antes de partir da recém-conquistada cidade de Sárdis, Ciro incumbira esse indivíduo da transferência dos tesouros lídios⁸²¹. Porém, Páctias provara ser desleal, incentivando os Lídios a revoltarem-se contra o soberano persa⁸²². Ao tomar conhecimento do sucedido, Ciro, apesar da sua ira, resolveu procurar conselho junto de Creso⁸²³. A sua fúria acabou então por ser apaziguada pelas palavras do ex-governante da Lídia⁸²⁴. No final, Ciro optou por seguir as recomendações dadas por Creso, agindo com alguma moderação⁸²⁵.

Entretanto, o monarca persa resolveu dedicar-se pessoalmente à conquista de diferentes povos da Ásia, “sem omitir nenhum”⁸²⁶. A conduta de Ciro começava a exteriorizar, cada vez mais, uma tendência para o exagero e para a ambição desmesurada. O empreendimento seguinte foi a tomada da Babilónia, sede de poder do império assírio e que,

⁸¹⁸ Heródoto explicita que as “palavras do rei eram ditadas pela cólera”. Cf. Hdt. 1.141.4. Veja-se FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 43.

⁸¹⁹ De acordo com Harry C. Avery, o texto de Heródoto revela que o avô de Ciro, Astíages, e o pai deste, Ciaxares, mostravam uma tendência para se deixarem dominar pela cólera. No caso de Astíages, a sua ira (manifestada nos seus atos cruéis) esteve na origem da sua própria queda. O autor verifica ainda que Ciro é o único dos descendentes diretos de Astíages que, geralmente (pelo menos, numa fase inicial), detém algum controlo sobre o seu ímpeto colérico (sabemos que, eventualmente, o soberano persa viria a deixar-se dominar pela paixão). Segundo Avery, Cambises e Xerxes possuem também uma predisposição para a ira, mas não a conseguem reprimir. Por seu lado, Dario não sofre deste mal, uma vez que não tinha laços de sangue diretos com a casa de Astíages. A sua ligação a esta família restringe-se ao seu matrimónio com Atossa, filha de Ciro. *Vide* AVERY, H. C. (1972), *op. cit.*, p. 543.

⁸²⁰ Heródoto refere que Creso, preocupado com o povo lídio, aconselhou Ciro a não se deixar dominar pela sua ira. Cf. Hdt. 1.155. Veja-se FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 43.

⁸²¹ Cf. Hdt. 1.153. 3.

⁸²² Cf. Hdt. 1.154

⁸²³ Cf. Hdt. 1.155. 1-2.

⁸²⁴ Cf. Hdt. 1.155-156.

⁸²⁵ Cf. Hdt. 1.156.2. Consulte-se FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 43.

⁸²⁶ Heródoto diz que, enquanto Hárpagos conquistava as regiões inferiores asiáticas, Ciro tratava de dominar as regiões superiores do continente. Refira-se que o autor esclarece ainda que não abordará todas as expedições organizadas por Ciro, apenas aquelas que considera mais importantes. Cf. Hdt. 1.177. Veja-se FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 44.

à altura, se erguia na sua imponência e prestígio⁸²⁷. Ciro fez questão de assumir ele próprio a liderança da expedição⁸²⁸.

Ao comando do seu exército, Ciro avançou em direção à Babilônia, numa marcha ostentosa, que incluía o transporte de vasos de prata com água fervida do Coaspes, a única que o rei consumia⁸²⁹. Chegado ao rio Gindes, o soberano preparou-se para transpor essa fronteira determinada pelo divino. Porém, sucedeu que um dos cavalos brancos sagrados de Ciro, ao tentar atravessar, foi arrastado pela corrente e afogou-se⁸³⁰. Completamente dominado pela ira, o soberano ameaçou castigar e enfraquecer o rio por esta afronta⁸³¹. E dito isso, Ciro suspendeu a campanha (durante quase um ano) para se vingar do curso de água⁸³². Assim, ordenou a escavação de vários canais com o objetivo de enfraquecer o caudal do rio⁸³³.

Além de a punição do Gindes constituir um sinal de ὄβρις, ela ia contra os costumes religiosos persas, conforme Rollinger observa. Com efeito, Heródoto assevera que o rio era visto como sagrado pelos Persas⁸³⁴. Ciro parecia ter perdido o seu sentido de sensatez, permitindo, pela primeira vez, que a cólera se sobrepusesse ao bom discernimento⁸³⁵. Note-se ainda que Ciro cometia também, desta forma, um erro estratégico, pois o adiamento do empreendimento poderia ter comprometido a operação militar na sua totalidade⁸³⁶.

Finalmente, depois de ter saciado o seu desejo de vingança contra o rio, Ciro avança contra a Babilônia e acaba por tomar rapidamente a cidade⁸³⁷. Esta era considerada

⁸²⁷ A cidade era célebre pela sua riqueza e beleza, como a extensa descrição feita por Heródoto revela. Cf. Hdt. 1.178-184. Refira-se que Heródoto apenas descreve as campanhas que ele considera mais relevantes. Cf. Hdt. 1.177.

⁸²⁸ Cf. Hdt. 1.153. 4.

⁸²⁹ Cf. Hdt. 1.188.

⁸³⁰ Cf. Hdt. 1.189.1.

⁸³¹ Cf. Hdt. 1.189.2.

⁸³² Cf. Hdt. 1. 189. 3-4 e 1. 190. 1.

⁸³³ Cf. Hdt. 1. 189. 3.

⁸³⁴ Veja-se IMMERSWAHR, H. R. (1986), *op. cit.*, p. 166 e ROLLINGER, Robert (2004), *op. cit.*, pp. 260-262.

⁸³⁵ Consulte-se AVERY, H. C. (1972), *op. cit.*, p. 543 e FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, pp. 44-45.

⁸³⁶ Vide FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 45.

⁸³⁷ Cf. Hdt. 1.190-191. Heródoto relata que, na cidade da Babilônia, podiam ser encontrados um túmulo mandado erguer pela rainha Nitócris, e uma estátua de ouro com doze polegadas de altura, que existia num templo (cf. Hdt. 1.183.2 e 1.187.1. Note-se que Heródoto tem o cuidado de se salvaguardar relativamente à veracidade da existência da estátua ou não, afirmando o seguinte: “Pessoalmente não a vi, apenas repito as afirmações dos Caldeus.” Cf. 1.183.2-3). O autor dá conta (ou deixa implícito) que, tanto o túmulo como a estátua se conservaram no seu lugar durante o reinado de Ciro (cf. Hdt. 1.183.2 e 1.187.3). A conduta posterior dos seus sucessores contrasta significativamente com a do primeiro soberano persa: Dario violou o referido túmulo e Xerxes confiscou, pela força, a estátua (analisaremos estes casos nos subcapítulos 4.3.3 e 4.3.4, respetivamente). Talvez possam ser observados nestes episódios indícios de uma política de tolerância, seguida

inexpugnável, mas, graças ao recurso ao dolo, capitulou⁸³⁸. Mal terminara de subjugar este povo, o monarca já ambicionava dominar outro: os Masságetas, que são descritos na obra como um oponente poderoso⁸³⁹. O destino parecia sorrir ao afortunado Ciro e tudo aparentava correr a seu favor e facilitar-lhe a conquista dos novos territórios. Ele não poderia, contudo, adivinhar o infortúnio que se avizinhava e para o qual caminhava.

Heródoto aponta, como motivo deste novo projeto de conquista, por um lado, a crença e convicção de Ciro de que era superior aos comuns mortais⁸⁴⁰. Por outro lado, o excesso de sorte (εὐτυχίη) que favorecera o rei em todos os seus empreendimentos, até àquele momento, constituiu outro fator de relevo⁸⁴¹. Tornou-se evidente que a atitude refletida, prudente e sensata de Ciro desaparecera⁸⁴². Ao ponto de ele nem sequer colocar a hipótese de sofrer um revés na sua maré de sorte⁸⁴³.

Primeiro, o monarca tentou recorrer ao dolo, fazendo um pedido de casamento a Tómiris, a rainha dos Masságetas⁸⁴⁴. Porém, a soberana compreendeu as suas verdadeiras intenções e não aceitou a proposta matrimonial⁸⁴⁵. Tómiris aconselhou-o a não atacar e a regressar à Pérsia⁸⁴⁶. Como sabia que o seu adversário não iria escutar esta advertência, a rainha masságeta apresentou-lhe duas alternativas para travarem combate: convidou-o a invadir o seu território ou a esperar que as tropas masságetas fossem ao seu encontro⁸⁴⁷. Perante a sugestão de Tómiris, Ciro reuniu os seus conselheiros, visando tomar uma decisão sobre como deveria proceder⁸⁴⁸. No final, o monarca acaba por seguir o conselho de Cresos,

por Ciro, perante a cultura e religião dos povos conquistados (embora, perante a revolta dos recém-dominados Lídios, o primeiro impulso de Ciro tenha sido escravizá-los, ele acabou por não o fazer, graças ao conselho de Cresos. Cf. Hdt. 1.155-156). Ao contrário do que acontece com os reis persas seguintes – apesar de se subentender que a estátua e o túmulo da Babilónia permaneceram intactos durante o governo de Cambises, este monarca cometeu atrocidades contra outros povos submetidos, como veremos no subcapítulo 4.3.2 –, parece não haver nas *Histórias* uma associação direta de Ciro a atos de desrespeito para com os costumes dos povos que submetera. Maria de Fátima Silva considera a adoção de uma política de respeito pela cultura e religião locais, efetuada por Ciro, na recém-conquistada Babilónia. Veja-se SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, p. 9.

⁸³⁸ Cf. Hdt. 1.191.1. Veja-se também FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 46.

⁸³⁹ Cf. Hdt. 1.201.1.

⁸⁴⁰ Cf. Hdt. 1.204.2.

⁸⁴¹ Cf. Hdt. 1.204.2.

⁸⁴² Vide FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, pp. 46-47.

⁸⁴³ Cf. idem, *ibidem*, p. 46.

⁸⁴⁴ Cf. Hdt. 1.205.1. Veja-se FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 47.

⁸⁴⁵ Cf. Hdt. 1.205.1.

⁸⁴⁶ Cf. Hdt. 1.206.1.

⁸⁴⁷ Cf. Hdt. 1.206.2-3.

⁸⁴⁸ Cf. Hdt. 1.206.3.

que propôs a travessia para o terreno masságeta (o que implicava atrever-se a transpor a barreira líquida do rio Araxes) e o recurso a um ardil⁸⁴⁹, que envolvia o sacrifício das tropas mais fracas do exército persa e o massacre do inimigo, uma vez embriagado⁸⁵⁰.

Entretanto, não muito depois de ter atravessado o Araxes, Ciro teve um sonho profético sobre Dario, filho de Histaspes, o qual interpretou erradamente⁸⁵¹. O monarca persa deixa-se iludir pela convicção de que, através dessa visão onírica, a divindade o estava a avisar de um potencial usurpador: Dario⁸⁵². Na sua ignorância, Ciro pensa poder alterar o rumo do destino com a detenção do então jovem Dario, tendo mandado Histaspes regressar a Susa para esse efeito⁸⁵³. Porém, não era essa a vontade dos deuses.

Finalmente, os exércitos persa e masságeta travam um combate violento⁸⁵⁴. Durante a contenda, Ciro acaba por morrer e Tómiris vinga-se da morte do seu filho, ultrajando o cadáver do rei persa: a rainha dos Masságetas ordena que a cabeça de Ciro seja mergulhada num odre cheio de sangue⁸⁵⁵. A rainha concretiza, deste modo, a ameaça de saciar a ânsia de sangue (e, poderíamos acrescentar, de guerra e de poder) de Ciro⁸⁵⁶. Este havia excedido os limites divinos que se impõem aos mortais e o seu comportamento exagerado começara a ser marcado pela ὕβρις⁸⁵⁷. Cego pelo êxito e pelo poder, passara a guiá-lo não o espírito sensato

⁸⁴⁹ Cf. Hdt. 1.207-208.1.

⁸⁵⁰ Cf. Hdt. 1.207.6-7 e 1.211. Note-se que o sacrifício do contingente mais fraco dos Persas (apesar de ser uma estratégia dolosa algo comum; Zópiro propõe a Dario o mesmo estratagema, aquando do assédio da Babilónia. Cf. Hdt. 3.155.5-6 e 157.2-4) pressupõe uma violação do νόμος que pressupunha a proibição da condenação à morte por um só crime (que se aplicava também ao próprio monarca aqueménida, como vimos). Carmen Soares nota que deste episódio sobressai um aspeto comum aos governos tirânicos das mais variadas épocas: o rei julga deter o privilégio excecional de poder excluir-se do seguimento dos princípios éticos que presidem a restante comunidade. Veja-se SOARES, Carmen L. (2003), *op. cit.*, p. 412.

⁸⁵¹ Cf. Hdt. 1.209. No sonho de Ciro, Dario surgia como uma figura alada, cuja sombra das asas cobria a Ásia e a Europa. Como veremos, o sonho profetizava que Ciro encontraria um sucessor para continuar a sua obra mais em Dario do que em Cambises, seu herdeiro direto e legítimo (cf. GUERREIRO, Cristina Abranches (2002), *op. cit.*, p. 65 e SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, p. 63). Porém, Ciro interpretou erradamente a mensagem desta visão onírica. Aprofundaremos um pouco mais esta temática do sonho de Ciro referente a Dario e o seu significado no subcapítulo 4.3.3.

⁸⁵² Cf. Hdt. 1.210. *Vide* IMMERWAHR, H. R. (1986), *op. cit.*, p. 166.

⁸⁵³ Cf. Hdt. 1.209.3-5.

⁸⁵⁴ Cf. Hdt. 1.214.1. Apesar de Tómiris avisar Ciro ainda uma segunda vez, este ignora a recomendação. Cf. Hdt. 1.212-213. Ana Lúcia Amaral constata que Ciro ostenta uma certa fraqueza por contraposição à segurança que a sua adversária, Tómiris, mostra. Esta debilidade do rei persa conduzi-lo-á ao desastre. Veja-se AMARAL, Ana Lúcia, “Duas rainhas em Heródoto: Tómiris e Artemísia”, *Humanitas* vol. 46, 1994, pp. 18 e 28.

⁸⁵⁵ Cf. Hdt. 1.214. 4-5. Segundo Carmen Soares, a morte de Ciro pode assumir-se, em termos morais, como uma punição pelas várias transgressões do νόμος cometidas em vida pelo soberano. Veja-se SOARES, Carmen Leal (2003), *op. cit.*, p. 399 e pp. 416-417.

⁸⁵⁶ Cf. Hdt. 1.214.3.

⁸⁵⁷ Consulte-se FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 42.

de outrora, mas uma ambição desenfreada de conquistar e de dominar outros povos⁸⁵⁸. Segue-se o castigo implícito por essa falta de moderação, enviado pelos deuses àquele que estava convencido de que era eternamente bafejado pela sorte e auxílio divinos.

Como foi referido, após a morte da personagem, a imagem de Ciro patente no resto das *Histórias* apresenta-o, no geral, como o pai benevolente e fundador do império persa, que guiou o seu povo à liberdade⁸⁵⁹. Observamos, pela última vez, a figura deste monarca no capítulo final da obra⁸⁶⁰. O narrador recua no tempo para nos contar um episódio que terá tido lugar após a subjugação dos Medos por Ciro.⁸⁶¹ Segundo o seu relato, por esta altura, os Persas solicitaram a Ciro que se instalassem noutra território mais fértil do que o do seu país⁸⁶². Ciro dá-lhes permissão, mas ao mesmo tempo adverte-os de que, assim sendo, deveriam preparar-se para se tornarem súbditos em vez de governadores⁸⁶³. Ele avisou-os de que “das terras dóceis costumam nascer homens dóceis”⁸⁶⁴, uma vez que “não é natural que o mesmo solo produza frutos extraordinários e homens excelentes no combate”⁸⁶⁵. No final, os Persas, persuadidos pelo argumento do monarca, escolhem antes viver numa terra estéril e governar, ao invés de habitarem terras férteis e serem súbditos de outrem⁸⁶⁶.

Embora este passo seja suscetível de várias interpretações, pode-se observar (em termos de caracterização da personagem) a representação de Ciro como um monarca sábio neste capítulo⁸⁶⁷. Pode-se talvez encontrar também contornos de uma figura idealizada, nesta

⁸⁵⁸ Cf. idem, *ibidem*, p. 42 e p. 49.

⁸⁵⁹ *Vide supra*, pp. 109-110.

⁸⁶⁰ Cf. Hdt. 9.122.

⁸⁶¹ Cf. Hdt. 9.122.

⁸⁶² Esta solicitação foi feita por intermédio de Artembares. Cf. Hdt. 9.122.

⁸⁶³ Cf. Hdt. 9.122.

⁸⁶⁴ Cf. Hdt. 9.122. A tradução é da autoria de Carmen Soares: *vide* SOARES, Carmen (2005), *op. cit.*, p. 110. Maria de Fátima Silva sugere uma tradução semelhante: “uma terra branda faz brandos os homens que nela habitam” (cf. SILVA, Maria de Fátima, (2002), *op. cit.*, p. 200). Refira-se também a tradução inglesa, proposta por Robin Waterfield: “soft lands tend to breed soft men”. Veja-se WATERFIELD, Robin e DEWALD, Carolyn (2008), *op. cit.*, p. 590.

⁸⁶⁵ Cf. Hdt. 9.122. A tradução é da autoria de Carmen Soares: *vide* SOARES, Carmen (2005), *op. cit.*, p. 110. Refira-se também a tradução inglesa de Robin Waterfield: “It is impossible [...] for one and the same country to produce remarkable crops and good fighting men.”. Cf. WATERFIELD, Robin e DEWALD, Carolyn (2008), *op. cit.*, p. 590. Acerca do determinismo ambiental subjacente a esta informação, consulte-se SOARES, Carmen (2005), *op. cit.*, p. 110.

⁸⁶⁶ Cf. Hdt. 9.122. Veja-se SOARES, Carmen (2005), *op. cit.*, p. 110.

⁸⁶⁷ Vários autores enfatizam a sabedoria como característica de Ciro na conclusão das *Histórias*. Entre outros, consulte-se: AVERY, H. C. (1972), *op. cit.*, p. 534; EVANS, J. A. S. (1991), *op. cit.*, p. 56; e, GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, p. 34.

sua última aparição⁸⁶⁸. Por último, saliente-se ainda que a imagem acima enunciada contrasta fortemente com o Ciro ávido de sangue e desmesurado que observamos na parte final do primeiro livro das *Histórias*. Heródoto coloca, assim, o primeiro soberano do Império Persa a uma luz muito mais favorável na conclusão da obra do que na descrição que faz do período terminal da vida da personagem.

4.3.2 Cambises

Antes de o foco da narrativa incidir sobre Cambises, Heródoto identifica-o, no final do primeiro livro, como o futuro sucessor do fundador do Império Persa⁸⁶⁹. Segundo essa alusão, Ciro, prestes a defrontar os Masságetas, pela derradeira vez, mandou o filho, Cambises, e Cresos regressarem à Pérsia⁸⁷⁰. Antes de estes partirem, contudo, recomendou vivamente a Cambises, “o herdeiro do trono”, que tratasse bem o lídio⁸⁷¹. Como já sabemos, a opção de Ciro pelo plano proposto por Cresos viria a revelar-se um desaire militar fatal para o próprio monarca, que perderia a vida nesta campanha.

Outra menção feita a Cambises, digna de ser referida, ocorre no princípio do *logos* egípcio (ou seja, no segundo livro das *Histórias*)⁸⁷². Neste breve passo, somos informados de que a mãe de Cambises era também descendente da linhagem aqueménida⁸⁷³. O texto reforça e sublinha, deste modo, como nota Maria de Fátima Silva, o estatuto de Cambises enquanto herdeiro legítimo e incontestável do trono persa⁸⁷⁴. O projeto do novo monarca de conquistar o Egito, que lhe havia sido legado pelo pai, é igualmente, referido⁸⁷⁵. Assistiremos à execução desse plano já no livro seguinte da obra.

⁸⁶⁸ Evans considera que, de certo modo, Heródoto retorna, neste capítulo, ao retrato de Ciro como um rei ideal sábio. Veja-se EVANS, J. A. S. (1991), *op. cit.*, p. 56.

⁸⁶⁹ Cf. Hdt. 1.208.

⁸⁷⁰ Cf. Hdt. 1.208.

⁸⁷¹ Cf. Hdt. 1.208. Note-se que era procedimento usual: o rei, prestes a encetar uma campanha e/ou a arriscar perder a vida nela, nomeava um sucessor e tomava cuidados para garantir a sua segurança. Cf. Hdt. 7.2.

⁸⁷² Cf. Hdt. 2.1.

⁸⁷³ Cf. Hdt. 2.1.

⁸⁷⁴ Recorde-se que, segundo o protocolo régio persa, o sucessor do rei devia ser um aqueménida (*vide supra*, p. 33). Veja-se SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, p. 1.

⁸⁷⁵ Como Maria de Fátima Silva verifica, embora não seja dito de forma explícita no texto que Cambises herdara este projeto do pai, é feita uma alusão aos planos de Ciro de dominar o Egito. Cf. Hdt. 1.153.4. *Vide* SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, p. 2. Veja-se também IMMERSWAHR, Henry R. (1986), *op. cit.*, pp. 167-168.

No terceiro livro das *Histórias*, Heródoto introduz a narrativa dedicada a este rei, começando por relatar, precisamente, o supradito empreendimento militar⁸⁷⁶. Antes de mais, são expostas as razões que levaram Cambises a encetar esta expedição⁸⁷⁷. Heródoto dá conta da existência de várias versões sobre os motivos para a campanha ou *casus belli*⁸⁷⁸. Segundo a versão dos Persas, apresentada pelo autor, terá sido uma ofensa cometida por Amásis, governante do Egito, que terá desencadeado a campanha⁸⁷⁹. Cambises solicitou a Amásis a mão de uma das suas filhas em matrimónio⁸⁸⁰. Este pedido adveio do conselho dado por um médico egípcio da sua corte, que estaria sedento de vingança contra o seu antigo mestre (Amásis)⁸⁸¹. Sabendo o que esperava a essa filha – tornar-se uma concubina –, o faraó enviou, no seu lugar, Nitétis, a filha do seu antecessor, apresentando-a como se fosse sua⁸⁸². Quando Cambises descobriu que tinha sido enganado, enfureceu-se de tal forma que decidiu atacar o Egito⁸⁸³. Esta variante do relato dos acontecimentos é a única que não é excluída de ser verosímil por Heródoto⁸⁸⁴. Nela, talvez se possa observar uma tendência de Cambises para se deixar dominar pela cólera (muito antes de ser completamente possuído pela loucura), a qual também parecia ser inerente ao carácter de seu pai e do seu bisavô, Astíages⁸⁸⁵.

Outro fator que contribuiu, segundo o historiador grego, para o empreendimento desta expedição, foi a intervenção de Fanes⁸⁸⁶. Este mercenário grego, que no passado servira Amásis, forneceu informações valiosas a Cambises⁸⁸⁷. Entre elas, a solução para o problema logístico da organização da travessia do deserto, com o qual o rei deparara: a escassez de água⁸⁸⁸. Cambises, seguindo as recomendações de Fanes, tratou então de obter o auxílio dos

⁸⁷⁶ Cf. Hdt. 3.1.

⁸⁷⁷ Cf. Hdt. 3.1-3.

⁸⁷⁸ Cf. Hdt. 3.1-3.

⁸⁷⁹ Cf. Hdt. 3.1.

⁸⁸⁰ Cf. Hdt. 3.1.1.

⁸⁸¹ Cf. Hdt. 3.1.1-2.

⁸⁸² Cf. Hdt. 3.1.2-3.

⁸⁸³ Cf. Hdt. 3.1.4-5.

⁸⁸⁴ Existe outra versão apresentada por Heródoto que, embora distinta, tem contornos algo semelhantes àquela que foi mencionada. Segundo essa outra vertente da história, Cambises pretendia vingar a honra da sua mãe, que outrora havia sido desconsiderada por Ciro a favor de uma concubina egípcia (chamada Nitétis). Pode-se também, assim, observar nesta versão a presença de uma componente de vingança, sendo que, desta vez, é o desejo de vingança do próprio rei. Cf. Hdt. 3.3.

⁸⁸⁵ *Vide supra*, p. 112, nota 819. Segundo Heródoto, Cambises terá ficado completamente louco, após ter esfaqueado o deus Ápis, como veremos. Cf. Hdt. 3.30.1.

⁸⁸⁶ Cf. Hdt. 3.4.

⁸⁸⁷ Cf. Hdt. 3.4.2-3.

⁸⁸⁸ Cf. Hdt. 3.4.3. Immerwahr sugere que a escassez de água, que constitui um entrave à travessia do deserto (e, conseqüentemente, à concretização da expedição) recupera, de certa forma, o motivo convencionado da

Árabes, o que permitiu resolver a questão logística⁸⁸⁹. Concluídos os preparativos da campanha, o monarca persa avançou contra o Egito⁸⁹⁰.

Cambises já não viria a defrontar Amásis, que, entretanto, falecera, mas sim, o filho dele, Psaménito (que ascendera ao poder)⁸⁹¹. Não muito depois de ter atravessado o deserto, o exército persa, liderado pelo próprio Cambises, travaria batalha com as forças egípcias⁸⁹². Após um combate renhido, as tropas de Psaménito pôr-se-iam em fuga⁸⁹³. Cambises procurou negociar com esses militares, que se haviam retirado para Mênfis, e enviou-lhes um emissário⁸⁹⁴. Todavia, os soldados egípcios atemorizados, sem saber deste propósito, vendo o barco no qual seguia o arauto, atacaram-no⁸⁹⁵. Subsequentemente, a cidade foi cercada e acabaria por capitular com a rendição dos Egípcios⁸⁹⁶. Perante a conquista de Mênfis, vários povos vizinhos apavorados submeteram-se sem luta ao soberano persa, homenageando-o com presentes⁸⁹⁷. Caíam, deste modo, nas mãos de Cambises, as regiões da Líbia, de Cirene e de Barca⁸⁹⁸.

Dez dias depois da tomada de Mênfis, o rei persa, disposto a injuriar o inimigo derrubado, fê-lo passar por provas de resistência⁸⁹⁹. Diante de Psaménito surgiram, assim, os primeiros testes: a visão da sua filha humilhada, reduzida à condição de escrava, e a do seu filho a caminho da sua sentença de morte⁹⁰⁰. Perante estes acontecimentos, Psaménito cabisbaixo, não derramou uma lágrima que fosse⁹⁰¹. Contudo, ao ver aproximar-se um velho amigo seu, que perdera tudo e que mendigava agora junto dos soldados, o antigo faraó deu

fronteira líquida (que costuma surgir no contexto das campanhas militares) nas *Histórias*. Contudo, desta vez, impõe-se uma barreira seca (e não líquida) que o monarca tem de transpor. Como Maria de Fátima Silva observa, a travessia destas fronteiras naturais divinas nas expedições prenuncia o perigo e a ruína iminente que esperam àqueles que as atravessam. *Vide* IMMERWAHR, H. R. (1986), *op. cit.*, p. 94 e SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, p. 4.

⁸⁸⁹ Cf. Hdt. 3.4.3.

⁸⁹⁰ Cf. Hdt. 3.10.

⁸⁹¹ Cf. Hdt. 3.10.1-2.

⁸⁹² Cf. Hdt. 3.11.3.

⁸⁹³ Cf. Hdt. 3.11.3.

⁸⁹⁴ Cf. Hdt. 3.13.1.

⁸⁹⁵ Cf. Hdt. 3.13.2.

⁸⁹⁶ Cf. Hdt. 3.13.3.

⁸⁹⁷ Cf. Hdt. 3.13.3-4.

⁸⁹⁸ Cf. Hdt. 3.13.3-4.

⁸⁹⁹ Cf. Hdt. 3.14.1. Esta posição de Cambises perante Psaménito apresenta semelhanças com a de Ciro com Cresos, na pira, depois da conquista de Sárdis. Sobre as pareências destes dois episódios, veja-se SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, pp. 5-6.

⁹⁰⁰ Cf. Hdt. 3.14.2-6.

⁹⁰¹ Cf. Hdt. 3.14.3 e 3.14.6.

largas à sua mágoa⁹⁰². Cambises, surpreendido, desejou saber o fundamento da reação de Psaménito⁹⁰³. A resposta deste foi a seguinte: a tragédia dos filhos era demasiado grande para ser expressada; e a visão do seu amigo idoso, caído na pobreza, quando antes vivia prosperamente, era um infortúnio que tinha de ser lamentado⁹⁰⁴. Ao ouvir isto, o monarca, assaltado por um sentimento de piedade, arrependeu-se e tentou impedir a morte do filho de Psaménito⁹⁰⁵. Porém, as suas ordens chegaram tarde de mais, pois a execução já havia decorrido⁹⁰⁶.

Numa atitude de benevolência, semelhante à que outrora Ciro demonstrara para com Cresos, Cambises concedeu a Psaménito uma posição privilegiada junto de si⁹⁰⁷. No entanto, viria a ser descoberta a tentativa do último de instigar os Egípcios a revoltarem-se contra o rei persa⁹⁰⁸. Por essa traição, Psaménito pagou com a própria vida⁹⁰⁹. Observa-se, deste modo, os extremos em que a atuação política do monarca persa podia alternar: a magnanimidade e a punição severa.

A dada altura, segundo relata Heródoto, Cambises partiu em direção à cidade de Sais, com a decisão premeditada de violar o túmulo de Amásis e de ultrajar o seu cadáver⁹¹⁰. O rei persa chegou ao ponto de mandar queimar o corpo do falecido faraó, o que não só ia contra os costumes egípcios, mas também contra os dos próprios Persas⁹¹¹. Note-se que estes atos ímpios talvez possam ser vistos como prenúncios da loucura latente de Cambises⁹¹². A dada altura, Heródoto informa a sua audiência da doença que o soberano tinha desde a infância, o chamado “mal sagrado” (νοῦσον [...] τὴν ἰσθύν)⁹¹³. Esta predisposição de Cambises para a

⁹⁰² Cf. Hdt. 3.14.7.

⁹⁰³ Cf. Hdt. 3.14.8-9.

⁹⁰⁴ Cf. Hdt. 3.14.10.

⁹⁰⁵ Cf. Hdt. 3.14.11.

⁹⁰⁶ Cf. Hdt. 3.15.1.

⁹⁰⁷ Cf. Hdt. 3.15.1-2.

⁹⁰⁸ Cf. Hdt. 3.15.4.

⁹⁰⁹ Cf. Hdt. 3.15.4.

⁹¹⁰ Cf. Hdt. 3.16.1. Truesdell S. Brown realça que o ultraje do cadáver do falecido monarca egípcio surge como um primeiro sinal da deterioração que o carácter da própria personagem de Cambises viria a sofrer. *Vide* BROWN, Truesdell S., “Herodotus’ Portrait of Cambyses”, *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte* 31, 1982, p. 393.

⁹¹¹ Cf. Hdt. 3.16.2-3. Para Hartog, um déspota está, necessariamente, destinado a transgredir e desvenerar o νόμος, quer ao nível social, religioso ou sexual. Este autor considera que, provavelmente, Cambises pode constituir o melhor exemplo de um violador do νόμος. Veja-se HARTOG, François (1988), *op. cit.*, p. 331.

⁹¹² Consulte-se SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, pp. 6-7.

⁹¹³ Cf. Hdt. 3.33. A doença de Cambises (o “mal sagrado”) foi identificada como epilepsia. Para uma análise comparativa da descrição feita por Heródoto da doença de Cambises e a definição da última no *corpus* hipocrático, consulte-se DEMONT, Paul, “Herodotus on health and disease”, in BOWIE, E. (ed.), *Herodotus –*

insanidade manifestar-se-ia cada vez mais no seu comportamento até se apoderar completamente dele⁹¹⁴. Realce-se ainda, desde já, que, como Maria de Fátima salienta, a doença imporia a Cambises a ἀνομία (“sem lei”; lat. *anomia*) como norma orientadora da sua futura conduta⁹¹⁵.

A projeção de três campanhas – contra os Cartagineses, os Amónios e os Etíopes – seria a próxima etapa nos planos militares do monarca⁹¹⁶. A primeira não chegou a concretizar-se, pois o rei não previra a recusa dos Fenícios em atacar o povo cartaginês, a quem se encontravam ligados por laços de sangue⁹¹⁷. Maria de Fátima Silva nota que Cambises demonstrou alguma sensatez ao decidir não retaliar a atitude dos Fenícios, uma vez que estes desempenhavam um papel importante na força naval persa⁹¹⁸.

Apesar de, talvez, se poder dizer que a expedição contra a Etiópia teve um começo auspicioso com o envio de espiões para a obtenção de informações sobre o adversário, ela revelar-se-ia um fracasso⁹¹⁹. Antes de passar à ofensiva, Cambises tentou recorrer ao dolo (como outrora Ciro havia feito com Tómiris), procurando estabelecer relações de hospitalidade com o rei etíope⁹²⁰. Para esse efeito, enviou-lhe emissários com presentes⁹²¹. Porém, o destinatário não caiu no logro⁹²². Acusou Cambises de falta de integridade, afirmando que o rei persa ambicionava dominar o povo etíope – que não lhe tinha feito

Narrator, Scientist, Historian. Berlin e Boston, De Gruyter, 2018, pp. 187-190. Refira-se ainda que, para Immerwahr, a doença do rei assume-se, nas *Histórias*, como uma manifestação extrema das características naturais da tirania. Este autor aponta a semelhança da conduta de Cambises com a descrição que é feita por Otanes, no “Diálogo dos Persas”, da figura do tirano. Vide IMMERWAHR (1986), *op. cit.*, pp. 168-169.

⁹¹⁴ Para Maria de Fátima Silva, a insanidade mental de Cambises assume-se também como um castigo pela sua conduta, marcada pela ἀνομία (*anomia*), para com os homens e para com o divino. Consulte-se SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, p. 9.

⁹¹⁵ Cf. *idem*, *ibidem*, p. 6.

⁹¹⁶ Cf. Hdt. 3.17.1. Heródoto não explicita as razões de Cambises para empreender estas expedições, ao contrário do que sucedera com a do Egito. Cf. *idem*, *ibidem*, p. 7.

⁹¹⁷ Cf. Hdt. 3.19.2. Veja-se também GARCÍA SÁNCHEZ, Manel (2009), *op. cit.*, p. 282. Refira-se que os Fenícios viam-se impossibilitados de atacar Cartago, por causa da existência de laços antigos estabelecidos entre metrópole e colônia. Por este motivo, neste passo em Heródoto, os Cartagineses são chamados de “filhos” pelos Fenícios. Veja-se SILVA, Maria de Fátima e GUERREIRO, Cristina Abranches (1997), *op. cit.*, p. 56, nota 62.

⁹¹⁸ Cf. Hdt. 3.19.3. Vide SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, p. 7.

⁹¹⁹ Cf. Hdt. 3.17.2.

⁹²⁰ Cf. Hdt. 3.20.1 e 3.21.1. Consulte-se SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, p. 7.

⁹²¹ Cf. Hdt. 3.20.1.

⁹²² Cf. Hdt. 3.21.2. Como outrora Ciro com os Masságetas, Cambises também subestimou o adversário etíope. Veja-se SILVA, Maria de Fátima e de GUERREIRO, Cristina Abranches (2000), *op. cit.*, p. 29.

qualquer espécie de afronta – apenas para alargar o seu território⁹²³. A resposta enviada pelo soberano etíope a Cambises foi feita em tom de aviso e de desafio⁹²⁴. Esta enraiveceu profundamente o monarca, que, “como um louco, de cabeça perdida”, precipitou o ataque sem tratar primeiro das questões logísticas da campanha⁹²⁵.

Cambises avançou pelo Egito adentro e, chegado a Tebas, designou um contingente das suas forças para prosseguir em direção a Ámon⁹²⁶. O rei deu-lhe ordens para reduzir os Amónios à escravidão e queimar o oráculo de Zeus⁹²⁷. Ele próprio liderou as restantes hostes contra a Etiópia⁹²⁸. Não muito tempo depois, a expedição redundou num duplo fracasso. Por um lado, devido ao esgotamento dos aprovisionamentos, o exército comandado por Cambises viu-se obrigado a recuar⁹²⁹. Por outro, as tropas enviadas para Ámon nunca chegaram ao seu destino. Possivelmente, terão sido sepultadas por uma tempestade de areia durante o percurso⁹³⁰. As ordens de carácter ímpio dadas pelo soberano contra Ámon não chegaram, deste modo, a ser executadas.

A atitude irrefletida de Cambises, que se deixara dominar pela cólera, custara-lhe caro e aos seus homens. Estes chegaram ao ponto de se devorar uns aos outros, devido à fome⁹³¹. Heródoto assinala que o monarca poderia ainda ter emendado o seu erro inicial: quando os mantimentos começaram a escassear, Cambises poderia ter parado para refletir e optado por recuar⁹³². Porém, ele não o fez⁹³³. A ponderação, bom-senso e prudência que o rei mostrara durante a campanha contra o Egito aparentavam ter desaparecido. Também o seu êxito militar inicial parecia ter-se extinguido. Ao princípio, Cambises seguira com êxito as pisadas do pai: alargou as fronteiras do território que herdara, honrando, desse modo, a política expansionista

⁹²³ Cf. Hdt. 3.21.2. Veja-se também GARCÍA SÁNCHEZ, Manel (2009), *op. cit.*, p. 283. Maria de Fátima Silva salienta que este episódio entre Cambises e os Etíopes, assim como o de Ciro com os Masságetas, servem, nas *Histórias*, o propósito de denunciar os vícios de um povo conquistador. Consulte-se SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, p. 8. Cf. ASHERI, David (2007), *op. cit.*, p. 390.

⁹²⁴ Cf. Hdt. 3.21.3. *Vide* SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, pp. 7-8.

⁹²⁵ Cf. Hdt. 3.25.1-2.

⁹²⁶ Cf. Hdt. 3.25.3.

⁹²⁷ Cf. Hdt. 3.25.3.

⁹²⁸ Cf. Hdt. 3.25.3.

⁹²⁹ Cf. Hdt. 3.25.4-7.

⁹³⁰ Heródoto informa de que o contingente persa enviado a Ámon não chegou ao seu destino e relata que, segundo a versão dos Amónios, essas tropas teriam sido apanhadas por uma tempestade de areia. Cf. Hdt. 3.26.2-3.

⁹³¹ Cf. Hdt. 3.25.6.

⁹³² Cf. Hdt. 3.25.4-5.

⁹³³ Cf. Hdt. 3.25.4-5.

persa⁹³⁴. No entanto, a propensão para a loucura começara já a pronunciar-se e a refletir-se na sua conduta.

De regresso a Mênfis, o soberano, frustrado pelo seu desaire e sem grande parte do seu exército, encontrou o povo egípcio em festa⁹³⁵. A celebração religiosa tinha lugar em honra do deus Ápis, mas Cambises viu-a como uma comemoração da sua derrota, uma ofensa à sua autoridade⁹³⁶. De nada adiantaram as explicações dos prefeitos de Mênfis sobre o motivo das festividades⁹³⁷. O Grande Rei, sob o pretexto de que eles o tentavam enganar, condenou-os à morte⁹³⁸. Os sacerdotes apresentaram-lhe as mesmas justificações e acabaram por ser açoitados⁹³⁹. Cambises cometeu ainda por suas próprias mãos o sacrilégio de atacar o novilho divino, Ápis⁹⁴⁰. Não logrou acertar no seu alvo inicial – a barriga do deus –, mas atingiu-o na coxa⁹⁴¹. O rei persa teve então o seu primeiro acesso de riso, o que acentua ainda mais a falta de sanidade subjacente ao seu comportamento⁹⁴². A ferida causaria a morte a Ápis⁹⁴³. Além de todos estes crimes, o monarca ordenou também o assassinio de todos os Egípcios encontrados a festejar⁹⁴⁴.

Heródoto informa que, depois do atentado contra a vida do deus Ápis, o rei “enlouqueceu de vez”⁹⁴⁵. A partir desse momento, Cambises lançou-se numa espiral de

⁹³⁴ Embora Heródoto não enfatize os êxitos de Cambises no plano da conquista de novas terras, o texto revela que este rei terá anexado ainda vários territórios ao império que herdara de seu pai. Veja-se SILVA, Maria de Fátima e de GUERREIRO, Cristina Abranches (1997), *op. cit.*, p. 66, nota 106 e SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, p. 5.

⁹³⁵ Cf. Hdt. 3.27.1. *Vide* SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, p. 9.

⁹³⁶ Cf. Hdt. 3.27.1-2.

⁹³⁷ Cf. Hdt. 3.27.2-3.

⁹³⁸ Cf. Hdt. 3.27.3.

⁹³⁹ Cf. Hdt. 3.28.1 e 3.29.2.

⁹⁴⁰ Cf. Hdt. 3.29.1.

⁹⁴¹ Cf. Hdt. 3.29.1.

⁹⁴² Cf. Hdt. 3.29.2. Veja-se SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, p. 10. O riso tresloucado de Cambises, que tornaria a fazer-se ouvir noutras ocasiões, constitui-se como um prenúncio da insanidade mental do soberano. *Vide* SOARES, Carmen Leal (2003), *op. cit.*, p. 420.

⁹⁴³ Heródoto indica que o novilho divino Ápis, após ter morrido do golpe fatal que sofrera às mãos de Cambises, foi enterrado pelos sacerdotes em segredo, “às escondidas de Cambises” (cf. Hdt. 3.29.3). Contudo, de acordo com Michael Flower, os epitáfios gravados na estela da sepultura e na inscrição do sarcófago de Ápis sobreviveram até aos nossos dias e indicam outra versão dos acontecimentos: Cambises terá ordenado a sepultura condigna do novilho sagrado, o que terá incluído a realização de ritos funerários elaborados. *Vide* FLOWER, Michael (2006), *op. cit.*, p. 280.

⁹⁴⁴ Cf. Hdt. 3.29.2. De acordo com Maria de Fátima Silva, observa-se, assim, uma mudança na política inicial de respeito pela cultura e religião locais mostrada por Cambises no Egito. *Vide* SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, p. 9.

⁹⁴⁵ Cf. Hdt. 3.30.1. Heródoto apresenta a versão egípcia destes eventos, a qual defende que terá sido o atentado contra a vida de um deus que terá despertado a loucura latente de Cambises. Cf. Hdt. 3.30.1. Porém, mais tarde no texto, o autor parece não reconhecer esta justificação, necessariamente, como motivo da nítida emergência

atrocidades e impiedade, que principiaria no seu próprio seio familiar. A primeira vítima foi o seu irmão, Esmérdis⁹⁴⁶. Após ter interpretado erradamente uma visão em sonhos e receoso da hipótese de Esmérdis se tentar apoderar do trono, Cambises mandou matar o irmão⁹⁴⁷. Incumbiu Prexaspes, um indivíduo de confiança, de levar a cabo essa vil tarefa⁹⁴⁸.

Seguir-se-ia também o assassinio da sua irmã-esposa, que o acompanhara até ao Egito⁹⁴⁹. Heródoto apresenta duas versões de como este crime, perpetrado pelo próprio rei, se desenrolou⁹⁵⁰. Ambas as vertentes representam a irmã-esposa de Cambises como uma vítima da cólera de um monarca demente⁹⁵¹. Elas aparentam também ter um motivo central comum: o enfoque da importância da união familiar, nomeadamente a de irmãos⁹⁵².

Gostaríamos de concentrar a atenção por breves instantes na história da origem deste consórcio entre irmãos, o qual ia contra os antigos costumes persas⁹⁵³. Apesar de ter conhecimento dessas tradições, Cambises, apaixonado pela sua irmã, procurou o parecer

da insanidade do rei: “Tais foram os crimes que, na sua loucura, Cambises cometeu [...], ou por causa de Ápis, ou por qualquer outra razão, já que são inúmeras as desgraças que constantemente se abatem sobre os mortais.”. Cf. Hdt. 3.33.

⁹⁴⁶ Previamente ao sonho profético de Cambises sobre Esmérdis, o soberano mandara o irmão, que o acompanhara até ao Egito, regressar à Pérsia por uma questão de inveja. Esmérdis, ao contrário de todos os Persas presentes no Egito, conseguira o prodígio de dobrar, apenas uns dedos, o arco trazido da Etiópia. Por este motivo, Cambises mandou-o retornar à Ásia. Cf. Hdt. 3.30.1. Este arco era aquele que o soberano dos Etíopes havia enviado em resposta ao pedido doloso de Cambises. A mensagem que acompanhava o arco, lançava o seguinte desafio ao rei persa: “quando os Persas souberem manejar, com desenvoltura igual à minha, arcos deste tamanho, então sim, ele que avance, com toda a sua superioridade numérica contra os Etíopes de longa vida”. Cf. Hdt. 3.21.3. Refira-se ainda que esta espécie de “prova do arco” pode encontrar as suas origens na tradição homérica associada a Ulisses. Veja-se SILVA, Maria de Fátima e de GUERREIRO, Cristina Abranches (1997), *op. cit.*, p. 57, nota 69.

⁹⁴⁷ Após ter enviado o irmão de regresso à pátria, Cambises sonhou que um mensageiro, vindo da Pérsia, apregoava que Esmérdis se encontrava sentado no trono régio e a sua cabeça tocava o céu (cf. Hdt. 30.1-2). De facto, Cristina Abranches Guerreiro indica que esta visão onírica prenunciava a ascensão de um novo soberano ao poder. Porém, Cambises interpretou-a erradamente: o Esmérdis sentado no trono do seu sonho não era o irmão, que mandaria assassinar, mas sim o mago Esmérdis que viria a ocupar o lugar de Cambises como seu sucessor. Cambises viria a perceber o seu erro tarde demais (cf. Hdt.3.64). Veja-se GUERREIRO, Cristina Abranches (2002), *op. cit.*, p. 66 e 68. Para um aprofundamento deste tema, sugerimos a consulta do capítulo III da Tese de Doutoramento da mesma autora: veja-se GUERREIRO, Cristina Abranches (1999), *op. cit.*, pp. 117-144.

⁹⁴⁸ Cf. Hdt. 3.30.2-3. Ao mandar assassinar Esmérdis, Cambises repetia o mesmo erro de seu pai e de seu avô, que também tentaram alterar um destino inevitável. *Vide* SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, p. 10.

⁹⁴⁹ Cf. Hdt. 3.31.1-2.

⁹⁵⁰ Cf. Hdt. 3.32.

⁹⁵¹ *Vide* SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, pp. 10-11.

⁹⁵² Cf. *idem, ibidem*, p. 10. O tema da descendência representa um papel relevante neste logos e na narrativa do livro 3. Cf. SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, p. 4 e IMMERWAHR (1986), *op. cit.*, p. 168. Numa das versões, a mulher em causa estaria grávida, o que não só agravava o crime perpetrado por Cambises, como também contribuía, em parte, para que o rei falecesse sem descendentes (e, consequentemente, sem herdeiros). Cf. Hdt. 3. 32. 3-4.

⁹⁵³ Cf. Hdt. 3.31.2.

junto dos conselheiros reais sobre a possibilidade de ambos contraírem matrimónio⁹⁵⁴. Estes, temendo o castigo severo que o monarca poderia ditar (caso a resposta não fosse do seu agrado), esclareceram-no da existência de uma lei que permitia ao rei proceder de acordo com a sua vontade⁹⁵⁵. O soberano viria, assim, a casar-se com duas irmãs suas, desrespeitando a tradição⁹⁵⁶.

Por um lado, note-se, neste passo, o medo que Cambises podia inspirar entre os seus súbditos: os conselheiros recearam incorrer na fúria do soberano, razão pela qual procuraram uma lei que viabilizasse o seu desejo⁹⁵⁷. Por outro, este passo permite, talvez, vislumbrar um retrato mais íntimo do monarca⁹⁵⁸. Neste episódio as esferas do público e do privado intersectam-se: um Cambises enamorado desposa duas irmãs suas, desrespeitando o νόμος ancestral. A conduta do rei, nestas circunstâncias, provou ser, mais uma vez, marcada pela άνομία (imposta pela sua doença)⁹⁵⁹. O seu retrato como fraticida parece ir também ao encontro desta ideia: Cambises mandara matar Esmérdis e assassinara a sua irmã-esposa, violando os princípios éticos da φιλία familiar⁹⁶⁰. Assim sendo, pode colocar-se a hipótese – como se verifica noutras áreas da sua vida – de o comportamento de Cambises, ao nível do domínio privado, apresentar uma tendência para a άνομία⁹⁶¹.

Acrescente-se ainda outro passo que permite também observar outro aspeto da faceta privada e da personalidade do monarca⁹⁶². Como referimos, o soberano mandara o irmão, que o acompanhara até ao Egito, retornar à pátria por uma questão de inveja: Esmérdis conseguira o prodígio de dobrar ligeiramente o arco etíope⁹⁶³. Cambises não tolerou esta demonstração de superioridade por parte do irmão, enviando-o logo de regresso à Pérsia. Segundo Carmen

⁹⁵⁴ Cf. Hdt. 3.31.2.

⁹⁵⁵ Cf. Hdt. 3.31.4-5.

⁹⁵⁶ Cf. Hdt. 3.31.6.

⁹⁵⁷ Consulte-se SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, p. 10. Pode-se, talvez, depreender deste episódio que os Persas temiam Cambises antes mesmo de a doença se apoderar completamente dele. Heródoto dá a entender que estes acontecimentos ocorreram antes da campanha contra o Egito e, portanto, antes de o monarca ficar completamente louco, após ter esfaqueado o deus Ápis (cf. Hdt. 3.30.1). Se assim for, pode-se perceber já nesta altura um comportamento marcado pela άνομία no soberano, no sentido em que Cambises procede de uma forma que diverge dos costumes dos seus antepassados, ao se casar com as irmãs. Essa conduta de Cambises poderia, talvez, ser já fruto da doença latente que tinha e que ameaçava emergir a qualquer momento.

⁹⁵⁸ Para os episódios que consideramos relevantes para esboçarmos a faceta privada de Cambises em Heródoto, consulte-se a entrada referente a Cambises na tabela 2.8 do Apêndice 2. Veja-se tabela 2.8, p. LXXIII.

⁹⁵⁹ Cf. SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, p. 6.

⁹⁶⁰ Cf. SOARES, Carmen Leal (2003), *op. cit.*, p. 421.

⁹⁶¹ Veja-se SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, p. 10.

⁹⁶² Cf. Hdt. 3.30.1.

⁹⁶³ *Vide supra*, p. 124, nota 946.

Soares, o monarca concebera a ideia de que Esmérdis pretendia apoderar-se do trono⁹⁶⁴. Ao mínimo sinal de superioridade manifestado pelo irmão, Cambises tratou de afastá-lo. Como aquela autora sugere, pode-se deste modo, observar, a “intolerância do soberano face a qualquer tipo de concorrência ao seu poder” (que, possivelmente, terá influenciado a decisão de Cambises de ordenar o assassinio de Esmérdis, após o seu sonho profético)⁹⁶⁵.

Retomando a narrativa anterior, quando o rei ficou verdadeiramente louco, os seus súbditos passaram a ter ainda mais motivos para receá-lo. Como se viu, nem os próprios membros da família real estavam a salvo. Além dos crimes praticados contra os últimos, Heródoto descreve também os atos cruéis perpetrados por Cambises contra membros do seu círculo de confiança⁹⁶⁶. Refira-se o caso do filho de Prexaspes, que foi assassinado pelo monarca, o que passamos a descrever.

Cambises questionara Prexaspes sobre a opinião que os Persas tinham do seu rei⁹⁶⁷. A resposta que obteve demarcou-se pela adulação: o único defeito apontado ao monarca era o de abusar um pouco da bebida⁹⁶⁸. Porém, o soberano focou-se apenas neste último aspeto, interpretando-o como suposto sinal da sua loucura e falta de discernimento⁹⁶⁹. Encolerizado, Cambises acusou então os Persas de falsidade⁹⁷⁰. O fundamento desta acusação, explica Heródoto, teria origem no facto de, quando questionados numa ocasião anterior, os Persas terem afirmado a superioridade de Cambises relativamente a Ciro⁹⁷¹. Numa tentativa de

⁹⁶⁴ Veja-se SOARES, Carmen L. (2018), *op. cit.*, pp. 229-230. Note-se que a rivalidade de Cambises com o irmão teria, portanto, também uma preocupação política por detrás. *Vide* SOARES, Carmen L. (2003), *op. cit.*, p. 422.

⁹⁶⁵ Cf. SOARES, Carmen L. (2018), *op. cit.*, pp. 229-230. Esta intolerância também pode ser observada a propósito do episódio do homicídio da sua irmã-esposa. Em ambas as versões apresentadas por Heródoto, Cambises não admite aquilo que ele julga ser uma ofensa à sua autoridade patente no comentário da irmã sobre a morte de Esmérdis (o qual, numa das versões, chegava até a transmitir um certo grau de preocupação da irmã para com o próprio Cambises), acabando por assassiná-la. Consulte-se SOARES, Carmen L. (2003), *op. cit.*, pp. 423-424 e SOARES, Carmen L. (2018), *op. cit.*, pp. 229-230. A intolerância de Cambises estende-se, assim, não só a qualquer tipo de concorrência, como à admissão dos seus próprios erros. Cf. SOARES, Carmen L. (2018), *op. cit.*, p. 421.

⁹⁶⁶ Cf. *idem*, *ibidem*, p. 11.

⁹⁶⁷ Cf. Hdt. 3.34.1-2.

⁹⁶⁸ Cf. Hdt. 3.34.2. Veja-se SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, p. 11.

⁹⁶⁹ Cf. Hdt. 3.34.3. Cf. *idem*, *ibidem*, p. 11.

⁹⁷⁰ Cf. Hdt. 3.34.3. Note-se que a acusação de falsidade feita por Cambises toma proporções particularmente graves, se tivermos em conta o apreço que os Persas tinham pelo valor de dizer a verdade e o quanto eles desprezavam a mentira.

⁹⁷¹ Numa reunião anterior, todos os presentes afirmaram a superioridade de Cambises relativamente a Ciro, com base no fundamento de que Cambises anexara ainda mais territórios ao legado do pai. Cf. Hdt. 3.34.4. Creso foi o único que se pronunciou, na altura, de forma diferente, verificando que faltava um herdeiro a Cambises

demonstrar que não estava demente, Cambises acabou por atingir o filho de Prexaspes no coração⁹⁷². Soltando então uma risada eufórica, ao saber que acertara o seu alvo, o rei declara a um Prexaspes, horrorizado, que não é ele quem está louco, mas sim os Persas⁹⁷³. Deste modo, a tentativa de Cambises de provar a sua sanidade, manifestou precisamente o contrário.

As vítimas seguintes do rei seriam doze nobres persas inocentes, que Cambises mandou enterrar de cabeça para baixo, sem motivo aparente⁹⁷⁴. Creso decidiu então intervir junto do soberano, procurando aconselhá-lo e dissuadi-lo de continuar a perpetrar crimes⁹⁷⁵. Porém, as suas recomendações não foram bem recebidas: Cambises viu-as como um atrevimento de alguém cujo conselho outrora já se havia provado desastroso (e mesmo fatal para Ciro)⁹⁷⁶. O rei pegou no arco e fez pontaria a Creso, mas este escapuliu-se⁹⁷⁷. O monarca ordenou então a sua captura e morte⁹⁷⁸. Porém, os guardas incumbidos da tarefa, conhecendo o temperamento volátil do rei, decidiram conservar Creso vivo⁹⁷⁹. A sua esperança era de mais tarde serem recompensados por terem procedido desta forma⁹⁸⁰. Embora Cambises tenha rejubilado ao saber de que o lídio ainda se encontrava vivo, sentenciou os guardas à morte⁹⁸¹. Esta punição severa pode talvez encontrar justificação, em parte, no facto de estes terem desobedecido às suas ordens⁹⁸². Como Maria de Fátima Silva afirma, neste episódio, o comportamento de Cambises parece deixar transparecer uma mistura de insanidade e justiça⁹⁸³.

Por último, seriam os Egípcios a sofrer as consequências da loucura, crueldade e impiedade do soberano⁹⁸⁴. Aos crimes que havia já perpetrado (quando a doença ainda não o

para poder igualar Ciro. Cf. Hdt. 3.34.5. Sobre a relevância do motivo dinástico no *logos* de Cambises, consulte-se IMMERWAHR (1986), *op. cit.*, p. 168.

⁹⁷² Cf. Hdt. 3.35.1-2.

⁹⁷³ Cf. Hdt. 3.35.3-4.

⁹⁷⁴ Cf. Hdt. 3.35.5.

⁹⁷⁵ Cf. Hdt. 3.36.1-2. Existe nesta fala de Creso uma referência ao temperamento jovem de Cambises: “Meu senhor, não dê largas aos ímpetos da juventude; domina-te, vê se te controlas.” Cf. Hdt. 3.36.1.

⁹⁷⁶ Cf. Hdt. 3.36.3.

⁹⁷⁷ Cf. Hdt. 3.36.4.

⁹⁷⁸ Cf. Hdt. 3.36.5.

⁹⁷⁹ Cf. Hdt. 3.36.5.

⁹⁸⁰ Cf. Hdt. 3.36.5.

⁹⁸¹ Cf. Hdt. 3.36.6.

⁹⁸² Veja-se SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, p. 12.

⁹⁸³ Cf. *idem, ibidem*, p. 12.

⁹⁸⁴ Cf. Hdt. 3.37.1. Cf. *idem, ibidem*, p. 12.

possuía completamente) contra o cadáver de Amásis, o deus Ápis e o povo egípcio, viriam agora acrescentar-se outros. Entre as atrocidades e sacrilégios cometidos por Cambises no país do Nilo, podem contar-se a violação de túmulos e a troça, destruição e queima de estátuas de deuses⁹⁸⁵. Mais uma vez, observa-se o riso louco do monarca, ao zombar das estátuas divinas⁹⁸⁶. Esta atitude do rei atesta para Heródoto a demência de Cambises, pois, caso contrário, ele “não ousaria troçar de coisas sacras e consagradas pela tradição”⁹⁸⁷.

Entretanto, emerge uma conspiração contra o rei: dois magos irmãos congeminaram um plano para se apoderarem do trono persa⁹⁸⁸. Um destes magos faz-se passar pelo falecido Esmédis⁹⁸⁹. A semelhança física existente entre o último e o referido mago e a feliz coincidência de possuírem o mesmo nome abonaram a favor dos conspiradores⁹⁹⁰. A artimanha mostra-se deveras convincente, pois o assassinio do verdadeiro irmão do rei tinha sido mantido em segredo⁹⁹¹. Contra os magos, quem poderia apoiar Cambises era o próprio irmão, que ele mandara assassinar⁹⁹².

Cambises encontrava-se em Ecbátana da Síria, quando ouviu a notícia falsa de que os seus súbditos tinham passado a prestar obediência a Esmédis⁹⁹³. A sua primeira reação foi duvidar da lealdade de Prexaspes e de este ter cumprido as suas ordens⁹⁹⁴. O monarca confrontou Prexaspes e acabou por se aperceber da sua inocência⁹⁹⁵. Informado da traição dos magos, Cambises parece ter um lampejo de lucidez, assimilando o verdadeiro significado do seu sonho⁹⁹⁶. Ao tomar consciência de que a morte do irmão fora em vão, o rei dá espaço à dor num pranto, lamentando o falecido Esmédis⁹⁹⁷.

⁹⁸⁵ Inclusive, Cambises atreveu-se a introduzir-se em templos, onde não era permitida a entrada a mais ninguém, além do sacerdote. Cf. Hdt. 3.37.

⁹⁸⁶ Cf. Hdt. 3.37.2.

⁹⁸⁷ Cf. Hdt. 3.38.

⁹⁸⁸ Cf. Hdt. 3.61.1.

⁹⁸⁹ Cf. Hdt. 3.61.2-3.

⁹⁹⁰ Cf. Hdt. 3.61.2-3. *Vide* SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, p. 13.

⁹⁹¹ Cf. Hdt. 3.61.1. Cf. *idem, ibidem*, p. 13.

⁹⁹² Cf. Hdt. 3.65.5. *Vide idem, ibidem*, p. 13.

⁹⁹³ Cf. Hdt. 3.61.3 e 3.62.1.

⁹⁹⁴ Cf. Hdt. 3.62.2.

⁹⁹⁵ Cf. Hdt. 3.62.2 e 3.63.1-3.

⁹⁹⁶ Cf. Hdt. 3.63 e 3.64.1.

⁹⁹⁷ Cf. Hdt. 3.64.2. Como Maria de Fátima Silva nota, neste passo, as lágrimas da lucidez substituem o anterior riso louco de Cambises. Veja-se SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, p. 13.

Ansioso por se vingar dos usurpadores, Cambises decide partir para enfrentar o mago⁹⁹⁸. Porém, ao montar o seu cavalo, acaba por ferir-se na coxa com a sua própria espada⁹⁹⁹. Esta atingiu-o precisamente no mesmo sítio onde antes Cambises desferira um golpe no deus Ápis¹⁰⁰⁰. Sob o efeito do choque psicológico e físico destes acontecimentos, Cambises acaba por recuperar o juízo¹⁰⁰¹, compreendendo que será naquele local que virá a morrer, conforme um oráculo lhe havia previsto no passado ¹⁰⁰².

Às portas da morte, Cambises convoca uma reunião com os mais distintos dos Persas que o haviam acompanhado na campanha e confia-lhes tudo o que sucedera¹⁰⁰³. Reconhece o seu erro e crime contra o irmão, pedindo aos presentes que reconquistem o poder usurpado¹⁰⁰⁴. Porém, estes não acreditam nas suas palavras, julgando que ele pretendia difamar Esmédis¹⁰⁰⁵. Não muito tempo depois, Cambises morre, sem nenhum herdeiro para lhe suceder no trono¹⁰⁰⁶. Como Maria de Fátima Silva assinala, Cambises não consegue igualar o pai, pois, conforme Crespo dissera, faltava-lhe um sucessor para continuar o seu legado¹⁰⁰⁷. Por todas as atrocidades que cometera, os Persas recordá-lo-iam como um tirano “duro e desprezível” (*χαλεπός τε ἦν καὶ ὀλίγωρος*)¹⁰⁰⁸.

⁹⁹⁸ Cf. Hdt. 3.64.2.

⁹⁹⁹ Cf. Hdt. 3.64.3.

¹⁰⁰⁰ Cf. Hdt. 3.64.3.

¹⁰⁰¹ Cf. Hdt. 3.64.5.

¹⁰⁰² Cf. Hdt. 3.64.3-4.

¹⁰⁰³ Cf. Hdt. 3.65.

¹⁰⁰⁴ Cf. Hdt. 3.65.3-4 e 3.65.6. Romm considera o enobrecimento do retrato de Cambises, enquanto ele profere este discurso final de arrependimento, e os Persas ali reunidos lamentam a morte do seu rei. Cf. ROMM, J. (1998), *op. cit.*, p. 163.

¹⁰⁰⁵ Cf. Hdt. 3.66.3. Tenha-se em conta o episódio que levava Cambises a mandar Esmédis regressar à Pérsia, por uma questão de inveja. Cf. Hdt. 3.30.1. *Vide supra*, p. 124, nota 946. Veja-se também BROWN, Truesdell S. (1982), *op. cit.*, p. 398.

¹⁰⁰⁶ Cf. Hdt. 3.66.2. Como Immewahr salienta, ao invés de ter um filho e assegurar, assim, um herdeiro, Cambises tinha eliminado os seus familiares. O assassinio secreto do irmão permitira aos Magos usurpar o trono persa e a morte da irmã-esposa, às mãos do próprio Cambises, inviabilizara a possibilidade de ele vir a ter um filho desta (especialmente, se for tida em conta a versão do assassinio da irmã, segundo a qual ela estaria grávida no momento do ataque fatal). *Vide IMMERWAHR* (1986), *op. cit.*, p. 168.

¹⁰⁰⁷ *Vide supra*, p. 126, nota 971. Veja-se SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, p. 14. A morte de Cambises pode ser vista como um castigo pelo número elevado de violações do νόμος (numa escala muito superior à de seu pai) que perpetrou em vida. Veja-se SOARES, Carmen L. (2003), *op. cit.*, p. 399 e p. 438. Note-se ainda que a personagem de Cambises, de todos os reis persas, é aquela que está mais longe de preencher os critérios de felicidade enumerados por Sólon: é um doente, conhece desgraças (quando recupera a sanidade), não tem descendentes e a sua vida não termina bem. Cf. Hdt. 1.32.6-7.

¹⁰⁰⁸ Segundo Heródoto, os Persas consideravam Cambises como um “déspota” (*δεσπότης*) por ser “duro e desprezível” (*ὁ δὲ ὅτι χαλεπός τε ἦν καὶ ὀλίγωρος*). Cf. Hdt. 3.89.3.

O último episódio referente a este soberano nas *Histórias* mostra, mais uma vez, a dureza e severidade (e mesmo, talvez se possa ser acrescentar no que toca a este passo da obra, crueldade) que as punições de Cambises podiam assumir. Nesse passo, o rei ordena que Sisamnes, um dos juízes régios, seja degolado e esfolado por ter aceitado um suborno e proclamado uma sentença injusta¹⁰⁰⁹. Posteriormente, o monarca ordena que o trono, em que Sisamnes se costumava sentar para proceder aos julgamentos, seja forrado com a pele do supliciado¹⁰¹⁰. Depois destas ordens terem sido executadas, Cambises nomeia o filho de Sisamnes o novo juiz¹⁰¹¹. Finalmente, recomenda-lhe que se recorde do trono em que se senta, sempre que exercer a justiça¹⁰¹². Esta última imagem deste soberano remete, mais uma vez, para o retrato de Cambises como um déspota (δεσπότης), que é também o que se observa de um modo geral nas *Histórias*¹⁰¹³.

4.3.3 Dario

Se não contarmos com a breve associação de Dario à insurreição médica¹⁰¹⁴, a primeira menção feita a este rei, digna de ser nomeada, pode ser encontrada no primeiro livro das *Histórias*¹⁰¹⁵. Segundo esta primeira alusão, existia, num templo da Babilónia, uma estátua de ouro com doze polegadas de altura, a qual se conservara no lugar desde o reinado de Ciro¹⁰¹⁶. Dario não ousou removê-la, mas Heródoto conta que ele a tinha em vista¹⁰¹⁷. Talvez se possa vislumbrar, desde logo, neste passo, um traço particular da personagem: a cobiça¹⁰¹⁸. De facto,

¹⁰⁰⁹ Cf. Hdt. 5.25.1.

¹⁰¹⁰ Cf. Hdt. 5. 25. 1.

¹⁰¹¹ Cf. Hdt. 5. 25. 2.

¹⁰¹² Cf. Hdt. 5. 25. 2.

¹⁰¹³ Cf. Hdt. 3. 89. 3. Rollinger denota que Heródoto serviu-se do reinado de Cambises para introduzir, na sua obra, o paradigma de um déspota. Segundo este autor, o episódio de Sisamnes ilustra bem esse facto. Consulte-se ROLLINGER, Robert, “Herodotus. v. Cambyses according to Herodotus”, *Encyclopædia Iranica*, Vol. XII, Fasc. 3, 2003, pp. 262-264. Por sua vez, Carolyn Dewald salienta que Cambises preenche a totalidade dos requisitos do modelo despótico apresentado por Otanes no “Diálogo dos Persas”. Cf. DEWALD, Carolyn, “Form and content: the question of tyranny in Herodotus” in MORGAN, Kathryn A. (ed.), *Popular Tyranny*, Austin, University of Texas Press, 2003, p. 34. Baragwanath parece concordar com Dewald: veja-se BARAGWANATH, Emily, “Characterization in Herodotus”, in ASH, R.; MOSSMAN, J. e TITCHENER, F. B. (eds.), *Fame and Infamy. Essays for Christopher Pelling on Characterization in Greek and Roman Biography and Historiography*, Oxford, Oxford University Press, 2015, p. 21.

¹⁰¹⁴ Cf. Hdt. 1.130. Vide WATERS, K. H. (1971), *op. cit.*, p. 57.

¹⁰¹⁵ Cf. Hdt. 1.183.2-3.

¹⁰¹⁶ Cf. Hdt. 1.183.2-3.

¹⁰¹⁷ Cf. Hdt. 1.183.3.

¹⁰¹⁸ Cf. Hdt. 1.183.3.

a próxima referência que lhe é feita no texto sob análise – o episódio da abertura do túmulo de Nitócris – parece confirmar essa ideia¹⁰¹⁹.

Tendo reconquistado a cidade da Babilónia, que se sublevara contra o poder persa, Dario decidiu abrir o túmulo da soberana assíria, Nitócris, que se mantivera inviolado até então¹⁰²⁰. A inscrição do túmulo dizia conter um tesouro destinado aos futuros monarcas que assumissem o trono da Babilónia e que precisassem de dinheiro¹⁰²¹. Apesar de o rei persa dispor de recursos financeiros em abundância, seduzido pelo convite, violou a sepultura¹⁰²². Dentro do túmulo apenas encontrou o cadáver da rainha e outra mensagem inscrita: “Se não fosses um ganancioso por dinheiro e um miserável avarento, não violavas o sepulcro dos mortos”¹⁰²³. Confirma-se, assim, a avidez e ambição de Dario, que não olhou a meios para atingir o que cobiçava, atrevendo-se a profanar um túmulo, mesmo não tendo necessidade de mais riqueza¹⁰²⁴.

Por um lado, nalguns momentos das *Histórias*, podem-se verificar outros atos sacrílegos como este durante o reinado de Dario: é o caso, por exemplo, do saque e incêndio dos templos e das cidades dos povos insurretos (à exceção de Samos) durante a revolta da Iónia¹⁰²⁵. Note-se que, por outro lado, simultaneamente, podem ler-se passos textuais reveladores do contrário. Refira-se, a título de exemplo, as ordens dadas por Dario ao general Dátis, relativamente à ilha sagrada de Delos, no contexto da expedição persa contra Atenas e Erétria¹⁰²⁶. Heródoto conta que, após saberem que os templos de Naxos haviam sido pilhados e destruídos pelo exército persa, os Délios abandonaram a sua terra¹⁰²⁷. Notificado do sucedido, Dátis enviou-lhes um arauto para os informar de que podiam retornar a Delos¹⁰²⁸.

¹⁰¹⁹ Cf. Hdt. 1.187.

¹⁰²⁰ Cf. Hdt. 1.187.3.

¹⁰²¹ Cf. Hdt. 1.187.1-2.

¹⁰²² Cf. Hdt. 1.187.3-5.

¹⁰²³ Cf. Hdt. 1.187.5.

¹⁰²⁴ Consulte-se WATERS, K. H. (1971), *op. cit.*, p. 57. A propósito deste episódio, veja-se ainda o comentário de Maria de Fátima Silva em: SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, p. 7, nota 11.

¹⁰²⁵ Cf. Hdt. 6.25.2. Pode-se talvez observar, neste passo, mais uma vez, a punição que o rei persa exercia sobre aqueles que de algum modo colocavam em causa a sua autoridade. No entanto, realce-se que Heródoto não explicita se a pilhagem e incêndio dos templos havia sido ordenada ou não por Dario. Cf. FERREIRA, José Ribeiro e LEÃO, Delfim Ferreira (versão do grego, introdução e notas), *Heródoto. Histórias – Livro 6.º*, Lisboa, Edições 70, 2000, p. 107, nota 204.

¹⁰²⁶ Dario havia delegado a chefia da campanha contra Atenas e Erétria em dois generais, Dátis e Artafrenes. Cf. Hdt. 6.94.2.

¹⁰²⁷ Cf. Hdt. 6.96-97.1.

¹⁰²⁸ Cf. Hdt. 6.97.1.

Dátis comunicou-lhes, através desse meio, as ordens que recebera de Dario para não atacar nem causar qualquer dano tanto à “terra onde nasceram os dois deuses”, como à sua população¹⁰²⁹.

Como nota García Sánchez, podemos reconhecer, deste modo, uma certa contradição que se impõe na relação de Dario com a(s) religião(ões) nas *Histórias*, nomeadamente no que diz respeito às religiões estrangeiras¹⁰³⁰. O Dario que é apresentado ora comete atos ímpios ora demonstra respeito e tolerância para com o sagrado e para com o divino venerado por outros povos (como se pôde observar no caso de Delos)¹⁰³¹. Além disso, é interessante notar que Dario aparenta não revelar indícios de desrespeito do *nomos* religioso persa nas suas ações, se não contarmos com a violação do túmulo de Nitócris perpetrada por este rei¹⁰³². No entanto, deve-se ter em conta que a caracterização de Dario ao nível religioso não é alvo de grande atenção por Heródoto, que prefere focar-se noutros aspetos do seu reinado¹⁰³³.

Retomando a nossa análise da personalidade de Dario, gostaríamos ainda de destacar um *flashback* da narrativa de Heródoto, que fala do manto de Silosonte que o jovem Dario viu e “sentiu uma grande vontade” de possuir¹⁰³⁴. Na altura, ele era apenas um guarda-costas de Cambises, integrado no corpo militar da expedição persa contra o Egito¹⁰³⁵. Embora Dario se tenha oferecido para comprar o manto, Silosonte recusou-se a vendê-lo, declarando que lho daria, mas apenas no caso de ele precisar mesmo do manto¹⁰³⁶. Tivesse ou não necessidade dele, Dario obteve-o, assim, graças à generosidade de Silosonte¹⁰³⁷. Pode assim confirmar-se

¹⁰²⁹ Delos é a “terra onde nasceram os dois deuses”: Apolo e Ártemis. Cf. Hdt. 6.97.2. Vide FERREIRA, José Ribeiro e LEÃO, Delfim Ferreira (2000), *op. cit.*, p. 104, nota 193.

¹⁰³⁰ Vide GARCÍA SÁNCHEZ, Manel (2009), *op. cit.*, p. 257.

¹⁰³¹ Cf. idem, *ibidem*, p. 257.

¹⁰³² A atitude ímpia de Dario no referido episódio (a profanação de um túmulo) pode ser vista como uma grave transgressão de *nomos* a um nível universal, adquirindo, deste modo, um valor que transpõe as fronteiras daquilo que Heródoto particulariza e explicita no seu texto como sendo o *nomos* religioso persa. À exceção deste episódio, não nos deparamos com nenhuma quebra evidente do *nomos* religioso persa cometida por Dario ao longo da nossa análise do texto das *Histórias*. Embora se possa, talvez deste modo, considerar que este soberano não desrespeita, no geral, a tradição religiosa persa, é de realçar que ele transgride outros costumes persas não religiosos.

¹⁰³³ Veja-se idem, *ibidem*, p. 256.

¹⁰³⁴ Cf. Hdt. 3.139.2. Veja-se também SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, p. 81.

¹⁰³⁵ Cf. Hdt. 3.139.2.

¹⁰³⁶ Cf. Hdt. 3.139.2-3.

¹⁰³⁷ Cf. Hdt. 3.139.3.

a cobiça como característica da personalidade de Dario, que já lhe era natural na sua juventude, muito antes de ser rei¹⁰³⁸.

Noutra menção feita a Dario, ainda no primeiro livro das *Histórias*, o filho de Histaspes aparece numa visão onírica a Ciro, antes de este enfrentar, pela derradeira vez, os Masságetas (à qual aludimos brevemente no subcapítulo 4.3.1)¹⁰³⁹. Na primeira noite após a sua travessia do rio Araxes, Ciro terá visto, em sonhos, o filho mais velho de Histaspes, sob a forma de uma figura alada, cuja sombra das asas incidia sobre a Ásia e a Europa¹⁰⁴⁰. Segundo Cristina Abranches Guerreiro, este sonho profético, mal interpretado por Ciro, anunciava a vinda de um sucessor, que daria início a uma nova linhagem dinástica¹⁰⁴¹. Seria na pessoa de Dario, mais do que no seu descendente direto (Cambises), que a grandeza da obra de Ciro e da sua política expansionista continuariam¹⁰⁴². Dario voltaria a sua atenção, além da Ásia, para a Europa¹⁰⁴³.

No terceiro livro da sua obra, já no *logos* de Dario, Heródoto relata o processo através do qual o filho de Histaspes ascenderia ao trono do império persa¹⁰⁴⁴. Como referimos, com a morte de Cambises e a falta de nomeação de um herdeiro, um mago usurpador, havia

¹⁰³⁸ Evidencie-se que, admitindo a nossa interpretação como correta, se não se pode afirmar que a cobiça corresponde a uma característica constante da personalidade de Dario, pode-se verificar que, pelo menos, aparenta ser ostentada por ele nestas ocasiões.

¹⁰³⁹ Cf. Hdt. 1.209.1. *Vide supra*, p. 115. Heródoto referira já que Histaspes era pai de Dario, no contexto da visão profética que Ciro tivera em sonhos sobre o último. Cf. Hdt. 1.209.2. Mais tarde, o autor esclarece-nos que Histaspes era governador na Pérsia. Cf. Hdt. 3.70.3.

¹⁰⁴⁰ Cf. Hdt. 1.209.1. Veja-se GUERREIRO, Cristina Abranches (2002), *op. cit.*, p. 63. Esta imagem alada, associada à casa real aqueménida, simboliza o monarca persa e corresponde a um tema comum na iconografia aqueménida. Ahura Mazda que, segundo a propaganda do reinado de Dario terá auxiliado este último a obter o trono persa, também se encontra representado sob a forma de uma figura alada na inscrição de Bisitun. Consulte-se GUERREIRO, Cristina Abranches (2002), *op. cit.*, p. 64, nota 19 e p. 65, nota 20. Veja-se também FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*, p. 197, nota 202.

¹⁰⁴¹ Consulte-se GUERREIRO, Cristina Abranches (2002), *op. cit.*, pp. 64-65. Veja-se também SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, pp. 63-64. Note-se que, segundo Heródoto, embora não fosse descende direto da linhagem aqueménida governante, Dario tinha antepassados na casa aqueménida. Dario tinha ascendentes em comum com Ciro-o-Grande e com Cambises II: Aquémenes e, o seu sucessor, Tespes. Cf. Hdt. 7. 11. *Vide* SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, p. 64, nota 1. Para um aprofundamento do significado do sonho de Ciro sobre Dario, sugerimos a consulta do capítulo II da Tese de Doutoramento da mesma autora: veja-se GUERREIRO, Cristina Abranches (1999), *op. cit.*, pp. 85-116.

¹⁰⁴² Cf. *idem*, *ibidem*, pp. 63-64 e GUERREIRO, Cristina Abranches (2002), *op. cit.*, pp. 64-65.

¹⁰⁴³ Consulte-se SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, pp. 63-64 e GUERREIRO, Cristina Abranches (2002), *op. cit.*, pp. 64-65. Cristina Abranches Guerreiro nota ainda a similaridade das visões oníricas que profetizam, nas *Histórias*, a grandeza destinada a Ciro e a Dario: no segundo sonho de Astiages, a sombra projetada pela videira sobre a Ásia simboliza a vinda dum herdeiro poderoso, Ciro; no sonho de Ciro referente a Dario, observa-se a sombra das asas de Dario que além de cobrirem a Ásia, incidem também sobre a Europa. Cf. GUERREIRO, Cristina Abranches (2002), *op. cit.*, p. 65.

¹⁰⁴⁴ Cf. Hdt. 3.70.3-88.1.

tomado conta do poder¹⁰⁴⁵. Preparava-se agora uma conspiração contra este, que governava havia sete meses, organizada por distintos indivíduos persas¹⁰⁴⁶. Estes tinham sabido, com o auxílio precioso da filha de um deles (Fedima, filha de Otanes), a verdadeira identidade daquele que ocupava o trono¹⁰⁴⁷. Foi neste contexto que Dario chegou a Susa e foi integrado no grupo de conjurados, o qual passou então a contabilizar um total de sete membros¹⁰⁴⁸.

Na reunião dos conspiradores, o filho de Histaspes insinuou-se desde logo como um jovem de linhagem nobre, arrojado e impetuoso¹⁰⁴⁹. Desde o início parece pretender afirmar a sua posição, apesar de ser o mais recente membro do grupo¹⁰⁵⁰. Ambicioso e movido pelo ímpeto da sua juventude, Dario procura precipitar o golpe palaciano, sugerindo que atacassem naquele mesmo dia¹⁰⁵¹. Quando Otanes propôs que se ponderasse melhor antes de se passar à ofensiva, Dario teve a ousadia de ameaçar denunciar os seus companheiros de conspiração, caso estes optassem por não colaborar¹⁰⁵². Otanes instiga então Dario a expor naquele preciso momento um plano de ataque, o que leva este a responder de forma incisiva e determinada sobre como deviam proceder¹⁰⁵³.

No seu discurso de carácter sofisticado¹⁰⁵⁴, identificam-se, segundo Maria de Fátima Silva, essencialmente, duas dicotomias: a da palavra/ação e a da verdade/mentira¹⁰⁵⁵. A primeira encontra-se explícita na afirmação de Dario de que, por um lado, existem ações impossíveis de serem manifestadas em palavras; por outro, algumas são passíveis de serem expressas em palavras, mas destas não advém nenhum ato grandioso¹⁰⁵⁶. A segunda dicotomia

¹⁰⁴⁵ *Vide supra*, pp. 128-129.

¹⁰⁴⁶ Cf. Hdt. 3.67.2 e 3.70.

¹⁰⁴⁷ Cf. Hdt. 3.68-70.

¹⁰⁴⁸ Cf. Hdt. 3.70. 3.

¹⁰⁴⁹ Segundo Maria de Fátima Silva, a atitude de Dario na reunião dos conspiradores é reveladora de alguns traços seus que se vão tornar constantes da sua personalidade, bem como do seu modo de agir ao longo da narrativa de Heródoto. Veja-se SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, p. 66.

¹⁰⁵⁰ De acordo com Maria de Fátima Silva, as palavras e a atitude de Dario deixam talvez transparecer a intenção de chamar a si a chefia do grupo de conspiradores. Cf. *idem*, *ibidem*, pp. 66-67.

¹⁰⁵¹ Cf. Hdt. 3.71.2. Heródoto declara que “a juventude alentava o impetuoso Dario”. Veja-se Hdt. 3.72.1.

¹⁰⁵² Cf. Hdt. 3.71.5.

¹⁰⁵³ Cf. Hdt. 3.72.1-5. Veja-se também SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, p. 67.

¹⁰⁵⁴ Podem ser observados na resposta de Dario a Otanes sinais do carácter sofisticado do seu discurso. Sobre este assunto, veja-se *idem*, *ibidem*, p. 67; EVANS, J. A. S. (1991), *op. cit.*, p. 57.

¹⁰⁵⁵ Veja-se SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, p. 67. Acrescente-se que, segundo Maria de Fátima Silva, os valores palavra/ação e verdade/mentira constituem elementos de coesão dos diferentes episódios – nos quais podem ser observadas as várias facetas da personagem – que compõe o *logos* de Dario. Cf. SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, p. 68.

¹⁰⁵⁶ Cf. Hdt. 3.72.2.

é visível na reflexão feita por Dario sobre os princípios da verdade e da mentira¹⁰⁵⁷. Dario considera ambos como veículos que, embora distintos, tem, em última instância, a mesma finalidade: servir os interesses e beneficiar o próprio locutor em termos práticos¹⁰⁵⁸. Assim sendo, o recurso quer à honestidade, quer à falsidade constitui apenas um meio para alcançar o fim¹⁰⁵⁹. Esta perspetiva implica a anulação da moralidade subjacente aos valores enunciados, em favor dos interesses práticos e pessoais¹⁰⁶⁰. Erich S. Gruen caracteriza mesmo Dario como um indivíduo sem princípios e implacável¹⁰⁶¹.

No entanto, se, neste passo, Heródoto coloca na boca de Dario um discurso anulador de princípios, noutra ocasião, faz este mesmo rei apresentar uma lição central da sua obra¹⁰⁶². A personagem de Dario tem noção da existência de diferentes perceções das tradições culturais e de que todas elas devem ser respeitadas¹⁰⁶³. Esse facto encontra-se atestado no episódio em que o monarca persa demonstra esse ensinamento aos indivíduos gregos da sua corte¹⁰⁶⁴. Neste passo, ao contrário do referido acima, vemos Dario a defender aquilo que, na perspetiva de Heródoto, era um princípio universal¹⁰⁶⁵. Observa-se, deste modo, a complexidade do retrato deste soberano, evidente em diferentes passos da obra, como veremos.

Após a exortação de um dos conjurados, chamado Góbrias, para que os outros restantes seguissem o conselho de Dario, os sete decidiram avançar para a ofensiva¹⁰⁶⁶.

¹⁰⁵⁷ Cf. Hdt. 3.72.4.

¹⁰⁵⁸ Cf. Hdt. 3.72.4. Veja-se também SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, p. 67. Note-se que a perceção que Dario demonstra ter destes valores difere do ensinamento persa de falar sempre a verdade, que correspondia a uma componente fundamental da educação dos jovens Persas, como vimos (cf. Hdt. 1.136.2). Vide EVANS, J. A. S. (1991), *op. cit.*, p. 57 e IMMERWAHR, H. R. (1986), *op. cit.*, p. 170.

¹⁰⁵⁹ Consulte-se SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, p. 67. Para Evans, este retrato de Dario fornecido por Heródoto representa uma antítese da imagem que é projetada pelo próprio monarca persa, na inscrição de Bihistun. Nesta, Dario apresenta-se a si próprio como o defensor da verdade, que combate e elimina a mentira. Ao passo, que nas *Histórias*, segundo Evans, Dario afigura-se como um indivíduo astuto, que se serviu do dolo para alcançar o poder. Veja-se EVANS, J. A. S. (1991), *op. cit.*, pp. 57-58 e p. 60.

¹⁰⁶⁰ Cf. SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, p. 67.

¹⁰⁶¹ Vide GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, p. 34. Outros episódios, como o da punição de Intáfrenes e o da história da irrigação da planície asiática (que serão mencionados adiante), talvez possam fundamentar também a existência desta faceta de Dario em Heródoto.

¹⁰⁶² Cf. Hdt. 3.38.

¹⁰⁶³ Cf. Hdt. 3.38.

¹⁰⁶⁴ Talvez possa ser observado, neste episódio, um certo grau de perspicácia (segundo Erich S. Gruen, Dario aparenta ter mais perspicácia do que os Gregos da sua corte, no que toca às diferenças culturais) e de sabedoria da personagem em análise. Consulte-se GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, p. 35.

¹⁰⁶⁵ Realce-se que, como Ciro, Dario também era capaz de providenciar ensinamentos de grande relevância e significado (segundo uma perspetiva herodotiana). Cf. *idem, ibidem*, p. 35.

¹⁰⁶⁶ Cf. Hdt. 3.73.

Durante o caminho para o palácio, foram informados de que o engodo dos magos se tinha tornado do conhecimento público (Prexaspes contara a verdade, antes de cometer suicídio)¹⁰⁶⁷. Os conspiradores reuniram-se então novamente para debater se deviam ou não prosseguir com o plano original¹⁰⁶⁸. De um lado, estavam os que apoiavam a proposta de Otanes de adiar a investida; do outro, encontravam-se aqueles que concordavam com Dario, que defendia a ação imediata¹⁰⁶⁹. Incentivados por um presságio que observaram enquanto discutiam, decidiram unanimemente seguir a sugestão de Dario¹⁰⁷⁰. A partir desse momento, Dario aparenta assumir o comando do grupo¹⁰⁷¹.

Porém, Maria de Fátima Silva realça que, chegada a hora de perpetrar o ataque na residência real, Dario não age como um chefe¹⁰⁷². Esta investigadora argumenta que, durante a investida, as ações de Dario parecem dissolver-se com as dos companheiros: grande parte dos atos são descritos como uma intervenção coletiva¹⁰⁷³. Além de que, quando a narrativa evidencia os atos de Dario, estes são caracterizados pela paralisação e hesitação¹⁰⁷⁴. Dario fica imobilizado, pois, no meio da escuridão, receia ferir Góbrias que havia capturado um dos magos¹⁰⁷⁵. Apenas após ter sido incitado por Góbrias, desfere um golpe no adversário, que, por sorte, foi certo¹⁰⁷⁶. O destino favorecera Dario¹⁰⁷⁷. Como salienta Silva, embora o seu discurso anterior (proferido na reunião dos conjurados, não muito depois da chegada de Dario a Susa) fosse marcado pela determinação de um líder, na prática, o seu comportamento revela ser distinto das suas palavras¹⁰⁷⁸.

Morto o mago usurpador, os conjurados reúnem-se com o propósito de discutir o modo de governo que deveria ser implantado¹⁰⁷⁹. Otanes, que se mostra contra e critica o governo de “um só homem”, propõe um regime de cariz democrático (embora não o designe

¹⁰⁶⁷ Cf. Hdt. 3.74-76.2.

¹⁰⁶⁸ Cf. Hdt. 3.76.2.

¹⁰⁶⁹ Cf. Hdt. 3.76.2.

¹⁰⁷⁰ Cf. Hdt. 3.76.3.

¹⁰⁷¹ Vide SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, p. 68.

¹⁰⁷² Idem, *ibidem*, p. 68. Para a descrição do golpe palaciano em Heródoto, veja-se: Cf. Hdt. 3.77-79.

¹⁰⁷³ Idem, *ibidem*, p. 68.

¹⁰⁷⁴ Veja-se SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, pp. 68-69.

¹⁰⁷⁵ Cf. Hdt. 3.78.4-5.

¹⁰⁷⁶ Cf. Hdt. 3.78.5.

¹⁰⁷⁷ Vide SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, p. 69.

¹⁰⁷⁸ Cf. idem, *ibidem*, pp. 68-69.

¹⁰⁷⁹ Cf. Hdt. 80.1.

pelo nome)¹⁰⁸⁰. Megabizo, por sua vez, sugere um governo do tipo oligárquico, segundo nos indica Heródoto, apesar de ter mostrado concordância com a posição de Otanes relativamente à tirania¹⁰⁸¹. Por fim, Dario defende o estabelecimento de uma monarquia¹⁰⁸². Os restantes quatro conjurados, que não se haviam pronunciado, optam pela última proposta, pelo que é escolhido o regime monárquico¹⁰⁸³.

Ao debate sobre o modo de governo que devia ser instituído segue-se o processo de decisão do novo governante¹⁰⁸⁴. Foi acordado que aquele cujo cavalo relinchasse primeiro no amanhecer seguinte seria nomeado rei¹⁰⁸⁵. Graças ao plano engendrado e executado pelo seu palafrenero, seria o filho de Histaspes a obter o direito de reinar¹⁰⁸⁶. A divindade parecia continuar a favorecer Dario, pois, no instante em que o seu cavalo relinchava antes dos outros, um raio atravessa o céu límpido e ouve-se um trovão¹⁰⁸⁷. Reconhecendo o novo soberano, os outros prostram-se perante ele¹⁰⁸⁸.

Note-se que Dario ascende ao trono em virtude da iniciativa de outrem: alcança o poder régio, por mérito do estratagema imaginado e realizado pelo seu palafrenero¹⁰⁸⁹. Este papel passivo desempenhado por Dario, segundo Maria de Fátima Silva, pode ser observado,

¹⁰⁸⁰ Cf. Hdt. 3.80.2-6. Consulte-se ROLLINGER, Robert, “Herodotus. vi. Darius according to Herodotus”, *Encyclopaedia Iranica*, Vol. XII, Fasc. 3, 2003, pp. 264-270.

¹⁰⁸¹ Cf. Hdt. 3.81. *Vide idem, ibidem*, pp. 264-270.

¹⁰⁸² Cf. Hdt. 3.82. Consulte-se *idem, ibidem*, pp. 264-270. Carmen Soares considera que se pode verificar, mais especificamente, a existência de seis modelos de governo neste episódio (normalmente conhecido como o “Diálogo dos Persas”): monarquia, tirania, oligarquia “melhor”, oligarquia “pior”, democracia “melhor” e democracia “pior”. Veja-se SOARES, Carmen, “Regimes políticos nas *Histórias* de Heródoto: o “Diálogo dos Persas” (3. 80-82)” in SOARES, Carmen; FIALHO, Maria do Céu e FIGUEIRA, Thomas (coords.), *Pólis/Cosmópolis: identidades globais e locais*, Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2016, p. 51. Sobre o “Diálogo dos Persas”, sugere-se ainda a consulta de dois trabalhos de Maria Helena da Rocha Pereira sobre este tema: ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, “O Diálogo dos Persas em Heródoto” in *Obras de Maria Helena da Rocha Pereira II: Estudos sobre a Grécia Antiga: Artigos*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014, pp. 409-420 e ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, “O mais antigo texto europeu de teoria política” in ROCHA PEREIRA, Maria Helena da (2014), *op. cit.*, pp. 421-427.

¹⁰⁸³ Cf. Hdt. 3.83.1. Veja-se *idem, ibidem*, pp. 264-270.

¹⁰⁸⁴ Cf. Hdt. 3.84.3. Como não pretendia “governar nem ser governado”, após os outros conjurados terem acedidos às suas condições de renúncia ao poder, Otanes excluiu-se do processo de eleição do futuro soberano. Cf. Hdt. 3.83.2-3.

¹⁰⁸⁵ Cf. Hdt. 3.84.3.

¹⁰⁸⁶ Cf. Hdt. 3.85-86. Heródoto apresenta ainda outra versão da história do estratagema que permitiu a Dario subir ao trono persa, semelhante àquela que retratamos. Para a versão alternativa, veja-se: Hdt. 3.87.

¹⁰⁸⁷ Cf. Hdt. 3.86.2. Veja-se também SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, p. 70. Note-se que a ascensão ao poder de Dario, assim como a de Ciro, encontram-se associadas a elementos de cariz divino e/ou lendário. O mesmo não se verifica com Cambises e Xerxes, que assumem o papel de herdeiros (inclusive, dos planos dos pais), que ascendem ao poder facilmente. Consulte-se SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, p. 63.

¹⁰⁸⁸ Cf. Hdt. 3.86.2.

¹⁰⁸⁹ *Vide* SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, p. 69.

em especial, nos momentos decisivos da vida da personagem¹⁰⁹⁰. Conforme a autora verifica, nessas ocasiões, normalmente, Dario acolhe e adere a uma proposta, formulada e concebida por outra pessoa¹⁰⁹¹. Entre os exemplos dados por Silva, que fundamentam esta interpretação, podemos salientar o plano idealizado por Democedes relativamente ao ataque à Grécia, que é sugerido a Dario por intermédio da rainha e com o qual o rei concorda¹⁰⁹². A reconquista da Babilónia também se concretiza graças ao plano de outrem: o estrategema é concebido e executado por Zópiro, sendo que o rei apenas segue as recomendações que lhe são fornecidas por este¹⁰⁹³.

Tendo sido proclamado soberano do Império Persa, Dario tratou, primeiramente, de consolidar o seu recém-adquirido poder através de alianças matrimoniais: contraiu matrimónio com duas filhas de Ciro, Atossa e Artistone, com uma neta de Ciro, Pármis, e ainda com Fedima, a filha de Otanes que tinha desmascarado o mago¹⁰⁹⁴. De seguida, estabeleceu medidas de cariz administrativo, procedendo à reorganização do país, através do estabelecimento de satrapias e da reforma do sistema tributário¹⁰⁹⁵. Esta reestruturação ao nível administrativo, provavelmente, terá proporcionado ao império um período de prosperidade¹⁰⁹⁶.

Contudo, Heródoto informa também que a cobrança de imposto e outras leis do mesmo género impostas pelo rei levaram os Persas a afirmar que “Dario era um comerciante [...] porque de tudo fazia comércio” (Πέρσαι ὡς Δαρεῖος μὲν ἦν κάπηλος [...] ὁ μὲν ὄτι

¹⁰⁹⁰ Cf. idem, *ibidem*, p. 78.

¹⁰⁹¹ Vide idem, *ibidem*, p. 78.

¹⁰⁹² Cf. Hdt. 3.133-134. Vide idem, *ibidem*, p. 68.

¹⁰⁹³ Cf. Hdt. 3.154-155. Veja-se idem, *ibidem*, p. 82. Segundo Maria de Fátima Silva, Dario parece afigurar-se, nas *Histórias*, mais como um homem de palavras do que de ação (recorde-se o contraste entre o discurso determinado proferido por Dario na reunião dos conjurados, e a sua hesitação e paralisação no momento da prática, durante o golpe palaciano. Vide *supra*, p. 136). A autora considera a falta de capacidade de ação de Dario como uma fraqueza da personagem, uma vez que, no momento da verdade, ele acaba por atuar ao sabor dos interesses, benignos ou pérfidos, de terceiros (que lhe sugerem os planos, aos quais adere). Vide SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, p. 88.

¹⁰⁹⁴ Cf. Hdt. 3.88.2-3. Dario fortalecia, deste modo, os seus laços com a casa aqueménida (legítima governante segundo o protocolo real persa: vide *supra*, p. 33) e com a aristocracia persa. Veja-se SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, p. 71.

¹⁰⁹⁵ Os antecessores de Dario não exigiam o pagamento de um tributo, mas aceitavam oferendas. Cf. Hdt. 3.89.1-2.

¹⁰⁹⁶ Esta reorganização administrativa é retratada de forma pormenorizada por Heródoto (cf. Hdt. 3.90-97), o que, segundo Maria de Fátima Silva, demonstra o reconhecimento da relevância que este processo teve no sentido de proporcionar prosperidade ao país. Veja-se SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, p. 71. Consulte-se também ROLLINGER, Robert (2003), *op. cit.*, pp. 264-270.

ἐκαπήλευε πάντα τὰ πρήγματα)¹⁰⁹⁷. A história da irrigação da planície asiática parece confirmar esta faceta de Dario: Heródoto conta que o monarca só abria as comportas de água para os povos que necessitavam, mediante o pagamento extra de um valor elevado (além daquele exigido pelo tributo)¹⁰⁹⁸. Este lado do soberano parece manifestar uma tendência para tirar proveito das circunstâncias e transformá-las num negócio¹⁰⁹⁹. Pode-se talvez, deste modo, aferir um lado mais oportunista do monarca persa¹¹⁰⁰.

Por sua vez, os episódios da morte de Intáfrenes e do assassinio de Oretes permitem-nos aferir o ambiente de insegurança que, após a subida de Dario ao trono, ainda se fazia sentir¹¹⁰¹. Evidenciam também a necessidade que Dario terá tido de legitimar e afirmar a sua autoridade. Estes passos permitem ainda descortinar alguns traços do retrato político, e, possivelmente, da personalidade do rei.

A atitude de Dario no primeiro episódio expressa uma mistura de dureza e de magnanimidade, característica dos soberanos persas nas *Histórias*¹¹⁰². O monarca castigou severamente Intáfrenes, um dos seus antigos companheiros de conspiração, por suspeitar de que este o tencionava trair¹¹⁰³. Desconfiado de uma possível tentativa de insurreição da parte de Intáfrenes e dos membros varões da família deste, sentenciou-os a todos à morte¹¹⁰⁴. No entanto, se, por um lado, Dario exerceu uma punição dura neste episódio; por outro, demonstrou também benevolência: acedendo à súplica da esposa de Intáfrenes, poupou a vida a dois dos seus parentes¹¹⁰⁵.

¹⁰⁹⁷ Cf. Hdt. 3.89.3. *Vide* SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, p. 72. Evans realça que o epíteto de “comerciante” dado pelos Persas a Dario poderia desagradar a Ciro, que, como referimos, não via favoravelmente os locais de comércio. Ciro condenava esses sítios por favorecerem o engano (*vide supra*, p. 105, nota 769). Consulte-se EVANS, J. A. S. (1991), *op. cit.*, p. 58.

¹⁰⁹⁸ Cf. Hdt. 3.118.1. Veja-se SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, p. 72.

¹⁰⁹⁹ Cf. Hdt. 3.117. *Vide* *idem, ibidem*, p. 72.

¹¹⁰⁰ Maria de Fátima Silva considera que talvez se possa vislumbrar uma propensão para a habilidade e para o oportunismo, em termos de carácter e de modo de agir da personagem. Cf. *idem, ibidem*, p. 66.

¹¹⁰¹ Tenha-se em conta que o novo rei que ascendera ao trono não deixava de ser, em última análise, um usurpador. Aliás, da propaganda oficial imperial do reinado de Dario, nomeadamente da inscrição de Bisitun, transparece a necessidade que o monarca terá sentido de afirmar e autenticar o seu direito ao trono. Na inscrição de Bisitun, chega-se ao ponto de se traçar as origens genealógicas de Dario de forma a estabelecer uma ligação com a linhagem aqueménida, pois, segundo o protocolo real persa, o tronco aqueménida era o único legitimamente detentor da prerrogativa de governar. *Vide supra*, pp. 16-17 e 33.

¹¹⁰² Consulte-se ROLLINGER, Robert (2003), *op. cit.*, pp. 264-270.

¹¹⁰³ Cf. Hdt. 3.118 e 3.119.1-2.

¹¹⁰⁴ Cf. Hdt. 3.119.1-2.

¹¹⁰⁵ Cf. Hdt. 3.119.3-7.

No segundo episódio referido, presenciamos a punição de Oretes, governador de Sárdis desde o tempo de Ciro, pelos diversos crimes que perpetrara, de que foram vítimas, entre outros, um sátrapa e seu filho¹¹⁰⁶. Tendo em conta a sua recém-adquirida autoridade ainda por consolidar, sujeita a ameaças, e sabendo do poderio de Oretes, Dario decidiu agir com prudência e cautela¹¹⁰⁷. Incumbiu um voluntário de entre os seus homens de tratar do assunto, de forma discreta e sensata¹¹⁰⁸. Deste modo, foi exercida justiça e a insolência de Oretes em não aceder ao chamamento do rei à corte foi punida exemplarmente¹¹⁰⁹.

Julgamos que talvez se possa observar neste passo um lado mais ponderado e previdente de Dario, que, por vezes, se manifesta. As medidas políticas, que referimos, tomadas pelo monarca para consolidar o seu poder também aparentam revelar prudência e sensatez. Se assim for, a comparação destes casos com outros passos permite-nos apreciar a complexidade do retrato do soberano. Por um lado, Dario dá sinais de precipitação e/ou de imprudência, como se verificou durante o processo da sua ascensão ao trono e conforme se viria a provar noutras ocasiões (por exemplo, aquando da campanha cita, Dario precipitar-se-ia ao querer destruir a ponte sob o Istro, a qual representava uma via de regresso ao seu país¹¹¹⁰). Por outro lado, noutros momentos, ele revela previdência e/ou ponderação, conforme se observa no episódio de Oretes e nas medidas tomadas para afirmar a sua autoridade¹¹¹¹.

No episódio de Democedes (médico originário de Crotona) vemos a característica generosidade que o rei podia demonstrar como forma de gratidão para com aqueles que lhe prestavam serviços¹¹¹². Heródoto explicita as várias regalias e privilégios concedidos a Democedes por ter tratado e curado Dario¹¹¹³. Entre os vários casos que evidenciam este

¹¹⁰⁶ Cf. Hdt. 3.120.1 e 3.126.

¹¹⁰⁷ Cf. Hdt. 3.127.1.

¹¹⁰⁸ Cf. Hdt. 3.127.2-3 e 128.1.

¹¹⁰⁹ Cf. Hdt. 3.128. *Vide* SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, p. 72.

¹¹¹⁰ Cf. Hdt. 4.97.1.

¹¹¹¹ Destaque-se ainda a atitude de Dario no episódio de Sandoces: embora inicialmente se tenha precipitado, acabou por refletir e mudar a sua atitude (como veremos). Cf. Hdt. 7.194.

¹¹¹² Se, por um lado, Dario mostrava generosidade, por outro, punia severamente (vide IMMERWAHR (1986), *op. cit.*, pp. 173-174): ele tencionava mandar empalar os médicos egípcios por não terem sido bem-sucedidos em curar o seu mal, apesar de eles o terem tratado no passado. Apenas a intervenção de Democedes a favor destes junto do monarca impede a concretização dessa severa punição. Cf. Hdt. 3.132.2. Observa-se, deste modo, mais uma vez, o poder que o soberano detinha sobre a vida e morte dos seus súbditos.

¹¹¹³ Cf. Hdt. 3.130 e 132. Para uma breve síntese das recompensas e honras outorgadas a Democedes por Dario, segundo Heródoto, consulte-se o nosso breve sumário da referência textual 3.130 e 132 na entrada referente a Dario da tabela 2.6 do Apêndice 2. Veja-se Tabela 2.6, p. LII.

atributo de Dario, saliente-se, especialmente, o do já mencionado Zópiro, que foi agraciado com as maiores honrarias¹¹¹⁴. Pelos seus serviços prestados durante a campanha contra a Babilónia, Dario passou a conceder-lhe privilégios anualmente¹¹¹⁵. Heródoto relata ainda episódios referentes ao acolhimento favorável que exilados recebiam na corte, dos quais podemos salientar o de Cites, antigo rei dos Zânclios, que, segundo o que se diz, terá vivido muito bem entre os Persas¹¹¹⁶.

Apesar do reconhecimento de Dario a Democedes, materializado em vários tipos de bens, este sentia-se “preso dentro de uma gaiola dourada” e ansiava por regressar à sua pátria¹¹¹⁷. Do desejo de liberdade de Democedes advirá o plano de Dario de conquistar a Grécia: a pedido do médico de Crotona, a rainha intervirá junto do rei e influenciá-lo-á no sentido de encetar a expedição¹¹¹⁸. Será na intimidade dos aposentos reais que Atossa, em nome da promessa feita ao médico grego por a ter curado, procurará persuadir Dario a conquistar a Hélade¹¹¹⁹.

Astutamente, a rainha começa por recordar o marido da importância de conquistar novos territórios e de alargar as fronteiras do império para a consolidação do seu poder¹¹²⁰. Em resposta, Dario expõe-lhe os seus projetos de construir uma ponte para unir a Ásia à Europa e de empreender uma campanha contra os Cítas¹¹²¹. Atossa procura então dissuadi-lo de atacar a Cítia e convencê-lo a realizar uma expedição contra a Grécia, em primeiro lugar, alegando que deseja ter ao seu serviço servas da Lacedemónia, de Argos e de Corinto¹¹²². Sugere ainda que o médico que o havia tratado, conhecedor do território, poderia servir de guia¹¹²³. Ao apresentar estes argumentos, Atossa logra convencer Dario, que acede à sua

¹¹¹⁴ Para mais exemplos da generosidade de Dario e recompensação de serviços que lhe eram prestados, consulte-se a entrada referente a Dario na tabela 2.7 do Apêndice 2. Veja-se Tabela 2.7, p. LXVI. Note-se que, se o leitor comparar as tabelas 2.6 e 2.7, constatará que o maior número de referências a atos de recompensa e de generosidade encontra-se na entrada referente a Dario (comparativamente com os outros reis persas herodotianos). Veja-se respetivamente: Tabela 2.6, p. LII e Tabela 2.7, p. LXVI.

¹¹¹⁵ Cf. Hdt. 3.160.

¹¹¹⁶ Também é de realçar o caso do antigo rei espartano, Demarato, que foi acolhido na corte persa no reinado de Dario. Cf. Hdt. 6.70.

¹¹¹⁷ Cf. Hdt. 3.130-132.

¹¹¹⁸ Cf. Hdt. 3.133-134. Veja-se SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, p. 73.

¹¹¹⁹ Cf. Hdt. 3.134.1. Consulte-se idem, *ibidem*, p. 77.

¹¹²⁰ Cf. Hdt. 3.134.1-3.

¹¹²¹ Cf. Hdt. 3.134.4.

¹¹²² Cf. Hdt. 3.134.5.

¹¹²³ Cf. Hdt. 3.134.5.

proposta, numa tentativa de lhe agradar¹¹²⁴. Dario resolve enviar espiões acompanhados por Democedes para obterem informações acerca desse povo e fazer um reconhecimento do terreno¹¹²⁵.

Observa-se neste passo a intersecção das esferas dos domínios público e privado: a tomada das decisões acima enunciadas, que são de carácter político-militar, é feita no ambiente privado e íntimo do leito régio¹¹²⁶. Neste episódio, pode-se, portanto, contemplar a faceta privada do monarca persa, que aparenta revelar-se como influenciável e fácil de se deixar persuadir pela mulher e esposa¹¹²⁷. Mais tarde na narrativa, aquando da nomeação do sucessor de Dario, Heródoto tece um comentário que parece corroborar esta ideia: o historiador declara que a escolha acabaria por recair de qualquer forma sobre Xerxes, uma vez que Atossa era “todo-poderosa”¹¹²⁸.

Com a autoridade sobre os territórios herdados dos seus antecessores fortalecida, Dario podia dedicar-se à ambição de aumentar o seu legado, através da conquista de novas terras. O rei dava, assim, continuidade à política expansionista imperial persa iniciada pelos seus predecessores. Apesar dos seus planos militares iniciais visarem a Cítia e a Grécia, a sua atenção volta-se, primeiramente, para a ilha de Samos. A razão dessa campanha prende-se apenas com a recompensação do gesto de Silosonte¹¹²⁹. Como sinal da sua gratidão, Dario envia uma expedição para auxiliar Silosonte a recuperar o trono de Samos, que anteriormente pertencera ao seu falecido irmão, Polícrates¹¹³⁰. No entanto, a missão não seria totalmente bem-sucedida, uma vez que a ilha foi devolvida a Silosonte, mas quase despovoada¹¹³¹.

Os projetos de Dario teriam ainda de esperar que ele dominasse a revolta que, entretanto, eclodira na Babilónia¹¹³². O próprio monarca assume a liderança da campanha¹¹³³.

¹¹²⁴ Cf. Hdt. 3.134.6.

¹¹²⁵ Cf. Hdt. 3.134.6 e 135.

¹¹²⁶ Em Heródoto, é usual que causas de natureza particular ou pessoal se sobreponham às de natureza política ou nacional. *Vide* SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, p. 73

¹¹²⁷ Confronte-se com WATERS, K. H. (1971), *op. cit.*, p. 60.

¹¹²⁸ Cf. Hdt. 7.3. Tradução nossa. Veja-se WATERFIELD, Robin e DEWALD, Carolyn (2008), *op. cit.*, p. 405.

¹¹²⁹ Como foi referido, Silosonte ofereceu o seu manto ao jovem Dario, que, na ocasião, era apenas um desconhecido, estando ainda para vir o dia em que se tornaria o governante do império persa. *Vide supra*, pp. 132-133.

¹¹³⁰ Mais uma vez, o soberano persa dá, deste modo, provas da sua generosidade para com aqueles que lhe prestam serviços. Cf. Hdt. 3.140-141.

¹¹³¹ Cf. Hdt. 3.149.

¹¹³² Cf. Hdt. 3.150.1.

¹¹³³ Cf. Hdt. 3.151.1.

O assédio da cidade durava havia já mais de um ano e Dario não encontrava nenhuma forma eficaz de a tomar¹¹³⁴. Seria apenas graças ao dolo de Zópiro (e ao auxílio divino) que a cidade capitularia¹¹³⁵. Reconquistada a Babilónia, Heródoto relata a punição severa aplicada aos insurretos¹¹³⁶. O historiador grego refere ainda outras medidas aplicadas por Dario, que os seus antecessores não haviam definido¹¹³⁷. Além disso, Dario tratou de assegurar a descendência dos habitantes babilónicos sobreviventes, demonstrando, assim, previdência¹¹³⁸.

Finalmente, Dario pôde focar-se em cumprir o seu desejo inicial e investir contra a Cítia, comandando pessoalmente a campanha¹¹³⁹. O motivo alegado para a expedição é a vingança da invasão da Média pelos Citas, no passado¹¹⁴⁰. Esta campanha contém vários dos elementos tradicionais de um empreendimento militar nas *Histórias*, inclusive a travessia da convencionalmente fronteira líquida: o rio Istro¹¹⁴¹. Artabano, seu irmão, adverte-o e tenta demovê-lo dessa empresa¹¹⁴². Porém, Dario não se deixa persuadir e avança com a campanha¹¹⁴³. Depois de transposto o rio, Dario precipita-se, ao querer demolir a ponte, uma via de regresso ao seu país¹¹⁴⁴. Felizmente, apesar da sua atitude irrefletida, escuta e segue o conselho que lhe é dado, acabando por não ordenar a destruição da ponte¹¹⁴⁵.

Se tivesse prosseguido com essa resolução, o resultado desfavorável da campanha poderia ter alcançado proporções muito mais calamitosas¹¹⁴⁶. No desenrolar das operações militares, Dario revela-se incapaz de compreender o tipo de guerra feito pelo inimigo¹¹⁴⁷.

¹¹³⁴ Cf. Hdt. 3.152. *Vide* SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, p. 82.

¹¹³⁵ Cf. Hdt. 3.153-159.

¹¹³⁶ Cf. Hdt. 3.159.1. Veja-se WATERS, K. H. (1971), *op. cit.*, p. 60. Outro tipo de punição aplicada aos povos conquistados no reinado de Dario, relatada por Heródoto, consistia na deportação desses mesmos povos. Este costume adotado pelos Persas teria origens assíria e neobabilónica. É interessante notar que o historiador dá-nos conta de vários casos de deportação em especial no período do reinado de Dario, conforme se pode observar na tabela 2.7 do Apêndice 2. Veja-se Tabela 2.7, p. LXVI. Consulte-se também VLASSOPOULOS, Kostas (2013), *op. cit.*, p. 51.

¹¹³⁷ Cf. Hdt. 3.159.1.

¹¹³⁸ Heródoto realça que Dario revela ser previdente ao tomar esta atitude. Cf. Hdt. 3.159.2.

¹¹³⁹ Cf. Hdt. 4.1. Note-se que, apesar do compromisso assumido com Atossa, Dario resolve atacar primeiro os Citas, deixando a invasão da Grécia para segundo plano.

¹¹⁴⁰ Cf. Hdt. 4.1-4. Heródoto realça que o excesso de recursos humanos e financeiros que Dario tinha a sua disposição também constituiu um incentivo à concretização deste empreendimento. Cf. Hdt. 4.1.

¹¹⁴¹ Cf. Hdt. 4.97.1.

¹¹⁴² Cf. Hdt. 4.83.1.

¹¹⁴³ Cf. Hdt. 4.83.2.

¹¹⁴⁴ Cf. Hdt. 4.97.1.

¹¹⁴⁵ Cf. Hdt. 4.97-98.

¹¹⁴⁶ Veja-se SILVA, Maria de Fátima e de GUERREIRO, Cristina Abranches (2000), *op. cit.*, p. 26.

¹¹⁴⁷ *Vide idem, ibidem*, p. 28.

Consequentemente, esse fator reflete-se na sua inaptidão em adotar estratégias adequadas para responder aos movimentos do adversário¹¹⁴⁸. Como outrora Ciro e Cambises menosprezaram os Masságetas e os Etiopes, respetivamente, também Dario menospreza o seu adversário cita¹¹⁴⁹. A expedição acaba, deste modo, por se saldar num fracasso¹¹⁵⁰.

As campanhas que se seguem à da Cítia são coordenadas por Dario à distância, a partir da sede de poder imperial, e comandadas no terreno por generais da confiança do rei¹¹⁵¹. O desaire da expedição contra os Citas, a qual envolvera grandes preparativos e recursos, poderá ter levado à decisão de Dario de abandonar a chefia direta das tropas¹¹⁵². Como Maria de Fátima Silva repara, Dario, ao contrário do fundador do império persa (Ciro), não detinha as qualidades de um líder militar¹¹⁵³. Os seus últimos empreendimentos demonstram esse facto: por um lado, vimos a sua incapacidade de conceber uma estratégia para fazer a cidade de Babilónia capitular; por outro, a sua inaptidão para responder aos ataques inimigos dos Citas. Para não mencionar a insensatez e falta de providência que revela ao pretender que a ponte sob o Istro seja destruída.

Não muito depois, rebenta a revolta da Iónia, que assume contornos de importância no contexto da ofensiva contra a Grécia¹¹⁵⁴. O envolvimento de Gregos do continente nesta revolta fornece a Dario um pretexto – vingar-se de Atenas e de Erétria – para empreender o seu projeto, há muito forjado, de conquistar a Grécia¹¹⁵⁵. O processo de invasão da Hélade foi pontuado por vários confrontos, dos quais se destaca o de Maratona¹¹⁵⁶. Heródoto relata que a cólera de Dario cresceu ao saber as notícias desta última batalha, de tal forma que o rei não perdeu tempo a iniciar os preparativos da expedição¹¹⁵⁷.

¹¹⁴⁸ Consulte-se idem, *ibidem*, pp. 84-85.

¹¹⁴⁹ Cf. idem, *ibidem*, p. 29.

¹¹⁵⁰ Veja-se idem, *ibidem*, p. 85.

¹¹⁵¹ Cf. idem, *ibidem*, p. 85.

¹¹⁵² *Vide* idem, *ibidem*, p. 85.

¹¹⁵³ Veja-se SILVA, Maria de Fátima (1995), *op. cit.*, p. 85. Contudo, é interessante notar que Heródoto denota que o nome Dario significa “guerreiro”. Cf. Hdt. 6.98.3. Llewellyn-Jones esclarece que, na realidade, o nome persa deste rei significava “holding firm the good”. Veja-se LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, p. 14.

¹¹⁵⁴ Heródoto dedica uma grande parte da narrativa à campanha contra a Iónia, o que não é de admirar, tendo em conta a relevância que esta assume no contexto das Guerras Pérsicas. Cf. idem, *ibidem*, p. 86.

¹¹⁵⁵ *Vide* idem, *ibidem*, p. 87.

¹¹⁵⁶ Veja-se idem, *ibidem*, p. 87.

¹¹⁵⁷ Cf. Hdt. 7.1. Pode-se constatar que Dario, à semelhança dos seus antecessores, mostra também sinais de cólera, pelo menos, numa ocasião. Porém, como Avery salienta, se tomarmos esta característica como um traço hereditário desde Astiages, apenas Ciro, Cambises e Xerxes a herdaram, uma vez que Dario descendia duma linhagem diferente. *Vide* AVERY, H. C. (1972), *op. cit.*, p. 543.

Furioso, Dario toma a decisão de liderar pessoalmente essa campanha, bem como aquela que teria lugar contra o Egito, que, entretanto, se revoltara¹¹⁵⁸. Todavia, Dario acabaria por falecer sem chegar a concretizar estas suas intenções¹¹⁵⁹. Os seus planos de esmagar a rebelião do Egito e de subjugar a Grécia (incluindo, a punição de Atenas) teriam de ser levados a cabo pelo seu sucessor: Xerxes.

Por fim, refira-se ainda o último episódio referente a Dario nas *Histórias*¹¹⁶⁰. Heródoto informa que Dario mandara crucificar Sandoces, membro dos juízes reais, por este ter aceitado um suborno para sentenciar injustamente um caso¹¹⁶¹. Porém, depois de ponderar melhor, o rei acabou por libertar Sandoces da pena a que o sentenciara¹¹⁶². Assim foi, diz Heródoto, porque Dario percebeu que ele próprio tinha agido mais precipitadamente do que com sabedoria¹¹⁶³. Ele concluiu que o bem que Sandoces fizera anteriormente superava os crimes que cometera contra a casa real¹¹⁶⁴. Deste modo, acabou por seguir o νόμος persa, que dizia que nenhum indivíduo devia ser condenado à morte por um só crime¹¹⁶⁵.

Pode-se assim afirmar que a última imagem que Heródoto fornece de Dario é, portanto, a de um monarca que, embora precipitado, também é capaz de ponderar e de reconhecer os seus erros.

4.3.4 Xerxes

Embora o *logos* de Xerxes apenas principie no livro VII das *Histórias*, deparamos com uma referência feita à personagem ainda no livro I¹¹⁶⁶. Ali, somos remetidos para o já referido episódio da estátua do templo da Babilónia¹¹⁶⁷. A atitude de Xerxes revela-se, desde logo, distinta da dos seus antecessores, que não se atreveram a tocar na estátua¹¹⁶⁸. Xerxes

¹¹⁵⁸ Cf. Hdt. 7.1.

¹¹⁵⁹ Cf. Hdt. 7.4.

¹¹⁶⁰ Cf. Hdt. 7.194.

¹¹⁶¹ Cf. Hdt. 7.194.

¹¹⁶² Cf. Hdt. 7.194.

¹¹⁶³ Cf. Hdt. 7.194.

¹¹⁶⁴ Cf. Hdt. 7.194.

¹¹⁶⁵ Heródoto explicita que este costume devia ser observado inclusivamente pelo rei, como já tivemos oportunidade de referir. *Vide supra*, p. 100.

¹¹⁶⁶ Cf. Hdt. 1.183.3.

¹¹⁶⁷ Cf. Hdt. 1.183.2-3.

¹¹⁶⁸ Recorde-se que, segundo Heródoto, a estátua conservara-se no lugar desde o reinado de Ciro. Cf. Hdt. 1.183.2-3.

não só se apropria da imagem, como assassina o sacerdote que procurava impedi-lo de o fazer¹¹⁶⁹. Pode-se, deste modo, verificar a crueldade do jovem soberano: além de cometer o sacrilégio de remover a estátua sagrada, provoca a morte de um homem de religião¹¹⁷⁰. Esta primeira imagem da intolerância e impiedade de Xerxes prenuncia a natureza de vários atos que o monarca irá perpetrar durante a invasão da Hélade¹¹⁷¹.

Como veremos, ao longo da parte da narrativa que lhe é dedicada por Heródoto, a personagem de Xerxes é, principalmente, apresentada no contexto da campanha persa contra a Grécia. Heródoto relata a ocorrência, durante a invasão persa da Grécia, de casos de saque e de sacrilégio do mesmo género do descrito acima¹¹⁷². Entre eles, merece lugar de destaque o saque de Atenas, que envolveu o assassinio daqueles que procuraram refugiar-se no templo, bem como o incêndio da acrópole¹¹⁷³. Também se pode contar entre estes atos ímpios o ultraje do cadáver de Leónidas, que, como veremos, ia também contra os costumes persas, tal como comenta Heródoto¹¹⁷⁴.

A descrição de Xerxes feita por Temístocles no discurso aos Helenos, no conselho de Andros, sintetiza bem a visão grega (acabada de enunciar) do monarca: “uma pessoa ímpia e iníqua que tratou do mesmo modo templos e casas particulares, queimando e derrubando as imagens dos deuses, e que até fez açoiar o mar e lhe lançou cadeias.”¹¹⁷⁵. Embora, duma perspectiva grega, este seja o retrato de Xerxes, que, ao nível religioso, sobressai na obra, pode-se vislumbrar também a manifestação de alguns sinais de respeito religioso por parte de Xerxes na mesma¹¹⁷⁶. A título de exemplo, podem ser mencionados os sacrifícios realizados a Atena de Ílio e as libações oferecidas aos falecidos heróis pelo Magos, quando

¹¹⁶⁹ Cf. Hdt. 1.183.3.

¹¹⁷⁰ Vide BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 47. Evans considera que o Xerxes de Heródoto não era, por natureza, cruel ou intolerante, mas faltava-lhe capacidade de autocontrolo e de moderação. Vide EVANS, J. A. S. (1991), *op. cit.*, p. 65.

¹¹⁷¹ Veja-se BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 47. O foco de análise de vários estudiosos tende a incidir, essencialmente, nos atributos negativos de Xerxes em Heródoto. Entre outros, veja-se: IMMERWAHR, H. R. (1986), *op. cit.*, pp. 176-183; GEORGES, Pericles (1994), *op. cit.*, pp. 199- 203. Immerwahr chega mesmo a afirmar que “Xerxes is the typical Persian in an extreme form, both in magnificence and in cruelty.” (cf. IMMERWAHR, H. R. (1986), *op. cit.*, p. 177).

¹¹⁷² Cf. BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 47.

¹¹⁷³ Cf. Hdt. 8.53.2.

¹¹⁷⁴ Cf. Hdt. 7.238. Vide GARCÍA SÁNCHEZ, Manel (2009), *op. cit.*, p. 266.

¹¹⁷⁵ Cf. Hdt. 8.109.3. Refira-se, no entanto, que, apesar de proferir estas palavras, as intenções de Temístocles eram dolosas e que ele pretendia obter refúgio junto do rei persa, caso viesse a ser injuriado pelos Atenienses. Cf. Hdt. 8.109.4 e 110.

¹¹⁷⁶ Veja-se MARINCOLA, John (2001), *op. cit.*, p. 47 e BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 63.

o rei visita o local onde Príamo governou outrora¹¹⁷⁷. Refiram-se também as libações realizadas por Xerxes, antes de lançar o ataque contra os contingentes gregos, liderados por Leónidas, na batalha das Termópilas¹¹⁷⁸. Além disso, talvez se possa considerar, pelo menos nalgumas circunstâncias, uma relação de Xerxes com a religião marcada por um certo grau de ambiguidade e ambivalência. Referimo-nos, mais concretamente, às ocasiões em que Heródoto admite a possibilidade de Xerxes, a seguir a perpetrar atos ímpios, arrepender-se dessas mesmas ações e tentar emendar-se perante os deuses (por exemplo, através da oferta de libações)¹¹⁷⁹.

Outro episódio, digno de ser mencionado, que ocorre antes de o *logos* de Xerxes ter lugar, é o da sentença de Sataspes. Xerxes tencionava punir o seu primo Sataspes, mandando-o empalar por ter violado a jovem filha de Zópiro e neta de Megabizo¹¹⁸⁰. Contudo, graças ao pedido de clemência da mãe do transgressor, Sataspes foi libertado com a missão de circum-navegar a Líbia¹¹⁸¹. Quando ele regressou à corte, informou o rei de que não completara a tarefa, dando a justificação de que o barco, a determinada altura, não conseguira avançar mais e tinha parado¹¹⁸². Xerxes não acreditou nele e, uma vez que ele também não tinha cumprido o serviço de que o incumbira, castigou-o, agindo em conformidade com a primeira sentença que tinha proferido¹¹⁸³. Deste passo, reconhecemos a alternância entre os extremos da punição severa e da magnanimidade, que costuma caracterizar a política dos soberanos persas em Heródoto.

Outra ocasião, na qual Xerxes ostenta uma atitude mais nobre e magnânima, é relatada a propósito da sua marcha para a Grécia¹¹⁸⁴. O narrador informa a audiência de que, devido ao mau tratamento dos emissários outrora enviados por Dario a Atenas e Esparta (os embaixadores foram tratados de forma condenável pelos habitantes destas terras), Xerxes

¹¹⁷⁷ Cf. Hdt. 7.43.

¹¹⁷⁸ Cf. Hdt. 7.223. Pode ser encontrado na entrada referente a Xerxes da tabela 2.4 do Apêndice 2, o registo dos vários atos de Xerxes que podem ser interpretados como sinais de respeito pelo sagrado, tal como as suas várias ações ímpias. Veja-se Tabela 2.4, p. XXXV.

¹¹⁷⁹ Heródoto levanta a hipótese de o soberano se ter arrependido de ter ordenado a punição do Helesponto, bem como do incêndio da acrópole ateniense. Cf. Hdt. 7.54 e 8.54

¹¹⁸⁰ Cf. Hdt. 4.43.2. Heródoto diz que Sataspes era filho de Teáspis, um aqueménida, e de uma irmã de Dario. Cf. Hdt. 4.43.1-2.

¹¹⁸¹ Cf. Hdt. 4.43.2-3.

¹¹⁸² Cf. Hdt. 4.43.6.

¹¹⁸³ Cf. Hdt. 4.43.6.

¹¹⁸⁴ Vide BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 50.

não requerera sinal de submissão a estas cidades¹¹⁸⁵. Porém, os Espartanos, vendo o desagrado dos deuses perante a violação do princípio da imunidade diplomática que haviam cometido, enviaram dois voluntários a Xerxes¹¹⁸⁶. Eles apresentaram-se ao rei, oferecendo as suas vidas como sacrifício para compensar a morte dos embaixadores persas¹¹⁸⁷.

Xerxes age com magnanimidade¹¹⁸⁸. O rei responde-lhes que não igualaria as suas ações às dos Lacedemónios para com os enviados da Pérsia¹¹⁸⁹. O persa declara-lhes que, ao contrário dos Espartanos, ele não fazia tenções de desrespeitar o costume da imunidade diplomática, reverenciado por todos os homens¹¹⁹⁰. O monarca acrescenta ainda que, por conseguinte, não libertaria Esparta da sua culpa¹¹⁹¹. Emma Bridges salienta que este passo mostra que os Gregos em Heródoto são também capazes de infringir o νόμος e de cometer atos de moralidade questionável¹¹⁹². A autora afirma ainda que, nesta ocasião, Xerxes foi quem revelou superioridade moral¹¹⁹³.

Assim como o pai, Xerxes também parece ter praticado, pelo menos, numa ou outra ocasião, uma política de demonstração de generosidade e recompensa para com aqueles que lhe prestaram serviços¹¹⁹⁴. Heródoto relata vários episódios que ilustram essa prática. Entre esses, destacamos os privilégios anualmente concedidos por Xerxes ao sátrapa Mascames, por ser o que melhor desempenhava a sua função¹¹⁹⁵. Heródoto indica que o monarca também cobriu de honras os filhos sobreviventes de Boges, o qual, apesar de ter tido a oportunidade de regressar incólume à sua pátria, resistiu até ao último momento no cerco ateniense de

¹¹⁸⁵ Cf. Hdt. 7.133. Consulte-se idem, *ibidem*, p. 50.

¹¹⁸⁶ Cf. Hdt. 7.134. Veja-se GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, p. 29.

¹¹⁸⁷ Cf. Hdt. 7.136.

¹¹⁸⁸ Cf. Hdt. 7.136. Consulte-se GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, p. 29.

¹¹⁸⁹ Cf. Hdt. 7.136. Veja-se idem, *ibidem*, p. 29 e BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 51.

¹¹⁹⁰ Cf. Hdt. 7.136. *Vide* GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, p. 29 e BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 51.

¹¹⁹¹ Cf. Hdt. 7.136. Consulte-se GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, p. 29 e BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 51.

¹¹⁹² *Vide* BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 51.

¹¹⁹³ Veja-se idem, *ibidem*, p. 51. Erich S. Gruen parece concordar com Bridges: *vide* GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, p. 29.

¹¹⁹⁴ Nas *Histórias*, as recompensas conferidas por Xerxes parecem também servir, por vezes, como incentivo para os súbditos agradarem ao rei. Isto pode ser especialmente observado no contexto militar da campanha contra a Grécia. Heródoto diz que todos os Persas presentes na reunião, na qual Xerxes anunciara a expedição, se consagraram inteiramente ao cumprimento das ordens do monarca, pois todos eles ambicionavam receber os privilégios prometidos por Xerxes. Cf. Hdt. 7.19.

¹¹⁹⁵ Heródoto indica ainda que Artaxerxes, sucessor de Xerxes, continuou a tradição, agraciando os filhos de Mascames com ofertas. Cf. Hdt. 7.106.

Eíon¹¹⁹⁶. Refira-se ainda que Xerxes recompensou generosamente Xenágoras por ter salvo a vida do seu irmão Masistes, atribuindo-lhe o governo da Cilícia¹¹⁹⁷.

No livro VII, Heródoto dá início à narrativa do reinado de Xerxes. O jovem rei havia sido nomeado sucessor de Dario¹¹⁹⁸ e, após a morte do pai, ascendeu facilmente ao trono (por contraste com a acessão atribulada de Dario ao poder)¹¹⁹⁹. Além do direito a governar, Xerxes herdou os planos por concretizar de Dario¹²⁰⁰. Primeiramente, tratou de conter e subjugar a revolta no Egito, enviando uma expedição para a região¹²⁰¹. Heródoto nota que a população do Egito foi, desta forma, reduzida a um estado de escravatura pior do que aquele que experienciara durante o governo de Dario¹²⁰².

Inicialmente, Xerxes não tencionava prosseguir com os planos de invasão da Grécia, legados por seu pai¹²⁰³. No entanto, acabou por ser persuadido a fazê-lo por Mardónio, seu primo, e por outros, que o influenciaram na sua resolução¹²⁰⁴. Outrora, Dario fora manipulado por Atossa para realizar uma expedição contra os Helenos. Xerxes, por sua vez, revelou ser especialmente influenciável por Mardónio¹²⁰⁵. O verdadeiro interesse de Mardónio em incentivar Xerxes a levar a cabo este empreendimento residia apenas no seu desejo de se tornar sátrapa da Grécia¹²⁰⁶.

Tendo deliberado sobre o assunto, Xerxes convocou o conselho dos Persas e anunciou a decisão de atacar os Helenos, expondo as razões para o empreendimento¹²⁰⁷. Um dos seus argumentos prendia-se com a obrigação de dar continuidade à política expansionista “imperial” persa: tal como os seus antecessores o haviam feito, Xerxes devia procurar

¹¹⁹⁶ Segundo Heródoto, após ter lançado os tesouros da cidade ao rio, Boges matou a sua família e suicidou-se de seguida. Foram os filhos sobreviventes que permaneceram na Pérsia, que Xerxes agraciou. Cf. Hdt. 7.107.

¹¹⁹⁷ Cf. Hdt. 9.107.

¹¹⁹⁸ Xerxes logrou ser escolhido por Dario como seu sucessor, graças ao argumento que Demarato lhe forneceu: o facto de ter nascido, quando o seu pai já detinha o estatuto de soberano (ao contrário de Artabazanes, filho mais velho da união de Dario com a filha de Góbrias que nascera anteriormente, quando Dario era apenas um cidadão comum). Heródoto verifica ainda que Xerxes ter-se-ia tornado rei na mesma, independentemente deste argumento, pois a sua mãe, Atossa, certificar-se-ia disso. Cf. Hdt. 7.2-3.

¹¹⁹⁹ Veja-se BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 61.

¹²⁰⁰ O texto deixa isso implícito em: Hdt. 7.5.

¹²⁰¹ Cf. Hdt. 7.7.

¹²⁰² Cf. Hdt. 7.7.

¹²⁰³ Cf. Hdt. 7.5.

¹²⁰⁴ Cf. Hdt. 7.5-6. Note-se que o próprio Artabano, embora aponte duas qualidades a Xerxes – possuir a capacidade de ter boas ideias e estar disposto a ouvir o bom conselho de outrem –, adverte o sobrinho de que ele se faz rodear por má companhia, que o desencaminha. Cf. Hdt. 7.16.

¹²⁰⁵ Cf. Hdt. 7.5.

¹²⁰⁶ Cf. Hdt. 7.6.

¹²⁰⁷ Cf. Hdt. 7.8.

aumentar o património herdado¹²⁰⁸. Note-se que, como Bridges salienta, apesar de a resolução final de Xerxes ter sido influenciada por outros, a sua decisão não foi precipitada; pelo contrário, resultou de um processo de reflexão¹²⁰⁹. De facto, o próprio Xerxes o assevera ao declarar que, depois de muita ponderação, encontrou uma forma de expandir o “império” tanto quanto os seus antecessores¹²¹⁰.

No entanto, Artabano, tio de Xerxes, opôs-se aos planos do sobrinho, aconselhando-o a proceder de outra forma¹²¹¹. Xerxes ficou furioso com o tio e a sua determinação em avançar com o projeto pareceu tornar-se ainda mais firme¹²¹². Porém, acalmados os ânimos, Xerxes acabou por refletir melhor e concordar com a opinião de Artabano¹²¹³. Contudo, o soberano seria acometido por uma série de visões em sonhos, que o impeliriam a invadir a Grécia¹²¹⁴.

Após ter optado por seguir o conselho do tio, apareceu ao jovem rei, em sonhos, um homem belo e alto, avisando-o de que devia manter-se firme na sua primeira resolução¹²¹⁵. No entanto, Xerxes não atribuiu importância às advertências e ameaças dessa figura¹²¹⁶. No dia seguinte, desculpou-se perante o tio e os Persas, anunciando a sua mudança de planos¹²¹⁷. Justificou a sua atitude inicial, declarando que esta fora fruto do seu temperamento juvenil¹²¹⁸. Apesar de ter mostrado capacidade de ponderação e de reconhecer os seus próprios erros, Xerxes evidenciou também, deste modo, a sua impetuosidade, característica da juventude¹²¹⁹. Saliente-se também que pode ser observado, neste passo, um prenúncio da tendência do

¹²⁰⁸ Cf. Hdt. 7.8. Consulte-se BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, pp. 61-62.

¹²⁰⁹ Cf. idem, *ibidem*, p. 62.

¹²¹⁰ Cf. Hdt. 7.8.

¹²¹¹ Cf. Hdt. 7.10.

¹²¹² Cf. Hdt. 7.11.

¹²¹³ Cf. Hdt. 7.12.

¹²¹⁴ Cf. Hdt. 7.12; 7.14 e 7.19.

¹²¹⁵ Cf. Hdt. 7.12. Vide GUERREIRO, Cristina Abranches (2002), *op. cit.*, p. 70.

¹²¹⁶ Cf. Hdt. 7.13.

¹²¹⁷ Cf. Hdt. 7.13.

¹²¹⁸ Cf. Hdt. 7.13. A juventude de Xerxes associada ao seu comportamento é também realçada na fala de Artabano, mais tarde, que faz menção à impetuosidade juvenil do monarca. Cf. Hdt. 7.18. Realce-se, no entanto, que temos conhecimento de que Xerxes estaria já na casa dos trinta anos de idade, quando assumiu o trono. Consulte-se EVANS, J. A. S. (1991), *op. cit.*, p. 61.

¹²¹⁹ Gruen considera que Xerxes é dotado da capacidade de reconhecer os seus próprios erros. Cf. GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, p. 36. Bridges também observa a existência desta característica da personagem, noutras passagens. Veja-se BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 58.

soberano para se deixar dominar pela ira e pela cólera (à semelhança dos seus antecessores¹²²⁰).

Porém, à noite, Xerxes foi acometido por nova visão onírica: o mesmo homem belo apareceu-lhe novamente e asseverou-lhe que, se ele não empreendesse a campanha contra a Grécia, a sua autoridade sofreria graves consequências¹²²¹. A figura garantiu-lhe que, assim como Xerxes ascendera rapidamente ao poder, também poderia se precipitar, de repente, em declínio¹²²². Assustado e confuso, Xerxes convence o seu relutante tio a vestir as suas roupas e a tomar o seu lugar nos aposentos reais¹²²³. Atónito, Artabano depara com a mesma aparição¹²²⁴. A figura onírica, tendo o reconhecido como opositor aos planos da campanha, garante-lhe que o castigo aguardava aqueles que tentavam interferir com a inevitabilidade do destino¹²²⁵. Tudo isto leva a que Xerxes e Artabano decidam por unanimidade que a expedição contra a Hélade deveria ter lugar, uma vez que essa parecia ser a vontade da divindade¹²²⁶. A narrativa desta sequência de sonhos mostra que a campanha contra os Helenos era inevitável: era a vontade do destino que a Pérsia entrasse em guerra com a Grécia¹²²⁷.

Tiveram então início os preparativos da campanha, que incluíram, entre outros, a reunião de um exército numeroso e a escavação de um canal através do istmo do Monte Atos¹²²⁸. Heródoto comenta que as ordens de Xerxes relativas a este empreendimento advieram da sua arrogância e intenção de grandiosidade¹²²⁹. Na sua opinião, o rei persa

¹²²⁰ Vide EVANS, J. A. S. (1991), *op. cit.*, p. 66.

¹²²¹ Cf. Hdt. 7.14.

¹²²² Cf. Hdt. 7.14. Veja-se também GUERREIRO, Cristina Abranches (2002), *op. cit.*, p. 70.

¹²²³ Cf. Hdt. 7.15-17. Vide *idem, ibidem*, p. 70.

¹²²⁴ Cf. Hdt. 7.17-18.

¹²²⁵ Mais concretamente, a figura onírica assevera a Artabano que este será punido por tentar interferir com aquilo que é inevitável. Cf. Hdt. 7.17. Consulte-se GUERREIRO, Cristina Abranches (2002), *op. cit.*, p. 71.

¹²²⁶ Cf. Hdt. 7.18. Vide *idem, ibidem*, p. 71.

¹²²⁷ Vide GUERREIRO, Cristina Abranches (2002), *op. cit.*, p. 72. Posteriormente, Xerxes teve ainda um terceiro sonho: dessa vez, viu-se a si próprio envergando uma coroa de oliveira, cujos ramos se estendiam sobre o mundo, mas que, subitamente, se esvanecia. O jovem rei pediu, então, aos Magos que interpretassem o sonho. A resposta que recebeu foi a de que a sua visão prenunciava o domínio persa sobre todos os povos. Contudo, como Cristina Abranches Guerreiro nota, esta interpretação encontrava-se apenas parcialmente correta. Na verdade, o sonho pressagiava o desaire que viria após um período de prosperidade, conforme a autora refere. A coroa, momentaneamente usada por Xerxes e que logo desaparece, simboliza o triunfo inicial e efêmero dos Persas sobre os Helenos durante a campanha. Graças a uma mudança da fortuna, no final, a vitória penderia para o lado grego no confronto de Salamina. Cf. Hdt. 7.19. Consulte-se GUERREIRO, Cristina Abranches (2002), *op. cit.*, p. 74-76. Para um aprofundamento deste tema, sugerimos a consulta do capítulo IV da Tese de Doutoramento da mesma autora: veja-se GUERREIRO, Cristina Abranches (1999), *op. cit.*, pp. 145-200.

¹²²⁸ Cf. Hdt. 7.22-25. O exército reunido por Xerxes para esta expedição é descrito por Heródoto como o maior exército conhecido. Cf. Hdt. 7.20.

¹²²⁹ Cf. Hdt. 7.24.

pretendia demonstrar a imponência do seu poder e edificar algo digno da sua memória, para ser recordado mais tarde¹²³⁰. Afirma mesmo que ele poderia se ter poupado a tanto trabalho, solucionando a questão de forma mais simples: podia ter deixado os barcos serem arrastados pelas correntes do istmo¹²³¹.

A atuação de Xerxes neste passo pode ser interpretada como um indício de megalomania¹²³². Porém, Bridges chama a atenção para a expressão “μεγαλοφροσύνης εἵνεκεν”, usada por Heródoto para descrever o comportamento do rei¹²³³. Segundo esta autora, é frequente este termo ser traduzido por “orgulho”¹²³⁴. Porém, Bridges aponta que o seu significado literal corresponde a “greatness of mind”, isto é, “grandeza de espírito”¹²³⁵. Assim sendo, esta estudiosa considera que não se deve interpretar a conduta de Xerxes neste episódio como um mero sinal de megalomania despótica¹²³⁶.

Outra obra que teve lugar neste contexto foi a construção, a mando do soberano, de uma ponte sobre o Helesponto¹²³⁷. Esta tinha como fim o estabelecimento de uma ligação entre a Ásia e a Europa¹²³⁸. Contudo, mal esta se encontrava terminada, foi arrasada por uma tempestade violenta¹²³⁹. Ao tomar conhecimento do sucedido, Xerxes, encolerizado, ordenou que o Helesponto fosse castigado: determinou que lhe fossem aplicadas trezentas chicotadas e que fossem lançadas umas algemas para o seu fundo¹²⁴⁰. Este ato de ὕβρις suprema, embora muitas vezes associado à figura literária de Xerxes, apresenta, na obra de Heródoto, semelhanças com o episódio da punição, ordenada por um Ciro enraivecido, do Gindes¹²⁴¹.

¹²³⁰ Cf. Hdt. 7.24. Dario também desejara deixar algo que nenhum outro rei tivesse realizado e que fizesse com que fosse recordado para a posterioridade. Resolveu então cunhar moeda com ouro o mais purificado possível. Heródoto conta que o sátrapa do Egito, Ariandes, sabendo da aspiração do soberano, decidiu proceder da mesma forma, mas utilizando prata. Pelo seu atrevimento em imitar e ousar comparar-se ao soberano, Ariandes foi executado por ordem de Dario, sob o pretexto de uma falsa acusação. Cf. Hdt. 4.166.

¹²³¹ Cf. Hdt. 7.24.

¹²³² Veja-se BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, pp. 56-57.

¹²³³ *Vide idem, ibidem*, p. 56.

¹²³⁴ Cf. *idem, ibidem*, p. 56.

¹²³⁵ Veja-se *idem, ibidem*, p. 56.

¹²³⁶ Cf. *idem, ibidem*, p. 56.

¹²³⁷ Cf. Hdt. 7.33.

¹²³⁸ Cf. Hdt. 7.33.

¹²³⁹ Cf. Hdt. 7.34.

¹²⁴⁰ Cf. Hdt. 7.35. Esta imagem de Xerxes a punir o Helesponto pode ser tida como um *topos* da personagem na literatura grega. Veja-se BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 57. Sobre os vários *topoi* que envolvem a figura de Xerxes, consulte-se BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, pp. 52-58.

¹²⁴¹ Note-se as semelhanças deste episódio com o da punição do Gindes, ordenada por um Ciro enraivecido (cf. Hdt. 1.189. Veja-se BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, pp. 58-59). Em ambos os casos (da punição de Gindes ordenada por Ciro e do castigo do Helesponto por Xerxes), os reis, além de cometerem atos de ὕβρις, violam o

Este célebre ato de ὕβρις é seguido não muito depois por um outro episódio para o qual gostaríamos de chamar a atenção dos nossos leitores. Após a ponte ter sido reconstruída e antes de iniciar a travessia para a Europa, Xerxes realiza uma espécie de ritual: verte no mar uma libação usando um cálice dourado, ora ao deus-sol para evitar futuras contrariedades ao seu empreendimento e lança o copo, juntamente com outros objetos, ao mar¹²⁴². Heródoto propõe duas possíveis explicações para este procedimento: ou o rei pretendia fazer uma oferta ao sol ou arrependera-se do seu comportamento anterior para com o Helesponto e procurava emendar-se, consagrando-lhe oferendas¹²⁴³. Bridges e Gruen salientam que, independentemente da razão que leva Xerxes a proceder daquele modo, Heródoto dá a entender que o rei persa era capaz de reconhecer os seus próprios erros¹²⁴⁴.

A somar à punição do Helesponto, Xerxes manda ainda decapitar os responsáveis pela edificação da ponte que havia sido arrasada¹²⁴⁵. Estes encontravam-se entre os vários indivíduos que haviam sido vítimas da ira de Xerxes, durante a invasão da Grécia¹²⁴⁶. Heródoto nota, por exemplo, que Leónidas, em vida, deverá ter enfurecido bastante Xerxes, ao ponto de este ordenar que o cadáver do general espartano fosse ultrajado e maltratado: mandou cortar-lhe a cabeça e espetá-la num pau¹²⁴⁷. O autor nota ainda que este tipo de procedimento ia contra os costumes dos Persas, pois não era prática destes desrespeitar aqueles que se mostravam valorosos em combate¹²⁴⁸. Verifica-se, assim, a crueldade de Xerxes, que já havia sido evidenciada no caso do assassinio do sacerdote do templo da Babilónia, e que adquire agora novas proporções.

νόμος persa, desrespeitando o carácter sagrado dos cursos de água. *Vide* EVANS, J. A. S. (1991), *op. cit.*, p. 63.

¹²⁴² Cf. Hdt. 7.54.

¹²⁴³ Cf. Hdt. 7.54.

¹²⁴⁴ Consulte-se, respetivamente: BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 58 e GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, p. 36. Como vimos, Xerxes mostrara já, de forma mais visível e mais explícita, a sua capacidade de reconhecer os próprios erros, quando pede perdão ao tio perante o conselho de Persas, antes da expedição contra a Grécia ocorrer (*vide supra*, pp. 150-151) Segundo Bridges, esta atitude de Xerxes pode ser observada ainda noutra ocasião: após o saque de Atenas, Xerxes ordena aos desertores atenienses (que tinham passado para o lado persa), que realizassem sacrifícios na acrópole, seguindo o seu ritual habitual (isto é, ateniense). Heródoto informa que os motivos para o soberano ter tomado estas providências podiam ter origem nalguma visão que tenha tido em sonhos ou derivar dos remorsos que possivelmente sentira por ter incendiado o templo. Cf. Hdt. 8.54. Bridges nota que, mais uma vez, pode ser observada a capacidade de Xerxes de se arrepender e de tentar emendar os seus erros. Veja-se BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 58.

¹²⁴⁵ Cf. Hdt. 7.35.

¹²⁴⁶ *Vide* BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 48. Para mais episódios referentes às vítimas da ira de Xerxes, consulte-se as tabelas 2.6 e 2.7. Veja-se, respetivamente, Tabela 2.6, p. LII e Tabela 2.7, p. LXVI.

¹²⁴⁷ Cf. Hdt. 7.238.

¹²⁴⁸ Cf. Hdt. 7.238.

O episódio da morte e mutilação do filho do lídio Pítio constitui outro exemplo de atos executados sob as ordens de um Xerxes encolerizado. Inicialmente, encantado com a generosidade de Pítio, o rei concedera-lhe a honra de ser seu hóspede¹²⁴⁹ e decidira presenteá-lo¹²⁵⁰. Porém, posteriormente, Xerxes enfurece-se ao ouvir o favor solicitado pelo lídio, que lhe pedira permissão para o seu filho mais velho não ir para a guerra¹²⁵¹. Considerando o seu comportamento como ofensivo, o rei decreta que, embora os laços da hospitalidade protegessem Pítio e os seus quatro filhos mais novos, o filho mais velho pagaria com a vida pela atitude do pai¹²⁵². Xerxes ordena aos seus homens que esse filho de Pítio fosse cortado ao meio e as suas partes dispostas de cada lado da estrada, sendo que o exército deveria passar pelo meio destas¹²⁵³.

Antes de mais, evidencie-se a semelhança da atitude de Xerxes neste episódio com a de Dario, numa ocasião idêntica¹²⁵⁴. Heródoto conta que Dario, perante o pedido do persa Eobazo para que um dos seus filhos fosse dispensado do serviço militar, ordenara que todos os seus filhos fossem degolados¹²⁵⁵. Este modo de proceder não é, portanto, exclusivo da personagem de Xerxes. O leitor das *Histórias* poderá interpretar as referidas ações de Xerxes como mais um sinal da sua ira e crueldade¹²⁵⁶. Contudo, gostaríamos de salientar outra hipótese de leitura, proposta por Emily Baragwanath, que talvez possa incidir uma nova luz sobre este passo. Esta autora sugere que a atuação do rei, neste passo, pode ser vista como uma punição pela quebra do pacto de hospitalidade estabelecido entre Xerxes e Pítio¹²⁵⁷. Gruen assinala ainda que a conduta quer de Xerxes, quer de Dario, nestas circunstâncias,

¹²⁴⁹ Tradução nossa do termo “guest-friend”. Veja-se WATERFIELD, Robin e DEWALD, Carolyn (2008), *op. cit.*, p. 418.

¹²⁵⁰ Cf. Hdt. 7.29. Note-se que este não é o único caso em que Xerxes demonstra generosidade para com aqueles com quem estabelece relações de hospitalidade, concedendo-lhes oferendas. Veja-se para mais exemplos dessa generosidade: Hdt. 7.116 e 8.120.

¹²⁵¹ Cf. Hdt. 7.38.

¹²⁵² Cf. Hdt. 7.38.

¹²⁵³ Cf. Hdt. 7.38.

¹²⁵⁴ Cf. Hdt. 4.84.

¹²⁵⁵ Cf. Hdt. 4.84. Sobre os vários paralelismos existentes entre a atuação de Xerxes e de Dario, consulte-se BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, pp. 58-63.

¹²⁵⁶ Cf. *idem*, *ibidem*, pp. 49-50.

¹²⁵⁷ Para a análise de Emily Baragwanath sobre o episódio do lídio Pítio, consulte-se BARAGWANATH, Emily, *Motivation and Narrative in Herodotus*, Oxford e New York, Oxford University Press, 2008, pp. 269-280. Bridges parece aceitar a interpretação de Baragwanath relativamente à atuação de Xerxes neste passo como plausível: *vide* BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 50.

talvez pudesse advir de uma norma política persa: todos aqueles que procuravam obter o privilégio de ser exonerados do serviço militar, eram severamente castigados¹²⁵⁸.

Pode-se também observar, nalguns passos do texto, o medo que Xerxes podia induzir nos seus súbditos e nos soldados do exército que encabeçava¹²⁵⁹. Antes de a batalha de Salamina ocorrer, ouviu-se um cântico divino vindo de Elêusis, que prenunciava a desgraça que se ia abater sobre o exército persa¹²⁶⁰. Ao ouvir o cântico, Diceu reconheceu o seu significado, mas Demarato alertou-o de que não o devia contar a mais ninguém¹²⁶¹. Asseverou-lhe que, se o rei viesse a sabê-lo, Diceu seria decapitado¹²⁶². Observa-se aqui uma referência à falta de liberdade de expressão a que os súbditos do rei estavam sujeitos, bem como o receio de serem castigados pela autoridade régia¹²⁶³.

Retomemos agora a narrativa da invasão da Grécia. Concluída a escavação do canal no istmo do Monte Atos e a reconstrução da ponte do Helesponto, Xerxes parte de Sárdis¹²⁶⁴. Começava assim a sua marcha em direção à Grécia, liderando, confiante e orgulhoso, o seu numeroso exército¹²⁶⁵. A dada altura do percurso, Xerxes resolve fazer uma paragem em Abido e aproveita para inspecionar as suas tropas, de um ponto alto, propositadamente preparado a seu pedido¹²⁶⁶. Ao contemplar todo o seu poderio militar, inicialmente, Xerxes sente-se profundamente satisfeito¹²⁶⁷. Porém, não muito depois, desata a chorar¹²⁶⁸. Artabano repara na repentina mudança de humor e comenta-a com o sobrinho¹²⁶⁹. Este expõe então os seus motivos, partilhando com o tio uma reflexão sobre a efemeridade da vida humana, que

¹²⁵⁸ Cf. GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, p. 30, nota 118. Veja-se também WATERS, K. H. (1971), *op. cit.*, p. 61.

¹²⁵⁹ Vide BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 49.

¹²⁶⁰ Cf. Hdt. 8.65.1-4.

¹²⁶¹ Cf. Hdt. 8.65.4-5.

¹²⁶² Cf. Hdt. 8.65.5. Segundo Nuno Simões Rodrigues, este episódio das *Histórias* revela uma ligação entre a vaticinada vitória de Salamina (uma das grandes batalhas das Guerras Pérsicas), que o cântico de Eleúsis prenuncia, e a deusa Deméter. Veja-se RODRIGUES, Nuno Simões, “A goddess for the Greeks. Demeter as identity factor in Herodotus” in FIGUEIRA, Thomas e SOARES, Carmen (2020), *op. cit.*, p. 186. Pode-se, portanto, afirmar que, de certo modo, os deuses estariam do lado dos Gregos no confronto naval de Salamina.

¹²⁶³ Veja-se FERREIRA, José Ribeiro e SOARES, Carmen Leal (2002), *op. cit.*, p. 72, nota 129. É interessante notar que Heródoto explicita que o nome Xerxes significa “repressor”. Cf. Hdt. 6.98.3. Contudo, Llewellyn-Jones esclarece que, na realidade, o nome persa deste rei significava “ruling over heroes”. Veja-se LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, p. 14.

¹²⁶⁴ Cf. Hdt. 7.41.

¹²⁶⁵ Segundo Heródoto, Xerxes reunira um grande número de forças quer terrestres, quer navais para a expedição. Cf. Hdt. 7.20.

¹²⁶⁶ Cf. Hdt. 7.44.

¹²⁶⁷ Cf. Hdt. 7.45.

¹²⁶⁸ Cf. Hdt. 7.45.

¹²⁶⁹ Cf. Hdt. 7.46.

o fizera verter lágrimas¹²⁷⁰. Na conversa subsequente, Xerxes explicita que a ideia de arriscar, para se alcançar grandes feitos, tem um papel relevante no pensamento político “imperial” persa¹²⁷¹. O rei afirma que seria, graças a esta mentalidade, que os reis do passado teriam obtido uma posição relevante e de poder para a Pérsia¹²⁷².

Heleen Sancisi-Weerdenburg salienta que este episódio mostra menos um retrato de Xerxes imbuído em ὕβρις – como aquele que observámos até agora – e mais uma visão humanizada do jovem rei¹²⁷³. Permite-nos considerar Xerxes um indivíduo disposto a correr riscos, para imitar e dar continuidade aos feitos dos seus antecessores¹²⁷⁴. A autora propõe ainda que o Xerxes apresentado por Heródoto possa ser visto como uma personagem algo trágica: um homem que não consegue fugir ao destino que lhe foi fadado¹²⁷⁵. De facto, até certo ponto, Xerxes parece limitar-se a tentar prosseguir com a expansão do seu legado. A sua atuação não difere, nesta medida, assim tanto da dos seus predecessores. Aliás, as origens dessa atitude podem ser encontradas na política externa seguida pelos últimos, nomeadamente na de Dario (no que toca à tentativa de expandir o território para a Europa e à guerra contra a Grécia)¹²⁷⁶.

No final da conversa entre tio e sobrinho, este manda Artabano regressar a Susa, encarregando-o de guardar o país na sua ausência¹²⁷⁷. Posteriormente, inicia-se a transposição da fronteira divina do Helesponto¹²⁷⁸. A diferença mais evidente entre esta travessia de uma barreira líquida e a dos seus antecessores consiste no facto de o Helesponto ser um estreito marítimo considerado divino, que liga dois continentes, e não um mero rio¹²⁷⁹. Porém, podem ser encontradas semelhanças deste episódio com o da construção da ponte sobre o Bósforo, ordenada por Dario: esta também unia dois continentes¹²⁸⁰.

¹²⁷⁰ Cf. Hdt. 7.46. Note-se que Heródoto escolhe Xerxes como interlocutor para expor este princípio ético. Veja-se BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 59.

¹²⁷¹ Cf. Hdt. 7.50.

¹²⁷² Cf. Hdt. 7.50.

¹²⁷³ Vide SANCISI-WEERDENBURG, Heleen (2002), *op. cit.*, p. 587. Romm afirma que, neste passo, Xerxes mostra, por momentos, ser capaz de uma empatia enobrecedora. Cf. ROMM, J., *Herodotus*, New Haven e London, Yale University Press, 1998, pp. 168-169.

¹²⁷⁴ Veja-se SANCISI-WEERDENBURG, Heleen (2002), *op. cit.*, p. 587.

¹²⁷⁵ Cf. *idem*, *ibidem*, p. 588.

¹²⁷⁶ Vide ROMM, J. (1998), *op. cit.*, pp. 166-167.

¹²⁷⁷ Cf. Hdt. 7.52.

¹²⁷⁸ Cf. Hdt. 7.55.

¹²⁷⁹ Consulte-se BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 59.

¹²⁸⁰ Cf. *idem*, *ibidem*, p. 59.

Após uma descrição extensa dos múltiplos povos que compunham as forças persas, Heródoto tece um comentário que demonstra, mais uma vez, a multidimensionalidade da personagem¹²⁸¹. O autor declara que, entre todos esses numerosos participantes da campanha, não havia um indivíduo mais digno, em termos de beleza e de estatura (κάλλεος τε εἵνεκα καὶ μεγάθεος), de deter o poder supremo do que Xerxes¹²⁸². Pode-se, portanto, aferir a partir desta passagem, o porte nobre que caracterizaria o monarca, conforme Heródoto fez questão de assinalar¹²⁸³.

Heródoto conta que Xerxes resolvera aproveitar a paragem em Dorisco para inspecionar o seu exército¹²⁸⁴. Depois de concluir este processo, o monarca procura informar-se mais sobre o inimigo, pedindo conselho junto de Demarato, antigo rei dos Lacedemónios, que o acompanhara na campanha¹²⁸⁵. Xerxes questiona-o sobre a hipótese de os Gregos resistirem ao avanço das suas tropas¹²⁸⁶. Demarato assevera-lhe que, pelo menos, os Espartanos lutariam até ao fim, independentemente da quantidade numérica do seu adversário¹²⁸⁷. Perante a resposta dada, o soberano persa ri-se, sem entender como é que o exército grego – que não era numeroso, não estava sob o comando de um único líder e cujos soldados eram todos indivíduos livres – teria capacidade de resistência contra as suas próprias forças militares¹²⁸⁸. Este menosprezo do oponente e a incapacidade de compreendê-lo provar-se-iam erros decisivos no contributo para o resultado da expedição¹²⁸⁹.

¹²⁸¹ Cf. Hdt. 7.187. Para a descrição das numerosas hostes persas, veja-se: Hdt. 7.184-187.

¹²⁸² Cf. Hdt. 7.187. *Vide* GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, p. 36 e BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 63.

¹²⁸³ Consulte-se GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, p. 36.

¹²⁸⁴ Cf. Hdt. 7.59. Após a contagem e organização do exército em unidades, Xerxes decide inspecioná-lo pessoalmente, sendo acompanhado pelos seus escribas que iam tomando notas (cf. Hdt. 7.100). Veja-se GARCÍA SÁNCHEZ, Manel (2009), *op. cit.*, p. 287. Para a exposição da constituição multiétnica do exército real persa e, inclusive, uma menção aos vários comandantes que participaram na campanha, veja-se: Hdt. 7.61-99.

¹²⁸⁵ Cf. Hdt. 7.101.

¹²⁸⁶ Xerxes julga que a única forma de os Gregos lhe poderem fazer frente seria unindo-se todos contra ele. Cf. Hdt. 7.101.

¹²⁸⁷ Cf. Hdt. 7.102.

¹²⁸⁸ Cf. Hdt. 7.103. Note-se o contraste entre Gregos e Persas patente na afirmação de Xerxes. Na perspetiva grega, estes eram governados e estavam submetidos a um só indivíduo, o soberano, sendo, por isso, escravos e não cidadãos livres. Observa-se aqui também a ideia grega de que os Persas valorizavam, particularmente, a quantidade: “o número faz a força” (cf. Hdt. 1.136.1). *Vide* EVANS, J. A. S. (1991), *op. cit.*, p. 62. A incompreensão de Xerxes da cultura grega (neste caso, mais particularmente, a espartana) encontra-se também evidente em: Hdt. 7.209.

¹²⁸⁹ Veja-se BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 67 e SILVA, Maria de Fátima, “The Greeks as seen from the east: Xerxes’ European enemy” in FIGUEIRA, Thomas e SOARES, Carmen (ed.), *Ethnicity and Identity in Herodotus*, Abingdon e New York, Routledge, 2020, p. 228 e 232.

Mesmo depois de perceber a verdade das palavras de Demarato, após observar o modo de combate do adversário no confronto das Termópilas, Xerxes volta a cometer o mesmo erro¹²⁹⁰. Embora se tenha aconselhado novamente junto de Demarato, o rei persa opta, no final, por seguir as recomendações do irmão, Aquémenes¹²⁹¹. Ele acaba, assim, por dispensar as informações do exilado rei espartano, que poderiam ter-se provado valiosas para fazer frente ao inimigo. Pode dizer-se que o filho de Dario (e neto de Ciro¹²⁹²) caiu, deste modo, no mesmo erro dos seus antecessores¹²⁹³.

Heródoto descreve, ainda neste contexto, o soberano, sentado no seu trono, assistindo à batalha das Termópilas, sem participar diretamente no conflito¹²⁹⁴. O confronto saldará-se numa vitória persa, mas não sem baixas no seio das suas tropas¹²⁹⁵. O próprio Xerxes terá perdido dois irmãos em combate¹²⁹⁶. Porém, como refere García Sánchez, seria a memória do massacre dos trezentos espartanos que a tradição grega preservaria e tornaria célebre¹²⁹⁷. Depois deste êxito militar, o monarca avança em direção a Atenas. A cidade, que entretanto fora evacuada, foi pilhada e incendiada pelos seus homens¹²⁹⁸. Nem mesmo a acrópole escapou, como já se referiu¹²⁹⁹.

¹²⁹⁰ Cf. Hdt. 7.234.

¹²⁹¹ Cf. Hdt. 7.235-237. Note-se que, apesar da incompreensão de Xerxes relativamente ao seu inimigo, ele revela preocupação em conhecer o seu adversário. Além disso, Xerxes não se enfurece com Demarato pelo seu conselho e honestidade (cf. Hdt. 7.237). Repare-se ainda que a atitude do rei neste episódio parece ir ao encontro de uma das qualidades que Artabano apontara anteriormente a Xerxes: ele mostra-se disposto a ouvir o bom conselho de outrem (embora não o coloque em prática). Cf. Hdt. 7.16. Acrescente-se que Evans realça que Xerxes não só se mostra disposto a ouvir o conselho de outros, como também aceita criticismo. Este autor evidencia que Xerxes, embora incapaz de compreender o νόμος que impelia os Gregos a resistir-lhe, acaba por aceitar a sua existência (após verificar a veracidade da informação fornecida por Demarato, na batalha das Termópilas). Consulte-se EVANS, J. A. S. (1991), *op. cit.*, p. 65.

¹²⁹² Recorde-se que a mãe de Xerxes, Atossa, era filha de Ciro.

¹²⁹³ Como outrora Ciro, Cambises e Dario menosprezaram, respetivamente, os Masságetas, os Etíopes e os Citas, também Xerxes menosprezou os Helenos. Veja-se SILVA, Maria de Fátima e de GUERREIRO, Cristina Abranches (2000), *op. cit.*, p. 29.

¹²⁹⁴ Cf. Hdt. 7.212. Segundo García Sánchez, pode haver uma explicação histórica para o rei não participar diretamente em batalha: a sua pessoa era considerada sagrada e devia permanecer a salvo, para a segurança do próprio país. O seu papel limitava-se, portanto, à supervisão do confronto militar. *Vide* GARCÍA SÁNCHEZ, Manel (2009), *op. cit.*, p. 286.

¹²⁹⁵ Cf. Hdt. 7.224.

¹²⁹⁶ Cf. Hdt. 7.225.

¹²⁹⁷ Veja-se GARCÍA SÁNCHEZ, Manel (2009), *op. cit.*, pp. 288-289.

¹²⁹⁸ Cf. Hdt. 8.51-53.

¹²⁹⁹ *Vide supra*, p. 146. Após ter submetido Atenas, Xerxes envia uma mensagem com as boas novas deste êxito para Susa. Cf. Hdt. 8.54.

Não muito tempo depois, viria a ter lugar o confronto naval de Salamina, no qual os Gregos lograram alcançar a vitória¹³⁰⁰. Mais uma vez, dá-se notícia de um Xerxes a contemplar a batalha ao longe, acompanhado de escribas, que tomavam nota dos soldados que provavam o seu valor em combate¹³⁰¹. O triunfo militar helénico neste combate deveu-se, em grande parte, à astúcia e às estratégias concebidas por Temístocles. Este logrou atrair, através dum arдил, a armada de Xerxes para um estreito marítimo, onde os Persas perdiam a sua vantagem em termos numéricos. Refira-se ainda que, em Salamina, Xerxes terá perdido outro irmão, Ariabignes¹³⁰².

Quando Xerxes se apercebe do desastre que se abatera sobre o seu exército naval, receia que os Gregos façam desabar as pontes que lhe permitiam o regresso à Pérsia¹³⁰³. Temendo pela própria vida e ocultando aos seus homens a sua intenção de se escapular, o soberano lançou-se numa fuga covarde¹³⁰⁴. Heródoto comenta que o pavor do rei era tanto, que ele não teria permanecido em Salamina, mesmo que todos os homens e mulheres o tivessem aconselhado a ficar¹³⁰⁵. Seria Mardónio que, incumbido por Xerxes dessa missão, continuaria a expedição na Grécia. Quando a batalha de Plateias viesse a ter lugar, já Xerxes se encontraria havia muito tempo seguro na corte, a partir de onde comandaria as operações militares à distância¹³⁰⁶.

Note-se que, além do monarca não participar diretamente na batalha, (por contraste com o líder grego Temístocles, que arrisca a vida no confronto), que, dum ponto de vista helénico, pode ser interpretado como cobardia, Xerxes foge ao ver o desastre que atinge o seu exército. O monarca preocupa-se apenas em salvar a própria pele e o pavor que o domina é particularmente enfatizado por Heródoto. Duma perspetiva grega, o retrato de Xerxes como um déspota covarde nesta passagem é, assim, bastante vívido.

Como vimos até agora, grande parte do relato de Heródoto sobre Xerxes incide sobre a atuação do rei persa num contexto militar: a preparação e a realização da campanha contra a Hélade. Todavia, no último episódio referente a Xerxes, observa-se uma mudança de

¹³⁰⁰ Cf. Hdt. 8.83-96.

¹³⁰¹ Heródoto evidencia que durante o confronto de Salamina, Xerxes encontrava-se no monte Egáleo, donde podia observar a batalha à distância. Cf. Hdt. 8.90.4.

¹³⁰² Cf. Hdt. 8.89.

¹³⁰³ Cf. Hdt. 8.97

¹³⁰⁴ Cf. Hdt. 8.97

¹³⁰⁵ Cf. Hdt. 8.103.

¹³⁰⁶ Cf. GARCÍA SÁNCHEZ, Manel (2009), *op. cit.*, p. 289.

cenário, inicialmente para Sárdis e, posteriormente, para a corte persa, em Susa¹³⁰⁷. Este episódio retrata eventos posteriores ao desastre de Salamina, e é marcado pela intriga na corte régia¹³⁰⁸.

Segundo consta nas *Histórias*, Xerxes apaixonara-se pela esposa do seu irmão Masistes, mas rapidamente começou a desejar a filha desta, Artaínte¹³⁰⁹. Esta, além de ser sua sobrinha, tornara-se também sua nora, tendo casado com Dario, filho de Xerxes¹³¹⁰. Essa união tinha sido organizada e incentivada por Xerxes, com a perspectiva, na ocasião, de obter uma melhor oportunidade para seduzir a mãe da moça¹³¹¹. Apesar do desaire que teve em levar os seus intentos avante com a última, o rei obteve o êxito pretendido com Artaínte¹³¹².

Certa vez, Xerxes disse à jovem filha de Masistes que poderia solicitar o que bem desejasse, que ele lhe satisfaria o pedido¹³¹³. Artaínte pede-lhe então a veste que fora oferecida e feita por Améstris, a esposa do soberano, para o próprio Xerxes¹³¹⁴. Este, temendo que a cônjuge descobrisse o seu caso amoroso, tentou dissuadir Artaínte, mostrando-se disposto a presenteá-la com outras dádivas, igualmente sumptuosas¹³¹⁵. De nada isso serviu: a amante persistiu na sua escolha inicial, acabando o rei por ceder e dar-lhe o que ela pretendia¹³¹⁶.

As suspeitas que Améstris já tinha da deslealdade do marido, confirmaram-se então¹³¹⁷. Contudo, ela atribuiu as culpas à mãe de Artaínte, julgando que esta estaria por detrás das ações da filha¹³¹⁸. Ultrajada, Améstris arquitetou um plano de vingança contra a mulher inocente¹³¹⁹. Assim, quando chegou o dia de aniversário do rei, pede-lhe como presente a esposa do seu irmão¹³²⁰. Embora Xerxes tenha ficado horrorizado com o pedido, suspeitando das intenções de Améstris, acabou por aceder, ainda que com extrema relutância,

¹³⁰⁷ Cf. Hdt. 9.108.

¹³⁰⁸ A morte de Xerxes não é contemplada pela obra de Heródoto. Porém, sabemos que ele viria a ser assassinado em 465 a.C., nos aposentos reais. *Vide* EVANS, J. A. S. (1991), *op. cit.*, p. 64.

¹³⁰⁹ Cf. Hdt. 9.108.

¹³¹⁰ Cf. Hdt. 9.108.

¹³¹¹ Cf. Hdt. 9.108.

¹³¹² Cf. Hdt. 9.108.

¹³¹³ Cf. Hdt. 9.109.

¹³¹⁴ Cf. Hdt. 9.109.

¹³¹⁵ Cf. Hdt. 9.109.

¹³¹⁶ Cf. Hdt. 9.109.

¹³¹⁷ Cf. Hdt. 9.110.

¹³¹⁸ Cf. Hdt. 9.110.

¹³¹⁹ Cf. Hdt. 9.110.

¹³²⁰ Cf. Hdt. 9.110.

à solicitação¹³²¹. Heródoto esclarece que Xerxes era obrigado, pela tradição do banquete do aniversário real, a satisfazer qualquer pedido que lhe fosse feito nesse dia¹³²². Améstris sabia disso: conforme ela previra, o soberano cedeu, devido a essa obrigação.

Xerxes resolve então chamar Masistes, oferecer-lhe a mão da sua filha em casamento, e ordenar-lhe que se separe da que era então sua esposa¹³²³. Ao ouvir a recusa do irmão, o monarca, zangado, retira a proposta de matrimônio e decreta que ele jamais viva com a mulher¹³²⁴. Quando Masistes descobre a esposa desfigurada, por ordem de Améstris, decide, juntamente com os filhos, partir em direção à província da Bácia (da qual era governador), com o objetivo de se rebelar contra Xerxes¹³²⁵. Contudo, o soberano percebendo os seus desígnios, envia um contingente para o intercetar¹³²⁶. Masistes e os seus filhos, bem como as tropas que os acompanhavam, acabaram, deste modo, por ser chacinados¹³²⁷.

A partir deste episódio, pode-se aferir uma faceta mais privada do soberano em análise. Observamos, neste passo, um Xerxes que, movido pela volubilidade das suas paixões, acaba por se mostrar irrefletido e descuidado¹³²⁸. Imprudentemente, assevera a Artainte que a presentearia com o que ela desejasse, independentemente do que fosse solicitado. Quando se vê em apuros perante o pedido da amante, Xerxes, receoso da reação da esposa, tenta demover a jovem da sua pretensão¹³²⁹. Porém, como Maria de Fátima Silva nota, face à firmeza da amante, o monarca revela fraqueza, acedendo ao desejo dela¹³³⁰. Recorde-se que outrora algo de semelhante ocorrera com o pai, Dario, que fora convencido por Atossa, na intimidade dos aposentos reais¹³³¹.

Apesar da sua aversão em aceder ao pedido da esposa, Xerxes acaba por abandonar a inocente mulher de Masistes à mercê da vingança de Améstris¹³³². Silva comenta ainda a hipocrisia de Xerxes: num gesto de generosidade dissimulada, o soberano ordena ao irmão

¹³²¹ Cf. Hdt. 9.110-111.

¹³²² Cf. Hdt. 9.111.

¹³²³ Cf. Hdt. 9.111.

¹³²⁴ Cf. Hdt. 9.111.

¹³²⁵ Cf. Hdt. 9.112-113.

¹³²⁶ Cf. Hdt. 9.113.

¹³²⁷ Cf. Hdt. 9.113.

¹³²⁸ Vide SILVA, Maria de Fátima (2018), *op. cit.*, pp. 251-252.

¹³²⁹ Cf. *idem, ibidem*, p. 252.

¹³³⁰ Veja-se *idem, ibidem*, p. 252.

¹³³¹ Vide *supra*, pp. 141-142.

¹³³² Cf. SILVA, Maria de Fátima (2018), *op. cit.*, pp. 252-253.

que se separe da mulher, oferecendo-lhe a mão de uma das suas filhas em matrimónio¹³³³. No final, a imponderação e fraqueza mostradas por Xerxes junto de Artáinte não só conduziram à mutilação e desfiguração da inocente esposa de Masistes, como também ao massacre dos seus próprios irmão e sobrinhos.

¹³³³ Cf. *idem, ibidem*, p. 253.

5. Os soberanos persas em Ésquilo e em Heródoto: comparação crítica

Antes de mais gostaríamos de nos focar brevemente sobre as figuras de Ciro e de Cambises na tragédia *Persas* d'Ésquilo e nas *Histórias* de Heródoto, ainda que, na primeira obra, se faça apenas uma brevíssima alusão a estes dois reis, no discurso de Dario (e de não integrarem o elenco das personagens desse drama)¹³³⁴.

Atente-se, portanto, primeiramente, no retrato que Ésquilo traça de Ciro¹³³⁵. Este soberano aparece como o sucessor de dois medos, que governaram a Ásia antes dele¹³³⁶. De certa forma, isto parece ir ao encontro do relato de Heródoto, que considera que Ciro tem predecessores medos. De acordo com o historiador, este monarca teria até mesmo ascendência familiar médica pelo lado materno, conforme vimos: Ciro era neto do medo Astíages e Déjoces era outro seu antepassado medo.

Como foi já referido, este monarca é apelidado de “herói afortunado” por Dario, em *Persas*; ao passo que, nas *Histórias*, o próprio Ciro intitula-se de “predestinado dos deuses”¹³³⁷. De facto, o discurso de ambos os autores, Ésquilo e Heródoto, poderá dar a entender que Ciro é favorecido pelo divino (no caso de *Persas*, talvez se possa aferir este aspeto de forma implícita no texto, como vimos no subcapítulo 3.3.2¹³³⁸; nas *Histórias*, este atributo de Ciro apresenta-se de forma mais evidente). Contudo, parece haver uma distinção no que toca à explicação apresentada para essa ventura. Ésquilo, através da personagem de Dario, parece sugerir como fundamento para essa fortuna uma das qualidades do rei: a prudência¹³³⁹. Por sua vez, o texto herodotiano propõe, como explicação para a convicção que Ciro teria de que contava com o apoio divino, as circunstâncias extraordinárias do seu nascimento¹³⁴⁰. Além disso, esta ideia terá sido alimentada, em certa medida, pelos seus pais

¹³³⁴ Como vimos, as referências feitas a Ciro e a Cambises em *Persas* ocorrem no âmbito do discurso proferido pela personagem de Dario sobre os antecessores de Xerxes e as origens da monarquia. Para a alusão feita a estes monarcas, veja-se: Aesch., *Pers.*, vv. 768-773.

¹³³⁵ Para a descrição de Ciro nos *Persas*, vide Aesch., *Pers.*, vv. 768-772.

¹³³⁶ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 759-764.

¹³³⁷ Consulte-se, respetivamente: Cf. Aesch., *Pers.*, v. 768 e Hdt. 1.126.6.

¹³³⁸ Vide *supra*, p. 65.

¹³³⁹ Cf. Aesch., *Pers.*, v. 772.

¹³⁴⁰ Este facto encontra-se patente na carta de Hárpago a Ciro, quando o primeiro se refere à miraculosa salvação de Ciro após o seu nascimento: “Filho de Cambises, os deuses protegem-te; se assim não fosse, não terias atingido tão grande fortuna. [...] é apenas graças à vontade dos deuses e à minha que ainda existes.” Cf. Hdt. 1.124.1-2. Ciro chegaria mesmo a considerar-se superior aos mortais, como vimos. Cf. Hdt. 1. 204. 2.

e por Hárpagos¹³⁴¹. Os contínuos e ininterruptos êxitos, provavelmente, também contribuíram para cimentar essa crença no seu espírito¹³⁴². Apesar de tudo isto, realce-se que o Ciro de Heródoto revela também ser ponderado e, de certo modo, prudente na fase inicial do seu percurso ao longo das *Histórias*¹³⁴³.

Segundo Ésquilo, entre os feitos alcançados por este monarca no seu reinado, contava-se o facto de ter garantido a paz aos seus aliados, bem como as suas conquistas e êxitos militares¹³⁴⁴. Pode-se, portanto, verificar que Ciro tratou de expandir o seu território: conquistou a Lídia, a Frígia e subjugou ainda a Iónia, conforme já foi referido¹³⁴⁵. Também, na obra de Heródoto, este rei empreende várias campanhas bem-sucedidas¹³⁴⁶. Além disso, demonstra ser um bom líder militar e anexa múltiplos territórios ao seu domínio, fundando, assim, o que viria a ser conhecido como império persa. Se Ciro estabeleceu e assegurou a paz com os seus aliados, Heródoto não parece atribuir um lugar de destaque a essa prática na sua obra. No entanto, o seu texto pode, talvez, deixar implícita uma política de tolerância deste rei para com outros povos¹³⁴⁷.

Embora a alusão que é feita a Ciro em *Persas* seja composta por poucas linhas, o perfil que Ésquilo – através das palavras da personagem Dario – esboça deste soberano parece ser o de um bom governante persa¹³⁴⁸. Realce-se que, nas *Histórias*, como vimos, o fundador do império aqueménida também aparenta ser recordado pelos Persas como um governante benigno¹³⁴⁹.

¹³⁴¹ Veja-se a nota anterior. Como já aludimos, os pais de Ciro, quando reencontraram o filho que julgavam morto, incentivaram a circulação de uma história, entre os Persas, sobre a salvação de Ciro, segundo a qual este teria sido alimentado por uma cadela. Desvirtuaram, deste modo, a verdade para enaltecer o filho aos olhos dos Persas, fazendo-os pensar que Ciro teria, de alguma forma, um carácter divino. Cf. Hdt. 1.122.3. *Vide FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), op. cit., p. 46.*

¹³⁴² O êxito contínuo de Ciro (provocado pelo excesso de sorte que o favorecia) acabaria por, de certa forma, conduzi-lo à sua ruína, levando-o a empreender a campanha contra os Masságetas da qual não retornaria. Cf. *idem, ibidem, p. 46.*

¹³⁴³ No subcapítulo 4.3.1, tivemos a oportunidade de observar essa atitude inicial de Ciro caracterizada pela reflexão, prudência e sensatez. *Vide supra, pp. 104-105.*

¹³⁴⁴ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 769-771.

¹³⁴⁵ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 770-771.

¹³⁴⁶ *Vide supra, p. 110.*

¹³⁴⁷ Pelo menos, essa tolerância talvez possa ser observada no que toca aos povos estrangeiros submetidos ao poderio persa. *Vide supra, p. 113, nota 837.*

¹³⁴⁸ Tenha-se em conta que o objetivo do discurso de Dario, pelo menos assim nos parece, era evidenciar a distinção existente entre a atuação de Xerxes e a dos seus predecessores.

¹³⁴⁹ *Vide supra, pp. 109-110.*

Pode-se, portanto, aferir desta análise comparativa da figura de Ciro nas duas obras, que existem várias semelhanças entre os retratos esquiliano e herodotiano deste rei¹³⁵⁰. Porém, como sabemos, a sua personagem nas *Histórias* entra em declínio, a partir de determinado momento. Ela começa, progressivamente, a perder as suas qualidades, aparentemente ligadas ao valor da moderação, como o seu bom-senso. O Ciro herodotiano chega ao ponto de incorrer no pecado da ὕβρις, algo que a imagem positiva tecida por Ésquilo deste soberano não poderia incluir. Caso contrário, o contraste de Ciro e dos seus sucessores com o Xerxes “hybrístico” esquiliano, não seria tão acentuado na peça, como o pretendido pelo dramaturgo. Todavia, apesar de Heródoto fornecer uma visão negativa de Ciro na fase final da vida deste, o discurso posterior à morte desta personagem apresenta uma tendência para a enaltecer. Posto isto, deve ser colocada a questão da razão de ser a imagem positiva deste soberano que tende a prevalecer em ambas as obras?

Como aludimos, no caso da tragédia em análise, um dos motivos, possivelmente, prender-se-á (pelo menos, assim o entendemos) com o objetivo de Ésquilo de distanciar a atuação da personagem de Xerxes da dos seus predecessores, inclusive da de Ciro. Isto é especialmente perceptível no referido discurso de Dario, que inclui as únicas menções feitas a Ciro e a Cambises, nesta obra. O propósito desse discurso parece consistir em mostrar e enfatizar a disparidade existente entre o carácter e os atos de Xerxes e os dos seus antecessores. Não é, portanto, de admirar que a breve descrição de Ciro, patente na fala dessa personagem, consista num conjunto de características enaltecedoras. Pode-se, talvez, também justificar, em parte, o retrato neutro de Cambises, proferido por Dario, pela razão acima descrita, como veremos.

Segundo García Sánchez, a imagem positiva de Ciro nas *Histórias* (e nas obras de outros escritores gregos, como Xenofonte) inspirar-se-á, potencialmente, numa tradição popular irânica – a que Heródoto terá acedido – que celebraria as qualidades e virtudes excepcionais e admiráveis do seu rei¹³⁵¹. Ésquilo terá, talvez, de alguma forma, também sabido dessa tradição ou doutra semelhante, mais antiga? Ou, simplesmente, terá ouvido a

¹³⁵⁰ Embora a imagem construída por Heródoto deste soberano possua uma complexidade evidentemente superior à criada por Ésquilo: recorde-se que, enquanto a primeira constitui uma personagem sobre a qual o autor se debruça durante vários capítulos, a segunda não corresponde a uma personagem do elenco dramático e apenas é lhe feita uma breve alusão (em poucos versos), na fala de Dario.

¹³⁵¹ Veja-se GARCÍA SÁNCHEZ, Manel (2009), *op. cit.*, p. 97 e p. 99.

informação que, à época, circulava sobre o fundador do império persa e filtrado as características positivas deste (pelo menos, enquanto líder e conquistador militar) para servir os seus objetivos? Estas questões pertencem ao domínio da hipótese. Embora se reconheça o lugar privilegiado que a oralidade ocupava nas vidas quotidianas dos indivíduos deste tempo.

Foquemo-nos agora, por um momento, na brevíssima descrição de Cambises, apresentada na obra de Ésquilo, ainda através da personagem de Dario¹³⁵². Este rei não é sequer nomeado pelo poeta, sendo designado apenas como “o filho de Ciro”¹³⁵³. Suzanne Saïd sugere que a omissão do nome deste rei possa prender-se com o facto de, só por si, esse nome ter o poder de evocar a imagem de um monarca louco e criminoso que lhe estaria associada¹³⁵⁴. A autora argumenta que esta visão do rei não é só retratada por Heródoto, como também predomina na tradição historiográfica até Diodoro¹³⁵⁵. Saïd propõe que, talvez, até possa mesmo ser vista na arte oficial persa, mais concretamente na inscrição de Bisitun, que faz referência ao assassinio de Esmédis, ordenado pelo próprio irmão, Cambises¹³⁵⁶. Talvez por este motivo, Ésquilo tenha optado por fazer uma descrição bastante neutra e sucinta do monarca¹³⁵⁷.

Ao denominá-lo “filho de Ciro”, o dramaturgo explicita o seu estatuto de herdeiro de sangue¹³⁵⁸. Como referimos, na obra de Heródoto, é igualmente especificado, embora com maior ênfase, o direito legítimo e incontestável de Cambises ao trono persa¹³⁵⁹. O único elemento informativo que Ésquilo fornece ainda sobre Cambises reside na confirmação de que ele é “o quarto chefe do exército”¹³⁶⁰. É realçada, deste modo, a sua qualidade como líder militar (embora o seu retrato neutro não permita saber se Cambises teria sido um bom ou mau comandante militar). Cambises honrava, assim, aquela que parece ser uma tradição dinástica persa em Ésquilo, pois, como Saïd, nota todos os reis aqueménidas são retratados, em *Persas*, principalmente como chefes militares¹³⁶¹. Por seu lado, o *pater Historiae* prefere

¹³⁵² Para a breve alusão feita a Cambises em *Persas*, veja-se Aesch., *Pers.*, v. 773.

¹³⁵³ Cf. Aesch., *Pers.*, v. 773.

¹³⁵⁴ Como observámos ao longo do subcapítulo 4.3.2, o perfil que Heródoto desenha de Cambises é marcado pela *àvouία* – originada pela sua predisposição para a insanidade mental – que impregna o seu comportamento. Vide SAÏD, S. (1981), *op. cit.*, pp. 37-38.

¹³⁵⁵ Vide idem, *ibidem*, pp. 37-38.

¹³⁵⁶ Cf. idem, *ibidem*, pp. 37-38.

¹³⁵⁷ Veja-se idem, *ibidem*, pp. 37-38.

¹³⁵⁸ Cf. Aesch., *Pers.*, v. 773.

¹³⁵⁹ Vide *supra*, p. 117.

¹³⁶⁰ Cf. Aesch., *Pers.*, v. 773.

¹³⁶¹ Veja-se SAÏD, S. (1981), *op. cit.*, p. 37.

focar-se nos fracassos das expedições de Cambises e não dá destaque aos seus êxitos. No entanto, o seu texto deixa implícitos vários êxitos das campanhas do monarca e revela que ele terá dado continuidade à política expansionista persa¹³⁶².

Aludiu-se, acima, a uma hipótese de explicação histórica para o retrato brevíssimo e neutro de Cambises, mencionado de passagem, no discurso de Dario em *Persas*. Saliente-se agora o que poderá ter contribuído para a construção duma imagem herodotiana bastante negativa deste soberano. O retrato de Cambises como um monarca demente – quer na obra de Heródoto, quer nas de outros autores clássicos – poderá ter origem, segundo García Sánchez, numa tradição egípcia hostil à invasão persa¹³⁶³. Com a conquista persa do Egito no reinado de Cambises, a classe sacerdotal e as grandes famílias locais terão perdido vários dos seus privilégios sobre a administração dos templos (e, possivelmente, uma consequente perda de influência)¹³⁶⁴. Isso poderá ter determinado uma imagem desta natureza¹³⁶⁵.

Considere-se, agora, a forma como são caracterizadas as personagens régias masculinas persas comuns a ambas as obras em análise. Referimo-nos, portanto, a Dario e ao seu filho, Xerxes. Comece-se pelo retrato do primeiro. Em termos de personalidade, o Dario de Ésquilo é tido pelo Coro como um soberano equânime, detentor de grandes virtudes¹³⁶⁶. Ele revela prudência e sensatez, como já observámos. Além disso, Dario é um monarca sábio, que tem consciência das leis divinas que regem a existência e a quem o dramaturgo confere as competências e a autoridade necessária para analisar e criticar a conduta de Xerxes¹³⁶⁷.

Por sua vez, o Dario de Heródoto apresenta um perfil muito mais humanizado, que está longe de possuir o carácter idealizado deste soberano em *Persas*¹³⁶⁸. Embora nas *Histórias* ele também mostre, em certas ocasiões, uma atitude ponderada e prudente, noutras ele demonstra ser precipitado e irrefletido¹³⁶⁹. É possível ainda, talvez, entrever, em certos

¹³⁶² Desde logo, mencione-se a conquista de territórios no Egito, entre outros. *Vide supra*, p. 123, nota 934.

¹³⁶³ *Vide* GARCÍA SÁNCHEZ, Manel (2009), *op. cit.*, p. 105.

¹³⁶⁴ Consulte-se *idem*, *ibidem*, p. 105.

¹³⁶⁵ Veja-se *idem*, *ibidem*, p. 105.

¹³⁶⁶ Cf. Aesch., *Pers.*, v. 648 e vv. 852-857.

¹³⁶⁷ *Vide supra*, p. 67.

¹³⁶⁸ Como referimos, o retrato positivo e idealizado de Dario tem a função de contrastar e de servir de contraponto à figura de Xerxes em *Persas* (*vide supra*, p. 77). Isto poderá explicar a razão de a imagem de Dario (o primeiro soberano aqueménida a procurar expandir o seu domínio territorial para a Europa) ser descrita de forma positiva por Ésquilo, uma testemunha ocular do conflito greco-persa, nomeadamente da batalha de Maratona. Cf. GARCÍA SÁNCHEZ, Manel (2009), *op. cit.*, p. 124.

¹³⁶⁹ *Vide supra*, p. 140.

momentos da narrativa de Heródoto, um certo grau de sabedoria e perspicácia deste rei¹³⁷⁰. Pelo menos, ele prova ser capaz de providenciar ensinamentos de grande relevância, numa perspectiva herodotiana¹³⁷¹. O Dario de Heródoto apresenta vários defeitos que o afastam da sua imagem perfeita, conservada pelos seus súbditos, em *Persas*. Entre as diferentes falhas, destaque-se a cobiça, a arrogância, a ambição desmesurada e o facto de demonstrar um certo grau de amoralidade¹³⁷².

As suas últimas características prendem-se já com o retrato moral desta personagem em Heródoto. Ao contrário do soberano moderado e imaculado concebido por Ésquilo, o Dario herodotiano é movido por um desejo excessivo, é capaz de cometer atos ímpios e parece não olhar a meios para atingir os seus fins, em nome do pragmatismo. Por mais do que uma vez, a sua conduta caracteriza-se pela imoderação e, em determinadas situações, mesmo pela amoralidade¹³⁷³. Apesar de o seu retrato não ser tão depreciativo quanto o de Cambises ou de Xerxes nas *Histórias*, o Dario de Heródoto não consegue, certamente, igualar a pureza do “pai sem mácula” esquiliano¹³⁷⁴.

A caracterização moral deste rei (e dos outros monarcas persas) encontra-se, de certa forma, ligada àquela que é a sua imagem em termos religiosos (isto é, a caracterização religiosa do rei e/ou a sua relação com a[s] religião[ões]). Embora o Dario das *Histórias* não possua um carácter quase divino, como o da personagem equivalente em *Persas*, a sua representação em ambas as obras detém um aspeto comum, do ponto de vista religioso: ele surge como um favorito dos deuses. Observámos já no subcapítulo 3.3.2 que, na tragédia esquiliana, Dario conta com o auxílio divino para edificar um reinado próspero e benéfico para o seu povo¹³⁷⁵. No subcapítulo 4.3.3, contemplou-se o papel que o divino teve, especialmente, na acessão deste soberano ao poder¹³⁷⁶. O Dario de Ésquilo vai, porém,

¹³⁷⁰ *Vide supra*, p. 135, nota 1060.

¹³⁷¹ *Vide* GRUEN, Erich S. (2011), *op. cit.*, p. 35. Este facto é especialmente observável no já mencionado episódio em que Dario mostra aos Gregos a existência de diferentes tradições culturais, que devem ser igualmente respeitadas entre si. Cf. Hdt. 3.38.

¹³⁷² Gruen vai até mais longe ao considerá-lo um indivíduo sem princípios, como vimos. *Vide supra*, p. 135.

¹³⁷³ Recorde-se, por exemplo, a atuação de Dario na história da irrigação da planície asiática. Cf. Hdt. 3.118.1.

¹³⁷⁴ Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 663 e 671.

¹³⁷⁵ *Vide supra*, p. 63.

¹³⁷⁶ Recorde-se, a título de exemplo, o golpe desferido por Dario no mago, que, por sorte, foi certeiro e o relâmpago que atravessou os céus, quando o seu cavalo relinchou antes dos demais. *Vide supra*, p. 137.

provavelmente, mais além do que o de Heródoto, no que toca a ser afortunado: ele alcança o raro privilégio de poder ser considerado “feliz” após a sua morte¹³⁷⁷.

Acrescente-se ainda que, conforme vimos, este rei manifestou, nas *Histórias*, ser capaz de perpetrar atos ímpios, algo que o imaculado Dario de Ésquilo não ousaria fazer¹³⁷⁸. Como seria de esperar, Heródoto oferece um retrato mais complexo do monarca e dá ainda mais um dado relativo à sua caracterização religiosa¹³⁷⁹. O historiador deixa vislumbrar a relação de Dario com a religião, nomeadamente a estrangeira. Como verificámos, esta é marcada pela contradição: o soberano ora comete sacrilégios, ora demonstra respeito e tolerância perante a cultura religiosa de outros povos¹³⁸⁰. Contudo, Dario aparenta não revelar, no geral, indícios de desrespeito do *nomos* religioso persa (com a exceção da ocasião em que profana o túmulo da rainha da Babilónia, como já foi referido)¹³⁸¹.

Atente-se agora na faceta militar deste rei, em ambas as obras. Como vimos, em *Persas*, Dario figura como um bom chefe militar, cuja capacidade de liderança do exército é descrita como “inspirada” pelo Coro¹³⁸². O poeta sublinha também o êxito dos exércitos em campanha ao tempo de Dario¹³⁸³. Ésquilo salienta ainda que o monarca tratava de assegurar o regresso dos soldados, sem sofrimento, a casa¹³⁸⁴. Ao contrário do que se verifica nesta tragédia, Dario não detém as qualidades de um líder militar na obra de Heródoto. Como vimos, ele mostra falta de providência, bem como inaptidão em adotar estratégias adequadas para responder aos movimentos do inimigo (na Cítia)¹³⁸⁵. Além disso, observa-se a sua incapacidade para conceber uma estratégia capaz de fazer capitular a cidade de Babilónia¹³⁸⁶.

¹³⁷⁷ Recorde-se que este era um privilégio reservado a poucos indivíduos. *Vide supra*, pp. 66-67.

¹³⁷⁸ *Vide supra*, pp. 131-132.

¹³⁷⁹ Observando as obras dos dois autores ou consultando os capítulos 3 e 4 da presente Dissertação, pode-se verificar a complexidade dos retratos dos soberanos aqueménidas em Heródoto relativamente aos de Ésquilo (nem que seja pela extensão da obra do primeiro relativamente à do segundo). Esta complexidade abrange, portanto, não só o que diz respeito ao domínio religioso, como outras áreas da caracterização dos reis persas.

¹³⁸⁰ *Vide supra*, pp. 131-132.

¹³⁸¹ No entanto, como já realçámos no subcapítulo 4.3.3, deve-se ter em conta que a caracterização de Dario ao nível religioso não é alvo de grande atenção por Heródoto, que prefere focar-se noutros aspetos do seu reinado.

¹³⁸² Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 652-656. *Vide supra*, p. 64.

¹³⁸³ *Vide supra*, p. 69.

¹³⁸⁴ *Vide supra*, p. 69.

¹³⁸⁵ *Vide supra*, pp. 143-144.

¹³⁸⁶ *Vide supra*, p. 144.

Refira-se ainda que, embora Dario tenha sido bem-sucedido ao subjugar a cidade da Mesopotâmia, a sua expedição contra a Cítia revelou-se um fracasso¹³⁸⁷.

No que diz respeito à caracterização política deste soberano, podemos começar por referir que, em *Persas*, ele é recordado pelos seus súbditos com estima e aprovação¹³⁸⁸. Esta boa memória conservada do monarca advém, em grande parte, do facto de Dario ter proporcionado tempos de prosperidade ao seu povo¹³⁸⁹. No caso das *Histórias*, talvez se possa também aferir este último aspeto a partir do texto: como vimos, Dario terá procedido a uma reorganização administrativa, o que poderá ter providenciado um período próspero ao país¹³⁹⁰. Contudo, segundo Heródoto, o monarca seria lembrado pelos seus súbditos como um “comerciante” (κάπηλος), o que pode implicar um lado mais oportunista deste rei, conforme foi já referido¹³⁹¹. Assim sendo, a visão que o povo tem de Dario na obra deste autor, não corresponde necessariamente àquela que os súbditos têm (de admiração e veneração) na peça de Ésquilo.

Relativamente à caracterização política externa de Dario, sobressai um aspeto comum a ambas as obras: ele aumenta o território persa (e, portanto, dá continuidade à política expansionista dos seus predecessores¹³⁹²). Porém, enquanto em *Persas*, o poeta informa que Dario o faz “quase sem sair de casa”¹³⁹³; nas *Histórias*, este rei ambiciona a conquista de territórios num outro continente: a Europa¹³⁹⁴. Nesta obra, pode-se ainda verificar a alternância entre os extremos em que o monarca atuava ao nível político: a demonstração de magnanimidade e/ou de generosidade e a punição severa¹³⁹⁵.

¹³⁸⁷ Pode-se ainda mencionar que Dario efetuou a devolução da ilha de Samos a Silosonte, mas completamente despovoada, como vimos. Cf. Hdt. 3. 149.

¹³⁸⁸ *Vide supra*, p. 63.

¹³⁸⁹ *Vide supra*, p. 63.

¹³⁹⁰ *Vide supra*, p. 138.

¹³⁹¹ *Vide supra*, p. 139.

¹³⁹² No caso de *Persas*, pode-se, pelo menos, afirmar que Dario seguiu as pisadas de Ciro ao aumentar o domínio territorial persa, uma vez que o retrato neutro de Cambises não permite aferir com certeza se este monarca expandiu ou não o território legado por Ciro.

¹³⁹³ Aesch., *Pers.*, vv. 864-866. No entanto, se for tida em conta a opinião de Jedrkiewicz de que o texto esquiliano pode insinuar que Dario comandaria as campanhas a partir da sua sede de poder, o mesmo pode ser verificado, a partir de dada altura, no texto de Heródoto. *Vide* JEDRKIEWICZ, Stefano (2019), *op. cit.*, p. 15.

¹³⁹⁴ Desde logo, Dario manifesta a sua intenção de dominar a Cítia, quando Atossa lhe sugere a conquista da Grécia. *Vide supra*, p. 141.

¹³⁹⁵ Como vimos ao longo do subcapítulo 4.3, todos os reis aqueménidas herodotianos parecem servir-se, de alguma forma, deste modo de atuação política.

Foquemos agora a nossa atenção na forma como é retratado o soberano Xerxes em ambas as obras em estudo. Antes de mais, recorde-se a influência da tragédia, especialmente da peça esquiliana *Persas*, na composição da obra herodotiana¹³⁹⁶. Tendo em conta este fator, considera-se elemento de não admiração que a figura de Xerxes no drama apresente várias semelhanças com a sua personagem nas *Histórias*. De facto, como aludimos, são vários os *topoi* comuns associados ao retrato literário do rei persa construído por Ésquilo e por Heródoto¹³⁹⁷. No entanto, sublinhe-se que esta figura é dotada de uma maior profundidade e multidimensionalidade, em termos de caracterização, nas *Histórias* do que na tragédia esquiliana (conforme a leitura comparada dos subcapítulos 3.3.3 e 4.3.4 permite concluir)¹³⁹⁸.

Apesar das várias semelhanças exibidas por esta personagem nas obras em análise, o contraste entre a sua aparência física, imaginada pelos dois autores, é flagrante. Xerxes surge, inicialmente na obra de Ésquilo, como uma figura poderosa e aterrorizadora, na imagem invocada pelo Coro¹³⁹⁹. Ele aparece como o invasor do território grego, que comanda um exército numeroso e cujo olhar é temível e traiçoeiro¹⁴⁰⁰. Como vimos, este rei transforma-se, gradualmente, ao longo desta tragédia, numa figura humilhada, caída em desgraça e despojada de qualquer vestígio do seu estatuto¹⁴⁰¹.

O aspeto físico do mesmo soberano, traçado por Heródoto, revela ser distinto da supracitada imagem esquiliana. Embora Heródoto, certamente, não simpatize com a personagem de Xerxes, confere-lhe um porte nobre¹⁴⁰². O Xerxes de Ésquilo, apesar de ser retratado como um líder poderoso (antes de cair em ruína), não se aproxima sequer da aparência majestosa, quer do Xerxes herodotiano, quer do próprio Dario esquiliano¹⁴⁰³. Acrescente-se ainda que ambos os autores aludem várias vezes à juventude de Xerxes, como vimos. Esta característica aparenta, no entanto, associar-se especialmente ao seu

¹³⁹⁶ *Vide supra*, p. 95, nota 670.

¹³⁹⁷ Mencione-se desde já que estes continuariam, como Bridges salienta, a aparecer em relação com a representação de Xerxes na literatura grega posteriores. *Vide* BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 52.

¹³⁹⁸ Este facto prender-se-á, em grande medida, com o género das obras.

¹³⁹⁹ *Vide supra*, pp. 70-71.

¹⁴⁰⁰ *Vide supra*, pp. 70-71.

¹⁴⁰¹ *Vide supra*, p. 83.

¹⁴⁰² *Vide supra*, p. 157.

¹⁴⁰³ Recorde-se que a personagem de Xerxes foi construída pelo poeta com o objetivo de contrastar, particularmente, com o seu antecessor.

temperamento juvenil e à sua inexperiência (talvez mais do que à própria caracterização física da personagem)¹⁴⁰⁴.

Além desta particularidade, são vários os atributos, em termos de personalidade, comuns ao retrato deste monarca em ambas as obras¹⁴⁰⁵. Entre esses, destaque-se a sua impetuosidade, a sua imprudência e a sua falta de ponderação. Estas características aparentam, em Ésquilo e em Heródoto, encontrar-se, de certa forma, ligadas à juventude da personagem. Outros traços comuns à sua representação nas duas obras, dignos de menção, são a arrogância e a crueldade. Evidencie-se ainda uma outra peculiaridade, que, segundo os dois autores, terá contribuído para a realização da expedição contra a Grécia. Referimo-nos à vulnerabilidade de Xerxes a maus conselhos. Ou, se se preferir, ao facto de este rei ser influenciável por terceiros, os quais não teriam necessariamente em conta os melhores interesses do soberano.

Deve salientar-se, porém, que o carácter do Xerxes de Heródoto apresenta um nível de complexidade e de profundidade diferente do de Ésquilo, apresentando uma vertente mais humanizada. A personagem herodotiana, apesar da sua impetuosidade juvenil, revela ter também capacidade de ponderação e de reconhecer os seus próprios erros¹⁴⁰⁶. Em *Persas*, o monarca aparenta carecer de ἀνδρεία (coragem) e prova ser um covarde ao lançar-se em fuga após o desastre de Salamina¹⁴⁰⁷. Nas *Histórias*, apesar de revelar também cobardia (a qual é também bastante enfatizada por Heródoto) no momento do desaire em Salamina, ele mostra-se disposto a correr riscos para cumprir a tradição dos seus antecessores (expandir o território legado)¹⁴⁰⁸. Embora Xerxes manifeste crueldade em várias ocasiões nesta obra, Heródoto também lhe outorga um lugar de superioridade moral, no momento da receção dos emissários espartanos (como vimos)¹⁴⁰⁹.

Detenhamo-nos na sua caracterização moral, por um momento. De acordo com os dois autores em estudo, Xerxes incorre na transgressão ou ὕβρις. Contudo, enquanto em

¹⁴⁰⁴ Em *Persas*, a juventude deste monarca serve ainda como mais um aspeto de contraste entre as personagens de Dario e Xerxes: como referimos, o primeiro é designado de “velho”, ao passo que o segundo é denominado de “jovem” nesta obra. *Vide supra*, p. 79, nota 549.

¹⁴⁰⁵ Recorde-se que, provavelmente, Heródoto terá contactado com a peça *Persas* d’Ésquilo. Aludimos já à influência desta tragédia na composição das *Histórias*. *Vide supra*, p. 95, nota 670.

¹⁴⁰⁶ *Vide supra*, pp. 150-151 e 153.

¹⁴⁰⁷ *Vide supra*, p. 79, nota 542.

¹⁴⁰⁸ *Vide supra*, p. 156.

¹⁴⁰⁹ *Vide supra*, p. 148.

Persas essa transgressão de Xerxes corresponde a um feito nunca antes cometido pelos seus predecessores; nas *Histórias*, verifica-se o contrário: todos os seus antecessores, inclusive o incomparável Ciro¹⁴¹⁰ e o próprio Dario, incorreram, de alguma forma, em ὕβρις.

Mencione-se ainda a caracterização religiosa deste monarca. Em ambas as obras, Xerxes parece afigurar-se com um indivíduo capaz de perpetrar atos ímpios e de ofender os deuses. Contudo, saliente-se que, nas *Histórias*, se Xerxes comete sacrilégios em certas ocasiões, noutras manifesta sinais de respeito para com o sagrado (inclusive, perante a cultura religiosa de outros povos)¹⁴¹¹. Deve sublinhar-se ainda que Heródoto, como vimos, admite a possibilidade de Xerxes ter capacidade de reconhecer os seus erros, inclusivamente no âmbito religioso. Este autor levanta a hipótese de o soberano se ter arrependido de ter ordenado a punição do Helesponto, bem como o incêndio da acrópole ateniense, como referimos¹⁴¹². Talvez possa, portanto, afirmar-se que a relação deste rei com a(s) religião(ões) nesta obra parece ser, de certa forma, marcada, pelo menos em algumas circunstâncias, por um certo grau de ambiguidade e de ambivalência¹⁴¹³. No entanto, de uma perspectiva grega, seria, quase por certo, a já aludida visão ímpia que Temístocles profere, nas *Histórias*, sobre Xerxes que sobressairia na obra¹⁴¹⁴.

Relativamente à faceta militar deste rei, começamos por assinalar que existem vários aspetos (inclusive *topoi*¹⁴¹⁵) comuns a esta figura em ambas as obras. Refira-se que o fracasso militar de Xerxes na Grécia é enfatizado pelos dois autores. Contudo, deve-se evidenciar que, em *Persas*, Xerxes corresponde ao único rei que falha como chefe militar: o poeta explicita que a sua expedição resultara num desastre sem precedentes¹⁴¹⁶. Porém, nas *Histórias*, os seus antecessores também já haviam sentido o dissabor de alguns desaires em campanha. Realce-se ainda que, como vimos, a invasão da Hélade assume, na referida peça esquiliana, um carácter inovador: apresenta-se como algo que nenhum dos seus predecessores ousara fazer.

¹⁴¹⁰ Segundo Heródoto, Ciro é o único “com quem nenhum dos Persas é realmente digno de ser alguma vez comparado”. Cf. Hdt. 3.160.1.

¹⁴¹¹ *Vide supra*, pp. 146-147.

¹⁴¹² *Vide supra*, p. 153, nota 1240.

¹⁴¹³ Observa-se, deste modo, mais uma vez, a maior profundidade e complexidade subjacente à personagem herodotiana relativamente à esquiliana.

¹⁴¹⁴ Cf. Hdt. 8.109.3. *Vide supra*, pp. 146-147.

¹⁴¹⁵ Entre os vários *topoi* que envolvem este rei, evidencie-se, entre outros, o exército numeroso que Xerxes lidera e no qual deposita uma confiança excessiva; o quadro célebre de Xerxes a observar a batalha de um ponto alto, o combate de Salamina, etc. Sobre estes *topoi*, consulte-se BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, pp. 52-58.

¹⁴¹⁶ Ele revela-se, portanto, ao contrário dos seus antecessores nesta tragédia (pelo menos, contrasta claramente com Ciro e Dario), um chefe militar falhado.

Na obra de Heródoto, pelo contrário, esta expedição afigura-se como um plano herdado por Xerxes de seu pai, como referimos.

Outro aspeto que sobressai das duas narrativas corresponde ao facto de este monarca dispor dum exército (terrestre e marítimo) incrivelmente numeroso, no qual Xerxes deposita uma grande confiança. Além disso, o soberano revela menosprezo para com o seu inimigo helénico em ambas as obras¹⁴¹⁷. Contudo, no caso das *Histórias*, note-se que embora Xerxes acabe por cometer esse erro, ele mostra desejo de conhecer o seu adversário, quando interroga o espartano Demarato. Ele não é, porém, bem-sucedido no seu intento, revelando-se incapaz de compreender a cultura do oponente grego¹⁴¹⁸. Saliente-se ainda que ambos os autores evidenciam o facto de Xerxes não participar diretamente na batalha, limitando-se a supervisioná-la de um ponto alto. Esta descrição enfatiza o contraste entre este rei e os líderes gregos (como é o caso de Temístocles na obra de Heródoto) que participam ativamente no confronto¹⁴¹⁹. Ao contrário de Xerxes, estes arriscam as suas vidas no campo de batalha¹⁴²⁰. O contraste entre a postura do soberano aqueménida e a dos líderes gregos produz, deste modo, um juízo de valor na audiência grega que vê o monarca persa como um déspota covarde. Esta imagem é ainda mais acentuada pela fuga covarde – presente em ambas as obras em estudo – em que o rei se precipita, após se aperceber do desastre persa em Salamina.

Por fim, considere-se a caracterização política desta personagem. Do ponto de vista da política interna, refira-se que o comportamento de Xerxes é múltiplas vezes marcado por um abuso do seu poder sobre a vida e morte dos súbditos. Este facto é visível quer na obra de Ésquilo, quer na de Heródoto. Porém, sublinhe-se que, nesta, tal conduta pode ser também observada por parte de outros reis persas. Acrescente-se ainda que o monarca exhibe a capacidade de inspirar medo nos seus súbditos, de acordo com ambos os autores.

De uma perspetiva da política externa, observa-se em ambas as obras um rei que procura expandir o território que lhe foi legado. Em *Persas*, Xerxes ao tentar ir mais longe do que os seus predecessores (ao invadir outro continente), acaba por fracassar redondamente o objetivo, não logrando anexar outros domínios ao seu “império”. Por sua vez, nas *Histórias*,

¹⁴¹⁷ No caso da obra herodotiana, como vimos, o menosprezo do inimigo é uma característica partilhada, em determinados contextos militares, por todos os soberanos persas: Ciro menospreza os Masságetas, Cambises os Etíopes, Dario os Citas e Xerxes os Helenos.

¹⁴¹⁸ *Vide supra*, pp. 157-158.

¹⁴¹⁹ *Vide BRIDGES*, Emma (2015), *op. cit.*, p. 55.

¹⁴²⁰ Cf. *idem, ibidem*, p. 55.

o desaire de Xerxes na Grécia é também enfatizado. Como salientámos, na tragédia, a tentativa de expansão persa para a Europa aparenta constituir-se como uma política sem precedentes seguida por Xerxes. Ao passo que, na obra herodotiana, os antecedentes desta iniciativa do monarca podem ser encontrados no reinado do pai dele.

De facto, ao observar-se os retratos de Dario e de Xerxes nas *Histórias*, pode confirmar-se a existência de múltiplos paralelismos entre o modo de atuar destes dois reis (como tivemos oportunidade de observar no subcapítulo 4.3.4). Ao contrário do que acontece em *Persas*, não se verifica um contraste flagrante entre o perfil destes dois soberanos nas *Histórias*: em várias ocasiões, a atitude de um aproxima-se da do outro. Na peça de Ésquilo, Xerxes distancia-se claramente da dos seus antecessores¹⁴²¹. Ao passo que, na obra de Heródoto, a sua conduta, em certos momentos da narrativa, apresenta semelhanças com a dos seus predecessores (inclusive, com a do benigno fundador persa¹⁴²²). Com efeito, todos os reis persas herodotianos ostentam determinados comportamentos idênticos entre si, como vimos¹⁴²³.

Porém, a figura de Xerxes parece ainda assim possuir um retrato particularmente negativo quando comparado com os outros nas *Histórias* (embora o de Cambises também seja especialmente depreciativo, a conduta cruel e anómala deste rei pode ser, em certa medida, explicada pela sua insanidade mental¹⁴²⁴). Coloca-se, portanto, a questão do porquê da imagem negativa deste soberano, construída por Ésquilo e por Heródoto. Consideramos que, talvez, possa ser admitida a hipótese sugerida por vários autores de que a visão pejorativa deste monarca poderá advir do facto de Xerxes ter sido o único rei persa que, com efeito, invadiu e pisou território grego (pelo menos, a crer nas fontes que clamam que a expedição militar persa contra os Helenos terá sido pessoalmente comandada por Xerxes)¹⁴²⁵.

Após reflexão e uma análise comparada da representação dos reis aqueménidas nas duas obras em estudo nesta Dissertação, colocamos as seguintes questões:

¹⁴²¹ Veja-se SAÏD, S. (1981), *op. cit.*, p. 36.

¹⁴²² Como foi referido, pelo menos, o episódio da flagelação do Helesponto ordenado por Xerxes tem semelhanças com o da punição do Gindes ordenada por Ciro.

¹⁴²³ Apenas para nomear alguns dos aspetos comuns aos monarcas herodotianos, que referimos ao longo do subcapítulo 4.3: a alternância entre dois extremos – a magnanimidade e/ou generosidade e a punição severa –; o menosprezo do adversário em determinados contextos militares; etc.

¹⁴²⁴ Vide BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 50.

¹⁴²⁵ Entre os quais se incluem Bridges e García Sánchez. Veja-se, respetivamente: idem, *ibidem*, p. 60 e GARCÍA SÁNCHEZ, Manel (2009), *op. cit.*, p. 259.

- a) Há nestas obras uma personagem-tipo régia persa?
- b) É possível descortinar em ambos os autores um conjunto de atributos comuns à caracterização dos reis persas?

Um olhar comparativo sobre as figuras régias masculinas persas nas duas obras, permite concluir que a resposta à primeira pergunta é negativa¹⁴²⁶. Contudo, podemos observar um conjunto de atributos comuns ao retrato de vários dos monarcas aqueménidas, mas não necessariamente a todos, em *Persas* e *Histórias*¹⁴²⁷.

As representações dos soberanos persas da obra de Heródoto parecem, em certa medida, resultar de uma mistura de determinados traços exibidos pelas duas personagens régias masculinas de Ésquilo. Dito por outras palavras, os reis persas herodotianos ostentam um certo número de características que correspondem, em *Persas*, ora a atributos de um rei ideal (nomeadamente, o Dario de Ésquilo), ora a atributos de um soberano que, de uma posição de prosperidade, cai em ruína (designadamente, o Xerxes de Ésquilo)¹⁴²⁸. Ou, se quisermos, pode considerar-se que equivalem aos traços do que Garvie afirma ser os retratos de um monarca bem-sucedido (o Dario de Ésquilo) e de um rei fracassado (o Xerxes de Ésquilo), respetivamente. Esta verificação poderá eventualmente adquirir ainda mais significado, se tivermos em conta a proposta, defendida por alguns autores, de que ambos os reis em Ésquilo forneciam à audiência dois modelos distintos de conceção de poder e de liderança. Como vimos, segundo estes estudiosos, Dario serve como paradigma positivo de chefia hegemónica, ao passo que Xerxes constitui um exemplo negativo do que a hegemonia de pró-“imperialista” poderia ser¹⁴²⁹.

¹⁴²⁶ Não se consideraram para este efeito as representações esquilianas dos reis Ciro e Cambises, que não integram o elenco das personagens de *Persas* de Ésquilo.

¹⁴²⁷ Consulte-se as tabelas dos Apêndices 5 e 6. Nestas tabelas, as referidas características comuns a alguns dos reis das duas obras encontram-se sublinhadas e a negrito. Veja-se, respetivamente: Apêndice 5, p. LXXXI e Apêndice 6, p. LXXXIX.

¹⁴²⁸ Veja-se a tabela do Apêndice 7, na qual classificamos os atributos dos reis persas comuns às duas obras em duas categorias: atributos de monarcas herodotianos que coincidem com os do rei ideal em Ésquilo e atributos de monarcas herodotianos que coincidem com os do monarca fracassado em Ésquilo. Consulte-se Apêndice 7, p. CI.

¹⁴²⁹ Veja-se KENNEDY, Rebecca Futo (2013), *op. cit.*, pp. 80-81 e LOCKWOOD, Thornton (2017), *op. cit.*, p. 394. Refira-se ainda que García Sánchez afirma que foi Ésquilo quem forneceu o modelo que viria a dar origem ao estereótipo do déspota oriental, desmesurado, arrogante, intratável e irascível. Cf. GARCÍA SÁNCHEZ, Manel (2009), *op. cit.*, p. 125.

Vários dos traços comuns aos monarcas aqueménidas nas duas obras serão, provavelmente, em determinada medida, fruto do contexto, da época em que os autores viveram. Refira-se, a título de exemplo, que algumas dessas características – como a prudência e a sensatez – aparentam estar associadas ao valor da moderação, a *sophrosyne*, que ocupava um lugar eminente no pensamento grego da época do dramaturgo e do historiador¹⁴³⁰. Ao passo que os atributos opostos (isto é, a imprudência e a insensatez e, poder-se-á ainda acrescentar a irreflexão, uma vez que aparece várias vezes associada às duas últimas) parecem estar muitas vezes na raiz de atitudes imoderadas e, conseqüentemente, da ὕβρις.

Saliente-se que, para ambos os autores, os reis persas parecem ser, especialmente, chefes militares (bons ou maus), que têm o dever de seguir a tradição dos seus antecessores: expandir o território que herdaram¹⁴³¹. Até mesmo o Dario das *Histórias*, de cujo reinado Heródoto salienta, em especial, as reformas administrativas, surge como um líder militar (ainda que não detenha as mesmas qualidades do seu predecessor, Ciro, necessárias para exercer esse cargo)¹⁴³².

Repare-se ainda que, embora nenhum rei persa de Heródoto consiga igualar o Dario de Ésquilo – como vimos, este é retratado como um monarca ideal, algo que todos os monarcas aqueménidas das *Histórias* estão longe de ser –, aquele que, provavelmente, mais se aproxima desta figura é o Ciro herodotiano. Consideramos que esta situação não é

¹⁴³⁰ Com efeito, o valor da moderação encontra-se presente, por exemplo, nos escritos de Platão: na sua obra *República*, a moderação corresponde a uma das virtudes cardiais que o Estado deveria possuir para alcançar a excelência. São elas: a sabedoria, a valentia, a moderação e a justiça (de acordo com Platão, a prudência estaria de certo modo ligada à sabedoria). Cf. Pl., *R.* IV, 426-435.

¹⁴³¹ Como já aludimos, no caso de *Persas*, pode-se, pelo menos, afirmar que Dario seguiu as pisadas de Ciro ao aumentar o domínio territorial persa. Acrescente-se ainda que, como foi referido, Heródoto denuncia ainda os vícios dos Persas, enquanto povo conquistador.

¹⁴³² Refira-se ainda, de passagem, que os soberanos persas surgem, nas obras em análise, associados a determinadas características e práticas ligadas à monarquia aqueménida na literatura grega (de cariz menos individualizado do que os atributos acima referidos). Entre outras, destaque-se, a título de exemplo, a já aludida riqueza e opulência – bem refletida, por exemplo, nos sumptuosos banquetes persas em *Histórias* e no “palácio ornado a ouro” em *Persas* (cf. Aesch., *Pers.*, v.159) –, que, frequentemente, se encontra associada ao Oriente. Acrescente-se ainda que, em ambas as obras, é feita uma alusão à origem divina da monarquia na Ásia e, conseqüentemente, da monarquia persa: para Ésquilo, o poder supremo foi inicialmente atribuído por Zeus a um só indivíduo (talvez medo), enquanto que, segundo Heródoto, essa autoridade foi conferida por esse mesmo deus a Ciro. Assim sendo, para ambos os autores, os soberanos persas tem um antecessor a quem a divindade atribuiu o poder de governar. Veja-se, respetivamente, Aesch., *Pers.*, vv.760-766 e Hdt. 9.122. Para mais exemplos, consultem-se as tabelas 1.9 (do Apêndice 1) e 2.9 (do Apêndice 2), nas quais reunimos algumas destas práticas gerais associadas à personagem do rei aqueménida com que deparámos nas fontes. Veja-se, respetivamente: Tabela 1.9, p. XVII e Tabela 2.9, p. LXXVI.

estranha, se for tido em conta que este soberano persa corresponde àquele que é representado a uma luz mais favorável nas *Histórias* (comparativamente com os restantes monarcas aqueménidas desta obra).

Por fim, gostaríamos de lançar um breve olhar, em traços muito gerais, sobre o que a literatura grega posterior (às obras em estudo) reserva aos quatro reis analisados na presente Dissertação. Ciro II, cognominado de “o Grande”, continuaria a ser retratado em várias obras gregas (e não-gregas) sob uma luz positiva e enaltecida (à exceção dos textos de Ctésias de Cnido)¹⁴³³. Entre outras obras, merece lugar de destaque a *Ciropedia* de Xenofonte, na qual Ciro figura como um rei-modelo, superior a todos os outros soberanos¹⁴³⁴.

O seu sucessor, Cambises II, por sua vez, continuou a ser alvo de um retrato particularmente negativo¹⁴³⁵. Como García Sánchez afirma, este monarca surgiria, frequentemente, nas fontes clássicas como o paradigma de demência, sacrilégio, impiedade e crueldade desmedida (caso excecional é o retrato concebido por Ctésias)¹⁴³⁶. Ou seja, várias das características do perfil despótico deste governante tal como desenhado por Heródoto continuariam a imperar no domínio literário helénico. De facto, segundo Truesdell Brown, a ilustração herodotiana de Cambises exerceria uma grande influência nos escritores gregos posteriores¹⁴³⁷.

A representação literária grega da figura de Dario (que, na realidade, seria provavelmente, um usurpador que se autoproclamava aqueménida) poderá inclinar-se, talvez, a uma primeira vista, para a de um rei sábio, exemplar e/ou legislador¹⁴³⁸. Segundo García Sánchez, esta imagem aparenta corresponder à tendência nos escritos de Diodoro de Sicília e de Platão¹⁴³⁹. Para este último autor, apesar da descrição favorável que tece deste monarca,

¹⁴³³ Sobre a evolução, em traços grossos, do retrato de Ciro na literatura grega ao longo dos tempos, sugere-se a consulta de: GARCÍA SÁNCHEZ, Manel (2009), *op. cit.*, pp. 89-103. Para uma leitura crítica da imagem tradicional favorável de Ciro através dos tempos (quer nas fontes gregas, quer nas não-gregas), propõe-se a consulta do seguinte estudo: KUHRT, Amélie, “Cyrus the Great of Persia: Images and Realities” in HEINZ, Marlies e FELDMAN, Marian H. (eds), *Representations of Political Power: Case Histories from Times of Change and Dissolving Order in the Ancient Near East*, Winona Lake, Penn State University Press, 2007, pp. 169-191.

¹⁴³⁴ Vide GARCÍA SÁNCHEZ, Manel (2009), *op. cit.*, p. 89 e pp. 99-101.

¹⁴³⁵ Veja-se BROWN, Truesdell S. (1982), *op. cit.*, pp. 387-388.

¹⁴³⁶ Cf. GARCÍA SÁNCHEZ, Manel (2009), *op. cit.*, p. 103, 109-110. Sobre o retrato, geral, de Cambises na literatura grega, sugere-se a consulta de: GARCÍA SÁNCHEZ, Manel (2009), *op. cit.*, pp. 103-110.

¹⁴³⁷ Cf. BROWN, Truesdell S. (1982), *op. cit.*, p. 388.

¹⁴³⁸ Veja-se GARCÍA SÁNCHEZ, Manel (2009), *op. cit.*, p. 123.

¹⁴³⁹ Ctésias seguiria, segundo afirma García Sánchez, maioritariamente o relato de Heródoto referente a Dario. Cf. GARCÍA SÁNCHEZ, Manel (2009), *op. cit.*, p. 123.

Dario surge na sua obra *Leis* como uma vítima da moleza feminina proveniente da educação que os príncipes persas recebiam¹⁴⁴⁰. Importa salientar que, em última análise, de acordo com García Sánchez, a imagem de Dario não seria exageradamente denegrada pela tradição clássica¹⁴⁴¹.

Por último, Xerxes viria a ser pintado nas obras helénicas de forma bastante depreciativa, continuando a ser associado a vários dos *topoi* presentes em *Persas* e nas *Histórias*¹⁴⁴². De acordo com Bridges, alguns escritores (nomeadamente os retóricos atenienses do século IV a.C.) continuariam a representá-lo como um invasor temível e, simultaneamente, cativante; outros explorariam e reinterpretariam a história das intrigas e paixões de Xerxes fornecida por Heródoto e retratá-lo-iam como um soberano, nas palavras da própria autora, *playboy* decadente¹⁴⁴³.

¹⁴⁴⁰ Veja-se idem, *ibidem*, p. 123.

¹⁴⁴¹ Cf. idem, *ibidem*, p. 125. Sobre a descrição de Dario, em traços gerais, nas obras literárias gregas, veja-se: GARCÍA SÁNCHEZ, Manel (2009), *op. cit.*, pp. 114-125.

¹⁴⁴² Consulte-se BRIDGES, Emma (2015), *op. cit.*, p. 52. Para uma observação, em linhas gerais, do retrato de Xerxes no domínio literário grego, consulte-se: GARCÍA SÁNCHEZ, Manel (2009), *op. cit.*, pp. 125-135.

¹⁴⁴³ *Vide* idem, *ibidem*, p. 71.

Conclusão

Como verificamos ao longo do presente estudo, embora seja observável um determinado número de semelhanças e de atributos comuns a certos monarcas aqueménidas nas obras em que nos baseámos, os reis da Pérsia foram alvo de abordagens distintas por parte de Ésquilo e de Heródoto.

A caracterização dos soberanos aqueménidas em *Persas*, mais concretamente das personagens de Dario e de Xerxes, afigura-se mais linear, comparativamente à traçada por Heródoto. Por outras palavras, podemos afirmar que o retrato e a representação dos monarcas aqueménidas nas *Histórias* revelam ser mais complexos do que os das respetivas personagens na tragédia esquiliana¹⁴⁴⁴.

Em *Persas*, os atributos do esboço de Dario correspondem aos de um rei ideal e os do Xerxes de Ésquilo aos de um monarca fracassado, que, de uma posição de prosperidade, cai em ruína¹⁴⁴⁵. Os contornos destes dois modelos régios esquilianos mostram ser firmes e lineares. Foram desenhados pelas mãos hábeis do dramaturgo, que pretendia enfatizar o contraste entre os dois monarcas, entre pai e filho. Nesta peça teatral, tudo o que Dario é, Xerxes não é. Como observámos, o contraponto entre ambos é evidente.

Dario é recordado pelo Coro como um rei ilustre, benigno e exemplar: entre as suas demais qualidades, ele apresenta-se como moderado, prudente, estimado e reverenciado pelo seu povo, além de ser um bom comandante militar. Por sua vez, Xerxes prova que o seu carácter carece de ἀνδρεία (coragem) e que não possui as qualidades de um chefe militar. O seu comportamento é impetuoso, exacerbado. Para culminar, ele é responsável, pelo menos, em parte, pela desgraça sem precedentes que se abate sobre o país. A conduta de Xerxes, assim o quer Ésquilo, distancia-se da dos seus antecessores. Além de Dario, também Ciro e Cambises (que não integram o elenco das personagens da peça) surgem como chefes militares em *Persas*, embora lhes seja feita apenas uma breve alusão em toda a obra. Os êxitos de Ciro

¹⁴⁴⁴ Pode ser referido desde já, que parte da explicação para o facto de os retratos régios persas esquilianos serem mais lineares e menos complexos do que os herodotianos poderá, talvez, em certa medida, prender-se com o género, a finalidade e a dimensão das obras em análise. Pode ser sugerido num tom mais firme que, quer em *Persas*, quer nas *Histórias*, o tipo de abordagem feito em termos da caracterização dos monarcas constitui, em última análise, uma opção feita por cada um dos autores.

¹⁴⁴⁵ Até mesmo as características de Xerxes que remetem para a imagem de um soberano no auge do seu poder aparentam ter como finalidade a transformação trágica da personagem ao longo da peça até nada mais restar do que um rei humilhado, cuja autoridade sofre um duro golpe.

e de Dario no domínio militar são enfatizados e Cambises é retratado de um modo neutro neste campo, não reivindicando sinais de êxito nem de derrota, por contraste com o claro fracasso bélico de Xerxes. Ao contrário do impulsivo Xerxes, tanto Ciro como Dario são prudentes e, por isso, a divindade não lhes é hostil¹⁴⁴⁶ (especialmente no caso da personagem de Dario, que mostra de forma evidente que é favorecida pelo divino, como vimos).

Por seu lado, os monarcas aqueménidas de Heródoto mostram ser dotados de uma maior complexidade. Além de ostentar uma mistura de certos traços das duas personagens régias de Ésquilo, o perfil dos reis persas herodotianos mostra-se mais desenvolvido, exibindo um maior número de camadas e de profundidade em termos de caracterização. Acima de tudo, os retratos dos soberanos persas de Heródoto aparentam ser mais humanizados do que os de Ésquilo, apresentando um conjunto de virtudes e de defeitos (até mesmo os monarcas representados de forma mais depreciativa revelam indícios, em certas ocasiões, de características positivas). Isto é desde logo visível no esboço que Heródoto desenha de Ciro. Embora, inicialmente, este rei apresente semelhanças com o Dario de Ésquilo, emergindo como um governante persa benigno, prudente e sensato, está longe de possuir exclusivamente virtudes. O seu retrato não é o de um soberano idealizado como o do Dario esquiliano. Apesar das várias qualidades, Ciro, a partir de dada altura, cego pelo poder, pela ambição e pela convicção de que é protegido pelo divino, começa a manifestar atitudes exacerbadas. Contudo, realce-se que a descrição da personagem/personalidade, após a sua morte na obra, corresponde à de uma figura paternal, que guiou os Persas à liberdade e fundou o império persa.

Por sua vez, o seu filho herdeiro, Cambises, apesar da sua doença latente, ainda apresenta, ao princípio, algumas atitudes ponderadas e sensatas. No entanto, a sua insanidade mental não demora muito a exteriorizar-se. A dada altura, a demência apodera-se totalmente do monarca e, desse momento em diante, a *anomia* passa a imperar na conduta de Cambises (nas diferentes áreas de caracterização: religiosa, política interna e externa, etc.). Apesar de, no seu leito de morte, o rei recuperar a lucidez e arrepende-se das atrocidades que cometeu, é a imagem de um tirano louco, cruel e criminoso que fica na memória do leitor/auditor das *Histórias*.

¹⁴⁴⁶ Cf. Aesch., Pers., v. 772.

Segue-se Dario, que destrona o mago Esmérdis e assume o poder. Embora, por um lado, este soberano mostre, por vezes, prudência, sensatez e sabedoria, por outro, também exhibe um certo grau de amoralidade e prova ser arrogante e imponderado. O seu retrato afasta-se, claramente, do de Dario de Ésquilo. Comparativamente com o último, o Dario herodotiano é mais humanizado: ostenta qualidades e defeitos, e não somente virtudes, como o monarca idealizado esquiliano aparenta apenas deter (pelo menos, é essa a impressão geral que a descrição do dramaturgo oferece relativamente a este soberano).

Por último, o Xerxes de Heródoto, embora influenciado pelo de Ésquilo, exhibe um grau de complexidade e profundidade maior do que o da representação deste rei na versão esquiliana. Xerxes ora dá sinais de crueldade, desmesura, insolência e cobardia, ora revela, em certas ocasiões, capacidade de ponderação, de reconhecimento dos seus erros e de estar disposto a correr riscos para seguir a tradição expansionista iniciada pelos seus antecessores. Acrescente-se ainda que, como tivemos oportunidade de ver, ao contrário do que se verifica em *Persas*, não existe uma separação clara entre a atuação de Xerxes e a dos seus predecessores nas *Histórias*. De facto, podem mesmo ser observados paralelismos entre várias das ações de Dario e das de Xerxes. Além disso, os quatro reis persas herodotianos chegam mesmo ao ponto de partilharem entre si determinadas semelhanças ao nível comportamental, como tentámos demonstrar.

Em suma, de uma perspetiva grega, o Dario de Ésquilo aparenta, em linhas gerais, ser um modelo de virtudes (enquanto monarca idealizado), ao passo que o Xerxes esquiliano parece corresponder, *grosso modo*, a um modelo de vícios (enquanto rei que se precipitará na ruína). Pelo menos, cremos que esta é a impressão geral que a descrição que o poeta faz dos dois soberanos deixa transparecer. Como tentámos demonstrar, nenhum dos reis aqueménidas de Heródoto manifesta unicamente virtudes ou vícios, como acontece com cada uma das duas referidas personagens régias de Ésquilo. Os monarcas persas herodotianos ostentam, sim, uma mistura de um determinado número dessas características (quer de qualidades positivas, quer de defeitos). Além disso, embora seja visível um conjunto de atributos comuns ao retrato de certos governantes aqueménidas em *Persas* e *Histórias*, este não é necessariamente observável no que se refere à totalidade dos reis persas em ambas as obras. Assim sendo, consideramos que, de certa forma, é redutora a tentativa de conjugar várias características dos comportamentos régios persas em Ésquilo e em Heródoto

(especialmente, tendo em conta a riqueza e complexidade dos retratos aqueménidas na obra do historiador) num único molde representativo da conduta do soberano aqueménida. Posto isto, parece-nos que não há uma personagem-tipo régia persa nas duas obras em estudo¹⁴⁴⁷.

No entanto, conforme foi mencionado, admitimos a existência de um conjunto de atributos comuns a certos reis aqueménidas nos textos em análise. Concluimos que determinadas características ostentadas pelos reis persas em *Histórias* correspondem, em *Persas*, ora a atributos de um soberano ideal (designadamente, o Dario de Ésquilo), ora a atributos de um monarca que, de uma posição de prosperidade, cai em ruína (particularmente, o Xerxes de Ésquilo)¹⁴⁴⁸. Como vimos, de um ponto de vista moral helénico, os primeiros, na sua generalidade, tendem a corresponder, na tragédia esquiliana, a virtudes/qualidades positivas; ao passo que os segundos parecem ter propensão para constituir-se como vícios/defeitos. Isto não será estranho, se tivermos em conta, como referimos, que os primeiros atributos coincidem, *grosso modo*, com as características de um rei ideal e os segundos com os de um monarca fracassado, precipitado em desgraça.

Algumas das características comuns aos retratos esquilianos e herodotianos – especialmente grande parte das que se encontram ligadas à caracterização da personalidade moral e religiosa dos monarcas – serão, provavelmente, em determinada medida, fruto do contexto da escrita da época em que os autores viveram e produziram as suas obras. Conforme tentámos mostrar, vários dos referidos traços de personalidade comuns aparentam ora estar ligados à *sophrosyne*, ora na origem de uma conduta guiada pela *hybris*. Estes valores, entre outros (como, por exemplo, o respeito pelo *nomos*) encontravam-se profundamente enraizados na mentalidade grega no tempo de Ésquilo e de Heródoto. Deste modo, além de refletirem o contexto da escrita das próprias obras, ambos os retratos, o esquiliano e o herodotiano, parecem assumir-se, em determinada medida, como representações moralizadoras dos soberanos persas.

Saliente-se ainda que, como se tentou provar ao longo do presente estudo, os soberanos aqueménidas aparentam surgir em *Persas* e *Histórias*, principalmente, como chefes militares, cujo dever é continuar a tradição, principiada pelos seus antecessores, de expandir o território que lhes foi legado.

¹⁴⁴⁷ Conforme foi já referido, não se consideraram para este efeito as representações esquilianas dos reis Ciro e Cambises, que não integram o elenco das personagens de *Persas* de Ésquilo.

¹⁴⁴⁸ Veja-se Apêndice 7, p. CI.

Tendo em conta as divergências e semelhanças que se verificam entre as representações dos soberanos aqueménidas de *Persas* e as de *Histórias*, coloca-se a questão do porquê dessas divergências e semelhanças¹⁴⁴⁹. Mencione-se algumas hipóteses (a várias das quais já se fez alusão na presente Dissertação) que poderão talvez elucidar-nos mais sobre o porquê da impressão geral fornecida pelos retratos régios persas (de ambos os autores) diferir em certos casos e noutros exhibir contornos semelhantes. Conforme procurámos demonstrar ao longo deste estudo, os retratos de Ciro, de Cambises e de Dario elaborados por Ésquilo não aparentam ostentar características negativas. O objetivo final pretendido pelo dramaturgo era que a imagem de Xerxes contrastasse com a destes reis, seus antecessores (especialmente com Dario), para realçar o carácter «*hybrístico*» de Xerxes. Para alcançar essa finalidade, Ésquilo distancia a atuação de Xerxes da dos seus predecessores para criar uma ação sem precedentes, conforme já foi aludido. Consideramos que esta poderá ter sido uma das principais razões que motivaram a breve impressão positiva de Ciro oferecida pela supracitada obra esquiliana, bem como o sucinto retrato neutro de Cambises patente nessa mesma tragédia. Este fator terá contribuído ainda, em especial, para a conceção do retrato idealizado de Dario em *Persas*, que serve de contraponto ao do seu filho. Além disso, refira-se que no caso de Cambises, a sua descrição neutra pode talvez ser também justificada pela imagem pejorativa que o nome deste monarca poderia evocar, como vimos¹⁴⁵⁰.

No que diz respeito à imagem positiva de Ciro que aparenta sobressair em *Histórias*, pode-se talvez levantar a hipótese de Heródoto ter-se inspirado numa tradição popular irânica enaltecida das virtudes do referido monarca¹⁴⁵¹. O retrato depreciativo de Cambises enquanto rei louco delineado pelo historiador poderá resultar, por sua vez, da influência de uma tradição egípcia hostil à invasão persa, como mencionámos¹⁴⁵². Por seu lado, o esboço pejorativo de Xerxes delineado por Heródoto poderá advir, em parte, do contacto que o *pater historiae* teve, muito provavelmente, com os *Persas* de Ésquilo, uma vez que vários elementos na sua obra denotam essa influência esquiliana (nomeadamente os aspetos que o

¹⁴⁴⁹ Como acabámos de ver, algumas semelhanças (ou, se preferirmos, atributos comuns) apresentadas por ambas as obras em análise podem ser, em parte, explicadas pelo facto das referidas semelhanças, provavelmente, corresponderem ao fruto do contexto da escrita da época em que os autores produziram as suas obras.

¹⁴⁵⁰ Esta hipótese é sugerida por Suzanne Saïd, conforme vimos. *Vide supra*, p. 165.

¹⁴⁵¹ Como mencionámos, esta tese é proposta por García Sánchez. *Vide supra*, p. 164.

¹⁴⁵² Como referimos, esta hipótese é colocada por García Sánchez. *Vide supra*, p. 166.

perfil do Xerxes herodotiano partilha com o do Xerxes esquiliano). Como referimos, a representação negativa deste soberano que emerge das obras de ambos os autores poderá talvez advir, em especial, do facto de Xerxes ter sido o único monarca persa que, com efeito, invadiu e pisou território grego¹⁴⁵³. Além disso, Heródoto terá, tal como Ésquilo, moldado a imagem dos reis aqueménidas de forma a servir os seus propósitos literários e mesmo ideológicos. O historiador escolheu mostrar-nos os reis persas com traços comuns entre si e através de retratos mais humanizados e complexos dessas personagens. Heródoto preferiu, assim, construir um retrato mais humanizado de Dario, com base na informação que tinha à sua disposição sobre este rei (algo que como vimos não poderia suceder no drama esquiliano, caso contrário o retrato «*hybrístico*» de Xerxes e a tragédia que precipitou não seria tão dramática). Por seu lado, o dramaturgo optou por uma caracterização mais linear e objetiva, e por enfatizar o contraste entre as personagens. Assim sendo, em última análise, pode-se afirmar que o tipo de abordagem feito em termos de caracterização dos soberanos persas, nas duas obras em estudo, constitui uma opção feita por cada um dos autores. Alguns fatores passíveis de terem contribuído para o tipo de representação apresentado quer em *Persas*, quer em *Histórias* poderão estar relacionados, pelo menos em certa medida, com o género, a finalidade e a dimensão das obras em análise (conforme se foi verificando ao longo do presente trabalho)¹⁴⁵⁴. Além destes fatores, saliente-se que, como constatámos acima, as fontes a que cada autor recorreu poderão ter influenciado, numa dada porção, a construção dos retratos régios nos textos em estudo.

Por fim, falta-nos tentar providenciar uma resposta à questão: qual dos dois autores, Ésquilo ou Heródoto, estará a mentir sobre o perfil dos monarcas persas, visto que os dois conjuntos de representações não coincidem em absoluto?

A nossa opinião acaba por ser paradoxal: ambos os escritores estão a mentir e ambos estão a dizer a verdade. Ou, se quisermos, ambas as obras contêm uma fusão do que é mentira e do que é verdade. Parece-nos que tanto Ésquilo como Heródoto mentem, até certo ponto.

¹⁴⁵³ Esta tese é proposta por García Sánchez e por Emma Bridges, conforme salientámos. *Vide supra*, p. 174.

¹⁴⁵⁴ Refira-se, a título de exemplo, que, se tivermos em conta a finalidade original de *Persas* – a representação dramática perante uma audiência –, poder-se-á colocar a hipótese de a caracterização linear e objetiva das personagens régias persas desta tragédia advir da intenção de tornar os atributos dos monarcas mais diretos e, conseqüentemente, mais fáceis de apreender pelo público. Outra razão passível de ajudar a explicar a opção feita pelo poeta, em termos de caracterização dos reis, poder-se-á prender, em parte, com o tempo limitado imposto à representação teatral em palco.

Primeiro, porque a sua visão do universo persa encontra-se, de certo modo, condicionada, estejam ou não cientes disso. Muito provavelmente, nenhum dos dois autores teve contacto direto com a realidade da corte persa no coração do Império Aqueménida. O testemunho vivenciado pelo próprio Ésquilo inseriu-se num contexto de batalha, durante a invasão persa da Grécia. Relativamente a Heródoto, as suas viagens ter-se-ão, provavelmente, circunscrito às zonas marginais (mais a oeste) do domínio persa. Além disso, é provável que a informação em segunda mão à qual, possivelmente, cada um dos escritores tenha recorrido, advenha, sobretudo, de fontes e testemunhos orais. Não temos meio de saber se estes seriam fidedignos, mas mesmo que admitamos que o eram, não deixariam de ter sempre subjacente outras condicionantes, como falhas de comunicação ou má interpretação da informação transmitida. Pois, conforme assevera o ditado popular, “Quem conta um conto acrescenta um ponto.”. Em segundo lugar, pensamos que os dois autores estão, em certa medida, a mentir, porque, conscientes ou não disso, a sua visão não é totalmente imparcial e isenta de preconceitos e/ou de equívocos originados na incompreensão e má interpretação de uma cultura distinta (persa) da dos próprios autores (helénica). Apesar de dever ser notado que, no caso de Heródoto, assiste-se a um esforço por parte do autor no sentido de fornecer um retrato do povo persa, isento de juízos de valor. Por último, ambos criam uma imagem régia persa, até certo ponto, imbuída numa ilusão/mentira, porque cada um à sua maneira manipula a informação ao seu dispor sobre os reis aqueménidas de modo a servir os seus propósitos literários e até ideológicos, como já foi referido.

No caso do dramaturgo, antes de mais, recorde-se que a finalidade da sua obra é a encenação e apresentação em palco de uma tragédia, mais especificamente, a desgraça que atingiu a Pérsia e que foi precipitada pelas ações insolentes de Xerxes. Tendo em conta este objetivo, para realçar o carácter «*hybrístico*» de Xerxes perante a audiência, Ésquilo (pelo menos, assim o dá a entender o seu texto) manuseia aquilo que sabe sobre este rei e sobre os antecessores dele. Como vimos, além de fazer de Dario um monarca imaculado, detentor de virtudes e bem-sucedido, o autor apenas enaltece os êxitos e qualidades de Ciro e tece um retrato sucinto e neutro de Cambises. A impressão geral que Ésquilo fornece destes três soberanos ao seu público revela, deste modo, ser positiva no melhor dos cenários e neutra na

pior das hipóteses¹⁴⁵⁵. Por seu lado, a imagem de Xerxes delineada pelo dramaturgo é, *grosso modo*, pejorativa. Como referimos, o poeta parece focar-se mais nos vícios, nos aspetos negativos deste rei. Além disso, Ésquilo faz questão de evidenciar que a invasão da Europa por Xerxes corresponde a uma política sem precedentes, que nenhum dos seus antecessores alguma vez se atrevera a cometer. O propósito do dramaturgo é, como referimos, enfatizar o contraste entre Xerxes e Dario, bem como assinalar que a atuação de Xerxes se distancia da dos seus predecessores.

Confirma-se desta forma um certo grau de manipulação de informação perpetrada por Ésquilo. Por um lado, qualquer aspeto negativo de que Ciro, Cambises e Dario pudessem ser possuidores parece ter sido omitido. Por outro lado, possíveis aspetos positivos da figura de Xerxes aparentam também terem sido convenientemente esquecidos. Ou, pelo menos, neste último caso, é evidente (pelo menos, assim o entendemos) um maior enfoque nos vícios desta personagem, de um ponto de vista moral grego, para fazer sobressair o seu comportamento «*hybrístico*». Tenha-se em conta que o objetivo da peça de Ésquilo, embora de tema histórico, não era necessariamente contar a verdade sobre as Guerras Pérsicas e tratar o impacto que elas tiveram no mundo persa. Mas antes compor um drama trágico, que evocasse a memória desses acontecimentos no pensamento dos indivíduos gregos presentes na plateia ateniense das Grandes Dionísias, em 472 a.C. Ao distanciar a atuação de Xerxes da dos seus predecessores, Ésquilo amplifica, de forma dramática, as proporções da tragédia que Xerxes precipitou sobre a Pérsia, atribuindo-lhe um carácter sem precedentes. Quanto maior é a desgraça persa, maior é o enaltecimento da vitória helénica sobre o invasor.

No caso do *pater historiae*, o trabalho de Heródoto é de natureza diferente: não tencionando aventurar-nos pelo debate que envolve esta problemática, cremos que a sua obra pode ser, pelo menos, considerada uma tentativa daquilo que seria, na sua época, um relato historiográfico. O processo de investigação e exposição de Heródoto, apesar de deter o seu mérito, foi, como não poderia deixar de ser, em certa medida influenciado pela forma de escrever a História do seu tempo. Nesta altura, a religião não era dissociável da narrativa historiográfica e o trabalho de Heródoto reflete esse facto. A sua conceção moralizadora dos

¹⁴⁵⁵ Em *Persas*, Márdis constitui o único caso excecional entre os antecessores de Xerxes, que é alvo de uma descrição negativa. Porém, este indivíduo é um usurpador e mesmo ele, no seu curto reinado, não atraiu tamanho infortúnio para o país como aquele que viria a ter lugar durante o de Xerxes. Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 774-777 e 784-786.

eventos históricos pode ser observada nos princípios éticos-filosóficos que impregnam toda a sua obra. Por conseguinte, o perfil que o autor esboça dos reis persas é afetado pela forma como ele próprio, com base nos seus valores e crenças, vê o mundo. Assim sendo, o retrato dos soberanos aqueménidas é, até certo ponto, moldado por Heródoto para servir os seus propósitos de providenciar máximas e lições morais sobre a vida humana.

Todavia, como mencionámos, paradoxalmente, consideramos também que tanto Ésquilo como Heródoto dizem, em determinada medida, a verdade. O facto de ambos os autores provavelmente não terem tido um contacto direto com o centro do império, não invalida totalmente, em termos de credibilidade, os seus escritos sobre a Pérsia. No entanto, implica que os seus textos devem ser alvos de uma leitura crítica, que tenha em conta as suas limitações. Estaríamos a cometer um erro crasso se afirmássemos que não existe um único elemento de verdade sobre os Persas, nas obras em estudo. Temos conhecimento, no caso de Heródoto, por exemplo, de que a sua narrativa sobre a acessão de Dario ao poder apresenta claras semelhanças com a inscrição aqueménida de Bisitun. Isto por si só prova que há alguma verdade sobre este monarca no relato do historiador grego. Também pode ser encontrado um fundo de veracidade histórica nos *Persas* de Ésquilo, nomeadamente na narrativa da batalha de Salamina, a qual foi testemunhada pelo dramaturgo, enquanto participante ativo no conflito greco-persa.

A verificação de que ambos os autores manipulam e moldam, segundo os seus desígnios literários, a informação à sua disposição para esculpir o perfil dos monarcas aqueménidas não pressupõe que o resultado desses retratos seja apenas fruto da sua invenção. Neste sentido, e pelo exposto, deve-se admitir que, muito provavelmente, existe um fundo de verdade nos retratos régios persas, tal como desenhados por Ésquilo e Heródoto. Como Manel García Sánchez coloca sumariamente: “Obviamente, em ello hay mucho de manipulación, pero sería erróneo considerar que tras esos discursos aparentemente tergiversados a voluntad nunca se esconde alguna realidade aqueménida.”¹⁴⁵⁶.

Ao longo da presente Dissertação, procurou-se captar, tanto quanto nos foi possível, a essência original da visão grega da figura régia persa, mais especificamente dos primeiros quatro reis aqueménidas¹⁴⁵⁷, através do olhar de Ésquilo e de Heródoto. Embora o estudo,

¹⁴⁵⁶ Cf. GARCÍA SÁNCHEZ, Manel (2009), *op. cit.*, p. 83.

¹⁴⁵⁷ Não contando com o usurpador que reinou brevemente no interlúdio entre a morte de Cambises e a ascensão de Dario ao trono.

quer do retrato literário esquiliano, quer do herodotiano, do soberano aqueménida tenha sido já alvo de vários trabalhos aos níveis internacional e nacional, considerámos este tema ainda merecedor de uma análise comparativa aprofundada. Com esse intuito, mergulhámos nos textos de *Persas* e das *Histórias* em busca do que é comum e do que difere nas representações régias persas patentes nessas obras.

Para isso, procurámos, numa primeira fase, destilar os principais atributos dos monarcas aqueménidas nos seus diferentes níveis de caracterização, definidos por um modelo de análise por nós previamente estabelecido. Embora o nosso caminho não tenha sido desprovido de obstáculos (desde logo os limites do nosso conhecimento de Grego antigo), cremos que o presente estudo corresponde ao resultado do esforço e da perseverança e, esperamos que possa constituir um modesto contributo para quem deseje conhecer os monarcas aqueménidas, através da visão literária grega do século V.

Posto isto, estamos cientes de que muito mais poderia ser dito, questionado e explorado, no que a este tema diz respeito. Designadamente: mantêm-se as características comuns aos retratos dos reis aqueménidas de *Persas* de Ésquilo e das *Histórias* de Heródoto nas representações que, destes monarcas, figuram nas fontes literárias gregas posteriores? Há nas fontes não-gregas (inclusive nas fontes materiais), nomeadamente nas persas, alguns atributos comuns com os dos retratos régios persas criados por Ésquilo e Heródoto?

Resta-nos, assim, fechar este capítulo da nossa vida académica para podermos abrir um novo, que poderá conter “velhos conhecidos” (se é que assim lhes podemos chamar), como os *Persas*, e/ou novas aventuras por descobrir. Embora não descuremos o passado e as valiosas lições aprendidas durante esta odisseia, no momento presente escolhemos manter o espírito aberto a “velhas” e “novas” ideias que o futuro poderá trazer.

BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS

Fontes:

AESCHYLUS, *Persians*. Introdução, tradução e comentário de Edith Hall, *Aeschylus. Persians*, Warminster, Aris & Phillips, 1997.

AESCHYLUS, *Persians*. Tradução inglesa de Alan H. Sommerstein, *Aeschylus. Persians. Seven against Thebes. Suppliants. Prometheus Bound*, Loeb Classical Library 145, Cambridge (Massachusetts), Harvard University Press, 2009, pp. 14-137.

CÍCERO, *De legibus*. ZETZEL, James E. G. (ed.), *Cicero. On the Commonwealth and on the laws*, New York, Cambridge University Press, 1999, pp. 105-175.

ÉSQUILO, *Persas*. Introdução, tradução do grego e notas de Manuel de Oliveira Pulquério, *Ésquilo. Persas*, Lisboa, Edições 70, 1998.

ESQUILO, *Los Persas*. Introdução geral de Manuel Fernández-Galiano e tradução e notas de Bernardo Perea Morales, *Esquilo: Tragedias*, Madrid, Editorial Gredos, 1993, pp. 214-263.

HERACLIDES DE CUMAS, Athenaeus IV. 145-146. Tradução de Dominique Lenfant, “Le dîner du roi” in *Les Histoires perses de Dinon et d’Héraclide*, Paris, De Boccard, 2009, pp. 277-282.

HERÓDOTO, *Histórias. Livro 1*. Versão do grego, notas e introdução ao Livro I de José Ribeiro Ferreira e Maria de Fátima Silva, com introdução geral de Maria Helena da Rocha Pereira, *Histórias – Livro 1.º*, Lisboa, Edições 70, 1994.

HERÓDOTO, *Histórias. Livro 3*. Versão do grego, notas e introduções de Maria de Fátima Silva e de Cristina Abranches Guerreiro, *Histórias – Livro 3.º*, Lisboa, Edições 70, 1997.

HERÓDOTO, *Histórias. Livro 4*. Versão do grego, introdução e notas de Maria de Fátima Silva e de Cristina Abranches Guerreiro, *Histórias – Livro 4.º*, Lisboa, Edições 70, 2000.

HERÓDOTO, *Histórias. Livro 5*. Tradução do grego, introdução e notas de Maria de Fátima Silva e de Carmen Leal Soares, *Histórias – Livro V*, Lisboa, Edições 70, 2007.

HERÓDOTO, *Histórias. Livro 6*. Versão do grego, introdução e notas de José Ribeiro Ferreira e Delfim Ferreira Leão, *Histórias – Livro 6.º*, Lisboa, Edições 70, 2000.

HERÓDOTO, *Histórias. Livro 8*. Versão do grego e notas de José Ribeiro Ferreira e Carmen Leal Soares com introdução de Carmen Leal Soares, *Histórias – Livro 8.º*, Lisboa, Edições 70, 2002.

HERODOTUS, *Histories*. Tradução inglesa de A. D. Godley, *Herodotus. The Persian Wars. Books 1-2*, vol. I, Loeb Classical Library 117, Cambridge (Massachusetts), Harvard University Press/London, William Heinemann Ltd., 1975.

HERODOTUS, *Histories*. Tradução inglesa de A. D. Godley, *Herodotus. The Persian Wars. Books 3-4*, vol. II, Loeb Classical Library 118, London, William Heinemann Ltd./ New York, G. P. Putnam's Sons, 1928.

HERODOTUS, *Histories*. Tradução inglesa de A. D. Godley, *Herodotus. The Persian Wars. Books 5-7*, vol. III, Loeb Classical Library 119, Cambridge (Massachusetts), Harvard University Press/London, William Heinemann Ltd., 1938.

HERODOTUS, *Histories*. Tradução inglesa de A. D. Godley, *Herodotus. The Persian Wars. Books 8-9*, vol. IV, Loeb Classical Library 120, Cambridge (Massachusetts), Harvard University Press/London, William Heinemann Ltd., 1969.

HERODOTUS, *Histories. Book 2*. Tradução inglesa de Robin Waterfield com introdução e notas de Carolyn Dewald, *Herodotus. The Histories*, New York, Oxford University Press, 2.^a reimp., 2008.

HERODOTUS, *Histories. Book 7*. Tradução inglesa de Robin Waterfield com introdução e notas de Carolyn Dewald, *Herodotus. The Histories*, New York, Oxford University Press, 2.^a reimp., 2008.

HERODOTUS, *Histories. Book 9*. Tradução inglesa de Robin Waterfield com introdução e notas de Carolyn Dewald, *Herodotus. The Histories*, New York, Oxford University Press, 2.^a reimp., 2008.

JENOFONTE, *Anábasis*. Introdução de Carlos García Gual e tradução e notas de Ramón Bach Pellicer, *Jenofonte. Anábasis*, Madrid, Editorial Gredos, 1982.

PLATÓN, *República*. Introdução, tradução e notas de Conrado Eggers Lan, *Diálogos IV: República*, Madrid, Editorial Gredos, 1988.

PLUTARCO, *Temístocles*. Introdução, tradução e notas de Aurelio Pérez Jiménez, *Plutarco. Vidas Paralelas*, vol. II, Madrid, Editorial Gredos, 2008.

SÓFOCLES, *Rei Édipo*. Introdução, tradução do grego e notas de Maria do Céu Fialho, *Sófocles. Rei Édipo*, Lisboa, Edições 70, 2010.

Estudos:

ADAMS, S. M., “Salamis symphony: The *Persae* of Aeschylus” in SEGAL, Erich (ed.), *Oxford readings in Greek Tragedy*, New York, Oxford University Press, 1991, pp. 34-41.

ALEXANDERSON, B., “Darius in the Persians”, *Eranos*, vol. 65, 1967, pp. 1-11.

AMARAL, Ana Lúcia, “Duas rainhas em Heródoto: Tómiris e Artemísia”, *Humanitas* vol. 46, 1994, pp. 17-41.

ASHERI, David, “General Introduction” in MORENO, Alfonso e MURRAY, Oswyn (eds.), *A Commentary on Herodotus Books I-IV*, New York, Oxford University Press, 2007.

AVERY, H. C., “Herodotus’ picture of Cyrus”, *AJPh*, vol. 93, 1972, pp. 529-546.

BARAGWANATH, Emily, *Motivation and Narrative in Herodotus*, Oxford e New York, Oxford University Press, 2008.

_____, “Characterization in Herodotus”, in ASH, R.; MOSSMAN, J. e TITCHENER, F. B. (eds.), *Fame and Infamy. Essays for Christopher Pelling on Characterization in Greek and Roman Biography and Historiography*, Oxford, Oxford University Press, 2015, pp. 17-35.

BECK, Robert H., *Aeschylus: Playwright Educator*, The Hague, Nijhoff, 1975.

BRIANT, Pierre, *From Cyrus to Alexander: A History of the Persian Empire*, Winona Lake, Eisenbrauns, 2002.

BRIDGES, Emma, *Imagining Xerxes: Ancient perspectives on a Persian King*, London, Bloomsbury, 2015.

BROADHEAD, H. D. (introdução, notas críticas e comentário), *The Persae of Aeschylus*, Cambridge, Cambridge University Press, 1960.

BROSIUS, Maria, *Women in Ancient Persia 559-331 BC*, New York, Oxford University Press, 1996.

_____, *The Persians: An Introduction*, New York, Routledge Taylor & Francis Group, 2006.

_____, «Persian diplomacy between “Pax Persica” and “Zero-Tolerance”» in WILKER, Julia (ed.), *Maintaining Peace and Interstate Stability in Archaic and Classical Greece*, Mainz, Verlag Antike, 2012, pp. 150-164.

BROWN, Truesdell S., “Herodotus’ Portrait of Cambyses”, *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte* 31, 1982, pp. 387-403.

BURGAN, Michael, *Great Empires of the Past: Empires of Ancient Persia*, New York, Chelsea House Publishers, 2010.

CANCIK, Hubert e SCHNEIDER, Helmuth (eds.), *Brill’s New Pauly: Encyclopaedia of the Ancient World: Antiquity*, vol. I, Leiden, Brill, 2002.

CARTLEDGE, Paul, *The Greeks: A Portrait of Self and Others*, Oxford e New York, Oxford University Press, 2002.

CASTIAJO, Isabel, *O teatro grego em contexto de representação*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

DEMONT, Paul, “Herodotus on health and disease” in BOWIE, E. (ed.), *Herodotus – Narrator, Scientist, Historian*, Berlin e Boston, De Gruyter, 2018, pp. 187-190.

DEWALD, Carolyn, “Form and content: the question of tyranny in Herodotus” in MORGAN, Kathryn A. (ed.), *Popular Tyranny*, Austin, University of Texas Press, 2003, pp. 25-58.

EVANS, J. A. S., *Herodotus, Explorer of the Past*, Princeton, Princeton University Press, 1991.

FERNANDÉZ-GALIANO, Manuel (introdução geral) e PEREA MORALES, Bernardo (tradução e notas), *Esquilo: Tragedias*, Madrid, Editorial Gredos, 1993.

FERREIRA, José Ribeiro, *Hélade e Helenos: Génese e evolução de um conceito*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1992.

FERREIRA, José Ribeiro, “Hélade, pan-helenismo e identidade helénica” in FIALHO, Maria do Céu; SILVA, Maria de Fátima e PEREIRA, Maria Helena da Rocha (coord.), *Génese e consolidação da ideia de Europa. Vol. I: de Homero ao fim da época clássica*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2005, pp. 15-42.

FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (versão do grego, notas e introdução), *Heródoto. Histórias – Livro 1.º*, Lisboa, Edições 70, 1994.

FERREIRA, José Ribeiro e LEÃO, Delfim Ferreira (versão do grego, introdução e notas), *Heródoto. Histórias – Livro 6.º*, Lisboa, Edições 70, 2000.

FERREIRA, José Ribeiro e SOARES, Carmen Leal (versão do grego e notas), *Heródoto. Histórias – Livro 8.º*, Lisboa, Edições 70, 2002.

FIALHO, Maria do Céu, “Os Persas de Ésquilo: história e mito”, *Boletim de Estudos Clássicos*, vol. 24, Coimbra, 1995, pp. 21-38.

FISHER, N. R. E., *Hybris: A study in the values of Honour and Shame in Ancient Greece*, Warminster, Aris & Phillips, 1992.

FLOWER, Michael, “Herodotus and Persia” in DEWALD, Carolyn & MARINCOLA, John (eds.), *The Cambridge Companion to Herodotus*, Cambridge, Cambridge University Press, 2006, pp. 274-289.

FORNARA, Charles W., “Evidence for the date of Herodotus’ publication”, *JHS*, vol. 91, 1971, pp. 25-34.

_____, “Herodotus’ knowledge of the Archidamian War”, *Hermes*, nº 109, 1981, pp. 149-156.

GAGARIN, Michael, *Aeschylean Drama*, Berkeley, University of California Press, 1976.

GARCÍA SÁNCHEZ, Manel, *El Gran Rey de Persia: Formas de representación de la alteridade persa en el imaginario griego*, Barcelona, Publicacions i edicions de la Universitat de Barcelona, 2009.

GARVIE, A. F. (introdução e comentário), *Persae*, New York, Oxford University Press, 2009.

GEORGES, Pericles, *Barbarian Asia and the Greek Experience: From the Archaic Period to the Age of Xenophon*, Baltimore/London, Johns Hopkins University Press, 1994.

GOW, A. S. F., “Notes on the *Persae* of Aeschylus”, *JHS*, vol. 48, 1928, pp. 133-158.

GRIFFITH, M., “The King and Eye: The Rule of the Father in Greek Tragedy”, *Proceedings of the Cambridge Philological Society* n° 44, 1998, pp. 20-84.

GRUEN, Erich S., *Rethinking the Other in Antiquity*, Princeton and Oxford, Princeton University Press, 2011.

GUERREIRO, Cristina Abranches, *Os sonhos régios da Pérsia nas Histórias de Heródoto*, Tese de Doutoramento em Literatura Grega apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1999.

_____, “De Ciro a Xerxes – Os reis persas e o sonho de um império nas *Histórias* de Heródoto”, *Classica: boletim de pedagogia e cultura*, n.º 24, Lisboa, Edições Colibri, 2002, pp. 59-80.

HALL, Edith, *Inventing the Barbarian: Greek Self-Definition through Tragedy*, New York, Oxford University Press, 1989.

_____ (introdução, tradução e comentário), *Aeschylus. Persians*, Warminster, Aris & Phillips, 1997.

_____, *Greek tragedy: suffering under the sun*, New York, Oxford University Press, 2010.

HALL, Jonathan M., *Hellenicity: Between Ethnicity and Culture*, Chicago e London, The University of Chicago Press, 2002.

HARRISON, Thomas, *The emptiness of Asia: Aeschylus’ Persians and the history of the fifth century*, London, Duckworth, 2000.

_____, *Divinity and History: The religion of Herodotus*, New York, Oxford University Press, 2000.

HARTOG, François, *The Mirror of Herodotus: The Representation of the Other in the Writing of History*, Berkeley, University of California Press, 1988.

HERINGTON, John, *Aeschylus*, New Haven & London, Yale University Press, 1986.

IMMERWAHR, H. R., *Form and Thought in Herodotus*, American Philological Association monograph series n° 23, Atlanta, Scholars Press, 1ª reimp., 1986.

_____, "Herodotus" in EASTERLING, P. E. e KNOX, B. M. W. (eds.), *The Cambridge History of Classical Literature. I. Greek Literature*, Cambridge, Cambridge University Press, 8ª reimp., 2003.

IRELAND, S., "Aeschylus", *G&R* 18, 1986, p. 4.

JEDRKIEWICZ, Stefano, *Il Re è nudo, ma resta Re: il personaggio di Serse nei Persiani di Eschilo, Dionysus ex machina X*, 2019, pp. 1-31.

KENNEDY, Rebecca Futo, "A Tale of Two Kings: Competing Aspects of Power in Aeschylus' *Persians*", *Ramus*, vol. 42, 2013, pp. 64-88.

KITTO, H. D. F., *A tragédia grega: estudo literário*, vol. 1, Coimbra, Arménio Amado, 1972.

KUHRT, Amélie, "Cyrus the Great of Persia: Images and Realities" in HEINZ, Marlies e FELDMAN, Marian H. (eds), *Representations of Political Power: Case Histories from Times of Change and Dissolving Order in the Ancient Near East*, Winona Lake, Penn State University Press, 2007, pp. 169-191.

_____, *The Persian Empire: A corpus of sources from the Achaemenid Period*, London e New York, Routledge, 2010.

LATEINER, Donald, *The Historical Method of Herodotus*, Toronto, University of Toronto Press, 1989.

LESKY, Albin, *Greek Tragic Poetry*, New York, Yale University Press, 1983.

_____, *História da Literatura Grega*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

LEWIS, David M., *Selected papers in Greek and Near East History*, Cambridge, Cambridge University Press, 1997.

LLEWELLYN-JONES, Lloyd, *King and Court in Ancient Persia 559 to 331 BCE*, Edinburgh, Edinburgh University Press, 2013.

LOCKWOOD, Thornton, "The political theorizing of Aeschylus' s *Persians*", *Interpretation: A journal of political philosophy*, vol.43, 2017, pp. 383-401.

MARINCOLA, John, *Greek Historians, G & R: New Surveys in the Classics* n° 31, New York, Cambridge University Press, 2001.

MARTIN, Thomas R., *Ancient Greece. From Pre-historic to Hellenistic Times*, New Haven, Yale University, 2013.

MEIER, Christian, *The Political art of Greek tragedy*, Cambridge, Polity Press, 1993.

MICHELINI, Ann. N., *Tradition and dramatic form in the Persians of Aeschylus*, Leiden, Brill, 1982.

MILLER, Margaret C., *Athens and Persia in the fifth century BC: A study in cultural receptivity*, Cambridge, Cambridge University Press, 1997.

MONTEIRO, João Gouveia, *Grandes conflitos da história da Europa: De Alexandre Magno a Guilherme “O conquistador”*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

MUNSON, Rosaria Vignolo, “Who are Herodotus’ Persians?”, *The Classical World*, vol. 102, nº 4, 2009, pp. 457-470.

MURRAY, Oswyn, “The Ionian Revolt” in BOARDMAN, John et al (ed.), *The Cambridge Ancient History. Persia, Greece and the Western Mediterranean c. 525 to 479 B.C.*, Cambridge, Cambridge University Press, 2.^a ed., 6.^a reimpressão, vol. IV, 2006, pp. 461-490.

PADEL, Ruth, *In and out of the mind: Greek images of the tragic self*, Princeton, Princeton University Press, 1992.

PAPADIMITROPOULOS, Loukas, “Xerxes’ *hubris* and Darius in Aeschylus’ *Persae*”, *Mnemosyne*, vol. 61, 2008, pp. 451-458.

PEREIRA, Susana Marques, *Sonhos e visões na tragédia grega*, Tese de Doutoramento na área de Estudos Clássicos, especialidade de Literatura Grega, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2006.

PORTELA, Joana Abranches, *As amazonas no mundo grego*, Dissertação de Mestrado em Literatura Clássica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2002.

PROVENCAL, Vernon L., *Sophist Kings: Persians as Other in Herodotus*, London e New York, Bloomsbury, 2015.

PULQUÉRIO, Manuel de Oliveira (introdução, tradução do grego e notas), *Ésquilo. Persas*, Lisboa, Edições 70, 1998.

ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, “O Diálogo dos Persas em Heródoto” in *Obras de Maria Helena da Rocha Pereira II: Estudos sobre a Grécia Antiga: Artigos*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014, pp. 409-420.

_____, “O mais antigo texto europeu de teoria política” in *Obras de Maria Helena da Rocha Pereira II: Estudos sobre a Grécia Antiga: Artigos*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014, pp. 421-427.

RODRIGUES, Nuno Simões, “A goddess for the Greeks. Demeter as identity factor in Herodotus” in FIGUEIRA, Thomas e SOARES, Carmen (2020), *op. cit.*, pp. 178-197.

R. ADRADOS, Francisco (introdução); SCHRADER, Carlos (tradução e notas), *Heródoto: Historia. Libro I. Clío*, Madrid, Editorial Gredos, 2.^a reimp., 1992.

ROLLINGER, Robert, “Herodotus. v. Cambyses according to Herodotus”, *Encyclopædia Iranica*, Vol. XII, Fasc. 3, 2003, pp. 262-264.

_____, “Herodotus. vi. Darius according to Herodotus”, *Encyclopædia Iranica*, Vol. XII, Fasc. 3, 2003, pp. 264-270.

_____, “Herodotus. iv. Cyrus according to Herodotus”, *Encyclopædia Iranica*, Vol. XII, Fasc. 3, 2004, pp. 260-262.

ROMILLY, Jacqueline de, “La vengeance comme explication historique dans l’œuvre d’Hérodote”, *REG*, vol. 84, 1971, pp. 314-337.

ROMM, J., *Herodotus*, New Haven e London, Yale University Press, 1998.

SAÏD, Edward W., *Orientalismo: representações ocidentais do Oriente*, Lisboa, Livros Cotovia, 2013.

SAÏD, S., “Darius et Xerxès dans les *Perses* d’Eschyle”, *Ktema*, n.º 6, 1981, pp. 17-38.

SANCISI-WEERDENBURG, Heleen, “The personality of Xerxes, king of kings”, in BAKKER, E. J.; JONG, I. J. F. de, e WEES, H. van (eds.), *Brill’s Companion to Herodotus*, Leiden, Brill, 2002, pp. 579-590.

SHEEHAN, Sean, *A Guide to Reading Herodotus’ Histories*, London e New York, Bloomsbury Academic, 2018.

SILVA, Maria de Fátima, “Dario, o grande-rei, personagens em Heródoto”, *Máthesis*, nº 4, 1995, pp. 63-88.

_____, “Cambises no Egito. Crónica de um rei louco” in SÁNCHEZ MARÍN, J. A.; LENS TUERO, J. e LÓPEZ RODRÍGUEZ, Concepción, *Historiografía y biografía: Actas del Coloquio internacional sobre historiografía y biografía (de la Antigüedad al Renacimiento) Granada, 21-23 de septiembre de 1992*, Madrid, Ediciones Clásicas, 1997, pp. 1-14.

_____, “Aspetos da formação da noção de Europa na Antiguidade: O desafio das diferenças étnicas em Heródoto. Uma questão de inteligência e de saber (1)”, *Humanitas*, vol. 52, 2000, pp. 3-26.

_____, “A visão do outro: configuração coletiva dos Persas em Heródoto”, *Cadmo: Actas do colóquio internacional: Orientalismo ontem e hoje*, n.º 12, 2002, pp. 195-210.

_____, *Ésquilo: o primeiro dramaturgo europeu*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2005.

_____, “Ser rainha na Pérsia Antiga” in LEÃO, Delfim; RAMOS, José Augusto e RODRIGUES, Nuno Simões (coord.), *Arqueologias de Império*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018, pp. 237-255.

_____, “The Greeks as seen from the east: Xerxes’ European enemy” in FIGUEIRA, Thomas e SOARES, Carmen (ed.), *Ethnicity and Identity in Herodotus*, Abingdon/New York, Routledge, 2020, pp. 220-236.

SILVA, Maria de Fátima e GUERREIRO, Cristina Abranches (versão do grego, notas e introduções), *Heródoto. Histórias – Livro 3.º*, Lisboa, Edições 70, 1997.

SILVA, Maria de Fátima e GUERREIRO, Cristina Abranches (versão do grego, introdução e notas), *Heródoto. Histórias – Livro 4.º*, Lisboa, Edições 70, 2000.

SMOLIN, Nathan Israel, “Divine vengeance in Herodotus’ *Histories*”, *Journal of Ancient History*, vol. 6, nº 1, 2018, pp. 2-43.

SOARES, Carmen L., *A morte em Heródoto. Valores universais e particularismos étnicos*, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia, Lisboa, 2003.

_____, “A visão do ‘outro’ em Heródoto” in FIALHO, Maria do Céu; SILVA, Maria de Fátima e PEREIRA, Maria Helena da Rocha (coord.), *Génesis e consolidação da ideia de*

Europa. Vol. I: de Homero ao fim da época clássica, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2005, pp. 95-176.

_____, “Regimes políticos nas *Histórias* de Heródoto: o “Diálogo dos Persas” (3. 80-82)” in SOARES, Carmen; FIALHO, Maria do Céu e FIGUEIRA, Thomas (coords.), *Pólis/Cosmópolis: identidades globais e locais*, Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2016, pp. 95-176.

_____, “Monarcas persas nas *Histórias* de Heródoto: lei e liberdade, fundamentos da ideologia monárquica” in LEÃO, Delfim; RAMOS, José Augusto e RODRIGUES, Nuno Simões (coord.), *Arqueologias de Império*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018, pp. 221-235.

SOMMERSTEIN, Alan, *Greek Drama and Dramatists*, London/New York, Routledge, 2002.

TAPLIN, Oliver, *The Stagecraft of Aeschylus: The dramatic use of exits and entrances in greek tragedy*, Oxford, Oxford University Press, 1977.

THALMANN, William G., “Xerxes’ rags: some problems in Aeschylus’ Persians”, *AJPh*, vol. 101, 1980, pp. 260-282.

TOURRAIX, Alexandre, “L’image de la monarchie achéménide dans les *Perses*”, *REA*, vol. 86, 1984, pp. 123-134.

VLASSOPOULOS, Kostas, *Greeks and Barbarians*, New York, Cambridge University Press, 2013.

WATERS, K. H., *Herodotos on Tyrants and Despots. A Study in Objectivity*, *Historia Einzelschriften 15*, Wiesbaden, Franz Steiner-Verlag, 1971.

_____, *Herodotus the Historian: his problems, methods and originality*, London e Sidney, Croom Helm, 1985.

WATERS, Matt, *Ancient Persia: A concise history of the Achaemenid Empire, 550-330 BCE*, New York, Cambridge University Press, 2014.

WEST, Martin L., *Studies in Aeschylus*, Stuttgart, Teubner, 1990.

WIESEHÖFER, Josef, *Ancient Persia from 550 BC to 650 AD*, London/New York, I.B. Tauris & Co Ltd, 2001.

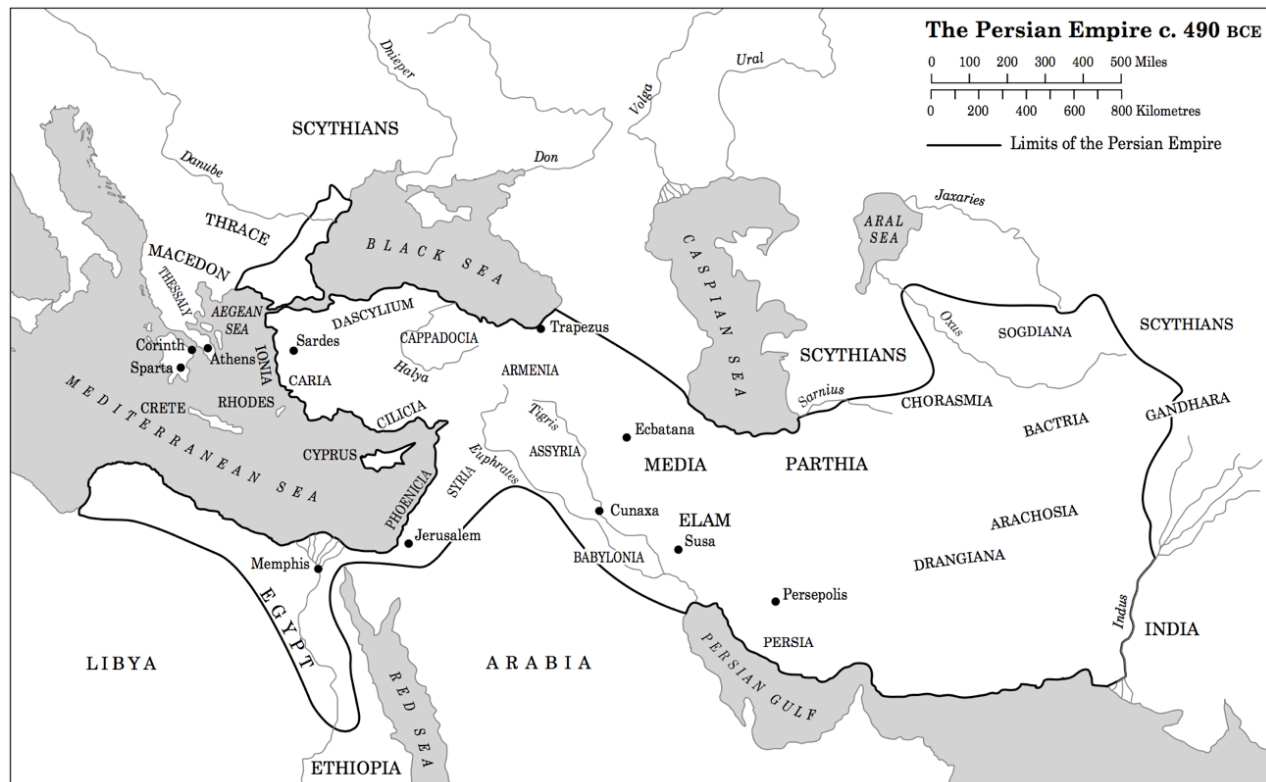
_____, *La Persia antica*, Bologna, Società editrice il Mulino, 2003.

WINNINGTON-INGRAM, R. P., "Zeus in the *Persae*", *JHS*, vol. 93, 1973, pp. 210-219.

Anexos/Apêndices

ANEXO 1. Mapas

Mapa 1. O Império Persa Aqueménida¹⁴⁵⁸



¹⁴⁵⁸ Mapa retirado de: LLEWELLYN-JONES, Lloyd (2013), *op. cit.*, p. xxvii.

Mapa 2. Magna Grécia, Grécia e Anatólia¹⁴⁵⁹



¹⁴⁵⁹ Mapa retirado de: MARTIN, Thomas R. (2013), *op. cit.*, p. 95.

APÊNDICE 1. Tabelas: Referências relativas à caracterização do Rei da Pérsia localizadas em *Persas* de Ésquilo¹⁴⁶⁰

Tabela 1.1. Caracterização física do Rei da Pérsia em Ésquilo

	Referências em Ésquilo
Dario	657-663: Descrição do vestuário de Dario, antes do seu espectro aparecer, através da fala do Coro quando o invoca.
Xerxes	10-13: Xerxes é denominado de “jovem rei” pelo Corifeu; 81-86: Imagem descrita pelo Coro de Xerxes a invadir a Grécia: o monarca, no seu carro sírio, lidera as suas hostes; “os seus olhos desferem o clarão azul sombrio de um dragão sangrento”; 1018-1023 e 1030: Descrição, após ter feito a sua entrada em cena, das vestes rasgadas de Xerxes, trazendo consigo apenas a sua aljava. O Coro ao saber que esta era tudo o que ele conseguira salvar, declara que se trata de pouco, tendo em conta o que anteriormente o rei detinha.

¹⁴⁶⁰ As nove tabelas que constituem o Apêndice 1 do presente estudo foram elaboradas com base na nossa interpretação e análise do texto dos *Persas* de Ésquilo, sendo que a sua consulta não dispensa uma leitura paralela da fonte. Para a sua conceção utilizámos a seguinte edição: PULQUÉRIO, Manuel de Oliveira (1998), *op. cit.* Visando uma indicação mais rigorosa da localização na fonte dos versos referidos nas tabelas, acompanhámos a leitura da já mencionada tradução portuguesa pela consulta da seguinte edição bilingue: SOMMERSTEIN, Alan H. (2009), *op. cit.*, pp. 14-137.

Tabela 1.2. Caracterização psicológica/Personalidade do Rei da Pérsia em Ésquilo

	Referências em Ésquilo
Dario	<p>648: Possuidor de grandes virtudes;</p> <p>688-693: Dario notifica o Coro de que precisou de recorrer ao seu prestígio para sair dos infernos e responder ao chamamento que lhe foi feito. Ordena-lhe que se apresse a explicar o motivo pelo qual foi invocado para que os deuses subterrâneos não lhe tenham de censurar uma demora;</p> <p>841-842: Reconhece que aos mortos de nada serve a riqueza e aconselha, por esse mesmo motivo, a que os vivos, mesmo no meio dos males, concedam à alma o prazer possível em cada dia;</p> <p>852-857: Dario é epitetado pelo Coro de “o equânime” e “o puro”.</p>
Xerxes	<p>10-13: Xerxes é denominado de “jovem rei” pelo Corifeu;</p> <p>73: É caracterizado como um chefe impetuoso (sendo referido como “o chefe impetuoso da populosa Ásia”);</p> <p>81-86: Os seus olhos “desferem o clarão azul sombrio de um dragão sangrento” enquanto conduz pessoalmente o seu exército contra os Helenos;</p> <p>350-352: Atossa questiona o mensageiro sobre quem deu início ao confronto naval de Salamina, se os Gregos, ou se Xerxes, orgulhoso do número das suas naus;</p> <p>465-470: Ao observar o massacre da elite persa, que tinha enviado para a ilha de Psitália, Xerxes “rompe em gemidos”, “rasga as suas vestes e solta agudos lamentos”. Bruscamente, envia as suas ordens ao exército terrestre e “precipita-se numa fuga desordenada”;</p> <p>718: Alusão ao carácter impetuoso de Xerxes patente na fala da Rainha (Atossa refere-se ao filho, usando a expressão “o impetuoso Xerxes”);</p>

739-752: Dario referindo-se ao filho e às profecias que foram através dele cumpridas, afirma que “quando um mortal se apressa para a ruína, os deuses ajudam”. O seu discurso transmite a mensagem de que Xerxes é o responsável por ter sido descoberta uma “fonte de males” por todos aqueles que lhe são queridos. Considera que tudo isso foi culpa do filho, que não mediu as consequências das suas ações e “tudo fez com a sua audácia juvenil”. Atreveu-se mesmo a tentar deter, “com grilhões de escravo”, “o curso do Helesponto sagrado, o Bósforo que é a corrente de um deus” para criar uma passagem para toda a sua força militar. Declara ainda que, na sua insensatez e mortalidade, Xerxes terá pensado que poderia “triunfar sobre todos os deuses, triunfar sobre Poseidon”. Levanta a questão de se o filho não terá sido dominado por uma “verdadeira loucura”;

753-758: Influência de outros na decisão e no projeto de Xerxes de atacar a Grécia: insultavam-no constantemente, dizendo-lhe que, em comparação com seu pai, que tinha conquistado grandes riquezas para os seus filhos, Xerxes, cobardemente, guerreava em casa e não procurava ampliar o legado de Dario;

782-783: Devido à sua juventude, Xerxes pensa como um jovem, esquecendo-se dos conselhos dados pelo pai;

829-831: Dario observa que Xerxes carece muito de senso e revela uma audácia insolente;

909-912: Quando Xerxes entra finalmente em cena, na sua primeira fala, revela que se considera a si próprio uma “vítima infeliz dum destino odioso, de todo imprevisível”. Lamenta a sua sorte, questionando em voz alta: “Que vai ser de mim, desgraçado?”;

922-934: Após o Coro lhe apontar que foi ele quem causou a morte dos jovens guerreiros persas (“Esta terra geme sobre a juventude nascida do seu solo, massacrada por Xerxes, que tão bem soube fornecer o Hades de Persas.”) e de declarar que “a Ásia [...] dobrou o joelho”, Xerxes aparenta reconhecer que foi ele quem, em certa medida, provocou a ruína da sua raça e da sua pátria.

Tabela 1.3. Carácter moral do Rei da Pérsia em Ésquilo¹⁴⁶¹

	Referências em Ésquilo
Dario	<p>663 e 671: O Coro invoca Dario, denominando-o de “pai sem mácula”;</p> <p>688-693: Dario notifica o Coro de que precisou de recorrer ao seu prestígio para sair dos infernos e responder ao chamamento que lhe foi feito. Ordena-lhe que se apresse a explicar o motivo pelo qual foi invocado para que os deuses subterrâneos não lhe tenham de censurar uma demora;</p> <p>721-723: Quando Atossa informa Dario de que Xerxes havia “lançado um jugo” sobre o Helesponto para o seu exército terrestre conseguir fazer a travessia para a Europa, a sua reação foi exclamar: “Chegou ao ponto de fechar o Bósforo!”;</p> <p>852-857: Dario é epitetado pelo Coro de “o equânime” e “o puro”.</p>
Xerxes	<p>65-72: Menção da travessia do estreito de Helesponto pelo exército do rei em “jangadas unidas por cordas de linho, estrada de mil pregos que lançou como um jugo sobre o pescoço do mar”;</p> <p>472-477: No seu discurso, a Rainha afirma que o número de bárbaros aniquilados em Maratona não foi o suficiente para Xerxes e, por isso, sobreveio a desgraça da guerra contra Atenas. Chega mesmo a declarar que foi o desejo de vingança do filho que atraiu para os Persas “a infinidade de males” em que incorreram;</p> <p>721-723: Xerxes havia “lançado um jugo” sobre o Helesponto para o seu exército terrestre conseguir fazer a travessia para a Europa, chegando, nas palavras de seu pai, “ao ponto de fechar o Bósforo!”;</p>

¹⁴⁶¹ Embora a caracterização moral dos reis persas se encontre intimamente ligada ao seu comportamento, nomeadamente no que diz respeito à sua caracterização psicológica e, em certa medida, à religiosa, optou-se por evidenciar a caracterização moral de cada soberano numa categoria/tabela à parte. Procurou-se, deste modo, destacar como é que o monarca é representado, *grosso modo*, em termos morais, dum ponto de vista grego. Assim sendo, a presente tabela, bem como a sua tabela correspondente do Apêndice 2 da presente Dissertação (isto é, a tabela 2.3 do Apêndice 2, referente ao carácter moral do rei aqueménida na obra de Heródoto) incide, principalmente, sobre os seguintes critérios: se a conduta do monarca revela moderação ou desmesura; o respeito ou desrespeito pelo *nomos*; e o perpetrar de atos ímpios.

<p>745-750: Xerxes chegou mesmo a tentar deter, “com grilhões de escravo”, “o curso do Helesponto sagrado, o Bósforo que é a corrente de um deus” para criar uma passagem para toda a sua força militar, imaginando que podia “triunfar sobre todos os deuses, triunfar sobre Poseidon”.</p>

Tabela 1.4. Caracterização religiosa/Relação do Rei da Pérsia com a religião persa e/ou outras religiões em Ésquilo

	Referências em Ésquilo
Dario	<p>156-157: Referência ao carácter divino de Dario, que é designado como “deus dos Persas”¹⁴⁶²;</p> <p>163-164: Breve menção à prosperidade erguida por Dario, o que não terá acontecido sem o auxílio de algum deus;</p> <p>620-621: É denominado de “divino Dario” pela Rainha (quando esta apela aos anciãos que o invoquem, realizando para isso os rituais necessários);</p> <p>633-634: Dario é intitulado de “o rei bem-aventurado, igual aos deuses”;</p> <p>640-646: Designação de Dario como “ser glorioso e divino”, “deus dos Persas que Susa viu nascer” e “aquele que nunca teve igual entre todos os que, no solo da Pérsia, acharam sepultura”;</p> <p>654-655: Os Persas costumavam chamar-lhe “inspirado dos deuses”;</p> <p>688-693: Dario notifica o Coro de que precisou de recorrer ao seu prestígio para sair dos infernos e responder ao chamamento que lhe foi feito. Ordena-lhe que se apresse a explicar o motivo pelo qual foi invocado para que os deuses subterrâneos não lhe tenham de censurar uma demora;</p> <p>709-714: Atossa dirige-se, pela primeira vez, ao espectro do seu marido, quando é por ele interpelada, dizendo-lhe: “Ó tu que, por feliz destino, ultrapassaste a ventura de todos os mortais, dado que, enquanto viste os raios do sol, viveste como um deus, invejado dos Persas, uma vida bem-aventurada e, digno de inveja ainda, morreste antes de contemplar o abismo da nossa desgraça [...]”;</p> <p>852-857: É apelidado pelo Coro de “o puro e invencível Dario igual aos deuses”.</p>

¹⁴⁶² É assim mencionado na apresentação de Atossa feita pelo Coro ao dirigir-lhe a palavra, quando ela entra em cena: “Tu partilhaste o leito dum deus dos Persas”.

Xerxes	<p>74-80: Xerxes é referido como sendo “o filho da chuva de ouro”, um “homem igual aos deuses” e o seu povo é apelidado de “o seu divino rebanho de homens”;</p> <p>157: Referência ao carácter divino de Xerxes patente na descrição de Atossa como aquela que é “mãe dum deus”;</p> <p>724-726: No diálogo entre Dario e Atossa, esta declara que certamente um deus terá atacado o espírito de Xerxes para ter chegado, como diz o pai do último, “ao ponto de fechar o grande Bósforo”. Dario responde-lhe que “Grande deus foi, para o fazer desvairar a esse ponto.”. Atossa acrescenta ainda que “O resultado está à vista: grande desastre ele consumou!”;</p> <p>739-750: Dario referindo-se ao filho e às profecias que foram através dele cumpridas, afirma que “quando um mortal se apressa para a ruína, os deuses ajudam”. Nota ainda que Xerxes chega ao ponto de se atrever a tentar deter, “com grilhões de escravo”, “o curso do Helesponto sagrado, o Bósforo que é a corrente de um deus” para criar uma passagem para toda a sua força militar. Declara ainda que, na sua insensatez e mortalidade, Xerxes terá pensado que poderia “triunfar sobre todos os deuses, triunfar sobre Poseidon”;</p> <p>829-831: Alusão à ofensa perpetrada contra os deuses por Xerxes com a sua audácia insolente.</p>
---------------	--

Tabela 1.5. Faceta militar do Rei da Pérsia em Ésquilo

	Referências em Ésquilo
Dario	<p>244: Referência ao facto do “belo e numeroso” exército de Dario ter sido destruído pelos Atenienses;</p> <p>554-556: Epíteto de Dario: “o arqueiro”;</p> <p>652-656: Dario, ao contrário de Xerxes, nunca perdeu os seus homens no desastre da guerra. O seu modo de comandar o exército é descrito como “inspirado”;</p> <p>779-781: Dario afirma que, “quando o céu lhe concedeu o que [...] desejava”, executou muitas campanhas com muitos exércitos, mas nunca causou uma desgraça ao seu país como a que tem lugar durante o governo do filho;</p> <p>858-863: O Coro recorda que durante o reinado de Dario os exércitos eram célebres, cumpriam as normas da tradição quando procediam ao saque das fortalezas¹⁴⁶³ e seu regresso a casa depois da guerra decorria sem trabalhos e sofrimentos;</p> <p>864-903: Referência ao facto de Dario ter subjugado várias cidades sem sequer transpor o rio Hális. Breve descrição das conquistas e do domínio deste soberano.</p>
Xerxes	<p>8-64: Descrição do exército de Xerxes, que é “todo luzente de ouro” e composto por “toda a força nascida na Ásia”, o que inclui a “flor dos guerreiros Persas”. Alusão à presença de reis vassalos do Grande Rei como comandantes dos Persas. Enumeração dos diferentes povos e dos chefes que constituem o exército persa;</p> <p>65-72: Menção da travessia do estreito de Helesponto pelo exército do rei em “jangadas unidas por cordas de linho, estrada de mil pregos que lançou como um jugo sobre o pescoço do mar”;</p>

¹⁴⁶³ Atente-se na nota de Manuel de Oliveira Pulquério relativa à consideração, pela maioria dos editores, dos vv. 859-860 como corruptos. Veja-se PULQUÉRIO, Manuel de Oliveira (1998), *op. cit.*, p.55, nota 60.

73-80: Xerxes, aqui referido como “o chefe impetuoso da populosa Ásia”, ordena ao seu exército que avance pelas vias marítima e terrestre. Confia nos comandantes de ambos os contingentes (isto é, das suas forças navais e terrestres);

81-86: Comanda pessoalmente o seu exército, seguindo num carro sírio para a guerra;

233-235: O seu motivo para atacar Atenas reside na suposição de que, assim que conquistasse esta cidade, toda a Grécia ficaria subordinada ao seu poder;

249-255: O mensageiro, que chega a Susa, informa sobre o insucesso da expedição e da grande perda sofrida pela força militar persa, proclamando que “assim, de um só golpe, foi destruída uma grande prosperidade, foi ceifada a flor dos Persas”;

302-330: Enumeração de vários chefes que pereceram na batalha de Salamina feita pelo Mensageiro, que, contudo, salienta que aqueles que mencionou constituem apenas uma pequena fração dos que morreram;

350-352: Atossa questiona o mensageiro sobre quem deu início ao confronto naval de Salamina, se os Gregos, ou se Xerxes, orgulhoso do seu número de naus;

353-373: Xerxes mal acaba de ouvir as informações que lhe são transmitidas por um indivíduo do exército ateniense, não suspeita sequer da astúcia do Grego (nem da inveja dos deuses), e dá as suas ordens aos comandantes. Referência à desmesurada confiança que nesse momento empolgava o soberano;

429-432: Verificam-se perdas elevadas no seio do exército persa aquando do fracasso da batalha de Salamina;

441-471: Relato de como a elite nobre persa, composta pelos Persas mais distintos pela sua coragem e mais leais ao rei, pereceu às mãos dos Gregos, dum modo vergonhoso e de uma “morte inteiramente ignominiosa”. Xerxes tinha dado ordens a estes indivíduos para que permanecessem numa ilha pequena localizada em frente de Salamina (a ilha de Psitália), onde poderiam massacrar os náufragos inimigos, por um lado, e, por outro, prestar auxílio aos

homens da força persa salvos das correntes do mar. No entanto, a vitória da armada dos Gregos conduziu ao cerco desta ilha, resultando num banho de sangue para os Persas. Ao testemunhar estes acontecimentos do alto de uma colina, donde podia contemplar todas as suas forças militares, Xerxes “rompe em gemidos”, “rasga as suas vestes e solta agudos lamentos”. Bruscamente, envia as suas ordens ao exército terrestre e “precipita-se numa fuga desordenada”;

734-736: A Rainha comunica a Dario que foram informados de que Xerxes ainda teve a felicidade de lograr alcançar a ponte do Helesponto com vida, mas que vinha “sozinho” e “abandonado”, seguindo com ele apenas alguns companheiros;

759-781: Dario estabelece uma comparação entre os feitos de Xerxes e os dos seus antecessores: “nem somando tudo aquilo que de negativo fizeram os que anteriormente exerceram este poder conseguiríeis achar um equivalente a tantos males”.

Tabela 1.6. Caracterização política a nível interno do Rei da Pérsia em *Ésquilo*¹⁴⁶⁴

	Referências em <i>Ésquilo</i>
Dario	<p>163-164: Breve menção da prosperidade erguida por Dario, o que não terá acontecido sem o auxílio de algum deus;</p> <p>554-557: O Coro de Anciãos recorda como o rei Dario era diferente do seu filho, nunca tendo causado mal algum aos seus cidadãos. Atribuí a Dario o epíteto de “chefe amado da Susiana”;</p> <p>628-632: Quando estás prestes a dar início ao ritual de evocação do falecido soberano, o Corifeu assevera que só Dario, entre os mortais, pode saber qual a solução para os males originados por Xerxes;</p> <p>647-651: O Coro chama Dario de “querido herói” e “rei sem igual”;</p> <p>694-706: O respeito e o temor antigo inspirados por Dario dominam de tal modo o Coro de anciãos, que o impedem de falar, o que leva o falecido rei a ter de requerer a resposta que pretende de Atossa;</p> <p>754-756: É lembrado que Dario conquistara, com a sua lança, grandes riquezas para os seus filhos durante o seu reinado;</p> <p>852-857: O Coro recorda que a vida para eles, quando Dario governava, era “grande e bela”. Denominam-no de “o equânime” e de “puro e invencível”.</p>
Xerxes	<p>1-6: Xerxes encarregou aqueles a quem chamam de Fiéis (isto é, o Coro), tendo em conta a sua dignidade de anciãos, de guardarem o reino. Descrição do palácio real em Susa como sendo “rico de opulência e de ouro”¹⁴⁶⁵;</p> <p>21-28: Breve alusão à existência de reis vassalos do Grande Rei;</p>

¹⁴⁶⁴ A categoria da caracterização política interna foca-se, nomeadamente, na relação do monarca com a corte e súbditos e na gestão interna do poder do soberano.

¹⁴⁶⁵ A riqueza da residência régia persa é referida novamente na primeira fala da Rainha, quando faz a sua entrada em cena, mencionando de passagem o “palácio ornado de ouro” de onde viera. Cf. Aesch., *Pers.*, v.159.

211-214: Atossa, mãe de Xerxes, afirma que, se o filho for bem sucedido na sua campanha contra a Grécia, será glorificado como um herói. No entanto, declara que, se fracassar (interrompe a sua fala e só depois continua), ele não tem de prestar contas à cidade e que continuará a governar o reino;

355-373: Xerxes ameaça mandar decapitar soldados, se o inimigo grego for bem-sucedidos na sua fuga;

550-557: O Coro dos Anciãos responsabiliza Xerxes pelas vidas perdidas em combate, afirmando que foi ele quem levou os homens da Ásia, que os destruiu, e que tudo fez loucamente. Recorda como o rei Dario era diferente do seu filho, que ele nunca causou mal algum aos seus cidadãos;

584-594: O Coro declara que, após o desastre de Salamina, ninguém mais na Ásia obedecerá às regras impostas pelos Persas, o tributo estabelecido pelos senhores jamais será pago e não se “receberá ordens de joelhos”. Decreta que o poder do rei chegou ao fim e proclama a liberdade alcançada pelos súbditos do último;

709-714: Atossa informa Dario de que, pode ser dito, que o poder persa está destruído;

753-758: Influência de outros na decisão e no projeto de Xerxes de atacar a Grécia, que o insultavam constantemente, dizendo-lhe que, em comparação com seu pai, que tinha conquistado grandes riquezas para os seus filhos, Xerxes, cobardemente, guerreava em casa e não procurava ampliar o legado de Dario;

759-786: Dario concede que aqueles que influenciaram Xerxes sejam os causadores da desgraça que se abateu sobre Susa. Declara, contudo, que ele próprio nunca sujeitou o reino a um desastre como aquele que se verifica durante o governo do filho e assevera ainda o seguinte: “nem somando tudo aquilo que de negativo fizeram os que anteriormente exerceram este poder conseguiríeis achar um equivalente a tantos males.”;

922-928: O Coro aponta a Xerxes que foi ele o causador da morte dos jovens guerreiros persas (“Esta terra geme sobre a juventude nascida do seu solo, massacrada por Xerxes, que tão bem soube fornecer o Hades de Persas.”). Lamenta a perda dos corajosos defensores do país¹⁴⁶⁶ e declara que “a Ásia [...] dobrou o joelho”;

1018-1023 e 1030: Descrição das vestes rasgadas de Xerxes (após a entrada em cena desta personagem). O rei traz consigo apenas a sua aljava vazia. O Coro ao observar as roupas rasgadas de Xerxes e ao saber que a sua aljava era tudo o que ele conseguira salvar, declara que se trata de pouco, tendo em conta o que anteriormente ele detinha;

1038-1076: Xerxes dá ordens aos anciãos para se juntarem a ele no luto pelo seu exército, enquanto seguem até ao palácio em marcha solene.

¹⁴⁶⁶ Posteriormente, o próprio Xerxes constata essa perda, declarando: “Perdemos os nossos defensores.”. Cf. Aesch., *Pers.*, v.1024.

Tabela 1.7. Caracterização política a nível externo do Rei da Pérsia em Ésquilo

	Referências em Ésquilo
Dario	<p>754-756: Alusão ao facto de Dario ter procurado conquistar, com a sua lança, grandes riquezas para os seus filhos durante o seu reinado;</p> <p>864-903: Referência ao facto de Dario ter subjugado várias cidades sem sequer transpor o rio Hális. Breve descrição das conquistas e do domínio deste soberano;</p> <p>901-903: O monarca contava com o apoio de numerosos aliados.</p>
Xerxes	<p>759-781: Dario estabelece uma comparação entre os feitos de Xerxes e os dos seus antecessores: “nem somando tudo aquilo que de negativo fizeram os que anteriormente exerceram este poder conseguiríeis achar um equivalente a tantos males”.</p>

Tabela 1.8. Faceta privada do Rei da Pérsia em Ésquilo¹⁴⁶⁷

	Referências em Ésquilo
Dario	—
Xerxes	—

Tabela 1.9. Referências gerais à figura do Rei da Pérsia em Ésquilo

	Referências em Ésquilo
Rei da Pérsia	159-165: Alusão à riqueza associada à casa real da Pérsia; 657-663: Descrição do vestuário do monarca persa; 759-781: Origens da monarquia persa, fazendo-se uma breve excursão sobre os antecessores de Xerxes ¹⁴⁶⁸ .

¹⁴⁶⁷ Esta categoria de caracterização incide, em especial, na faceta mais íntima do monarca, nomeadamente no que diz respeito às suas relações familiares.

¹⁴⁶⁸ Neste passo, encontram-se as únicas e breves referências feitas, em toda a peça, aos monarcas Ciro e Cambises. É através do discurso do Espectro de Dario que Ésquilo nos apresenta de modo muito breve estes reis, num contexto de narrativa relativa aos antecessores de Xerxes e às origens do governo da Ásia. Ciro é retratado como o terceiro a assumir o poder desde que “o senhor Zeus concedeu a um só homem o privilégio de governar toda a Ásia” e é desde logo intitulado de “herói afortunado” pelo Espectro de Dario. É relatado que Ciro, durante o seu reinado, procedeu ao estabelecimento da paz entre os povos amigos, conquistou a Lídia e a Frígia e subjugou toda a Iónia. Salienta-se ainda que “os deuses não lhe eram hostis, porque ele era cheio de prudência”. Relativamente a Cambises, cujo o nome não é sequer mencionado por Ésquilo, é designado apenas como “o filho de Ciro” e somos informados somente de que ele foi “o quarto chefe do exército”. Optámos por não incluir as referências a estes dois soberanos persas na presente tabela e nas anteriores referentes à caracterização do Rei da Pérsia nos *Persas* de Ésquilo, devido ao facto de não serem considerados como personagens desta tragédia e dado que o autor faz-lhes, como acabámos de ter oportunidade de observar, uma alusão muito breve. Veja-se para as descrições feitas por Ésquilo de Ciro e de Cambises: Aesch., *Pers.*, vv.768-772 e Aesch., *Pers.*, v.773, respetivamente.

APÊNDICE 2. Tabelas: Referências relativas à caracterização do Rei da Pérsia localizadas nas *Histórias* de Heródoto¹⁴⁶⁹

Tabela 2.1. Caracterização física do Rei da Pérsia em Heródoto

	Referências em Hdt.
Ciro	1.116.1: Ciro apresenta traços fisionômicos de Astíages; 1.112.1: O menino Ciro é descrito como uma criança forte e bonita.
Cambises	3.33: Menção relativa à doença de nascença, o chamado “mal sagrado”, de que o corpo do rei padecia. 3.36.1: Crespo chama a atenção de Cambises para o comportamento que este exhibe, dizendo-lhe para não se deixar dominar pelos “ímpetos da sua juventude”.
Dario	3.72.1: “[...] a juventude alentava o impetuoso Dario”.
Xerxes	7.13: Alusão à juventude de Xerxes; 7.187: Heródoto constata que entre todos os homens que participaram na campanha contra a Grécia liderados pelo rei persa, não havia ninguém que tivesse mais aparência ou altura para merecer a posição de poder supremo do que o próprio Xerxes.

¹⁴⁶⁹ As nove tabelas que constituem o Apêndice 2 do presente estudo foram elaboradas com base na nossa interpretação e análise do texto das *Histórias* de Heródoto, sendo que a sua consulta não dispensa uma leitura paralela da fonte. Foram utilizadas as seguintes traduções portuguesas dos livros 1, 3-6 e 8, respetivamente, para a conceção da tabela: FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*; SILVA, Maria de Fátima e GUERREIRO, Cristina Abranches (1997), *op. cit.*; SILVA, Maria de Fátima e GUERREIRO, Cristina Abranches (2000), *op. cit.*; SILVA, Maria de Fátima e SOARES, Carmen Leal (2007), *op. cit.*; FERREIRA, José Ribeiro e LEÃO, Delfim Ferreira (2000), *op. cit.*; e FERREIRA, José Ribeiro e SOARES, Carmen Leal (2002), *op. cit.* Servimo-nos ainda da tradução inglesa da Oxford para o estudo dos restantes livros, em falta na tradução portuguesa. Assim sendo, as referências aos livros 2, 7 e 9 das *Histórias* que podem ser encontradas nas tabelas do presente Apêndice apoiam-se na nossa tradução da mencionada edição inglesa para a qual remetemos: WATERFIELD, Robin e DEWALD, Carolyn (2008), *op. cit.*

Tabela 2.2. Caracterização psicológica/Personalidade do Rei da Pérsia em Heródoto

	Referências em Hdt.
Ciro	<p>1.76-77 e 79: Resposta de Ciro ao ataque de Creso. Ciro pondera sobre qual a melhor estratégia a utilizar, antes de se lançar num ataque contra Sárdis;</p> <p>1.86.6: Ciro arrepende-se de ter condenado Creso à morte na pira, pois tendo refletido melhor, teme a punição divina e ocorre-lhe que “ele, também um homem, estava a entregar vivo às chamas um homem, cuja prosperidade não fora inferior à sua.”. Decide, por isso e porque “nada é seguro entre os homens”, salvar Creso da pira;</p> <p>1.114-116: Comportamento do menino Ciro durante uma brincadeira de crianças e sua resposta perante Astíages, que leva este a suspeitar da verdadeira ascendência de Ciro;</p> <p>1.123.1: Ciro, enquanto jovem, mostra ser superior aos da sua idade, pela sua valentia e delicadeza;</p> <p>1.125.1: Ciro reflete e medita sobre a proposta de Hárpago relativa a conquistar os Medos e sobre o que fazer, antes de agir;</p> <p>1.125.2-4: Ciro recorre a um estratagema para persuadir os Persas a revoltarem-se contra Astíages.</p> <p>1.126: Ciro declara aos Persas que nasceu “predestinado pelos deuses” para liderar a campanha;</p> <p>1.141: Discurso de Ciro em resposta à solicitação feita pelos Iónios e Eólios (por intermédio de emissários), após a queda da Lídia, é marcado pela cólera. Ciro conta a chamada “fábula dos peixes”;</p> <p>1.155: Reação encolerizada de Ciro face à traição de Páctias, que incentivara a revolta dos Lídios, após a partida do monarca persa de Sardes. Ciro conversa com Creso, com a finalidade de obter conselho sobre como deve agir. No final, o soberano persa acaba por atuar de acordo com as recomendações do antigo rei lídio;</p> <p>1.177: Ciro submete, pessoalmente, os povos das regiões superiores da Ásia, um a um, “sem omitir nenhum”;</p>

	<p>1.189: Ciro fica “profundamente irritado” com o rio Gindes por lhe ter levado um dos seus cavalos brancos sagrados, ameaça castigá-lo e suspende a expedição contra a Babilónia para se vingar do curso de água;</p> <p>1.204.2: Ciro considera-se mais do que um simples mortal, por causa das circunstâncias do seu nascimento;</p> <p>1.206: Segundo Tómiris, Ciro “tudo prefere a viver em paz”;</p> <p>1.213: Ciro não pára sequer para refletir sobre o aviso de Tómiris, ignorando-o;</p> <p>7.18: Artabano assevera a Xerxes que tem conhecimento do mal que pode advir do desejo excessivo, recordando a campanha de Ciro contra os Masságetas;</p> <p>9.122: Quando os Persas requerem a Ciro a aprovação da proposta (sugerida, originalmente, por Artembares) de se instalarem noutra território, o rei dá-lhes permissão, mas ao mesmo tempo adverte-os de que, assim sendo, deveriam preparar-se para se tornarem súbditos em vez de governadores, declarando que “terras férteis tendem a gerar homens fracos” e que “é impossível o mesmo país produzir boas colheitas e bons guerreiros”¹⁴⁷⁰. Ciro acaba por conseguir persuadir os Persas, que reconhecem a validade desse argumento. Assim, os Persas optam por viver numa terra inóspita e governar, ao invés de cultivarem terras férteis e serem súbditos de outrem.</p>
Cambises	<p>3.1.4-5: De acordo com a versão persa que relata os motivos da campanha persa contra o Egito, Cambises terá descoberto que foi enganado por Amásis e, por essa razão, ficou furioso e decidiu atacar o país do Nilo;</p> <p>3.13.3-4: Reação de indignação de Cambises perante os presentes “insignificantes” enviados pelos habitantes de Cirene, que tal como os Líbios e os habitantes de Barca, atemorizados, se renderam ao rei persa, aceitando pagar-lhe tributo;</p> <p>3.19: A recusa dos Fenícios (que desempenhavam um papel importante na força naval do rei) relativamente a atacar Cartago, levou Cambises a cancelar a campanha contra os Cartagineses. O rei preferiu não retaliar a atitude dos Fenícios,</p>

¹⁴⁷⁰ Tradução nossa das expressões “soft lands tend to breed soft men” e “It is impossible [...] for one and the same country to produce remarkable crops and good fighting men.”, respetivamente. Veja-se WATERFIELD, Robin, *Herodotus. The Histories*, Nova Iorque, Oxford University Press, 2.^a reimp., 2008, p. 590.

uma vez que estes se tinham aliado voluntariamente aos Persas, e sem eles, a restante armada não era suficiente para avançar com o referido empreendimento militar;

3.25: Cambises, numa atitude de fúria e de irreflexão, decide atacar os Etíopes, sem tratar do aprovisionamento requerido para a expedição (é descrito, neste passo, “como um louco, de cabeça perdida”). Transmite ordens para reduzir os Amónios à escravidão e queimar o oráculo de Zeus;

3.29.1-2: 1.º acesso de riso de Cambises, após esfaquear o deus Ápis;

3.30.1: Cambises “enlouquece de vez”;

3.33: Heródoto relaciona a doença de Cambises com a falta de sanidade de espírito por ele apresentada;

3.35.1-4: Cambises ao tentar demonstrar que não está maluco através da realização de uma prova de pontaria, que tem como alvo o coração do filho de Prexaspes, manifesta precisamente o contrário. 2.º acesso de riso de Cambises: solta uma risada eufórica, ao saber que acertou o seu alvo, declarando de seguida a Prexaspes que não é ele que está maluco, mas sim os Persas;

3.36.1: Cresos chama a atenção de Cambises para o comportamento que este exhibe, dizendo-lhe para não se deixar dominar pelos “ímpetos da sua juventude”;

3.36.5-6: Cambises tenta matar Cresos e, não logrando consegui-lo, manda os guardas capturarem e acabarem com a vida do lídio. Estes, conhecendo o temperamento do monarca, decidem, na esperança de serem recompensados, manter Cresos vivo. Passado não muito tempo, Cambises lamenta a morte do lídio. O monarca fica então contente de saber que Cresos afinal está vivo (embora ordene que os guardas sejam punidos e executados);

3.38.1-2: Opinião de Heródoto e sua justificação para a loucura de Cambises: não é normal um indivíduo troçar e ridicularizar aquilo que é sacro e consagrado pela tradição, mesmo que seja de uma cultura diferente da sua, a não ser que se tenha perdido o juízo;

	<p>3.63: Cambises parece, talvez, recuperar a lucidez, por um momento, ao perceber que Prexaspes é inocente;</p> <p>3.64.1-2: Cambises compreende o verdadeiro significado do seu sonho e apercebe-se de que o havia interpretado erradamente. Toma consciência de que a morte do seu irmão foi em vão e lamenta-o. O monarca chora, dando largas ao seu sofrimento pelas “desgraças passadas”;</p> <p>3.64.3-5: Após se ferir na coxa, sob o efeito de sofrimento psicológico (provocado pelo “assunto do mago”) e físico (pela ferida), recupera a razão e percebe que é naquele local que vai morrer;</p> <p>3.65: Às portas da morte, Cambises convoca uma reunião com os mais distintos dos Persas que o haviam acompanhado na campanha (inclusive alguns Aqueménidas) e confia-lhes tudo o que sucedera. Confessa que, receoso da concretização da visão que tivera em sonhos, agira “com mais prontidão do que prudência” ao mandar matar Esmédis. O soberano reconhece que foi uma loucura cometer tamanha atrocidade, até “Porque não está nas possibilidades do ser humano evitar o cumprimento do destino.”. Admite que estava “redondamente enganado” na forma como interpretou o sonho e que se tornou num fratricida em vão, pois nem sequer conseguiu evitar a perda do seu poder. Constata ainda que quem lhe podia valer naquele momento face à conspiração dos magos era o irmão, se estivesse vivo;</p> <p>7.18: Artabano assevera a Xerxes que tem conhecimento do mal que pode advir do desejo excessivo, recordando a expedição de Cambises contra os Etíopes.</p>
Dario	<p>1.183.3: Dario, “embora tivesse em mira” a estátua de ouro com doze polegadas de altura que existia num templo da Babilónia, a qual se conservava no lugar desde o reinado de Ciro, “não ousou confiscá-la”;</p> <p>1.187: Dario abre o túmulo de Nitócris, soberana assíria, cuja inscrição dizia conter um tesouro destinado aos monarcas que assumissem o trono da Babilónia depois dela e que precisassem de dinheiro. Dentro do túmulo apenas encontrou o cadáver da rainha e outra mensagem inscrita que assim ditava: “Se não fosses um ganancioso por dinheiro e um miserável avarento, não violavas o sepulcro dos mortos.”;</p>

3.38.3-4: Dario têm noção da existência de diferentes percepções das tradições culturais e demonstra-a aos Gregos da sua corte;

3.71: Dario, aquando da conspiração contra o Mago usurpador do trono de Cambises (e, portanto, antes de se tornar rei), deseja antecipar o ataque o quanto antes. Otanes, um dos sete conjurados, aconselha-o a ponderar melhor e a não apressar o plano irrefletidamente. Dario ameaça então contar ao Mago da conspiração, se a ofensiva não suceder naquele mesmo dia, para se certificar de que ninguém o denuncia primeiro e forçando, deste modo, os outros a agir rapidamente;

3.72.1: Dario é descrito como impetuoso, característica própria da sua juventude;

3.72.4: Opinião de Dario acerca da verdade e da mentira;

3.78.4-5: Dario, no momento de matar o Mago, hesita e receia ferir Góbrias, um dos seus companheiros da conspiração;

3.127: Sabendo que o seu poder ainda não estava bem consolidado (Dario tomara posse do trono recentemente) e que Orestes tinha à sua disposição recursos militares e territoriais algo consideráveis, Dario não se precipita na sua decisão de punir Orestes pelos seus crimes. Pelo contrário, o monarca engendra um plano para o castigar sem grande alvoroço: incumbe um voluntário de levar a bom termo esta tarefa, a qual deveria ser executada “com sensatez, sem violência e sem o tumulto próprio de uma multidão”. Dario declara ainda que “Em tudo o que exige sensatez, de nada serve realmente a violência.”;

3.139.2: Dario, quando ainda era apenas um guarda-costas de Cambises (vindo apenas posteriormente a ser rei), ao ver o manto de Silosonte, “sentiu uma grande vontade” de adquiri-lo. Propôs-se a comprá-lo. Silosonte declarou que apenas lho daria se de facto Dario precisasse do manto. No final, Silosonte acaba por oferecê-lo a Dario;

3.159.2: Dario revela ser previdente ao ordenar, após a tomada da Babilónia, que sejam transferidas mulheres dos povos vizinhos para esta região, visando assegurar a descendência dos Babilónios (grande parte das mulheres tinham sido estranguladas pelos próprios homens para evitar o gasto de provisões, de modo a se preparem para um cerco);

4.166: Dario desejava deixar algo para ser mais tarde recordado que nenhum outro rei tivesse realizado. Assim, resolveu cunhar moeda com ouro purificado o mais possível. O sátrapa Ariandes, à época governador do Egito (nomeado por Cambises), tendo conhecimento da aspiração do soberano, decidiu proceder da mesma forma, mas com prata. Por se ter atrevido a imitá-lo, ousando comparar-se a ele, Dario mandou executar Ariandes, sob o pretexto de uma falsa acusação (como de se revoltar contra ele, acrescenta Heródoto como exemplo);

5.24.3: Dario confia a Histieu que sabe por experiência que, de todos os bens, o mais precioso é um amigo avisado e leal¹⁴⁷¹;

7.1: Dario, já profundamente desagradado com os Atenenses por causa de terem atacado Sardes, ao saber as notícias da batalha de Maratona, fica ainda mais furioso e mais determinado em atacar a Grécia. O rei persa não perde tempo a dar início aos preparativos da expedição. Entretanto, a revolta que desponta no Egito faz a sua determinação de atacar ambos os sítios (Grécia e Egito) crescer;

7.18: Artabano assevera a Xerxes que tem conhecimento do mal que pode advir do desejo excessivo, recordando a campanha de Dario contra os Citas, na qual ele próprio participou;

7.194: Referência ao episódio em que Dario mandou crucificar Sandoces, considerando o culpado de, enquanto membro dos juízes reais, ter aceitado um suborno para sentenciar injustamente um caso. Todavia, Dario, depois de ponderar melhor o assunto, acaba por libertar Sandoces da pena no último momento, tendo concluído que os seus crimes cometidos contra a casa real eram superados pelo bem que ele havia feito e percebendo que ele próprio tinha agido mais com pressa do que com sabedoria;

¹⁴⁷¹ Salientamos, porém, que o contexto desta afirmação deve ser tido particularmente em conta, uma vez que o objetivo de Dario é conseguir que Histieu permaneça junto dele, onde pode vigiar as suas ações.

Xerxes	<p>1.183.3: Xerxes, após ter assassinado o sacerdote que procurava impedi-lo, apropriou-se da estátua de ouro com doze polegadas de altura que existia num templo da Babilónia e que se mantivera durante os reinados de Ciro e de Dario;</p> <p>7.5: Relutância de Xerxes em fazer guerra com a Grécia. Mardónio, seu primo (filho da irmã de Dario e de Góbrias), procura persuadi-lo a atacar a Grécia, expondo-lhe vários argumentos;</p> <p>7.6: Xerxes acaba por ceder e deixar-se influenciar pelo primo e por outros na sua tomada de decisão. Opta, assim, pela ofensiva contra a Grécia;</p> <p>7.8: No seu discurso proferido perante o conselho dos Persas, Xerxes declara que, desde que assumiu o poder, se tem questionado sobre como poderá aumentar o império persa tanto quanto os seus antecessores. Afirma que depois de muito refletir encontrou uma maneira de o fazer;</p> <p>7.11: Xerxes fica furioso ao ouvir o conselho de Artabano, seu tio (o qual antes advertira também Dario relativamente à campanha contra os Citas). Afirma que a guerra com os Atenenses terá lugar de qualquer das formas, restando saber quem tomará a iniciativa. Considera que esta deve ser dos Persas, uma vez que foram os primeiros a sofrer e, por isso, devem procurar a vingança;</p> <p>7.12: Apesar da sua reação ao conselho do tio, Xerxes fica preocupado com a opinião que Artabano expressara e decide que o melhor é não atacar a Grécia;</p> <p>7.13: Xerxes pede perdão aos Persas reunidos em conselho por ter mudado de opinião. Afirma que não atingiu ainda o auge dos seus “poderes mentais”, e admite que, quando ouviu o conselho de Artabano, se deixou dominar pelo seu jovem temperamento, o que o levou a dirigir-se de maneira inapropriada ao último¹⁴⁷²;</p> <p>7.16: Artabano aponta duas qualidades a Xerxes: possuir a capacidade de ter boas ideias e estar disposto a ouvir o bom conselho de outrem. Artabano adverte Xerxes acerca da má companhia de que ele se faz rodear, que o desencaminha;</p>
---------------	---

¹⁴⁷² Mais tarde, Xerxes admite novamente perante o tio que reagiu rudemente ao seu conselho. Cf. Hdt. 7. 15.

7.24: Reflexão de Heródoto, que considera que as ordens de Xerxes de escavar o canal advêm da sua arrogância e intenção de grandiosidade. Segundo considera o autor, Xerxes pretendia apenas demonstrar o seu poder e deixar algo para ser recordado mais tarde. Heródoto afirma mesmo que Xerxes poderia se ter poupado a tanto trabalho, solucionando a questão de forma mais simples: podia ter deixado os barcos serem arrastados pelas correntes do istmo;

7.35: Reação de fúria de Xerxes ao saber da destruição da ponte, que mandara erguer sobre o Helesponto (a qual, mal se encontrava terminada, foi arrasada por uma tempestade violenta). Ordens de Xerxes para que o Helesponto seja castigado e para que os supervisores da construção da ponte sejam decapitados;

7.44: Em Abido, Xerxes observa o seu exército, terrestre e marítimo, de um ponto alto e cresce nele o desejo de ver uma corrida entre os seus navios. O rei tira grande prazer em ver a última decorrer e em contemplar todo o seu exército;

7.45-46: Mudança de humor brusca de Xerxes, notada pelo seu tio Artabano: ao contemplar todo o seu poderio militar, inicialmente, o monarca sente-se profundamente satisfeito e feliz, mas mais tarde começa a chorar. Motivos de Xerxes para o seu comportamento. Reflexão e discussão entre o soberano e o seu tio sobre a efemeridade da vida humana;

7.50: Dissertação de Xerxes sobre a importância que arriscar para se alcançar grandes feitos detém na política persa. Afirma que foi, graças a esta mentalidade, que os reis do passado, obtiveram uma posição de poder para a Pérsia;

7.54: Observação de Heródoto sobre os objetos lançados pelo rei ao Helesponto (o copo dourado usado para a libação anterior, uma taça dourada e uma espada persa, que é designada de *akinakes*). O historiador afirma que não pode dizer com precisão se este ato tinha como fim ser uma oferta ao sol ou se seria fruto do arrependimento de Xerxes, que procurava emendar o seu comportamento anterior para com o mar, dando-lhe oferendas;

8.97: Quando Xerxes se apercebe do desastre que se abatera sobre o seu exército marítimo em Salamina, receia que os Gregos façam desabar as pontes, impedindo-o de regressar a casa. Esta possibilidade de ficar detido na Europa, que o colocaria em risco de vida, leva Xerxes a pensar em fugir;

7.238: Xerxes manda cortar a cabeça ao cadáver de Leónidas e que esta seja espetada num pau. Numa nota de opinião, Heródoto afirma que esta ordem é para a ele a prova mais evidente (salientando que, no entanto, há muitas mais) de que Leónidas, em vida, constituiu uma fonte de irritação para Xerxes, mais do que qualquer outra pessoa no mundo. Heródoto assegura que de outra forma, o monarca não teria tratado o corpo de Leónidas com uma violência tão invulgar, pois não era prática entre os Persas desrespeitar aqueles que combatiam valentemente;

8.103: Comentário de Heródoto, que é da opinião de que mesmo que todos os homens e mulheres tivessem aconselhado Xerxes a ficar após o desastre de Salamina, ele não o faria, tanto era o seu pavor;

8.109.3: Descrição de Xerxes por Temístocles durante o seu discurso no conselho dos Helenos em Andros: “uma pessoa ímpia e iníqua que tratou do mesmo modo templos e casas particulares, queimando e derrubando as imagens dos deuses, e que até fez açoiar o mar e lhe lançou cadeias”¹⁴⁷³;

8.120: Terá sido em Abdera, durante a sua viagem de regresso da campanha contra os Gregos, que Xerxes terá “desatado pela primeira vez o cinturão”¹⁴⁷⁴, uma vez que se sentia finalmente em segurança;

9.110-111: Embora Xerxes fique horrorizado com o pedido feito pela esposa, Améstris, suspeitando logo das suas intenções, acaba por aceder com extrema relutância à sua solicitação (pois era obrigado a isso pela tradição do dia do banquete real), entregando-lhe a mulher inocente de Masistes, seu irmão. Xerxes manda então chamar Masistes e, oferecendo-lhe a mão da sua filha em casamento, ordena ao irmão que se separe da sua esposa atual. Xerxes zanga-se ao

¹⁴⁷³ Deve ser tido em conta que, apesar de proferir estas palavras, Temístocles tinha intenções dolosas, pretendendo obter refúgio junto do rei persa, caso viesse a ser injuriado pelos Atenenses. Cf. 8.109.4 e 110.

¹⁴⁷⁴ Esta expressão significa que Xerxes não se terá despido para descansar até chegar a Abdera. Pelo menos, isto é o que os Abderitas asseveram, embora Heródoto nos notifique de que, na sua opinião, as palavras dos últimos “não sejam totalmente dignas de crédito” (Cf. Hdt. 8. 120). De facto, de acordo com José Ribeiro Ferreira e Carmen Soares, a afirmação em causa deve ser interpretada como uma hipérbole, uma vez que, de outra forma, corresponderia a declarar que durante os cerca de 30 dias da viagem até Abdera, Xerxes não se despiu para repousar, o que não é plausível. Veja-se FERREIRA, José Ribeiro e SOARES, Carmen Leal (2002), *op. cit.*, p.106, nota 239.

	ouvir a recusa do irmão e retira a sua proposta de matrimónio. Decreta ainda que Masistes jamais viverá com a mulher, declarando que isso o ensinará a aceitar o que lhe é oferecido.
--	---

Tabela 2.3. Carácter moral do Rei da Pérsia em Heródoto¹⁴⁷⁵

	Referências em Hdt.
Ciro	<p>1.86.2-3: Ciro faz subir Cresos para a pira (juntamente com 14 jovens lídios), com o intuito de ver se algum dos deuses o livrava de ser queimado vivo;</p> <p>1.86.6: Ciro reflete melhor e resolve salvar Cresos da pira. Razões para a sua mudança de decisão;</p> <p>1.153: Ciro afirma que não tem receio dos Espartanos e chega mesmo a ameaçá-los. Reprova a criação grega de locais próprios para a realização de comércio, que julga servirem para os indivíduos se enganarem uns aos outros e serem ludibriados;</p> <p>1.183.2-3: Menção da existência de uma estátua de ouro com doze polegadas de altura num templo da Babilónia durante o reinado de Ciro (subentende-se, portanto, que, quando conquistou a cidade, Ciro não retirou essa mesma estátua)¹⁴⁷⁶;</p> <p>1.189-190: Ciro fica “profundamente irritado” com o rio Gindes por lhe ter levado um dos seus cavalos brancos sagrados, ameaça castigá-lo e suspende a expedição contra a Babilónia para se vingar do curso de água. Punição do Gindes;</p> <p>1.177: Ciro submete, pessoalmente, os povos das regiões superiores da Ásia, um a um, “sem omitir nenhum”;</p> <p>1.190: Ciro atacava “indiscriminadamente todos os povos”, segundo os Babilónios;</p> <p>1.209.1: Ciro transpõe o rio Araxes;</p> <p>1.211: No contexto da campanha contra os Masságetas, Ciro segue o conselho de Cresos e recorre a uma estratégia dolosa, a qual envolve o sacrifício das tropas mais fracas do exército persa e o massacre do inimigo, uma vez embriagado;</p>

¹⁴⁷⁵ *Vide supra*, p. VI, nota 1449.

¹⁴⁷⁶ Note-se que Heródoto tem o cuidado de se salvaguardar relativamente à veracidade da existência da estátua ou não, afirmando o seguinte: “Pessoalmente não a vi, apenas repito as afirmações dos Caldeus.”. Cf. 1.183.2-3.

	<p>7.18: Artabano assevera a Xerxes que tem conhecimento do mal que pode advir do desejo excessivo, recordando a campanha de Ciro contra os Masságetas;</p> <p>7.238: Xerxes manda cortar a cabeça ao cadáver de Leónidas e que esta seja espetada num pau. Numa nota de opinião, Heródoto afirma que esta ordem é para a ele a prova mais evidente (salientando que, no entanto, há muitas mais) de que Leónidas, em vida, constituiu uma fonte de irritação para Xerxes, mais do que qualquer outra pessoa no mundo. Heródoto assegura que de outra forma, o monarca não teria tratado o corpo de Leónidas com uma violência tão invulgar, pois não era prática entre os Persas desrespeitar aqueles que combatiam valentemente.</p>
Cambises	<p>3.16: Ultraje deliberado do cadáver de Amásis, em Sais, e cremação do mesmo por ordem de Cambises (o que vai não só contra os costumes dos Egípcios, mas também contra os dos próprios Persas);</p> <p>3.21.1-2: O rei dos Etíopes acusa Cambises de não ser “um homem íntegro”;</p> <p>3.27: Cambises condena os prefeitos de Mênfis à morte, com base num “pretexto de falsas declarações”;</p> <p>3.28-29: Cambises atinge o deus bovino Ápis na coxa, provocando a morte do último. Ordena que os sacerdotes sejam chicoteados e o assassinato de todos os Egípcios encontrados a festejar;</p> <p>3.30: 1.^a atrocidade cometida por Cambises contra os seus familiares após ter enlouquecido: manda assassinar o próprio irmão, Esmérdis, após ter tido um sonho profético, que originou o seu receio de Esmérdis poder vir a matá-lo e a apoderar-se do trono;</p> <p>3.31: Cambises desposa duas irmãs suas, desrespeitando, desse modo, a tradição;</p> <p>3.32: 2.^a atrocidade cometida por Cambises contra os seus familiares após ter enlouquecido: assassina a sua irmã e esposa;</p> <p>3.35. 1-4: 1.^o crime cometido por Cambises contra os Persas após ter enlouquecido: assassinato do filho de Prexaspes, um indivíduo de confiança e próximo do rei;</p>

	<p>3.35. 5: 2.º crime cometido por Cambises contra os Persas após ter enlouquecido: ordena o enterramento, de cabeça para baixo, de doze persas inocentes da melhor sociedade;</p> <p>3.37: Em Mênfis, Cambises procede à violação de túmulos antigos e observação dos cadáveres, ri da estátua do deus no santuário de Hefesto (Ptah) e, entra no templo dos Cabiros (só ao sacerdote era permitida a entrada neste lugar sagrado), onde troça das estátuas para depois ainda as queimar;</p> <p>3.64.1-2: Cambises toma consciência de que a morte do seu irmão foi em vão, após entender o verdadeiro significado do seu sonho, e lamenta Esmérdis. Aparenta ter recuperado a lucidez e chora, dando largas ao seu sofrimento pelas “desgraças passadas”;</p> <p>7.18: Artabano assevera a Xerxes que tem conhecimento do mal que pode advir do desejo excessivo, recordando a expedição de Cambises contra os Etíopes.</p>
Dario	<p>1.183.3: Dario, “embora tivesse em mira” a estátua de ouro com doze polegadas de altura que existia num templo da Babilónia, a qual se conservara no lugar desde o reinado de Ciro, “não ousou confiscá-la”;</p> <p>1.187: Dario abre o túmulo de Nitócris, soberana assíria, cuja inscrição dizia conter um tesouro destinado aos monarcas que assumissem o trono da Babilónia depois dela e que precisassem de dinheiro. Dentro do túmulo apenas encontrou o cadáver da rainha e outra mensagem inscrita que assim ditava: “Se não fosses um ganancioso por dinheiro e um miserável avarento, não violavas o sepulcro dos mortos.”;</p> <p>3.72.4: Opinião de Dario acerca da verdade e da mentira;</p> <p>3.118.1: Só abre as comportas de água para os povos que necessitam mediante o pagamento extra de um valor elevado, além daquele exigido pelo tributo;</p> <p>3.72.4-5: Opinião de Dario acerca da verdade e da mentira;</p>

3.155.5-6 e 157.2-4: No contexto do assédio da cidade de Babilónia, Dario segue as recomendações de Zópiro e recorre a um ardil, que envolve o sacrifício do contingente mais fraco do exército persa;

4.91: Na inscrição de uma estela que Dario mandou edificar junto da nascente do rio Téaro, autointitula-se como “o homem melhor e mais belo de quantos homens existem”;

4.97.1: Dario transpõe o rio Istro, no contexto da campanha contra os Citas;

4.118: Os embaixadores que haviam sido enviados pelos Citas aos monarcas dos povos da vizinhança em busca de auxílio na luta contra os Persas, informam os líderes vizinhos acerca da intenção do soberano da Pérsia: afirmam que Dario, tendo já dominado por completo o continente donde vinha, pretendia dominar também aquela região. Os Citas fazem notar que Dario não se contentará em subjugar apenas os Citas, poupando os povos das imediações. Declaram ainda o seguinte: “Se fosse a nós que o Persa viesse atacar, como vingança da submissão que antes lhe foi imposta, deveria respeitar todos os outros povos e atacar-nos só a nós. [...] Porém o que se passa é que, desde o momento em que atravessou para este continente, vem subjugando todos aqueles que encontra pela frente.”;

4.135: Dario segue o conselho de Góbrias e regressa à ponte sob o Istro, enganando e abandonando os homens mais cansados e aqueles cuja perda seria de importância menor;

7.18: Artabano assevera a Xerxes que tem conhecimento do mal que pode advir do desejo excessivo, recordando a campanha de Dario contra os Citas, na qual ele próprio participou;

7.194: Referência ao episódio em que Dario mandou crucificar Sandoces, considerando o culpado de, enquanto membro dos juízes reais, ter aceiteado um suborno para sentenciar injustamente um caso. Todavia, Dario, depois de ponderar melhor o assunto, acaba por libertar Sandoces da pena no último momento, tendo concluído que os seus crimes cometidos contra a casa real eram superados pelo bem que ele havia feito e percebendo que ele próprio tinha agido mais com pressa do que com sabedoria;

Xerxes	<p>1.183.3: Xerxes, após ter assassinado o sacerdote que procurava impedi-lo, apropriou-se da estátua de ouro com doze polegadas de altura que existia num templo da Babilônia e que se mantivera durante os reinados de Ciro e de Dario;</p> <p>7.8: Xerxes informa o conselho dos Persas do seu plano de construir uma ponte sobre o Helesponto para chegar à Europa e castigar os Atenenses. Declara que se conquistarem Atenas e as terras localizadas na sua vizinhança, não haverá mais nenhum povo capaz de lhes fazer frente e poderão então fazer com que o único limite do império persa seja o céu, o domínio de Zeus, para que “o sol não brilhe em nenhuma terra para além das suas fronteiras”. Acrescenta que podem fazer de todos os territórios da Europa um só. Assevera ainda que “os inocentes suportarão o jugo da escravidão juntamente com aqueles que nos ofenderam”;</p> <p>7.35: Reação de fúria de Xerxes ao saber da destruição da ponte, que mandara erguer sobre o Helesponto (a qual, mal se encontrava terminada, foi arrasada por uma tempestade violenta). Ordens de Xerxes para que o Helesponto seja castigado e para que os supervisores da construção da ponte sejam decapitados;</p> <p>7.55: Xerxes transpõe o Helesponto;</p> <p>7.133-136: Xerxes age com magnanimidade relativamente aos voluntários espartanos que vêm-lhe oferecer as suas vidas como sacrifício para compensar a morte dos embaixadores persas (estes últimos haviam sido enviados a Atenas e Esparta, no tempo de Dario, e maltratos nestas terras). O rei persa declara que, ao contrário dos Espartanos, ele não tenciona quebrar o princípio universal da imunidade diplomática e que, além disso, não libertará os Lacedemónios da sua culpa;</p> <p>7.238: Xerxes manda cortar a cabeça ao cadáver de Leónidas e que esta seja espetada num pau. Numa nota de opinião, Heródoto afirma que esta ordem é para a ele a prova mais evidente (salientando que, no entanto, há muitas mais) de que Leónidas, em vida, constituiu uma fonte de irritação para Xerxes, mais do que qualquer outra pessoa no mundo. Heródoto assegura que de outra forma, o monarca não teria tratado o corpo de Leónidas com uma violência tão invulgar, pois não era prática entre os Persas desprezarem aqueles que combatiam valentemente;</p>
---------------	--

8.24: Xerxes, além de não dar sepultura a todos os soldados do seu exército que perderam a vida na batalha das Termópilas, ordena que a maior parte deles sejam sepultados em valas abertas, em contacto com a terra;

8.33: Saque e incêndio do santuário de Apolo em Abas;

8.34-35: Parte do exército persa segue em direção ao templo de Delfos, com o objetivo de o saquear e oferecer as suas riquezas ao soberano persa. Heródoto informa-nos de que Xerxes conhecia, através de relatos que ouvira, as riquezas aí contidas “melhor do que os bens deixados em casa”;

8.53.2: Saque de Atenas pelas tropas de Xerxes, que incendeiam a Acrópole depois de terem pilhado o templo;

8.109.3: Descrição de Xerxes por Temístocles durante o seu discurso no conselho dos Helenos em Andros: “uma pessoa ímpia e iníqua que tratou do mesmo modo templos e casas particulares, queimando e derrubando as imagens dos deuses, e que até fez açoitar o mar e lhe lançou cadeias”¹⁴⁷⁷.

¹⁴⁷⁷ *Vide supra*, p. XXVII, nota 1460.

Tabela 2.4. Caracterização religiosa/Relação do Rei da Pérsia com a religião persa e/ou outras religiões em Heródoto¹⁴⁷⁸

	Referências em Hdt.
Ciro	<p>1.86.2-3: Ciro faz subir Creso para a pira (juntamente com 14 jovens lídios), com o intuito de ver se algum dos deuses o livrava de ser queimado vivo;</p> <p>1.86.6: Ciro arrepende-se de ter condenado Creso à morte na pira, pois tendo refletido melhor, teme a punição divina e ocorre-lhe que “ele, também um homem, estava a entregar vivo às chamas um homem, cuja prosperidade não fora inferior à sua.”. Decide, por isso e porque “nada é seguro entre os homens”, salvar Creso da pira;</p> <p>1.126.6: Ciro pensa e afirma que nasceu “predestinado pelos deuses” para liderar a campanha;</p> <p>1.183.2-3: Menção da existência de uma estátua de ouro com doze polegadas de altura num templo da Babilónia durante o reinado de Ciro (subentende-se que, quando conquistou a cidade, Ciro não retirou essa mesma estátua);</p> <p>1.189-190: Ciro fica “profundamente irritado” com o rio Gindes por lhe ter levado um dos seus cavalos brancos sagrados, ameaça castigá-lo e suspende a expedição contra a Babilónia para se vingar do curso de água. Punição do Gindes;</p> <p>1.188: A única água que Ciro bebe é a do rio Coaspes, que corre junto de Susa, pelo que, quando o monarca parte em campanha, transporta consigo vasos de prata com água fervida do Coaspes;</p> <p>1.204.2: Ciro considera-se mais do que um simples mortal, por causa das circunstâncias do seu nascimento;</p> <p>9.122: Alusão ao facto de ter sido Zeus a conferir o poder supremo aos Persas, particularmente, a Ciro.</p>
Cambises	<p>3.16: Ultraje deliberado do cadáver de Amásis, em Sais, e cremação do mesmo por ordem de Cambises, o que vai contra os costumes dos Egípcios e dos próprios Persas;</p>

¹⁴⁷⁸ A presente tabela contém, nomeadamente, passos da fonte referentes ao respeito/desrespeito pelo *nomos* religioso persa (segundo o estabelecido por Heródoto), o perpetrar de atos ímpios e a atitude de cada monarca perante o sagrado e a religião de outros povos.

	<p>3.28-29: Cambises atinge o deus Ápis na coxa, provocando a morte do último. Ordena que os sacerdotes sejam chicoteados e o assassinato de todos os Egípcios encontrados a festejar;</p> <p>3.25: Cambises transmite ordens a um contingente do seu exército para reduzir os Amónios à escravidão e queimar o oráculo de Zeus;</p> <p>3.37: Em Mênfis, Cambises procede à violação de túmulos antigos e observação dos cadáveres, ri da estátua do deus no santuário de Hefesto (Ptah) e, entra no templo dos Cabiros (só ao sacerdote era permitida a entrada neste lugar sagrado), onde troça das estátuas para depois ainda as queimar;</p> <p>3.65.3: Cambises admite que interpretou mal a visão que lhe foi dada em sonhos e que foi em vão que tentou evitar a sua concretização, reconhecendo que “não está nas possibilidades do ser humano evitar o cumprimento do destino”;</p> <p>3.65.6: Quando faz o seu último pedido aos Persas antes de morrer, Cambises fá-lo “invocando os deuses da casa real”.</p>
Dario	<p>1.183.3: Dario, “embora tivesse em mira” a estátua de ouro com doze polegadas de altura que existia num templo da Babilónia, a qual se conservara no lugar desde o reinado de Ciro, “não ousou confiscá-la”;</p> <p>1.187: Dario abre o túmulo de Nitócris, soberana assíria, cuja inscrição dizia conter um tesouro destinado aos monarcas que assumissem o trono da Babilónia depois dela e que precisassem de dinheiro. Dentro do túmulo apenas encontrou o cadáver da rainha e outra mensagem inscrita que assim ditava: “Se não fosses um ganancioso por dinheiro e um miserável avarento, não violavas o sepulcro dos mortos.”;</p> <p>6.19.3: Saque e incêndio do santuário de Apolo em Dídima;</p> <p>6.25.2: Incêndio de todas as cidades e templos de todos aqueles que se haviam revoltado contra Dario, à exceção de Samos;</p> <p>6.96.1: Incêndio dos templos e da cidade de Naxos;</p>

	<p>6.97: Dátis envia um arauto para comunicar aos Délios, que se tinham colocado em fuga, de que recebeu ordens de Dario para não atacar nem causar qualquer dano tanto à “terra onde nasceram os dois deuses”, como à sua população, pelo que podem retornar a Delos;</p> <p>6.101.2-3: Os templos de Erétria são saqueados e incendiados como retaliação pelos santuários de Sardes;</p>
Xerxes	<p>1.183.3: Xerxes, após ter assassinado o sacerdote que procurava impedi-lo, apropriou-se da estátua de ouro com doze polegadas de altura que existia num templo da Babilónia e que se mantivera durante os reinados de Ciro e Dario;</p> <p>7.8: No seu discurso proferido perante o conselho dos Persas, Xerxes faz menção do costume persa de fazer guerra desde Ciro e de expandir o domínio territorial persa, afirmando que é o deus que os guia naquela direção e que prosperam por seguirem a sua orientação;</p> <p>7.18: Artabano passa a considerar que a impetuosidade de Xerxes tem por detrás uma intervenção divina;</p> <p>7.35: Ordens de Xerxes para que o Helesponto seja castigado;</p> <p>7.40: Segundo Heródoto, havia um lugar reservado no dispositivo de formação do exército persa para a carruagem sagrada de Zeus¹⁴⁷⁹;</p> <p>7.43: Ao alcançar o rio Scamander, Xerxes deseja ver o local onde Príamo governou outrora, onde realiza sacrifícios a Atena de Ilium e são oferecidas libações aos falecidos heróis pelo Magi;</p> <p>7.53: Xerxes na reunião convocada antes da travessia do Helesponto para a Europa, diz àqueles que estão presentes para rezarem aos deuses que são responsáveis pela Pérsia;</p> <p>7.54: Oferta de libações e oração de Xerxes ao deus-sol antes de principiar a passagem para a Europa. Observação de Heródoto sobre os objetos lançados pelo rei ao Helesponto (o copo dourado usado para a libação anterior, uma taça</p>

¹⁴⁷⁹ Esta viria a ser roubada pelos Peónios, que, após Xerxes a ter deixado na sua terra, venderam-na aos Trácios. Quando mais tarde, Xerxes volta, eles dizem-lhe que os cavalos foram roubados. Cf. 8. 115. 4.

dourada e uma espada persa, que é designada de *akinakes*). O historiador afirma que não pode dizer com precisão se este ato tinha como fim ser uma oferta ao sol ou se seria fruto do arrependimento de Xerxes, que procurava emendar o seu comportamento anterior para com o mar, dando-lhe oferendas;

7.57-58: Xerxes ignora dois presságios a que assiste, após ter atravessado para a Europa, considerando-os insignificantes;

7.113-114: Sacrifício realizado pelo Magi visando obter um auspício favorável à guerra contra os Gregos. Procedese ao ritual de enterramento de nove rapazes e raparigas locais na terra chamada “Nove caminhos”;

7.197: Em *Alus*, na *Achea*, após ter ouvido uma história local contada pelos guias, Xerxes tem o cuidado de não se aproximar do bosque sagrado que aí existe e ordena que ninguém do seu exército o faça. Trata com a mesma reverência a casa dos descendentes de *Athamas*;

7.223: Quando o sol nasce no dia em que a batalha das Termópilas terá lugar, Xerxes realiza libações antes de lançar, a meio da manhã, o ataque contra Leónidas e os contingentes gregos;

7.238: Xerxes manda cortar a cabeça ao cadáver de Leónidas e que esta seja espetada num pau. Numa nota de opinião, Heródoto afirma que esta ordem é para a ele a prova mais evidente (salientando que, no entanto, há muitas mais) de que Leónidas, em vida, constituiu uma fonte de irritação para Xerxes, mais do que qualquer outra pessoa no mundo. Heródoto assegura que de outra forma, o monarca não teria tratado o corpo de Leónidas com uma violência tão invulgar, pois não era prática entre os Persas desrespeitar aqueles que combatiam valentemente;

8.24: Xerxes, além de não dar sepultura a todos os soldados do seu exército que perderam a vida na batalha das Termópilas, ordena que a maior parte deles sejam sepultados em valas abertas, em contacto com a terra;

8.33: Saque e incêndio do santuário de Apolo em Abas;

8.34-35: Xerxes lidera pessoalmente o contingente maior e mais poderoso do exército, que havia sido dividido em dois em Panopeia, e marcha contra Atenas. A restante parte do exército segue em direção ao templo de Delfos, com o objetivo

de o saquear e oferecer as suas riquezas ao soberano persa. Heródoto informa-nos de que Xerxes conhecia, através de relatos que ouvira, as riquezas aí contidas “melhor do que os bens deixados em casa”;

8.53.2: Saque de Atenas pelas tropas de Xerxes, que incendeiam a Acrópole depois de terem pilhado o templo;

8.54: Após ter saqueado e subjugado Atenas, Xerxes ordena aos desertores atenienses, que tinham passado para o lado persa, que realizem sacrifícios de acordo com os seus costumes rituais, na Acrópole. Heródoto informa-nos de que os motivos para o soberano ter tomado estas providências podem ter origem nalguma visão que tenha tido em sonhos ou derivar dos remorsos que possivelmente sentira por ter incendiado o templo da cidade;

8.109.3: Descrição de Xerxes por Temístocles durante o seu discurso no conselho dos Helenos em Andros: “uma pessoa ímpia e iníqua que tratou do mesmo modo templos e casas particulares, queimando e derrubando as imagens dos deuses¹⁴⁸⁰, e que até fez açoitar o mar e lhe lançou cadeias.”¹⁴⁸¹.

¹⁴⁸⁰ A referência ao incêndio de santuários e estátuas cometido por Xerxes, que demonstra desrespeito, repete-se mais do que uma vez no discurso dos Helenos. A este propósito, veja-se, entre outros, 8.143.2 e 144.2.

¹⁴⁸¹ *Vide supra*, p. XXVII, nota 1460.

Tabela 2.5. Faceta militar do Rei da Pérsia em Heródoto

	Referências em Hdt.
Ciro	<p>1.76-77 e 1.79: Resposta de Ciro ao ataque de Cresos. Ciro pondera sobre qual a melhor estratégia a utilizar, antes de se lançar num ataque contra Sárdis;</p> <p>1.80 e 1.84: Batalha entre Cresos e Ciro, que numa planície perto de Sárdis. Hárpago sugere um estratagem a Ciro, que permite inutilizar a cavalaria lídia e que leva os Lídios a retirarem-se para o interior da cidade. Assédio e tomada de Sárdis, findo um período de 14 dias;</p> <p>1.127-128: Campanha de Ciro contra Astíages, que resulta na conquista persa da Média;</p> <p>1.153.3-4 e 1.162: Ciro, tendo em vista outras conquistas que desejava comandar pessoalmente, delega a chefia da campanha contra a Iónia a generais da sua confiança: Mazares e Hárpago;</p> <p>1.177: Ciro lidera pessoalmente a conquista das regiões superiores da Ásia, submetendo “povo após povo, sem omitir nenhum”;</p> <p>1.178: Mal termina a conquista dos territórios da Ásia, Ciro volta-se para os domínios dos Assírios;</p> <p>1.188.1: Ciro dá início à expedição contra a Babilónia, sede do poder real da Assíria, assumindo ele próprio a chefia da mesma;</p> <p>1.189: Ciro fica “profundamente irritado” com o rio Gindes por lhe ter levado um dos seus cavalos brancos sagrados, ameaça castigá-lo e suspende a expedição contra a Babilónia para se vingar do curso de água;</p> <p>1.191: Os Persas, liderados por Ciro, tomam a cidade de Babilónia;</p> <p>1.201: Depois de ter subjugado a Babilónia, Ciro alimenta o desejo de dominar os Masságetas;</p>

	<p>1.204: Motivos que incentivaram Ciro a projetar uma campanha contra os Masságetas (a qual irá comandar pessoalmente): as circunstâncias do seu nascimento que o levaram a julgar-se “mais do que um simples mortal” e o facto de ter alcançado sucesso atrás de sucesso em todas as expedições que empreendera anteriormente;</p> <p>1.205: Primeiro, Ciro tenta enganar a rainha Tómiris dos Masságetas, o que não resulta, e só depois inicia a empresa;</p> <p>1.206: Depois de receber a mensagem de Tómiris, Ciro convoca os Persas mais ilustres e pede conselho sobre a melhor forma de proceder;</p> <p>1.211: Massacre dos Masságetas, que são enganados e atraídos para uma armadilha, montada por Ciro e aconselhada por Creso;</p> <p>1.214: Combate derradeiro travado entre Persas e Masságetas, que resulta na vitória dos últimos. Morte de Ciro em combate. Ultraje do cadáver do monarca persa: Tómiris ordena que a cabeça de Ciro seja mergulhada num odre cheio de sangue, cumprindo assim a sua ameaça de vingança.</p>
Cambises	<p>3.1-4: Exposição das diferentes versões das razões da guerra contra o Egito, nomeadamente a versão persa, que é a única que não é excluída de ser verdadeira por Heródoto. De acordo com essa variante, o ataque ao Egito terá ocorrido como represália por uma ofensa cometida pelo faraó Amásis ao soberano persa (embora na raiz da questão esteja um motivo de vingança de um médico egípcio presente na corte persa). Outro fator que terá incentivado o empreendimento desta expedição: as informações dadas por Fanes, um antigo mercenário de Amásis que se viera colocar ao serviço de Cambises, as quais incluíam um modo de organizar a travessia do deserto (um problema que o monarca persa ainda não tinha conseguido solucionar);</p> <p>3.13: Cerco de Mênfis e sua posterior ocupação pelos Persas. Atemorizados com a tomada da última cidade, os Líbios das regiões vizinhas, os habitantes de Cirene e os de Barca rendem-se ao rei persa, aceitando pagar-lhe tributo;</p> <p>3.17: Projeção e estratégia das campanhas contra os Cartagineses, os Amónios e os Etíopes;</p>

	<p>3.19: Motivo pelo qual o ataque aos Cartagineses não se chegou a concretizar: recusa dos Fenícios (que desempenhavam um papel importante na força naval do rei) em atacar Cartago, devido aos laços e juramentos solenes que os ligavam a este povo. A recusa fenícia leva Cambises a cancelar a campanha (preferiu não retaliar a atitude dos Fenícios, uma vez que estes se tinham aliado voluntariamente aos Persas, e sem eles, a restante armada não era suficiente para avançar com a sua empresa);</p> <p>3.25: Início da campanha contra os Etíopes. Em Tebas, Cambises seleciona um contingente do exército para atacar os Amónios, para reduzir este povo à escravidão e para queimar o oráculo de Zeus. Exposição das razões da desistência e do fracasso da expedição contra a Etiópia e perda de grande parte do exército: falta de aprovisionamento, provocado pela decisão precipitada, furiosa e irrefletida de Cambises de atacar este povo;</p> <p>3.26: O contingente persa designado por Cambises para subjugar os Amónios nunca chegou ao seu destino.</p>
Dario	<p>3.134: Conversa de Atossa com Dario no leito, durante a qual a rainha, seguindo as indicações de Democedes, relembra ao marido a importância de conquistar novos territórios e de alargar as fronteiras do império para a consolidação do seu poder. Dario concorda com a esposa, confidenciando-lhe que aquilo que ela dissera, já ele concebera fazê-lo em pensamentos e conta-lhe os seus planos de construção de uma ponte para unir a Ásia à Europa e de uma campanha contra os Citas, que tencionava realizar brevemente. Atossa procura então dissuadi-lo de atacar a Cítia e convencê-lo a empreender uma expedição contra a Grécia em primeiro lugar, pois ambiciona ter ao seu serviço servas da Lacedemónia, de Argos e de Corinto. Sugere ainda que Democedes, conhecedor do território, pode servir de guia. Tendo então em conta a opinião de Atossa de que deveria avançar primeiro sobre a Grécia, Dario resolve enviar espiões acompanhados por Democedes para obterem informações acerca desse povo antes de lhe declarar guerra;</p>

3.134.6 e 135.1: Dario envia espiões para a Grécia acompanhados por Democedes para obterem informações acerca do povo grego¹⁴⁸². O soberano afirma que só depois de adquirir muitos conhecimentos sobre os Helenos, empreenderá a campanha contra eles;

3.139-141: Razão que levou à conquista de Samos: retribuição da generosidade de Solisonte para com Dario quando este era apenas um guarda-costas de Cambises e ainda não se tinha tornado rei;

3.150-151: Sublevação dos Babilónios. Exposição do alegado motivo pelo qual Dario avança pessoalmente com todo o seu exército contra eles: por terem cometido a crueldade de estrangular grande parte das mulheres para, visando a preparação para um cerco, não gastarem provisões com elas;

3.154: Revelação da grande importância que a conquista da Babilónia assume para Dario, que “tinha esse projeto em alto apreço”;

3.159: Após o cerco e tomada da Babilónia (pela segunda vez, desde o tempo de Ciro) graças ao dolo de Zópiro, filho de Megabizo (um dos sete conjurados), Dario toma as seguintes medidas: destrói as muralhas que cercavam a cidade e procede à abertura de todas as portas (Heródoto faz questão de notar que nenhuma destas medidas tinha sido aplicada por Ciro, quando a Babilónia fora conquistada pela primeira vez pelos Persas); mandou empalar cerca de 3000 homens, principalmente os líderes; restituiu a cidade aos restantes Babilónios para continuarem a viver nela; e deu ordens aos povos vizinhos para que fossem transferidas mulheres para a referida cidade, com o objetivo de assegurar a descendência dos Babilónios (recorde-se a estrangulação de parte da população feminina da região que tivera lugar);

4.1: Dario assume, pessoalmente, o comando da campanha contra os Citas. Razões alegadas para o empreendimento da última: vingança da invasão da Média pelos Citas no passado, que é incentivada pelo aumento dos recursos humanos e financeiros à disposição de Dario;

¹⁴⁸² Estes espiões, segundo Heródoto, seriam os primeiros Persas a chegar à Grécia vindos da Ásia. Cf. Hdt. 3.138.4.

4.46.1: Breve indicação de que Dario se encontrava a realizar preparativos para atacar o Ponto Euxino (região cujas populações são rotuladas como “as mais atrasadas” por Heródoto, salvo os Citas);

4.83: Preparativos da campanha contra os Citas. Conselho do irmão de Dario, Artabano, que procura alertá-lo da inviabilidade da empresa, mas não consegue demovê-lo de a empreender;

4.87: Dario ordena que se coloquem duas estelas de mármore branco com os nomes de todos os povos que havia dominado, cada uma numa língua diferente: assírio e grego, respetivamente. Menção relativa à constituição do exército (composto por elementos de todos os povos que tinha subjogado) e, inclusive, ao seu número de efetivos;

4.89: Entrada de Dario na Europa. O monarca envia os Iónios, dando-lhes ordens para construírem uma ponte sobre o rio Istro;

4.93: Dos Trácios, os Escirmíadas e os Nipseus renderam-se ao rei da Pérsia, enquanto que os Getas (que se julgavam ser imortais) ofereceram-lhe resistência, acabando também por sucumbir ao domínio persa;

4.97: Após ter atravessado juntamente com a infantaria o rio Istro, Dario manda os Iónios destruírem a ponte. Essa ordem acaba por não se concretizar graças ao conselho dado ao monarca por Coes (chefe das tropas de Mitilene). Em vez da sua ordem inicial, Dario encarrega antes os Iónios de vigiar a ponte e de apenas a demolir na eventualidade de ele não regressar dentro de um determinado período de tempo;

4.118: Os embaixadores que haviam sido enviados pelos Citas aos monarcas dos povos da vizinhança em busca de auxílio na luta contra os Persas, chamam a atenção de que o soberano da Pérsia não se contentará em dominar os Citas e poupar os outros povos das imediações. Afirmam que à medida que ele avança, desde que penetrou naquele continente (e após já ter dominado o outro donde veio por completo), submete todas as terras por onde passa;

4.126: Dario envia uma mensagem ao rei dos Citas, Idantirso, questionando o porquê da sua persistência em fugir, se têm duas opções: travar combate ou render-se, submetendo-se ao rei persa;

4.131-132: Quando Dario se encontra em grandes embaraços durante a campanha contra a Cítia, os reis citas enviam-lhe de presente uma ave, um rato, uma rã e cinco flechas. Dario interpreta estas oferendas como sinal de submissão, ao passo que Góbrias propõe outra hipótese para o significado destas;

4.135: Dario segue o conselho de Góbrias e regressa à ponte sob o Istro, enganando e abandonando os homens mais cansados e aqueles cuja perda seria de importância menor;

4.143-144: Dario regressa à Ásia, deixando Megabazo na Europa, a chefiar o seu exército. Megabazo viria a subjugar os Helespontinos que se opunham ao domínio persa;

4.167: Alusão de Heródoto ao facto de, na sua opinião, o auxílio militar prestado pelo sátrapa Ariandes a Feretima, que desejava vingar o filho Arcesilau (o qual tinha prestado bons serviços a Cambises¹⁴⁸³), para atacar Barce, visar em última instância a conquista da Líbia. Acrescenta ainda que eram poucos os povos da Líbia que eram súbditos de Dario na altura;

5.2.2: Heródoto informa-nos de que Dario tinha incumbido Megabazo de conquistar a Trácia;

5.12-15: Tendo assistido ao arдил organizado por dois Peónios que pretendiam tornar-se tiranos da Peónia, Dario fica espantado ao ver as tarefas que eles tinham mandado a irmã deles fazer. Deixa-se então tomar pelo desejo de encomendar, por carta, a Megabazo a subjugação desse território, bem como a transferência do povo peónio da Europa para a Ásia. Foram então desalojados e transferidos para a Ásia não só os Peónios, mas também os Siriopeónios, os Péoples e todos os povos que habitavam as regiões até ao lago Prásias;

5.26-27: Enumeração dos territórios conquistados por Otanes para Dario. Segundo Heródoto, o objetivo desta campanha terá sido reduzir à escravatura e aniquilar todas estas populações, quer fosse sob a acusação de serem desertores da expedição contra a Cítia ou de terem criado um obstáculo ao exército do rei no momento da retirada desta região;

5.116: Breve alusão ao facto de vários generais persas serem casados com filhas de Dario;

¹⁴⁸³ Terá sido o mencionado Arcesilau que entregou Cirene a Cambises. Veja-se Hdt. 4.165.2-3.

6.6: Na expedição persa contra as cidades da Iónia, Mileto é o primeiro alvo. Os comandantes dos Persas tratam de avançar para esta cidade assim que terminam de reunir as suas forças num só exército, enquanto às outras cidades é dada uma atenção menor;

6.18-20: Conquista de Mileto pelos Persas, que escravizam a cidade, inclusive as mulheres e crianças, matam a maior parte dos homens e, além de saquearem o santuário de Dídima, também o incendiam. Os Milésios capturados vivos são levados para Susa. Dario, sem atentar mais nenhum malefício contra esta gente, manda-os instalar na cidade de Ampe, nas margens do Mar Eritreu. Ocupação do território de Mileto por Persas, nas regiões circundantes da cidade e na planície, sendo concedidas aos Cários de Pedasa as zonas mais altas;

6.25.2: Incêndio de todas as cidades e os templos de todos aqueles que haviam-se revoltado contra Dario, à exceção de Samos;

6.43-45: Expedição liderada por Mardónio contra Atenas e Erétria. Revelação de Heródoto de que o ataque a estes territórios tratar-se-ia de um pretexto para a campanha contra a Grécia (o objetivo final dessa expedição era a conquista de o número máximo possível de cidades gregas). Embora tenha submetido algumas delas, Mardónio não logrou chegar a atacar Atenas e Erétria, uma vez que ambos os exércitos terrestre e marítimo, que estavam sob o seu comando, sofreram graves perdas. Acaba por regressar à Ásia sem cumprir a missão a que se propusera;

6.48-49: Envio de arautos por Dario com a missão de solicitarem terra e água nas diferentes regiões da Grécia. O soberano visava deste modo descortinar os intentos dos Gregos por esta altura: se tencionavam render-se ou fazer guerra contra ele. Em simultâneo, Dario envia mensageiros em direção à zona litoral visando a transmissão de ordens para que sejam construídos barcos de grande porte e de navios preparados para o transporte de cavalos. Ao primeiro pedido, muitos dos Gregos quer do continente, quer das ilhas, oferecem terra e água. Por sua vez, os habitantes das cidades litorais, principiam os preparativos requeridos pelo rei;

	<p>6.94.1: Dario, com base no pretexto da expedição contra Atenas, quer aproveitar para subjugar os Gregos que não lhe ofereceram terra e água;</p> <p>6.94.2: Dario dispensa Mardônio do comando do exército, devido ao insucesso da campanha que liderara anteriormente, e nomeia dois outros generais para encabeçar a expedição contra Atenas e Erétria: Dátis, de origem meda, e Artafrenes, seu sobrinho e filho de Artafrenes. São enviados com a missão de reduzir à escravatura os habitantes de Atenas e Erétria e de depois os conduzir à sua presença;</p> <p>6.95: Cuidados demonstrados nos preparativos e na escolha da rota para a expedição contra Atenas e Erétria;</p> <p>6.98.3: Significado do nome “Dario” na língua grega: “guerreiro”;</p> <p>6.101.2-3: Queda de Erétria em mãos persas. Os templos são saqueados e incendiados como retaliação pelos santuários de Sardes que haviam sido também consumidos pelas chamas. Os homens são reduzidos à condição de escravos, conforme Dario tinha ordenado;</p> <p>7.1: Dario ao saber as notícias da batalha de Maratona, fica ainda mais furioso e mais determinado a atacar a Grécia e não perde tempo a dar início aos preparativos da expedição. A revolta que desponta, entretanto, no Egito faz a sua determinação de atacar ambos os sítios (Grécia e Egito) crescer.</p>
Xerxes	<p>7.5: Após a morte de Dario, Xerxes continua a criar um exército para dominar a revolta do Egito. Relutância de Xerxes em fazer guerra com a Grécia. Mardônio, seu primo (filho da irmã de Dario e de Góbrias), procura persuadi-lo a atacar a Grécia, expondo-lhe vários argumentos;</p> <p>7.6: Motivos da tentativa de Mardônio de persuadir o rei a atacar a Grécia. Outros fatores que se conjugaram para enganar e convencer Xerxes a encetar uma expedição contra a Grécia. Xerxes acaba por ceder e deixar-se influenciar pelo primo e por outros na sua tomada de decisão. Opta, assim, pela ofensiva contra a Grécia;</p>

7.7: Xerxes envia uma expedição para esmagar a rebelião do Egito. Quando tem o país do Nilo de novo sob o seu controlo, Xerxes entrega o governo da região ao seu irmão Aquémenes;

7.8: Xerxes expõe os motivos pelos quais tenciona declarar guerra aos Atenienses, entre os quais, explicita desde logo, a sua intenção de os punir pelo o que fizeram à Pérsia e a seu pai;

7.11: Xerxes fica furioso ao ouvir o conselho de Artabano, seu tio, e afirma que a iniciativa na guerra contra os Atenienses deve ser dos Persas, uma vez que foram os primeiros a sofrer e, por isso, deviam procurar a vingança;

7.20: Preparativos, após o Egito ter sido de novo subjogado, para a campanha contra a Grécia (duração: 4 anos). O exército reunido por Xerxes para esta expedição é descrito por Heródoto como o maior exército conhecido. Comparação deste com o exército de Dario na campanha contra os Citas;

7.21: Descrição das forças militares de Xerxes;

7.22-25: Preparativos da campanha contra a Grécia, que incluem a escavação de um canal através da península do Monte de Atos. Xerxes revela ter cuidado com a preparação logística, nomeadamente com o aprovisionamento de alimentos e a recolha de informações sobre os sítios que fariam parte do itinerário previsto da expedição;

7.44: Em Abido, Xerxes observa o seu exército, terrestre e marítimo, de um ponto alto e cresce nele o desejo de ver uma corrida entre os seus navios. O rei tira grande prazer em ver a última decorrer e em contemplar todo o seu exército;

7.48: Preocupação de Xerxes com o número de efetivos do seu exército;

7.60: Xerxes faz o recenseamento do exército, findo o qual organiza os contingentes com base na nacionalidade dos soldados;

7.100: Em Dorisco, depois do exército ter sido contado e organizado por unidades, Xerxes trata de inspecionar pessoalmente cada um dos contingentes, quer terrestres quer marítimos, acompanhado pelos seus escribas que iam tomando notas;

7.103: Após ter inspecionado as suas forças, o monarca procura informar-se mais sobre o inimigo. Pede então a opinião a Demarato, antigo rei dos Lacedemónios, sobre a possível resistência dos Gregos perante o avanço das suas tropas (Xerxes considera que a única forma de os Gregos lhe poderem fazer frente seria se se unissem todos contra ele). Perante a resposta dada por Demarato, o soberano persa ri-se, não compreendendo como é que o exército grego, que não é numeroso, que não está sob o comando de um único líder e cujos indivíduos são todos livres, terá capacidade de resistência contra o seu. Julga que Demarato está apenas a dizer disparates de uma posição de ignorância, mas não fica chateado com ele, apenas se ri e ridiculariza o seu manifesto;

7.208-210: Xerxes ri-se do comportamento dos Lacedemónios que lhe é reportado pelo seu batedor, não compreendendo as razões por detrás do seu modo de agir. No entanto, numa tentativa de as perceber, interroga Demarato, sobre o relatório que lhe fora transmitido, item por item. Todavia, julga que a explicação apresentada por ele é totalmente inconcebível. Incrédulo, Xerxes pergunta-lhe como é que um contingente tão pequeno de homens pode resistir ao seu exército. Demarato responde que se aquilo que ele dissera não se concretizar, pode tratá-lo como a qualquer mentiroso, mas nem mesmo perante esta declaração, Xerxes acredita nas suas palavras. Convencido de que os Gregos acabariam por fugir, enche-se de raiva ao observar que eles não arredam pé da passagem, interpretando essa atitude como descaramento e insolência em permanecer naquele lugar. Furioso, manda algumas tropas atacá-los e trazer alguns prisioneiros;

7.212: Durante a fase do conflito que teve lugar na zona da passagem das Termópilas, Xerxes ao ver a sua guarda-real, os Imortais, enfrentar consideráveis dificuldades no combate contra os Gregos (a guarda-real persa acabaria por ser obrigada a retirar-se), ter-se-á levantado três vezes do seu assento por temer pelo seu exército (pelo menos, isto é o que Heródoto clama ter ouvido dizer);

7.213: Perante a resistência que os Gregos demonstram, continuando a lutar contra o exército persa, Xerxes fica sem saber como lidar com a situação;

7.234-237: Após ter visto a forma como os Gregos se bateram em batalha, Xerxes fica convencido de que Demarato falara a verdade. Convoca-o novamente, procurando obter informações sobre como derrotar o inimigo. Ouve o seu conselho e embora acredite que este seja dito com boa fé, acaba por optar por seguir o conselho de Aquêmenes, seu irmão, que lhe diz para ele não ter em conta a estratégia grega;

8.24-25: Xerxes mostra aos seus aliados os cadáveres dos Gregos que caíram por terra nas Termópilas. Estes notam que os inimigos (em número de quatro mil) tinham sido empilhados todos no mesmo sítio, ao passo que os mortos do próprio exército persa (que constituíam um milhar) se encontravam dispersos pelo chão;

8.34-35: Xerxes lidera pessoalmente o contingente maior e mais poderoso do exército, que havia sido dividido em dois em Panopeia, marchando contra Atenas. A restante parte do exército segue em direção ao templo de Delfos, com o objetivo de o saquear e oferecer as suas riquezas ao soberano persa. Heródoto informa-nos de que Xerxes conhecia, através de relatos que ouvira, as riquezas aí contidas “melhor do que os bens deixados em casa”;

8.50: O contingente do exército liderado por Xerxes incendeia Téspias e Plateias por ter sido informado pelos Tebanos de que estas cidades não apoiavam os Medos;

8.51-54: Saque de Atenas pelas tropas de Xerxes, que incendeiam a Acrópole depois de terem pilhado o templo. Após a tomada de Atenas, o monarca envia um mensageiro a Susa para reportar a Artabano o sucesso alcançado;

8.89: A batalha de Salamina originou baixas elevadas no seio do exército persa. A maioria dessas perdas ocorreu quando os navios da linha da frente bateram em retirada e embateram contra os que estavam na retaguarda, que tentavam avançar para a frente do combate, esperando obter uma recompensa do rei por demonstrarem bravura;

8.90.4: Durante o confronto de Salamina, Xerxes encontrava-se no monte Egáleo, donde observava a batalha à distância;

8.97: Quando Xerxes se apercebe do desastre que se abatera sobre o seu exército marítimo em Salamina, receia que os Gregos façam desabar as pontes, impedindo-o de regressar a casa. Esta possibilidade de ficar detido na Europa e de, desse

modo, correr risco de vida, levou Xerxes a pensar em fugir. Procurou, no entanto, fazê-lo sem que, quer o adversário, quer os próprios homens se apercebam das suas intenções. O monarca dá então ordens que convencem todos (à exceção de Mardónio) de que pretende travar combate no mar;

8.103: Comentário de Heródoto, que é da opinião de que mesmo que todos os homens e mulheres tivessem aconselhado Xerxes a ficar após o desastre de Salamina, ele não o faria, tanto era o seu pavor;

8.117-119: Versões da história do regresso de Xerxes à Pérsia que circularam no tempo de Heródoto.

Tabela 2.6. Caracterização política a nível interno do Rei da Pérsia em Heródoto¹⁴⁸⁴

	Referências em Hdt.
Ciro	<p>1.127.1: Ciro assume o papel de líder na luta para os Persas alcançarem a liberdade (da autoridade meda a que estavam sujeitos);</p> <p>1.162: Ciro, não se esquece daquele que o auxiliou na tomada de poder, Hárpago, e atribui-lhe a chefia do exército, após a morte de Mazares;</p> <p>1.192: Ciro institui as chamadas “satrapias”, dividindo todo o território sob o seu poder em várias regiões, visando não só que estas pagassem o tributo ao rei, mas também que garantissem a subsistência do último e do exército;</p> <p>1.208: Antes de defrontar a rainha e o exército masságeta, Ciro manda Creso e Cambises regressarem à Pérsia, instruindo o filho para que respeitasse e tratasse bem o lídio, caso fosse mal sucedido na campanha;</p> <p>1.210.2: Histaspes considera que Ciro fez dos Persas (que dantes eram escravos) homens livres, transformando-os de “dominados” em “dominadores”;</p> <p>3.82.5: Dario, em defesa da instauração de um regime monárquico na Pérsia, remata com o argumento de que foi a ação de um só indivíduo (subentenda-se Ciro), que levou os Persas à liberdade;</p> <p>3.89.3: Os Persas consideravam Ciro como um pai, porque era benevolente e lhes facultava todos os bens;</p> <p>3.160.1: Referência ao facto de Ciro não poder ser igualado: “[...] Ciro, com quem nenhum dos Persas é realmente digno de ser alguma vez comparado.”;</p> <p>9.122: Quando os Persas requerem a Ciro a aprovação da proposta de se instalarem noutra região (dada originalmente por Artembares), o rei dá-lhes permissão, mas ao mesmo tempo adverte-os de que, assim sendo, deveriam preparar-se</p>

¹⁴⁸⁴ A categoria da caracterização política interna foca-se, nomeadamente, na relação do monarca com a corte e súbditos e na gestão interna do poder do soberano.

	<p>para se tornarem súbditos em vez de governadores, declarando que “terras férteis tendem a gerar homens fracos” e que é “impossível o mesmo país produzir boas colheitas e bons guerreiros”¹⁴⁸⁵. Acaba por conseguir persuadi-los graças à validade do seu argumento. Assim, os Persas escolhem antes viver numa terra inóspita e governar, ao invés de cultivarem terras férteis e serem súbditos de outrem.</p>
Cambises	<p>1.208: Antes do confronto derradeiro de Ciro com os Masságetas, Cambises é enviado pelo pai, juntamente com Cresos, de regresso à Pérsia. 1ª referência a Cambises, enquanto “herdeiro do trono”;</p> <p>2.1: Cambises, filho de Ciro e de Cassandane, sucede ao pai no trono da Pérsia;</p> <p>3.1-2: Influência do médico egípcio (presente na corte persa) na decisão de Cambises de pedir a Amásis uma das suas filhas em casamento;</p> <p>3.31: Cambises desposa duas irmãs suas, o que ia contra o costume ancestral;</p> <p>3.31.2-5: Os conselheiros reais agem em parte por medo de Cambises, quando lhe apresentam uma lei que permite ao soberano casar com a sua irmã;</p> <p>3.34.1-3: Cambises questiona Prexaspes (responsável pelas mensagens do rei, indivíduo de confiança, que era tido pelo monarca na maior das considerações) relativamente ao que os Persas dizem acerca dele e sobre o tipo de homem que julgam que ele é. Perante a resposta recebida, que o elogia e apenas lhe aponta como defeito abusar um pouco da bebida, o rei acusa os Persas de lhe terem mentido anteriormente;</p> <p>3.34.4-5: <i>Flashback</i> de um conselho persa anterior, em que o rei pede aos participantes para darem o seu parecer, comparando Cambises a seu pai, Ciro. Os Persas afirmam que Cambises supera o antecessor, mas Cresos considera que lhe falta um descendente para igualar Ciro. Cambises rejubila com o juízo de Cresos;</p>

¹⁴⁸⁵ *Vide supra*, p. XX, nota 1457.

3.35.1-3: 1.º crime cometido por Cambises contra os Persas após ter enlouquecido: assassinato do escanção real, filho de Prexaspes;

3.35.4: Ao cometer o crime contra o filho de Prexaspes e ao demonstrar um comportamento louco, Cambises provoca uma reação de medo de morte em Prexaspes, que teme pela própria vida;

3.35.5: 2.º crime cometido por Cambises contra os Persas após ter enlouquecido: ordena o enterramento, de cabeça para baixo, de doze persas inocentes da melhor sociedade;

3.36.1-5: O soberano ignora os conselhos de Cresos e condena os que ele deu a seu pai, aquando da campanha contra os Masságetas. Faz uma tentativa de alvejar o antigo rei lídio, sem sucesso. Ordena a sua captura e execução;

3.36.5-6: Os encarregados de matar Cresos, conhecendo o temperamento volátil do rei, desobedecem às ordens de Cambises, na esperança de mais tarde serem por ele recompensados. Assim, quando Cambises posteriormente lamenta a morte do lídio, os guardas revelam-lhe que Cresos ainda está vivo, o que alegra o rei. Contudo, o monarca ordena que os guardas sejam punidos e executados;

3.37: Alusão aos múltiplos atos de loucura e crimes cometidos por Cambises contra o povo egípcio durante o período em que esteve em Mênfis;

3.62: Cambises ao receber a notícia falsa, mandada circular pelo Mago, de que os seus homens estavam agora sob as ordens de Esmédis, pensa que Prexaspes o traiu. Confronta-o e censura-o, mas acaba por lhe dar deste modo uma oportunidade de se explicar;

3.65-66: Às portas da morte, Cambises convoca uma reunião com os mais distintos dos Persas que o haviam acompanhado na campanha (inclusive alguns Aqueménidas) e confia-lhes tudo o que sucedera: a visão que tivera em sonhos, o assassinato do seu irmão que ele próprio ordenara e a usurpação do trono pelos magos. Terminada a sua confissão, Cambises dirige aos presentes um último pedido: não deixarem que o poder persa retorne para as mãos dos Medos. Se

	<p>eles acederem à sua súplica, deseja-lhes várias graças, mas se não o fizerem, roga-lhes o inverso e chega mesmo a fazer votos para que, se tal acontecer, cada um dos Persas tenha um fim triste como o seu. Ao verem Cambises “lavado em lágrimas”, os Persas rasgam as suas vestes e entregam-se a “um pranto sem fim”. No entanto, os Persas não acreditaram nas últimas palavras do soberano sobre a conspiração dos magos, nem na morte de Esmédis. Julgam que Cambises falara daquele modo, porque pretendia difamar e suscitar a antipatia do povo para com o irmão;</p> <p>3.89.3: Os Persas consideravam Cambises um “déspota”, porque era “duro e desprezível”;</p> <p>5.25: Recordação de um episódio em que Cambises terá ordenado que Sisamnes, um dos juízes régios, fosse degolado e esfolado por ter aceitado um suborno e proclamado uma sentença injusta. Posteriormente, o soberano deu ordens para que o trono onde Sisamnes se costumava sentar para julgar fosse forrado com a pele deste. Após assim ter sido feito, Cambises nomeou o filho de Sisamnes como novo juiz para ocupar o lugar que outrora fora de seu pai, recomendando-lhe que se recordasse de qual era o trono em que se sentava para exercer justiça.</p>
Dario	<p>3.83 e 84.1: relação especial de Otanes e da sua família com o soberano, que pode obedecer ao rei na medida que desejar, desde que não transgrida as leis persas. Privilégios concedidos a Otanes e aos seus descendentes;</p> <p>3.84.2-3: Estabelecimento dos privilégios dos que haviam destronado o mago, os quais incluíam a norma de que o rei só poderia contrair matrimónio com uma mulher da estirpe dos conspirantes;</p> <p>3.88: Dario casa com duas filhas de Ciro, uma filha de Esmédis e neta de Ciro e, uma filha de Otanes;</p> <p>3.89: Entre as primeiras medidas tomadas por Dario, conta-se o estabelecimento de 20 satrapias (o soberano elege, para cada uma, um governador) e a determinação do valor anual do tributo que cada povo deveria pagar (durante os reinados de Ciro e Cambises não havia um valor definido para o tributo, ao invés do pagamento deste eram feitas oferendas ao rei);</p> <p>3.89.3: Os Persas viam Dario como um comerciante, pois “de tudo fazia comércio”;</p> <p>3.97.1: A Pérsia estava isenta de impostos;</p>

3.118.1: Dario só abre as comportas de água para os povos que necessitam mediante o pagamento extra de um valor elevado, além daquele exigido pelo tributo;

3.118-120: Dario, suspeitando de uma possível revolta de Intáfrenes (um dos sete conjurados) e dos seus parentes, manda prender e executar todos os varões dessa família. No entanto, o rei persa acaba por libertar, após a intervenção da mulher de Intáfrenes, o irmão da mesma e o seu filho mais velho;

3.127: Quando Dario sobe ao trono, decide punir Orestes pelos seus muitos crimes, mas principalmente por ser o responsável pelo assassinato de dois indivíduos muito conceituados entre os Persas (Mitrobates, governador de Dascílio, e o seu filho, Cranaspes). Orestes matara ainda aqueles que o rei tinha enviado com a missão de o chamar à sua presença, demonstrando assim, nas palavras de Dario, uma “atitude de inadmissível insolência”. Sabendo que o seu poder ainda não estava bem consolidado (Dario tomara posse do trono recentemente) e que Orestes tinha à sua disposição recursos militares e territoriais algo consideráveis, Dario não se precipita na sua decisão de punir Orestes pelos seus crimes. Pelo contrário, o monarca engendra um plano para o castigar sem grande alvoroço: incumbe um voluntário de levar a bom termo esta tarefa, a qual deveria ser executada “com sensatez, sem violência e sem o tumulto próprio de uma multidão”;

3.128: Os guardas de Orestes mostram respeito pelo que dizem as cartas escritas por Artontes (aquele que Dario encarregou da punição do sátrapa de Dascílio) em nome do rei. Mal ouvem a missiva que contém uma ordem do monarca, proibindo-os de guardarem Oretes, eles depõem logo as armas. Finalmente, quando a última carta é lida com instruções régias específicas para os Persas de Sardes liquidarem Oretes, os guardas obedecem e matam-no naquele preciso momento. As riquezas do falecido governador seriam posteriormente transferidas para Susa;

3.130 e 132: Dario recompensa Democedes de Crotona por o ter curado: começa por lhe oferecer uns grilhões de ouro (ao que este replica, questionando o rei “se era de propósito que lhe atribuía em sorte redobrado mal”), manda-o depois para junto das suas mulheres e cada uma delas mergulha uma taça num cofre de ouro, presenteando-o deste modo com

uma “oferta tão generosa, que um criado [...] juntou uma grande riqueza em ouro, só por ter apanhado as moedas que iam caindo das taças.”. Dario concede-lhe ainda uma mansão enorme em Susa e a honra de se sentar à mesa do rei. Democedes passou a deter um estatuto importante junto do rei, podendo mesmo interceder junto de Dario em determinados assuntos (foi o caso, por exemplo, da sua intervenção a favor dos médicos egípcios que o soberano, por não terem descoberto a cura para o seu mal, ia mandar empalar);

3.132.2: Dario tencionava mandar empalar os médicos egípcios por não terem conseguido curar o seu mal, embora estes o tivessem tratado no passado. Contudo, graças à intervenção de Democedes a favor dos médicos egípcios junto do rei, a execução dessa punição não chegou a ter lugar;

3.135.2-3: Depois de dar instruções a Democedes para servir de guia e mostrar a Grécia aos Persas, pedindo ao médico grego para regressar assim que terminasse essa missão, Dario oferece-lhe presentes para ele dar a seu pai e aos irmãos. O monarca diz a Democedes para levar toda a sua mobília, sendo que, quando regressasse, Dario multiplicar-lhe-ia os móveis que tinha anteriormente. Além disso, o rei concedeu-lhe uma nau de carga, cujo interior estava recheado de diversas riquezas. Heródoto observa que, segundo o que lhe parece, as propostas do rei eram isentas de qualquer pensamento pérfido. Contudo, Democedes, receando estar a ser testado pelo monarca, declinou as ofertas de Dario, declarando que os seus pertences permaneceriam até ao seu retorno. No entanto, aceitou o barco que lhe tinha sido proposto;

3.152-155 e 160: Depois de Dario já ter atingido o desespero, uma vez que o assédio à cidade de Babilónia já durava há mais de um ano e ele já tinha tentado toda a espécie de estratagema (inclusive aquele de que Ciro se servira quando subjugou a Babilónia) e nada parecia resultar, Zópiro, filho de Megabizo, começou a engendrar um plano para a submeter. Queria certificar-se de que lhe seria reconhecida a autoria desse feito, pois o rei tinha lhe revelado que essa conquista assumia uma grande importância para ele e porque “entre os Persas, os serviços prestados são depois alvos das maiores

honras”. O ardil de Zópiro passava por ter de se mutilar a si próprio para poder passar por um trãnsfuga. Custou muito ao soberano ver Zópiro, que era tido como um dos homens mais considerados entre os Persas, naquele estado, quando este se dirigiu à sua presença para lhe expor o seu plano. Contudo, foi graças a Dario ter seguido as recomendações de Zópiro que Babilónia caiu finalmente. Para Dario, ninguém superou este serviço prestado por Zópiro “nem entre os que depois dele vieram, nem entre os anteriores”, à exceção de Ciro “com quem nenhum dos Persas é realmente digno de ser alguma vez comparado”. O monarca terá expressado várias vezes “como ele mais desejaria que Zópiro estivesse ileso de indignos sofrimentos, do que desejaria que vinte Babilónias se tornassem suas além daquelas”. Dario agraciou Zópiro de forma faustosa, concedendo-lhe muitas dádivas, entra as quais: presenteava-o todos os anos com as oferendas tidas como mais honrosas para os Persas; além disso, atribuiu-lhe o direito de habitar na cidade de Babilónia, isenta de impostos, até à sua morte;

4.84: Perante o pedido do persa Eobazo de permitir que um dos seus filhos, que iam participar na expedição, ficasse, Dario responde-lhe que os deixaria a todos, uma vez que ele era um amigo e o seu pedido era razoável. Deixa-lhe de facto os filhos, mas degolados;

4.88: Dario recompensa generosamente Mândrocles de Samos, o engenheiro da ponte que mandara construir sobre o Bósforo da Trácia no âmbito da expedição contra os Citas. Mândrocles manda consagrar no *Heraion* um quadro com a representação do momento da travessia do exército observada pelo monarca num lugar de honra. Na inscrição que acompanha o quadro denota a glória que alcançou para o seu povo por ter executado um projeto do rei da Pérsia;

4.97: Antes de aconselhar Dario, quando este está prestes a destruir a ponte que mandara construir sobre o Istro, Coes, o comandante das tropas de Mitilene, informa-se se o monarca “aceitaria bem ouvir o parecer de quem lhe quisesse dar uma sugestão”. Dario ouve as recomendações de Coes e diz-lhe para ele mais tarde se apresentar no palácio real para que lhe possa retribuir o seu “bom conselho” com “benfeitorias”;

4.135: Dario coloca em prática o conselho que Góbrias lhe deu, enganando e abandonando os homens mais cansados e aqueles cuja perda seria de importância menor;

4.143: Referência à homenagem prestada por Dario ao persa Megabazo;

4.166: Dario desejava deixar algo para ser mais tarde recordado, que nenhum outro rei tivesse realizado. Assim, resolveu cunhar moeda com ouro purificado o mais possível. O sátrapa Ariandes, à época governador do Egito (nomeado por Cambises), tendo conhecimento da aspiração do soberano, decidiu proceder da mesma forma, mas com prata. Por se ter atrevido a imitá-lo, ousando comparar-se a ele, Dario mandou executar Ariandes, sob o pretexto de uma falsa acusação (como de se revoltar contra ele, acrescenta Heródoto como exemplo);

5.11-12: Mal Dario chegou a Sardes (tendo regressado da Europa), chamou Histieu de Mileto e Coes de Mitilene para os recompensar pelos serviços prestados. O soberano dá-lhes a escolher a compensação que desejam e satisfaz ambos os seus pedidos (ao primeiro, que já era tirano de Mileto, é lhe concedida a tirania de Mírcino dos Edonos e, ao segundo, é atribuída a tirania de Mitilene);

5.23-24: Megabazo chama a atenção de Dario de que a recompensa que atribuiu a Histieu, pode ser usada por este para outros fins que vão contra os interesses do rei e que, se Dario não o impedir agora, ainda pode vir a enfrentar uma “guerra à porta de casa”. Megabazo oferece-lhe ainda o seu conselho sobre a maneira como Dario deve proceder, tendo em conta a situação. O soberano é facilmente convencido pelas palavras de Megabazo, uma vez que a sua previsão daquilo que poderia vir a acontecer estava certa. Dario põe então em prática a recomendação dada, acabando por promover Histieu ao cargo de conselheiro régio na corte de Susa (onde o podia manter “debaixo de olho”);

5.106-107: Dario é habilmente enganado por Histieu: embora Histieu seja na verdade aquele que está por detrás do sucedido, ele acusa o rei de ser o responsável pelo desenrolar dos acontecimentos que culminaram com Aristágoras a

mandar atacar Sardes, afirmando que tal assim ocorreu por Dario o ter forçado ao exílio. Persuade assim o monarca, que o deixa partir, recomendando-lhe que regresse, mal tivesse executado as suas ordens¹⁴⁸⁶;

5.116: Breve alusão ao facto de vários generais persas serem casados com filhas de Dario;

6.29-30: Histieu é feito prisioneiro pelos Persas no combate de Malene e levado para Sardes, onde é mandado empalar por Artefrenes (governador de Sardes) e Hárpago (o captor de Histieu). A cabeça do antigo tirano de Mileto é depois embalsamada e enviada para o rei persa, em Susa. Agiram deste modo para evitar que Histieu escapasse e se tornasse de novo influente junto do soberano. Dario ao tomar conhecimento do que se passara, repreende os responsáveis pela morte de Histieu por não lho terem trazido com vida. Ordena que a cabeça dele seja lavada e bem arranjada, dando-lhe depois uma sepultura condigna de um indivíduo que tivesse prestado grandes serviços ao rei e aos Persas;

6.46 e 48.1: Dario requer aos Tásios, que haviam sido submetidos ao seu poder no ano anterior por Mardónio e que eram agora acusados pelos seus vizinhos de tencionarem se insurgir contra o rei, a destruição das suas muralhas e a transferência dos seus navios de guerra para Abdera. Ordens às quais prontamente obedecem;

6.94.1: Influência dos Pisistrátidas junto de Dario, que o incitavam contra os Atenenses;

7.2-3: Antes de partir em campanha contra a Grécia e o Egito, Dario tem o cuidado de nomear um sucessor (como era tradição segundo Heródoto). Apesar da disputa entre os seus filhos Artabazanes e Xerxes, a escolha do rei acaba por recair sobre o último, reconhecendo a justiça do argumento que este lhe apresentara;

7.194: Referência ao episódio em que Dario mandou crucificar Sandoces, considerando o culpado de, enquanto membro dos juízes reais, ter aceitado um suborno para sentenciar injustamente um caso. Todavia, Dario, depois de ponderar melhor o assunto, acaba por libertar Sandoces da pena no último momento, tendo concluído que os seus crimes cometidos contra

¹⁴⁸⁶ Histieu viria mais tarde a fugir, após ter enganado por completo o monarca. *Vide* Hdt. 6.1-2.

	a casa real eram superados pelo bem que ele havia feito e percebendo que ele próprio tinha agido mais com pressa do que com sabedoria.
Xerxes	<p>4.43: Xerxes tencionava punir Sataspes (filho de Teáspis, um Aqueménida, e de uma irmã de Dario; e, portanto, primo do próprio Xerxes), mandando o empalar por ter violado a jovem filha de Zópiro, neta de Megabizo. No entanto, graças ao pedido de clemência da mãe do transgressor, Sataspes é libertado com a missão de circum-navegar a Líbia. Quando ele regressa à corte régia, informa o rei de que não completou a tarefa, dando a justificação de que o barco, a determinada altura, não conseguia avançar mais e tinha parado. Xerxes não acredita nele e, uma vez que ele também não tinha cumprido o serviço de que o incumbira, castigou-o, agindo em conformidade com a primeira sentença que tinha proferido;</p> <p>6.98.3: Significado do nome “Xerxes” na língua grega: “repressor”¹⁴⁸⁷;</p> <p>7.5: Segundo Heródoto, ninguém na Pérsia tinha mais influência junto de Xerxes do que o seu primo, Mardónio, filho de Góbrias e da irmã de Dario;</p> <p>7.6: Xerxes é ludibriado e influenciado pelos seguintes indivíduos presentes na sua corte, em Susa: Onomácrito e os seus oráculos, os Pisistrátidas e os <i>Aleuadae</i>;</p> <p>7.8: Antes de se lançar na campanha contra Atenas, Xerxes reúne a elite dos Persas em conselho. Declara que oferecerá as mais prestigiadas recompensas a quem, chegada a hora, se apresentar com o contingente de homens mais bem preparado;</p> <p>7.29: Xerxes, encantado com a receção dada ao seu exército pelo lídio Pítio e pela sua generosa oferta, resolve recompensá-lo. Concede-lhe a honra de ser seu hóspede¹⁴⁸⁸ e ainda o presenteia;</p>

¹⁴⁸⁷ Refira-se que, neste passo, Heródoto também faz menção ao nome do filho de Xerxes, “Artaxerxes”, atribuindo-lhe o significado de “grande repressor”.

¹⁴⁸⁸ Tradução nossa do termo “guest-friend”. Veja-se WATERFIELD, Robin e DEWALD, Carolyn (2008), *op. cit.*, p. 418.

7.35: Ao saber da destruição da ponte, que mandara erguer sobre o Helesponto, Xerxes ordena a decapitação dos supervisores da construção da mesma;

7.38: Perante o favor solicitado por Pítio de lhe deixar o seu filho mais velho e de o não levar para a guerra, Xerxes fica enraivecido e pergunta-lhe como é que ele se atreve a fazer tal pedido, se ele não é nada mais do que seu escravo. Considerando o seu comportamento como ofensivo, o rei decreta que ele receberá menos do que o que merece e que, embora os laços da hospitalidade o protejam e aos seus quatro filhos mais novos, ele pagará pela sua atitude com a vida do filho mais velho. Ordena aos seus homens que o último seja cortado ao meio e as suas partes dispostas de cada lado da estrada, sendo que o exército deveria passar pelo meio destas;

7.52: Xerxes nomeia o seu tio Artabano como protetor e guardião do seu reino, enviando-o para a Pérsia;

7.53: Xerxes convoca uma reunião dos Persas mais distintos antes da travessia do Helesponto para a Europa;

7.106: Sendo considerado por Xerxes como o melhor dos governadores apontados por ele ou por seu pai, Mascames recebia dádivas do rei todos os anos. Este costume prolongou-se durante o reinado de Artaxerxes, sucessor de Xerxes, que lhe deu continuidade através das ofertas com que agraciava os seus filhos;

7.107: Xerxes concede honras aos filhos do falecido Boges que ficaram na Pérsia. O monarca nunca deixou de louvar e enaltecer a memória de Boges;

7.116: Oferta de presentes e celebração de um pacto de hospitalidade entre Xerxes e os *Acanthians*, pelo seu entusiasmo demonstrado com a guerra e o seu trabalho a escavar o canal;

7.117: Luto de Xerxes pela morte de *Artachaees*, um persa que o rei tinha em grande consideração. Xerxes fica profundamente perturbado com a morte deste indivíduo e certifica-se de que ele tem um funeral e enterramento magníficos;

7.119: Breve descrição da preparação, com meses de antecedência, que era feita para receber o rei persa e o seu exército nos locais de passagem da campanha. Distinção entre os preparativos realizados para acolher Xerxes e os que visavam o seu exército: para a refeição do rei era posta uma mesa com serviços de prata e ouro, enquanto que para o exército apenas era fornecida a comida; era ainda erguido um pavilhão, que se destinava a servir de ponto de descanso para o soberano, por contraste com as tropas que ficavam ao relento¹⁴⁸⁹;

7.237: Xerxes explicita que um hóspede¹⁴⁹⁰ deve desejar o sucesso do outro (com quem mantém a relação de hospitalidade) e, se lhe for pedido conselho, é suposto dar o seu melhor para ajudar. Declara que Demarato possui esse estatuto e, por isso, ordena que de futuro todos se abstenham de falar mal dele;

8.65: Demarato diz a Diceu que não conte a mais ninguém o significado do cântico divino vindo de Elêusis, que anuncia a desgraça que se vai abater sobre o exército persa, pois se essa história alcançasse os ouvidos do rei, Diceu ficaria sem cabeça;

8.67-69: Xerxes deseja saber as opiniões das tripulações da sua armada. Para esse efeito, é convocada uma reunião na qual marcam presença os tiranos de cada povo e os comandantes dos navios, que se sentam nos lugares hierarquicamente, segundo a honra que o rei lhes atribuía (o monarca ocupava o assento principal, como seria de esperar, sendo seguido pelo rei de Sídon, depois vinha o soberano de Tírio e só de seguida se sentavam os restantes). Com o objetivo de pôr aqueles que estavam presentes à prova, Xerxes ordena a Mardónio que os questione sobre se um combate naval devia ser travado. Este dirige a pergunta primeiramente ao rei de Sídon, fazendo-a circular depois pelos restantes. Entre os aliados que o soberano mais prezava, encontrava-se Artemísia, que se pronunciou contra a ideia de um confronto marítimo. Ao

¹⁴⁸⁹ A propósito das refeições do rei, pode ser também referido o passo em que Heródoto nos relata, de maneira anedótica, o número de vezes que Xerxes comia ao dia: cf. Hdt. 7.120.

¹⁴⁹⁰ Tradução nossa do termo “guest-friend”. Veja-se WATERFIELD, Robin e DEWALD, Carolyn (2008), *op. cit.*, p. 487.

falar assim, ela não despertou a má vontade do rei, como alguns pensaram que poderia acontecer, antes pelo contrário a sua opinião foi a que mais agradou a Xerxes, que a passou a ter ainda em maior consideração do que antes¹⁴⁹¹. No entanto, no final da reunião, ele optou pelo parecer da maioria, que incitava à batalha no mar;

8.85.2: Referência à nomeação do trierarca, Teomestor, como tirano de Samos pelo seu desempenho em batalha e ao facto do comandante Filaco ter sido inscrito entre os “evergetas” do rei, sendo lhe concedido um grande domínio;

8.90.4: Durante o confronto de Salamina, Xerxes encontrava-se no monte Egáleo, donde observava a batalha e sempre que via algum dos seus homens distinguir-se no combate, informava-se sobre ele e os seus escribas registavam o nome do pai e da cidade do respetivo trierarca;

8.98-100: Enquanto planeia fugir, Xerxes envia um mensageiro a Susa a dar conta da situação e da forma como a batalha de Salamina se saldara. Referência à reação dos Persas, em Susa, à primeira mensagem que havia sido mandada pelo rei aquando do sucesso verificado nas Termópilas e à reação à última mensagem do soberano. Atribuem a culpa do desastre de Salamina a Mardónio, no meio de lamentos, sendo que só a futura chegada de Xerxes a Susa viria a tranquilizar os ânimos dos Persas;

8.101-102: Depois de ouvir a sugestão de Mardónio, Xerxes informa-o de que vai refletir sobre o assunto. Reúne-se com os conselheiros persas para deliberar a questão. Porém revela especial interesse em saber o conselho de Artemísia, ao ponto de ordenar a saída de todos os outros conselheiros e até mesmo da sua guarda pessoal, quando esta chega. Ao ouvir o parecer de Artemísia, Xerxes alegra-se, pois esta dissera-lhe precisamente aquilo que ele próprio pensava. Cumula Artemísia de elogios e confia-lhe os seus próprios filhos ilegítimos, que o haviam acompanhado na campanha, enviando-a para Éfeso com eles;

¹⁴⁹¹ Heródoto faz pela primeira vez menção a Artemísia, referindo que o seu esquadrão naval era o segundo mais famoso de toda a armada, logo depois do de Sídon. O autor assevera que nenhum dos aliados de Xerxes lhe terá dado melhor conselho do que ela. Cf. Hdt. 7.99.

8.104: Xerxes envia Hermótimo, um eunuco que detinha uma posição de proeminência junto do rei (cf. 8. 105, em que Heródoto nos informa de que Hermótimo se havia tornado no mais respeitado dos eunucos junto de Xerxes), para velar pelos seus filhos bastardos, que iam com Artemísia;

9.107: Xerxes recompensa Xenágoras por ter salvo a vida do seu irmão Masistes, dando-lhe o governo da Cilícia;

9.113: Ao descobrir a esposa mandada desfigurar por Artémis, Masistes juntamente com os filhos, põe-se a caminho da província de Bácia, da qual era governador, com o objetivo de se revoltar contra o rei, seu irmão. Contudo, Xerxes percebendo as suas intenções, envia um contingente para o interceptar, chacinando-o, aos seus filhos e às tropas que seguiam com eles;

9.116: Xerxes é enganado por Artaíctes, governador corrupto de uma das suas províncias, que consegue roubar, com a permissão do rei, o tesouro de Protesilau, que se encontrava guardado num santuário em *Elaeus*.

Tabela 2.7. Caracterização política a nível externo do Rei da Pérsia em Heródoto¹⁴⁹²

	Referências em Hdt.
Ciro	<p>1.86.6: Ciro reflete melhor e decide salvar Creso da pira;</p> <p>1.88.1 e 155: Atitude de Ciro para com Creso, depois do monarca se arrepender e salvar o lídio das chamas: Creso passa a assumir junto do rei o papel de conselheiro;</p> <p>1.130.3: Após derrotar Astíages em batalha, Ciro manteve-o junto de si até à morte, “sem lhe causar qualquer mal”;</p> <p>1.141: Cólera de Ciro e sua postura face à atitude dos Iónios e dos Eólios, que, após a queda da Lídia, apressaram-se a ir prestar-lhe vassalagem (sendo que, anteriormente tinham recusado a proposta de Ciro de se revoltarem contra os Lídios). Em resposta à solicitação feita por estes povos, por intermédio de emissários, Ciro conta a chamada “fábula dos peixes”;</p> <p>1.153: Ciro afirma que não tem receio dos Espartanos e chega mesmo a ameaçá-los. Reprova a criação grega de locais próprios para a realização de comércio, que julga servirem para os indivíduos se enganarem uns aos outros e serem ludibriados;</p> <p>1.155-156: Reação encolerizada de Ciro face à traição de Páctias, que incentivara a revolta dos Lídios, após a partida do monarca persa de Sardes. Ciro conversa com Creso, com a finalidade de obter conselho sobre como deve agir. Ciro dá ouvidos ao conselho de Creso e coloca-o em prática;</p> <p>1.183.2-3: Menção da existência de uma estátua de ouro com doze polegadas de altura num templo da Babilónia durante o reinado de Ciro (subentende-se, portanto, que, quando conquistou a cidade, Ciro não retirou essa mesma estátua).</p>
Cambises	<p>3.13.3-4: Reação de indignação de Cambises perante os presentes “insignificantes” enviados pelos habitantes de Cirene, que tal como os Líbios e os habitantes de Barca, atemorizados, se renderam ao rei persa, aceitando pagar-lhe tributo;</p>

¹⁴⁹² A categoria da caracterização política externa incide, nomeadamente, sobre a atitude do rei persa para com outros povos e para com inimigos e sobre a sua postura em termos diplomáticos.

	<p>3.14-15: Atitude de Cambises para com Psaménito III após a sua captura. Inicialmente, disposto a ultrajar o antigo faraó do Egito, Cambises fá-lo passar por provas de resistência, que incluem a humilhação da sua filha, reduzida à condição de escrava, e a condenação do seu filho à morte. Porém, a dada altura, Cambises é assaltado por um sentimento de piedade (após Psaménito ter explicado o porquê de lamentar a infelicidade do seu amigo idoso que se tornara um mendigo e não o infortúnio de ambos os filhos), que o leva a ordenar que seja impedida a morte do filho (a ordem chega, no entanto, tarde de mais, a execução já tinha tido lugar). Cambises decide ainda privilegiar Psaménito, mantendo-o junto de si e não cometendo contra ele mais nenhuma violência. Contudo, Psaménito foi posteriormente descoberto a incentivar os egípcios a se rebelarem. Por conseguinte, foi sentenciado a beber sangue de toiro, morrendo desta forma;</p> <p>3.27: Cambises condena os prefeitos de Mênfis à morte, com base num “pretexto de falsas declarações”;</p> <p>3.28-29: Cambises atinge o deus Ápis na coxa, provocando a morte do último. Ordena que os sacerdotes sejam chicoteados e o assassinato de todos os Egípcios encontrados a festejar;</p> <p>3.37: Em Mênfis, Cambises procede à violação de túmulos antigos e observação dos cadáveres, ri da estátua do deus no santuário de Hefesto (Ptah) e, entra no templo dos Cabiros (só ao sacerdote era permitida a entrada neste lugar sagrado), onde troça das estátuas para depois ainda as queimar;</p> <p>3.88.1: Breve alusão aos laços de hospitalidade que se estabeleceram entre Cambises e os Árabes.</p>
Dario	<p>3.134: Conversa de Atossa com Dario no leito, durante a qual a rainha, seguindo as indicações de Democedes, relembra ao marido a importância de conquistar novos territórios e de alargar as fronteiras do império para a consolidação do seu poder. Dario concorda com a esposa, confidenciando-lhe que aquilo que ela dissera, já ele concebera fazê-lo em pensamentos e conta-lhe os seus planos de construção de uma ponte para unir a Ásia à Europa e de uma campanha contra os Citas, que tencionava realizar brevemente. Atossa procura então dissuadi-lo de atacar a Cítia e convencê-lo a empreender uma expedição contra a Grécia em primeiro lugar, pois ambiciona ter ao seu serviço servas da Lacedemónia,</p>

de Argos e de Corinto. Sugere ainda que Democedes, conhecedor do território, pode servir de guia. Tendo então em conta a opinião de Atossa de que deveria avançar primeiro sobre a Grécia, Dario resolve enviar espiões acompanhados por Democedes para obterem informações acerca desse povo antes de lhe declarar guerra;

3.138: Dario mostra-se disposto a dar a Gilo, um exilado de Tarento, o que quer ele desejasse como recompensa por ter salvo e auxiliado os seus espiões (que haviam sido abandonados por Democedes) a regressar à corte. Gilo solicita então o retorno à sua terra, pedindo para ser acompanhado por alguns Cnídios, visando assim garantir a segurança da viagem. Dario cumpre então a sua palavra, enviando a Cnido um mensageiro com ordens para assim ser feito. No entanto, chegados ao destino, os Tarentinos não se revelaram propensos a receber de volta Gilo, que anteriormente haviam desterrado;

3.139-141 e 149: Dario recompensa Silosonte pela generosidade que manifestou ao dar-lhe o seu manto vermelho quando ele ainda não havia assumido o trono e era apenas um guarda-costas de Cambises (“um homem de somenos importância”) durante a expedição no Egito. Propõe-se oferecer-lhe grandes quantidades de ouro e prata, mas não era esse o desejo de Solisonte, que lhe pede antes ajuda para recuperar o governo de Samos (que após a morte de Polícrates, seu irmão, tinha caído nas mãos de um seu antigo escravo) para si “sem que haja morticínio ou escravidão”. O soberano acede e envia Otanes com um exército para satisfazerem o pedido de Silosonte. A ilha viria a ser entregue a Silosonte, mas “quase sem habitantes”¹⁴⁹³;

4.44: Segundo Heródoto, Dario descobriu a maior parte da Ásia. Desejando adquirir informação sobre o local em que o rio Indo desaguava no mar, o soberano encarregou alguns homens de confiança de a obter. Os últimos exploraram então a rota de navegação que começava na cidade de Caspatiro e terminava no mar de Eritreia, finda a qual Dario subjugou os Indos, passando a ter essa rota marítima à sua disposição;

¹⁴⁹³ Heródoto tem, porém, o cuidado de explicitar que Dario dera instruções claras a Otanes para que nenhum Sâmio fosse morto ou escravizado, devendo a cidade ser restituída ilesa, mas este não as cumpriu. Cf. Hdt. 3.147.

4.167: Alusão feita por Heródoto ao facto de, na sua opinião, o auxílio militar prestado pelo sátrapa Ariandes a Feretima (que desejava vingar o filho Arcesilau, o qual havia prestado outrora bons serviços a Cambises. Cf. 4. 165.2) para atacar Barce, visar em última instância a conquista persa da Líbia. Acrescenta ainda que eram poucos os povos da Líbia que eram súbditos de Dario na altura;

4.204: Após Barce ter sido tomada com o auxílio dos Persas e Feretima ter tido a sua vingança, os Barceus que tinham sido feitos escravos foram deportados para a corte régia persa, onde Dario lhes outorgou o direito de habitarem uma determinada área da Bácia, a que eles atribuíram o nome da sua antiga terra;

5.12-15: Tendo assistido ao ardid organizado por dois Peónios que pretendiam tornar-se tiranos da Peónia, Dario fica espantado ao ver as tarefas que eles tinham mandado a irmã deles fazer. Deixa-se então tomar pelo desejo de encomendar, por carta, a Megabazo a subjugação desse território, bem como a transferência do povo peónio da Europa para a Ásia. Foram então desalojados e transferidos para a Ásia não só os Peónios, mas também os Siriopeónios, os Péoples e todos os povos que habitavam as regiões até ao lago Prásias;

5.105: Diz-se que Dario ao tomar conhecimento do incêndio de Sardes às mãos dos Iónios e dos Atenienses, num ataque projetado por Aristágoras de Mileto, a sua primeira reação consistiu em não fazer nada contra os Iónios, sabendo que eles não escapariam impunes. Contudo, conta-se também que, no momento em que Dario foi informado destes eventos, terá pegado num arco e lançado uma flecha em direção ao céu, pedindo a Zeus que lhe permitisse vingar-se dos Atenienses. Ordenou depois a um dos seus servos que o lembrasse dos Atenienses, cada vez que lhe servisse uma refeição;

6.13.1: Alusão ao poderio do rei persa, que aparentava ser impossível de superar, de tal forma, que constitui uma das razões pelas quais os Sâmios resolvem abandonar a aliança dos Iónios;

6.18-20: Conquista de Mileto pelos Persas, que escravizam a cidade, inclusive as mulheres e crianças; matam a maior parte dos homens; e, além disso, incendeiam o santuário de Dídima, mas não sem antes o pilharem. Os Milésios capturados

vivos são levados para Susa. Dario, sem atentar mais nenhum malefício contra os Milésios, manda-os instalar na cidade de Ampe, nas margens do Mar Eritreu. Ocupação do território de Mileto por Persas, nas regiões circundantes da cidade e na planície, sendo concedidas aos Cários de Pedasa as zonas mais altas;

6.24: Cites, antigo rei dos Zânclios (cuja cidade fora ocupada pelos Sâmios e a grande parte da população fora escravizada) é acolhido na corte persa. Dario considera-o o indivíduo mais justo de todos aqueles que já tinham vindo da Grécia para a sua corte, pois terá ido à Sicília com a sua permissão e terá regressado, permanecendo junto do monarca persa até ao fim dos seus dias (Heródoto conta que Cites foi de facto muito feliz entre os Persas);

6.25.2: Incêndio de todas as cidades e os templos de todos aqueles que se haviam revoltado contra Dario, à exceção de Samos;

6.41.2-4: Captura de Metíoco, o filho mais velho de Milcíades, pelos Fenícios que o levam à presença de Dario, na esperança de serem recompensados (Milcíades, aquando da campanha contra os Citas, terá incitado os outros Iónios a proceder conforme a sugestão dos Citas e a destruir a ponte que permitia aos Persas regressar). O soberano não lhe fez nenhum mal. Antes pelo contrário, concedeu-lhe muitos bens, agraciando-o com uma casa, uma propriedade e uma mulher persa, com a qual veio a ter filhos, que foram tratados como Persas;

6.48-49: Envio de arautos por Dario com a missão de solicitarem terra e água nas diferentes regiões da Grécia. O soberano visava deste modo descortinar os intentos dos Gregos por esta altura: se tencionavam se render ou fazer guerra contra ele. Em simultâneo, envia mensageiros em direção à zona litoral visando a transmissão de ordens para que sejam construídos barcos de grande porte e de navios preparados para o transporte de cavalos. Ao primeiro pedido, muitos dos Gregos quer do continente, quer das ilhas, oferecem terra e água. Os habitantes das cidades litorais, por sua vez, principiam os preparativos requeridos pelo rei;

	<p>6.70: Relato de como Demarato acabou por sair de Esparta e se refugiar na corte de Dario, onde além de ser acolhido pelo monarca com grande liberalidade, também recebeu deste a concessão de terras e cidades;</p> <p>6.119: Embora Dario guardasse um profundo ressentimento contra os Erétrios, quando estes são trazidos para Susa por Dátis e Artafrenes, Dario ao vê-los, submissos à sua autoridade, não pondera mais nenhum castigo. Ordena simplesmente que se instalem em Arderica, uma propriedade sua que se situava na região da Císsia. Heródoto informa-nos ainda que durante o seu tempo de vida os Erétrios continuaram a habitar este território e que mantiveram a sua antiga língua.</p>
Xerxes	<p>4.43: No reinado de Xerxes, Sataspes é enviado com a missão de circum-navegar a Líbia, como pena, sugerida pela própria mãe de Sataspes (irmã de Dario), pelo crime que cometeu. Ele não cumpre, no entanto, esta sentença, acabando por ser empalado, de acordo com a punição inicialmente ditada por Xerxes;</p> <p>7.8: No seu discurso proferido perante o conselho dos Persas, Xerxes faz menção do costume persa, principiado no reinado de Ciro, de fazer guerra e de expandir o domínio territorial persa. Xerxes declara ainda que desde que assumiu o poder, tem-se questionado como poderia aumentar o império tanto quanto os seus antecessores;</p> <p>7.50: Dissertação de Xerxes sobre a importância que arriscar para se alcançar grandes feitos detém na política persa. Afirma que foi, graças a esta mentalidade, que os reis do passado, obtiveram uma posição de poder para a Pérsia;</p> <p>7.133-136: Xerxes age com magnanimidade relativamente aos voluntários espartanos que vêm-lhe oferecer as suas vidas como sacrifício para compensar a morte dos embaixadores persas (estes últimos haviam sido enviados a Atenas e Esparta, no tempo de Dario, e maltratos nestas terras). O rei persa declara que, ao contrário dos Espartanos, ele não tenciona quebrar o princípio universal da imunidade diplomática e que, além disso, não libertará os Lacedemónios da sua culpa;</p> <p>8.50: O contingente do exército liderado por Xerxes incendeia Téspias e Plateias por ter sido informado pelos Tebanos de que estas cidades não apoiavam os Medos;</p> <p>8.53.2: Saque de Atenas pelas tropas de Xerxes, que incendeiam a Acrópole depois de terem pilhado o templo;</p>

<p>8.120: Xerxes estabelece relações de hospitalidade com Abdera, quando aporta neste local durante a sua viagem de regresso, e presenteia os seus habitantes com uma espada de ouro e uma tiara tecida também em ouro.</p>
--

Tabela 2.8. Faceta privada do Rei da Pérsia em Heródoto¹⁴⁹⁴

	Referências em Hdt.
Ciro	—
Cambises	<p>3.30.1: Razão de ter inveja do seu irmão, Esmérdis, aquando da campanha no Egito, que o leva a ordenar o regresso deste à Pérsia;</p> <p>3.30.2-3: 1.^a atrocidade cometida por Cambises contra os seus familiares após ter enlouquecido: manda assassinar o próprio irmão, Esmérdis, após ter tido um sonho profético, que originou o seu receio de Esmérdis poder vir a matá-lo e a apoderar-se do trono;</p> <p>3.31.2: Cambises apaixona-se por uma das suas irmãs;</p> <p>3.31.6: Cambises casa com a irmã por quem estava apaixonado, e, mais tarde, também com outra das suas irmãs;</p> <p>3.31-32: 2.^a atrocidade cometida por Cambises contra os seus familiares após ter enlouquecido: assassina a sua irmã e esposa;</p> <p>3.64.1-2: Cambises toma consciência de que a morte do seu irmão foi em vão, após entender o verdadeiro significado do seu sonho, e lamenta Esmérdis.</p>
Dario	<p>3.134: Conversa de Atossa com Dario no leito, durante a qual a rainha, seguindo as indicações de Democedes, lembra ao marido a importância de conquistar novos territórios e de alargar as fronteiras do império para a consolidação do seu poder. Dario concorda com a esposa, confidenciando-lhe que aquilo que ela dissera, já ele concebera fazê-lo em pensamentos e conta-lhe os seus planos de construção de uma ponte para unir a Ásia à Europa e de uma campanha contra os Cítas, que tencionava realizar brevemente. Atossa procura então dissuadi-lo de atacar a Cítia e convencê-lo a</p>

¹⁴⁹⁴ Esta categoria de caracterização incide, em especial, na faceta mais íntima do monarca, nomeadamente no que diz respeito às suas relações familiares.

	<p>empreender uma expedição contra a Grécia em primeiro lugar, pois ambiciona ter ao seu serviço servas da Lacedemónia, de Argos e de Corinto. Sugere ainda que Democedes, conhecedor do território, pode servir de guia. Tendo então em conta a opinião de Atossa de que deveria avançar primeiro sobre a Grécia, Dario resolve enviar espiões acompanhados por Democedes para obterem informações acerca desse povo antes de lhe declarar guerra;</p> <p>7.2-3: Antes de partir em campanha contra a Grécia e o Egito, Dario tem o cuidado de nomear um sucessor (como era tradição segundo Heródoto). Apesar da disputa entre os seus filhos Artabazanes e Xerxes, a escolha do rei acaba por recair sobre o último, reconhecendo a justiça do argumento que este lhe apresentara. Heródoto salienta que, na sua opinião, Xerxes teria sido proclamado rei, mesmo sem o argumento que expusera, pois Atossa, sua mãe e filha de Ciro, era todopoderosa.</p>
Xerxes	<p>7.5: Segundo Heródoto, ninguém na Pérsia tinha mais influência junto de Xerxes do que o seu primo, Mardónio;</p> <p>9.108-113: Xerxes apaixona-se pela esposa do seu irmão Masistes, mas rapidamente começa a desejar a sua sobrinha Artainte (filha de Masistes e da referida esposa), a qual entretanto casara com o próprio filho de Xerxes, Dario. Essa união tinha sido organizada e incentivada por Xerxes, com a perspectiva, na altura, de obter uma melhor oportunidade para seduzir a mãe da moça. Apesar do insucesso que teve em levar os seus intentos em frente com a mulher de Masistes, o monarca obtém o êxito desejado com Artainte. Porém, a mulher de Xerxes, Améstris, acaba por descobrir o caso amoroso do marido. Ela atribuí, no entanto, as culpas, não a Artainte, mas sim à sua mãe e arquiteta um plano de vingança contra esta. Assim, quando chega o dia de aniversário do rei, pede a Xerxes como presente a mulher do seu irmão. Embora o soberano fique horrorizado com o pedido, suspeitando logo das intenções de Améstris, acaba por aceder com extrema relutância à sua solicitação, pois era obrigado a isso pela tradição do dia do banquete real. Xerxes entregou, deste modo, a inocente mulher do irmão nas mãos vingativas de Améstris. O rei resolve então chamar Masistes, oferece-lhe a mão da sua filha em casamento e ordena-lhe que se separe da sua esposa atual. Ao ouvir a recusa do irmão, Xerxes, zangado,</p>

retira a sua proposta de matrimónio. Decreta ainda que Masistes jamais viverá com a mulher, asseverando ao irmão que isso o ensinará a aceitar o que lhe é oferecido. Entretanto, Masistes encontra a esposa mandada desfigurar por Artémis e juntamente com os filhos, põe-se a caminho da província de Bácia, da qual era governador. O seu objetivo era revoltar-se contra Xerxes. Contudo, o irmão percebendo as suas intenções, enviou um contingente para o interceptar, chacinando-o, aos seus filhos e às tropas que seguiam com eles.

Tabela 2.9. Referências gerais à figura do Rei da Pérsia em Heródoto

	Referências em Hdt.
Rei da Pérsia	<p>1.125.3: Heródoto informa que das tribos existentes entre os Persas, a de Pasárgadas é considerada a mais nobre e é no seio desta que podemos encontrar o clã dos Aqueménidas donde provém os “soberanos Persidas”;</p> <p>1.137.1: O monarca não podia condenar ninguém à morte por um único crime;</p> <p>3.15.2: Hábito dos Persas de prestigiar os filhos de reis estrangeiros;</p> <p>3.21-22: Presentes oferecidos pelo rei persa ao dos Etíopes, “de cujo uso ele próprio tira o maior prazer”: veste de púrpura; ouro, colar e pulseiras; perfume; e vinho;</p> <p>3.31.4: Existência de uma lei que afirma que o rei dos Persas pode atuar, segundo a sua vontade e desejo;</p> <p>3.68.2: O rei costumava sair do palácio e chamar à sua presença os Persas mais prestigiados (como o comportamento do Mago, quando usurpou o poder, era contrário a estas normas habituais, tornou-se suspeito aos olhos de Otanes);</p> <p>3.80: Crítica de Otanes à monarquia, cujo governante tem a potencialidade para se tornar num mau tirano;</p> <p>3.81.2: Referência à insolência como característica de um tirano patente no discurso de Megabizo;</p> <p>3.82.1-2: Características positivas de um bom governo monárquico;</p> <p>3.134.1-3: Alusão à importância na ideologia política persa de conquistar novos territórios e de alargar as fronteiras do império para a consolidação do poder régio;</p> <p>6.59: Era costume entre os Persas, quando o sucessor do falecido soberano assumia o poder, o novo rei liberar aqueles que tinham alguma forma de dívida para com a autoridade régia ou o Estado (esta prática é, segundo Heródoto, semelhante à instituída entre os Espartanos), o que incluía o desconto do tributo devido pelas cidades no reinado anterior;</p>

7.8: Referência à política expansionista dos reis persas (iniciada por Ciro): Xerxes faz menção do costume persa de fazer guerra desde Ciro e de expandir o domínio territorial persa, afirmando que é o deus que os guia naquela direção e que prosperam por seguirem a sua orientação;

7.9: Mardônio apresenta como única razão para a escravização dos povos conquistados pelos monarcas, o desejo de aumento do seu domínio. Mardônio realça ainda que não a subjugação persa de outros povos não se deve ao facto de esses povos lhes terem feito necessariamente algum mal;

7.50: Xerxes disserta sobre a importância na política persa de arriscar para se alcançar grandes feitos. Afirma que foi, graças a esta mentalidade, que os reis do passado, obtiveram uma posição de poder para a Pérsia;

8.120: Referência ao uso de um cinturão pelo Grande Rei (neste caso, por Xerxes);

9.110-111: Breve alusão ao banquete real celebrado anualmente em honra do aniversário do monarca persa (segundo Heródoto, este banquete seria denominado pelos Persas de *tukta*). Esta era a única ocasião do ano em que o rei ungia a cabeça com óleo e distribuía presentes pelos Persas. De acordo com a tradição, ele não podia recusar nenhum pedido que lhe fosse feito no dia do banquete real;

9.109: Presentes que Xerxes se dispôs a oferecer a Artánte: cidades, ouro sem limites e a chefia de um exército, sendo o último referido como um “típico presente persa”;

9.122: Alusão à origem divina do poder supremo que foi conferido aos Persas por Zeus, mais particularmente a Ciro.

APÊNDICE 3. A visão do “Outro” Persa em *Persas* de Ésquilo¹⁴⁹⁵

Localização na fonte	Descrição do excerto
v.9	Descrição do exército persa “todo luzente de ouro”.
vv.65-67	Exército do rei: destruidor de cidades.
v.78	Alusão à origem mitológica e genealógica do rei e povo persas ¹⁴⁹⁶ .
vv.84-86	Referência ao uso do arco pelos Persas no combate ¹⁴⁹⁷ .
vv.91-92	“Povo de coração valoroso”.
vv.140-146	Alusão à origem mitológica do nome e ascendência da raça persa ¹⁴⁹⁸ .
vv.180-196	Descrição da reação e atitude persa no sonho de Atossa.
vv.230-244	Questionário da Rainha ao Coro sobre Atenas: pergunta sobre o número de efetivos do exército ¹⁴⁹⁹ , da riqueza da cidade, do armamento dos soldados e do seu líder.
v.250	Pérsia: “porto imenso de riqueza”.
vv.274-277	Menção às largas vestes militares dos Persas.
vv.532-534	Referência ao “exército dos gloriosos e inumeráveis Persas”.
vv.535-540	Breve descrição do luto das mulheres persas.
vv.541-545	Breve alusão ao leito luxuoso de um jovem casal persa.
vv.591-594	Referência à falta de liberdade de expressão do povo persa.
vv.1038-1076	Descrição do luto persa.

¹⁴⁹⁵ Esta tabela foi elaborada com base na nossa análise do texto dos *Persas* de Ésquilo. Para a sua conceção utilizámos a seguinte edição: PULQUÉRIO, Manuel de Oliveira (1998), *op. cit.* Visando uma indicação mais rigorosa da localização na fonte dos versos referidos na presente tabela, acompanhámos a consulta da já mencionada tradução portuguesa pela consulta da seguinte edição bilingue: SOMMERSTEIN, Alan H. (2009), *op. cit.*, pp. 14-137.

¹⁴⁹⁶ Esta alusão encontra-se patente no uso da expressão referente a Xerxes, designando-o de “filho da chuva de ouro”, o que nos remete para o mito de Perseu, que nasceu da união entre Dânae e Zeus, sendo que o último assumiu a forma de uma chuva de ouro no momento da sua conceção. Os Persas eram considerados como descendentes do referido Perseu. *Vide* PULQUÉRIO, Manuel de Oliveira (1998), *op. cit.*, p. 21, nota 10.

¹⁴⁹⁷ O autor procura realçar várias vezes ao longo da peça o contraste entre a forma de combate dos Persas e a dos Gregos: enquanto que os primeiros utilizam o arco e lutam de longe, os segundos empunham a lança (a arma do hoplita grego), lutando corpo a corpo. A última técnica de combate era para os Helenos a mais heroica. Veja-se PULQUÉRIO, Manuel de Oliveira (1998), *op. cit.*, p. 22, nota 11.

¹⁴⁹⁸ O coro refere-se a Xerxes como o “filho de Dario, descendente daquele a quem a nossa raça deve o nome”, isto é, Perseu. Veja-se acima a nota 2.

¹⁴⁹⁹ Saliente-se que a valorização persa da quantidade é uma ideia reforçada várias vezes ao longo do texto desta tragédia, bem como o grande número de efetivos que compõe o exército persa.

APÊNDICE 4. A visão do “Outro” Persa em Heródoto¹⁵⁰⁰

Localização na fonte	Descrição do excerto
1.71.3-4 e 1.89.2	Retrato dos Persas antes da conquista da Lídia por Ciro II/Natureza primitiva dos Persas.
1.125.3	Alusão à existência de uma divisão por tribos entre os Persas.
1.131-132	Práticas persas do culto das divindades.
1.133.1-3	Celebração e descrição da refeição típica do dia de aniversário de um indivíduo persa.
1.133.3	Interdição de vomitar ou urinar em público.
1.133.3-4	Importância do vinho para a discussão e tomada de decisões.
1.134.1-3	Modo de cumprimentar dos Persas. Autoestima e relação com os outros. Hierarquia social entre os Persas
1.135	Adoção persa de costumes estrangeiros. Vestes, pederastia e matrimônio entre os Persas.
1.136.1	Ideais persas de bravura em combate e de ter muita descendência. Conceção persa de que “o número faz a força”.
1.136.2	Educação persa das crianças: “montar a cavalo, atirar com o arco e dizer a verdade”.
1.137	A condenação à morte por um único crime é proibida.
1.138.1	Proibição de falar sobre o que é interdito. As duas coisas que condenam mais: mentir e contrair dívidas.
1.138.2	Veneração dos rios.
1.139	Características dos nomes persas.
1.140	Rituais funerários dos Persas.
3.12	Observações sobre o crânio dos Persas.
3.16.3	Fogo tido como um deus pelos Persas.

¹⁵⁰⁰ Esta tabela foi elaborada com base na nossa análise do texto das *Histórias* de Heródoto. As referências aos Livros 7 e 9 das *Histórias* que podem ser encontradas na presente tabela apoiam-se na nossa tradução da edição inglesa a que recorremos para ambos e para a qual remetemos: WATERFIELD, Robin e DEWALD, Carolyn (2008), *op. cit.* Foram utilizadas, além da mencionada tradução inglesa, as seguintes traduções portuguesas para a sua conceção: FERREIRA, José Ribeiro e SILVA, Maria de Fátima (1994), *op. cit.*; SILVA, Maria de Fátima e GUERREIRO, Cristina Abranches (1997), *op. cit.*; SILVA, Maria de Fátima e SOARES, Carmen Leal (2007), *op. cit.*; FERREIRA, José Ribeiro e LEÃO, Delfim Ferreira (2000), *op. cit.*; e FERREIRA, José Ribeiro e SOARES, Carmen Leal (2002), *op. cit.*

3.22.3-4	Duração máxima da vida humana segundo os Persas ¹⁵⁰¹ .
3.66.1	Luto dos Persas pelo seu rei.
3.69.6	Costume persa de as mulheres dormirem com o marido, uma de cada vez.
3.79.1	Origem da festa das “Magofónias”.
5.18.2	Alegado costume de as concubinas e das esposas legítimas serem chamadas a estar presentes nos grandes banquetes persas ¹⁵⁰² .
5.49.3	Armamento e indumentária militar persas.
5.49.4 e 9.80	Riquezas dos Persas.
6.19.3	Cabelos longos usados pelos Persas.
7.61	Indumentária militar dos Persas. Origem mitológica do nome do povo persa.
7.114	Rito persa de enterramento de pessoas vivas.
7.150	Alusão à origem mitológica e genealógica do povo persa.
7.238	Respeito dos Persas por aqueles que lutam valentemente.
8.98	Sistema de correios inventado pelos Persas.
8.113.3	Adornos usados pelos Persas.
9.107	O pior insulto para os Persas.

¹⁵⁰¹ Confronte-se a duração máxima de vida que Heródoto nos indica para os Persas (oitenta anos) com o limite da vida humana estabelecido pela tradição literária grega (entre os 70 e 80 anos). Veja-se SILVA, Maria de Fátima e GUERREIRO, Cristina Abranches (1997), *op. cit.*, p. 58, nota 71.

¹⁵⁰² O contexto deste passo, que envolve o comportamento indigno de embaixadores persas, os quais, a dada altura, alegam a existência do costume persa das esposas legítimas também serem chamadas a participar nos banquetes, deve ser tido especialmente em conta para a sua interpretação. Como é salientado nas notas da tradução portuguesa do livro 5 de Heródoto, esta conduta seria possivelmente reprovada não só pelos Gregos, mas também pelos Persas, ao que nos leva a crer Plutarco. *Vide* SILVA, Maria de Fátima e SOARES, Carmen Leal (2007), *op. cit.*, p. 71, nota 41.

APÊNDICE 5. Principais atributos dos reis persas em *Persas* de Ésquilo¹⁵⁰³

Caracterização	Ciro	Cambises ¹⁵⁰⁴	Dario	Xerxes
Física	—	—	- figura majestática: imaginado com uma indumentária sumptuosa, própria do seu estatuto régio (657-663)	- olhar temível (pelo menos, no contexto de uma campanha militar) (81-86); - figura poderosa e aterrorizadora (81-86), que evolui para uma figura humilhada e despojada de qualquer vestígio do seu estatuto (1018-1023 e 1030) - jovem (véος, 13)

¹⁵⁰³ Esta tabela constitui, de certa forma, uma síntese, em linhas gerais, dos principais atributos de cada monarca persa analisados e referidos no subcapítulo 3.3 da presente Dissertação. A tabela foi, deste modo, elaborada com base na nossa interpretação e na de vários estudiosos de diferentes passos do texto de Ésquilo (cujos trabalhos de investigação são mencionados ao longo do ponto 3.3 do presente estudo). A seguir à enunciação de cada atributo de cada monarca persa (nas diferentes categorias de caracterização), encontram-se indicados alguns passos da fonte que, pelo menos assim o entendemos, permitem aferir esse aspeto característico do rei persa em análise (nomeadamente, são indicadas as passagens do texto em que consideramos que a característica em causa parece ser mais visível). Para complementar, nalguns casos, acrescentou-se ainda (a seguir à enunciação do atributo em causa) alguns termos gregos e/ou expressões do texto original da fonte que correspondem ou atestam determinada característica do soberano. As características comuns a certos soberanos aqueménidas de *Persas* e de *Histórias* encontram-se sublinhadas e destacadas a negrito na tabela. Mais especificamente, essas características são comuns, pelo menos, à personagem de Dario ou à de Xerxes esquilianos (por vezes, são ainda comuns ao Ciro de Ésquilo) e a, pelo menos, um rei persa de Heródoto (distinto do soberano esquiliano em causa, e, portanto, não correspondente à versão herodotiana equivalente desse monarca de Ésquilo).

¹⁵⁰⁴ Como já foi referido, o nome de Cambises não é sequer mencionado por Ésquilo, que o designa apenas por “o filho de Ciro”. Cf. Aesch., *Pers.*, 773.

<p>Psicológica / Personalidade</p>	<p>- prudente (ὡς εὐφρων ἔφϋ, 772¹⁵⁰⁵)</p>	<p>—</p>	<p>- possuidor de grandes virtudes (ἦ φίλος ἀνήρ, φίλος ὄχθος· φίλα γὰρ κέκευθεν ἦθη, 647-648¹⁵⁰⁶); - prudente (688-693); - sábio (739-751; 818-828; 841-842); - equânime; (ἄμαχος βασιλεὺς, 856) - sensato (688-693)</p>	<p>- temperamento jovem (10-13; 739-752; 782-783); - impetuoso, impulsivo (θούριος Ξέρξης, 718) (73; 718); - excessivamente confiante (350-352; 370-373); - orgulho desmesurado (350-352); - altivo; - arrogante (739-752; 782-783); - ousado (739-752; 829-831); - precipitado e irrefletido (355-373); - imprudente (355-373); - insolente (721-723; 745-750; 829-831);</p>
---	--	----------	---	--

¹⁵⁰⁵ Manuel de Oliveira Pulquério traduz o verso 772 por “os deuses não lhe eram hostis, porque ele era cheio de prudência” (cf. PULQUÉRIO, Manuel de Oliveira (1998), *op. cit.*, p. 51). No entanto, Hall sugere uma outra tradução: “For god hold no grudge against him, since he was of kindly disposition” (veja-se HALL, Edith (1997), *op. cit.*, p. 85). Confronte-se ainda com a tradução apresentada pela Loeb: “God did not hate him, because he was wise”. Cf. SOMMERSTEIN, Alan H. (2009), *op. cit.*, p. 101.

¹⁵⁰⁶ Manuel de Oliveira Pulquério traduz estes versos por “Ó querido herói e querido o túmulo que encerra tão grandes virtudes!”. *Vide* PULQUÉRIO, Manuel de Oliveira (1998), *op. cit.*, p. 44.

				<ul style="list-style-type: none"> - insensato (οὐκ εὐβουλία, 749) (745-751; 829-831); - aspirante a ἀνὴρ (homem; herói) (211-214); - vulnerável a maus conselhos e à influência de outrem (753-758); - cruel (355-373); - deixa-se dominar pelo medo (quando foge de Salamina) (465-470); - carece de ἀνδρεία (coragem)/cobarde (ἀνανδρία, 755) (465-471; 753-758).
Moral ¹⁵⁰⁷	- atitude moderada? (uma vez que era prudente e os deuses não lhe eram hostis) (772)	—	- “pai sem mácula” (πάτερ ἄκακε Δαριάν, 663 e 671);	- atitude imoderada, comete <i>hybris</i> (65-72; 472-477; 721-723; 739-752; 829-831)

¹⁵⁰⁷ Como já aludimos, embora a caracterização moral dos reis persas se encontre intimamente ligada ao seu comportamento, nomeadamente no que diz respeito à sua caracterização psicológica e, em certa medida, à religiosa, optou-se por evidenciar a caracterização moral de cada soberano numa categoria à parte. Procurou-se, deste modo, destacar como é que o monarca é representado, *grosso modo*, em termos morais, dum ponto de vista grego. Assim sendo, à semelhança do que sucede com as tabelas referentes à caracterização moral dos Apêndices 1 e 2, a categoria referente ao carácter moral do rei aqueménida patente nas diferentes tabelas que constituem o presente apêndice e os apêndices 6 e 7 da Dissertação que aqui se apresenta incide, principalmente, sobre os seguintes critérios: se a conduta do monarca revela moderação ou desmesura; o respeito ou desrespeito pelo *nomos*; e o perpetrar de atos ímpios/ofensas contra os deuses.

			<ul style="list-style-type: none"> - tem conhecimento das leis divinas que regem a existência; - atitude moderada (pelo menos, não mostra sinais de moderação) - respeita o <i>nomos</i>¹⁵⁰⁸ (pelo menos, não revela indícios de desrespeito do <i>nomos</i>) 	<ul style="list-style-type: none"> - demonstra falta de entendimento dos princípios divinos regentes do universo (pelo menos, não mede as consequências dos seus atos) (744) - desrespeita o <i>nomos</i> (472-477) - aparenta revelar capacidade de perpetrar atos ímpios (pelo menos, ofende os deuses) (739-750)
Religiosa / Relação com religião persa e/ou outras	<ul style="list-style-type: none"> - afortunado (εὐδαίμων ἀνὴρ, 768) - favorecido pelo divino? (pelo menos, “os deuses não lhe eram hostis”, graças ao seu carácter prudente) (θεὸς γὰρ οὐκ ἤχθηρεν, 772) 	—	<ul style="list-style-type: none"> - carácter quase divino do soberano (τόν τε δαίμονα Δαρεῖον, 620-621; ἰσοδαίμων, 633-634; δαίμονα μεγαυχῆ, 643-644) (156-157; 620-621; 633-634; 	<ul style="list-style-type: none"> - mortal (talvez aspirante a ser divino) (ἰσόθεος φῶς, 80; θνητὸς, 749) (74-80; 157; 739-750¹⁵⁰⁹); - demonstra falta de entendimento dos princípios divinos regentes do universo;

¹⁵⁰⁸ Esclareça-se que na presente tabela, tomamos como referência, em especial, o *nomos* correspondente, duma perspectiva grega, ao conjunto de princípios/leis universais e divinas regentes da existência humana (nomeadamente, se os soberanos em causa adotam uma conduta moderada ou exacerbada, “*hybristica*”).

¹⁵⁰⁹ Como vimos, ao passo que alguns versos fazem-nos inquirir se Xerxes será um aspirante a ser divino, os versos 739-750 explicitam (e parecem até colocar alguma ênfase nisso) o estatuto mortal de Xerxes.

			<p>640-646; 709-714; 852-857)</p> <p>- <u>favorecido pelo divino/conta com o auxílio divino</u> (161-164; 654-655; 709-714)</p> <p>- estatuto poderoso (detém prerrogativas especiais no Hades) (691-692);</p> <p>- reconhece a autoridade daqueles que estão acima da sua condição (pelo menos, na morte) (688-693);</p> <p>- <u>afortunado, bem-aventurado</u> (μακαρίτας [...] βασιλεὺς, 633) (654-655; 709-714)</p> <p>- considerado “feliz” mesmo depois da sua vida ter terminado (709-714);</p> <p>- tem conhecimento das leis divinas que regem a existência</p>	<p>- <u>aparenta revelar capacidade de perpetrar atos ímpios (pelo menos, ofende os deuses)</u> (739-750)</p> <p>- <u>desrespeita o nomos</u> (472-477)</p>
--	--	--	--	---

			- <u>respeita o nomos</u> (pelo menos, não revela indícios de desrespeito do <i>nomos</i>)	
Militar	- <u>obteve êxito em várias campanhas</u> : conquistou a Lídia, a Frígia e subjugou a Iónia (770-771)	- líder militar (τέταρτος ἡῤῥθυνε στρατόν, 773)	- <u>capacidade de liderança militar</u> (forma “inspirada” de comandar o exército em campanha) (652-656); - nunca perdeu os seus homens em vão em guerras ruinsas (652-656); - <u>êxito militar dos exércitos de Dario / sucesso em campanha</u> (754-756; 859-860; 864-903); - assegurava o regresso dos soldados, sem sofrimento, a casa (861-863).	- <u>inaptidão militar / não detém as qualidades de um líder militar</u> - líder impetuoso (θούριος ἄρχων, v. 73) (353-354); - excessivamente confiante e desmesuradamente orgulhoso das suas numerosas hostes (350-352; 353-373); - falta de visão estratégica e incapacidade tática (355-373; 441-471); - falta de previdência (355-373; 454-464); - cobarde (465-471); - <u>fracasso militar em campanha</u> (249-255); - não assegura o regresso dos soldados, sem sofrimento, a casa;

				<p>- <u>menosprezo do inimigo</u> (350-352; 353-373);</p> <p>- não participa diretamente na batalha (465-468).</p>
Política interna	—	<p>- herdeiro de Ciro (Κύρου δὲ παῖς, 773)</p>	<p>- os seus súbditos viam-no como um deus (pelo menos, após a sua morte)?; respeitado e honrado pelos súbditos (em vida e após a morte) (694-706)</p> <p>- <u>proporcionou tempos de prosperidade ao seu país</u> (163-164)</p> <p>- garantiu a boa fortuna e segurança dos seus súbditos (554-557; 852-857)</p> <p>- <u>estimado pelo seu povo</u> (554-557; 647-651)</p> <p>- capaz de inspirar um temor reverente nos seus súbditos (694-706);</p>	<p>- aspirante a ἀνὴρ (homem; herói) (211-214);</p> <p>- <u>demonstra abuso do poder que detém</u> (355-373);</p> <p>- <u>capaz de inspirar medo nos seus súbditos</u> (355-373);</p> <p>- o primeiro, em toda a linha dinástica persa, a causar uma grande desgraça sem precedentes ao país (759-786);</p> <p>- perda significativa de autoridade política (embora a conserve)¹⁵¹⁰ (584-594; 709-714)</p>

¹⁵¹⁰ Como Atossa realça, caso Xerxes fracasse, não tem de prestar contas ao seu povo e continuará a governar. Cf. Aesch., *Pers.*, vv. 211-214.

			<ul style="list-style-type: none"> - relação de Dario com os seus súbditos marcada por um misto de admiração, veneração, respeito e temor reverente para com o monarca; - <u>recordado pelo povo como um governante benigno e ilustre</u> (554-557; 647-651; 852-857) 	
Política externa	<ul style="list-style-type: none"> - garantiu a paz aos seus aliados (“povos amigos”) (768-769) - <u>expansão do seu domínio territorial</u> (conquistou a Lídia, a Frígia e subjugou a Iónia) (770-771) 	—	<ul style="list-style-type: none"> - <u>continuação da expansão do território</u>, “quase sem sair de casa” (754-756; 864-903); - contava com o apoio de um grande número de aliados (901-903) 	<ul style="list-style-type: none"> - <u>tentativa de expansão do domínio territorial herdado</u> (249-255); - a sua política de expansão para a Europa não tem precedentes na política dos seus predecessores (759-786) - interrupção da expansão do território persa
Privada	—	—	—	—

APÊNDICE 6. Principais atributos dos reis persas em Heródoto¹⁵¹¹

Caracterização	Ciro	Cambises ¹⁵¹²	Dario	Xerxes
Física	- Traços fisionômicos semelhantes aos de Astíages (seu avô) (1.116.1)	- a doença de nascença (o chamado “mal sagrado”) afeta o seu corpo (além da mente) (νοῦσον [...] τὴν ἰρήν, 3.33) - jovem ¹⁵¹³ (3.36.1)	- jovem (pelo menos, aquando da sua acessão ao poder) (3.72.1)	- detentor de um porte nobre (κάλλεος τε εἵνεκα καὶ μεγάλθεος, 7.187 ¹⁵¹⁴) - jovem (νεότης ἐπέξεσε, 7.13)
Psicológica/Personalidade	- ponderado (inicialmente) (ἐφρόντιζε ὅτεω τρόπω σοφωτάτω [...] φροντίζων δὲ εὐρίσκειται, 1.125.1)	- temperamento jovem (ἡλικίη καὶ θυμῶ ἐπίτραπε, 3.36.1)	- temperamento jovem (pelo menos, aquando da sua acessão ao poder) (3.72.1)	- temperamento jovem (νεότης ἐπέξεσε, 7.13)

¹⁵¹¹ Esta tabela constitui, de certa forma, uma síntese, em linhas gerais, dos principais atributos de cada monarca persa analisados e referidos no subcapítulo 4.3 da presente Dissertação. A tabela foi, deste modo, elaborada com base na nossa interpretação e na de vários estudiosos de diferentes passos do texto de Heródoto (cujos trabalhos de investigação são mencionados ao longo do ponto 4.3 do presente estudo). A seguir à enunciação de cada atributo de cada personagem régia (nas diferentes categorias de caracterização), encontram-se indicados alguns passos da fonte que, pelo menos assim o entendemos, permitem aferir esse aspeto característico do rei persa em análise (nomeadamente, são indicadas as passagens do texto em que consideramos que a característica em causa parece ser mais visível). Para complementar, nalguns casos, acrescentou-se ainda (a seguir à enunciação do atributo em causa) alguns termos gregos e/ou expressões do texto original da fonte que correspondem ou atestam determinada característica do soberano. As características comuns a certos soberanos aqueménidas de *Persas* e de *Histórias* encontram-se sublinhadas e destacadas a negrito na tabela. Mais especificamente, essas características são comuns, pelo menos, à personagem de Dario ou à de Xerxes esquilianos (por vezes, são ainda comuns ao Ciro de Ésquilo) e a, pelo menos, um rei persa de Heródoto (distinto do soberano esquiliano em causa, e, portanto, não correspondente à versão herodotiana equivalente desse monarca de Ésquilo).

¹⁵¹² Como vimos no subcapítulo 4.3.2 da presente Dissertação, a conduta de Cambises é, no geral, marcada pela *anomía* (imposta pela sua doença). Esta tendência apresentada pelo comportamento deste rei pode ser especialmente notada, na presente tabela, nas áreas de caracterização moral, religiosa, política interna e no que diz respeito à faceta mais íntima e privada do soberano.

¹⁵¹³ À semelhança do que se verifica nos *Persas* de Ésquilo, a juventude dos referidos monarcas herodotianos aparenta estar, de certo modo, particularmente ligada ao seu temperamento jovem, o qual encontra-se frequentemente associado à impetuosidade, inexperiência e ousadia, características dos jovens (segundo uma perspetiva grega).

¹⁵¹⁴ Mais concretamente, Heródoto constata que entre os numerosos participantes da campanha contra a Hélade, não havia um indivíduo mais digno, em termos de beleza e de estatura (κάλλεος τε εἵνεκα καὶ μεγάλθεος), de deter o poder supremo do que Xerxes. Esta afirmação de Heródoto pode ser interpretada como sinal de que Xerxes apresentava um porte nobre, conforme observamos no subcapítulo 4.3.4 do presente estudo. Cf. Hdt. 7.187.

Caracterização	Ciro	Cambises ¹⁵¹²	Dario	Xerxes
	<p>(1.76-77 e 79; 1.86.6), mas posteriormente também revela <u>precipitação e irreflexão</u> (1. 213)</p> <p>- determinado (1.79.1-2)</p> <p>- <u>sensato</u> (inicialmente) (1.79.1-2; 1.86.6; 1.125.1), mas posteriormente também revela <u>insensatez</u> (1.189.2)</p> <p>- <u>prudente</u> (inicialmente) (1.76-77 e 79; 1.125.1; 1.86.6)</p> <p>- corajoso (1.123.1)</p> <p>- <u>sábio</u> (9.122)</p> <p>- capaz de providenciar ensinamentos de grande relevância e significado (9.122)</p> <p>- perspicaz (1.141; 1.90; 1.127; 1.153)</p> <p>- astucioso (1.125.2-4)</p>	<p>- mentalmente insano (νοῦσον [...] τὴν ἰρήν, 3.33) (3.29.1-2; 3.30.1; 3.33; 3.35; 3.38.1-2)</p> <p>- ponderado (inicialmente) (3.4.3 e 3.7.2)</p> <p>- <u>sensato</u> (inicialmente) (3.4.3 e 3.7.2; 3.19.3)</p> <p>- <u>prudente</u> (inicialmente) (3.4.3 e 3.7.2)</p> <p>- tendência para se deixar dominar pela cólera (μεγάλως θυμωθέντα, 3.1.5; ὀργὴν, 3.25.1) (3.32.4; 3.34.3)</p> <p>- <u>irrefletido e precipitado</u> (3.25.1)</p> <p>- temperamento volátil (3.36.5-6)</p> <p>- <u>cruel</u> (3.27; 3.29; 3.30; 3.32; 3.35.1-4; 5.25)</p> <p>- <u>insensato</u> (3.25.1-2)</p> <p>- revela <u>insolência</u></p>	<p>- cúpido (Δαρεῖον μεγάλως ἐπιθυμέοντα, 3.139.2) (1.183.3; 1.187; 3.139.2)</p> <p>- falta de capacidade de ação; homem mais de palavras do que de ações (3.71-72 e 3.78.4-5; 3.85-86; 3.154-155; 5.23-24)</p> <p>- ousado (3.71.2 e 3.71.4-5)</p> <p>- <u>impetuoso</u> (σπερχόμενον Δαρεῖον, 3.72.1)</p> <p>- ambicioso (3.71; 3.85.1; 3.134.4)</p> <p>- nalgumas ocasiões, revela ser <u>prudente</u> e ponderado (3.127; 3.159.2; 3.88; 7.194); noutras, <u>imprudente e precipitado</u> (3.71; 4.97.1; 7.194)</p>	<p>- mostra sinais de <u>crueldade</u> (1.183.3; 7.35; 7.238; 8.109.3)</p> <p>- <u>impetuoso</u> (7.11; 7.13; 7.18)</p> <p>- <u>precipitado</u> (7.11; 7.35), mas também mostra sinais de ponderação (7.8)</p> <p>- tendência para se deixar dominar pela cólera (Ξέρξης δὲ θυμωθεὶς ἀμείβεται τοῖσιδε, 7.11) (7.35; 7.38; 7.210; 9.111)</p> <p>- <u>arrogante</u> (7.24; 7.35)</p> <p>- capaz de reconhecer os seus erros (7.13; 7.54; 8.54)</p> <p>- revela <u>imprudência</u> (7.35; 9.109)</p> <p>- <u>insensato</u> (7.35; 9.109)</p> <p>- revela <u>insolência</u> (7. 35)</p> <p>- disposto a correr riscos (para seguir as pisadas dos antecessores) (7.50), mas também revela cobardia</p>

Caracterização	Ciro	Cambises ¹⁵¹²	Dario	Xerxes
	<ul style="list-style-type: none"> - capaz de reconhecer os seus erros (1.86.6) - convencido de que os deuses o protegem (1.126; 1.204.2) - tendência para se deixar dominar pela cólera (ὀργῆ ἐχόμενος, 1.141.4) (1.141; 1.155; 1.189.2) - <u>arrogante e altivo</u> (1.204.2) - revela <u>insolência</u> (1.204.2) 	<ul style="list-style-type: none"> - incapaz e intolerante no que diz respeito a admitir os seus erros (3.32) (exceção: após ter recuperado o juízo, admite ter agido erradamente ao mandar assassinar o irmão¹⁵¹⁵) 	<ul style="list-style-type: none"> - mostra <u>sensatez</u> nalgumas ocasiões (3.127; 3.88), noutras revela <u>insensatez</u> (3.71; 4.97.1) - perspicaz (3.38) - <u>sábio</u> (3.38; 7.194) - possui um certo grau de amoralidade (3.72.4; 3.118.1), mas também é capaz de providenciar ensinamentos de grande relevância e significado (3.38) - capaz de reconhecer os seus erros (7.194) - revela, pelo menos numa ocasião, cólera (7.1) - possui um lado mais oportunista (3.89.3; 3.118.1) 	<ul style="list-style-type: none"> (οὔτω καταρρωδήκει, 8.103) (8.97; 8.103; 8.120) - mostra-se disposto a ouvir o bom conselho de outrem (segundo a personagem de Artabano¹⁵¹⁶) (7.16; 7.235-237) - vulnerável a maus conselhos e à influência de outrem (7.6; 7.16)

¹⁵¹⁵ A única exceção pode ser observável no passo em que Cambises percebe, num lampejo de lucidez, que interpretou mal o seu sonho e que não havia necessidade de ter ordenado o assassinato do irmão. Após ter já recuperado a razão, às portas da morte, o monarca confessa esse seu crime aos Persas ali presentes, reconhecendo que agiu “com mais prontidão do que prudência” ao mandar matar Esmédis e que se tornou um fratricida em vão. Cf. Hdt. 3.64.1-2 e 65.1-4.

¹⁵¹⁶ Artabano denota ainda que Xerxes detém a capacidade de ter boas ideias. Cf. Hdt. 7.16.

Caracterização	Ciro	Cambises ¹⁵¹²	Dario	Xerxes
Moral	<p>- moderado (inicialmente), mas tendência para a desmesura (1. 177; 7.18)</p> <p>- comete <i>hybris</i> (1.189.2-4; 1.204.2)</p> <p>- julga-se superior aos mortais (τὸ δοκέειν πλέον τι εἶναι ἀνθρώπου, 1.204.2)</p> <p>- capaz de cometer atos ímpios (1.86.2-3; 1.189-190)¹⁵¹⁷</p> <p>- ora respeita, ora desvenera o <i>nomos</i>¹⁵¹⁸</p>	<p>- tendência para a desmesura, comete <i>hybris</i> (3.27; 3.29; 3.30; 3.32; 3.35.1-4; 3.35.5; 3.36.1-5; 3.36.5-6; 7.18)</p> <p>- perpetra múltiplos crimes (3.27; 3.29; 3.30; 3.32; 3.35.1-4; 3.35.5; 3.36.1-5; 3.36.5-6)</p> <p>- comete atos ímpios (3.16; 3.29; 3.37)</p> <p>- desrespeitador do <i>nomos</i> (3.16; 3.27; 3.29; 3.30; 3.31; 3.32; 3.35.1-4; 3.35.5; 3.36.1-5; 3.36.5-6)¹⁵¹⁹</p>	<p>- tendência para a desmesura, comete <i>hybris</i> (4.91; 4.118; 7.18; - possui um certo grau de amoralidade (3.72.4-5)</p> <p>- comete atos ímpios (1.187; 6.19.3; 6.25.2; 6.96.1; 6.101.2-3)</p> <p>- ora respeita (7.194), ora desvenera o <i>nomos</i> (3.72.4; 3.155.5-6 e 157.2-4; 4.135; 3.132.2)¹⁵²⁰</p>	<p>- tendência para a desmesura, comete <i>hybris</i> (7.8; 7.35; 7.55; 8.109.3)</p> <p>- comete atos ímpios (1.183.3; 7.35; 7.238; 8.24; 8.33; 8.53.2; 8.109.3)</p> <p>- ora respeita (7.136), ora desvenera o <i>nomos</i> (7.35; 7.238; 8.24)</p>

¹⁵¹⁷ Note-se que este tipo de comportamento apenas é demonstrado por Ciro apenas em algumas ocasiões, sendo que numa arrepende-se da sua atitude sacrílega e altera o seu modo de proceder (cf. Hdt. 1.86.2-3). Isto significa que a atuação ímpia do monarca não corresponde necessariamente a uma tendência apresentada pela sua conduta.

¹⁵¹⁸ Esclareça-se que tomamos como referência, em especial, o *nomos* persa, isto é, aquilo que para Heródoto seriam os costumes e tradições dos Persas. No entanto, saliente-se que os monarcas herodotianos também transgridem (em mais do que uma ocasião) o *nomos*, duma perspectiva grega (inclusive, no âmbito religioso), isto é, o seu comportamento não observa os princípios/leis universais e divinas regentes da existência humana (por exemplo, os soberanos em causa apresentam uma conduta exacerbada, “*hybristica*” em vários momentos das *Histórias*).

¹⁵¹⁹ Entre outro tipo de transgressões do *nomos* perpetradas por Cambises, encontram-se os seus múltiplos crimes. Entenda-se que estes podem ser interpretados como um abuso do poder por parte do rei, pois Cambises não aparenta, no geral, ter em conta a norma persa (que se aplicava, inclusivamente, ao soberano) de que um indivíduo não pode ser condenado à morte por um único crime. Cf. Hdt. 1.137.1.

¹⁵²⁰ Este passo mostra a tendência do soberano para, ocasionalmente, violar o *nomos* persa que interdizia a condenação à morte por um único crime (apesar de a sentença ditada por Dario, neste episódio, não chegar a concretizar-se, graças à intervenção de Democedes). Por este motivo, incluímos o referido passo como exemplo da desveneração do *nomos*, por vezes perpetrada por Dario. Cf. Hdt. 3.132.2.

Caracterização	Ciro	Cambises ¹⁵¹²	Dario	Xerxes
	(1.86.2-3; 1.189-190; 1.211)			
Religiosa / Relação com religião persa e/ou outras	<p>- <u>favorecido pelo divino e pelo destino;</u> <u>afortunado</u> (1.111; 1.121; 1.191.5-6; 1.204)</p> <p>- predestinado (θεΐη τύχη, 1.126.6.)</p> <p>- julga-se superior aos mortais (τὸ δοκέειν πλέον τι εἶναι ἀνθρώπου, 1.204.2)</p> <p>- por vezes, exhibe uma <u>conduta ímpia, que diverge do <i>nomos</i></u> religioso persa (1.86.2-3; 1.189-190)</p>	<p>- conduta marcada pela <i>anomia</i> e pela impiedade; <u>comete atos ímpios</u> (3.16; 3.29; 3.37)</p> <p>- <u>desrespeitador do <i>nomos</i></u> da religião persa e de religiões estrangeiras (3.16; 3.29; 3.37)</p> <p>- predominância de uma atitude de intolerância para com outras religiões¹⁵²² (3.29; 3.37)</p>	<p>- <u>favorecido pelo divino e pelo destino;</u> <u>afortunado</u> (3.78.5; 3.86.2; 3.153)</p> <p>- <u>não revela, no geral, indícios de desrespeito do <i>nomos</i></u> religioso persa nas suas ações (exceção: violação do túmulo da rainha da Babilônia, Nitócris)</p> <p>- relação com as religiões estrangeiras é marcada pela contradição: ora <u>comete atos ímpios</u> (1.187; 6.19.3; 6.25.2;</p>	<p>- relação com a religião persa e outras religiões é marcada pela contradição e, talvez em algumas circunstâncias, por um certo grau de ambiguidade e de ambivalência: ora <u>comete atos ímpios</u> (inclusive, ostenta <u>comportamentos que divergem do <i>nomos</i></u> religioso persa) (1.183.3; 7.35; 8.24; 8.33; 8.35.2; 8.53.2; 8.109.3), ora demonstra respeito e tolerância para com o</p>

¹⁵²² Ao longo da nossa análise das *Histórias*, à semelhança do que observámos no caso de Ciro, não encontramos manifestações claras, diretas e explícitas de uma atitude inicialmente tolerante de Cambises no texto herodotiano. No entanto, também não nos deparamos com ações resultantes de uma prática de intolerância, antes de Cambises ultrajar o cadáver de Amásis e de condenar, injustamente, os prefeitos de Mênfis à morte (cf. Hdt. 3.16; 3.27). Com efeito, Heródoto apenas começa a relatar os atos de intolerância (inclusive, religiosa) do monarca para com o povo egípcio, a partir dessas ocasiões em diante. Assim sendo, se se pode observar na obra uma mudança de uma política de tolerância (inicial) de Cambises relativamente aos seus recém-conquistados súbditos egípcios para o exercício de uma política de intolerância relativamente a esse mesmo povo, na nossa opinião, essa alteração de política não se encontra exposta de forma explícita e clara no texto das *Histórias*. Porém, dependendo da interpretação do leitor, talvez possa ser observado, de um modo implícito no texto, a existência de uma prática de tolerância exercida por Cambises, numa fase inicial (até porque, ao princípio, não são visíveis aspetos de desrespeito e de intolerância da parte de Cambises, como mencionámos). Como já referimos, Maria de Fátima Silva observa uma mudança na política inicial de respeito pela cultura e religião locais mostrada pelo monarca no país do Nilo. Vide SILVA, Maria de Fátima (1997), *op. cit.*, p. 9.

Caracterização	Ciro	Cambises ¹⁵²¹	Dario	Xerxes
	- não mostra sinais de intolerância para com outras religiões (política de tolerância implícita? ¹⁵²¹) (1.183.2-3)		6.96.1; 6.101.2-3), ora demonstra respeito e tolerância para com o sagrado perante a cultura religiosa de outros povos (1.183.3; 6.97)	sagrado (inclusive, perante a cultura religiosa de outros povos) (7.43; 7.53; 7.54; 7.197; 7.223; 8.54) - duma perspectiva grega, sobressai o retrato sacrílego de Xerxes traçado por Temístocles: “uma pessoa ímpia e iníqua que tratou do mesmo modo templos e casas particulares, queimando e derrubando as imagens dos deuses, e que até fez açoiar o mar e lhe lançou cadeias” (8.109.3)

¹⁵²¹ No decorrer da nossa análise das *Histórias*, não nos deparámos com manifestações claras, diretas e explícitas de uma atitude tolerante de Ciro no texto. No entanto, como aludimos, talvez possam ser encontrados indícios de uma política de tolerância por parte deste monarca para com as culturas (inclusive, religiosas) de outros povos, implícitos no texto. Designadamente, no episódio da estátua do templo da Babilónia. Subentende-se, neste episódio, que, quando conquistou a cidade, Ciro não retirou essa mesma estátua. No entanto, a atitude de alguns dos seus sucessores revelou ser algo distinta da do primeiro soberano persa (Dario, embora tivesse a estátua em vista, não a confiscou; Xerxes não só levou a estátua como assassinou o sacerdote que o tentava impedir). Além disso, se não por esta ocasião, todos os reis persas seguintes (isto é, Cambises, Dario e Xerxes) viriam a dar, em determinado momento, sinais de intolerância. Enquanto Ciro, pelo contrário, não é diretamente associado a práticas de intolerância em toda a obra (pelo menos, tendo em conta o que observámos do texto das *Histórias*). Cf. Hdt. 1.183.2-3. *Vide supra*, p. 113, nota 837.

Caracterização	Ciro	Cambises ¹⁵¹²	Dario	Xerxes
Militar	<ul style="list-style-type: none"> - <u>capacidade de liderança e de estratégia militar</u> (1.76-77 e 79-84) - <u>menosprezo do inimigo</u> (Masságetas) (1.205-206) - ênfase de uma linha contínua de <u>êxitos militares</u> (1.84; 1.127-128; 1.177; 1.191; 1.204) e de somente um <u>fracasso nas campanhas</u> (1.214) 	<ul style="list-style-type: none"> - <u>êxito militar inicial nas campanhas</u> (3.13) - <u>ênfase dos fracassos militares das campanhas</u> (3.19.2-3; 3.25.7; 3.26) - <u>menosprezo pelo inimigo</u> (Etiópes) (3.21.1-2) 	<ul style="list-style-type: none"> - <u>inaptidão ao nível militar/ não detém as qualidades de um líder militar</u> (3.124; 3.152; 4.97) - <u>êxitos militares</u> (3.139 e 149; 3.159.1¹⁵²³), mas também <u>fracassos militares</u> nas campanhas (3.140-143) - <u>menosprezo do inimigo</u> (Citas) (4.126-127; 4.131-132) - falta de previdência e de visão estratégica (4.97; 3.124; 3.152) - inaptidão em adotar estratégias adequadas para responder aos movimentos do adversário 	<ul style="list-style-type: none"> - <u>êxito militar inicial</u> na campanha contra a Grécia - <u>ênfase do fracasso militar</u> da campanha liderada pessoalmente por Xerxes contra os Gregos (8.96-97) - covarde (8.97; 8.103; 8.120) - <u>menosprezo do inimigo</u> (Helenos) (7.101-105; 7.208-210) - não participa diretamente na batalha (7.212; 8.90.4)

¹⁵²³ A expedição contra Samos não foi comandada pessoalmente por Dario e, de certo modo, não foi um sucesso na sua totalidade, uma vez que as instruções do monarca não foram respeitadas e Silosonte acabou por receber a ilha, mas despovoada. Esta conquista corresponde ao primeiro empreendimento militar planejado por Dario após ter consolidado o seu poder. Para outros êxitos militares de Dario que advieram de campanhas lideradas por generais da sua confiança (e não pelo próprio monarca em pessoa), veja-se, por exemplo: 4.93; 4.143-144; 5.2.2; 5.12-15; 5.26-27; 6.18-20; 6.101.2-3.

Caracterização	Ciro	Cambises ¹⁵¹²	Dario	Xerxes
			(quer na Babilónia, quer na Cítia) (3.124; 3.152)	
Política interna	<p>- guia dos Persas para a liberdade (1.127.1; 1.210.2; 3.82.5)</p> <p>- <u>proporciona prosperidade ao seu povo</u> (ὁ δὲ ὅτι ἥπιός τε καὶ ἀγαθὰ σφι πάντα ἐμηχανήσατο, 3.89.3)</p> <p>- <u>demonstração de governante benigno para os súbditos</u></p> <p>- recordado pelo povo como um pai (πατέρ, 3.89.3) / <u>lembrado com estima e aprovação</u> (3.89.3; 3.160.1)</p> <p>- não mostra sinais de intolerância relativamente à religião e cultura de povos estrangeiros conquistados e</p>	<p>- herdeiro legítimo e incontestável do trono (1.208; 2.1)</p> <p>- <u>inspirador de medo nos seus súbditos</u> (3.31; 3.35.1-4; 3.35.5; 3.36.1-5)</p> <p>- comete crimes e atentados contra indivíduos do seu círculo de confiança, contra homens ao seu serviço e contra nobres persas inocentes (3.35.1-4; 3.35.5; 3.36.1-5; 3.36.5-6)</p> <p>- perpetra crimes contra os seus recém-conquistados súbditos (Egípcios) (3.27; 3.29; 3.37)</p> <p>- predominância de uma atitude de intolerância relativamente à religião e</p>	<p>- estratégia prudente de consolidação do seu poder (3.88; 5.116)</p> <p>- reorganização, ao nível administrativo, do país (3.89)</p> <p>- <u>proporciona um período de prosperidade ao império, ao seu povo</u> (através das reformas administrativas a que procedeu¹⁵²⁵) (3.89-97)</p> <p>- recordado pelos Persas como um comerciante (κάπηλος, 3.89.3)</p> <p>- ora mostra sinais de tolerância (1.183.2-3), ora de intolerância relativamente à religião e cultura de povos estrangeiros conquistados</p>	<p>- <u>capaz de inspirar medo nos seus súbditos</u> (7.35; 8.65.1-5; 8.69.1; 8.86; 8.90.1-3)</p> <p>- mostra sinais de intolerância relativamente à religião e cultura de povos estrangeiros conquistados e submetidos ao poder persa (1.183.3)</p> <p>- particularmente influenciável na sua tomada de decisões de cariz político por indivíduos presentes na sua corte (7.6)</p> <p>- <u>demonstra abuso do poder que detém</u> (7.35; 8.90.1-3)</p>

¹⁵²⁵ A partir do texto herodotiano, pode-se aferir, de modo implícito, que Dario, provavelmente, terá proporcionado um período de prosperidade através do estabelecimento de reformas administrativas.

Caracterização	Ciro	Cambises ¹⁵¹²	Dario	Xerxes
	<p>submetidos ao poder persa (política de tolerância implícita?¹⁵²⁴) (1.183.2-3; 1.187.1)</p> <p>- <u>demonstra abuso do poder que detém</u> (pelo menos, nalgumas ocasiões) (1.211)</p>	<p>cultura de povos estrangeiros conquistados e submetidos ao poder persa (3.27; 3.29; 3.37)</p> <p>- desvenera o <i>nomos</i> ancestral (não segue os costumes dos seus antepassados) (3.31)</p> <p>- intolerante relativamente a qualquer tipo de concorrência (3.30.1)</p> <p>- punição severa daqueles que lhe desobedecem (3.36.4-6; 5.25)</p> <p>- morre sem herdeiros: não assegura a transmissão do seu legado (3.66.2)</p> <p>- recordado pelos Persas como um tirano “duro e desprezível” (δεσπότης</p>	<p>e submetidos ao poder persa (1.187.1)</p> <p>- <u>demonstra abuso do poder que detém</u> (3.155.5-6 e 157.2-4; 4.135; 3.132.2)</p> <p>- alternância entre extremos: magnanimidade / generosidade* (3.119.3-7) e punição severa (3.119.1-2; 3.127-128; 3.132.2; 3.159.1; 4.84)</p> <p>* Destaque-se neste âmbito:</p> <p>- política de demonstração de generosidade e recompensação de serviços prestados ao rei (3.130.4-5 e 132; 3.160; 4.88; 4.97; 5.11-12)</p>	<p>- alternância entre extremos: magnanimidade / generosidade** (4.43.2-3; 7.29) e punição severa (4.43.6; 7.38; 9.113)</p> <p>** Destaque-se neste âmbito:</p> <p>- política de demonstração de generosidade e recompensação de serviços prestados ao rei (7.8; 7.19¹⁵²⁶; 7.29; 7.106; 7.107; 8.85.2; 8.90.4; 9.107);</p> <p>- generosidade (nem que seja apenas inicial) para com aqueles com quem estabelece relações de hospitalidade (7.29; 7.116; 8.120)</p>

¹⁵²⁴ Vide supra, p. XCIII, nota 1507.

¹⁵²⁶ Os passos 7.8 e 7.19 do texto herodotiano atestam, a título de exemplo, que as recompensas, isto é, os privilégios ou ricas oferendas que eram conferidos por Xerxes a quem prestasse valiosos serviços ao soberano funcionavam também como um incentivo para os súbditos agradarem ao rei. Cf. Hdt. 7.8 e 7.19.

Caracterização	Ciro	Cambises ¹⁵¹²	Dario	Xerxes
		[...] ὁ δὲ ὅτι χαλεπός τε ἦν καὶ ὀλίγωρος, 3.89.3) - <u>demonstra abuso do poder que detém</u>		
Política externa	- <u>expansão do território</u> (1.84; 1.127-128; 1.177; 1.191; 1.204) - não mostra sinais de intolerância para com a religião e cultura de outros povos (política de tolerância implícita?) (1.183.2-3; 1.187.1) - alternância entre extremos: magnanimidade / generosidade*** e punição severa (1.88.1 e 155; 1.130.3; 1.141)	- <u>expansão do território herdado (dá continuidade à política expansionista “imperial” persa iniciada pelos seus predecessores)</u> (3.13; 3.19; 3.34.4; 3.44 ¹⁵²⁷) - predomínio de uma atitude de intolerância para com a religião e cultura de outros povos (3.16.1-4; 3.25.3) - alternância entre extremos: magnanimidade / generosidade****	- <u>expansão do território herdado (dá continuidade à política expansionista “imperial” persa iniciada pelos seus predecessores)</u> (3.139.1; 4.93; 4.44; 4.143-144; 5.2.2; 5.12-15; 5.26-27; 6.18-20; 6.101.2-3) - ora mostra sinais de intolerância (1.187; 6.19.3; 6.25.2; 6.96.1; 6.101.2-3), ora revela sinais de tolerância pela cultura e religião de	- <u>procura dar seguimento à política expansionista “imperial” persa iniciada pelos seus predecessores</u> (7.8; 7.50) - predomínio de uma atitude de intolerância para com a religião e cultura de outros povos (1.183.3; 8.35.2; 8.53.2; 8.109.3) ¹⁵²⁸ - reverencia o princípio diplomático universal de respeitar e não maltratar os embaixadores

¹⁵²⁷ Embora Heródoto não enfatize os êxitos de Cambises no plano da conquista de novas terras, o texto revela que este rei terá anexado ainda vários territórios ao império que herdara de seu pai. Os passos 3.19 e 3.44 mostram, respetivamente, a anexação da Fenícia e do Chipre e o estabelecimento de uma aliança com Polícrates de Samos. Estes feitos, segundo Maria de Fátima Silva e Cristina Abranches Guerreiro, demonstram o domínio progressivo que Cambises terá começado a exercer sobre o Mediterrâneo oriental. Veja-se SILVA, Maria de Fátima e de GUERREIRO, Cristina Abranches (1997), *op. cit.*, p. 66, nota 106.

¹⁵²⁸ Talvez possa considerar-se que Xerxes revela uma atitude tolerante numa ou outra ocasião: talvez esta possa ser aferida dos passos 7.43 e 7.197 das *Histórias* (cf. Hdt. 7.43 e 7.197). No entanto, independentemente dessa hipótese, dum ponto de vista grego, seria a atitude de intolerância de Xerxes que, quase por certo, sobressairia na obra de Heródoto.

Caracterização	Ciro	Cambises ¹⁵¹²	Dario	Xerxes
	<p>*** Destaque-se neste âmbito: - benevolência para com o inimigo derrotado (1.88.1 e 155; 1.130.3)</p>	<p>(3.15.1) e punição severa (3.15.4)</p> <p>**** Destaque-se neste âmbito: - benevolência para com o inimigo derrotado (3.15.1-2)</p>	<p>outros povos (1.183.3; 6.97)</p> <p>- alternância entre extremos: magnanimidade / generosidade***** (3.140-141; 4.204; 6.20) e punição severa***** (3.159.1; 5.26-27)</p> <p>***** Destaque-se neste âmbito: - política de demonstração de generosidade e recompensação de serviços prestados ao rei (3.138; 3.140-141); - generosidade para com exilados políticos, que recebem um acolhimento favorável na corte persa (6.24; 6.70).</p> <p>***** Destaque-se neste âmbito:</p>	<p>diplomáticos estrangeiros (7.136)</p> <p>- alternância entre extremos: magnanimidade / generosidade (7.136) e punição severa (8.50; 8.53.2)</p>

Caracterização	Ciro	Cambises ¹⁵¹²	Dario	Xerxes
			- deportação de povos conquistados (4.204; 6.20; 6.119).	
Privada	—	- matrimónio com irmãs (incesto) (3.31.2-5) - invejoso do irmão, Esmérdis (μητρὸς τῆς αὐτῆς, 3.30.1) - fraticida (3.30; 3.32) - violador dos princípios éticos da <i>philia</i> familiar	- influenciável e fácil de manipular pela esposa, Atossa (manipulável pelas mulheres, logo, fraco) (3.134; 7.3)	- influenciável pelo primo, Mardónio (7.5) - mostra fraqueza junto da amante (manipulável pelas mulheres, logo, fraco) (9.109) - fraticida (9.113) - violador dos princípios éticos da <i>philia</i> familiar

APÊNDICE 7. Principais atributos comuns aos reis persas em *Persas* de Ésquilo e Heródoto¹⁵²⁹

	Atributos herodotianos dos reis persas coincidentes com os do monarca ideal em Ésquilo (Dario)¹⁵³⁰	Atributos herodotianos dos reis persas coincidentes com os do monarca fracassado em Ésquilo (Xerxes)
Caracterização física	—	- juventude ¹⁵³¹
Personalidade	- prudência - sabedoria - sensatez	- temperamento jovem ¹⁵³² - impetuosidade e impulsividade - atitude precipitada - atitude irrefletida - arrogância e altivez - ousadia - insolência - insensatez - imprudência - crueldade
Caracterização moral	- moderação	- imoderação / desmesura - incursão em <i>hybris</i>

¹⁵²⁹ Tomou-se como critério de seleção dos atributos comuns a monarcas aqueménidas das duas obras em análise o seguinte princípio: cada atributo enunciado na presente tabela é comum à personagem de Dario ou à de Xerxes esquilianos e a, pelo menos, um rei persa de Heródoto (distinto do soberano esquiliano em causa, e, portanto, não correspondente à versão herodotiana equivalente desse monarca de Ésquilo; ou seja, por exemplo, se uma dada característica for apenas comum ao Xerxes de Ésquilo e ao Xerxes de Heródoto e a mais nenhum rei persa herodotiano, essa característica não é considerada para os efeitos da presente tabela como um atributo comum e, por isso, não é incluída na tabela).

¹⁵³⁰ Note-se que certas características, além de serem comuns ao Dario esquiliano, podem ser também consideradas como atributos comuns ao Ciro de Ésquilo, nomeadamente a prudência, o ser afortunado, o êxito militar em campanha e a expansão do território persa.

¹⁵³¹ A juventude de vários monarcas persas, quer esquilianos, quer herodotianos aparenta estar, de certo modo, particularmente ligada ao seu temperamento jovem, o qual encontra-se frequentemente associado à impetuosidade, inexperiência e ousadia, características dos jovens (segundo uma perspetiva grega). O Ciro de Heródoto parece constituir uma exceção, uma vez que a sua juventude aparece ligada apenas a aspetos positivos: o facto de ser superior aos demais da sua idade, em delicadeza e bravura. Cf. Hdt. 1.123.1.

¹⁵³² Veja-se a nota de rodapé anterior.

	- respeito pelo <i>nomos</i> ¹⁵³³	- desrespeito pelo <i>nomos</i> - capacidade de perpetração de atos ímpios e/ou de ofender os deuses
Caracterização religiosa / Relação com religião persa e/ou outras religiões	- afortunado - favorecido pelo divino - respeito pelo <i>nomos</i>	- desrespeito pelo <i>nomos</i> - capacidade de perpetração de atos ímpios e/ou de ofender os deuses
Caracterização militar	- capacidade de liderança militar - êxito militar em campanha	- ausência de qualidades de um líder militar - fracasso militar em campanha - menosprezo do adversário
Caracterização política interna	- capacidade de proporcionar tempos de prosperidade ao seu país - respeitado e estimado pelo povo / recordado com apreço - demonstração de governante benigno para os súbditos	- capacidade de inspirar medo nos seus súbditos - abuso do poder que detém ¹⁵³⁴
Caracterização política externa	- continuidade da política expansionista “imperial” persa: aumento do legado territorial	- demonstração de tentativa de expandir o domínio territorial herdado
Faceta privada	—	—

¹⁵³³ Esclareça-se que na presente tabela, tomamos como referência, em especial, o *nomos* correspondente, numa perspectiva grega, ao conjunto de princípios/leis universais e divinas regentes da existência humana (nomeadamente, se os soberanos em causa adotam uma conduta moderada ou exacerbada, “*hybristica*”).

¹⁵³⁴ Em várias ocasiões, certos monarcas persas de ambas as obras em análise parecem julgar que não tem de prestar contas a ninguém pelas suas atitudes e ações, desrespeitando em diferentes momentos os princípios divinos regentes da existência humana e abusando do poder que detém sobre a vida e morte dos seus súbditos.